

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

GUSTAVO ANDRADA BANDEIRA



***DO OLÍMPICO À ARENA: ELITIZAÇÃO, RACISMO E HETEROSSEXISMO NO
CURRÍCULO DE MASCULINIDADE DOS TORCEDORES DE ESTÁDIO***



Porto Alegre
2017

GUSTAVO ANDRADA BANDEIRA

***DO OLÍMPICO À ARENA: ELITIZAÇÃO, RACISMO E HETEROSSEXISMO NO
CURRÍCULO DE MASCULINIDADE DOS TORCEDORES DE ESTÁDIO***

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero

Orientador – Prof. Dr. Fernando Seffner

Porto Alegre
2017

CIP - Catalogação na Publicação

Bandeira, Gustavo Andrada
DO OLÍMPICO À ARENA: ELITIZAÇÃO, RACISMO E
HETEROSSEXISMO NO CURRÍCULO DE MASCULINIDADE DOS
TORCEDORES DE ESTÁDIO / Gustavo Andrada Bandeira. --
2017.

342 f.

Orientador: Fernando Seffner.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. masculinidades. 2. currículo. 3. estádio. 4.
Coligay. 5. Aranha. I. Seffner, Fernando, orient.
II. Título.

Para Laion Espíndola (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Para algumas pessoas os agradecimentos colocados ao finalizar um trabalho ou uma trajetória acadêmica podem fazer parte dos protocolos recomendados. Para mim é um pequeno gesto de carinho para aqueles que me acompanharam ao longo de meu percurso de maneira direta ou indireta. É, também, a oportunidade de dividir com pessoas queridas um pouco da alegria pelo caminho percorrido.

Começo agradecendo aos noventa e três torcedores do Grêmio que se dispuseram a dialogar comigo na Arena para me auxiliarem na produção do material empírico desta tese. Sem essa participação a produtividade deste trabalho ficaria bastante menor.

Aos músicos Arthur de Faria e Paulo Inchauspe por terem se disponibilizado a me responder uma pesquisa em 2004 quando iniciei minha trajetória na iniciação científica.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul que me acolheu como calouro da graduação em 2001 e depois me permitiu realizar os cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado, além de me dar a oportunidade de desempenhar minhas funções como técnico em assuntos educacionais que tanto me satisfazem.

Agradeço a Pró-Reitoria de Pesquisa por ter financiado algumas participações em eventos nacionais e internacionais através do Programa de Fomento à Pesquisa.

À Escola de Administração da UFRGS pelo sem número de aprendizagens profissionais e, especialmente, pela disponibilidade de me concederem a licença para meus dois últimos anos no doutorado. Agradeço ao conjunto de colegas, técnicos administrativos em educação, que precisaram fazer um esforço maior para que minha saída fosse possível. Em especial, agradeço a Nanci Anjos pelo companheirismo e por uma relação de trabalho de complementaridade que não sei se terei a oportunidade de encontrar outra vez em minha trajetória profissional. Também fica aquele abraço afetuoso ao meu colega André Ribeiro pelo apoio e incentivo durante diferentes momentos de minha trajetória profissional e acadêmica. Também agradeço muito aos professores Hugo Müller, Daniela Callegaro e Sidinei Oliveira pela oportunidade de aprendizagem profissional e por tornarem meu afastamento possível.

À Faculdade de Educação em que cheguei ainda como aluno da licenciatura em matemática, perto de desistir do curso de graduação, e me acolheu de forma tão importante. Um agradecimento a todos os professores e todas as professoras de minha

trajetória. Durante o curso de doutorado, um agradecimento especial às professoras Maria Beatriz Gomes e Sandra Andrade pela indicação para trabalhar na Escola de Gestores da Educação Básica.

Um carinho especial nessa oportunidade ao professor Carlos Skliar que tanto me ajudou a desestabilizar meus pensamentos e segue me oferecendo uma amizade que muito me orgulha. Vamos, Ferro! Também preciso agradecer a professora Rosa Fischer que iniciou minha trajetória na Faced e na investigação científica, sempre com muito afeto.

Às professoras Fernanda Ribeiro e Carin Klein e ao professor Marco Paulo Stigger pela disponibilidade para a realização do Seminário Modos de fazer e pensar o método etnográfico no campo da Educação.

Agradeço as muitas oportunidades de diálogo que tive com a Esefid. À professora Silvana Goellner pela oportunidade de falar de minhas investigações em sua disciplina, ao professor Alex Fraga e a professora Raquel da Silveira pelo privilégio de colaborar com a Revista Movimento e um abraço muito especial ao professor Mauro Myskiw que participou do Seminário sobre etnografia, me deu a honra de ser parecerista da Movimento e se mostra um grande parceiro para essas discussões que envolvem as concepções sociais do esporte e a investigação etnográfica.

Aos meus queridos colegas do curso de especialização em jornalismo esportivo que me deram a oportunidade de participar de um grupo único dentro desse ambiente de tanta vaidade que é o ambiente acadêmico. Com a injustiça de que deixarei alguém que não merecia de fora cito os mais próximos: Bruna, Carlinhos, Marcelos Salton, Salzano e Rafael 'André Lima'. Especial agradecimento à Andreza por ter fundado nossos encontros acadêmico-etílicos e pela bonita amizade e ao Matheus, que mesmo sendo muito mais jovem e moderno do que eu, é meu grande parceiro de escrita e de congressos futebolísticos por aí.

Aos colegas de orientação: Alessandra, Cláudio, Edson, Gabriela, Gustavo, Jeferson, Luciano, Marcello, Pablo, Rosi, Stela e Yara. Esses momentos de diálogo sempre nos permitem ver um pouco mais do que víamos até então. Um especial agradecimento a Catharina, a melhor aluna da Linha de Pesquisa! Agradeço também aos colegas especiais que a antropologia do esporte me deu: Luiza e Ricardo, vocês estarão em minhas memórias como os meus colegas de curso!

É muito comum escutarmos muitas reclamações sobre como as pontuações da Capes e a busca pelo Lattes perfeito desgastam a vida dos pós-graduandos. Porém, a

maior estupidez dessa vida é dizer que os eventos não valem nada. Eles não apenas são momentos de trocas acadêmicas e de aprendizagens singulares, além de permitirem que conheçamos algumas pessoas como a professora Simoni Guedes, como os meus melhores amigos saíram todos dos eventos acadêmicos. Deixo um afetuoso abraço aos amigos do Neppes, em especial Leda e Martin, aos amigos do Gefut, com saudações ao professor Silvio Ricardo, Léo e Marina e tantos outros amigos e amigas como a Flávia, Ingrid, Lugui, Rodrigo e aqueles que minha memória (ou a falta dela) injustamente deixou de fora.

Todos saben que me gusta mucho Argentina y su gente. Pero tengo un argentino favorito y no es Lio Messi. Gracias mi hermano Alejo por Aeroparque, La Plata, El Bosque, San Telmo... Por muchos encuentros por todos lados. A Neme por su energía y sus ganas de querer disfrutar de todo. Gracias por todo el castellano que me diste y por la confianza para escribimos juntos. Seguimos en contacto, siempre. Al cuervo Hernán por los muchos momentos futboleros. ¡Me verás volver! Y a los demás chicos del Seminario Permanente de Deportes, mi querida amiga (casi brasileña) Julia, Alejandro, Nico (más brasileño que yo), Diego, José y a todos por permitirme acercarme. Como ha dicho un Gustavo mucho más lindo y talentoso que yo: ¡Gracias, totales!

A Verónica Moreira por todo. Veró es una investigadora tremenda. Más que eso, tiene una fuerza enorme para compartir sus ideas con todos y mantiene un grupo con mucha onda para laburar. Es una alegría estar cerca. Ojalá pueda seguir disfrutando tu amistad, los momentos de trabajo y también los de ocio.

Ao Arlei Damo (quase coautor de tanto que é citado), pelas disciplinas e os diferentes encontros em que sempre foste muito interessado pelas coisas que eu estava dizendo o que me dava um misto de orgulho e responsabilidade. Agradeço também as inúmeras indicações para diferentes oportunidades de divulgação de trabalho.

A Dagmar por ter nos alfabetizado no trabalho acadêmico a partir da iniciação científica da Letícia. Tudo o que ensinavas a ela eu imitava na minha bolsa. Além disso, foste a responsável por eu ter começado a estudar futebol. Não existirão palavras para te agradecer por isso!

A Guacira que além do carinho e do cuidado com que me orientou no mestrado (sim, eu ostento a orientadora!) me ensinou, e muito, a ser uma pessoa melhor. Se ela, Guacira Louro, não é afetada pela mosca da vaidade, nenhum de nós, humanos, podemos cair nesse erro. Se for pra ostentar que sejam as amizades e os afetos!

Ao Fernando que me acompanha de perto desde o início do mestrado e com quem construí uma parceria que espero duradoura! Muito obrigado por toda a disponibilidade, confiança e por responder sim para tudo que inventamos nesses quatro anos (se eu já não fosse meio grande esse excesso de sim poderia dificultar minha formação de caráter!). A ideia é seguirmos perto!

Aos Pedros, Rocha pelos gols e Geromel pela arrancada! E como de rivalidade infantil também se vive, aos amigos Argel, Falcão, Roth e Lisca!

Aos grandes amigos e amigas gremistas e colorodos/as que brincam com o futebol e que aprenderam com ele que nenhuma derrota é definitiva e que as vitórias duram quase nada o meu muito obrigado. Futebol é alegria, é lazer, é política, é cultura e é uma forma importante de se fazer gente em nosso país!

Ao meu pai por ter me levado ao estádio Olímpico no longínquo ano de 1988, além de ter ajudado muito a chegar até aqui com sua fé inabalável na educação formal. Ao Gabriel que é meu grande parceiro de estádio. Estamos cada vez mais diferentes e o futebol nos une. E a minha mãe por ser muito mais apaixonada pelos filhos do que a *Geral* canta que é pelo Grêmio e, também, por ser a única da família que entende alguma coisa de futebol.

À Letícia, que me abriu todas as portas, por essa imensa loucura que é dividir uma vida com todas as suas alegrias e seus dissabores. Já diria Fito: “hay cosas que te ayudan a vivir”! Conseguimos. De novo!

No es bueno nunca hacerse de enemigos
Que no estén a la altura del conflicto
Que piensan que hacen una guerra
Y se hacen pis encima como chicos

(...)

La vida es una hoguera
Que quema toda ilusión
La vida también regala
Gente divina de corazón

(...)

La vida es este río de maravillas y de dolor

Fito Paez

RESUMO

DO OLÍMPICO À ARENA: ELITIZAÇÃO, RACISMO E HETEROSSEXISMO NO CURRÍCULO DE MASCULINIDADE DOS TORCEDORES DE ESTÁDIO

Esta tese pretendeu discutir como o processo de elitização dos estádios de futebol, o chamado “caso Aranha” e certo retorno da Coligay atravessaram o currículo de masculinidade dos torcedores do Grêmio que frequentam estádio. Os estádios de futebol inserem os sujeitos torcedores em diferentes pedagogias culturais. A modernização dos espaços do torcer que vem ganhando andamento no Brasil, especialmente, a partir da década de 1990, foi catalisada com a realização da Copa do Mundo no País, em 2014. Com isso, diferentes olhares foram colocados para os estádios, os torcedores e suas práticas. Normativas vindas da FIFA e de federações nacionais têm colocado em questão práticas historicamente autorizadas nos estádios de futebol. Nessa investigação procurei observar como os torcedores do Grêmio foram interpelados por esses diferentes conteúdos ao realizarem um trânsito entre o estádio Olímpico Monumental e a Arena do Grêmio. Para a construção do material empírico realizei uma etnografia na Arena do Grêmio que me permitiu discutir como o sujeito coletivo ‘torcida do Grêmio’ recebeu esses diferentes movimentos. Além disso, observei alguns ditos individuais e de que maneira eles ressoaram ou não nesse espaço. Por fim, produzi um terceiro material através de diálogos com pequenos grupos de torcedores que me permitiram perguntar mais diretamente como estes indivíduos percebiam a elitização dos estádios, a interdição de cânticos e eventuais episódios de racismo e homofobia. Essa investigação dialoga com um vasto conjunto de trabalhos na área das Ciências Humanas e Sociais que problematizam diferentes aspectos do futebol como prática de lazer e esportiva, especialmente a partir da realização dos megaeventos esportivos no Brasil, Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016. Ao mesmo tempo inova ao analisar estes fenômenos a partir de categorias do campo da Educação, no viés dos Estudos Culturais, dos estudos de gênero e da sexualidade e numa perspectiva feminista e pós-estruturalista. Em minha dissertação de mestrado (2009) procurei olhar para um currículo de masculinidade nos estádios de futebol. Voltei a olhar para o mesmo fenômeno com um afastamento temporal e espacial, uma vez que o clube em que realizei minha inserção etnográfica mudou de estádio, tendo no conceito de currículo uma centralidade analítica para examinar novamente os fenômenos que ocorrem nos estádios e o que eles poderiam me dizer sobre essas masculinidades construídas através das narrativas que ali circulam e disputam significados. É possível apontar que os torcedores se entendem em trânsito e percebem certa diferença nas formas adequadas de ocuparem o novo estádio sendo necessário algum tipo de adaptação. O processo de elitização acaba produzindo certa dicotomia entre o torcedor, representado como autêntico e popular, e o consumidor que seria alguém estranho ao estádio. A esse consumidor podem se somar outras alteridades do torcedor que poderiam incluir mulheres, crianças e homens mais velhos. Na Arena é possível visualizar uma relação em tensionamento entre o torcedor e a torcida. Ora as ações do torcedor são narradas a partir da pertença ao coletivo, ora o sujeito pode ser individualizado e a coletividade se esvazia. Ainda é muito cedo para saber o que acontecerá com esse currículo de masculinidade dos torcedores de estádio a partir da desnaturalização de algumas práticas. Agora, mais do que antes, há um jogo a ser jogado sobre as construções das masculinidades torcedoras nos estádios de futebol.

Palavras-chave: masculinidades – currículo – estádio – Coligay - Aranha.

ABSTRACT

FROM OLÍMPICO TO ARENA: ELITIZATION, RACISM AND HETEROSEXISM IN THE STADIUM FANS' MASCULINITY CURRICULUM

This thesis intended to discuss how the elitization process of the football stadiums, the so called “Aranha Case” and a certain return of the Coligay crossed the Grêmio fans’ masculinity curriculum of those who go to the stadium. The football stadiums insert the fan individuals in different cultural pedagogies. The modernization of the fan’s spaces which has been getting progress in Brazil, especially from the 1990s, was catalyzed with the realization of the World Cup in the Country, in 2014. Hence, different viewpoints were placed for the stadiums, for the fans and their practices. Normative rulings coming from FIFA and from national federations have been calling into question practices historically authorized in the football stadiums. In this investigation, I tried to observe how the Grêmio fans were challenged for these different contents when they performed a transit from the Olímpico Monumental Stadium to the Grêmio Arena. For the construction of the empirical material, I have done ethnography at the Grêmio Arena which allowed me to discuss how the collective subject ‘Grêmio Crowd’ received these different movements. Besides, I observed some individual sayings and how they resounded, or not, in this space. At last, I produced a third material through dialogs with small groups of fans which allowed me to question more directly how these individuals perceived the elitization of the stadiums, the interdiction of singings and eventual episodes of racism and homophobia. This investigation dialogs with a vast set of works in the area of Human Sciences and Social Sciences which discuss different aspects of football as leisure and sportive practices, especially from the realization of the mega sports events in Brazil, the World Cup of 2014 and Olympic Games of 2016. At the same time it innovates as it analyzes these phenomena from categories of the Education field, within the Cultural Studies, the gender and sexuality studies under a feminist and post-structuralist perspective. In my MA dissertation (2009) I tried to look at a curriculum of masculinity in the football stadiums. I now look at the same phenomenon, but with a temporal and spatial estrangement, once the club when I realized my ethnographic insertion moved to another stadium, having in the curriculum concept an analytical centrality to again examine the phenomena which occur in the stadiums and what they could tell me about these masculinities constructed through the narratives that circulate in such spaces and how they dispute significance. It is possible to point out that the fans understand each other in transit and that they perceive certain difference in the adequate ways of occupying the new stadium which makes necessary some kind of adaptation. The process of elitization ends up producing certain dichotomy between the fan, represented as authentic and popular, and the consumer, who would be someone strange to the stadium. To this consumer other fan’s alterities can be added, which could include women, children and older men. At the Arena it is possible to visualize a relation in tensioning between the fan and the crowd. Sometimes the fan’s actions are narrated from the collective allegiance, sometimes the subject can be individualized and the collectiveness empties out. It is still too early to know what will happen with this stadium fan’s masculinity curriculum from the denaturalization of some practices. Now, more than ever, there is a game to be played about the constructions of the fan masculinities in the football stadiums.

Keywords: masculinities – curriculum – stadium – Coligay – Aranha.

RESUMEN

DEL OLÍMPICO A LA ARENA: ELITIZACIÓN, RACISMO Y HETEROSEXISMO EN EL CURRÍCULO DE MASCULINIDAD DE LOS HINCHAS EN LOS ESTADIOS

Esta tesis pretendió discutir cómo el proceso de elitización de los estadios de fútbol, el llamado “caso Aranha” y cierto retorno de la Coligay, atravesaron el currículo de masculinidad de los hinchas de Gremio que frecuentan el estadio. Los estadios de fútbol insertan a los sujetos aficionados en diferentes pedagogías culturales. La modernización de los espacios del hincha que vienen ganando progreso en Brasil, especialmente a partir de la década de 1990, fue catalizada con la realización de la Copa del Mundo en el país. Con eso, diferentes miradas fueron colocadas para los estadios, los hinchas y sus prácticas. Normativas de la FIFA y de las federaciones nacionales han puesto en cuestión prácticas históricamente autorizadas en los estadios de fútbol. En esta investigación intenté observar cómo los hinchas de Gremio fueron interpelados por esos diferentes contenidos al realizar un tránsito entre el estadio Olímpico Monumental y la Arena de Gremio. Para la construcción del material empírico realicé una etnografía en la Arena de Gremio que me permitió discutir cómo el sujeto colectivo ‘la hinchada de Gremio’ recibió estos diferentes movimientos. Además, observé algunos dichos individuales y de qué manera ellos resonaron o no en ese espacio. Por fin, produje un tercer material a través de diálogos con pequeños grupos de hinchas que me permitieron cuestionar más directamente cómo estos individuos percibían la elitización de los estadios, la prohibición de cánticos y eventuales episodios de racismo y homofobia. Esta investigación dialoga con un vasto conjunto de trabajos en el área de Ciencias Humanas y Sociales que problematizan diferentes aspectos del fútbol como práctica de ocio y deportiva, especialmente a partir de la realización de los megaeventos deportivos en Brasil, la Copa del Mundo de 2014 y los Juegos Olímpicos de 2016. Al mismo tiempo innova al analizar estos fenómenos a partir de categorías del campo de la Educación, en el sesgo de los Estudios Culturales, de los estudios de género y de la sexualidad y en una perspectiva feminista y post-estructuralista. En mi disertación de maestría (2009) busqué mirar para un currículo de masculinidad en los estadios de fútbol. Volví a observar el mismo fenómeno con un alejamiento temporal y espacial, una vez que el club en que realicé mi inserción etnográfica cambió de estadio, teniendo en el concepto de currículo una centralidad analítica para examinar nuevamente los fenómenos que ocurren en los estadios y lo que éstos podrían decirme sobre esas masculinidades construidas a través de las narrativas que allí circulan y disputan significados. Es posible apuntar que los hinchas se entienden en tránsito y perciben cierta diferencia en las formas adecuadas para ocupar el nuevo estadio siendo necesario algún tipo de adaptación. El proceso de elitización termina produciendo cierta dicotomía entre el hincha –representado como auténtico y popular– y el consumidor que sería alguien extraño al estadio. A ese consumidor pueden sumarse otras alteridades del hincha que podrían incluir a mujeres, niños y hombres mayores. En la Arena es posible visualizar una relación de tensión entre el hincha y la hinchada. Las acciones del hincha son narradas a partir de la pertenencia al colectivo, o el sujeto puede ser individualizado y la colectividad se vacía. Es muy pronto para saber lo que sucederá con este currículo de masculinidad de los hinchas en los estadios a partir de la desnaturalización de algunas prácticas. Ahora, más que antes, hay un juego a ser jugado sobre las construcciones de las masculinidades de los hinchas en los estadios de fútbol.

Palabras clave: masculinidades – currículo – estadio – Coligay – Aranha.

SUMÁRIO

1 DO OLÍMPICO À ARENA: UM NOVO ESTÁDIO E A RECONFIGURAÇÃO DE UM CURRÍCULO DE MASCULINIDADES NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL	15
<i>1.1 Inauguração da Arena do Grêmio e algumas pautas dos mediadores especializados</i>	20
<i>1.2 Potencialidades do futebol para pensar</i>	26
<i>1.3 Um currículo de masculinidade ou um currículo de torcedor de futebol</i>	34
<i>1.4 Uma tentativa de delimitação: diferentes atravessamentos colocando em questão um currículo de masculinidades dos torcedores de estádio</i>	41
2 ESTÁDIOS DE FUTEBOL E A PRODUÇÃO DE TORCEDORES E DE MASCULINIDADES	51
<i>2.1 Estádios ‘Padrão FIFA’ e seu Caderno de Encargos</i>	68
<i>2.2 A Copa do Mundo de 2014, seus estádios e o seu público</i>	71
<i>2.3 Do Olímpico à Arena: torcedores em trânsito</i>	92
3 APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: PERSPECTIVAS, CONCEITOS E CAMINHOS DE INVESTIGAÇÃO	115
<i>3.1 Esportes e a construção de masculinidades</i>	127
<i>3.2 Currículos de masculinidades nos estádios de futebol</i>	141
<i>3.3 Linguagem, sujeito, interpelação e algumas disputas dentro da torcida</i>	147
<i>3.4 Estratégias metodológicas: análise cultural, etnografia e diálogos com pequenos grupos de torcedores</i>	156
4 CONTEÚDOS SOB NOVO RELEVO: MASCULINIDADE, RACISMO E HOMOFOBIA ENTRE O LEGÍTIMO E O ILEGÍTIMO	174
<i>4.1 Manifestações naturalizadas nos estádios de futebol em questão</i>	195
5 O ‘CASO ARANHA’ E A INTERDIÇÃO DE MANIFESTAÇÕES VERBAIS NA ARENA DO GRÊMIO	212
<i>5.1 Como os torcedores interpretam o ‘caso Aranha’</i>	227
<i>5.2 A rivalidade Gre-Nal como autorização para o uso do termo ‘macaco’ na torcida do Grêmio</i>	247
6 AS MANIFESTAÇÕES TORCEDORAS COLOCADAS EM QUESTÃO: PERMISSIVIDADES E INTERDIÇÕES	266
<i>6.1 O ‘retorno’ da Coligay e sua presença na memória dos torcedores do Grêmio</i>	274
7 DO OLÍMPICO À ARENA: ELITIZAÇÃO, RACISMO E HETEROSSEXISMO NO CURRÍCULO DE MASCULINIDADE DOS TORCEDORES DE ESTÁDIO	304

<i>7.1 Torcedores em trânsito, elitização e a relação torcedor e torcida</i>	306
<i>7.2 Reificações, aproximações, rompimentos e resistências com um currículo de masculinidade encontrado nos antigos estádios</i>	310
<i>7.3 Um enfrentamento entre nós, torcedores de futebol, e eles, os de fora</i>	313
<i>7.4 Como o ‘caso Aranha’ e certo retorno da Coligay atravessaram o currículo de masculinidade dos torcedores do Grêmio</i>	315
REFERÊNCIAS	323
APÊNDICE	341

1 DO OLÍMPICO À ARENA: UM NOVO ESTÁDIO E A RECONFIGURAÇÃO DE UM CURRÍCULO DE MASCULINIDADES NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

Poucas coisas foram tão esperadas em meus, então, vinte e cinco anos de estádio de futebol como aquele Gre-Nal de 2 de dezembro de 2012. Como sempre, era um Gre-Nal, o que por si só já seria motivo suficiente para o aumento da ansiedade, e, além disso, valia o vice-campeonato brasileiro para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense¹, o que lhe daria uma pequena vantagem na disputa da Libertadores de 2013. Mas, a espera por aquele domingo não se justificava pelo adversário, pela posição na tabela e, nem mesmo, pelo excelente meio de campo com Fernando, Souza, Elano e Zé Roberto. Era a despedida do estádio Olímpico Monumental. Aquele Gre-Nal marcaria a última partida oficial do estádio Olímpico² e esse era o motivo de tamanha ansiedade.

Em 2012, o Grêmio realizou diversas ações de marketing relacionadas à despedida de seu estádio. No aniversário do clube, um ‘abraço’³ ao Olímpico mobilizou mais de dez mil torcedores que realizaram ao menos oito voltas ao redor do estádio⁴. Um dia antes do Gre-Nal, fui um entre os dez mil torcedores que participaram da “Corrida Monumental”⁵. Após percorrerem distintas distâncias ao redor do estádio, os torcedores concluíram a prova com uma volta ao redor do gramado principal, dentro do Olímpico. A corrida foi levada a sério por alguns, enquanto para outros, como eu, andar ao redor do estádio e caminhar na pista atlética eram o mais importante⁶.

Como sempre, desde 1997, fui ao estádio com a minha mãe e o meu irmão. Provavelmente, a companhia era a única coisa que poderia ser considerada ‘cotidiana’ em minhas vivências no estádio Olímpico. Pela primeira vez, cheguei ao estádio antes de o portão abrir. A sensação era de que a última vez precisaria ser ampliada em todos os minutos possíveis. Subi pelo portão 2 até o espaço dos sócios locatários de cadeira. Resolvi caminhar um pouco pelo estádio. Fui de um lado a outro do setor localizado no

¹ De agora em diante me refiro ao clube unicamente como Grêmio.

² Em função da conclusão das obras do novo estádio gremista, ainda aconteceriam mais três partidas no estádio Olímpico pelo campeonato gaúcho de 2013, mas, naquele 2 de dezembro, ninguém imaginava que essa situação pudesse ocorrer.

³ Utilizo aspas simples no texto quando procuro fazer algum destaque ou utilizar as palavras com outros sentidos que não os convencionais; o uso de aspas duplas aparece quando utilizo citações, palavras e/ou expressões de outros autores.

⁴ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2012/09/torcida-do-gremio-ensaia-despedida-e-da-abraco-gigante-no-olimpico.html>. Acesso em 12/04/2015, às 11h12.

⁵ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2012/12/multidao-participa-de-corrída-de-despedida-do-olimpico-3969455.html>. Acesso em 12/04/2015, às 11h27.

⁶ Concluí o percurso de 3 km em aproximadamente uma hora o que demonstra a baixíssima preocupação com o desempenho esportivo, mesmo para um sedentário quase convicto como eu.

anel superior. Era uma caminhada de despedida com o olhar perdido procurando fotografar em minha memória diferentes pontos de vista daquela edificação, que provavelmente tenha sido o espaço de lazer, que transita entre público e privado, que mais frequentei em minha vida. Local que visitei pela primeira vez em 1988 e onde aprendi que os palavrões, que não deveriam ser ditos em outros espaços, estavam ali autorizados. Fui até a fila K e sentei no número 363. Como as cadeiras dos meus acompanhantes não ficavam uma ao lado da outra, sentar na cadeira com o meu nome era um exercício que pouco pratiquei ao longo dos anos, mas que parecia ser significativo naquela ocasião.

O Gre-Nal, em si, foi um jogo nervoso. As duas equipes, com três volantes marcadores cada, estavam mais preocupadas em não perder o jogo histórico de despedida do estádio Olímpico do que em vencer a partida. O Sport Club Internacional⁷, que acumulava uma sequência de quatro derrotas consecutivas, as duas últimas em seu estádio, conseguiu resistir à pressão gremista, que, no segundo tempo, trocou um de seus volantes por um atacante. O Grêmio acabou perdendo o vice-campeonato após o empate sem gols. Após a partida, caí em um choro infantil, exagerado, quase como o de alguém que perde um ente querido. O jogo encerrou pouco antes das 19 horas, mas só saímos do estádio quarenta e cinco minutos após o final da partida. Esse ‘terceiro tempo’ serviu para a torcida cantar, chorar e fazer uma última avalanche⁸, dessa vez a maior de todas, incluindo a totalidade do anel inferior. Para mim, foi a possibilidade de ficar um pouco mais nesse lugar que atravessou, de forma muito significativa, minha constituição como sujeito generificado. Local onde aprendi que não devemos abandonar o time na segunda divisão ou nas derrotas esmagadoras, incluindo Gre-Nais. Aprendi, também, que as glórias e conquistas são efêmeras e poucas vezes resistem à próxima rodada, ou, em casos de títulos, ao próximo campeonato.

Era uma despedida, e, como tal, as memórias pareciam recolhidas a dedo. Algumas delas eram muito mais presentes pela lógica da ‘contação’ familiar do que por uma lembrança efetiva. “No ‘jogo’ das representações identitárias, o fio condutor acaba sendo pautado pelas necessidades de uma memória coletiva que reproduza os valores necessários ao fenômeno de identificação comum” (CABO; HELAL, 2014, p. 18). Meu primeiro jogo foi em 1988. Fui ao estádio Olímpico, a única possibilidade de estádio em

⁷ De agora em diante, Internacional.

⁸ Movimento em que os torcedores corriam pelos degraus das arquibancadas, das filas mais altas em direção às mais baixas, em comemoração aos gols do Grêmio.

minha família. Aos cinco anos já começava a ser inserido em uma relevante pedagogia de masculinidade que valorizava locais de socialização masculina, como os estádios de futebol. Lembrava-me de termos ganho a partida por 1 a 0 do Guarani Futebol Clube⁹, de Campinas (SP). Entretanto, este jogo, com este placar, não aconteceu naquela temporada. Lembrei-me, ainda, da primeira partida do meu irmão e do meu afilhado, ambas contra o Sport Club do Recife¹⁰, em 1994 e em 2012, com placares de 1 a 1 e 3 a 1, respectivamente. Lembrei-me, especialmente, do primeiro jogo em que fui sozinho ao estádio pelo Campeonato Brasileiro de 1998, quando vencemos a Associação Portuguesa de Desportos por 4 a 2. Tentar fazer uma ‘memória dessas memórias’ possui um caráter muito mais fictício do que genuíno, apenas para não chamar de invenção absoluta.

Esse primeiro exercício é uma tentativa inicial de estranhar o lugar de torcedor-pesquisador que estiveram muito imbricados durante a investigação e, provavelmente, poderão ser visualizados em diferentes momentos desta tese. Conversando com torcedores sobre o estádio Olímpico, notei que as lembranças, as minhas e as deles, sempre tratavam das grandes vitórias, dos primeiros jogos e dos títulos. Boa parte das narrativas dos sujeitos sobre uma memória do estádio Olímpico era eleita em uma partida específica dos quase sessenta anos de atividades do estádio. Eu poderia ter lembrado do Gre-Nal em que perdemos por 2 a 5, da derrota no Campeonato Gaúcho de 2011, dentre outras. A história de um estádio de futebol se faz disso: de vitórias e de derrotas, de grandes jogos e de jogos ‘meia-boca’. Mas a seleção do que nós, gremistas, escolhemos quando vamos rememorar o estádio Olímpico, está quase sempre associada aos afetos de grandes jogos e vitórias. Além disso, essa atividade trabalha com uma memória temporal que passa pela infância e juventude, quase sempre narradas como tempos melhores, muito provavelmente porque os problemas daqueles períodos já não existem mais ou se transformaram em problemas diferentes.

Era e foi uma dupla despedida. Me despedi do estádio Olímpico e, em alguma medida, me despedi de um modo específico de torcer. Naquele momento, acreditava com muita força que, ao transitar para a nova casa do Grêmio, um novo torcedor precisaria ser pedagogizado...

⁹ De agora em diante, Guarani.

¹⁰ De agora em diante, Sport.

As emoções no futebol não estão associadas exclusivamente aos acontecimentos esportivos demarcados pelas quatro linhas. Os jogos acontecem entre jogadores que representam clubes, e estes, estão associados a uma determinada comunidade de sentimentos (DAMO, 2005). O calendário das competições acaba por dar significado aos confrontos. Mesmo quando inseridos em competições diferentes, a ocorrência de partidas em sequência ensina, desde muito cedo, que os eventos precisam ser repetidos. Os sucessos e os fracassos são efêmeros. Uma nova partida estará marcada para dali há pouco tempo, o que poderá arruinar a sensação prazerosa de uma vitória empolgante, mas poderá, também, redimir uma derrota acachapante. Essa constância de eventos acaba naturalizando os confrontos e exigindo a necessidade de reafirmação do lugar de vencedores e vencidos, que não poderá ser definitivamente conquistado.

Seis dias depois de chorar como criança por me despedir do estádio Olímpico, já estava envolvido na inauguração da Arena do Grêmio. Da mesma forma em que a expectativa pela despedida do Olímpico tocou profundamente os gremistas, a inauguração de nosso novo estádio também nos mobilizou contundentemente. Era necessário aprender rapidamente como fazer para participar desse momento histórico.

Ainda antes do dia 8 de dezembro precisei comprar meu ingresso, atividade que não estava acostumado a realizar no Olímpico, pois minha modalidade de sócio permitia o acesso aos jogos no antigo estádio em contrapartida ao pagamento de uma mensalidade, sem a necessidade de comprar uma entrada avulsa. Desta vez, além da mensalidade, precisei pagar por meu ingresso. Durante a compra, aproveitei a oportunidade para comprar uma vaga de estacionamento. Ao Olímpico, no bairro Azenha, eu ia a pé. À Arena, no bairro Humaitá, precisaria ir de automóvel. Comprei três ingressos, novamente para mim, minha mãe e meu irmão. Foi necessário agendar a retirada dos ingressos e do selo de estacionamento com antecedência nas bilheterias do estádio Olímpico.

Essa noção de distância entre um estádio ‘perto’ e um estádio ‘longe’ foi colocada em questão logo em meu primeiro diálogo com um grupo de torcedores residentes de Tramandaí, Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Essas noções espaciais sempre necessitam de uma localização. Para mim, então morador do bairro Menino Deus, e para os demais torcedores que residiam entre a região Central de Porto Alegre e a Zona Sul da cidade, de forma um tanto ‘portoalegrecêntrica’, nos permitimos dizer

que nosso estádio passaria a ser mais distante. Conversei com Adilson¹¹, que também era morador do Menino Deus. Ele lembrou que morava muito perto do Olímpico e chegar ao estádio era algo muito tranquilo. A transição para Arena “*foi meio complicada porque o trânsito é mais complicado, o deslocamento não é tão fácil*”¹² (DC 24¹³). Adilson entendia que na inauguração o acesso era bastante difícil, “*mas depois que tu já vais pegando, já vais te localizando, estacionamento e flui tranquilamente*” (DC 24). Já para os torcedores oriundos da região metropolitana e do interior do estado, o estádio na entrada (ou na saída) da cidade, permitia a economia de um longo período no tráfego da capital gaúcha.

Aquele sábado era um dia especial. Familiares vieram do Rio de Janeiro para acompanhar a inauguração, que prometia shows pirotécnicos, uma apresentação dos artistas do *Blue Man Group* e, para finalizar, a partida de estreia da nova casa tricolor contra os alemães do Hamburgo¹⁴, o mesmo adversário da final do torneio Intercontinental vencido pelo Grêmio em 1983.

A festa estava marcada para as 20h e o jogo previsto para as 22h30. e trinta minutos. Saí de casa às 18 h para buscar meus acompanhantes corriqueiros e um casal de amigos a quem dei carona. O caminho foi longo, não tanto pela distância, mas pelo trânsito intenso, muito maior do que aquela região da cidade estava acostumada a comportar. Conseguimos entrar no estádio com certa facilidade às 19h30, ao contrário de outras pessoas que chegaram mais cedo e ficaram aproximadamente duas horas nas filas aguardando para ingressar no estádio.

Subi um tanto contrariado as escadas que davam acesso aos nossos lugares, uma vez que era visível que a obra não estava concluída e o número de degraus parecia infinito. Acessei o local e fiquei boquiaberto com a magnitude do empreendimento. Aquilo tudo era muito diferente do que eu conhecia. As pessoas tentavam fazer analogia com estádios europeus. Como nunca fui ao Velho Continente, não conhecia a pertinência da comparação. A única comparação que tinha capacidade de fazer era com o velho Olímpico. Neste caso, sim, as diferenças eram imensas.

¹¹ Os nomes dos torcedores com os quais dialoguei ao longo da estada em campo foram substituídos pelo nome de jogadores que já atuaram no Grêmio.

¹² As falas dos torcedores registradas com o gravador serão destacadas em itálico. Falas individuais que escutei durante as partidas ou nas demais observações serão destacadas com as aspas duplas, mas sem o itálico. Trechos destacados de material retirado de jornais também serão grafados em itálico.

¹³ Todas as manifestações dos torcedores compuseram meus diários de campo. Optei por utilizar após cada um desses trechos a sigla DC, para diário de campo, e o número do respectivo diário.

¹⁴ Em alemão, *Hamburger Sport-Verein*.

Meu início foi um pouco tortuoso, ao menos para alguém tão familiarizado com a ‘casa do Grêmio’. Não sabia como acessar adequadamente o portão que me levaria aos assentos adquiridos semanas antes, e, mesmo depois de tentarmos realizar essa localização, acabamos errando os nossos assentos. Fiquei um pouco impaciente com o excesso de *flashes* disparados a todo o momento. Parti do pressuposto de que aquele era o novo estádio do Grêmio e, como eu já era muito íntimo do antigo, o comportamento dos ‘turistas’ me deixou incomodado. Ao contrário da ampla maioria das pessoas, eu estava ali para ver ao jogo. Nunca me sensibilizei muito por essas festas no estádio para além da emoção da partida.

Após a festa e todos os protocolos, finalmente o Grêmio entrou em campo para enfrentar o Hamburgo. Saímos vencendo no início, com um gol de André Lima, um folclórico atacante muito mais destacado por suas comemorações e entrevistas do que por seus atributos técnicos. Aos poucos, o time alemão, que havia jogado no dia anterior e encarado um deslocamento oceânico, começou a tomar conta da partida, mostrando um posicionamento mais acertado o que facilitava a troca de passes. Os alemães empataram no segundo tempo. Mas, ao final da partida, para concluir com êxito o drama da estreia, o Grêmio chegou à vitória com um gol de Marcelo Moreno, repetindo o placar da conquista Intercontinental. No momento do gol, porém, boa parte do público já não estava mais no estádio, um tanto preocupada em como acessar melhor as formas de saída daquele ambiente todo novo.

Era tudo tão diferente que não parecia possível pensar que meu processo de construção generificada aconteceria naquele ambiente da mesma forma como ele ocorreu no estádio Olímpico. Será em torno desse deslocamento temporal e geográfico, da mudança de estádio, que tentarei desenvolver a tese central do trabalho que procura discutir como esses e outros atravessamentos culturais impactaram o currículo de masculinidades dos torcedores de futebol de estádio.

1.1 Inauguração da Arena do Grêmio e algumas pautas dos mediadores especializados

O futebol de espetáculo pode ser dividido em quatro categorias de agentes: os profissionais, os torcedores, os dirigentes e os mediadores especializados (DAMO, 2006). Os profissionais seriam os jogadores, treinadores e preparadores envolvidos com os jogos. Os torcedores se constituem no público com variados graus de interesse e

envolvimento durante as partidas. Os dirigentes poderiam ser profissionais ou amadores filiados aos clubes ou às federações. Os mediadores especializados, por sua vez, são os profissionais que trabalham na espetacularização do futebol e produzem narrativas sobre os eventos futebolísticos. Esses mediadores são responsáveis por grande parte dos espaços jornalísticos na televisão, rádios, internet e jornais impressos. Eles podem ser profissionais da comunicação ou ex-atletas e ex-dirigentes que teriam a função de ‘explicar’ os eventos para o público que, de alguma forma, não seria ‘apto’ a lê-los sozinho, “a imprensa (falada, escrita, televisada) produz, de fato, as leituras autorizadas dos eventos que ocorrem no futebol, muitas vezes, consagrando determinadas versões” (GUEDES, 2011, p. 6). Esses mediadores, apesar de suas diferentes origens, são chamados, costumeiramente, de cronistas esportivos e são os principais atores do que se pode nomear de jornalismo esportivo ou de imprensa esportiva. “A crônica jornalística é, em essência, uma informação interpretativa e valorativa de feitos noticiosos atuais ou atualizados, em que se narra algo ao mesmo tempo que se julga o que é narrado” (MARQUES, 2014, p. 201). Acredito que esses diferentes atores envolvidos com o futebol de espetáculo trabalham na produção e na veiculação de masculinidades. Em meu trabalho, o olhar foi colocado, especialmente, para dois desses agentes: torcedores e mediadores especializados. O protagonismo foi dado aos torcedores com quem dialoguei nos estádios em dias de jogos. Por sua relevância na produção de narrativas sobre o futebol, os mediadores especializados foram utilizados como fonte secundária.

Introduzo esse diálogo com os mediadores especializados, também, a partir da inauguração da Arena do Grêmio. Com isso, é possível visualizar como esses atores entenderam o início desse processo de transição entre os estádios e quais as discussões pautadas naquele momento. A primeira das arenas construídas e inaugurada a partir do ‘padrão FIFA’, no Brasil, foi a do Grêmio, em 8 de dezembro de 2012. Nas próximas páginas, destacarei a cobertura da inauguração realizada pelo jornal *Zero Hora* (ZH) através de suas edições impressas, dias antes e dias depois da inauguração da Arena do Grêmio, mostrando um pouco do que se esperava, imaginava ou produzia do ou sobre o público antes do evento e o que se disse deste mesmo público depois da partida do Grêmio contra os alemães do Hamburgo. É interessante notar as diferentes percepções dadas por jornalistas para as manifestações do público a partir dessa primeira partida na nova ‘casa tricolor’¹⁵.

¹⁵ Escrevi um ensaio com o jornalista Matheus Passos Beck, a quem agradeço a enorme colaboração, em que essas discussões estão inicialmente contempladas. Ver BANDEIRA; BECK, 2014.

Na semana que antecedeu a inauguração da Arena, a pauta dos jornalistas foi a despedida do antigo estádio do Grêmio, o Olímpico. O cronista Wianey Carlet destacou a emoção com a despedida do estádio, justificando a necessidade de um novo momento na história do clube, “*a velha casa dos gremistas já estava velhinha, cansada, pontilhada de goteiras e sofrendo cada vez mais com o desconforto que proporcionava aos seus aficionados*¹⁶”. No domingo, dia 2, o jornal veiculou diversas matérias contando a história do estádio que estava saindo de cena. Mesmo com muito pesar pela despedida, a expectativa de melhora não saía de pauta, “*é bom esclarecer que ninguém (...) nega que a Arena será o mais espetacular dos abrigos para quem gosta do Grêmio*¹⁷”.

Na segunda-feira, pós-despedida do Olímpico, o cronista Luiz Zini Pires afirmou que o “*clássico marca[va] o final de uma era para os gaúchos*¹⁸”. A entrada em um novo momento histórico foi utilizada na terça-feira como argumento pelo jornalista Diogo Olivier para justificar medidas rigorosas contra um torcedor que havia atirado um rojão sobre o banco de reservas do Internacional na última partida do estádio. O comentarista exigia severidade para punir o torcedor, “*não sei quem é o torcedor que atirou o rojão para dentro do campo no Gre-Nal. Mas sei que o Grêmio não deve só identificá-lo. Deve impedi-lo de entrar na Arena, sócio ou não sócio*¹⁹”. Os megaeventos que seriam sediados no Brasil reforçavam a justificativa do jornalista, “*os clubes têm que entrar firme nisso. Ainda mais agora, em tempos de arenas multiuso e visibilidade mundial por conta da Copa do Mundo de 2014*²⁰”. No mesmo dia, ZH destacou uma nota sobre a liberação provisória da avalanche, movimento realizado pela torcida *Geral do Grêmio* no novo estádio, “*o Grêmio cumpriu a determinação da Brigada Militar e do Corpo de Bombeiros e instalou gradis na Arena. A medida serve para impedir, parcialmente, a torcida de fazer a tradicional comemoração dos gols, a avalanche*²¹”.

¹⁶ Disponível em: CARLET, Wianey. Despedidas. *Zero Hora*. Porto Alegre, 1 dez. 2012. Wianey Carlet, p. 45.

¹⁷ Disponível em: GERMANO, Paulo. Os últimos dias. *Zero Hora*. Porto Alegre, 2 dez. 2012. Olímpico Eterno, p. 10.

¹⁸ Disponível em: PIRES, Luiz Zini. O clássico dos seis volantes. *Zero Hora*. Porto Alegre, 3 dez. 2012. Bola Dividida, p. 19.

¹⁹ Disponível em: OLIVIER, Diogo. Castigo neles. *Zero Hora*. Porto Alegre, 4 dez. 2012. Diogo Olivier, p. 50.

²⁰ Ver nota 19.

²¹ Disponível em: INSTALADOS gradis para restringir a avalanche. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 49, 4 dez. 2012.

A preocupação com o deslocamento dos torcedores até o estádio levou ZH a publicar duas páginas explicativas na edição do dia 5 de dezembro. Uma das páginas foi destinada aos torcedores que pretendiam ir à inauguração de automóvel particular, e, a outra, aos que fariam o deslocamento em transporte público.

Antes mesmo de entrar em atividade, parecia existir um entendimento de que seria necessária a produção de novos ‘consumidores’ para esses espaços que começariam a ser inaugurados. No dia 6 de dezembro, o jornalista Diogo Olivier destacou os desafios das novas arenas que estavam sendo inauguradas no Brasil em relação ao futuro público:

A meta das arenas multiuso que se multiplicarão no Brasil rumo a 2014 é conquistar aquele público que ficava em casa assistindo pela TV, sem paciência para aturar tanto desconforto em estádios velhos e ultrapassados. Para sustentar os custos de manutenção de tanto conforto e possibilidades de lazer, o ingresso será naturalmente mais caro. Terá de acontecer uma mudança cultural no exercício de torcer²².

Dia 8 de dezembro marcava a inauguração da Arena do Grêmio. Naquele sábado, ZH produziu um encarte especial intitulado *Agora é Arena*. Diogo Olivier destacou o encontro do clube com sua nova casa e desta com a torcida do Grêmio: “o futuro azul começa neste 8 de dezembro de 2012, quando o Grêmio ganhará sua nova casa, e a Arena ganhará aquilo que faz um estádio de futebol existir: o torcedor²³”. O jornalista argumentava que, mesmo que a imensa obra já estivesse pronta há alguns meses, apenas agora a Arena estaria completa: “até este sábado, até este 8 de dezembro, a Arena era linda, moderna, mas faltava-lhe o essencial. Faltava-lhe alma. E um estádio sem alma é o mesmo que nada²⁴”. Segundo o jornalista, “a Arena só passará a existir de verdade quando o torcedor do Grêmio entrar pelos portões, tomar assento e cantar. Aí, sim, tudo estará consumado. Aí, com milhares de vozes unidas numa só paixão, enfim, a Arena ganhará alma²⁵”. Alguns dos desafios postos pelos novos tempos para o clube seriam “aumentar a receita, impulsionar a média de público, estimular a fidelidade do torcedor²⁶”. Um novo tempo, também, para as relações entre as torcidas dos clubes de Porto Alegre foi apontado pelo cronista Luiz Zini Pires. Segundo ele, “a inauguração da Arena, seguida pela remodelação do Beira-Rio, deve

²² Disponível em: OLIVIER, Diogo. O desafio da Arena. *Zero Hora*. Porto Alegre, 6 dez. 2012. Diogo Olivier, p. 53.

²³ Disponível em: OLIVIER, Diogo. Um novo tempo. *Zero Hora*. Porto Alegre, 8 dez. 2012. *Agora é Arena*, p. 2-3.

²⁴ Ver nota 23.

²⁵ Ver nota 23.

²⁶ Disponível em: ELES também mudaram. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 10-11, 8 dez. 2012.

*decretar torcida única em Gre-Nais na Capital. As pessoas envolvidas na gestão dos estádios temem depredações, especialmente por parte das torcidas organizadas*²⁷”.

A ZH de segunda-feira, dia 10, teve seu caderno de esportes destacado para a inauguração da Arena. Na crônica *Imensidão azul*, David Coimbra destacou a emoção na abertura da nova casa gremista: “*lágrimas foram derramadas às catadupas por milhares de torcedores emocionados com a festa de abertura*²⁸”. O cronista seguiu destacando o protagonista da festa: “*o verdadeiro show foi o orgulho do torcedor*²⁹”. A relação entre os torcedores também foi lembrada: “*o que ficou claro foi que a maioria da torcida não tolera mais a violência e a falta de educação de alguns torcedores*³⁰”.

As mudanças de comportamento do torcedor apareceram com destaque nas matérias sobre a inauguração.

*Aquele torcedor europeu que se aloja em poltronas confortáveis de arenas, que assiste aos jogos de perto, que ouve o barulho do chute, que deixa o local rápido em longas rampas e que tanto nos causa inveja, pois bem, a partir da inauguração da Arena ele tem um sério concorrente. Nasceu no sábado à noite um novo torcedor e um novo patamar no futebol brasileiro*³¹.

Em sua coluna, Luiz Zini Pires também fez menção às relações do estádio com a torcida: “*a Arena (...) abriu um espetacular espaço ao torcedor, que ocupou as cadeiras como se estivesse num teatro de futebol*³²”. Luiz Zini Pires acrescentou algumas previsões sobre esse “novo século” dos estádios no país, ao afirmar que “*o conforto atrairá mais e mais torcedores, formará novos, elevará a média de ocupação. Nada será como antes. (...). Cada gremista precisa criar o próprio mapa e reinventar-se como torcedor na casa do futuro*³³”. Ainda sobre as torcidas, o jornalista dedicou um de seus textos para lamentar os incidentes violentos ocorridos junto aos torcedores da *Geral do Grêmio*.

*A Geral tinha dois adversários pesos-pesados: Brigada Militar e Ministério Público. Sábado enfrentou um novo e poderoso: os outros torcedores gremistas que estream a Arena e assistiram, ninguém contou*³⁴, mais um episódio violento na intensa vida da Geral. (...) O clube lutou contra a BM e

²⁷ Disponível em: PIRES, Luiz Zini. Torcidas. *Zero Hora*. Porto Alegre, 8 dez. 2012. Bola Dividida, p. 53.

²⁸ Disponível em: COIMBRA, David. Imensidão azul. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 2-3, 10 dez. 2012.

²⁹ Ver nota 28.

³⁰ Ver nota 28.

³¹ Disponível em: MÜZZEL, Rodrigo. Um novo jeito de ver futebol. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 5, 10 dez. 2012.

³² Disponível em: PIRES, Luiz Zini. Século 21. *Zero Hora*. Porto Alegre, 10 dez. 2012. Bola Dividida, p. 11.

³³ Ver nota 32.

³⁴ Mesmo tendo estado na inauguração, minha localização no estádio, no quarto andar Norte, me impossibilitou de assistir ao enfrentamento entre integrantes da *Geral do Grêmio*. As experiências dentro do estádio também são dependentes da localização de cada torcedor. Para mim e para meus acompanhantes, o conhecimento da briga veio através de relatos e não da visualização direta.

*o MP para garantir espaço diferenciado (sic) para os fãs mais animados no novo estádio. Ganhou. Perdeu tudo antes dos primeiros 45 minutos da era da Arena. Viu que certos integrantes da Geral, ao contrário da grande maioria do grupo, não podem frequentar o mesmo espaço destinado ao gremista de verdade. O futebol é esporte familiar*³⁵.

Após a estreia, Diogo Olivier seguia argumentando sobre a entrada em um novo tempo: *“nada será como antes, tudo será diferente em alguma medida nas relações da imprensa esportiva e o seu trabalho, do Grêmio com o seu torcedor e deste com a sua casa enquanto patrimônio e negócio*³⁶”. O enfrentamento entre torcedores da *Geral* também foi destacado pelo jornalista: *“Torcedores brigaram feio atrás da goleira. E eram todos gremistas. (...). Qual foi a reação do estádio, com intensidade jamais vista no Olímpico? Uma vaia estrondosa com direito a palavrões condenando a atitude dos baderneiros*³⁷”. Estive na partida de inauguração do estádio. Os palavrões que “condenavam a atitude dos baderneiros” possuíam inegável conotação sexual e poderiam ser interpretados como dotados de caráter homofóbico. Assim como nos antigos estádios, essas manifestações não foram narradas como violentas ou problematizadas de alguma maneira. Ao contrário, receberam apoio irrestrito do jornalista.

Evidentemente, a violência não é significada do mesmo modo por diferentes atores. Ainda no início de minha incursão sistematizada ao campo, estive no bar de um amigo, na cidade de Porto Alegre, e acabei sendo apresentado por ele a ‘outro gremista fanático’. Conversávamos sobre diferentes conteúdos futebolísticos, especialmente destacando as derrotas do Internacional. Em determinado momento da conversa, me apresentei como pesquisador e falei brevemente sobre a investigação que estava realizando na Arena do Grêmio. Neste momento, Rondinelly optou por alterar o assunto que até então pautava nossa conversa. Bastante empolgado, ele começou a me contar de sua participação na partida de inauguração da Arena: *“dei um soco em um ‘pau no cu’ e os amigos dele correram atrás de mim. Eu me escondi próximo a um banheiro e vi uma galera passar correndo procurando por mim”* (DC 4). Rondinelly relatou que foi identificado e saiu correndo deixando seu amigo que acabou *“tomando um pau”* (DC 4). Ele passou o restante do jogo com este amigo na enfermaria. Me chamou atenção como Rondinelly entendeu que para um pesquisador, em um estádio de futebol, o assunto

³⁵ Disponível em: PIRES, Luiz Zini. Sem noção. *Zero Hora*. Porto Alegre, 10 dez. 2012. Bola Dividida, p. 11.

³⁶ Disponível em: OLIVIER, Diogo. Revolução. *Zero Hora*. Porto Alegre, 10 dez. 2012. Diogo Olivier, p. 40.

³⁷ Ver nota 36.

relevante seria sua experiência de enfrentamento físico. Também é interessante pensar como ele contava sobre esse feito com orgulho.

Além dos orgulhosos torcedores que rejeitaram os ‘brigões’ e os próprios atores envolvidos em enfrentamento físico, outro conjunto de torcedores foi destacado com ares de coluna social em ZH: “o setor mais luxuoso da Arena (...) [recebeu] os ex-governadores Antônio Britto, Germano Rigotto e Yeda Crusius (...). O Grêmio pretende arrecadar de R\$ 15 a R\$ 20 milhões por ano com esse setor³⁸”. As presenças de figuras públicas na inauguração também foi destaque em uma coluna de política do jornal: “A inauguração da Arena foi uma festa de gremistas para gremistas, em que os discursos políticos não tiveram maior destaque, mas nem por isso uma legião de políticos deixou de se reunir nos camarotes para prestigiar a data histórica³⁹”.

Em entrevista publicada na coluna Bola Dividida, no dia 11 de dezembro, o diretor presidente da *Brio* (sociedade de propósito específico criada pelo Internacional – principal rival do Grêmio – e pela Andrade Gutierrez para a reforma do Beira-Rio, estádio que sediou os jogos da Copa do Mundo de 2014 em Porto Alegre), Marcelo Flores, destacou uma diferença importante entre a Arena, recém inaugurada, e o estádio que, naquela data, ainda estava em reformas, “nosso padrão é Copa do Mundo, nada menos. Não teremos, por exemplo, pessoas em pé durante os jogos. A FIFA não permite⁴⁰”.

1.2 Potencialidades do futebol para pensar

Como prática cultural, o futebol possui algumas especificidades em seus funcionamentos. Existe uma variada gama de possibilidades para torcer, praticar, pensar e viver o/no futebol. Neste trabalho, o esforço se concentrará sobre as práticas diretamente relacionadas ao *football association*, ou seja, à prática profissional do futebol espetacularizado, masculino. Esta prática é a que mobiliza uma maior quantidade de torcedores no Brasil e no resto do mundo. O *football association* é regulado de forma monopolizada pela *Federation International de Football Association* (FIFA) e pelas respectivas confederações continentais, nacionais e, no caso brasileiro, estaduais.

³⁸ Disponível em: FISCHER, Milena. Arena premiun. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 12, 10 dez. 2012.

³⁹ Disponível em: DUARTE, Letícia. Arena política. *Zero Hora*. Porto Alegre, 10 dez. 2012. Página 10, p. 10.

⁴⁰ Disponível em: PIRES, Luiz Zini. Estádio FIFA. *Zero Hora*. Porto Alegre, 11 dez. 2012e. Bola Dividida, p. 45.

Essa concentração oligopólica não é restrita à FIFA e às demais confederações, mas tem se espalhado pelo circuito de clubes.

Antes, cada campeonato nacional ou regional tinha seu público garantido, na forma de um mercado local para os estádios locais. Em cada país, dezenas de clubes podiam sobreviver e remunerar seus jogadores. Com o advento das transmissões televisiva planetária, uns poucos eventos passam a monopolizar a atenção mundial, esvaziando o interesse por campeonatos “menores”. Surge então uma “elite de clubes” milionários. Os demais clubes, em sua maioria, tornam-se desprestigiados e, logo, empobrecidos (MASCARENHAS, 2014, p. 35).

Se os clubes brasileiros não chegam a conseguir competir com uma pequena quantidade de clubes de elite global, podemos pensar que, no país, possuímos nossa própria elite. Pelo número de torcedores, títulos conquistados e protagonismo da região Sudeste somada ao Rio Grande do Sul, poderíamos pensar em um grupo de 12 clubes de elite que são costumeiramente chamados de grandes clubes. No Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional seriam esses representantes monopolizando, no estado, torcidas, títulos, distribuição de recursos e espaços midiáticos.

Dentro do espectro do futebol de espetáculo, os confrontos não ocorrem apenas entre os jogadores, mas agrupam uma série de outros atores que se entendem representados pelas diferentes camisetas dos clubes/times. Os jogos e campeonatos entre clubes envolvem, para além dos atletas diretamente atuantes dentro das quatro linhas, os torcedores dos clubes envolvidos nos enfrentamentos (históricos e ocasionais), os dirigentes e, em alguma medida, os próprios mediadores especializados.

O enfrentamento entre as equipes/clubes é abundantemente ressaltado, especialmente pelos jornalistas que além de noticiar os eventos, também os espetacularizam. Com a existência de um jornalismo bastante regionalizado, clubes de um determinado estado, casos exemplares de Grêmio e Internacional, no Rio Grande do Sul, acabam tendo seus confrontos narrados apenas na perspectiva destes clubes e não através da relação entre as duas equipes em disputa. Isso faz com que um narrador, vinculado à imprensa local, possa exigir e, mesmo, ‘torcer’ para as equipes gaúchas reforçando a construção do adversário de ocasião como o outro que deve ser superado. Por serem os clubes grandes, esse tratamento dado à dupla Gre-Nal não está restrito ao enfrentamento contra equipes de outros estados, mas também acontece quando Grêmio e Internacional enfrentam os ‘pequenos’ do Rio Grande do Sul.

Nessa valorização dos confrontos, os torcedores são convocados a participarem dos enfrentamentos, que poderão incluir rezas diante da televisão ou do rádio ou gritos de incentivo nos estádios. Esta narrativa coloca os torcedores como participantes ativos

dos jogos com sua fé e seu incentivo, tornando-os, de alguma maneira, corresponsáveis pelos resultados. Ao mesmo tempo, de maneira complementar e contraditória, é possível perceber alguns movimentos que tentariam diminuir a importância do envolvimento dos sujeitos, especialmente como uma espécie de resposta para algumas ações violentas que, por vezes, acompanha a expressão das torcidas. A violência masculina, muitas vezes naturalizada, nesse contexto de forte enfrentamento pode ‘passar dos limites’, o que faz com que seja necessário a presença de outras discursividades, tal como a de *fair-play*⁴¹. Esse conceito normativo, que pode se dirigir para os torcedores e para os atletas, valoriza as regras do jogo e reforça as hierarquias presentes nos enfrentamentos esportivos.

Dentre suas diferentes narrativas, o futebol é espetacularizado como imprevisível em relação aos resultados das partidas, “tornando possível (...) um time inferior tecnicamente superar outro de qualidade superior” (DAOLIO, 2005, p. 12). Para vencer, uma equipe poderá mobilizar diferentes estratégias. Isso permite que o torcedor se sinta convidado a participar dos confrontos em um coletivo, seja no estádio ou fora dele e, mesmo solitário, diante de um rádio, uma televisão ou pela internet. Além dos gritos nos estádios, de apoio à equipe ou de desassossego ao adversário, uma determinada camiseta ou um lugar específico no estádio ou na sala de casa (que tenha dado sorte em partidas anteriores), a companhia de amigos/as que deem sorte (além do afastamento daqueles que dão azar, os chamados pés-frios), além de um sem número de ações que poderão deixar o torcedor mais tranquilo e o time com ‘maiores chances de vitória’. Conversei, na esplanada da Arena, com Fábio que lembrou que seu filho, professor de educação física, é seu grande parceiro de estádio. Ele reforçou que o filho deve, por superstição, estar sempre sentado ao seu lado esquerdo: “*No jogo Grêmio e Joinvile, ele ficou em cima. Quando terminou o primeiro tempo, em que perdíamos por 1 a 0 ele pediu licença para a pessoa que estava sentada ao lado para dar certo e virou 2 a 1*” (DC 9).

O futebol, como qualquer prática cultural, está sempre envolvido em disputa por significados. O futebol é uma rede complexa em que diferentes atores transitam por diferentes funções o que faz com que seja inteligível que os mesmos torcedores que

⁴¹ O espírito do *fair play* implica na aceitação das decisões dos árbitros, a vontade de jogar para ganhar, a honestidade, a lealdade, o respeito ao companheirismo e ao adversário (LEVORATTI, 2013).

cobram profissionalismo⁴² de seus dirigentes, dos árbitros e dos especialistas, exijam um algo a mais de seus jogadores. Os próprios torcedores são representados de forma distinta pelos mediadores especializados. A paixão e as emoções poderão desqualificar os sujeitos para leituras sobre as partidas. A maioria dos mediadores especializados, ao menos no Rio Grande do Sul, não revela sua preferência clubística em um claro movimento de distinção em relação aos torcedores buscando, com isso, qualificar seus entendimentos sobre as partidas, além de reforçar seu vínculo com esse grupo distintos. Mesmo ‘cegos’ pela paixão, esses torcedores, também, poderão ser entendidos como clientes merecedores de respeito por parte dos clubes, especialmente quando esses têm dificuldades no atendimento dos mesmos. O futebol atingiu grandes níveis de profissionalismo e, mesmo em um país bastante desigual como o Brasil, nos clubes grandes é possível pensar em salários que ultrapassem a casa dos cem mil reais como um valor comum. Esse esporte que em sua origem valorizou o amadorismo, hoje pensa esse adjetivo como algo negativo⁴³.

Sendo um esporte moderno, o futebol pode ser lido como uma instituição, complementar a tantas outras como a escola e a família. Os esportes

(...) representam e recriam a moderna domesticação das emoções, funcionando como pedagogias acerca de formas específicas de autocontrole. (...) São também concebidos, de certo modo, como os espaços controlados nos quais podem, contidamente, serem exteriorizadas as emoções (GUEDES, 2006, p. 75-76).

Acredito, porém, que seria um tanto apressado apostar que no futebol os indivíduos apenas exteriorizassem emoções interdidas em outras esferas da cultura. Além de ser um espaço ‘reprodutor’ dos significados, valores e disputas culturais, o futebol também é um espaço produtor de significados culturais, “o futebol tem seus próprios dilemas. (...) Existem, portanto, questões suscitadas por ele e que só a ele interessa, permanecendo restritas ao contexto do qual são tributárias” (DAMO, 2002, p. 152). As emoções e as paixões podem ser utilizadas como justificativa para o vínculo dos torcedores com os clubes: “la pasión es apenas el modo en que se explica esa ficción: un modo de proponer causas para lo que no tiene ninguna, salvo la propia decisión de serlo y hacerlo de esa manera; y sufrir o gozar en consecuencia (ALABARCES, 2014, p. 44).

⁴² Profissionalismo tem aparecido como sinônimo de eficiência. Existe uma “convicção generalizada de que é preciso ser ‘profissional’ – leia-se, diplomado, frio e racional – para estar no futebol. Quando uma equipe não vai bem, ouvem-se, em uníssono, jornalistas, comentaristas e mesmo torcedores, afirmar: está faltando profissionalismo” (OLIVEIRA, 2000, p. 71).

⁴³ “(...) amadorismo (...) tornou-se sinônimo de pobreza, despreparo e falência. ‘Amadores’ tornar-se ia, cada vez mais, uma qualidade exclusiva dos torcedores” (DAMO, 2002, p. 45).

O futebol faz circular diferentes emoções, aproximando e distanciando sujeitos. Algumas unidades produzidas nos estádios de futebol ou durante as partidas não serão mantidas, necessariamente, ao final dos jogos ou em outros contextos. Além da forte imbricação entre a construção de uma subjetividade torcedora e masculina, o estádio de futebol possui um histórico que autoriza algumas práticas que permitem aos sujeitos entenderem esse espaço como autônomo em relação aos demais espaços cotidianos. Entretanto, tendo ocupado um lugar de tamanho protagonismo na cultura, não é de se estranhar que discursos constituídos de/por perspectivas diferentes questionem o que ocorre nesse contexto cultural específico.

A modernização dos espaços do torcer, que vem ganhando andamento no Brasil, especialmente, a partir da década de 1990, foi catalisada com a realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2014. Com isso, diferentes olhares foram colocados para os estádios, os torcedores e suas práticas. Normativas vindas da FIFA e de federações nacionais têm colocado em questão práticas historicamente autorizadas nos estádios de futebol.

É nesse ambiente, em que se poderia esperar uma sociabilidade torcedora diferente, que pretendi olhar novamente para o currículo de masculinidade nos estádios de futebol. Além de certa mudança temporal e espacial, alguns casos específicos obrigaram os torcedores a pensarem suas ações. O objetivo deste trabalho foi tentar visualizar como essas diferentes discursividades atravessaram um currículo de masculinidade dos torcedores de futebol de estádio.

Essa investigação dialoga com um vasto conjunto de trabalhos na área das Ciências Humanas e Sociais que problematizam diferentes aspectos do futebol como prática de lazer e esportiva, especialmente a partir da realização dos megaeventos esportivos no Brasil, Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016. Ao mesmo tempo, inova ao analisar estes fenômenos a partir de categorias do campo da Educação, no viés dos Estudos Culturais, dos estudos de gênero e da sexualidade e numa perspectiva feminista e pós-estruturalista.

Todas essas falas, que procuram atravessar a produção de torcedores de futebol e de suas masculinidades, e, para este trabalho, especialmente, as vividas nos estádios de futebol, estão em sintonia com uma pedagogia e um currículo. Seria possível pensar em um dispositivo pedagógico dos estádios de futebol que autorizaria a leitura desse conjunto de enunciados de forma produtiva, por categorias centrais do pensamento educacional, sem prejuízo de leituras feitas por outras áreas do conhecimento.

Para alguns, o futebol é um assunto menor, apenas um jogo, que deve ser entendido como uma brincadeira (isso sem contar nos que, mesmo fazendo parte de setores mais progressistas da sociedade, ainda insistem na tese do futebol como ópio do povo). Talvez, a discussão sobre se o futebol deve ser entendido como algo sério ou um simples espaço de ludicidade seja muito pouco produtiva. No futebol se encontram “algumas de las operaciones narrativas más pregnantes y eficaces para construir identidades” (ALABARCES, 2006, p. 149). Sendo uma simples brincadeira, um produto destacado da indústria do entretenimento ou um esporte profissional muito sério, o futebol ensina e produz, de modos bastante significativos, identidades e sentimentos de pertença nacional, regional, local, familiar...

(...) a nadie le quedan dudas de que el fútbol tiene algo que ver con las identidades, partiendo de la base de que casi todos los hombres y una buena cantidad de mujeres suelen afirmar, como parte de su presentación pública, “soy de...”, seguido por el equipo de fútbol de su preferencia. Es interesante que en otras lenguas futboleras como el inglés o el portugués se dice “yo soy...” (I am Arsenal, Eu sou Flamengo), con lo que esa identidad se presenta como radicalmente personal, como formando parte de los rasgos claves de un sujeto (ALABARCES, 2014, p. 31).

Para Arlei Damo, existe uma vinculação radical entre o futebol e a construção de identidades para os meninos no Brasil,

(...) o futebol cumpre a mesma função significante do vestuário, especialmente para os brasileiros do gênero masculino. (...). Em um país que a rua é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das brincadeiras preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu. (2002, p. 11).

O futebol é uma prática cultural que faz circular diferentes pedagogias, ensina comportamentos, valores, modos de ser e de estar no mundo, extrapolando, em muito, os jogos de noventa minutos. Esses comportamentos são representados e experimentados de diversas formas em função do contexto em que estiverem sendo vividos, em uma torcida ou sozinho, nos estádios ou fora deles. Falar sobre o futebol brasileiro é falar sobre uma forma específica de futebol e, para muito além disso, é falar sobre um específico jeito de entender futebol, de representá-lo e, ainda, é falar sobre um modo de se constituir masculino através de suas diferentes discursividades.

Não existe um ponto único originário sobre a chegada do futebol no Brasil. Ela ocorreu por diferentes caminhos. Na maioria dos casos, o futebol apareceu através de práticas escolares e/ou associado ao contato com os ingleses que não apresentavam “apenas uma prática esportiva, mas um modelo de sociabilidade, de associacionismo e de pertencimento” (DAMO, 2002, p. 37). No início do século XX, no Brasil, “o futebol se manteve, em geral, restrito aos clubes e estes, por seu turno, circunscritos aos

imigrantes europeus e às elites nativas” (Ibidem). Os clubes que incluíam a prática do futebol, assim como aqueles que adotavam outros esportes, serviam como associação de comunidades étnicas da elite. A chegada do futebol nas grandes cidades brasileiras foi facilitada pelo projeto ‘civilizador’ e seu forte apelo ‘europeizante’. Ele chegou “nesta onda de importação de modismos europeus por parte das elites, o futebol encontra seu canal de fácil penetração na vida social urbana” (MASCARENHAS, 1999, p. 147).

A popularização do futebol acabou extrapolando o entretenimento dos clubes e de seus sócios logo nas primeiras décadas seguintes. Além de derrubar uma aura distintiva e elitista no futebol, essa popularização também apresentou algumas mudanças significativas sobre os significados associados a esse esporte. Com o profissionalismo, consolidado, no Brasil, na década de 1930, o amadorismo dos clubes que iniciaram a introdução do futebol no país acabou sucumbindo. Ou dito, talvez, de forma mais precisa: se antes a divisão entre atletas, dirigentes e torcedores era pequena em um pequeno grupo da ‘boa sociedade’, a popularização acabou deslocando essa elite para a categoria diretiva em que permanecem ainda hoje.

O que no princípio era apenas mais uma opção de lazer e sociabilidade, tornara-se uma atividade-fim, mas não mais um fim em si mesmo, como pregava o amadorismo, e sim como um fim voltado à competitividade entre agremiações e, por extensão, ao acirramento das rivalidades socioeconômicas, étnicas, locais e regionais (DAMO, 2002, p. 41).

Ao longo do século XX, o futebol construiu-se como um importante marcador da cultura brasileira. Ele acaba sendo lido e entendido como protagonista na representação da identidade nacional. A identidade é aqui entendida como uma construção social que “está sempre em processo, portanto, nunca acabada, pronta ou fixa” (LOURO, 2004a, p. 139-140). Ela, identidade, pode

(...) significar o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (HALL, 2004, p.111-112).

Muitos países que receberam o esporte britânico acabaram incorporando essa prática esportiva na construção de seus símbolos nacionais. Na América do Sul, os confrontos esportivos permitiram a construção de representações distintas, e positivadas, das europeias. A capacidade criativa dos jogadores brasileiros pode ser associada aos campos de rua, à malandragem dos morros do Rio de Janeiro ou à capoeira da Bahia. A mesma capacidade será associada aos argentinos em função do *potreiro* e da liberdade dos *pibes* que não são capazes de obedecer às ordens intransigentes de um sistema mais fechado da prática esportiva. Para Pablo Alabarces

(2002), o futebol é um ponto de articulação em que se conseguiram produzir tradições e identidades nacionais, mas, também, variados estilos locais.

A popularização do futebol pode ser associada, também, a um novo entendimento de espaço urbano do início do século XX. Para Gilmar Mascarenhas, foram as novas condições de vida nas cidades que demandaram novas tradições, incorporando a nascente classe operária e contribuindo para a popularização do futebol. O autor faz, porém, uma importante ressalva sobre essa espécie de ‘apropriação’ do esporte de origem britânica no Brasil: “não podemos tomar a ‘popularização’ do futebol como um avanço de conotação classista em oposição à burguesia” (2001, p. 33). Sobre a importância das cidades na construção de uma forma particular de viver e fruir o futebol, além das disputas pelos espaços dessas mesmas cidades, o autor complementa:

(...) a cidade moderna, este turbilhão de inovações tecnológicas e mudanças sociais, deve ser lida como utopia interminável, sonhos acalentados porém minados no calor de uma estrutura real dilacerante. Vimos que as aspirações burguesas envolveram inicialmente o futebol enquanto ritual e culto helênico. Mas como as cidades reais, densas de miséria e chaminés, eram outra coisa que não a fantasia burguesa, o sonho logo se despedaçou, virou mania de pés descalços nas ruas imundas, e logo apropriado por capitalistas visando o lucro no espetáculo, rompendo com o sonhado universo amadorista e elitista dos esportes modernos. Assim a cidade moderna contribuiu para a popularização do futebol, mas também transformou-o em mercadoria, propiciando o grande fenômeno de massas, que de alguma forma integra a sociedade burocrática de consumo programado (Ibidem, p. 35).

Os meios de comunicação de massa foram fundamentais nessas construções de tradições. Além de descrever os eventos, os textos produzem significados sobre a prática de jogo. Apesar de os meios de comunicação serem eminentemente privados, eles acabam conseguindo atribuir uma hegemonia a uma determinada narrativa, associando suas produções aos aparatos estatais (ALABARCES, 2002). Essas possibilidades são mais potentes quando as instituições estatais tradicionais, como os partidos políticos, os sindicatos e a escola pública, apresentam maiores dificuldades na construção dessa identidade nacional,

(...) el vacío de sentido es lo intolerable, el límite de la anomia: para relevar esa ausencia, los medios de comunicación encuentran un relato vicario, el fútbol, ahora expansivo e indetenible, máquina de capturar sujetos – públicos – e interpelarlos como hinchas, única forma posible, al parecer de la ciudadanía... (Ibidem, p. 22).

As concepções estéticas sobre as partidas de futebol têm muito mais a ver com o que se escreve sobre elas do que com as ações praticadas pelos jogadores. As formas de jogar brasileiras, argentinas ou europeias são mais bem observadas através das descrições presentes nos meios de comunicação do que na forma de jogo ou escola de treinadores. Isso permite que algumas equipes que representam seus países em

competições internacionais sejam entendidas como mais ou menos autênticas. Essa autenticidade não classifica, necessariamente, as práticas, as formas de jogar ou os jogadores individualmente como possíveis ou impossíveis, mas, ela sutilmente trabalha nas subjetivações, aproximando práticas de um tipo de experiência e não de outra. Esses processos são variáveis e a todo o momento o poder os recupera e os submete a novas relações de força. “A subjetivação (...) é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal” (DELEUZE, 1992, p. 123).

A identidade brasileira e sua relação com o futebol foram o caminho de entrada desse esporte nas discussões acadêmicas no início da década de 1980. Antes tratado apenas como ópio do povo, o futebol se apresentava como capaz de produzir dramas sobre a construção da identidade nacional (DAMATTA, 1982).

O que se diz sobre o *brasil* e os brasileiros a partir da *performance* da seleção constitui um tipo de narrativa *sui generis*, que não pode ser tomado como verdadeiro ou falso, pois o imaginário é um universo em relação ao qual esse tipo de confrontação não se aplica. É um espaço mais expressivo que normativo, mais poético que científico, mais criativo que disciplinar. É o universo no qual acreditar em Papai Noel e saber que são os pais quem compram os presentes de Natal não se apresentam como contraditório (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 18).

Para César Guazzelli, “o futebol gera nas sociedades contemporâneas relações de pertencimento bastante fortes que de alguma forma recriam as antigas sociedades de clãs” (2009, p. 14). Em um país da extensão do Brasil, qualquer tentativa de análise ‘totalizante’ só pode acontecer com um esforço de apagamento das particularidades regionais, locais e até mesmo clubísticas. O futebol, mais do que homogeneizar identidades, acaba permitindo a valorização de traços de identidades coletivas em pequena escala (FRAGA, 2009).

1.3 Um currículo de masculinidade ou um currículo de torcedor de futebol

Em 2008, realizei um trabalho de campo nos estádios Beira-Rio, do Internacional, e Olímpico, do Grêmio. O Beira-Rio já passara por alguns processos de ‘modernização’, que incluiu a construção de camarotes e a extinção da ‘coreia⁴⁴’, em uma ação de elitização bastante denunciada durante a construção e reforma dos estádios/arenas para a Copa do Mundo de 2014. O estádio Olímpico era, então, o estádio do Grêmio. No momento em que escrevia esta tese, o local, que foi substituído

⁴⁴ Espaço de difícil visualização que os torcedores acompanhavam as partidas em pé. O local também era destacado pelo valor bastante baixo do preço com que suas entradas eram comercializadas.

pela Arena, estava abandonado enquanto o clube ainda tentava resolver uma série de imbróglios com seu parceiro de construção da nova casa, a empreiteira OAS.

Em minha dissertação de mestrado (BANDEIRA, 2009), tentei mostrar como diferentes narrativas sobre futebol e masculinidade atravessavam as construções dos torcedores de futebol. Minha preocupação esteve centrada naqueles torcedores que acompanhavam as partidas nos estádios. A produção de torcedores de futebol e de suas masculinidades acontece de forma simultânea e ordenada. Em determinados momentos é difícil saber se os conteúdos que estão postos em cena se referem às práticas do torcer ou a uma produção de identidade masculina. Tenho algumas dúvidas se o currículo que observei no Olímpico e no Beira-Rio seria melhor caracterizado como um currículo de masculinidade ou um currículo de torcedores de futebol.

Poderíamos pensar em um gênero ‘torcedor de futebol’? Provavelmente, não seria muito produtivo propor uma classificação ou separação definitiva entre conteúdos do torcer e conteúdos de masculinidade, apesar de conseguir visualizar que alguns dos textos presentes nos estádios dialogavam em determinados momentos mais com a construção de um determinado *ethos* torcedor de futebol do que com a masculinidade daqueles sujeitos. O futebol é um esporte em que as masculinidades acabam aparecendo de forma tão privilegiada que em diferentes oportunidades corre-se o risco de tomar toda a produção do torcedor como uma produção de masculinidade. Ao se fazer torcedor de futebol, os sujeitos também se fazem masculinos. Aprender como atuar em um estádio também traz ensinamentos sobre as masculinidades inteligíveis em um contexto de bastante significação na cultura brasileira.

Na dissertação, tentei responder qual seria o currículo de masculinidade do torcedor de futebol de estádio, com seus percursos e trajetórias, seus ‘conteúdos programáticos’ e os textos que faziam parte desse processo. As apostas didáticas eram múltiplas e variadas. Localizei distintas estratégias nos cânticos repetidos que cumpriam a função de reiterar o pertencimento e as disputas tradicionais contra o rival histórico e o adversário de ocasião. Essa reiteração poderia ser pensada como uma estratégia e/ou como uma necessidade, o que permitiria, inclusive, a presença de espaços para as falhas ou equívocos nessas construções. Além desse material, também observei artigos e comentários de jornalistas e as manifestações dos clubes tanto em notas publicitárias quanto em manifestações via alto-falantes nos dias das partidas. Naquele momento, apontei para quatro eixos ou conteúdos deste currículo de masculinidade dos torcedores

de estádio: 1) Raça, garra e luta; 2) Violência e socialização; 3) Um amor de macho; 4) Masculinidades subalternas.

Em *Raça, garra e luta*, foi possível marcar que para os jogadores alcançarem sucesso nos clubes grandes de Porto Alegre era necessário algo além de suas virtudes técnicas. Os jogadores precisavam associar-se às representações de futebol gaúcho que incluíam uma vinculação com uma masculinidade específica, que valorizava aspectos viris. No período que estive em campo, o jogador Roger Flores, meia-armador que atuou no Grêmio, era reconhecidamente um bom jogador. Entretanto, ele fora advertido em diferentes situações de que seria necessário mostrar muito empenho para conquistar a torcida do Grêmio. O jogador pareceu ter entendido essa necessidade. Em todas as partidas observadas, Roger tentava recuperar a bola com um carrinho, lance arriscado e por vezes temerário, mas que se associa à grande força de vontade para a retomada da bola. Mesmo sem ter efetividade nos lances, essa demonstração de disponibilidade foi reconhecida pelos torcedores, que sempre aplaudiam essas tentativas.

Conseguí observar que tal qual os jogadores, os torcedores também poderiam/deveriam demonstrar algum empenho para acompanhar as partidas, especialmente nas torcidas organizadas/uniformizadas. Tanto na *Geral*, do Grêmio, quanto na *Popular*, do Internacional, os torcedores acompanhavam os jogos em pé, atrás do gol em local, em que era difícil assistir as partidas. Dentro dessas torcidas existia uma constante cobrança a todos que ali estivessem para uma participação ‘efetiva’ na hora dos cânticos, que deveriam ser entoados durante toda a partida. Nos demais *pedaços* do estádio, essas disputas também aconteciam. Os torcedores que deixavam o estádio antes do término da partida ouviam gritos isolados de “já vai secador” com frequência. Diferentes cânticos das torcidas apresentavam uma disposição dos torcedores e exigiam essa mesma disposição do time na busca pela vitória.

Raça, garra e luta são qualidades/ações desejadas para os jogadores e reiteradamente solicitadas pelas torcidas. Um chute forte para a lateral do campo pode ser comemorado, mesmo que sua importância para o resultado da partida possa ser questionada. Nos jornais analisados naquele momento, um jogador chegou a ser exaltado por ser “*ex-meigo*”. Essas características esperadas para os atletas exaltam a necessária demonstração de virilidade, de entrega e esforço. Em alguma medida, é possível inferir que essas qualidades podem atravessar, também, as construções sobre os torcedores, especialmente os organizados/diferenciados que mais participam da partida com suas ações torcedoras do que assistem às mesmas. Algumas faixas no Olímpico e

no Beira-Rio eram bastante ilustrativas: “*Peleando até a morte*”, “*A vida por esse campeonato*”, “*Treino é jogo e jogo é guerra*”, “*Verás que um colorado teu não foge à luta*”.

Encarar um adversário também parecia ser positivo na representação dos jogadores. O volante Eduardo Costa, do Grêmio, o goleiro Renan, do Internacional, bem como tantos outros, foram comemorados por suas torcidas quando se mostraram disponíveis para um enfrentamento físico com algum adversário. Parecia que, para essa masculinidade valorizada nos estádios, não existiriam muitas possibilidades de renunciar a um ‘convite’ para um enfrentamento físico.

Em *Violência como forma de socialização?*, questionei se, para além dos enfrentamentos físicos em que uma recusa poderia parecer difícil, xingamentos ou cânticos poderiam ser entendidos como expressões de violência. Tentei visualizar em direção a quem ou contra quem esses cânticos eram dirigidos. Por fim, tentei problematizar se os termos gay, homossexual ou ‘puto’ poderiam ser entendidos como ofensivos de forma direta. Já naquele momento, apontava uma diferença entre termos entendidos como ofensivos nos estádios. Questionei, então, se tal qual o termo macaco aparecia positivado pela torcida do Internacional, os diferentes termos como homossexual, gay, bicha e veado teriam espaço de posituação nos estádios de futebol.

Parecia-me, e ainda me parece, que as representações de masculinidades presentes nos estádios tendem a ser heteronormativas, machistas e heterossexistas. O uso frequente e, quase sempre, associado ao xingamento e às lógicas heteronormativas, pareciam impossibilitar que tal inversão de significado fosse realizado. Nos estádios de futebol, ‘putos’ são sempre os outros: torcida adversária, jogadores adversários, árbitros e os nossos jogadores quando não cumprem com o esperado. Em 2009, tomei os cânticos e gritos nos estádios de futebol como homofóbicos, me adiantando a uma discussão proposta pela FIFA com maior rigor a partir de 2015. Analiticamente, talvez fosse mais produtivo, neste momento, tomá-los como heterossexistas para poder colocar a associação dessas práticas fora do quadro de violência, ou melhor, em tensão com essa expectativa de violência bastante mais marcada no termo homofobia. Me parece que esse deslocamento me permitiria ilustrar, para além do ingrediente moral, um ingrediente estético na prática torcedora. Tomando o termo homofobia, acredito que existiria pouco espaço para pensar a manifestação dos torcedores para além da produção e veiculação de discursos de ódio. A discussão sobre se esses termos poderiam ser assim qualificados apareceu dita pelos torcedores durante minha estada em campo durante a

realização da investigação do doutorado, mas ela não se restringe a esses personagens. Diferentes autores, que têm dado privilégio a investigações sobre as manifestações culturais através do futebol, não reconhecem, necessariamente, violência em manifestações que subjugam a identidade homossexual. Além disso, o peso histórico do conceito de homofobia, já imediatamente vinculado a uma violência, também diminui a possibilidade de diálogo.

O conceito de heterossexismo, conforme utilizado por Roger Raupp Rios, talvez me ajude nesse diálogo. Segundo o autor, essa ideia rompe, inclusive, com o conceito de “fobia” preso no termo homofobia e acaba “designando um sistema em que a heterossexualidade é institucionalizada como norma social, política, econômica e jurídica, não importa se de modo explícito ou implícito” (2009, p. 62). Esse conceito, talvez, se aproxime mais do machismo que do racismo nas práticas que aparecem nos estádios. Sem vincular as atitudes, diretamente, a um crime ou a uma violência, ninguém consegue negar a existência do machismo nesses espaços. Se parece possível pensar ou questionar a possibilidade de o espaço lúdico do estádio de futebol comportar atitudes homofóbicas, me parece ser muito mais improvável negar seu componente heterossexista.

Esses gritos heterossexistas serviam (e servem) para hierarquizar a nossa torcida em relação à torcida deles, nos estádios de futebol. Os adversários são menos porque são ‘putos’. É sempre bom lembrar que não são todas as práticas homoeróticas que produzem um ‘puto’. As práticas que colocavam a masculinidade em risco eram as associadas com a passividade, sempre remetida aos adversários. Afetos na nossa torcida ou os termos de violência sexual contra o rival, em uma relação entre um conjunto de homens, não colocavam nossa masculinidade em risco.

Os cânticos heterossexistas ou homofóbicos nunca foram lidos como violentos pelos mediadores especializados e, nem mesmo, por alguns estudiosos do futebol. Naturalizados, neste contexto, eles aparecem como parte constituinte deste cenário. Os diferentes xingamentos nos estádios de futebol poderiam ser entendidos como uma possibilidade estética de socialização nesse espaço? De certo modo, poderíamos pensar na existência de um contrato tácito entre os envolvidos que autorizaria uma série de impropérios, incluindo discursos de ódio, restritos ao momento das partidas. O que me parece importante questionar é por que essa ‘tolerância’ aparece apenas quando as manifestações são verbais? Diferentes modos de violência aparecem como relevantes para distintas representações de masculinidades, como esperado, inclusive, dos

jogadores de futebol. Se cânticos que diminuem os outros poderiam ser aceitos como parte do espetáculo pela ampla maioria dos protagonistas do espetáculo esportivo, por que o rechaço ao enfrentamento físico entre torcedores era tão evidente? Dito de outro modo, se é possível aceitar gritos ‘contra’ homossexuais, negros, mulheres e todos os não gaúchos nos estádios porto-alegrenses, em função desse ‘acordo tácito’ entre os envolvidos, por que o enfrentamento físico continua sendo narrado como irracional e interdito se, poderíamos supor, existem indivíduos que aceitam essa possibilidade para resolver diferenças pontuais nesse espaço? Para encontrarmos justificativas para essa diferença, me parece que temos que olhar quais as legitimidades que essas manifestações desfrutam em outros contextos da cultura e não apenas no espaço dos estádios de futebol.

Por fim, essa socialização exigia um processo de diferenciação. O que ‘garantiria’ nossa masculinidade ou a masculinidade de nossa torcida, seria justamente a diferença em relação à outra torcida, à torcida deles. Era marcando a debilidade da masculinidade deles que reforçávamos nosso lugar privilegiado nessa hierarquia.

Em *Um amor de macho*, apontei como curiosamente nesse contexto de homofobia, que agora leio como heterossexista, e de violência potencial apareciam grandes manifestações de afetos e sentimentos masculinos. As declarações de amor dadas ao clube obedeciam vários critérios do amor romântico como a intensidade, a devoção e a eternidade. Nos estádios de futebol também apareciam, e ainda aparecem, maiores contatos físicos entre os torcedores, que vão desde saltos de um lado a outro abraçados, até a explosão do gol em que se abraçavam ‘desconhecidos’ na hora da euforia. Os jogadores, sempre alvo de rigoroso controle de suas virilidades, também tinham permissividade para demonstrações afetivas com seus companheiros.

Ao mesmo tempo, porém, seria apressado acreditar que existiria uma quebra de barreiras nas demonstrações de afetos dentro do estádio. Os abraços não pareciam tão permitidos existindo o recorte mesmo de acesso ao estádio em um setor específico. Em diferentes partidas, consegui visualizar torcedores que comemoravam os gols absolutamente sozinhos no meio da torcida. Outro interdito é que esses excessos e demonstrações afetivas são restritos aos gols e às partidas de grande excitação.

Todos esses afetos são visualizados dentro da ‘nossa torcida’. Reiteradamente gritamos por nossa masculinidade. E era entre nós, com essa masculinidade, muito brevemente, garantida que aconteciam esses carinhos e abraços. Nós que ‘possuímos’ essa representação de masculinidade positivada nos estádios de futebol.

Finalizei a sistematização de um currículo de masculinidade dos torcedores de futebol com as *Masculinidades subalternas*. Mesmo vinculado à perspectiva pós-estruturalista, acabei utilizando a definição de Michael Kimmel (1998) sobre a produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas, bastante marcadas pelo conceito gramsciano de hegemonia. Laclau reforça que existe uma ambiguidade inerente aos diferentes processos hegemônicos,

(...) os símbolos de um grupo específico assumem a certa altura uma função de representação universal certamente concede àquele grupo uma força hegemônica; mas, por outro lado, o fato de que tal função de representação universal foi adquirida ao preço do enfraquecimento do particularismo diferencial da identidade original, leva necessariamente à conclusão de que essa hegemonia vai ser precária e contestada (1997, p. 18).

Talvez, a pergunta mais recorrente durante toda a investigação do mestrado, não a questão de pesquisa, mas o que me instigou a realizar a investigação foi acerca de quais seriam as representações de masculinidades presentes nos estádios de futebol e de que maneira elas se hierarquizavam. No contexto dos estádios Olímpico e Beira-Rio, consegui visualizar duas representações de masculinidade mais evidentes: a ‘nossa’ e a ‘deles’. Talvez, se a pergunta fosse sobre as representações sobre torcida de estádio, essas duas marcações permaneceriam possíveis, o que reforça meu entendimento de que essas produções, a de torcedores e a de masculinidades, estão intimamente imbricadas.

Essas representações não são uniformes, coerentes ou definitivas, mas é perceptível que elas se diferenciavam uma da outra. Sobre a nossa masculinidade pouco se dizia. Ela se afirmava na masculinidade deles, dos outros. Ações que nossa torcida praticava sobre a torcida deles poderiam ser entendidas como úteis para a hierarquização das masculinidades. Algumas dessas ações estavam presentes em diferentes cânticos e gritos como botar o adversário para ‘correr’, cantar mais ou beber bastante. De qualquer maneira, a principal construção de nossa masculinidade estava na forma como nos referíamos às masculinidades deles. Era porque eles eram “putos” e “cagões” que éramos mais masculinos.

Os xingamentos apareciam como uma estética dominante no contexto masculino dos estádios de futebol. Duas delas foram mais facilmente escutadas devido a suas constantes reiteraões. Os torcedores, no Beira-Rio, xingavam e tomavam os rivais por série B⁴⁵, assim como os colorados eram ofensivamente marcados como macacos⁴⁶ no

⁴⁵ Até seu descenso de categoria em 2016, os torcedores do Internacional, um dos poucos grandes clubes que nunca havia sido rebaixado no torneio nacional, usavam essa terminologia para diferenciar-se dos torcedores do Grêmio, clube que foi despromovido em duas ocasiões, nos campeonatos brasileiros de 1991 e 2004.

Olímpico como forma de insulto. Em ambos os estádios, gremistas e colorados xingavam-se uns aos outros, também, de “bicha”, “veado” ou “puto”.

Nos estádios, dois tipos de ofensas eram mais reiteradas. Uma delas era ofender os sujeitos por torcerem pelo adversário. Ser colorado no Olímpico era xingamento da mesma forma que ser gremista no Beira-Rio. Além de colorado (ou macaco) e gremista (ou série B), os torcedores adversários também são xingados de “putos”. Ser “puto” nesse contexto, para além da relação com a homossexualidade, poderia significar que eles não amavam tanto como nós, não bebiam tanto como nós, não eram tão fiéis, não davam a vida por uma conquista e fugiam de confrontos físicos.

Por fim, marquei que esse funcionamento e essas representações estavam potencializados pelo ambiente do estádio e pela presença da multidão. Esses xingamentos pareciam diminuir de intensidade, ou mesmo cessarem, em outras circunstâncias que não as partidas ou entre indivíduos solitários. Nesse contexto de intensa produção binária no torcer, as masculinidades positivadas e negativadas nos dois estádios eram as mesmas. “Em um confronto entre as masculinidades de gremistas e colorados o resultado, provavelmente, seria um empate. Se o jogo fosse entre masculinidades, gremistas e colorados estariam lado a lado” (BANDEIRA, 2009, p. 114-115).

1.4 Uma tentativa de delimitação: diferentes atravessamentos colocando em questão um currículo de masculinidades dos torcedores de estádio

Durante a construção de meu projeto de tese, fiz uma aposta que, após o processo de qualificação, junto com a banca e meu orientador, verifiquei equivocada. Minha hipótese era de que estaríamos vivendo um novo currículo de masculinidades nos estádios de futebol. Essa aposta estava baseada, especialmente, na construção ou na reforma de estádios e arenas para os torcedores de futebol no Brasil. Dizia, então, que para além das alterações arquitetônicas, esses novos estádios ou arenas carregavam uma série de enunciados do que seria ou não adequado de ser dito, vivido e experimentado nesses novos equipamentos de lazer em multidão. Continuo acreditando que a alteração das praças esportivas poderia exigir certa adequação do torcer, mas a ideia de ‘novo’ ou,

⁴⁶ O termo macaco será alvo de um maior detalhamento ao longo da tese, especialmente no capítulo 5. Esse termo muito discutido seria utilizado pelos gremistas em função de o Internacional ter aceitado a presença de atletas negros antes de seu principal rival e ter construído certo mito de origem em que a presença desses atletas se daria desde sua fundação em 1909, o que não é corroborado pela historiografia.

para repetir a expressão de um jornalista citado anteriormente, “nada será como antes”, parece não se sustentar, muito especialmente por três considerações relevantes: a) para existir tal ‘novo’ seria preciso que o anterior ou antigo existisse de forma cristalizada e sem fissuras, o que não se sustenta; b) os processos pedagógicos poderão ser distintos, mas é difícil acreditar que esses investimentos não serão contestados ou resistidos; c) por fim, a novidade também exigiria certa substituição, como se as representações de masculinidade outrora presentes nos estádios fossem excluídas para o ingresso de outras, como se essas não se constituíssem mutuamente em um processo constante e sempre aberto a variações, tensões e disputas.

Em alguma medida, a presença de um ‘novo’ currículo de masculinidade negaria que a masculinidade e sua representação em um determinado contexto cultural não é uniforme. Diferentes masculinidades podem ser, e são, vividas em um mesmo local. Com isso, não se nega que exista uma série de enfrentamentos entre diferentes representações, assim como não se entende que essas diferentes representações possuam a mesma legitimidade. Acabei olvidando um pressuposto importante nas investigações sobre masculinidades, que eu mesmo já havia utilizado e que apontam que “olhar para as masculinidades em um contexto cultural específico é tentar enxergar como as diferentes masculinidades são representadas e hierarquizadas” (BANDEIRA, 2009, p. 15).

Me parece que os novos estádios, e mais ainda o novo estádio do Grêmio, seriam algo que pudessem justificar um novo olhar para as praças esportivas como se fosse necessário romper com o trabalho realizado no mestrado para justificar esse ‘novo’ investimento. Acredito que certo clima nostálgico me acompanhou enquanto torcedor obrigado a abandonar um lugar de tantas socializações e pelo qual nutria, e sigo nutrindo, um grande carinho. Pablo Alabarces aponta que a nostalgia seria um tanto constante dentro da complexidade discursiva do futebol, “el remanido tópico de que ‘antes se jugaba mejor’ es una afirmación registrada desde 1920, cuando Juan Brown, la primera estrella surgida del escocés Alumni, se lamentaba de la pérdida en la calidad del juego” (2014, p. 62). Além disso, dentro de certa ‘comunidade’ de pesquisadores que tomam o futebol como seu *locus* de investigação, existiu uma série de denúncias contra o processo de elitização do futebol, muito também a partir da construção de uma representação estereotipada altamente positivada dos torcedores ‘populares’, entendendo estes como os ‘verdadeiros’ ou ‘genuínos’ torcedores dos estádios. Nessas denúncias, uma sociabilidade torcedora bastante mais associada ao popular estaria

sendo excluída e substituída por certo comportamento mais ‘civilizado’ das classes médias e altas. Essa substituição foi vista, em alguns casos, como tributária principalmente dos novos espaços do torcer, ignorando que certa ‘modernização’⁴⁷ dos estádios, dos torcedores e da relação destes com os clubes já vinha sendo alvo de constantes investimentos muito antes de o Brasil ser confirmado como sede da Copa do Mundo de 2014. Renato Saldanha e Silvana Goellner informam como a revista *Placar*, uma das principais publicações brasileiras referentes ao futebol, já apontava para essa produção de consumidores nos estádios de futebol em meados da década de 1990.

A utilização de termos como “consumidor” e “clientes” para se referir àqueles que frequentam as arquibancadas não é casual. Com a valorização de aspectos econômicos no esporte, *Placar* sugere que a relação entre o torcedor e sua equipe também seja orientada por princípios comerciais, onde ao torcedor caberia consumir o espetáculo que lhe é ofertado pelo clube (SALDANHA; GOELLNER, 2013, p. 288).

As melhorias nos estádios de futebol tiveram seu processo, tal como conhecemos hoje, iniciado após as tragédias inglesas do final da década de 1980. Ali, se fazia necessário ‘modernizar’ os estádios para dar maior segurança e conforto ao público. Essa melhoria nas praças esportivas, somadas à diminuição dos lugares de venda, acabaria produzindo certa equação simplória de aumento do valor dos ingressos para o pagamento dos custos e a não diminuição das receitas no futebol (talvez tenha faltado nesse cálculo a grande ampliação dos investimentos televisivos a partir da década de 1990), “la ‘solución inglesa’, junto con una serie de apuestas positivas, terminó concretando una radical exclusión de públicos: justos o pecadores, pero todos populares. Una suerte de ‘blanqueamiento’ de los estadios con justificaciones ‘de mercado’ (ALABARCES, 2014, p. 143).

Conforme diversos estudos assinalam, uma nova economia do futebol emergiu a partir da década de 1980, e nela a receita principal dos clubes deixou de ser a afluência maciça de indivíduos de baixa renda aos estádios. Opulentos contratos de transmissão televisiva e patrocínios de marcas passaram a definir a economia dos clubes. A valorização extrema dos atletas (os novos “stars”) não era mais condizente com estádios que os colocavam vulneráveis à fúria da multidão. Ao mesmo tempo, essas novas “estrelas” midiáticas despertam interesse numa classe média-alta disposta a pagar caro para frequentar os estádios, desde que em condições de conforto e segurança (MASCARENHAS, 2014, p. 217).

Talvez, seja ainda necessário dar um passo atrás e pensar no ingresso de João Havelange na FIFA, em 1974. O mandatário, que permaneceu no cargo até 1998,

⁴⁷ Este termo é bastante perigoso, uma vez que poderia remeter a uma série de informações potentes que variam da leitura da modernidade como um período histórico ou da mesma modernidade como um critério estético na leitura de obras arquitetônicas. Este termo aqui, assim como ao longo da tese, é utilizado por ser uma palavra bastante recorrente tanto no jornalismo esportivo, quanto nos dizeres dos torcedores com quem dialoguei ao longo da investigação.

ampliou em muito as cifras envolvidas em seu produto chamado futebol. A ‘modernização’, desta vez da gestão, apareceu como uma necessidade para que os eventos da federação fossem mais lucrativos (e, conjuntamente, aumentassem as possibilidades de corrupção...).

Desde 1974, quando o brasileiro João Havelange assumiu a presidência da FIFA, tal entidade iniciou um processo de profunda reestruturação na economia e gestão do futebol mundial, implantando padrões gerenciais que culminaram no quadro atual: a competição movimentou cifras colossais e exige dos países-sede elevado investimento em estádios, sem o devido compromisso com sua sustentabilidade futura. Após o megaevento, o equipamento permanece na paisagem e nas contas governamentais, a despeito do desencontro com as necessidades locais, condenando à exposição pública, símbolo da irresponsabilidade fiscal (MASCARENHAS, 2014, p. 216).

No Brasil, durante o governo de Itamar Franco, a chamada *Lei Zico*⁴⁸ instituía a obrigatoriedade de os clubes de futebol tornarem-se empresas, seguindo a mesma lógica de negócio, mercado e responsabilização que, supostamente, auxiliariam na melhoria da vida financeira dos então clubes, além de aumentar o controle pelos órgãos governamentais. A partir da *Lei Pelé*⁴⁹, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, a transformação dos clubes em empresa se tornou facultativa, em uma vitória da chamada ‘bancada da bola’⁵⁰. As obrigações a que as empresas se submetiam pareciam ser demasiadas em relação aquelas que regulavam nossos contemporâneos clubes esportivos. Verónica Moreira marca que esse processo de transformar os clubes em empresas iniciou na Europa, no início da década de 1980.

En Europa, más precisamente en Italia, hacia 1981 la legislación dio libertad a los clubes de fútbol para convertirse en empresas comerciales pertenecientes a grupos económicos. A cambio de esto, una comisión de vigilancia del Estado ejercería un fuerte control de la administración y una fiscalización de los balances de las instituciones. Subyacía la idea de que la transferencia del patrimonio de los clubes a empresas privadas sanearía las finanzas y moralizaría la gestión en las entidades deportivas que estaban sospechadas de corrupción (2016, p. 156).

Mesmo sem a obrigatoriedade da lei, o conceito de ‘modernização’ seguiu tomando conta do vocabulário diretivo no futebol brasileiro, além de ser insistentemente cobrado pelo jornalismo esportivo, com frequências cíclicas entre maiores e menores cobranças. Um aspecto que precisaria ser modernizado eram nossos estádios, quase todos com condições bastante insalubres para os torcedores. A Arena da Baixada, do Clube Atlético Paranaense⁵¹, em 1999, foi a primeira tentativa nacional de adequação

⁴⁸ Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993.

⁴⁹ Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998.

⁵⁰ Termo recorrente no jornalismo esportivo fazendo referência aos parlamentares envolvidos com clubes e federações de futebol.

⁵¹ De agora em diante, Atlético Paranaense.

dos estádios à ‘modernidade’, que no caso das praças esportivas também poderia ser intitulada de “padrão FIFA”. “Em 1995, vislumbramos o início de uma nova fase na história dos estádios brasileiros. Começam as reformas no sentido de redução da capacidade, e, logo a seguir, uma nova geração de equipamentos, inaugurada com a Arena da Baixada, em Curitiba, em 1999” (MASCARENHAS, 2014, p. 168).

A Copa do Mundo da FIFA de 2014, realizada no Brasil, auxiliou, em alguma medida, a catalisar a reforma dos estádios, “desde o final dos anos 1990 iniciamos nossa onda de ‘modernização’ dos estádios, seguindo os ditames da FIFA e as novas tendências de converter o público ruidoso, móvel e imprevisível em massa comportada, fixada em seus assentos” (MASCARENHAS, 2014, p. 210). Algumas formas de materialização dos já existentes processos de ‘modernização’ poderiam ser visualizadas nas novas arenas edificadas nesse período. A competição organizada pela FIFA poderia ser tomada “como fenômeno acelerador de tendências neoliberais já em curso no futebol brasileiro; particularmente, como evento que inscreverá em nosso território uma nova paisagem futebolística, por meio de novas ‘arenas’” (Ibidem). Junto com um maior controle e disciplinamento dos corpos e do aumento do preço das entradas, diferentes pedagogias culturais apareceram no contexto mais amplo do futebol nacional e internacional, apresentando problemas até então quase esquecidos neste ambiente.

O ambiente dos estádios de futebol, no Brasil, “assim como diversas situações relacionadas a uma partida de futebol, são percebidos como lugares em que as emoções são consideradas manifestações não apenas aceitáveis, mas até exigidas” (COSTA, 2014, p. 188). Essas emoções aceitas e exigidas acabaram autorizando um ambiente com presença significativa de insultos que, por serem produzidos nesse espaço distinto do cotidiano, não carregariam as mesmas sanções morais e mesmo estéticas em relação a outros espaços. Invadidos por discursos que se aproximavam de demandas dos direitos humanos, a elitização⁵² e a contenção dos públicos torcedores também vieram acompanhadas de um olhar mais atento ao que os torcedores dizem, gritam e cantam.

Em 2014, na Arena do Grêmio, um grito de macaco ao então goleiro do Santos Futebol Clube⁵³, Aranha, não apenas impôs sanções ao clube e aos torcedores flagrados pelas câmeras de segurança e da televisão, como interditou o termo ‘macaco’ e seu

⁵² Um dos parâmetros para a confirmação desse chamado processo de elitização pode ser encontrado no aumento do preço dos ingressos, uma vez que “um ingresso, que, nos últimos dez anos, em todo o Brasil, sofreu reajuste médio de 300%, contra apenas 73% da inflação geral, e 84% de aumento da cesta básica. Apesar dos estádios vazios, os ingressos continuam apresentando aumento de preço, numa clara política de ‘seleção de clientes’” (MASCARENHAS, 2014, p. 222).

⁵³ De agora em diante, Santos.

derivado ‘macacada’ para se referir aos torcedores do Internacional, histórico rival do Grêmio.

Algumas proibições sobre manifestações de torcedores têm aparecido nos estádios de futebol. A interdição aos cânticos racistas está mais explícita do que aos cânticos entendidos como homofóbicos. A FIFA, inclusive, já aplicou sanções e as interdições aparecem de maneira mais explícita nas regras do jogo. Essas proibições, porém, não podem ser entendidas como a resolução dos episódios. Como nos lembra Verena Stolke: “una prohibición sólo tiene sentido si la conducta sancionada puede ocurrir” (2004, p. 95). Por vezes, parece ser mais interessante, ou mais fácil, localizar algumas transformações a partir de uma ruptura arquitetônica ou uma lei ‘imposta’. Entretanto, parece que pensar a partir dos diferentes atravessamentos do circuito da cultura tende a ser mais produtivo. Pablo Alabarces lembra que as discursividades racial e racista aparecem com bastante destaque nos esportes

(...) sin ir más lejos; abundan los deportistas de diversas negritudes, y eso parece producir resultados deportivos que el comentarista de turno no puede explicar. (...) En cada Juego Olímpico, los triunfos de los atletas negros llevan a intensas disquisiciones que intentan explicar racialmente las victorias, sin darse cuenta de que el mismo deporte muestra la ausencia de reglas raciales y la presencia de variables étnicas -los velocistas son jamaquinos y jamaquinas, no negros y negras (ALABARCES, 2014, p. 39-40).

Na Argentina, partidas são interrompidas ou suspensas caso apareçam cânticos racistas ou xenófobos. Alejandro Grimson destaca que “si es necesario, una y otra vez, suspender partidos por los cánticos que sólo cesan ante la posibilidad de la cancelación del evento, es porque de hecho sí hay un fuerte racismo coloquial, social e informal en la sociedad argentina” (2012, p. 90).

Além desse combate a termos com referencial racista, alguns grupos nas redes sociais e a própria FIFA se posicionaram favoráveis à diminuição dos insultos machistas e homofóbicos nos estádios de futebol. O Grêmio, que foi punido por cânticos racistas, nunca sofreu sanções por gritos ou cânticos vinculados à sexualidade. A ideia do estádio de futebol como reserva masculina poderia ser utilizada aqui como justificativa para essa diferença de tratamento entre os dois tipos de insultos.

Los argentinos ya nos hemos acostumbrado a que los árbitros detengan los partidos de fútbol ante cánticos racistas contra los bolivianos, los negros o los judíos. Pero los insultos homofóbicos están completamente permitidos porque al menos el fútbol queda reservado para los “bien machos”. Una extraña concepción de la discriminación (GRIMSON, 2012, p. 110).

A FIFA chegou a punir, no segundo semestre de 2015, seis federações por cânticos, entendidos por ela, como homofóbicos⁵⁴. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) foi punida em 20 mil francos após a partida contra a Colômbia pelas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2018, realizada no dia 06 de setembro de 2016. No comunicado, a entidade afirmou:

Todos estes procedimentos têm relação com torcedores que mostraram uma conduta discriminatória ou antidesportiva, chegando inclusive a entoar cantos homofóbicos em alguns casos. A Comissão Disciplinar da FIFA emitiu seus vereditos depois de analisar as circunstâncias específicas de cada expediente, em particular, as súmulas dos árbitros, a postura da federação e o relatório do observador antidiscriminação do jogo e das provas disponíveis. Em alguns casos, também foram levados em conta certos atenuantes, como os esforços das federações para conscientizar os espectadores e lutar contra a discriminação⁵⁵.

Junto a isso, podemos entender que, especificamente na torcida do Grêmio – em alguma medida, para acalmar as denúncias de racismo sofridas pelo clube –, vivemos certa ressurreição da Coligay, torcida homossexual do clube entre o final da década de 1970 e início de 1980. Neste momento, ainda não parece possível vislumbrar a hipótese de seu retorno à Arena. Entretanto, um livro e um curta metragem já foram produzidos sobre ela. Além desses materiais, existe uma tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PGCMH/UFRGS) em andamento e o próprio clube ‘oficializou’ a existência da torcida em seu museu, inaugurado no início de 2016 em seu novo estádio. No antigo memorial, existente no estádio Olímpico, nenhuma menção era feita à existência dessa experiência torcedora.

É nesse espectro amplo de uma lógica de ‘modernização’ do futebol e de suas praças esportivas, catalisado no Brasil a partir da Copa de 2014, que retomo o olhar sobre um currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. De que maneira as reformas nesses espaços do torcer e a reorganização de alguns de seus conteúdos atravessam esse currículo de masculinidades dos estádios de futebol? O que reifica e o que rompe o currículo localizado em 2009 nos antigos estádios Olímpico e Beira-Rio (antes da reforma)? Como os sujeitos torcedores sentem-se interpelados por esse reposicionamento discursivo vinculado a modos adequados ou não de torcer nas arenas?

Essas questões desenhadas apresentarão três caminhos mais importantes na tentativa da interpretação. O primeiro caminho parte da realização de uma etnografia na

⁵⁴ Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/fifa-multa-federacoes-de-futebol-por-cantos-homofobicos-de-torcida/>. Acesso em 17/01/2017, às 15h36.

⁵⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2016/10/fifa-multa-cbf-por-gritos-homofobicos-de-torcedores-em-brasil-x-colombia.html>. Acesso em 10/01/2017, às 9h46.

Arena do Grêmio, que me permitiu discutir como o sujeito coletivo ‘torcida do Grêmio’ recebe esses diferentes movimentos. Como segundo material, observei alguns ditos individuais e de que maneira eles ressoaram ou não nesse espaço. O terceiro material foi produzido por meio de diálogos gravados com pequenos grupos de torcedores no estádio em dias de partidas, que me permitiram perguntar mais diretamente como estes indivíduos percebiam, enquanto sujeitos torcedores, a elitização dos estádios, a interdição de cânticos, os eventuais episódios de racismo e de homofobia, além de certo ressurgimento da Coligay. Diferentes materiais produzidos pelos jornalistas esportivos também foram utilizados como apoio, especialmente marcando o protagonismo discursivo desses atores no campo futebolístico.

Nos primeiros passos da investigação, acreditava que existiria um atravessamento significativo nas masculinidades ou no currículo de masculinidades nos novos estádios de futebol. Acredito que meu lugar de pesquisador e de torcedor esteve muito borrado neste momento e minha preocupação como torcedor desse novo espaço pode ter predominado em relação a um olhar mais apurado para o fenômeno. Na continuidade da tese, discutirei um pouco mais meu envolvimento com este *locus* de investigação, mas já adianto que, para além dos interesses acadêmicos, sou torcedor do Grêmio e bastante atravessado pelos processos de subjetivação presente nos estádios de futebol. Além disso, desde minha primeira investigação, tenho trabalhado com temáticas vinculadas ao esporte tratando sobre gênero, sexualidade e diferentes representações étnicas e regionais. Esse envolvimento intenso com a temática, ao mesmo tempo em que me permite transitar com certa desenvoltura por alguns espaços, me dificulta a condição de estranhar algumas práticas correntes, além de ter produzido uma dificuldade significativa no momento da delimitação de meu problema de pesquisa.

Minha expectativa era de que esses novos espaços para o torcer produziram novos discursos e conteúdos associados à masculinidade dos torcedores, produzindo novas representações sobre os torcedores e sobre o ser homem ou masculino simultaneamente.

Esses novos objetos geográficos trazem não apenas uma arquitetura pujante e monumental, alvo de ufanismo e novo cartão-postal em nossas metrópoles. Trazem em si novos conteúdos da urbanização, ao propor e impor suas novas formas de vivenciar a vida pública e o futebol. Num trabalho genuinamente antisséptico, busca-se afastar dos estádios indícios de uma “cultura” fermentada no Brasil ao longo de pelo menos quatro décadas (MASCARENHAS, 2014, p. 211).

Meu equívoco mais importante, aqui, foi pensar na lógica de uma ruptura fixando o que se entenderia por representação de masculinidades nos estádios de futebol, negando a constante luta por significação. Acredito, também, que exagerei na autonomia dada ao futebol e ao estádio, seu lugar privilegiado, tal qual as diferentes igrejas para as diferentes religiões, ou a escola para a educação. Alguns atores entendem que o estádio é uma reprodução direta da sociedade ou possuiria ao contrário, em termos *bourdianos*, seu próprio campo de maneira autônoma em relação ao conjunto mais amplo da cultura. Já percebia uma série de sensibilidades e olhares distintos para o que ocorria nesses novos estádios, mas, isso me parece muito mais produtivamente pensado se colocado no lugar do circuito da cultura e de que maneira este dialoga com os eventos que acontecem nos estádios de futebol neste momento, realçando o caráter provisório das normas, das representações e das identidades.

Em alguma medida, foi durante a estada em campo, o diálogo com os torcedores, a volta para a construção dos diários de campo e a leitura das referências bibliográficas que consegui, minimamente, recortar o que posso apresentar neste momento como minha questão de pesquisa efetiva: como o caso Aranha e a Coligay atravessam e reconfiguram um currículo de masculinidade dos torcedores de futebol de estádio? Esses casos acabaram pautando boa parte dos diálogos realizados durante o ano de realização do trabalho de campo e acabaram capturando meu olhar e meus questionamentos.

Para tentar me aproximar de algumas pistas sobre como os torcedores dialogaram com esses episódios e com a mudança de estádio, bem como de que forma essas situações reconfiguraram, de alguma maneira, uma concepção estética-ética-moral do estar em um estádio de futebol e se fazer homem ou masculino através dessa socialização, esta tese está escrita em sete capítulos. Após essa apresentação, que tentou delimitar algumas formas de pensar sobre os estádios de futebol e a construção de masculinidades, apresentarei, no capítulo dois, algumas perspectivas apontadas em função da realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, e de que forma os torcedores dialogam com essa série de disputas por significados, além das impressões dos torcedores do Grêmio nesse trânsito de saída do estádio Olímpico e chegada à Arena do Grêmio. O capítulo três estará mais preocupado com uma discussão teórica, focado nos conceitos de gênero, pedagogias culturais e currículo, além de realizar uma discussão sobre a produção do material empírico a partir de uma etnografia realizada na Arena do Grêmio entre 2015 e 2016. No capítulo quatro, destaco com maior ênfase a

entrada de conteúdos que não estavam visíveis quando de minha investigação no mestrado e que acabaram questionando as atitudes e as manifestações dos torcedores nos estádios. O capítulo cinco faz uma aproximação com a discussão sobre manifestações racistas nos estádios e como ela é disputada entre diferentes atores, além de destacar o caso Aranha. No capítulo seis, discuto como as manifestações que utilizam a sexualidade como moeda corrente vêm sendo interpretadas pelos torcedores, bem como o modo como eles se relacionam com a memória da Coligay na história da torcida do Grêmio. Finalizo a tese tentando mostrar de que modo a mudança de estádio, a elitização e uma maior sensibilidade para manifestações relacionadas à raça/etnia e à sexualidade atravessaram um currículo de masculinidade dos torcedores de estádio ou de arena.

2 ESTÁDIOS DE FUTEBOL E A PRODUÇÃO DE TORCEDORES E DE MASCULINIDADES

Existe certo consenso de que os esportes, como os conhecemos, são um fenômeno próprio da modernidade. Os esportes modernos, seja em sua prática ou em sua fruição, acabam sendo um espaço privilegiado de investigação sobre as masculinidades. Para Martine Segalen, os esportes acabam sendo a única instância contemporânea em que os homens poderiam se fantasiar, o que segundo a autora pode ser entendido como “uma forma primeira de travestimento de sua identidade” (2002, p. 82). Nascido nas *public school* inglesas e com origem aristocrática, o futebol se converteu em uma prática multiclassista, transgeracional e, potencialmente, transgênerica (FIENGO, 2003). Apesar dessa potencialidade transgênerica, ainda existem hierarquias de gênero bastante marcadas com conteúdos específicos, abordando não apenas a predominância da masculinidade como representação legítima no espaço do futebol de espetáculo, como limitando as possibilidades de vivências dessa masculinidade. O futebol “se transformó en una pasión planetaria y es posiblemente el único elemento de una cultura mundial masculina entendida por todos y que transgrede la diversidad de regiones y de generaciones” (BROMBERGER, 2001, p. 17). Pablo Alabarces (2014) lembra que existe uma série de representações bastante cristalizadas na cultura do futebol, dentre as quais a de que esta seria uma cultura masculina e reservada aos homens.

O contexto de produções de masculinidade dos estádios de futebol é marcado por um forte heterossexismo e por manifestações constantes que desvalorizam masculinidades que fujam de representações heteronormativas. Nos estádios, também existe de forma um tanto permanente, certa promessa de confrontos físicos. Curiosamente, neste espaço, também aparecem grandes manifestações públicas de sentimentos e de afetos masculinos. Nos estádios de futebol, demonstrações de afetos entre homens parecem não causar o mesmo impacto de reprovação que em outras esferas de nossa cultura heteronormativa. Em alguma medida, os estádios poderiam ser entendidos como casa-dos-homens. “Nesses grupos monossexuados se incorporam os gestos, movimentos, reações masculinas, todo o capital de atitudes que contribuirão para se tornar um homem” (WELZER-LANG, 2001, p. 463). Nesse contexto específico, algumas práticas são autorizadas em um processo coletivo de construção de fraternidades e solidariedades masculinas. No estádio se está, ao mesmo tempo, em casa

e no espaço público. Os palcos onde ocorrem os jogos carregam e instauram representações importantes na cultura do futebol. Os estádios são entendidos como a ‘casa’ de seus respectivos clubes. Esse entendimento é produtivo para pensarmos nas produções de significados. Como lembra Roberto DaMatta, “sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns de seus espaços” (1997, p. 50).

Não é possível entender que o futebol ou as torcidas nos estádios produzam ou veiculem um único modelo de masculinidade. Porém, “as possibilidades de ser homem são muito estreitas, há pouco espaço para a variação” (SEFFNER, 2004a, p. 100). Além disso, apontar apenas que diferentes masculinidades são produzidas na cultura não pode ignorar que essas produções são legitimadas de forma desigual.

(...) não é suficiente afirmar que os sujeitos humanos são construídos, pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos “humano”, o inumano, o humanamente impensável. Esses locais excluídos vêm a limitar o “humano” com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação (BUTLER, 2001, p. 161).

Na construção do “mais humano” modelo de masculinidade de nossa cultura heteronormativa, especialmente os construídos pelos currículos esportivos e futebolísticos, algumas ações são importantes para que esses sujeitos sejam bem avaliados. Um dos principais conteúdos desse currículo é a constante desvalorização das práticas homoeróticas, especialmente aquelas associadas à passividade. Em minha dissertação de mestrado (BANDEIRA, 2009), pude verificar que a sexualidade aparecia como um conteúdo definitivo para a marcação dos sujeitos “humanos” ou “humanamente impensáveis” nos estádios de futebol. A relação se estabelecia entre um ‘nós’, associado a masculinidades heterossexuais, viris e guerreiras, diferente ‘deles’, mais próximos das masculinidades não heterossexuais e das feminilidades. A própria concepção do esporte carrega, historicamente, essa hierarquização que valoriza elementos associados aos homens e à masculinidade. Georges Vigarello recorda que nos princípios do século XX,

(...) os ideólogos do esporte, em particular, multiplicam os argumentos que promovem a perfeição masculina: tanto o vigor como sua aplicação monitorada, tanto o “músculo” como sua “utilização” moral, a exemplificação dos confrontos, a “luta” de homens valorizados, legitimados por um universo de árbitros e de regulamentos. Assim, uma qualidade se impõe no âmago da excelência, ou seja, a virilidade (2013, p. 270).

O mesmo autor destaca que a virilidade perderia seu protagonismo quando, a partir da presença das mulheres no esporte, os mesmos atributos como força, coragem e

determinação seriam valorizados e exigidos, também, para elas (VIGARELLO, 2013). A afirmação do autor me permite fazer pequenos apontamentos sobre o conceito de gênero que serão mais bem explorados na continuidade do texto. Em primeiro lugar, o gênero não pode ser pensado como colado em corpos naturalmente distintos. Eventualmente, os esportes poderiam potencializar uma discussão sobre o conceito de gênero em algumas direções. Aponto duas possibilidades de tensionamento em direções contrárias: a) poderia existir uma exigência de performance esportiva que desconsiderasse o corpo de homens e mulheres? Ao mesmo tempo em que permanece sendo uma das áreas que realiza a maior diferenciação entre homens e mulheres (como nas competições exclusivas e separadas), uma expectativa de performance idêntica poderia borrar as fronteiras de gênero?; b) as masculinidades poderiam ser tão protagonistas nas construções de representações esportivas que a expectativa de bom resultado deveria ser sempre associada às representações masculinas fazendo com que, em alguma medida, o esporte seja entendido como masculino, inclusive dispensando a necessidade dessa adjetivação? Com isso, sempre que o esporte fosse adjetivado de feminino estaríamos falando de algo hierarquicamente inferior, reforçando as fronteiras existentes?

É interessante notar que essa mesma hierarquização ‘contra’ feminilidades e masculinidades não heteronormativas ocorre em diferentes locais da cultura, fazendo com que os sujeitos que são ‘alvo’ de importantes xingamentos nos estádios de futebol e desvalorizados nas representações esportivas, também sejam mais propensos a sofrerem violência em outros contextos sociais. Os “homens gays se tornam alvos sistemáticos do preconceito e da violência. Homens efeminados e débeis são constantemente humilhados” (CONNELL, 1995, p. 197).

Violência e/ou agressividade são outros conteúdos destacáveis desse currículo de masculinidade. Essas características aparecem como desejáveis em alguns modelos de masculinidade, mesmo que em gradações discutíveis. O futebol utiliza uma importante linguagem bélica, podendo ser entendido como um substituto para os impulsos direcionados ao conflito armado (BRANCO, 2006). Para Vigarello, existe certa reserva masculina que faz com que a “guerra” esportiva se constitua como um espaço privilegiado, “aquele onde as qualidades mais reiteradas do masculino pretendem, algumas vezes ainda, conservar um privilégio amplamente contestado em outros contextos, em virtude sem dúvida de sua ‘fiscalidade’ imediata” (2013, p. 301). Pablo Alabarces entende que os meios de comunicação deveriam assumir a responsabilidade

de reconduzir o esporte para a festa, diminuindo a dramatização dos jogos e não reforçando os conflitos que não sejam estritamente o das equipes durante a disputa das partidas. “Eso exige modificar lenguajes y costumbres, asumir con una conciencia aguda qué se dice cuando se hace, por ejemplo, un mínimo chiste o se afirma ‘ganar o morir’” (2014, p. 193).

Mesmo que vinculado a uma série de representações belicistas e exaltando uma masculinidade um tanto vinculada aos enfrentamentos, Norbert Elias (1993) também destaca que a produção dos esportes se associa à lógica da diminuição do uso da violência. Os espectadores de futebol poderiam sentir uma emoção mimética do enfrentamento sabendo que os riscos físicos deles, espectadores, e dos jogadores são pequenos.

O futebol aparece como atividade que canaliza ou gera emoções significativas, referências identitárias, solidariedade, pertencimento, consumismo, conflitos e violência sob o ponto de vista coletivo. No plano individual, é uma máquina de sonhos e decepções. Mas, sobretudo, o esporte é um valioso passatempo, uma atividade antitédio privilegiada tanto para o praticante quanto para o espectador (PEREIRA; LOVISOLO, 2014, p. 53).

Com uma carga simbólica e afetiva importante, a construção de enfrentamentos simbólicos possui com a coletividade e com seu tempo de duração uma relação destacada de produção de sentidos. Separado da vida cotidiana

(...) activam-se sentimentos muito fortes, num quadro imaginário, e a sua manifestação aberta na companhia de muitas outras pessoas pode ser a mais agradável e libertadora de todas, porque na sociedade, de um modo geral, as pessoas estão mais isoladas e têm poucas oportunidades para manifestações colectivas de sentimentos intensos (ELIAS, 1993, p. 71-72).

Sobre os ‘excessos’ e a violência visível nos estádios, Elias (1993) aponta que o aumento das tensões em toda a sociedade pode atravessar essas produções. Segundo ele, os jogos competitivos permitem que os torcedores encarem um “descontrole” de afetos e emoções controlados e prazerosos. A questão sobre a violência seria mais bem colocada perguntando o que ocorre se a sociedade em geral não prepara todos os setores com controles de emoções suficientemente fortes e permite, inclusive, que alguns setores possam entender a violência como uma forma de prazer (Ibidem). Algumas dessas manifestações dos torcedores, mesmo as que não utilizam a violência como um instrumento, portam algumas reivindicações sociais, especialmente a de pertencimento (RIBEIRO, 2007). A violência dos estádios de futebol é constantemente convocada quando se procuram justificativas para o “aburguesamento do esporte” (Ibidem, p. 57). A segurança tende a ser um elemento positivado na justificativa para os processos de elitização pelos quais o estádio vai modificando seu público e a forma deste público de

relacionar-se com este equipamento. Maicon acreditava que *“é bom tu teres um conforto no estádio, poder sentar, ter aquela, até a própria segurança como eu falei, eu acho que tem se notado que já aconteceram casos na Arena, mas tem se notado muito menos casos de briga, de vandalismo, de coisas que no Olímpico”* (DC 16). Rhodolfo apontava que uma das principais diferenças que ele visualiza na Arena, em relação ao que existia no Olímpico, também estava relacionada com o controle ou segurança, *“aqui é tudo controlado, tudo certinho, as cadeirinhas marcadas, vai de turminha, antes lá não, era tudo aglomerado e eu acredito que seja uma forma de evitar tumultos que tinham antes”* (DC 11). Moisés, amigo de Rhodolfo, complementou a conversa apontando que *“a questão da segurança mudou um pouco o estilo de torcer”* (DC 11). Rhodolfo disse que esse era o principal motivo pelo qual *“eu não condeno tanto a Arena”* (DC 11).

Os estádios de futebol se constituíram, historicamente, como um espaço legitimado para homens. Eles são um contexto cultural específico, um local que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades. Através de distintas formas de socialização, os sujeitos que frequentam esses locais passam por diferentes processos pedagógicos. Os sujeitos torcedores que frequentam os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Diferentes conteúdos nos estádios são didaticamente ensinados através de cânticos, xingamentos e performances que acabam produzindo uma lógica de atitudes indispensáveis para a apreciação estética dos eventos nesse ambiente. Ao mesmo tempo em que reforçam uma série de aprendizagens vinculadas ao masculino, os esportes, em geral, e o futebol, de forma específica, acabam sendo uma exigência para que um garoto seja ‘bem avaliado’ em sua performatividade masculina. Existiria uma representação

(...) que afirma que los hombres nacemos sabiendo jugar al fútbol: que aquel que no sabe es el sujeto excepcional, el marcado, el otro, el que debe ser señalado y expulsado del mundo de los “normales” -de ser posible, porque es seguramente homosexual, duplicación de la discriminación que no tarda en aparecer-. La cultura futbolística -global, y la argentina no es una excepción- siente pánico frente a la homosexualidad: recordemos que han pasado ya veinte años del momento en que Passarella pronunció su famosa prohibición para los homosexuales en sus equipos, y nadie la ha desmentido (ALABARCES, 2014, p. 17-18).

No senso comum ainda é possível escutar entendimentos de que o futebol, especialmente em suas praças esportivas, permitiria uma liberação das normas sociais, sendo mais permissivo que outros ambientes culturais para manifestações de diferentes ordens. Algumas descrições mais românticas ou exageradas chegam a falar na quebra de barreiras sociais e liberdade total de expressão. Essas impressões ignoram que nas

praças esportivas também se estabelecem “códigos morais e estéticos relativamente precisos modulando a expressão pública dos sentimentos” (DAMO, 2005, p. 388). Essa expressão pública de sentimentos precisa ser ensinada/aprendida e acaba atravessando as construções de masculinidades dos torcedores de futebol.

Os comportamentos dos torcedores nos estádios de futebol não são naturais. Os indivíduos são inseridos em um currículo com uma série de narrativas e práticas que produzem as formas de expressão permitidas e, mesmo, as emoções e as masculinidades adequadas nesse espaço cultural. Esse currículo não é aqui entendido como um caminho de início, meio e fim, onde os sujeitos sairiam de uma condição de não aptos até um lugar onde seriam diplomados e estariam habilitados a ‘exercer’ sua condição torcedora ou masculina. O currículo seria mais bem entendido, aqui, se pensado como uma série de prescrições, algo que os sujeitos são reiteradamente convidados a fazer.

O futebol possui uma linguagem própria com seu conjunto de regras. Como tal, ele é construído e disputado em um campo de enunciações possíveis que determinam, temporariamente, o que é possível ou não de ser pensado, interpretado, descrito, vivido... Não podemos pensar que essa linguagem do futebol exista de forma independente, sem dialogar com outras linguagens. O futebol está sempre inserido em um determinado tempo e espaço que possibilitarão uma maior ou menor permissividade para a construção de ações possíveis ou impossíveis, vinculadas às mais diversas possibilidades de se viver esse esporte. A partir do código universal do futebol são expressas formas particulares de identidades sociais e culturais (GIULIANOTTI, 2010).

Richard Giulianotti entende que as propriedades intrínsecas de uma partida de futebol possuem muito pouca importância em relação à história social desse esporte. Os jogos de futebol podem “ser um canal extraordinário para os sentimentos locais de orgulho e de rivalidade nos planos interpessoais ou culturais” (2010, p. 39-40). Ao se pensar, falar ou discutir o futebol academicamente, especialmente em contextos como o latino-americano, brasileiro e gaúcho, se procura pensar na capacidade de transmissão de significados dessa prática esportiva (GUAZZELLI, 2009). Essa capacidade de produção e transmissão de significados ultrapassa, e muito, as partidas. Ela se concentra na quantidade de narrativas que podem ser associadas a essas práticas, sua fruição, sua comercialização... O futebol participa da lucrativa e promissora indústria de entretenimento passivo para multidões (MASCARENHAS, 2001). Édison Gastaldo destaca o divórcio entre prática e consumo esportivo a partir da indústria cultural.

Originalmente uma atividade para ser praticada, o esporte tornou-se, com o surgimento e o crescimento da comunicação de massa, um espetáculo para ser assistido, visando a um consumo massificado. Essa incorporação do esporte pela indústria cultural gera um divórcio entre prática e consumo, já que não é necessário ter praticado um esporte para assisti-lo pela televisão e (numa espécie de “grau zero da competência esportiva”) emocionar-se com a ansiedade pelo resultado (2014, p. 226-227).

A partir dos Estudos Culturais em Educação sabemos que essas formas de entretenimento e consumo não são atividades neutras ou inocentes, mas produzem discursos e saberes sobre diferentes conteúdos que ensinam formas de ser e de estar no mundo, constituindo um currículo cultural.

Na América Latina em geral, e no caso brasileiro em específico, o futebol de espetáculo possui protagonismo no uso do tempo livre e na constituição de vínculos comunitários de diferentes ordens (FIENGO, 2003). A diversidade brasileira nos permite supor que toda e qualquer produção sobre o futebol que ignore, ou procure apagar, as diferentes manifestações locais e regionais é uma construção arbitrária, que, mais do que afirmar algumas especificidades, acaba por apagar a pluralidade dessa manifestação no contexto brasileiro.

(...) as vastas diferenças econômicas, sociais e geoclimáticas do Brasil significam que a posição do malandro no imaginário cultural é cortada transversalmente por outras tradições regionais. Os times do Rio são os verdadeiros pioneiros da estética sul-americana, através de um estilo exibicionista e rítmico, fluindo entre a construção cuidadosa e o ataque repentino. Na imensidão urbana de São Paulo, o futebol é mais industrioso, rotinizado e geometricamente fixado. As equipes de Porto Alegre empregam uma abordagem mais “uruguaia”, jogando sem astros e frequentemente com uma determinação violenta de vencer, não importando os meios (GIULIANOTTI, 2010, p. 181).

Para Arlei Damo, “o futebol expressaria as diversidades regionais, as hierarquias sócio-econômicas e as diferenças étnicas e raciais. (...) já não se poderia falar em futebol no singular, e sim em ‘futebóis’ no plural, ou, se preferir, em ‘estilos de futebol’” (1999, p. 88). A masculinidade associada aos torcedores dos estádios de futebol também possui essa possibilidade de variações. As masculinidades dos torcedores de estádio variam de acordo com o tempo e o espaço em que estão sendo produzidas ou disputadas, não sendo possível, portanto, apontar a existência de uma única masculinidade dos torcedores de futebol de estádio no Brasil ou em qualquer outro contexto cultural. Nessa pluralidade de “futebóis” e de masculinidades, me proponho a pensar em um currículo cultural que produz torcedores através da repetição das ações, produzindo os corpos inteligíveis nesse espaço.

O futebol se vive falando. Fala-se sobre o jogo e sua estética. Fala-se sobre pertencimento, sobre estilos, sobre modos de jogar e de torcer, sobre formas de

comportamentos adequadas, “es sin duda esta característica, la discutibilidad, lo que confiere al partido de fútbol su calidad de drama filosófico” (BROMBERGER, 2001, p. 44). As narrativas produzem significados e ampliam o fenômeno futebolístico. Segundo as teorias literárias e culturais, as narrativas possuem centralidade na cultura. São as histórias que nos permitem entender as coisas e pensar no mundo e em nossas vidas como certa progressão lógica que leva a algum lugar (CULLER, 1999). As narrativas possuem a potencialidade de nos ensinar diferentes pontos de vista e de entender as posições dos outros. Ao mesmo tempo, as narrativas policiam autorizando ou desautorizando a construção de significados. As narrativas participam de uma forma bastante específica na constituição das identidades: “la identidad es un relato de una esencia que no es tal, pero que se vive como si lo fuera. No se es: se dice que se es, pero en la práctica, las conductas, las actitudes, los sentimientos, se actúa en función de esa identidad” (ALABARCES, 2014, p. 43). A preocupação deste trabalho se deu sempre com o que “se diz que se é”. Não faz parte de minhas preocupações discutir ou tentar diagnosticar se existe uma relação maior ou menor entre o que “se diz que se é” e alguma ‘realidade’ para além do que se diz.

No futebol, as narrativas também ocupam protagonismo. Em constantes cadeias de produção e circulação é possível supor que algumas narrativas que eram assumidas na década de 1990 ou na primeira década do século XXI não permaneçam ou, dito com mais cautela e precisão, ocupem outro lugar na hierarquia e nas disputas por significados. Em seu lugar, outras narrativas, até então negadas ou, especialmente, marginalizadas, procuram assumir certo protagonismo nas formas de entender os fenômenos que acontecem em um determinado contexto cultural: “os aspectos do futebol somente passam a ser significativos quando colocados em seu contexto histórico e cultural” (GIULIANOTTI, 2010, p. 12). Neste trabalho, a investigação se dará especialmente em relação ao movimento das narrativas sobre as masculinidades. Em minha dissertação de mestrado, procurei olhar para um currículo de masculinidade nos estádios de futebol. Volto a olhar, em alguma medida, para o mesmo fenômeno com um afastamento temporal (curto, entre sete e oito anos se pensarmos na realização do trabalho de campo) e espacial (uma vez que o clube em que realizei minha inserção etnográfica mudou de estádio. O Grêmio não apenas reformou seu estádio, mas, edificou um estádio totalmente novo mudando geograficamente de local), tendo no conceito de currículo uma centralidade analítica para olhar novamente para os fenômenos que ocorrem nos estádios e o que eles poderiam me dizer sobre essas

masculinidades construídas através das narrativas que ali circulam e disputam significados.

As narrativas são uma forma especial de prolongar, ou mesmo antecipar, os eventos, tanto os de dentro do campo do jogo quanto os das arquibancadas/cadeiras dos estádios. Na produção e circulação de narrativas, há uma redistribuição nas participações e nas hierarquias. Como a fala é uma exigência e, também, a forma privilegiada de participação daqueles que não estão em campo, ela permite supor uma troca de protagonismo. Os jogadores não ocuparão, necessariamente, o mesmo lugar nessas falas tal qual eles ocupam em relação às ações das partidas. Isso não significa, porém, um apagamento das hierarquias e um protagonismo deslocado para os torcedores de futebol, “aunque la elaboración y circulación de discursos sobre el fútbol es tarea de todo aficionado, existen agentes privilegiados en su elaboración y difusión: los periodistas deportivos” (FIENGO, 2003, p. 259). Os jornalistas esportivos, para além de sua importante participação na espetacularização dos eventos e na busca por ‘explicar’ os fenômenos para sujeitos, supostamente, menos ‘aptos’ a entendê-los, produzem uma série de discursos e representações sobre o jogo, sobre os estilos, sobre pertencimento. Eles participam, também, da elaboração de narrativas, que exploram como as características culturais de um determinado país, região ou clube produzem um “estilo nacional”, regional ou local de jogar futebol (FIENGO, 2003), e, mesmo, uma vivência de masculinidade mais adequada aos atletas, aos torcedores e, inclusive, aos próprios jornalistas esportivos.

Mesmo que os torcedores não tenham a possibilidade de marcar um gol ou os maiores espaços na produção de narrativas sobre o futebol, seu lugar não deve ser considerado menor. Norbert Elias destaca que desde o início dos esportes praticados nas *public schools* inglesas, o termo esporte nunca foi exclusivo dos praticantes, mas “incluiu sempre confrontos realizados para satisfação de espectadores” (1993, p. 46). Na Argentina, as edificações dos estádios, a partir de meados da segunda década do século XX, permitiam que as torcidas ficassem frente a frente, de maneira que todos poderiam ver a ação dos demais, “así surgió la posibilidad de que los hinchas se transformaran en actores y dominaran – cuando menos potencialmente – la representación” (FRYDEBERG, 2011, p. 219). É necessário fazer uma distinção entre o público dos torcedores de futebol e os demais públicos, como os de obras teatrais, por exemplo, “pois os torcedores vão ao estádio não para ver um belo espetáculo, mas antes para torcer por uma equipe que representa uma instituição com a qual eles se identificam”

(DAMO; OLIVEN, 2014, p. 39). Julio Frydeberg (2011) também faz uma interessante distinção entre o público dos torcedores de futebol e os demais públicos. Além do engajamento e da necessidade de tomar parte nos confrontos futebolísticos, o conhecimento também é avaliado de forma distinta. A grande maioria dos espectadores de teatro ou de concertos musicais, desconhece as particularidades do trabalho de ator ou do músico, ou as exigências de som, iluminação, etc., porém, o nascimento do público de futebol se deu em um período em que não existia uma clara distinção entre jogadores, dirigentes e torcedores. Com isso, os primeiros ‘assistentes’ julgavam conhecer boa parte da exigência técnica do trabalho do jogador de futebol, o que concedia a esse público certa autoridade adquirida na prática do esporte. Se com a popularização e profissionalização do esporte as diferenças ficaram mais evidentes, o público segue investido dessa autoridade dada pelo próprio público, por suas atividades recreativas que envolvem a prática do esporte e, também, pelos jornalistas esportivos. Eles acabam produzindo um lugar de conhecimento específico ao utilizar uma linguagem recorrente que permite a apropriação dessa linguagem pelo público, “el fútbol ofrece un amplio y casi único campo a la pericia popular; con sus conocedores, sus hermeneutas, sus eruditos, que pueden rivalizar legítimamente con los expertos oficiales; los árbitros, los cronistas deportivos. Esto no sucede en medicina o en física” (BROMBERGER, 2001, p. 45).

Boa parte das manifestações que ocorrem nos estádios de futebol é protagonizada por um sujeito coletivo, ‘a torcida’, “vale a pena distinguir o torcedor individual da torcida – um ser coletivo, nascido dos indivíduos, mas inexplicável se tomado como simples soma destes” (FAUSTO, 2010, p. 146). Este termo, que não possui tradução em outros idiomas, apareceu pela primeira vez no final da década de 1930, no Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, publicado pela editora do jornal *A Noite*, onde significava o conjunto de torcedores desportivos (MALAIA, 2012). Estar em uma torcida ou fazer parte de uma torcida permite uma série de inscrições. Essas inscrições provocam distintas incitações para a circulação de significados em uma determinada cultura. Christian Bromberger salienta que durante as partidas nos estádios aparecem “as dimensões salientes da experiência social e cultural (a relação com o corpo, a afirmação das identidades, o lugar da competição nas sociedades contemporâneas, as novas formas de heroísmo...)” (2008, p. 241).

Essa coletividade dos torcedores de futebol em uma torcida aparece em um contexto festivo. A festa permite borrar algumas fronteiras existentes, como as de

público e privado. No estádio se está em casa e no espaço público ou não se está efetivamente em nenhum dos dois, mas em uma intersecção entre ambos. Rita Amaral (2001) comenta que nas festas existe uma diminuição da distância entre os indivíduos, o que permite a transgressão de algumas normas coletivas, potencializando a existência de uma “efervescência coletiva”. As identidades individuais não são apagadas nas festas, e, nelas nem tudo é permitido, mas a ideia da festa permite pensar que as hierarquias do cotidiano sofrem deslocamentos, fazendo com que ações desvalorizadas nos espaços ‘sérios’ poderiam ser mais bem avaliadas nesse espaço. Bakhtin ressalta que durante o carnaval, na Idade Média, existiria uma série de mudanças nos entendimentos das expressões utilizadas,

(...) durante o carnaval essas grosserias mudavam consideravelmente de sentido: perdiam completamente seu sentido mágico e sua orientação prática específica, e adquiriam um caráter e profundidade intrínsecos e universais. Graças a essa transformação, os palavrões contribuía para a criação de uma atmosfera de liberdade, e do aspecto cômico secundário do mundo (1987, p. 15).

Pablo Alabarces ressalta que a participação dos torcedores nessa coletividade inclui importantes momentos de unificação, como durante os cânticos, “tanto los espectadores, inocentes de todo, como los hinchas militantes, apenas un poquito más eufóricos, participan de relaciones de repudio y solidaridad” (2012, p. 71). Essas relações de “repúdio e solidariedade” se dão em direção ou contra o personagem antagônico construído a partir da figura do torcedor rival, “os clubes de futebol estabelecem identidades culturais por meio da rivalidade e da oposição. As mais puras rivalidades crescem entre clãs municipais” (GIULIANOTTI, 2010, p. 26). A produção da identidade do torcedor de futebol segue a mesma lógica de produção de outros marcadores culturais. Chantal Mouffe reforça que “toda definición de un ‘nosotros’ implica la delimitación de una ‘frontera’ y la designación de un ‘ellos’. Esa definición de un ‘nosotros’ siempre tiene lugar, por lo tanto, en un contexto de diversidad y conflicto” (1993, p. 9). É interessante que, no contexto futebolístico, essa fronteira é insistentemente reafirmada, mesmo que, se olharmos para certo discurso em ‘primeira pessoa’, nós e eles sejamos muito parecidos. Os atributos construídos por um gremista para marcar sua diferença, no caso, em relação aos colorados é muito semelhante ao utilizado por colorados acerca dos gremistas, especialmente aqueles vinculados às construções de masculinidades. Aqui o time/clube marca a fronteira conquanto ambos poderiam estar no mesmo lado ou buscando ocupar o mesmo lugar nas representações esportivas e de gênero.

Esse rival não é apenas a negação de nossa identidade, ele é complementar. “Toda rivalidade traz em si uma dose de admiração e de inveja. Só rivalizamos com quem tenha algo que desejamos possuir ou superar” (HELAL, 2006, p. 167). Verónica Moreira (2005b) afirma que a sequência de desafios e contra desafios de torcidas adversárias não serve para negar o adversário, mas para mostrar a necessidade desse outro para a busca da superioridade. Esses adversários também podem ser pensados como parceiros,

(...) não se deve esquecer de que uns e outros são partes indissociáveis da dinâmica do jogo, pois basta que um deles se negue a cumprir o papel que lhe é estruturalmente designado – deixar de atacar ou, o que é pior, de defender – para que o jogo perca o sentido. Adversários de um jogo são, sob este ponto de vista, parceiros de um evento. Afinal, o jogo suscita a presença de um outro contra quem, mas também com quem se joga (DAMO, 2014b, p. 26).

Ao pensar nos espectadores de futebol, é necessário fazer uma rápida distinção e passar a chamá-los de torcedores. Desde o princípio do século XX, já existia uma clara tendência desses torcedores de saltar de espectador, ou de ator secundário, para protagonista, disputando os holofotes com os jogadores dentro do campo (FRYDEBERG, 2011). Para ocupar esse protagonismo, no caso argentino, os torcedores precisariam estar dispostos a enfrentar diferentes sofrimentos, desde a compra dos ingressos, passando pela falta de banheiros públicos e o amontoamento habitual considerado “natural” por esses torcedores (Ibidem). Algumas noções de sacrifício já estavam sendo postas em jogo para mostrar como os desafios possibilitariam a aquisição de certo *status* na trajetória dos torcedores. Mesmo alguns torcedores que frequentam as novas arenas contemporâneas marcam que estar em um estádio pode significar abrir mão de determinados benefícios. Conversava com Pedro e lhe perguntei sobre como ele percebia o conforto e em alguma medida, o comportamento da torcida. Pedro respondeu que “*se quisesse conforto, sinceramente, eu ficava em casa. Eu venho da cultura do Olímpico, do cimento*” (DC 13). A própria postura corporal e o envolvimento nas partidas diferencia os torcedores, desde seus princípios, da passividade de outros públicos. Essa atividade permitia colocar em cena algumas jocosidades ou excessos condenados em outros espaços cotidianos (FRYDEBERG, 2011).

Vale destacar que o protagonismo requerido ou disputado pelos torcedores se produz na medida em que esses sujeitos participam ativamente do drama das partidas, apoiando a sua equipe e amedrontando os rivais. Os jogos das arquibancadas têm a intenção de influenciar no resultado do jogo do campo, ao mesmo tempo em que

establecem as disputas entre, ou contra, os demais torcedores. Dos jogadores, os torcedores exigem qualidades técnicas, mas também certo despreendimento, coragem, virilidade, honra e outros adjetivos quase sempre associados ao masculino. Participar da disputa das arquibancadas e que incluem, também, os resultados do campo é colocar valores de honra e masculinidade em risco, uma vez que a vitória não pode ser assegurada de uma vez para sempre, “en el ritual futbolero se dirime identidad de género. Porque en un partido de fútbol no se juega únicamente la gloria deportiva del club y los futbolistas, sino que simultáneamente está en juego la condición sexual de los hinchas” (ALABARCES, 2014, p. 185).

Investigando a *hinchada* do Club Atlético Independiente, de Avellaneda, Argentina, Verónica Moreira mostrou como a honra aparece como elemento relevante naquela socialização masculina: “el honor es un término valorativo que responde a un sistema de valores específico en relación con una sociedad determinada. Si el honor corresponde al polo positivo del comportamiento social, la vergüenza o la deshonra representan el polo negativo de la acción” (2005a, p. 82). Nesses casos, para, de algum modo, recuperar esses atributos colocados em suspensão após algumas derrotas, poderiam ser utilizadas diferentes estratégias, que variariam de justificativas ou desculpas podendo chegar ao exercício da violência (FRYDEBERG, 2011).

A investigação nos estádios de futebol permite estar em um local bastante atravessado por conteúdos de masculinidades e que dialoga com diferentes narrativas produzidas por atores distintos em um contexto coletivo de constante enfrentamento simbólico entre torcidas rivais. A ideia foi observar como essas narrativas em disputa podem ser significadas pelos indivíduos que se identificavam, em diferentes intensidades e modos, com uma torcida e de que maneira esses mesmos indivíduos se sentiam interpelados por diferentes representações produzidas nesse campo, com bastante destaque para os mediadores especializados, mas, também, pela própria torcida. De que modos apareciam narrativas adequadas acerca de como deveria ser um torcedor, como essas narrativas eram significadas, incorporadas e/ou resistidas? Essas e outras indagações feitas aos indivíduos torcedores que frequentam os estádios são produzidas, também, por discursividades mais abrangentes sobre o futebol em contextos globais e locais.

Os dias de partidas acabam alterando o panorama do bairro ou da cidade em que ocorrem as mesmas. Existe um funcionamento diferenciado nas cidades mobilizando agentes de trânsito, segurança pública... Há, também, uma série de permissividades

para algumas ações como ‘buzinaços’ ou torcedores com o corpo para fora dos carros... A própria percepção temporal é alterada durante as partidas. Se, no cotidiano, dias, horas e minutos parecem ser suficientes para a organização do tempo, “num espetáculo esportivo são apenas os segundos que podem contar como unidades absolutamente determinantes” (DAMATTA, 1997, p. 38).

O que é um estádio de futebol? Geograficamente, um edifício ou equipamento de acesso coletivo que se comporta como uma centralidade física e simbólica no espaço urbano-metropolitano. No plano operacional urbanístico, funciona como uma centralidade periódica, capaz de acionar grande afluxo de visitantes em dias de jogos, forçando um reordenamento na gestão pública de seu entorno (para garantir segurança e acessibilidade) e gerando fugazes oportunidades comerciais e de serviços ao setor informal. Apesar de tal periodicidade, que condena ao silêncio, e ao desperdício de recursos, na maior parte do tempo, a imensa estrutura de concreto, do ponto de vista político e simbólico, o estádio é uma centralidade constante, permanente na paisagem física e cultural (MASCARENHAS, 2014, p. 161).

Dentro dos estádios, os torcedores utilizam os palavrões como moeda corrente. O palavrão possui diversas funções, podendo ser utilizado para agredir ou para demonstrar afetos. Esses xingamentos ou os palavrões podem ser pensados, também, como uma forma de socialização entre grupos de homens. Antes da partida contra o Sport Club Corinthians Paulista⁵⁶, pelo Campeonato Brasileiro de 2016, um senhor estava caminhando vestindo uma camiseta dividida ao meio entre Grêmio e Associação Chapecoense de Futebol⁵⁷. Esse torcedor fez algum sucesso, inclusive sendo solicitado para tirar fotos com outros torcedores. Um grupo de torcedores passou por ele o celebrando. Ele afirmou que aquela camiseta era a dos 10 a 0, em referência às duas derrotas do Internacional por 5 a 0 nos Campeonatos Brasileiros de 2014 e 2015 para os dois adversários. Após saudá-lo, um dos sujeitos no grupo o mandou tomar no cu de maneira aparentemente tranquila ou esperada, sem gerar nenhum tipo de contestação (DC 35). Este tipo de manifestação pode dialogar com o espaço peculiar do estádio de futebol, que varia entre lógicas públicas e privadas. A ‘junção’ de diferentes indivíduos/pessoas em torcedores de um determinado time acaba fazendo com que “a distância que as separa diminui (estão em ‘pé de igualdade’) e as formas de comunicação verbal mudam completamente: tratam-se por tu, empregam diminutivos, às vezes mesmo apelidos, usam epítetos injuriosos que adquirem um tom afetivo” (BAKHTIN, 1987, p. 14). Segundo Bakhtin, essa proximidade comum nas festas da Idade Média, e contemporaneamente vista nos vínculos de amizade, permite que nesses

⁵⁶ De agora em diante, Corinthians.

⁵⁷ De agora em diante, Chapecoense.

contatos os envolvidos “não necessitam polir a linguagem nem observar os tabus, podem usar, portanto, palavras e expressões inconvenientes, etc.” (Ibidem). Diferentes ações executadas nos estádios não sofrem a mesma reprovação de outras esferas culturais. Nos estádios existe “uma estética da honra, da alteridade e da masculinidade” (DAMO, 2005, p. 104). Os palavrões e os xingamentos podem acontecer entre torcedores de clubes distintos, do mesmo clube ou entre torcedores e qualquer outro agente do espetáculo, como árbitros, jogadores, policiais... Para alguns atores, o jogo de futebol possui seus próprios códigos, que permitem aos sujeitos ali presentes a legitimidade de ações que não teriam em outros espaços cotidianos⁵⁸.

Os estádios de futebol inserem os sujeitos em diferentes pedagogias. Ele é um espaço de vivência intensa dos diferentes conteúdos produzidos sobre gênero, emoções e sobre o torcer. Os olhos dos pequenos torcedores que são inseridos em um ambiente de estádio de futebol indicam como nesse local as práticas não são naturais. Nesse ambiente historicamente associado ao masculino, uma série de ações são entendidas como legítimas a partir de processos de naturalização que mais do que marcarem as opções fragilmente consensuadas de vivência nesse espaço, marcam algumas das formas de manifestação como as únicas possíveis. A naturalização de determinadas práticas acaba por mascarar que os sentidos são sempre disputados.

Quando aceitamos que todo consenso existe como um resultado temporário de uma hegemonia provisória, como uma estabilização de poder que sempre vincula alguma forma de exclusão, podemos começar a encarar a natureza de uma esfera pública democrática de um modo diferente (MOUFFE, 2003, p. 17).

Esse processo de naturalização, que conta com a reiteração das performances a cada partida, acaba permitindo que o estádio de futebol seja entendido como um espaço privilegiado para determinadas práticas e, mais do que isso, capaz de dividir algumas ações entre ‘dentro’ e ‘fora’ do estádio.

As práticas do torcer no Brasil têm sido colocadas em questão por diferentes atores. Os processos de ‘modernização’ dos estádios/arenas, catalisados pela Copa do Mundo de 2014, acabaram procurando olhar para o torcer e, em alguma medida, sugerir algumas alterações sobre as condutas historicamente aceitas nesses equipamentos de lazer. Os sentidos, que sempre estão em disputa, parecem ter sido alvo de bastante investimento a partir da preparação para o recebimento do megaevento da FIFA.

⁵⁸ Em alguma medida existiria uma “moral própria do jogo”, que se manifesta numa “guerra de nervos” durante as partidas, um verdadeiro “jogo dentro do jogo”: “cutucar” o adversário, provocá-lo, “cavar” a falta, “pressionar” o árbitro, simular contusão, etc. (...) fazem parte da cultura do futebol (BETTI, 1997, p. 137).

Dentre as diferentes disputas por significados, foi possível visualizar, através dos jornalistas esportivos, certo diálogo ou confronto entre o que seriam uma ‘lógica brasileira’ e uma ‘lógica FIFA’, ainda para pensar as praças esportivas antes da Copa. De um lado, a paixão pelo esporte e o melhor ‘estilo’ de jogá-lo poderiam se associar a narrativas positivas relacionadas ao país sede. Porém, em relação à organização, os modelos de corporações internacionais são privilegiados. O chamado ‘padrão FIFA’ passou a ser perseguido como o ideal de gerenciamento e sucesso para o empreendimento. A aclamada paixão dos brasileiros pelo futebol poderia existir. Mas seria necessário adequá-la.

Uma das principais adequações seria a dos estádios que já estavam todos condenados. Com esses novos estádios também poderia vir uma maneira de torcer diferenciada, dando protagonismo para atores que, até então, não eram tão valorizados ao custo da exclusão de tantos outros. A lógica global, ou ‘europeia’, das novas praças esportivas seria uma bandeira importante que poderia nos livrar das mazelas enfrentadas dentro dos estádios de futebol quase sempre diretamente associadas ao comportamento violento de setores das torcidas. “Embora não seja dito às claras, os novos gestores das arenas estão promovendo uma higienização do público, afastando aqueles tidos como inconvenientes, seja porque consomem pouco ou causam muitos transtornos – caso das torcidas organizadas” (DAMO; OLIVEN, 2013, p. 57). As reformas e construções dos estádios foram recheadas de controvérsias.

Essa lógica ou ideal ‘europeu’ não é inédita na apropriação do futebol no Brasil. A chegada do esporte vindo da Europa trouxe consigo, para além das regras e fundamentos a ser executados, uma série de códigos e valores. “O importante não era apenas jogar, mas jogar de uma determinada forma, como os ingleses; vestir, torcer, falar, tudo como os ingleses” (DAMO, 1999, p. 88). Em março de 2013, na mesa intitulada *Torcidas em Megaeventos Esportivos*, do III Seminário Internacional do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade/UFF (Nepess), Seminário das Confederações, Arlei Damo citou o termo *européismo* para pensar a projeção que a imprensa esportiva fazia do público frequentador dos estádios europeus. Esse conceito operaria tal qual o conceito de *orientalismo* proposto por Edward Said. *Orientalismo e europeísmo* seriam produções feitas por uma representação imaginária de uma cultura distinta. A diferença primordial entre esses dois conceitos seria os aspectos positivados do *européismo* em contraste com as representações negativadas em relação ao *orientalismo*.

Gilmar Mascarenhas lembra que nossos primeiros estádios foram construídos para abrigar exclusivamente as elites.

(...) localizados nos bairros mais nobres, e como equipamento de pequeno porte (geralmente uma única estrutura edificada que sequer cobria toda a extensão de um dos quatro lados do campo), apresentavam uma arquitetura mais assemelhada a um confortável teatro, porém, a céu aberto. Como os atletas eram igualmente egressos das camadas sociais privilegiadas, eram seus familiares e amigos que compareciam para assistir às exibições do novo *sport* inglês que fazia sucesso na Europa. O estádio era, então, um ornamento da onda civilizadora de cunho eurocêntrico, e de acesso muito restrito. Verdadeiro espaço de fruição das elites (2014, p. 107-108).

A popularização do futebol no Brasil, especialmente a partir das décadas de 1920-1930 acabou tornando esses estádios inadequados. O aumento do público obrigava a construção de espaços maiores. Seria necessário um deslocamento dos principais bairros. Gilmar Mascarenhas aponta que para além do custo elevado, o comportamento dos novos torcedores não interessava aos vizinhos dos antigos estádios:

(...) o próprio afluxo maior e mais ruidoso de torcedores não interessava aos habitantes desses bairros nobres, pois comprometia suas valiosas amenidades. Ademais conforme o futebol ia deixando de ser o esporte dos jovens aristocráticos, não seria mais interessante comportar nesses bairros um estádio, ao contrário dos hipódromos e, mais tarde, dos campos de golfe, que permanecem como equipamentos esportivos valorizados das imediações. Em suma, a evolução social do futebol e sua espetacularização demandavam uma nova espacialidade (2014, p. 112).

Em boa medida, os novos parâmetros adotados pelo modelo de estádio edificado no Brasil sob a insígnia de ‘padrão FIFA’, podem ser lidos como vinculados a uma nova elitização destes equipamentos de lazer.

O atual “modelo FIFA” concebe o moderno estádio como equipamento destinado a um público específico, seletivo, disposto a pagar caro por tecnologia, conforto e segurança. Um público “familiar”, “ordeiro”, que vai ao estádio consumir o espetáculo, e não buscar tradicionais formas de protagonismo que não interessam ao novo modelo de futebol-espetáculo. A importação desse modelo *world class* já está em curso no Brasil há mais de uma década, num evidente processo de elitização de nossos estádios. A remoção definitiva da lendária “geral” do Maracanã e da Coreia do Beira-Rio (em Porto Alegre) faz parte de um movimento de reelitização de nossos estádios. Movimento que adquire maior densidade e aceleração mediante a realização de uma Copa do Mundo (MASCARENHAS, 2014, p. 216-217).

É acreditando na potencialidade da intersecção de gênero com outros marcadores identitários, tais quais sexualidade, etnia e classe social que é possível olhar para essas praças esportivas e entender que as representações de masculinidades nos estádios de futebol podem estar disputando significados e colocando questões que até então estavam marginalizadas nas vivências torcedoras.

2.1 Estádios ‘Padrão FIFA’ e seu Caderno de Encargos

A recuperação das características arquitetônicas do contestado ‘padrão FIFA’ estava presente, em boa parte, nas demandas da Federação para a construção ou reforma das atuais arenas. A listagem das exigências da entidade para que um estádio tivesse condições de receber um evento promovido por ela (no caso brasileiro, a Copa do Mundo de 2014 e a Copa das Confederações de 2013) ficou conhecida no país como Caderno de Encargos. O documento oficial era nomeado como Requisitos e Recomendações Técnicas. Eram 248 páginas de instruções aos organizadores sobre como proceder para atender às exigências da Federação. Esses requisitos e recomendações acabam pautando os projetos de modificações das praças esportivas. Bernardo Borges Buarque de Hollanda sustenta que as exigências do ‘padrão FIFA’, assim como as prescrições do Ministério do Esporte, desde a criação do *Estatuto de Defesa do Torcedor*, de 2003,

(...) são corolários do fenômeno mais geral de gentrificação, isto é, da tendência contemporânea à elitização do espaço público esportivo. Trata-se de uma decorrência da mudança mais ampla na conformação das receitas de futebol, em sintonia com a nova ordem econômica internacional. Constata-se nas últimas décadas que a aquisição de lucro não depende mais do número de espectadores presentes em uma praça esportiva, mas da capacidade e versatilidade de cada um desses, de maneira individual, consumir produtos esportivos durante o espetáculo de futebol (2014, p. 323-324).

O Caderno de Encargos listava dez requisitos considerados básicos – embora, como o próprio nome oficial do documento indicava, eram recomendações. Seria possível que uma avaliação subjetiva fosse realizada pela FIFA caso algum item não estivesse plenamente atendido. O primeiro requisito versava sobre as *decisões pré-construção*. A FIFA solicitava um estudo de viabilidade e impacto na região onde seria erguida a nova arena. Seria necessária a existência de um mínimo de trinta mil assentos para jogos internacionais, cinquenta mil para um jogo de final de Copa das Confederações e sessenta mil para a final de uma Copa do Mundo. Sobre a localização, se recomendava a existência de estacionamentos próximos, bem como opções de transporte público – metrô, ônibus e, inclusive, um aeroporto não muito distante. Centros comerciais e hotéis também eram sugeridos.

O segundo requisito versava sobre a *segurança*. As indicações de entradas, saídas, escadarias, portas e rotas de fuga deveriam estar sinalizadas corretamente, de acordo com o código internacional. Era destacado, ainda, que os portões deveriam possuir abertura do interior para o exterior e que os mesmos precisariam permanecer

destrancados enquanto houvesse público dentro do estádio. Também era pedido que houvesse um sistema de controle e monitoramento panorâmico das áreas internas e externas. Outra exigência era uma sala para atendimento médico. É interessante perceber que, ao menos inicialmente, a preocupação com a segurança se dava mais em relação à arquitetura do estádio do que especificamente ao comportamento de seus frequentadores.

O terceiro item se referia à *orientação do campo e estacionamento*. Seguindo novamente a lógica das regras internacionais de sinalização, as direções para que se chegasse ao estádio deveriam estar indicadas no ingresso e nas dependências próximas ao local do evento. A localização dos assentos também deveria estar indicada na parte interna do estádio. Sugeria-se que uma cerca fosse colocada no perímetro externo para que houvesse vistoria e triagem das pessoas que circulariam pelo local. Uma nova vistoria/triagem deveria ser feita nos portões de entrada. Sobre o estacionamento, o estádio precisaria oferecer 17,5% de vagas para automóveis particulares em relação à capacidade total de lugares. Em um estádio com sessenta mil assentos, seriam necessárias dez mil e quinhentas vagas de estacionamento para automóveis particulares. O documento sublinhava que um espaço deveria ser destinado ao *hospitality parking* para “convidados VIP” – em outro item, os integrantes deste espaço foram descritos como “convidados especiais e parceiros comerciais”. As delegações com as equipes deveriam possuir ao menos duas vagas de ônibus e oito de automóveis particulares, dentro do estádio, próximas aos vestiários e sem contato com o público. Integrantes de veículos de mídia deveriam ter uma entrada exclusiva reservada, com sala de imprensa de 30 m². Para a final da Copa do Mundo, os caminhões de transmissão da televisão deveriam ter entre 3 e 5 mil m² de área disponível, em local adjacente com segurança reforçada e sistema independente de geração de energia. Para os veículos de transmissão via satélite se mantinham os mesmos conceitos, apenas sem a delimitação de espaço. Veículos de emergência e segurança deveriam estacionar em área adjacente ou no interior do estádio, em posição que permitisse um rápido escoamento do público. Um heliporto próximo também era sugerido.

O quarto requisito dispunha sobre as regras da *área de jogo*. Conforme as regras oficiais do esporte, os campos deveriam possuir 105 m de comprimento por 68 m de largura. Não havia determinação sobre o tipo de gramado, mas se exigia que uma inspeção prévia, antes da inauguração, fosse realizada. A separação do campo de jogo para as arquibancadas não deveria ser feita por barreiras, mas por seguranças privados e

por policiais, para que impedissem invasões. Alternativas para essa separação eram a elevação das arquibancadas em relação ao gramado ou a construção de um fosso. Os bancos de suplentes deveriam ser dois, com capacidade para vinte e duas pessoas cada, dispostas em paralelo. Placas de anúncios publicitários deveriam estar entre 4 e 5 m da linha lateral, 5 m atrás do gol e 3 m da bandeira de escanteio possuindo entre 0,9 m e 1 m de altura.

Os *vestiários* eram o quinto item do Caderno e deveriam ter uma área de entrada exclusiva e possuírem itens idênticos para as duas equipes, anfitriões e visitantes. A área mínima reservada aos jogadores era de 150 m² e de 24 m² para os treinadores. As mesmas dimensões deveriam ser obedecidas para os árbitros. O acesso ao campo deveria ser feito por um túnel com, no mínimo 4 m de largura e 2,2 m de altura. Para partidas internacionais, recomendava-se que a largura fosse de 6 m. Os árbitros e os jogadores de ambas as equipes deveriam possuir acessos individuais ao campo. Seriam necessárias, também, duas áreas para aquecimento, de 100 m² cada, próximo aos vestiários.

Elementos relacionados ao conforto dos *espectadores* estavam listados no sexto requisito do Caderno. A cobertura era desejável em locais com alta incidência de sol e de climas frio ou úmido. O estádio deveria ter assentos individuais e afixados à estrutura das arquibancadas, com largura mínima de 0,47 m e encosto de pelo menos 0,3 m de altura. A distância mínima entre as poltronas era de 0,85 m. Assentos para o público VIP possuíam distinções, como ter localização central e separada das cadeiras do público geral. Não eram permitidos “pontos-cegos”. Era necessário que fosse possível visualizar o campo de todos os lugares a serem comercializados no estádio. Contabilizavam-se cinco pontos de venda para cada mil espectadores projetados de maneira a não obstruírem a circulação no estádio. Todos os setores deveriam ter rampas para portadores de deficiência, sanitários adaptados e serviços de apoio, assim como portão de entrada exclusivo para esse público.

O sétimo item, *hospitalidade*, retomava outros elementos, como a diferenciação do setor VIP das áreas comuns, além de acrescentar especificações para camarotes e suítes para até 20 pessoas. Um setor denominado “VVIP” era reservado aos dirigentes da Federação e do Comitê Organizador Local (COL). Outras condições especiais eram detalhadas para que parceiros comerciais e patrocinadores tivessem preferências em dias de jogos.

A oitava recomendação, *mídia*, recebia atenção especial em função da divulgação da marca do evento. As cabines de imprensa deveriam ter localização central no estádio, com múltiplas conexões de energia, telefone e internet. Para as finais da competição, era exigido um mínimo de 50 cabines de rádio e televisão para três pessoas ou mais cada, além de ao menos três estúdios de 25 m². As entrevistas coletivas deveriam ocorrer em espaços exclusivos de, no mínimo, 100 m². As entrevistas no gramado deveriam ocorrer nas zonas mistas com espaço individual de 2,5 m². Uma das últimas integrantes do manual eram as *flash interview positions*, que são uma espécie de placa com fundo transparente, entre os vestiários e o campo para entrevistas na saída dos jogos.

O nono item referia-se à *iluminação e suprimentos de energia*, com as instruções para o fornecimento de energia elétrica durante o evento. Além da recomendação de uso de um gerador próprio, sugeria-se um sistema alternativo com capacidade de reserva para no mínimo três horas. Havia diferença em relação à exigência de quantidade de luz para jogos nacionais ou internacionais.

O último requisito, *comunicação*, incluía as áreas adicionais e fazia exigências em relação aos recursos oferecidos internamente: tipo de conexão de internet, elétricas, eletrônicas, linhas telefônicas... Departamentos diversos, incluindo almoxarifado, escritórios e salas de reuniões também eram explicitados neste item.

2.2 A Copa do Mundo de 2014, seus estádios e o seu público

Em 30 de outubro de 2007, o Brasil foi confirmado como o país sede para a Copa do Mundo da FIFA, edição de 2014. Naquela data, o Brasil recebia a honra, a distinção, o direito, mas, principalmente, o dever⁵⁹ de realizar a XX Copa do Mundo masculina de futebol da FIFA. Inúmeras obras precisariam ocorrer em diferentes esferas para que o país se adequasse ao padrão exigido pela dona do evento. O chamado ‘padrão FIFA’ passaria a se configurar em uma obsessão dos dirigentes brasileiros em diferentes âmbitos.

Uma das necessidades urgentes para o país seria a adequação de suas praças esportivas ao tal ‘padrão FIFA’. Em 2014, o Brasil teve doze novas arenas esportivas

⁵⁹ No momento protocolar em que o Brasil foi anunciado como o país-sede da Copa do Mundo de 2014 (tratava-se de candidatura única), o presidente da FIFA, Joseph Blatter, com o dedo em riste, pronunciou: “O Comitê Executivo da FIFA decidiu dar a responsabilidade, não o direito, mas a responsabilidade, de organizar a Copa Mundial da FIFA de futebol 2014 ao país – e depois de breve suspense, retirando a papeleta do envelope – Brasil” (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 80).

para a disputa da Copa do Mundo – sem considerarmos outras arenas, como a da Sociedade Esportiva Palmeiras⁶⁰ e a do Grêmio, que apesar de não sediarem jogos do mundial foram construídas a partir dos mesmos conceitos arquitetônicos e regulamentares. Cinco delas foram reformadas: Beira-Rio (RS), Arena da Baixada (PR), Maracanã (RJ), Mineirão (MG) e Castelão (CE); quatro construídas desde as suas fundações: Corinthians (SP), Pantanal (MT), Pernambuco (PE) e Amazônia (AM); e três foram demolidas e erguidas a partir de uma nova concepção: Mané Garrincha (DF), das Dunas (RN) e Fonte Nova (BA). O ‘padrão FIFA’ impõe uma série de regras aos países que pretendem receber o Mundial. Para abrigar os jogos entre as seleções, cada cidade deve oferecer condições ao público, aos órgãos diretivos e às delegações. Em caso de desobediência à regulamentação, as cidades podem perder o direito de sediar o evento. Esses novos espaços

(...) foram aclamados como parte de uma nova era do futebol de espetáculo, dadas as promessas de melhorias e, conforto, segurança e acessibilidade. Mas também são criticadas por seguir o “padrão FIFA”, algo exógeno aos hábitos locais, que implica elitização, aumento do controle/disciplinamento da torcida, higienização entre outros (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 9).

O estádio de futebol não se limita a uma construção arquitetônica ao redor de um campo com dimensões mais ou menos fixas para receber um público determinado. A própria “arquitetura produz discursos que, por sua vez, constroem significados e estabelecem resultantes de relações sociais historicamente definidas e variáveis ao longo do tempo” (CAMPOS, 2014, p. 351-352). Grandiosos dentro das cidades em que se situam⁶¹, um estádio de futebol “está presente nas paisagens das cidades assim como as igrejas, escolas, hospitais ou praças” (SCHERER, 2011, p. 10). Os estádios fazem parte da história local, das histórias dos clubes e também das histórias dos torcedores que frequentaram e frequentam suas arquibancadas e cadeiras.

(...) os estádios do Grêmio e do Inter são parte do patrimônio material dos clubes e do sentimental de seus torcedores. Esse apreço é tamanho que ambos integram o roteiro turístico da cidade, sendo a visitação indispensável quando se trata de excursões de colegiais vindos do interior para conhecer a capital (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 100).

A concepção de um espaço que receba de forma organizada um público para assistir a uma disputa esportiva envolve diversos fatores: localização, meios de transporte, de que maneira será assistido o jogo, quem o assistirá... Contemporaneamente, existe ainda uma preocupação para que o protagonismo do

⁶⁰ De agora em diante, Palmeiras.

⁶¹ Em Porto Alegre, tanto o Beira-Rio, do Internacional, quanto a Arena, do Grêmio, foram desobrigados pela Prefeitura Municipal de cumprirem o *Plano Diretor* do Município.

espetáculo (incluindo os seus desvios) se concentre no campo de jogo. Essa preocupação ocorre, também, em função da venda dos espaços publicitários ao redor do campo. Concentrar as ações nos limites das quatro linhas permite pleitear um valor mais alto aos investidores que teriam sua marca exibida por um tempo maior nas diferentes transmissões. O próprio estádio exerce uma forma de controle sobre o público para que ele se limite às suas ações como público, enquanto ator coadjuvante. Ainda na década de 1990, o Atlético Paranaense realizou uma modernização em seu estádio, incluindo a alcunha ‘arena’ para diferenciá-lo dos demais estádios brasileiros. Um item muito pontual me permite ilustrar como as edificações podem potencializar ou minimizar a participação de determinados públicos em práticas culturais específicas. O novo estádio do Atlético Paranaense possuía 48% de banheiros femininos, um número que causava certa estranheza, quebrando com a ‘naturalizada’ ‘exclusividade’ masculina, e definia uma maior possibilidade e, mesmo, um maior desejo por atrair mais mulheres para o estádio (SIRANGELO, 2009), funcionando como um artefato cultural que avançava em certa pedagogia de gênero.

O sociólogo Richard Giulianotti (2010) acredita que poucos países com tradição futebolística deram a devida atenção aos seus campos de jogo. O autor comenta que até 1993, aproximadamente quatro a cada cinco estádios ingleses tinha sua construção datada de um período anterior à Primeira Guerra Mundial. Esses locais possuíam as arquibancadas abertas, tribunas estilizadas e ficavam em locais próximos ao transporte público, principalmente das ferrovias.

Os estádios que vieram após o período das duas grandes guerras possuíam uma arquitetura funcional. As arquibancadas passaram a possuir assentos, em contraste com o público de massa que permanecia em pé nos estádios construídos no período anterior. Áreas destinadas a outros esportes, com pista atlética, foram incluídas nas plantas das praças esportivas. Uma parte significativa desses estádios foi construída em locais isolados, distantes das regiões centrais, quando o transporte individual passou a ser prioritário. No caso brasileiro, os estádios que foram mantidos e reformados para a Copa do Mundo datam deste período. Em 1999, apenas um dos vinte maiores estádios do mundo não pertencia ao que conhecemos como ‘países desenvolvidos’. Tratava-se do Maracanã, no Rio de Janeiro, que “foi construído com base no princípio da aglomeração de massas” (GIULIANOTTI 2010, p. 95). O estádio carioca, construído

para a Copa do Mundo de 1950, fez do Brasil⁶², à época, o proprietário do “maior templo dedicado à prática do futebol em todo o planeta” (FRAGA, 2009, p. 29).

Após 1990, com as medidas tomadas na Inglaterra em decorrência do Desastre de Hillsborough⁶³, os estádios passaram a seguir normas que determinam a forma como eles são concebidos atualmente. É possível pensar que essas normativas e o tão aclamado ‘padrão FIFA’ acabem por constituir uma série de estádios que poderiam ser entendidos como “não lugares”, ou seja, “espacios homogeneizados, estandarizados y ‘purificados’ de cualquier interferencia ambiental, sea natural o cultural. (...) todos iguales y sin ninguna referencia a su medio ambiente natural o cultural” (FIENGO, 2003, p. 266). A distinção se dá pela lógica de que os “lugares se pretendem identitários, relacionais e históricos. Os não lugares então seriam espaços sem história, sem repertório” (GOIDANICH; RIAL, 2012, p. 175-176).

Além das tragédias, a violência nos estádios de futebol acabou sendo um elemento instituído como legítimo nessa construção dos estádios como “não lugares” (FIENGO, 2003). Para muito além das falas de senso comum e jornalísticas, a violência no futebol possui diferentes interpretações e formas de legitimação. Dentro das torcidas, a violência poderá ser entendida como legítima e associada à honra, “en las hinchadas se generan ciclos de violencia motorizados por el sentimiento de pérdida del honor y su inevitable recuperación” (MOREIRA, 2013, p. 204). Em alguma medida, a violência poderá, inclusive, organizar esse coletivo (ALABARCES, 2012). A violência pode permitir que o protagonismo das ações nos estádios de futebol seja disputado para além das quatro linhas do campo de jogo (RIBEIRO, 2007). Até aqui, dirigentes de clubes e federações, poder público e jornalistas esportivos se preocuparam em destacar o quão exógeno o fenômeno da violência é do futebol. Uma associação entre futebol, violência e currículos de masculinidade me permite discordar e apontar que diferentes tipos de violência são constantemente convocados para participar das partidas. O que varia enormemente são as legitimidades dessas diferentes ações.

⁶² Ainda antes do Maracanã, durante o Estado Novo, as grandes manifestações de massa já aconteciam nos estádios de futebol. Primeiro em São Januário, no Rio de Janeiro e depois no Pacaembu, em São Paulo (AGOSTINO, 2002).

⁶³ Em 15 de abril de 1989, 96 torcedores do Liverpool Football Club morreram pisoteados e 766 ficaram feridos no Sheffield Hillsborough durante a semifinal da Copa da Inglaterra contra o Nottingham Forest Football Club. Apesar da grande preocupação com a violência nos estádios ingleses estar relacionada ao comportamento dos *hooligans*, a tragédia ocorreu em função da superlotação e das precárias condições do estádio. O relatório Taylor, produzido após a tragédia, em 1990, é o principal documento que relaciona à segurança do público com a estrutura dos estádios e passou a ser utilizado nas construções ‘padrão FIFA’.

Pensando na potencialidade que os espaços arquitetônicos possuem para a domesticação dos corpos dos torcedores, me parece importante pensar na centralidade desse corpo nas ações realizadas nos estádios. Pablo Alabarces (2012) define que é necessário um corpo que suporte diferentes adversidades para legitimar uma série de discursividades sobre honra e masculinidade que, em última análise, só possuem reconhecimento legítimo do conceito de “*aguante*”, disputado pelos torcedores argentinos, se enfrentarem combates físicos. “Las prácticas y usos corporales componen un ‘yo macho’ diferente del ‘otro puto’” (GARRIGA ZUCAL, 2005a, p. 51). Não é, porém, apenas nas manifestações violentas dos torcedores nos estádios de futebol que o corpo possui centralidade. O corpo é central na constituição das identidades, ele é inscrito por marcas que dizem a que grupos pertencemos, nos assinala identidades de gênero, de sexualidade, etnia, idade/geração, classe social... Essas marcas decorrem de práticas corporais aprendidas que adquirem significados de acordo com os sistemas culturais em que são inscritas (BONIN; SILVEIRA, 2010). A potencialidade dos estádios de futebol na construção de determinados corpos também se dá em relação a seu caráter ambíguo entre público e privado. O corpo é um fenômeno social constituído na esfera pública (BUTLER, 2009). Por essa razão, ele é motivo de investimentos diversos, de demonstrações específicas nessa cena pública, incluindo a contenção de movimentos como os ‘denunciados’ contra o ‘padrão FIFA’. O corpo está sempre exposto a forças sociais e politicamente articuladas, além de certas exigências de sociabilidade (Idem, 2010), que permitem com que um determinado corpo seja elegível ou não em um contexto cultural específico.

Contrários a essa domesticação, ou a essa limitação, alguns investigadores têm proposto uma visão um tanto romantizada do público dos velhos estádios. Segundo essa perspectiva, a existência da totalidade dos lugares nos estádios com cadeiras exigindo que os torcedores permaneçam sentados ignoraria “totalmente as características das arquibancadas, que são espaços de expressões corporais, cânticos e manifestações de liberdade por parte dos torcedores” (SCHERER, 2011, p. 33). Sobre o, então, projeto da Arena do Grêmio, foi possível localizar argumentos que o classificavam como excludente e repressivo, “se apoiando nos exemplos europeus, onde a participação das torcidas tem sido cada vez mais intimidada com a presença de um forte aparato de segurança, o que gera medo e a artificialização da manifestação” (SIRANGELO, 2009, p. 50).

Alguns torcedores se aproximavam dessas interpretações. André acreditava que a existência das cadeiras prejudicava o envolvimento dos torcedores, *“porque mais pessoas acabam mais assistindo do que torcendo. Com o cimento das arquibancadas, o estádio tremia e mobilizava o coletivo de torcedores”* (DC 3). Rhodolfo apontou que *“a própria estrutura da Arena já mudou a forma do torcedor, não tem mais como o torcedor torcer como era antes com avalanche, pulava, gritava, tu não podes mais fazer isso, já mudou bastante”* (DC 11). Edinaldo reforçou que não seria apenas o estádio que produziria essas mudanças. Segundo ele, *“tem toda uma ideia de que antes se torcia de um jeito e dava briga lá fora, o pessoal fazia isso e não sei o quê. O fato de deixar todo mundo ‘elitizado’ seria um comportamento do pessoal vir, torcer e ir embora”* (DC 11). Rhodolfo complementou que *“a Arena é uma modernização, o que existe de estádio mais moderno no mundo, aí tu pegas o padrão Europa. Padrão Europa é todo mundo torcendo mais arrumadinho, é mais ou menos esse padrão que é imposto”* (DC 11). A partir dessa “imposição”, Rhodolfo afirmou que *“não adianta dizer: ah, eu vou torcer igual, não. Tu chegas ali vê tudo mais organizadinho”* (DC 11). Matheus entendia que *“um estádio mais moderno impõe uma certa restrição para quem quer fazer baderna seja pela organização dele e pela quantidade de pessoas que trabalham mais, pela visibilidade que dá, mais câmeras e tal”* (DC 12). Everaldo, amigo de Matheus, acreditava que *“a modernidade do estádio comportou mais a torcida”* (DC 12). Para Rodrigo, uma diferença grande é que ele não percebia mais a torcida como um aglomerado unificado, *“ficou bem dividido”* (DC 14). Giuliano, amigo de Rodrigo, disse que a principal diferença com as cadeiras seria que *“o pessoal assiste ao jogo mais sentadinho e quieto”* (DC 14). Luiz criticou a existência das cadeiras. Ele acreditava *“que aqui tu perdeste um pouco, eu acho, da liberdade aquela porque é todo mundo sentadinho, é aquela coisa mais fria, eu acho que é um dos motivos da torcida também ter ficado mais reprimida”* (DC 24). Maylson acreditava que a arquitetura do estádio com a presença das cadeiras atrapalhava a torcida, *“é muito sentado. No Olímpico o pessoal ficava mais em pé, já vibrava mais. Aqui como é mais conforto e isso a gente nota pelos estádios europeus. Por que eles ficam mais sentados, mais quietos? Porque eles ficam mais confortáveis e se acomodam”* (DC 26). Ele entendia que o conforto produzia comodidade e, com isso, diminuiria a participação dos torcedores *“tu não levantas que nem o cara numa [Cadeira] Gold ali sentadinho no fofinho e ninguém na tua frente e aí ninguém levanta tu ficas sentado todo o tempo, todo mundo fica sentado”* (DC 26).

Parece-me legítimo que os torcedores que estão perdendo espaço nos estádios ou que tenham contrariedade com a estética vigente militem contra essa situação e, também, sou politicamente contrário à elitização das praças esportivas e à proibição de manifestações historicamente mais associadas ao popular. Porém, essas manifestações que estão sendo excluídas não são manifestações livres ou menos artificiais que as prováveis ‘novas manifestações’. Elas são datadas e possuem conteúdos bastante específicos que, em alguma medida, também podem convidar sujeitos adeptos de outras práticas a não participarem daqueles eventos. O conceito de “nostalgia imaginada”, conforme proposto por Arjun Appadurai, pode ser produtivo para pensar esse ‘romantismo’ sobre as práticas dos antigos estádios. Esse conceito se refere a certa nostalgia de situações que nunca existiram e que correspondem a uma idealização de outros tempos e lugares (ASSUNÇÃO, 2012). “Os torcedores de futebol passam suas memórias personalizadas para torcedores mais jovens caindo em uma nostalgia, uma vez que o passado torna-se romantizado diante da banalidade do presente” (GIULIANOTTI, 2010, p. 162).

O entendimento de mudança do comportamento dos torcedores nos novos estádios aparecia como questão para diferentes atores envolvidos com o futebol. Além dos jornalistas, profissionais do futebol e torcedores mostraram preocupação com os novos rumos do torcer no Brasil. Passados pouco mais de seis meses da inauguração do novo estádio do Grêmio, em junho de 2013, o então treinador da equipe, Vanderlei Luxemburgo, demonstrava preocupação com o comportamento dos torcedores na nova casa gremista. “Se a Arena virar um teatro, danou-se. Não vamos ter um ambiente de futebol. A Geral ofusca quem quer reclamar. Temos que fazer esse ambiente na Arena, não dá pra ser algo passivo⁶⁴”. Mathias Inácio Scherer (2011) acredita que o estádio possa ser lido como um teatro, uma vez que possui um público (torcedores) dividido de diferentes maneiras (arquibancadas), o palco (campo) e os atores (jogadores). Estou inclinado, porém, a perceber que essa definição do treinador estaria mais relacionada a uma distinção dos públicos que, historicamente no Brasil, frequentam os estádios de futebol e o teatro, especialmente em relação ao comportamento desses públicos. O público de teatro tende a ser lido como mais ‘civilizado’ e passivo, ao menos dentro da lógica do senso comum, bastante compartilhada nas discussões futebolísticas.

⁶⁴ Disponível em: <http://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/soccer---se-a-arena- virar-um-teatro--danou- se---afirma-luxemburgo-150438508.html>. Acesso em 9 de junho de 2013, às 21h50.

(...) à moderna indústria do espetáculo. Esta prefere um consumidor sóbrio. Ademais, um consumidor de maior poder aquisitivo, de forma que nossos novos estádios tendem a expulsar o pobre e o torcedor apaixonado, categorias que muitas vezes se confundem no mesmo indivíduo, já que o “pertencimento clubístico” está enraizado na cultura popular urbana (MASCARENHAS, 2014, p. 211).

Uma das apropriações possíveis e sugeridas por alguns pensadores aponta que esses novos estádios trabalhariam em lógicas semelhantes às das transformações dos públicos tanto de teatros como de cinema. Se na origem do teatro, o público poderia fazer intervenções e, em alguma medida, ‘torcer’ por algum personagem, com o passar da história do teatro, o público foi sendo posicionado de forma mais contida limitando-se à observação das obras. Os cinemas, por sua vez, foram diminuindo de tamanho e, em boa parte das cidades, foram sendo transferidos para os *shoppings centers*, além de terem sofrido um importante aumento em seus preços de entradas. Em medidas distintas, os torcedores acabam fazendo essa relação do estádio com um teatro. Fábio tinha dúvidas em relação ao binômio custo/benefício “*por se tratar de uma obra caríssima e um aparelho caríssimo, mas que quem está olhando e usando pensa que é um teatro*” (DC 9). Pensar a Arena como um teatro é questionado por diferentes atores que entendem que isso faria com que faltasse certo ‘ambiente de futebol’. Questionei dois torcedores se eles acreditavam que a Arena possuía esse tal ‘ambiente de futebol’. Gabriel acreditava que já melhorou “*porque no começo parecia um teatro*” (DC 9). Rhodolfo acreditava que “*a Arena ainda é um espetáculo, não é um jogo de futebol*” (DC 11). Ele reforçou que “*aqui é mais espetáculo tu sentas, olhas o jogo, curtes, aproveitas, mas não é aquela coisa de todo mundo pegar junto para fazer um baita jogo, é muito espetáculo ainda, está mudando, mas ainda é um espetáculo*” (DC 11). Questionei se daria para comparar o espaço da Arena com um teatro. Rolando respondeu que sim, “*tu vais ali, assistes, bates palma e vai embora*” (DC 11). Rafael reclamava das dificuldades impostas para a realização da festa, como a colocação de bandeiras em lugares específicos. Ele foi enfático ao definir que o estádio “*não é um teatro, isso é um estádio de futebol, envolve paixão, as pessoas se exacerbam, passam um pouco dos limites e é natural*” (DC 11).

Após a reinauguração do Maracanã, no Rio de Janeiro, no dia 2 de junho de 2013, o *blogueiro* Otávio Rodrigues reclamava do público presente no jogo entre Brasil e Inglaterra, do aumento do valor dos ingressos e da elitização dos comportamentos:

(...) “a grande massa”, que gerou uma renda de R\$ 8.615.730,00, o maior recorde de bilheteria das terras tupiniquins, foi aquele público que só deve voltar quando um novo “espetáculo” acontecer. Isso se voltarem... O

verdadeiro torcedor ficou de fora, fantasiado na rampa da UERJ, já que não tinha dinheiro para entrar em um lugar diferente do que ele um dia conheceu. (...) O retrato desse espectador no Maracanã deste domingo, a grande plateia de 57 mil pessoas (pagantes), representa o tipo de ‘torcedor’ que o Brasil terá na Copa das Confederações e na Copa do Mundo. (...) Não existe um clamor para organizar uma torcida que queira ver o jogo bem jogado, que torça pelos craques e pela seleção, que vibre a cada lance e que cante sem parar. O Maracanã deste domingo é o espectador bobão que encheu um palco bonito, igual a muitos outros, que voltou para casa e postou sua foto #feliz na internet⁶⁵.

Mesmo reforçando minha simpatia pela festa das torcidas e meu posicionamento contrário à exclusão de setores populares dos diferentes espaços públicos de lazer, incluindo os estádios de futebol, me parece que em algumas circunstâncias existe certa naturalização do torcedor popular, talvez melhor pensado como uma representação do torcedor de futebol altamente positivada e que ignora que, como em qualquer contexto de disputa por significados, também permitia algumas posturas enquanto dificultaria outras. Teodoro concordava que existiu um processo de elitização, mas ele achou *“muito melhor essa história de tu teres um conforto, de poderes olhar o jogo tranquilo. A gente vem em quase todos os jogos e eu gosta de apreciar, de olhar”* (DC 16). Teodoro lembrou que as pessoas têm jeitos diferentes de torcer e *“eu não gosto de ficar gritando e tudo mais. Realmente deu uma elitizada, mas ao meu ver, para mim, ficou muito melhor”* (DC 16).

Gilmar Mascarenhas chega a definir esses sujeitos excluídos como *“o tradicional torcedor brasileiro, de modestos rendimentos, imbuído do engajamento emocional por seu clube, não interessa mais à indústria do futebol, gananciosa de consumidores passivos e abastados”* (2014, p. 222). Edinaldo afirmou que as modificações identificadas no comportamento da torcida *“aparecem especialmente em função do preço dos ingressos. O ingresso é caro e o que torna o futebol tão forte são as pessoas de classe mais baixa vindo para o jogo, é outra coisa”* (DC 11). Moisés, amigo de Edinaldo, concordou, e afirmou que esses indivíduos oriundos das classes mais baixas *“são os torcedores de verdade, na ‘real’”* (DC 11). Edinaldo continuou reforçando que *“torcedor de verdade, aquele que fica brabo quando perde, de ficar muito puto ou quando ganha sair gritando. Esse cara assistindo é que faz o futebol do campo, de verdade, mas com esses preços fica complicado realmente”* (DC 11).

(...) nesse processo de reforma dos estádios se quer trocar a figura do “torcedor” (emocional, intenso, excitado, agressivo, viril) pelo “consumidor” (ou pós-torcedor, diria Giulianotti), geralmente de média ou alta renda, mais

⁶⁵ Disponível em: <http://br.esporteinterativo.yahoo.com/blogs/melhor-futebol-do-mundo/ci%C3%B1Ames-da-copa-mundo-plateia-toma-o-lugar-035743792.html>. Acesso em 9 de junho de 2013, às 21h53.

sereno, que aporta nos estádios em família, disposto a assistir passiva e confortavelmente a um “espetáculo” repleto de “astros” midiáticos. O torcedor sofre, grita, reclama, reivindica, ameaça e se articula coletivamente com estranhos. Ele quer ser protagonista do evento, com o qual contribuiu com sofrido dinheiro e paixão fiel ao seu clube. O consumidor, solitário ou imerso em seu pequeno e “fechado” grupo, contempla, aplaude, filma e fotografa o cenário. Uma experiência sem riscos, sem incertezas, adequada e altamente lucrativa para os donos do espetáculo (MASCARENHAS, 2014, p. 210).

Aqui, me parece um tanto apressado ou perigoso pensar os “torcedores” (que seriam entendidos como pobres ou das classes populares) e os “consumidores” (representados como ricos ou burgueses) como sujeitos em oposição. Esse par binário poderia levar a incorrer no equívoco de acreditar que o “consumidor” não torce ou, o que seria ainda mais equivocadamente, que o torcedor não consome. Em um diálogo sobre os significados das emoções com uma colega que trabalhou sobre a “mercantilização” do Club Atlético Boca Juniors (HIJÓS, 2013), através do suporte teórico de Viviana Zelizer (2009) mostramos como pensar o mundo da economia e da intimidade como ‘mundos hostis’ pode estar um tanto equivocadamente (BANDEIRA; HIJÓS, 2017). Muito mais do que separar as experiências de consumo e afetivas, os sujeitos negociam estes processos em que o dinheiro e as paixões caminham de forma muito próximas.

A própria virilidade acaba aparecendo como adjetivo dos “torcedores” em contraposição aos “consumidores”. Se admitirmos esse ingrediente, além dos torcedores de baixo poder aquisitivo que estão sendo excluídos desses espaços, existiriam alguns grupos que poderiam se pensar privilegiados por essa diminuição de virilidade? Jackson acreditava que o estádio tenha ficado um espaço mais agradável para se visitar, inclusive como um passeio. Por esse motivo, ele acredita que *“as pessoas que estão frequentando são diferentes, não são as mesmas pessoas que frequentavam antes a R\$ 10,00, R\$ 15,00, o ingresso, sei lá R\$ 20,00 o ingresso e essas pessoas são menos enérgicas pela cultura, pela vida de cada um aqui que é diferente”* (DC 11). Jackson reforçava que o torcedor que paga entre R\$ 50,00 e R\$ 70,00 o ingresso não é o mesmo torcedor que paga R\$ 20,00. Ele acreditava que no espaço popular a torcida cantava e vibrava o jogo inteiro, enquanto nos demais setores, a vibração seria restrita a alguns momentos do jogo. Essa mudança de público teria mudado a forma de participação durante as partidas. Frequentador do setor Oeste do anel superior, Jackson afirmou que seu grupo de amigos *“optou pelo conforto e no nosso grupo de amigos a gente tenta alentar, gritar e cantar de forma parecida, mas mesmo tentando não é a mesma coisa.*

Ao teu redor tem famílias, tem crianças, idosos, então mudou e aí não é escolha nossa, mudou, mudou” (DC 11).

Essa presença de famílias, crianças e idosos acabava sendo apontada como uma diferença que, em si, não me parece prejudicial ao ambiente. Em alguma medida, um público que valoriza um tanto menos a virilidade poderia autorizar a presença de outros que estavam afastados nos antigos estádios, e não apenas pelo fator econômico. Seria possível pensar que a masculinidade, ou as representações de masculinidades, são colocadas em questão nessa operação entre sujeitos de diferentes capacidades econômicas.

(...) num estádio popular, a cobrança do torcedor é maior, seja pela maior quantidade de espectadores, seja pela atitude ruidosa própria do indivíduo das camadas populares. Um público menos apaixonado, menos “viril” e mais comportado, típico dos modernos estádios, é certamente mais adequado aos grandes interesses envolvidos no formato do futebol de espetáculo (MASCARENHAS, 2014, p. 170).

Ainda em 2013, o então treinador do Grêmio, Renato Gaúcho, na contramão das recomendações sobre o comportamento moderado imaginado para as novas arenas, solicitava que os torcedores durante a semifinal da Copa do Brasil, contra o Atlético Paranaense, apoiassem a equipe: “Acima de tudo, peço para que o torcedor compareça. Tem que receber os jogadores no ônibus. Não pode nem sentar, é ficar em pé e apoiar. É o jogo mais importante (do ano). Mais do que nunca o torcedor precisa dar uma resposta positiva. Precisa ir em peso, incentivar⁶⁶”. Em 2014, em recuperação no Campeonato Brasileiro, o então presidente, Fábio Koff, apostava no recorde de público na Arena e deixava explícita as suas expectativas: “Espero que a torcida do Grêmio dê uma demonstração de força no estádio e que carregue sua alma à Arena⁶⁷”.

Pensando na elaboração social do gosto, como sugerida por Pierre Bourdieu (2007), é necessário lembrar que o consumo estabelece uma comunicação e certa hierarquia simbólica das classes economicamente superiores para se diferenciarem a partir do acesso a determinados bens de consumo. O gosto por determinados produtos, serviços e atividades corporais serviria para diferenciar as classes altas das camadas trabalhadoras. É interessante pensar se nessa discussão sobre a estética dos antigos torcedores e a ‘perda’ ocasionada pelo novo público não pode estar em jogo uma distinção que segue uma lógica ‘invertida’ à proposta por Bourdieu. Nesse caso, a

⁶⁶ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2013/11/renato-passa-cartilha-torcida-por-apoio-na-arena-nao-pode-sentar.html>. Acesso em 08/06/2015, às 10h07.

⁶⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/gremio-pede-alma-da-torcida-e-quer-publico-recorde-na-arena-contra-o-sp.html>. Acesso em 08/06/2015, às 10h12.

distinção buscada, nesse contexto específico de construção de masculinidades, seria a associação a um gosto que poderíamos chamar de popular, via de regra, marcado por uma maior possibilidade de resistência ao que setores elitistas e o senso comum poderiam chamar de ‘bons modos’, além de possuírem uma estética que poderia ofender a estética das camadas médias e altas. Luiz Henrique de Toledo afirma que nos anos de 1990 uma chamada estética apresentaria uma corporalidade “de periferia” que atravessaria diferentes “frações de classe como um item de consumo comportamental ou cultural de afirmação geracional” (2012, p. 138). É preciso lembrar, porém, que “não se pode fixar uma estética exclusivamente masculina sobre os hábitos de uma classe, assim como não se podem restringir expressões extremas de domínio masculino (como bater em mulheres) a uma única classe social” (GIULIANOTTI, 2010, p. 199). Esse conceito de “cultura popular” não se restringe apenas pelo capital econômico, mas é atravessado por capitais simbólicos e sociais, ainda utilizando termos *bourdianos* (PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2012). Os estádios de futebol e suas coletividades potencializam essas associações a um determinado tipo de comportamento, “a adesão a ‘gostos’ culturais são moldados no âmbito coletivo, evidenciando a importância da sociabilidade, do compartilhamento e do sentimento de pertencimento a um determinado grupo frente a outros” (BARROS, 2012, p. 129).

No estádio, o torcedor experimenta o compartilhar de um mesmo evento com milhares de outras pessoas, torna-se massa, dissolve-se na torcida de seu time, enquanto em sua casa, assistindo à televisão, tal fenômeno social praticamente não ocorre, salvo em circunstâncias muito especiais, como no momento de um gol (GASTALDO, 2014, p. 228).

Os estádios de futebol e as práticas torcedoras que ali ocorrem estão sempre investidas de uma grande carga de emoções. “Nenhuma outra forma de cultura popular engendra uma paixão ampla e participativa entre seus adeptos como a que se tem pelo futebol” (GIULIANOTTI, 2010, p. 7). Julio Frydeberg (2011) ressalta a preocupação que a paixão dos torcedores de futebol na Argentina gerava desde as primeiras décadas do século XX. Segundo ele, a paixão não era exatamente o problema, mas as formas e os conteúdos dessa paixão. Norbert Elias (1992) aponta que a partir do século XVI existiram diferentes formas de tentar regulamentar as condutas e os sentimentos, eliminando os excessos de castigos corporais. O mesmo autor sugere que nas partidas de futebol não é apenas a vitória que pode emocionar, mas o exato nível de tensão que envolve as equipes em disputa. Se a diferença técnica entre elas é muito grande, o nível de tensão tende a ser diminuído com uma solução rápida para o enfrentamento. Regular a tensão e a excitação agradáveis é algo importante em nossa cultura. Elias (1992)

insiste que os estados de “elevada excitação” são considerados anormais e podem servir como um perigoso prelúdio para a violência em uma multidão. Ao mesmo tempo, sujeitos muito preocupados na contenção de fortes emoções acabariam sendo suscetíveis a uma série de tensões ao longo da vida.

Sobre os esportes, Norbert Elias (1992) argumenta que a maioria deles carrega fatores de competitividade que incluem força corporal ou destrezas não militares. As regras servem para que os competidores tenham o menor risco de dano físico possível. A esportivização dos passatempos foi realizada pela sociedade inglesa e exportada para todo o mundo dentro do esforço civilizador europeu. O surgimento do esporte como uma “forma de luta física não violenta” se desenvolveu dentro de uma sociedade em que se apaziguaram os ciclos de violência. Nas diferentes modalidades, o esporte é sempre um confronto em um cenário imaginário em que o adversário pode ser uma montanha, o mar ou outros seres humanos. São as representações que nos permitem pensar que pessoas que manejam uma bola com os pés podem representar um clube, uma região ou uma nação.

Na perspectiva da antropologia das emoções, existe uma aprendizagem de esquemas ou padrões que acontecem em interação com o ambiente social e cultural. Aprende-se como, quando e por quem se pode manifestar determinados sentimentos. É necessária, também, a aquisição de um “conjunto de técnicas corporais que incluem expressões faciais, gestos e posturas” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 30). Da forma como as emoções são vividas historicamente nos estádios de futebol, podemos pensar em duas implicações: a) a torcida seria um agente coletivo que incluiria as somas das individualidades dos que ali estão presentes, mas não se resume a elas. Ao pensar os ritos e crenças religiosas, Durkheim apontava que a “efervescência”, um estado alterado da atividade psíquica, somente poderia ocorrer com os sujeitos imersos em uma coletividade marcada pela intensidade (Ibidem). Marcel Mauss, pensando na obrigatoriedade da manifestação de sentimentos, justifica que as ações mais viscerais como lágrimas, gritos e lamentações não se resumem a sentimentos individuais, mas são pautados por uma gramática comum; b) não sendo resumidas a ações espontâneas, as emoções são perpassadas por relações de poder e por moralidades que demarcam fronteiras entre grupos sociais (Ibidem). As limitações dos espaços nos estádios de futebol poderão autorizar algumas manifestações e restringir outras: “a separação, a atomização e a hierarquização dos espectadores nas arquibancadas visam suprimir a massificação de outrora” (HOLLANDA, 2014, p. 324). O que é permitido e o que é

entendido como excessivo no comportamento dos torcedores de futebol é sempre atravessado por uma determinada perspectiva de mundo.

A cultura contemporânea realiza importantes esforços na manutenção de certo padrão aceitável de comportamento e de demonstração das emoções. Na vida cotidiana somos incentivados a mantermos a calma e a controlar diferentes impulsos. Diferentes atividades de lazer têm recebido a responsabilidade de suspender essas regras. Desde os chamados esportes radicais, passando por uma série de consumos excessivos, diferentes espaços – dentre eles os estádios de futebol – são criados para atividades ‘mais livres’ em relação ao comportamento (melhor entendidas como demarcadas por outros tipos de constrangimentos), que serviriam, de alguma maneira, para ajustar a excitação reprimida em outros momentos cotidianos. As atividades recreativas poderiam permitir que os sujeitos tivessem uma maior excitação em que imitariam a ‘vida real’, mas sem os riscos envolvidos nessa mesma ‘vida real’. Norbert Elias (1992) ressalta que a capacidade de controlar seus impulsos não é inata aos seres humanos. Ele sugere, porém, que o autocontrole poderia ser entendido como um universal do humano, na medida em que todas as culturas constroem conteúdos de autocontrole a serem aprendidos por quem quiser o estatuto de humano em um contexto específico. Judith Butler afirma que os sentimentos estão em parte condicionados por nossas interpretações de mundo. Essa interpretação não é fixa e pode ser modificada fazendo com que se modifique, também, a forma como sentimos. “Nuestro afecto nunca es solamente nuestro: desde el principio, el afecto nos viene comunicado desde otra parte” (2010, p. 79). Os sentimentos são sempre tributários do contexto cultural e das relações sociais em que aparecem (REZENDE; COELHO, 2010).

A reformulação dos estádios utiliza critérios de elitização das praças esportivas limitando os lugares para que os torcedores possam assistir aos confrontos em pé sem a clara demarcação das individualidades. “O campo de futebol moderno é esculpido para acomodar uma categoria de torcedor menos diversa socialmente e mais burguesa. As questões de proteção e de segurança da multidão são a base dessas mudanças arquitetônicas fundamentais” (GIULIANOTTI, 2010, p. 100). Os atuais estádios também trabalham com a diminuição do número de espaços totais a ser comercializado, o que acaba exigindo um valor mais alto no preço dos ingressos para não seguir uma linha direta entre diminuição de lugares e de receitas. A segurança ou o enfrentamento à violência obedecem à mesma discursividade na hora do aumento do valor dos ingressos. Existe uma lógica bastante rasteira que identifica que quem paga um determinado valor

não vai querer se envolver em confusão (ALABARCES, 2012). Luiz Ribeiro identifica um processo de “higienização” do espetáculo futebolístico a partir das décadas de 1970 e 1980. Ele associa essa “higienização” com o crescimento de espaços na mídia, especialmente televisiva. Segundo ele, essa higienização faz parte de um “aburguesamento do futebol”, que passou por uma nova seleção do público dos estádios. “Os dirigentes do futebol começaram assim a se interessar por atrair, ao invés dos torcedores apaixonados, um público de classe média, com maior poder de consumo e supostamente mais assépticos e civilizados” (2007, p. 58). Judith Butler (2009) nos lembra que tanto o termo como a prática da “civilização” funcionam produzindo e limitando o que pode ser entendido como humano de forma diferenciada.

Talvez, a principal controvérsia existente em relação às novas praças esportivas no Brasil tenha sido, justamente, seu processo de elitização. As melhorias foram quase sempre traduzidas por aumento de custos e de preços dos ingressos, o que acabaria afastando os torcedores com menor poder aquisitivo. Mesmo que esse processo possa, em alguma medida, ter sido catalisado com a Copa do Mundo, ele não é novo. Diferentes estádios, durante a primeira década deste século, já estavam substituindo suas áreas populares por camarotes, em um processo que poderia ser entendido como *gentrificação* dos estádios.

O preço dos ingressos apareceu em algumas falas dos torcedores. Por vezes, existia um raciocínio de que o “povão” poderia constituir o que seria uma torcida de “verdade”, mas que essas pessoas estariam excluídas em função do alto custo das entradas. Arthur ressaltou que não é possível ser indiferente sobre o processo de elitização, *“tanto gremistas e colorados têm o mesmo pensamento, tu queres todo o torcedor, tu não vais querer um. Tu vês um negócio desse acontecendo e pensa, pô, que bom que todo mundo possa ver isso”* (DC 9). Rodrigo afirmava que isso não era uma novidade: *“o futebol há muito tempo não é popular, isso é fato, vem aqui e tu vês que os preços são caros. Agora é um amistoso, rolou a possibilidade de porta aberta, cara, lota isso aqui de gremista é só o que a gente quer, mas não”* (DC 14). Matías reclamava do alto custo para se assistir a uma partida de futebol, sendo impossível, segundo ele, sair de casa com menos de R\$ 100,00: *“e tu assistires uma partida de futebol em um local confortável em um lugar bem posicionado é difícil. Se tu vieres de carro ainda tem que pagar estacionamento é mais complicado ainda”* (DC 15). Tiago, amigo de Matías, acreditava que existia *“uma certa lógica que se o serviço é melhor pode se cobrar mais”* (DC 15). Braian identificou esse processo de elitização: *“o torcedor mais*

apaixonado ele não tem condição de vir ao estádio pelos altos valores cobrados. Eu não acredito que isso seja injusto, uma vez que se investiram grandes valores para se ter isso” (DC 18). Victor, amigo de Braian, acabou naturalizando essa relação entre equipamento com mais qualidade e preço mais alto, e colocou o estádio como um local de consumo como qualquer outro: *“em um shopping melhor tu vais pagar mais caro, em um shopping inferior vais pagar mais barato o cinema ou algo parecido, faz parte. Hoje tu vais no banheiro e tem papel, tu consegues ir no banheiro, o que no Olímpico tu não conseguia”* (DC 18).

A alta no valor dos ingressos, que já vinha ocorrendo na primeira metade da última década, é um ingrediente muito importante nesse processo de ‘atualização’ dos estádios brasileiros. Modelos de associação têm feito com que fique cada vez mais difícil que um ingresso de custo baixo seja adquirido de forma avulsa. O componente econômico-financeiro carrega uma importante carga moral no contexto futebolístico. “En la cultura futbolística la aparición de componentes económicos es disruptiva. Se trata más que nada de una cultura basada en mitos románticos” (ALABARCES, 2012, p. 66). O consumo também acaba aparecendo como outro elemento que parece hierarquizar de forma negativa as relações entre torcedores com os seus clubes de futebol e os estádios.

Pablo Alabarces (2012) ilustra as passagens semânticas (e toda a carga simbólica que isso carrega) dos sujeitos de “povo” a “cidadãos” e, neste momento, para “consumidores”. Boa parte das associações negativas que se realizam com os consumidores se valem de uma percepção de que este seria um sujeito facilmente manipulável ou, no mínimo, limitado na sua criatividade e ignorado enquanto agente social. Novas perspectivas no que se entende por ‘antropologia do consumo’ discordam desse viés.

(...) as relações que fundamentam o consumo são bem mais complexas, e geralmente nos chamam a pensar sobre questões mais amplas, abordadas através das subjetividades dos sujeitos, dos processos criativos definidores de um “estar no mundo”, do poder e agência que os sujeitos se autoatribuem ao estabelecerem relações de produção-circulação-consumo (RIAL; SILVA; SOUZA, 2012, p. 14-15).

O consumidor também pode ser pensado como um sujeito que interage com um universo material sendo parte constitutiva e constituinte de seu processo de “reprodução social”. Nesse contexto, é necessário admitir que o “consumidor também se produz” (BARBOSA, 2012, p. 7). As relações dos consumidores com o estádio ou com o “mundo material” são mais ricas quando esses espaços são pensados como algo

dinâmico, com capacidade de constringer ou aumentar as possibilidades dos corpos e ações (Ibidem). O consumo pode ser mais produtivamente pensado como “um processo em que os agentes se engajam na apropriação de bens, serviços, *performances*, informação ou ambiência” (GOIDANICH; RIAL, 2012, p. 178). Discutindo diferentes legislações dos torcedores, incluindo a lei nº 10.671, o *Estatuto de Defesa do Torcedor*, muito criticado por aproximação com o *Estatuto de Defesa do Consumidor*, Luiz Henrique de Toledo lembra que “os direitos do consumidor são uma marca política de nossos tempos, sem dúvida, e trazem as operações simbólicas de uma sociedade em constante transformação” (2014, p. 316). Ao mesmo tempo, ele destaca a especificidade da “compra de um jogo do time de preferência” e afirma que “a inclusão dos torcedores no rol de direitos do consumidor (...) frequentemente tende a excluí-los das agendas políticas que ditam e legislam sobre as peças e molduras político-jurídicas que se popularizaram a partir do Código de Defesa do Torcedor” (Ibidem).

Minha principal hipótese ao iniciar este trabalho estava vinculada a uma mudança do currículo de masculinidades dos torcedores de futebol. Essa hipótese se sustentava nas mudanças das praças esportivas no Brasil, catalisadas com a realização da Copa do Mundo masculina de futebol da FIFA, de 2014. A construção de uma candidatura minimamente capaz de ‘encantar’ os membros de comitês exigia um longo processo político. As diferentes esferas do Executivo, em suas dimensões Nacionais, Estaduais e Municipais, precisaram se articular na construção de uma candidatura possível. E, como costumeiramente ocorre no Brasil, “a sociedade civil pouco participa dos debates, dos planos e das negociações” (MASCARENHAS, 2009, p. 527). Um dos importantes processos na construção da candidatura brasileira foi a “condenação”, em 2007, de todos os estádios brasileiros por uma comissão da FIFA que visitou o país (Ibidem).

Talvez eu tenha dado peso exagerado aos estádios ou não tenha levado em consideração que, para além das obras arquitetônicas, outras discursividades também atravessariam o currículo dos torcedores de futebol provocando uma série de disputas que poderiam colocar determinadas discussões com maior relevância do que outras. De qualquer maneira, me parece necessário ainda olhar para os estádios. Mais do que simples espaços arquitetônicos, os novos estádios ou arenas carregam uma série de enunciados do que é ou não adequado de ser dito, vivido e experimentado nesses novos equipamentos de lazer em multidão. Flavio de Campos lista os pressupostos evidentes ainda nos projetos de reformulação ou construção de novos estádios:

(...) arenas multifuncionais com poltronas confortáveis, elevadores, lojas de conveniência, praça de alimentação e versatilidade para sediar grandes shows de natureza diversas. Diminuição da capacidade de público, elevação dos preços dos ingressos, valorização de espaços privados (camarotes, setores vip, tribunas), setorização vinculada a patrocinadores (especialmente cartões de crédito e suas subdivisões, também definidas em razão do poder aquisitivo: *plus, platinum, infinite...*) são exemplos conhecidos por todos aqueles que acompanham o futebol nos dias de hoje. E que implicam em reconfigurações profundas nos modos de torcer (2014, p. 356).

A Copa do Mundo acabou funcionando, de certa forma, como justificativa moral/legal para essa alteração das praças esportivas, além de uma série de outras alterações, tais como a legislação sobre a liberação/proibição para o consumo de bebidas alcoólicas e a definição do território nacional em relação aos estádios utilizados na Copa durante a realização do evento. A Copa do Mundo ocupa protagonismo nas narrativas sobre a história do futebol, especialmente em sua relação com as nações. Boa parte das representações sobre o vínculo entre uma nação e o futebol, ou seu chamado estilo de jogar está, ou, ao menos esteve, vinculada aos eventos quadrienais promovidos pela detentora exclusiva do *football association*. Muito mais do que enviar seus representantes carregando o símbolo da CBF, em 2014, o Brasil sediou o evento. E sediar o evento é muito mais do que jogá-lo. Os atletas acabaram obrigados a dividir o monopólio das representações da nação com outros grupos, (o que parece menos importante nos demais eventos), “a participação na Copa implica a mobilização da nação enquanto comunidade de sentimento que se projeta no time que a representa, ao passo que a realização do evento compromete o Estado, parceiro da FIFA na organização da competição” (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 16). Os megaeventos esportivos propiciam a construção e a circulação de representações sobre as nações das equipes participantes das competições e dos países que recebem essas equipes. Esses eventos, “conquanto não envolvam todos os aspectos da vida cotidiana, nem mesmo todos os cidadãos indistintamente, é inegável que possuem ampla repercussão e, por isso mesmo, são alvo de toda a sorte de comentários e disputas” (Ibidem, p. 6).

A Copa de 2014 foi a segunda realizada no Brasil. Sessenta e quatro anos antes, o país foi responsável por sediar a quarta Copa do Mundo da FIFA, a primeira após a Segunda Guerra Mundial e que encerrou um hiato de 12 anos sem a disputa do torneio. Mesmo que a comparação de dimensões entre os eventos possa ser piegas ou pouco produtiva, algumas discursividades podem auxiliar na aproximação entre os dois

torneios⁶⁸. Para Gilmar Mascarenhas, o próprio consumo do futebol mudou de forma significativa.

A grande diferença entre 1950 e 2014 reside na forma como se organiza (e se consome) o futebol. Mais precisamente, a novidade reside nos novos parâmetros capitalistas que fecundaram âmbitos diversos desse complexo universo de práticas e significados – parâmetros que estabeleceram a “nova economia do futebol”, pautada em poderosos estímulos de *marketing*, difusa base midiática e nova gestão empresarial de clubes e até das carreiras dos atletas (2014, p. 209).

Em 1950, o Brasil teria a oportunidade de marcar o seu lugar de nação moderna, civilizada e evoluída, especialmente junto aos países chamados de ‘mais desenvolvidos’. Muito mais do que as qualidades esportivas, estava em jogo o que os correspondentes internacionais levariam aos seus países de origem, especialmente os europeus. Além de realizar o evento, o lugar de destaque entre as nações poderia ser conquistado em função da construção do Maracanã, maior estádio do mundo, e do título que fatalmente seria conquistado pela seleção brasileira (FRAGA, 2009).

As políticas de associação entre o Estado e o universo esportivo foram fortemente utilizadas por Getúlio Vargas na aproximação da construção de determinado modelo de identidade nacional (AGOSTINO, 2002). Para a realização da quarta Copa do Mundo da FIFA, o Brasil, após superar o interesse dos argentinos, governado por Eurico Gaspar Dutra, assumiu com a FIFA o compromisso da construção de um estádio que fosse capaz de realizar o torneio e de dar, de algum modo, a proposta das dimensões do evento. “Em 16 de junho de 1950, apenas dois anos depois do lançamento da pedra inaugural, o Maracanã finalmente foi apresentado ao mundo, transformando-se em monumento do esporte nacional e símbolo da capacidade de realização do país” (Ibidem, p. 147-148). Foi a primeira vez que o Brasil investiu recursos públicos consideráveis na construção de um espaço esportivo, com a justificativa de realizar o evento que reuniu 13 países. “Para os olhares da época, predominava o orgulho por um feito considerado de grandes proporções” (MASCARENHAS, 2009, p. 509).

Gilmar Mascarenhas (2009) destaca, tomando o torneio sul-americano de futebol de 1919, ocorrido na sede do Fluminense Foot-Ball Club⁶⁹, que em apenas três décadas o futebol no Brasil foi alçado à condição de protagonista como marcador da cultura e da identidade brasileira justificando, para isso, a utilização de recursos públicos para a

⁶⁸ Para se ter uma dimensão, os dois jogos realizados em Porto Alegre, entre México e Iugoslávia e, depois, entre México e Suíça, levaram 11 mil e 3,5 mil espectadores ao estádio dos Eucaliptos que possuía capacidade de 20 mil lugares mostrando certo desinteresse dos porto-alegrenses naqueles confrontos (DAMO; OLIVEN, 2014).

⁶⁹ De agora em diante, Fluminense.

realização da Copa de 1950. Além da importância que o futebol já ocupava na representação do que poderia se entender como identidade nacional, o evento internacional permitiria que o Brasil construísse uma imagem positiva de nação em contraste a algumas imagens importantes que circulavam à época, como o indolente Zé Carioca ou a pátria de bananas representada por Carmem Miranda. Com a realização da Copa de 1950, seria possível mostrar a capacidade brasileira na engenharia civil, na arquitetura e na logística através de um certame dessas proporções. Realizar a Copa com êxito possibilitaria tensionar as representações vigentes (Ibidem).

Tensionar as representações vigentes pode ser entendido como uma das opções do governo brasileiro no início deste século. Assim como ocorrera para a Copa de 1950, o governo brasileiro visualizou na realização desses megaeventos esportivos uma rica possibilidade de dialogar com o “mercado global”. Gilmar Mascarenhas recorda que, quando da candidatura para os megaeventos, o país passava por um crescimento econômico sólido que o recolocava como “emergente candidato a potência futura” (2009, p. 531). O autor salienta, também, que “organizar megaeventos esportivos tornou-se, neste início de século, uma meta explícita de política pública no Brasil” (Ibidem, p. 505). Além da Copa do Mundo da FIFA, em 2014, o Brasil realizou o Pan-Americano de 2007 no Rio de Janeiro, e em 2016, os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, além dos Jogos Parapanamericanos, também em 2007, e os Paralímpicos em 2016. Pensando na “sociedade de espetáculo” trabalhada por Guy Debord, Mascarenhas destaca que os megaeventos esportivos se tornaram, desde a década de 1980, protagonistas na cobertura midiática. Esses eventos contam com volumosos recursos públicos e privados e se constituem em rituais globalizados. Para ter o ‘direito’ de sediar um desses eventos, “países e cidades (representando governos nacionais e locais) esmeram-se na construção de projetos fabulosos” (MASCARENHAS, 2009, p. 506).

A realização desses megaeventos contemporaneamente obriga seus comitês organizadores e os agentes públicos a tomarem diferentes medidas em nome das normas do Comitê Olímpico Internacional (COI) ou do ‘padrão FIFA’. No Pan-Americano de 2007, no Rio de Janeiro, um novo estádio foi construído. As ações, porém, não ficaram restritas à construção das edificações esportivas. A remoção de comunidades de baixa renda de “áreas de risco” também foi uma atitude importante no Rio de Janeiro, repetida em diversas cidades-sede da Copa do Mundo de 2014. Essas ações tendem a favorecer a especulação imobiliária, a infraestrutura tecnológica em áreas nobres, além de dar *status* ao executivo local (MASCARENHAS, 2009).

Em relação à importância de obras desse porte, Porto Alegre é um bom exemplo, mesmo para obras que não estavam diretamente envolvidas na realização dos megaeventos esportivos. Um estudo sobre a história da geografia porto-alegrense poderia ser muito rico partindo da ‘mudança’ de local do estádio do Grêmio. A Arena, construída no bairro Humaitá⁷⁰, prometia levar ‘desenvolvimento’ à região, com melhorias de acessos, do trânsito e com a retirada das comunidades de baixa renda da, hoje, ‘área de risco’. Os próprios torcedores parecem partilhar dessa percepção. Matías acreditava que o projeto Arena foi bom para o clube e “*para a cidade vai ser bom*” (DC 15). Ele entendia o Grêmio como um clube precursor na questão de desenvolvimento da cidade, incluindo os bairros Moinhos de Vento e Azenha, antigos endereços tricolores. Gilmar Mascarenhas lembra que o primeiro estádio gremista, construído em 1904 seguia os preceitos dos primeiros estádios do Brasil, se constituía em “um majestoso pavilhão social com apenas quinhentos assentos e situado em zona nobre (bairro Moinhos de Vento), tendo como vizinho imediato o elegante hipódromo da cidade (2014, p. 108). Matías acredita que “*daqui uns dez anos será um bairro desenvolvido também*” (DC 15). Ao mesmo tempo, a saída do estádio Olímpico do bairro Azenha apresentava algumas promessas semelhantes, como a valorização do bairro e a modernização da área com a presença de comércio mais ‘moderno’ (traduzido em *shopping center*) na região. Esse exercício tem a potencialidade de realizar essa consulta à história da arquitetura da cidade e aos conceitos que podem ser potencializados nas narrativas de valorização de um determinado lugar da cidade por operações distintas, a chegada e a saída de um estádio de futebol.

É nesse cenário de ‘teatralização’ dos estádios, de aumento do preço dos ingressos e da reinvenção de modos de torcer que pretendi discutir algumas discursividades que têm eclodido neste momento histórico e de que forma elas acabaram atravessando o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol que frequentam estádios no Brasil. O universo do futebol “é entendido no Brasil como um tema transversal, sobre o qual a opinião de um especialista vale tanto quanto a de qualquer outro cidadão” (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 10). Por ser tão central no cotidiano brasileiro, e por atravessar a cultura nacional de forma tão abrangente, será necessário dialogar com as áreas da educação, antropologia, sociologia, história,

⁷⁰ Em 2015, um Projeto de Lei do Executivo (PLE) 006/14, do Município de Porto Alegre, fez uma nova delimitação dos bairros da Capital do Rio Grande do Sul fazendo com que a Arena do Grêmio ‘mudasse’ de endereço. Atualmente, o estádio localiza-se no Bairro Farrapos.

geografia e educação física para tentar chegar o mais próximo possível desse currículo para as masculinidades dos torcedores de estádio ou, agora, de arena.

2.3 Do Olímpico à Arena: torcedores em trânsito

Os torcedores de futebol são formados ao longo de diferentes jogos e situações. As performances, os cânticos, as emoções exigidas/autorizadas são utilizadas como um recurso didático que produz a lógica para fruição dos jogos dentro dos estádios. A própria arquitetura impele algumas ações enquanto inibe outras. Algumas limitações arquitetônicas são percebidas pelos próprios torcedores. José entendia que a Arena seria melhor que o Olímpico em estrutura, ao mesmo tempo em que reconheceu algumas dificuldades para a torcida, *“a Geral antes fazia avalanche e agora é proibido e era bonito”* (DC 33). Ele lembrou o incidente⁷¹ na partida diante a Liga Deportiva Universitária⁷², do Equador, mas acreditava que seria possível realizar algumas correções para manter o movimento da torcida após os gols do Grêmio (DC 33).

Para além dessas proibições diretamente envolvidas com o aparato material da construção, existem incitações e restrições simbólicas relacionadas ao comportamento dos torcedores. Jackson acreditava que a Arena era “bem mais gelada” do que o Olímpico, *“as cadeiras tornaram isso mais gelado porque fica um espaço entre as pessoas. A Arena é muito grande, não sei quando vamos chegar na capacidade total, infelizmente”* (DC 11). Indaguei se ele conseguia perceber alguma pressão para um comportamento diferenciado dos torcedores. Jackson afirmou que essa mudança aconteceria em qualquer ambiente, *“no momento que se entra em um hotel cinco estrelas, a gente não consegue se comportar, mesmo que queira, como se a gente estivesse entrando num boteco”* (DC 11). Ele afirmou que quase por “instinto” os torcedores acabariam se comportando de maneira diferente. Ele apontou que isso poderia ser um problema para os torcedores “ensinados” sobre o torcer no estádio Olímpico, *“para a gente que é torcedor fanático, que frequenta o estádio desde criança, é uma mudança muito brusca, não gritar. Tu gritas, tentas, mas não é a mesma coisa, de fato não é”* (DC 11).

⁷¹ Após o primeiro gol em partida oficial na Arena, a barra de proteção da Arquibancada Norte cedeu, obrigando o clube e a administradora do estádio a realizarem alguns ajustes que acabaram impedindo a realização do movimento da torcida gremista.

⁷² De agora em diante, LDU.

A ideia inicial de investigação não incluía, ou não pensava explicitamente sobre, um estudo comparativo entre o que seria um currículo de masculinidade quando observado nos antigos estádios Olímpico e Beira-Rio para o que seria um currículo de masculinidade na Arena do Grêmio. Entretanto, algumas questões iniciais, como pensar a existência de um ‘novo’ currículo acabava, em alguma medida, impelindo para esse tipo de entendimento. É possível pensar que os torcedores do Grêmio (inicialmente pensando em minha experiência torcedora, mas agora informado pelas opiniões dos demais atores com quem dialoguei) estão, antes de tudo, envolvidos em uma transição de um estádio a outro. Quase todos foram ‘alfabetizados’ como torcedores masculinos no estádio Olímpico, que possuía uma lógica de funcionamento e informações advindas de diferentes pontos do circuito da cultura, e, agora, precisariam colocar em ação essa masculinidade torcedora em um equipamento que possui outros códigos e outros atravessamentos culturais. A ideia de novo currículo já está abandonada porque não parece existir uma ruptura fortemente desenvolvida entre o que existia em um estádio e o que está se querendo colocar em prática nesse outro espaço, mas é possível visualizar algumas modificações ou rupturas.

Quase todos os diálogos com os torcedores iniciaram a partir da pergunta aos sujeitos sobre como eles perceberam essa mudança do Olímpico para a Arena. A própria pergunta já coloca o trânsito, ou o percurso, entre um local e outro como problema, mas os diálogos acabaram propiciando uma mirada que mostra que esses dois espaços eram entendidos ora como complementares, como uma evolução, ora como opostos, representando uma ruptura. Talvez, a lógica mais recorrente tenha sido a de que a Arena é uma grandiosa edificação, imponente e moderna, enquanto o Olímpico guardaria a história de conquistas. Para um olhar apressado, talvez, fosse o caso de imaginar que as virtudes da Arena estariam vinculadas a um exercício mais racional, que enxerga a estrutura do estádio, enquanto o Olímpico seguiria o caminho das emoções pelas memórias afetivas. Me permito pensar, entretanto, que, em ambos os espaços, se colocam algumas das moedas mais importantes para as vidas dos torcedores: a emoção e o orgulho. Na Arena os torcedores se emocionam e se orgulham com sua grandeza enquanto que a grandeza do Olímpico e o orgulho de ter estado lá, podem se associar mais facilmente à história do clube e dos anos em que ele lá esteve.

Por vezes, essa história acaba sendo traduzida por “alma”. Guilherme dizia que a Arena era um estádio melhor, mas comparando à história, o Olímpico era outra coisa. Ele não sabia dizer qual era essa diferença, mas falou sobre os campeonatos que

tivemos lá. Ângelo, amigo de Guilherme, que participava junto da conversa, entendia que era uma coisa *“mais de alma”* (DC 12). Guilherme concluiu que *“era mais alma lá no Olímpico do que na Arena agora”* (DC 12). Diego lembrou que jogadores da seleção francesa, quando estiveram em Porto Alegre durante a Copa do Mundo de 2014, teriam afirmado sobre o Olímpico que *“tem alma esse estádio”* (DC 34). Alexander se afirmou um pouco conservador e resumiu: *“o Olímpico é o Olímpico”* (DC 31). Por vezes, ele passava próximo ao antigo estádio e dizia ser desolador. Ele recordou que o Olímpico *“era muito bom. A gente ia lá tomar aquela ‘ceva’ na frente da fruteira, era muito bom e aqui tu não tens isso”* (DC 31). Ele fez uma analogia da relação entre os estádios e a mudança de uma residência, entendendo que aqui *“tu tens tecnologia que nem aquela casa. É como tu estares numa casa nova e lá era a casa da avó que tu te sentias em casa”* (DC 31).

Além das manifestações mais saudosistas, outra percepção identificável nas falas dos torcedores aponta para a qualidade do atual estádio. Tiago dizia que o salto de qualidade do Olímpico para a Arena era visível, *“não tem como não admirar a coisa bonita que está aqui, está instalada e de comodidade para quem vem torcer”* (DC 15). Mesmo que acredite que *“a mística do Olímpico ainda não estava presente na Arena”* (DC 16), Teodoro entendia que, *“sinceramente, não tinha mais condições de proporcionar jogos interessantes e conforto”* (DC 16). William apontava para as melhorias na condição de assistência, *“a estrutura melhorou, melhorou bastante. A forma de assistir os jogos em si, a parte visual melhorou bastante”* (DC 28). Maurício, amigo de William, recordava que no último ano do Olímpico ele *“não conseguia ver a bola, hoje essa mudança, a questão de visibilidade de jogo ficou muito melhor”* (DC 28). Edilson reconheceu que *“há uma maior qualidade em termos de tecnologia, de espetáculo para o futebol”* (DC 21).

Essas impressões, por vezes contraditórias, não podem ser lidas como marcadas por diferenças entre sujeitos ou indivíduos, pois, podem aparecer em um mesmo torcedor a partir de suas vivências e relações com os dois estádios. Roberson tinha um sentimento ambíguo em relação à mudança de estádio. Por ser morador da Zona Sul de Porto Alegre, o Olímpico era mais conveniente para ele, mas, ao mesmo tempo, reconhecia que o estádio *“estava deteriorado já com o tempo e sem manutenção”* (DC 24). Por outro lado, *“a Arena é padrão FIFA”* (DC 24). Ele ainda destacava a experiência torcedora, dizendo acreditar que, na Arena *“a sensação é que a torcida é mais fria”* (DC 24). Germán disse que, apesar do conforto que a Arena trazia, ele

preferia o Olímpico: “*sentar no concreto, no cimento mesmo*” (DC 29). Apesar disso, reconheceu que “*realmente o cara se impressiona com a beleza da Arena*” (DC 29). Entre suas memórias afetivas, apontava sentir falta de sentar no concreto, “*num jogo que não tem ninguém, no Gauchão, por exemplo, ou até um jogo da segunda divisão, na sexta de noite*” (DC 29). Wender disse que amava o Olímpico e o Olímpico estará sempre em seu coração, mas, ele acreditava que nós, torcedores do Grêmio, teríamos que pensar grande e que o Olímpico já estava obsoleto, “*o torcedor chegava atrasado no estádio por causa das filas, o banheiro já estava defasado*” (DC 35). Segundo ele, o Olímpico tremia porque a torcida do Grêmio pulsa demais e que, com a mudança para a Arena, ele abraçou-a de “*alma e coração*” (DC 35).

Em boa parte dos diálogos, questionar sobre as impressões mais gerais acerca da Arena já era suficiente para que os torcedores fizessem um exercício comparativo com o estádio Olímpico. Em alguma medida, é possível inferir essa ocorrência a partir de certo lugar hegemônico ou normativo que as representações de torcer no Olímpico ocupam nas produções sobre a torcida do Grêmio. Esse lugar possui uma preponderância tão significativa que, mesmo os sujeitos que pouco frequentaram o Olímpico, pareciam compartilhar certas memórias. Fernando é natural do interior do Rio Grande do Sul e veio morar recentemente em Porto Alegre. Ele foi a apenas um jogo no Olímpico e agora acompanha o Grêmio frequentemente na Arena. Apesar disso, afirmava que “*preferia [assistir aos jogos] no Olímpico*” (DC 29). Deivson dizia que era diferente, que o Olímpico era o antigo casarão do Grêmio, “*então tinha um clima já de todas as conquistas que a gente teve lá*” (DC 19). Curiosamente, Deivson nunca assistiu aos títulos do Grêmio no Olímpico, as histórias de conquistas lhe foram passadas por seu irmão mais velho e por seu pai (DC 19).

O Olímpico pautava as representações que os torcedores do Grêmio têm de um estádio de futebol. Jean entendia que “*o Grêmio demorou um pouco a adotar a Arena*” (DC 6). Após um período morando na Europa, ele foi à Arena e sua primeira impressão é de que ela não se parecia com o Olímpico. Apesar dessa impressão inicial, ele acreditava que, agora, a torcida adotou o estádio e que “*o ambiente no momento é superior aos melhores momentos do Olímpico*” (DC 6). Lucas estava um pouco relutante em falar sobre a troca de estádios e justificou dizendo que ele é “*uma espécie de viúva do Olímpico, só que as minhas ideias não fecham mais nada com o que é atual. Eu sou um romântico*” (DC 35). Wender, amigo de Lucas, brincou ao dizer que “*o Lucas sente falta do fogo nas arquibancadas ainda*” (DC 35). Ampliando a

discussão das alterações dos estádios, para além da mudança do Olímpico para a Arena, Lucas sugeriu um exercício: *“tu imaginas pegar uma máquina do tempo voltar e falar para o Néelson Rodrigues que eles vão demolir, fazer o que os caras fizeram com o Maracanã”* (DC 35). Ao mesmo tempo, ele concordou com o amigo, Wender, sobre a estrutura, *“o conforto para o torcedor, a facilidade para chegar no estádio. Hoje a gente entra e sai”* (DC 35). Nessas falas, aparece outro imperativo para os torcedores, associado ao apoio incondicional. Se em um primeiro momento seria possível questionar o espaço e o ambiente, diferenciando-o do que era conhecido, em seguida, esse mesmo espaço, a partir de sua adoção pela torcida, torna-se valorizado intensamente e, mesmo, superando as expectativas anteriores.

Novamente pensando em como o Olímpico ocupa certa representação hegemônica nos entendimentos dos torcedores do Grêmio, Edimo acreditava que o novo estádio era bem diferente do antigo. Essa diferença compreendia desde as melhorias da Arena, que tornaram a entrada e a saída mais fáceis e o estádio mais moderno, até a diferença da torcida em que *“o tipo de torcer também ficou completamente diferente, porque no Olímpico era todo o estádio, toda a torcida lá ficava de pé e aqui é diferente”* (DC 13). Edimo disse que antes dava mais vontade de *“torcer de verdade”* (DC 13). Ele apontou que o Olímpico era melhor para torcer, mas a Arena era muito melhor para assistir. Adilson sentia falta do Olímpico no começo. Ele acreditava que *“no Olímpico a gente tinha um caldeirão, por mais que aqui a gente fique mais perto do gramado”* (DC 24). Adilson entendia que *“o Grêmio demorou um bom tempo para ter essa identidade”* (DC 24), mas reforçou que na Arena *“o conforto é inigualável”* (DC 24). Adilson apontou que *“o conforto não tem explicação, a gente tem um estádio de primeiro mundo, todo mundo sentado, a cadeira que é um troço legal, a galera não pode tirar a camisa”* (DC 24).

Sebastián que trabalhava na área da construção civil, dizia que a Arena é um estádio de *“primeiro mundo”* (DC 34). Seu amigo, Diego, disse que *“quanto a isso não se questiona. Não se compara, é um dos estádios mais bonitos que existe na América Latina, não se compara”* (DC 34). Entretanto, ele recordou do momento *“que a gente está vivendo, o torcedor está vivendo, o clube está vivendo. Tanto é que a gente, todo o torcedor é supersticioso e até agora a gente não conseguiu chegar em nenhuma final, não conseguimos ganhar nada aqui, parece que falta alma”* (DC 34). Edilson acreditava que para a equipe, dentro de campo, o Olímpico *“formava um caldeirão mais forte, a torcida se sentia mais à vontade. No Olímpico, o gremista se sentia em casa”*

(DC 21). Como ele se dizia um frequentador assíduo, questionei se ele percebia mudanças de comportamento entre o início da operação da Arena e o momento em que conversamos, no primeiro semestre de 2016. Ele disse que “*deu uma melhorada, mas ainda assim parece um teatro porque parece que ela secciona setores do estádio*” (DC 21). Ele afirmou que na Arquibancada Norte, setor ocupado em sua maioria pela *Geral*, os torcedores podem ficar em pé, podem “*pular, cantar e fazer uma festa maior enquanto o resto do estádio já é com cadeiras e isso diminui aquele caldeirão*” (DC 21). Wender disse que “*o que falta ainda aqui na Arena é que eles tinham que tirar mais cadeiras*” (DC 35). Roberson entendia que “*no Olímpico era mais um caldeirão, tu sentias*” (DC 24). Ele deu como exemplo a partida do Grêmio diante do Santos pelas semifinais da Libertadores de 2007, em que o atacante do Grêmio recuperou a bola do defensor santista, que teria dito, em entrevistas posteriores, não ter escutado o aviso de seu companheiro sobre o ‘ladrão’ devido aos gritos que vinham da arquibancada, “*o Grêmio fez dois a zero, o gol do Carlos Eduardo, aquilo ali é o exemplo que eu dou do Olímpico é aquilo*” (DC 24). Esse tipo de comparação apareceu em outras oportunidades, o que, em uma primeira interpretação, me parece ‘dificultar a vida’ da Arena, uma vez que o grande jogo usado como exemplo do comportamento torcedor do Olímpico pode ser selecionado entre um conjunto muito mais amplo de eventos. Os chamados jogos ‘meia-boca’ acabaram excluídos dessa memória.

Alguns torcedores acabavam concordando com essa interpretação e questionando a possibilidade de comparação entre os dois estádios. Douglas entendia que não teria como comparar um estádio de cinquenta anos com a Arena (DC 16). Maicon concordou, e afirmou que nos faltavam algumas experiências na Arena, como a de colocar 60 mil pessoas no estádio. Ele acreditava que quando isso acontecer “*a atmosfera vai ser outra*” (DC 16). Apesar da dificuldade em realizar uma comparação, Maicon afirmou que existia uma mudança de percepção de público entre os dois estádios, “*a gente bota 40 mil aqui, que é um grande público, e o estádio não parece que está [cheio/lotado]. No Olímpico tu colocavas 40 mil não tinha espaço para tu te mexeres ali dentro, então a atmosfera era outra*” (DC 16).

Por vezes, a história do clube e os afetos vinculados a ela e ao estádio Olímpico ainda faziam torcedores questionar a necessidade de construção da Arena. Hernán acreditava que a Arena tenha ficado “show de bola”, com a estrutura e o espaço físico “muito legais”, mas ele também acreditava que o empreendimento tenha sido feito de forma precipitada porque “*o Grêmio perdeu um pouco da identificação do Olímpico, da*

identidade da banda da Azenha, perdeu um pouquinho da característica do Grêmio” (DC 7). Mesmo com as ressalvas feitas, Hernán não conseguiu escapar do imperativo de apoiar as decisões do clube e esperava que *“mais para frente tende a ficar bem melhor”* (DC 7). É interessante observar os elementos que aparecem nas falas dos sujeitos para marcar essa melhora, quase sempre circunscrita a um futuro de difícil observação. O mesmo torcedor que reclamava a *“identidade da banda da Azenha”*, acreditava que *“daqui há alguns anos”* com o *“projeto do shopping”* seria melhor (DC 7). O laço afetivo com o estádio pode colocar a Arena em uma condição de ‘débito’ em relação ao torcedor iniciado no estádio Olímpico, que precisaria ser ‘quitado’ com conforto, algumas atrações e o tempo.

Essa identificação reclamada e a exaltação ao shopping poderiam ser entendidas, também, pela seleção do público que frequentava o Olímpico e do que passou a frequentar a Arena. A qualidade e o conforto da Arena foram apontados por Henrique, ao mesmo tempo em que o torcedor percebia que aquele caldeirão que existia no Olímpico, aparecia apenas por vezes na Arena quando ela pegava *“a mesma cara do Olímpico, mas não é sempre e até pelo preço dos ingressos”* (DC 19). Além desse elemento do preço dos ingressos, ou complementando essa característica, a grandeza do estádio apareceu como fator que diminuiria a capacidade de fazer o estádio “tremar”. Henrique elogiou a acústica, mas apontou que com 30 mil pessoas, o Olímpico era um caldeirão, *“aqui 30 mil, dependendo, só a Geral canta”* (DC 19). Essa característica favoreceria os adversários, por essa perda do *“caldeirão do Olímpico”* (DC 19). Ele reconheceu que, na Arena, nós temos *“um estádio de alta tecnologia, modernidade, só que nesse ponto dos ingressos eu acho que eles estão meio fora da realidade”* (DC 19). Henrique também responsabilizou o time pelo comportamento da torcida, apontando que dos 30 a 40 jogos dos quais tinha participado, em apenas três ou quatro ele sentiu *“clima do Olímpico, bah, hoje nós estamos dentro do Olímpico”* (DC 19). Ao fazer uma comparação entre os dois ambientes, Fábio apontou que *“infelizmente está existindo uma questão de classe, o público do Olímpico não era o mesmo público da Arena”* (DC 9). Uma mudança proposta pela CBF colocou alguns jogos da série A do Campeonato Brasileiro, a partir de 2015, para o horário das 11h da manhã, aos domingos. Apesar de protestos dos profissionais, especialmente treinadores e jogadores, parece que o horário caiu no gosto dos torcedores apresentando alta incidência de público nos estádios. Na percepção do torcedor, houve uma alteração de público identificada, por ele, como elitizada, *“tu só vias chegando casal com dois filhos, casal com três filhos, o troço*

realmente está elitizado” (DC 9). Não deixa de ser interessante pensar como essa presença familiar foi traduzida pelo torcedor como elitização. Talvez, fosse o caso de tentar pensar como essa percepção pode ser atravessada por diferentes conteúdos. Seria possível inferir que em determinados contextos, a masculinidade poderia ser um elemento de definição de processos de ‘elitização’ ou de ‘popularização’ maior do que um entendimento que associasse mais imediatamente renda ou ganhos econômicos. Ao mesmo tempo em que usou a família para ilustrar o processo de elitização, o personagem que Fábio, frequentador da social no Olímpico, utilizou para dizer que o público do antigo estádio era diferente foi o povão. Ele *“sempre via o povão, chegava e via o ingresso a R\$ 5 ou o Nescafé e aqui a gente está vendo que, infelizmente, isso não deve acontecer”* (DC 9).

A família parece ocupar um lugar ambíguo na representação que os torcedores acabam construindo sobre as vivências na Arena. Se, como dito anteriormente, ela poderia ser pensada como a materialização da elitização no estádio, ela também é apontada como a confirmação de que a Arena possui melhores condições de frequentação, o que, inclusive, não necessariamente indicaria uma oposição, mas uma complementação valorada diferentemente. Jackson afirmava que a Arena atrai pessoas e públicos que antigamente não frequentavam um estádio, “famílias”. Ele acreditava que hoje *“se tu fores no estádio tu vais ver muitas mulheres, muitas famílias e eu acho que isso é benéfico ao clube. O Grêmio está se modernizando, melhora em tudo, até na região aqui que o Grêmio veio que vai fomentar”* (DC 11).

Nos questionamentos sobre a construção do estádio, o próprio modelo de negócio podia ser discutido. Leonardo apontava possuir um sentimento controverso acerca da mudança de estádio por ser muito saudosista em relação ao Olímpico. Ele não achou a Arena a solução ideal para o Grêmio. Ele acreditava que *“esse negócio até hoje não está bem resolvido ainda”* (DC 30), além de entender que *“teriam outras alternativas em vez de construir um estádio aqui no bairro Humaitá”* (DC 30). Diego achou que foi uma questão muito comercial e de momento. Ele preferia ficar no Olímpico, apesar de a Arena ser mais perto de sua residência. Leonardo reforçou acreditar que a mudança de estádio se tratava de uma questão comercial, *“óbvio que tudo tem que ser modernizado, mas com planejamento e menos dinheiro com o que se construiu essa Arena eles conseguiriam fazer um planejamento melhor e manter o Olímpico”* (DC 34). Sebastián disse que *“foi uma questão política, não foi só de melhora. Foi muito mais para alavancar um nome do que só questão de melhora”* (DC

34). Diego entendia que *“enquanto não resolver esse imbróglio todo na justiça, da construtora e tal, ninguém sabe qual é o fim do negócio”* (DC 34). Pedro acreditava que a intenção para o crescimento da estrutura e do clube foi boa, mas que *“a forma como foi feito todo o processo no momento em que foi feito a gente pode questionar e questionar muito”* (DC 13). A falta de confiança nos dirigentes esportivos, ou de transparência nas ações dos mesmos, poderiam potencializar essas dúvidas sobre os modos de realização do negócio. Essa falta de confiança aos dirigentes não é restrita aos esportivos no contexto brasileiro.

Apesar de diferentes restrições, também é possível perceber interpretações que apontavam a Arena como amplamente superior ao antigo estádio gremista. Aloísio disse que, para ele, a única coisa de ruim ou “menos melhor” seria a questão da distância. Ele mora mais perto da Zona Sul de Porto Alegre. Apesar de o Olímpico ser muito mais perto para ele, percebia como *“muito melhor a situação do estádio, a estrutura, enfim, isso tudo favoreceu, a modernidade e a praticidade de ter o teu lugar, ponto, certo, chegando em cima da hora. Facilidade no acesso ao estádio, muito mais entradas, muito mais espaços”* (DC 25). Contrariando a maioria dos depoimentos, Jonas, amigo de Aloísio, entendia que *“aqui pulsa mais do que no Olímpico”* (DC 25). Aloísio acreditava que relativamente ao “barulho”, a Arena produziria muito mais eco e mesmo com pouca gente dentro do estádio, o barulho seria muito maior. Ele reconhecia que muitos torcedores pensavam o contrário. Comentei que muitas vezes os torcedores falavam em ‘alma’ do Olímpico. Aloísio acreditava que isso ocorria em função de o estádio ser mais antigo, ser o primeiro, mas ele não percebia esse diferencial. Apesar da discordância com a maioria dos torcedores, ele usava a mesma chave explicativa para apontar o motivo dessa memória afetiva em relação ao Olímpico. Ele acreditava que isso ocorria em função *“do Olímpico ser o estádio onde a gente conseguiu muito título e aqui ainda não teve nada”* (DC 25). Ele apostava que, no momento em que começássemos a ganhar, as pessoas iriam esquecendo essa diferença que *“as pessoas dizem ter, mas eu não percebo”* (DC 25). Odacir apontava que na Arena existe um conforto para o torcedor. Segundo ele, o Olímpico *“não tinha mais conforto, era complicado tinha que chegar muito mais cedo para entrar no estádio, às vezes tu não conseguia sentar por causa da social e aqui na Arena é bem melhor”* (DC 27).

O Olímpico como norma nas representações sobre o entendimento do estádio do Grêmio apareceu em diferentes circunstâncias. Em uma de minhas primeiras inserções, Alessandro afirmou que naquele dia, ao contrário de outras partidas, as pessoas não

estavam andando o tempo todo, o que o fazia lembrar o Olímpico (DC 6). Andar ou não andar em torno do estádio permite que os sujeitos percebam familiaridades ou estranhamentos em relação a certo ‘uso’ desse espaço. Algumas falas apontavam para possibilidades mais amplas, ou ‘menos restritas’, no estádio Olímpico. Passando por um mapa do estádio, um torcedor mostrou para outros onde eles ficariam, em lugares distintos do estádio. Um dos que ficaria ‘em cima’ disse que isso era bom para saber onde jogar um copo d’água. Outro torcedor falou em “saco de mijo”, dizendo que no Olímpico era assim (DC 35). Diogo disse perceber mudanças na forma de usar o estádio, antes *“tu ficavas ali perto dos arcos, na entrada tomando uma cerveja era bem diferente daqui. Aqui parece que é mais o lado politicamente correto”* (DC 32). A segurança pode ser apontada como um dos produtos da Arena que marcaria seus diferentes usos. Um dos usos importantes para os sujeitos parecia ser a possibilidade de diferentes consumos, incluindo, nestes consumos, o próprio estacionamento. Ozéia achava maior a facilidade de estacionar o carro na Arena do que no Olímpico, *“no Olímpico era uma exploração, os caras chegavam ali pegavam o teu dinheiro e quando tu voltavas nem estavam mais ali era só para te ‘achacar’ o dinheiro e era tal valor, tinha que pagar”* (DC 28).

Os torcedores pareciam entender que existiria a necessidade de acostumar-se ao novo estádio. Eduardo acreditava que *“no início, a torcida estava mais quieta porque não estava acostumada à Arena”* (DC 7). Fazendo uma comparação doméstica, ele traçou um paralelo com a mudança de residência. Os torcedores entendem o estádio como sua casa. Diz-se, no contexto futebolístico, que uma equipe joga dentro ou fora de casa. O torcedor argumentava que no Olímpico ele já sabia o lugar em que preferia assistir ao jogo. Eduardo entendia que agora, *“o pessoal ainda está se ambientando e acostumando”* (DC 7). Edinaldo acreditava que ainda estava meio difícil, um pouco demorado, *“mas o pessoal está começando a tratar a Arena como casa, não está o mesmo clima do Olímpico que era um inferno, um caldeirão, mas já teve momentos que a gente já conseguiu”* (DC 11). Réver apontava que *“o Olímpico era a nossa casa, do Grêmio, a nossa história inteira foi lá”* (DC 29). Ele afirmava que a Arena ainda não teria mostrado ser a casa do Grêmio em relação aos títulos, *“mas claro, já tem um carinho especial aqui porque é um estádio de primeiro mundo”* (DC 29). Renato gostava da Arena. Ele a achava confortável, sentia-se em casa e não notava essa diferença. *“Eu adorava ir no Olímpico, mas também gosto muito de vir à Arena. Talvez*

por já ter vindo muito, eu venho direto, sempre que posso, quase todos os jogos, já é a minha casa como era o Olímpico” (DC 31).

Andando em volta do estádio, em uma tarde de muito calor, consegui visualizar um senhor, um tanto irritado, procurando por informações um tanto irritado e reclamando: “no Olímpico eu conhecia tudo” (DC 16). Renato disse que, para ele, a transição foi tranquila, pois reside no meio do caminho entre um estádio e outro. “*No começo é aquela coisa que tu não sabes muito bem para onde tu vais, para onde tu vens, mas depois com o tempo tu sabes direitinho onde estacionar, onde tu podes ir, onde tu podes vir*” (DC 31). Cristiano disse que ainda estava se adaptando à Arena. Ele afirmava que ainda tinha aquele “*sangue do Olímpico*” (DC 7). É comum que na ‘transmissão clubística’, em muitas oportunidades realizadas dentro da parentela masculina, os torcedores de diferentes clubes entendam que esta se trata de uma herança genética. Ao marcar frequência a um local, um estádio e uma região da cidade, parece existir uma incorporação do próprio equipamento nesse corpo. Ou, talvez, possamos inferir que ‘ter no sangue’ um estádio seja uma das implicações de torcer por determinado clube, o que, em alguma medida ajuda a pensar o lugar do estádio Olímpico nas representações dos torcedores do Grêmio.

A possibilidade de o estádio afetar o rendimento da equipe dentro do campo apareceu na fala dos torcedores. Parece que, além da torcida, o time também precisaria se acostumar à Arena. Gabriel entendia que estaríamos vivendo uma fase de transição, “*em campo, o Grêmio ainda não assumiu a Arena, está assumindo, mas a torcida já está bem identificada, acho que já virou a casa do Grêmio, só em campo ainda falta um pouco*” (DC 9). Ele entendia que a pressão da torcida no Olímpico era maior para “*dentro do campo*” (DC 9). Apesar dessas impressões, ele acreditava que o estádio, enquanto obra arquitetônica, ou construção, seria “*algo muito além do sonho dos gremistas*” (DC 9).

A grandiosidade da obra apareceu em algumas falas de exaltação ao estádio. Sobre a estrutura da Arena, Ruy disse que era um espetáculo e que ele nunca viu nada igual. No Sul do Brasil, ele conhecia muitos estádios e, segundo ele, não teria nada igual. Ele acreditava que na América Latina, “*mesmo na TV tu não vês a estrutura que tem aqui. É fácil chegar, é bom de assistir*” (DC 32). Por ser gremista, ele achava que essa impressão viria acompanhada da paixão, mas ele seguiu reforçando que a Arena estaria à frente de qualquer estádio brasileiro, “*não tem nada igual*” (DC 32). Seu amigo, Sérgio, disse que não existe, “*no Sul do país são poucos os que estão assim com*

essa estrutura que nem o Grêmio está agora e a tendência é melhorar mais” (DC 32). Luciano falava a seu amigo Danilo: *“é o melhor estádio do Brasil, não tem para bater”* (DC 34). Danilo disse que, passando pela rodovia de carro, via como era grande, *“mas agora de perto, impressiona ainda mais a Arena”* (DC 34).

Apesar do imperativo de apoio incondicional aparecer nos cânticos das torcidas (especialmente a partir da ética da *Geral* de torcer pelo o Grêmio, da mesma forma que a *Popular*, no Internacional), o que no Rio de Janeiro tem sido chamado de torcida de alento, os torcedores reconhecem a necessidade de resultados de campo para que a torcida se sinta integrante da festa nos estádios de futebol. Rhodolfo disse, que em conversas com os amigos, haveria um consenso de que o que faltaria para a Arena “bombar” seria um título, *“o título faria o pessoal vir com aquela gana e aquela raça, o time está bom, mas o que falta realmente é um título”* (DC 11). Rolando identificava que *“o Olímpico tem a história do Grêmio, está toda lá, enquanto não acontecer algo gigante, aí todo mundo não vai aderir”* (DC 11). É interessante que o verbo para contar sobre a história do Olímpico estava flexionado no presente do indicativo, o que mostra certa permanência do estádio nos dizeres dos torcedores. Moisés argumentava que *“toda a história, de ser caldeirão e tudo, mas isso é porque tem muita história lá dentro”* (DC 11). Ele entendia que a Arena possui *“alguns jogos que já foram épicos como o Gre-Nal dos 5 a 0, mas ainda falta um título”* (DC 11). Os resultados de campo acabariam propiciando uma melhor aceitação dessa mudança. Rodrigo entendia que *“a invencibilidade que a gente tinha no Olímpico, a gente tinha medo de não trazer para a Arena. E a gente fez um baita ano, dois baitas anos na Arena. Então começa que a gente aceita e não tem o que fazer, então o vínculo acaba morrendo até pelo caminho”* (DC 14). Renato achava que faltava um pouco de identificação, *“ainda falta um título aqui dentro. A partir do momento em que o time começar a andar e ganhar, ganhar dentro, porque a identificação é pelo título, é tu lembrares daquele título que ganhou, daquele jogo, daquele gol”* (DC 31).

Conteúdos da arquitetura e da geografia também puderam ser acionados e pareciam importantes para os torcedores, não apenas para pensar a Arena enquanto edificação, ou o bairro em que ela está localizada, mas, também, e especialmente, para pensar suas formas de inserção ou de diálogo nesse espaço. Edilson dizia que na Arena, *“por ser mais alta, muitos torcedores ficam longe do gramado, enquanto o Olímpico parece que deixava mais perto”* (DC 21). Odacir acreditava que o lugar dele *“é um pouco prejudicial pela distância, sentir o jogo”* (DC 27). Diego comentava sobre a

inversão da localização dos torcedores, *“a torcida que apoiava ‘afu’ e antes ia a ‘negada’ lá e ficava aonde todo mundo adorava, lá perto do campo gritando e apoiando e hoje está lá, isolada lá em cima porque é mais barato”* (DC 34).

Alguns torcedores afirmaram ir a menos jogos na Arena porque antes moravam a cinco minutos do estádio. Jackson entendia que a mudança influenciou muito no público de Porto Alegre, *“a maioria dos meus conhecidos residiam no entorno ou a cinco, dez minutos de carro do estádio Olímpico e hoje precisam atravessar a cidade. Eu entendo que isso pesou um pouco na presença do meu grupo de amigos”* (DC 11). Os torcedores tendem a pensar a localização do estádio a partir de sua prática, poucas vezes pensando como essa localização pode ter facilitado a frequência de outros torcedores. Para Frederico, morador de São Leopoldo, a principal mudança do Olímpico para a Arena foi *“a questão da distância, questão do trem, é bem melhor de chegar aqui”* (DC 19). Parece existir certo entendimento ‘portoalegrecêntrico’, uma vez que os torcedores da região metropolitana e do interior do estado apresentam maior facilidade em dar respostas vinculadas à melhora da localização, reconhecendo que para o público de Porto Alegre o acesso possa ter sido dificultado. Por outro lado, na maioria dos casos, os porto-alegrenses afirmam que o estádio ficou distante. Anderson disse que *“como morador da região metropolitana, percebi que o acesso à Arena, apesar de todo o congestionamento da rodovia BR-116 e até mesmo da Rodovia do Parque foi benéfica para mim”* (DC 30). Ele entendia que para quem mora em Porto Alegre já não seria o mesmo, acreditando que o acesso para esses torcedores era melhor na Azenha. Wender entendia que *“todo mundo fala da Arena que é mal localizada, errado, a Arena é muito bem localizada”* (DC 35). Ele defendia que *“a maioria dos torcedores do Grêmio vem da grande Porto Alegre”* (DC 35). Diogo pensava que no Olímpico parecia um ambiente mais vinculado ao doméstico, *“parecia mais dentro da cidade, parecia que eu já estava em casa e aqui parece um lugar meio ruim para vir mesmo, a rua tem esgoto”* (DC 32). Em princípio, Edilson não achou a localização do novo estádio tão conveniente quanto à do Olímpico. *“O Olímpico ficava mais no meio da cidade, parece que todo mundo se encontrava no Centro que a Azenha é do lado do Centro praticamente enquanto que para Arena dificulta um pouco”* (DC 21). Edilson era morador da Zona Sul de Porto Alegre, apesar de lembrar que a localização facilitaria a chegada à Arena para os que vinham de trem, ele reforçou que para ele *“não foi conveniente. Eu não gosto de ter que vir à Arena”* (DC 21). Julián disse que para eles que vinham ‘de fora’, facilitou muito o acesso, *“aqui a chegada é muito mais tranquila,*

o acesso facilitou bastante para quem é do interior e a infraestrutura é sem comparação, é muito mais evoluída essa parte” (DC 33).

Alguns torcedores pareciam possuir restrições ao bairro em que o estádio está localizado, bastante mais popular em relação ao antigo Olímpico. José entendia que *“o entorno aqui da Arena é um pouco complicado, mas fora isso é tranquilo, é perto do metrô, o pessoal pode vir caminhando como hoje que o dia está bonito, está legal para bastante gente, mas essa é a grande diferença que eu vejo de estrutura” (DC 33).* Patrício, amigo de José, entendia que *“o que peca um pouco é o entorno, o pessoal tenta se aproximar e fazer um churrasquinho, mas nada comparado com o que era no Olímpico. No Olímpico tinha muito mais demanda de gente fora do estádio” (DC 33).* Danilo estava vindo pela primeira vez à Arena e sua primeira impressão era de que *“no entorno o Olímpico já tinha um clima de jogo mais quente, um pouco mais” (DC 34).*

O futuro foi apontado como um facilitador para a apropriação do estádio. Aqui, seria possível questionar se ele pode ser pensado como um facilitador ou como uma necessidade, se pensado enquanto transcurso de tempo necessário para essa apropriação, ou, também, porque algumas socializações pontuais seriam necessárias para essa apropriação. Kléber apontava que quando voltarem os títulos e *“as novas gerações que estão vindo começar a abraçar, será uma nova casa” (DC 7).* Moisés acreditava que a torcida do Grêmio já está considerando a Arena uma casa, *“mas é aquela transição ainda, está muito recente, é pouco tempo, dois três anos” (DC 11).* Ele acreditava que dali um ou dois anos os torcedores já estariam adaptados.

Existe um entendimento um tanto ‘fatalista’ em relação à Arena e a outros espaços projetados sob a mesma premissa. Seguindo certo preceito dos discursos hegemônicos, esse ‘futuro’ ou ‘evolução’ acabam sendo postos de maneira a perder as particularidades dessa forma de se pensar os estádios, o futebol, os espaços de lazer e as cidades. Adilson acreditava que *“a modernidade pediu para o Grêmio mudar por mais que a gente tenha aquele apelo histórico, a modernidade pediu que a gente tivesse uma casa mais aconchegante para a torcida” (DC 24).* Rodrigo disse que evolução seria algo que acontece sempre, *“tem que acontecer a gente já está acostumado” (DC 14).* Jackson acreditava que a mudança *“é algo natural na vida de um clube de futebol do tamanho do Grêmio ou de outros clubes maiores” (DC 11).* Ele lembrou que o Grêmio já teve outras mudanças de estádio em outras épocas e considerou essa mudança para a Arena como necessária, por acreditar que não existiria uma estrutura adequada no estádio Olímpico, *“ele era um estádio muito velho, antigo, complicado. A parte de*

logística de chegada no estádio era terrível e de acomodação também” (DC 11). Victor acreditava que *“a mudança faz parte do mundo, a tecnologia e tudo avança”* (DC 18). Ele apontou que *“quando da inauguração do Olímpico ele era ‘top’ e hoje a Arena é ‘top’”* (DC 18). Maylson disse que, para ele, que foi na despedida, foi triste, mas também achava que seria uma mudança para melhor, *“na vida a gente está sempre mudando”* (DC 26). Mário acreditava que quando o Grêmio deixou a Baixada para o Olímpico, a transição deve ter sido semelhante. Ele acreditava na existência dos *“saudosistas da Baixada”* (DC 23). Ele entendia que os gremistas não precisam esquecer o Olímpico para sentirem-se verdadeiramente em casa, o *“Olímpico tem que sempre morar no nosso coração, tem que fazer parte da nossa história e saber que aqui é a nossa nova casa”* (DC 23). Ferdinando apontou que essa era uma mudança necessária, *“não tem mais espaço para esse tipo de estádio. O próprio Peñarol acabou de trocar de estádio, Corinthians, o Internacional fez uma baita reestruturação”* (DC 27). Arthur destacou que, como em qualquer mudança, ele ficou com certo receio, mas que acompanhando, percebeu que *“não é diferente dos outros clubes que ainda não têm arena, mas que também terão que ir para esse processo”* (DC 9). Aqui é possível observar duas operações interligadas. Por um lado, a padronização ‘FIFA’ ou das arenas aparece como a única possibilidade de se pensar os espaços futebolísticos. Ao mesmo tempo, isso mostra como o circuito dos chamados clubes grandes tende a tomar para si os significados recorrentes no âmbito do futebol brasileiro. Quem seriam esses outros clubes que teriam que construir uma arena?

De fato, são [foram] apenas 12 praças de esporte diretamente contempladas, além de outras que aproveitaram o programa de isenção de tributos para construir arenas privadas – caso de Grêmio e Palmeiras, por exemplo. Isso está longe de atender as demandas das centenas de clubes de pequeno porte, sem contar as agremiações que não atuam profissionalmente mas dispõem de campos ou pequenos estádios onde realizam suas atividades esportivas e recreativas (DAMO; OLIVEN, 2013, p. 52).

Mesmo reclamando da falta de ‘alma’ ou de não se parecer com o Olímpico, a Arena também foi pensada como uma atração em si. Suas características propiciariam, inclusive, a atração de um número maior de torcedores. Jackson afirmou que *“a média de público hoje é muito maior do que os últimos anos do estádio Olímpico”* (DC 11). Wender reforçava que a média de público na Arena teria aumentado em dez mil pessoas em relação ao Olímpico, *“nós colocamos mais gente que no Olímpico e mais gente que no Beira-Rio”* (DC 35). Matheus acreditava que a mudança foi benéfica *“em função de que a estrutura que nós temos hoje não era possível ter no Olímpico”* (DC 12). Ele,

morador de Porto Alegre, entendia que a localização para os moradores da capital seria pior, mas, além da melhora da estrutura do estádio, os próprios modelos de associação construiriam um ambiente favorável, hoje *“se tem muitas opções melhores hoje como sócio de ter lugares diferenciados, preços diferenciados”* (DC 12). Anderson disse que em relação à edificação, a mudança *“é da água para o vinho, aí não tem como comparar, não tem como comparar uma obra moderna e funcional como essa aí comparada ao Olímpico. Nesse sentido, ela é da água para o vinho a mudança”* (DC 30). O pai de Anderson, Leonardo, afirmou que *“considerando a Arena enquanto equipamento do futebol em si realmente não tem como comparar, o Olímpico ficou nos anos [19]60 no máximo”* (DC 30). Ele reconhecia existir uma aura saudosista de sentar no cimento, *“agora aqui tem a cadeirinha de fibra. Isso realmente não tem como comparar, a Arena é um estádio do seu tempo. Talvez daqui a 70 anos ela vá ser um estádio comparado com os estádios que existiam na época, se existir, o que o Olímpico é para ela hoje”* (DC 30).

O estádio Olímpico possuía dois anéis. O superior era quase todo composto por cadeiras com encosto, com excessão da área destinada aos torcedores adversários (que não possuía encosto), e era dividido entre os sócios-locatários de cadeira (para este espaço também se vendiam ingressos de cadeira especial), as cadeiras laterais, que ficavam atrás dos gols (uma delas era destinada a torcida adversária), e em frente as cadeiras dos sócios ficavam as cadeiras centrais (mesmo ângulo em que a televisão fazia a transmissão das partidas). Os ingressos deste setor eram os de preço mais elevado. O anel inferior era dividido em apenas duas partes, as sociais e as arquibancadas. Duas avenidas passavam ao lado do Estádio Olímpico, ‘atrás’ dos gols. São elas a Dr. Carlos Barbosa e a Cel. Gastão Haslocher Mazon, chamada popularmente de Cascatinha. Foi na goleira da Carlos Barbosa que o jogador Aílton fez o gol do segundo título do Campeonato Brasileiro conquistado pelo Grêmio, em 1996. E foi na goleira da Cascatinha que o argentino Riquelme, infelizmente, fez os gols do Boca Juniors na final da Libertadores da América de 2007.



Foto arquivo pessoal do autor



Foto arquivo pessoal do autor.

A Arena, por sua vez, conta com quatro andares (ou anéis). Apenas na Arquibancada Norte não existe cadeiras. Este é o setor originalmente destinado para que os torcedores realizassem a avalanche, além de assistirem às partidas em pé.

O mais importante a registrar no caso do Grêmio é o duelo entre tradição e modernidade, entre liberdade e controle, entre coletivo e individual no debate sobre o estádio. Sua torcida, reconhecida internacionalmente pela postura atuante, reivindicou a permanência da “geral”, setor popular em que tradicionalmente se realiza a famosa “avalanche” a cada gol de sua equipe. Após hesitar, o clube atendeu e destinou no projeto um pequeno espaço para essa coreografia espetacular. Um acidente, embora sem mortes, ocorrido um mês após a inauguração do estádio, foi suficiente para recolocar o tema em debate, com forte argumentação a favor da “ordem” e contra a “selvageria” da “perigosa” e “anacrônica” atitude inscrita na “avalanche”. Por fim, vale frisar que a própria existência de um setor planejado e destinado a uma coreografia coletiva já porta em si a natureza autoritária de estabelecer precisamente onde e o que será realizado pelos torcedores “rebeldes”. (...). A avalanche, que é um fenômeno histórico recente (menos de dez anos), torna-se, então, “naturalizada” e, ao mesmo tempo, domesticada pelos gestores do estádio (MASCARENHAS, 2014, p. 218-219).

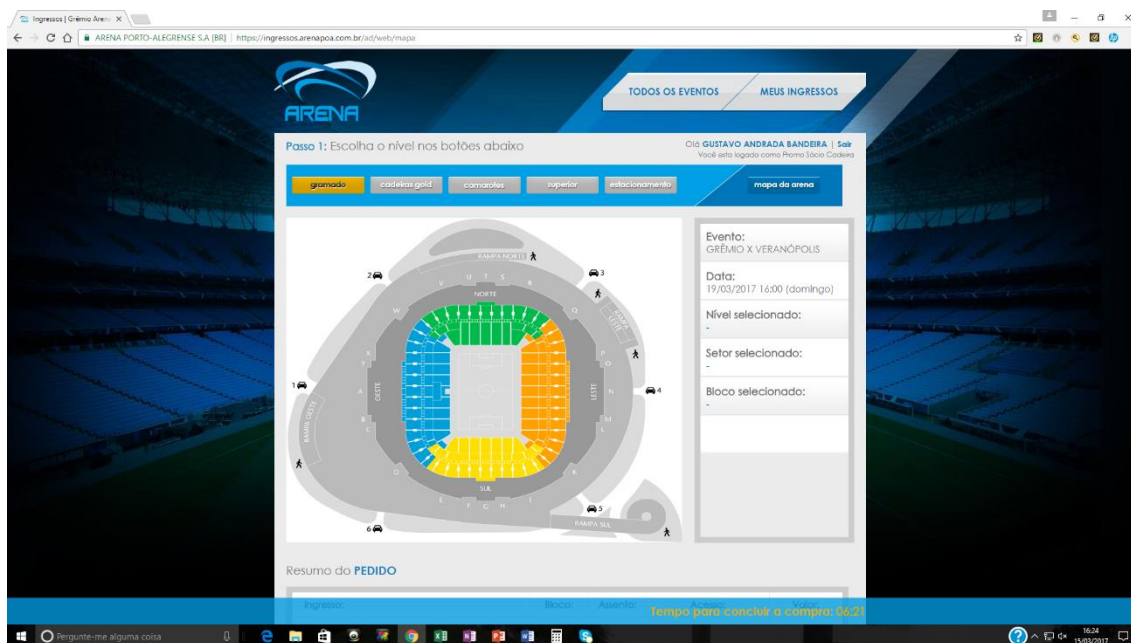
Se no Olímpico os sócios ficavam restritos aos espaços das sociais e dos locatários de cadeiras, na Arena eles podem ocupar todos os setores, dependendo de sua modalidade associativa. Ao contrário da divisão em seis espaços que existia no estádio Olímpico, na Arena se comercializam doze espaços diferentes para os torcedores: Arquibancada Norte, onde os ingressos são mais baratos; Cadeira Gramado (Sul; Oeste/Corners Oeste; Leste/Corners Leste), localizados no primeiro anel do estádio; Cadeira Gold (Oeste/Corners Oeste; Sul; Leste/Corners Leste), localizadas no segundo anel e com os ingressos de valores mais elevados excetuando-se os Camarotes; Cadeira Superior (Norte/Sul; Leste/Corners Leste; Oeste/Corners Oeste), com os ingressos mais baratos entre os setores com cadeiras, localizadas no quarto anel; Camarotes, com os ingressos de valores mais elevados; e o espaço destinado à torcida visitante.



Foto arquivo pessoal do autor



Foto arquivo pessoal do autor



Disponível em <https://ingressos.arenapoa.com.br/ad/web/mapa>. Acesso em 15/03/2017, às 16h24.

O conceito das novas Arenas, que aumentaram sua incidência no Brasil, vai muito além de sua utilização para jogos de futebol. Conforme seu *site* oficial,

(...) a Arena é o mais moderno complexo multiuso da América Latina. Um espaço perfeito para realizar os mais variados tipos de eventos: culturais, sociais ou esportivos. A tecnologia de ponta, os ambientes sofisticados e uma estrutura inédita no país proporcionam toda a comodidade que você precisa para aproveitar cada acontecimento⁷³.

A Arena do Grêmio possui um *Regimento Interno*⁷⁴. No primeiro capítulo ficam estabelecidas as “disposições preliminares”, que definem a “Arena” e submetem os “associados do Grêmio” às regulamentações do regimento. Ainda se ressalta que a inobservância de algum dos itens do regimento poderá implicar em sanções, para além de outras civis ou penais.

O segundo capítulo contempla, para além dos descritos nas legislações vigentes, os direitos e deveres dos “torcedores, associados e indivíduos em geral”:

(i) respeitar e fazer respeitar os direitos de terceiros; (ii) adimplir com as penalidades que lhe forem impostas em decorrência de eventos a que der causa, direta ou indiretamente; (iii) abster-se de quaisquer manifestações de caráter político, racial, religioso ou qualquer outro ato de cunho preconceituoso ou discriminatório; (iv) manter atualizado seus dados cadastrais; (v) portar-se com urbanidade nas dependências e nas adjacências da Arena do Grêmio; (vi) não permanecer em dependência diversa daquela a que teve acesso; (vii) não arremessar objetos de qualquer natureza no interior da Arena do Grêmio; (viii) não praticar atos de violência, qualquer que seja a sua natureza; (ix) estar na posse de ingresso válido e/ou qualquer outro tipo de acesso que permita a sua entrada na Arena do Grêmio; (x) consentir com a revista pessoal de prevenção e segurança; (xi) não invadir ou incitar a

⁷³ Disponível em: <https://www.arenapoa.com.br/a-arena>. Acesso em 13/03/2017, às 16h17.

⁷⁴ Disponível em: https://www.arenapoa.com.br/public/pdf/arena-gremio_regimento-interno.pdf. Acesso em 13/03/2017, às 16h26.

invasão, de qualquer forma, da área restrita aos competidores, representantes de imprensa, autoridades ou equipes técnicas.; (xii) conservar os espaços da Arena do Grêmio, em especial a(s) cadeira(s) como se fosse(m) sua(s), mantendo-a(s) em perfeitas condições de uso; (xiii) utilizar os espaços da Arena do Grêmio e a(s) cadeira(s) exclusivamente para a finalidade a que se destinam; (xiv) informar a administração, por meio da gestora da Arena do Grêmio e organizadores de eventos, acerca de quaisquer ocorrências extraordinárias; (xv) não entoar cânticos ou xingamentos discriminatórios, racistas ou xenófobos; (xvi) não praticar ato defeso em lei; (xvii) A Arena tem certificação internacional de sustentabilidade. É proibido fumar.

No terceiro capítulo, “das condições de acesso e permanência na Arena do Grêmio”, são descritas as diferentes modalidades de acesso vinculadas a ingressos válidos ou outra forma que possibilite o ingresso, e a necessidade de responsáveis maiores de idade para a entrada de crianças e adolescentes. Também se destaca a proibição de “entrada e/ou a permanência na Arena do Grêmio de indivíduos que estejam em posse de objetos ou substâncias proibidas e que possam gerar atos de violência”. Neste capítulo, a gestora também marca sua não responsabilidade sobre mudanças de horários e explica os eventuais procedimentos para torcedores que, porventura, não possam utilizar os lugares indicados em seus ingressos. Este capítulo afirma, também, a proibição da presença de animais, excetuando-se os cães-guia e os utilizados pelas autoridades policiais. Cancelamento e revenda de ingressos finalizam este capítulo.

O capítulo quatro, “responsabilidade”, afirma:

Os torcedores, associados e indivíduos em geral serão solidariamente responsáveis por perdas e danos sofridos pela empresa gestora da Arena do Grêmio, relativos a atos de conduta, isolados ou coletivos, que tenham dado causa e que venham a ser penalizados pela FIFA – Fédération Internationale de Football Association, pela CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol, pela CBF – Confederação Brasileira de Futebol, ou pela FGF – Federação Gaúcha de Futebol, por outras entidades ou instituições, nacionais ou internacionais.

A gestora não se responsabiliza pela dificuldade de visualização da partida em função do comportamento de terceiros, além de não se responsabilizar por “perdas, danos, prejuízos pessoais ou materiais” sofridos nas dependências da Arena. Em contrapartida, “os torcedores, associados ou indivíduos em geral deverão indenizar a empresa gestora da Arena do Grêmio de qualquer custo, multa, reclamação, reparação por danos morais ou materiais, resultante da inobservância deste Regimento Interno”.

O quinto capítulo destaca que aqueles que adentram a Arena autorizam o uso de sua imagem e som. O capítulo seis destaca que as informações sobre as competições serão disponibilizadas no *website* da Arena do Grêmio. O sétimo capítulo, “das sanções administrativas”, reforça que o não cumprimento do disposto no capítulo II pode

impossibilita o ingresso na Arena do Grêmio. As disposições transitórias encerram o documento.

A maior parte das pedagogias realizadas nos estádios de futebol acontece de maneira não formal ou explícita. Ao mesmo tempo, algumas ações, como o regimento acima apresentado, demonstram um investimento bastante pontual nas condutas dos indivíduos, inclusive já prevendo sanções, em uma estratégia pedagógica bastante mais direta, formal e explícita.

Ao longo do capítulo dois, abordei diferentes dimensões da relação entre os estádios, seus torcedores e a construção de masculinidades. Em um primeiro momento, apontei diferentes conteúdos que atravessam as pedagogias que inserem os sujeitos na lógica torcedora e masculina dos estádios. O estádio pode ser entendido como a casa do clube e de seus torcedores, o que poderia potencializar algumas atitudes em detrimento de outras. A linguagem bélica também aparece com força nessas construções, com um reforço importante para a realização dos confrontos entre as equipes e suas diferentes comunidades de sentimento. As emoções, seus excessos e controles nessa festa coletiva em um tempo específico, o do jogo dentro do estádio, também atravessam esse currículo.

No segundo item do capítulo, destaquei as regulamentações da FIFA para a construção de estádios que pretendem se credenciar para a realização de eventos da entidade. Condições de transmissão, segurança do público e cuidados com os clientes preferenciais aparecem em destaque. As manifestações coletivas de torcedores são ignoradas nessa narrativa, que acaba apontando como o protagonismo dos eventos deveria restringir-se ao campo de jogo.

O terceiro tópico do capítulo discute como a realização da Copa do Mundo de 2014 acabou catalisando um processo de alteração dos estádios e de seu público no Brasil. Apontei que a realização de uma Copa do Mundo inscreve o país em um circuito global, o que acaba gerando uma série de prescrições sobre o comportamento esperado em locais públicos, além de uma série de investimentos para que essa adequação ocorra. Existe um forte investimento no corpo dos torcedores e em sua individualização. Ao mesmo tempo, quando denunciam a ocorrência desse processo de elitização, torcedores e alguns pesquisadores acabam construindo uma oposição entre dois sujeitos

essencializados: os antigos torcedores e os atuais consumidores, com uma carga excessivamente positiva para o primeiro em relação ao segundo.

O capítulo foi finalizado com as impressões dos torcedores do Grêmio, que foram ‘alfabetizados’ no torcer em estádio no Olímpico, sobre a transição à Arena. Por vezes, os torcedores reclamam da falta de certa ‘alma’ do antigo estádio, ao mesmo tempo em que exaltam a grandiosidade do novo. Os torcedores reconhecem o processo de elitização que acontece na Arena, ao mesmo tempo em que apontam para uma maior presença de mulheres e crianças no novo estádio gremista. O último apontamento desta seção indica algumas diferenças entre o Olímpico e a Arena, além de apontar para uma série de prescrições dadas explicitamente aos torcedores pelo Regimento Interno da Arena.

No próximo capítulo, explicitarei os aportes teóricos e metodológicos, incluindo as relações entre esporte e construções de masculinidades, currículo cultural, os conceitos de linguagem, interpelação e sujeito, além de discutir os modos de produção do material empírico.

3 APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: PERSPECTIVAS, CONCEITOS E CAMINHOS DE INVESTIGAÇÃO

Durante os doze meses em que realizei meu trabalho de campo, o Grêmio manteve o mesmo treinador, o que é um tanto raro no instável mercado brasileiro para esses profissionais. Roger Machado havia sido lateral esquerdo do clube entre os anos de 1994 e 2003, conquistando diversos títulos relevantes. Além de seu histórico como jogador, a forma como a equipe passou a atuar, com muita posse de bola, triangulações rápidas e bastante ofensividade, fez com que o ex-atleta conseguisse manter-se no cargo sem maiores contestações. Um dos destaques dados ao trabalho de Roger também se dava através de suas entrevistas à imprensa, nas quais ele utilizava um vocabulário incomum em relação ao comumente empregados por seus colegas de profissão. Menos preocupado com isso, utilizo uma de suas manifestações, não de maneira literal, para me ajudar a iniciar este capítulo, que pretende problematizar as perspectivas teóricas, os conceitos e os caminhos de investigação utilizados na realização desta pesquisa. Perguntado se o Grêmio se contentaria com um empate em uma partida realizada longe de seus domínios, Roger disse que o Grêmio sempre jogaria buscando a vitória. Entretanto, ele ressaltou que as estratégias adotadas para lograr esse objetivo poderiam variar de acordo com o adversário e com as circunstâncias da partida.

Talvez, a ‘vitória’ seja algo bastante mais tangível do que o conhecimento. Ao final de uma partida, aquele que tem um número maior de gols será entendido como o vencedor. Para a construção de conhecimento me parece que essa conclusão é bastante menos verificável. Mas, o mais relevante da fala do ex-treinador gremista para o que pretendo discutir nas próximas páginas está relacionado com as diferentes estratégias para alcançar um mesmo objetivo, a vitória. No trabalho investigativo, me parece que estratégias diferentes acabam levando, invariavelmente, a resultados diferentes. Em alguma medida, são elas, as estratégias, que permitem alcançar uma determinada forma de conhecer e não outra. Isso acaba exigindo uma maior explicitação por parte do pesquisador sobre quais as perspectivas, quais os conceitos e de que forma o material aqui apresentado foi produzido, autorizando o leitor não apenas a ter um maior número de elementos para realizar certo diálogo com o texto, como também autorizando-o a imaginar que de outros marcadores teórico-conceituais e empíricos, outros resultados poderiam ser atingidos. Para a construção do conhecimento, existe uma conexão

integral entre métodos, conceitos, dados produzidos e alguns resultados, diferentemente do que acontece no campo de futebol.

Judith Butler destaca que os limites do saber nos permitem ter uma disposição de maior humildade e generosidade: “terei de ser perdoado por aquilo que não posso conhecer totalmente e terei obrigação semelhante de perdoar os outros, que também são constituídos com uma opacidade parcial em relação a si mesmos” (2015, p. 60-61). Este trabalho está inserido no ‘indisciplinado’ campo das ciências humanas. Máximo Canevacci destaca que essa indisciplina “não significa recusar o rigor do pensamento, pelo contrário, apresenta a possibilidade de não ficar a crítica no lugar conclusivo e fechado, para assim viajar e viajar-se além do disciplinado” (2013, p. 12). Essa possibilidade de viajar para além do disciplinado, entretanto, também exige que os rumos traçados durante o percurso sejam devidamente explicitados. Andréa Zanella aposta em um fazer ciência sem alibi, “não se apresenta o discurso do método singular como seu fundamento, mas as escolhas éticas e estéticas do pesquisador que se reinventa, bem como à realidade investigada no próprio processo de pesquisar” (2013, p. 21).

Se pesquisar é reinventar a realidade, e não somente demonstrá-la, compreendê-la ou explicá-la, a reflexão sobre o que se pesquisa, sobre os caminhos trilhados no percurso da investigação e o que resulta dessa prática social vincula-se inexoravelmente com a reflexão sobre o processo de criação que caracteriza toda e qualquer pesquisa: criação de algum novo objetivado na escrita que se divulga, e ao mesmo tempo (re)criação do(a) pesquisador(a), do(a) orientador(a) e dos muitos outros com os quais estes se relacionam, em encontros/desencontros vários (ZANELLA, 2013, p. 132).

A análise do material produzido se vinculará com a metodologia interpretativa que se preocupa mais com a maneira como os agentes sociais interpretam os fatos do que uma suposta realidade de algo que poderia, em alguma medida, ser entendido como ‘o fato em si’. Aqui também se assume que,

(...) toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa que aceita seus limites, seu inacabado, sua parcialidade, formulando conceitos que clarificam os dados – organizando-os, explicitando suas interrelações, desenvolvendo implicações – mas que, em seguida, são revistos, reformulados, substituídos a partir de novo material trabalhado (MACHADO, 2004, p. XI).

Neste trabalho existe um desejo de buscar certo relativismo que impeça, no encontro com a alteridade, um prejulgamento das falas e condutas daqueles que se dispuseram a dialogar de forma direta ou indireta, realizando práticas torcedoras dentro de um estádio de futebol. Entretanto, aqueles que realizam pesquisa também estão implicados como sujeitos morais e políticos, “realizamos nuestro trabajo como actores

sociales ubicados dentro de una trama relacional y desde allí observamos el mundo. Y no solo lo miramos... También lo evaluamos” (GARRIGA ZUCAL, 2015, p. 27). Nesta investigação, isso poderá ficar evidenciado de diferentes maneiras.

O objeto deste trabalho, ainda que bastante amplo, foram as masculinidades torcedoras nos estádios de futebol. Essa socialização foi, e é, bastante relevante em minha constituição masculina e enquanto torcedor de futebol. Foi necessário manter a atenção, e certa desconfiança, diante dos diálogos realizados com os torcedores, às maneiras como os interpelei e como fui interpelado por eles, especialmente em casos de manifestações que poderiam ser entendidas como racistas e/ou homofóbicas, especialmente a partir da maneira como estive, e estou, subjetivado por uma série de discursividades advindas do campo dos direitos humanos.

A investigação que propus empreender e os questionamentos que me permiti realizar não estavam dados em nenhuma instância natural ou cultural, ou seja, elas não estavam prontas para serem executadas. Pensar na produção de um currículo de masculinidade e de torcedores de futebol nos estádios, somente foi possível a partir de determinado arcabouço teórico e em uma “lógica de pensamento” particular que, inclusive, autoriza a possibilidade de problematizar as construções de masculinidades em um contexto cultural específico. “A lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e de abalos” (DELEUZE, 1992, p. 118).

É necessário afirmar que partilho de um entendimento de que aqueles que participam do espetáculo esportivo comunicam, com suas práticas torcedoras, uma determinada visão de mundo, bem como a valoração a determinadas formas de interação (BUNDIO, 2016). Outra marcação necessária é ressaltar que os sujeitos que atuam nos estádios realizam diferentes ações, sempre em disputa por significados, e que um eventual ‘consenso’ é bastante difícil de ser visualizado. Nenhum ‘consenso’ poderia ser tomado como algo estável. Clifford Geertz acredita existir um aumento de consciência sobre certa impossibilidade de um consenso universal sobre assuntos normativos. “Nem todos (...) chegarão a uma opinião comum sobre o que é decente e o que não é, o que é justo e o que não é, o que é belo e o que não é, o que é razoável e o que não é, pelo menos não tão cedo, ou talvez nunca” (2001, p. 72). Não são poucos os conteúdos irrompidos nos estádios de futebol que apresentam interpretações diferenciadas, desde a maneira preferencial por ver a equipe jogar passando por aquilo que pode ser entendido ou não como violência.

Nessa investigação, o conceito de gênero foi protagonista. Em nossa cultura, gênero é um elemento definidor de inteligibilidade: “não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero” (BUTLER, 2003, p. 27). “Todos os corpos são ‘generificados’ desde o começo de sua existência social (e não há existência que não seja social)” (SALIH, 2012, p. 89). Gênero é um processo sem origem nem final, mas que se constrói em ato, ou melhor dito, em uma sequência de atos que está sempre ocorrendo. Segundo Judith Butler, as identidades de gênero e de sexualidade são performativas, “o gênero é sempre um feito, (...) não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída” (2003, p. 48). Com isso, podemos entender que a identidade generificada necessita de uma constante reiteração, o que exige que se efetuem e se repitam atos com significação social, e nessa repetição, esse mesmo significado pode ser legitimado (PELLER, 2011). Com isso, ser homem ou ser mulher é algo que ‘fazemos’ e não algo que ‘somos’. O gênero, nessa perspectiva, “não é nem a expressão de uma essência interna, nem mesmo um simples artefato de uma construção social. O sujeito *gendrado* seria, antes, o resultado de repetições constitutivas que impõem efeitos substancializantes” (ARÁN; PEIXOTO JÚNIOR, 2007, p. 133). É necessário ressaltar a diferenciação entre performatividade e performance. “Butler argumenta que a identidade de gênero é uma sequência de atos (...), mas ela também argumenta que não existe um ator (...) preexistente que pratica esses atos, que não existe nenhum fazedor por trás do feito” (SALIH, 2012, p. 65). Nesse sentido, gênero é muito mais um verbo do que um substantivo. Neste trabalho, a construção generificada deve ser entendida como

(...) um processo contínuo de repetições que, ao mesmo tempo, anula a si mesmo (pois mostra a necessidade de repetir-se para substituir) e aprofunda suas regras. (...) assumir um gênero não é algo que, uma vez feito, estabiliza-se. Ao contrário, estamos diante de uma inscrição que deve ser continuamente repetida e reafirmada, como se estivesse, a qualquer momento, a ponto de produzir efeitos inesperados, sair dos trilhos (SAFATLE, 2015, p. 189).

É com o conceito de gênero que me permito pensar nas masculinidades como construções culturais. Ele “funciona como um organizador social e da cultura (...) e, assim, engloba todos os processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos” (MEYER, 2012, p. 51).

A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e

codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2001, p. 11).

O conceito de gênero com o qual trabalho está ancorado nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e nos Estudos Culturais (LOURO, 2004a, MEYER, 2003). Nessa perspectiva, gênero não pode ser reduzido a qualquer aspecto essencialista, seja ele biológico ou cultural, “a diferença entre os sexos não constitui um atributo dos indivíduos, mas uma informação construída e concretizada sempre na relação com os outros” (BORRILLO, 2010, p. 75). Judith Butler (2009) argumenta que nem o gênero e nem a sexualidade são elementos que possuímos. Esses conceitos seriam mais bem entendidos como “um modo de despossessão”, sempre em uma relação com o outro. “O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (Idem, 2003, p. 37). Os gêneros estão imbricados em processos pedagógicos que utilizam diferentes estratégias metodológicas, dentre as quais a reiteração e a repetição de práticas construídas, como culturalmente adequadas.

O conceito de gênero, na perspectiva dos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e dos Estudos Culturais, aponta para quatro desdobramentos importantes (MEYER, 2003). O primeiro destaca a permanente construção dos sujeitos de gênero. Essa construção não é um processo linear ou evolutivo de causa e efeito. Nenhuma ‘garantia’ de masculinidade ou feminilidade poderá ser obtida em qualquer local da cultura. “O gênero não acontece de uma vez por todas quando nascemos, mas é uma sequência de atos repetidos que se enrijece até adquirir a aparência de algo que esteve ali o tempo todo” (SALIH, 2012, p. 94). Aprendemos, em diferentes instituições e artefatos culturais, formas adequadas de ‘exercer’ um gênero. Essas aprendizagens acontecem ao longo de nossas vidas.

O segundo desdobramento do conceito demonstra a diversidade de masculinidades e feminilidades variando em diferentes tempos e espaços e dentro de uma mesma cultura. O conceito tem sua potência catalisada quando associado a outros marcadores sociais, como classe social, religião, raça/etnia, nacionalidade... (MEYER, 2003). É justamente essa variação das diversas masculinidades e feminilidades que me permite colocar o olhar novamente sobre as práticas torcedoras, dessa vez em um estádio diferente e atravessado por alguns fenômenos que, em alguma medida, desestabilizaram com mais força as práticas torcedoras tidas historicamente como adequadas. É a partir dessa variação entre dois locais e dois espaços que me proponho a

perseguir as relações entre o ser torcedor e o ser masculino, nesse currículo de masculinidade dos torcedores de estádio.

A relação entre os sujeitos de gênero é a terceira implicação do conceito. As construções de masculinidades possuem nas feminilidades o seu oposto, seu limite, sua fronteira. Pensar nas masculinidades de forma isolada não tende a ser muito produtivo. Mesmo que em determinados contextos exista uma preponderância de exigências e expectativas sobre comportamentos masculinos ou femininos, a principal fronteira nessas construções, da forma como nossa cultura se organiza, nesse momento, segue sendo o ‘polo oposto’ de gênero. Esse binarismo é uma relação infinita, com fronteiras movediças. Ele ajuda a construir uma ficção de estabilidade que é reiteradamente afirmada para provocar uma suposta permanência. “Numa perspectiva pós-estruturalista, nossa tarefa seria perturbar a aparente solidez desse par binário, entender que esses dois elementos estão mutuamente implicados, dependem um do outro para se afirmar, supõem um ao outro” (LOURO, 2009, p. 89). As masculinidades são produzidas, disputadas e hierarquizadas tendo conceitos de feminilidades como parâmetro. Não faz sentido pensar em instâncias culturais exclusivamente masculinas ou femininas, como se ambos não se constituíssem mutuamente (MEYER, 2003).

A última implicação do conceito de gênero nos mostra como as diferentes instituições sociais são atravessadas por pressupostos de masculinidade e de feminilidade. Elas são produzidas por pressupostos de gênero ao mesmo tempo em que participam das produções de gênero (MEYER, 2003). Elas participam dos processos de apropriação, circulação e redefinição de um conjunto de discursos, valores e práticas em que a heterossexualidade se coloca como a única expressão sexual e de gênero legítimas (PRADO, 2010). Assim, “sexo e gênero são efeitos – e não causas – de instituições, discursos e práticas” (SALIH, 2012, p. 21). Não existe um sujeito soberano e anterior que produza esses elementos a partir de concepções prévias: “nós, como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero” (Ibidem). Dagmar Meyer ainda sugere dois esforços analíticos e políticos ao entendermos o gênero como construção social, plural e relacional, que organiza o social e a cultura.

O primeiro implica aceitar o desafio de desconstruir a oposição binária masculino/feminino que, de forma simples e linear, posiciona o homem como dominador e a mulher como dominada. Isto porque essa oposição, dentre outras coisas, dificulta a visibilização e a compreensão de que: processos de diferenciação e hierarquização de gênero e sexualidade não incidem da mesma forma sobre todas as mulheres e sobre todos os homens; que eles

podem materializar-se como relações de violência também entre mulheres e entre homens; e, sobretudo, que eles podem resultar da incorporação e da (re)produção de representações naturalizadas de gênero e de sexualidade nos conhecimentos científicos, nas instituições, nos códigos morais e jurídicos, nas políticas e nos programas públicos etc. O segundo esforço supõe o deslocamento de abordagens que focalizam apenas um dos termos dessa oposição, para dar-nos conta de que o mesmo movimento que “naturaliza” a subordinação como um atributo do feminino a ser modificado, define a dominação como uma característica intrínseca do masculino que não seria modificável (2009, p. 229).

Podemos caracterizar o que comumente chamamos de ‘nossa cultura’ como heteronormativa. A heteronormatividade atua como um amplo sistema de relações de poder vinculadas a práticas e a instituições que colocam a heterossexualidade como a norma cultural hegemônica. Ela acaba por construir e manter uma ‘superioridade’ ou ‘privilégios’ aos sujeitos identificados com a heterossexualidade: “o binário hetero/homossexualidade não se trata de verdadeira oposição, é, antes, um único sistema interdependente que tem por objetivo reinscrever incessantemente uma hierarquia que privilegia e reitera a ordem heterossexual” (MISKOLCI, 2009, p. 331-332). Guacira Louro lembra que para que as posições hierarquizadas apareçam é necessário um investimento repetitivo e continuado.

Para garantir o privilégio da heterossexualidade – seu status de normalidade e, o que é ainda mais forte, seu caráter de naturalidade são engendradas múltiplas estratégias nas mais distintas instâncias (na família, na escola, na igreja, na medicina, na mídia, na lei). Através de estratégias e táticas aparentes ou sutis reafirma-se o princípio de que os seres humanos nascem como macho ou fêmea e que seu sexo – definido sem hesitação em uma destas duas categorias – vai indicar um de dois gêneros possíveis – masculino ou feminino – e conduzirá a uma única forma normal de desejo, que é o desejo pelo sujeito de sexo/gênero oposto ao seu (2009b, p. 89).

O processo continuado de reiteração da heterossexualidade acaba sendo naturalizado e invisibilizado “exatamente porque é empreendido de forma continuada e constante (muitas vezes, sutil) pelas mais diversas instâncias sociais” (LOURO, 2009b, p. 90). A problematização da heteronormatividade é recente, uma vez que ela “só vem a ser reconhecida como (...) algo que é fabricado, produzido, reiterado, e somente passa a ser problematizado a partir da ação de intelectuais ligados aos estudos de sexualidade, especialmente aos estudos gays e lésbicos e à teoria queer” (Ibidem). Uma importante estratégia nessa construção normativa é a naturalização dos processos que abarca, negando sua construção sócio-histórica. “A heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade” (MISKOLCI, 2009, p. 332). Caso a heterossexualidade fosse dada ao nascer de modo natural, seriam dispensáveis os grandes esforços e empreendimentos para que essa ‘condição natural’

fosse assegurada. Porém, “a norma *precisa* ser reiterada constantemente. Não há nenhuma garantia de que a heterossexualidade aconteça *naturalmente*” (LOURO, 2009b, p. 90). Esses grandes esforços e empreendimentos de reiteração podem ser lidos enquanto pedagogias e constituintes de um currículo de gênero desejável.

Essa necessidade incessante de reiteração da heterossexualidade é o que poderia criar determinadas condições para o aparecimento de formas de resistência. “No processo repetido, continuado e sempre inconcluso de produzir os gêneros é que ocorrem os deslizamentos, as desarmonias e desarranjos. A repetição incessante das normas permite e incita, ao mesmo tempo, sua resistência” (LOURO, 2009a, p. 140). Segundo Butler, “toda vez que a lei é reiterada, há uma refundação e uma reinstituição” (2012, p. 23).

A heteronormatividade atravessa a cultura com implicações na vida de todos os sujeitos. Além de produzir uma hierarquia entre hetero/homossexuais, ela também produz formas hegemônicas e subalternas entre os heterossexuais (JACKSON, 2005). Além disso, “a heteronormatividade sublinha um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle até mesmo daqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo” (MISKOLCI, 2009, p. 332). Daniel Borrillo (2010) nomeia de heterossexismo o sistema que organiza uma sociedade ou uma cultura a partir da segregação que utiliza a orientação sexual como critério. Para Daniel Welzer-Lang (2001) a “visão heterossexuada” consiste em admitir como “normais” e “naturais” somente as relações sexuais entre homens e mulheres. As demais sexualidades seriam, no máximo, admitidas como “diferentes”.

Uma importante estratégia metodológica da construção da norma, sempre arbitrária da heterossexualidade, é sua constante repetição nos currículos de diferentes instâncias culturais. “Nesse sentido, família, mídia, igreja, escola, entre outros, estão preocupados em ensinar padrões heteronormativos a meninos e meninas, homens e mulheres, como se esse fosse um processo ‘natural’” (CARVALHAR, 2010, p. 34). Ao procurar observar as representações de masculinidade através de um currículo dos torcedores nos estádios de futebol, é sempre relevante estar atento aos conteúdos que são repetidos e, dentro do possível, aos conteúdos que são silenciados nessa tentativa de construção de determinada ‘naturalidade’ para as normas culturais de gênero e de sexualidade.

Tal qual a heteronormatividade (ou a heterossexualidade compulsória), as construções de gênero também estão espalhadas por diferentes espaços e artefatos

culturais, “cualquier niño tiene acceso a una serie de masculinidades que están encarnadas, y que son transmitidas, por toda una variedad de medios culturales” (BUTLER, 2010, p. 160). Me permito entender os estádios de futebol como um desses espaços heteronormativos que atuam na produção e na circulação de conteúdos sobre as formas adequadas e inadequadas de vivências de masculinidades.

Os gêneros funcionam como lógica normativa, atravessando e constituindo as instituições sociais. Tal qual na produção da alteridade futebolística e de diferentes marcadores identitários, não é a nossa identidade ou o nosso gênero que é marcado, “a norma é, paradoxalmente, omnipresente e invisível. Ela não precisa ser marcada, quem é marcado ou o que é marcado é aquele ou aquilo que se afasta da norma” (LOURO, 2007, p. 243).

Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. (...) apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou pela subordinação) as manifestações dos demais grupos (LOURO, 2001, p. 16).

Um dos importantes exercícios das construções normativas é, justamente, essa invisibilidade tentando marcar (ou esconder) que ela não é uma posição ou perspectiva. “A posição que emerge como posição dominante é, contudo, declarada a única possível. A história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto do consenso social e não do conflito” (SCOTT, 1995, p. 87). A perspectiva normativa retira do plano do sujeito ou do indivíduo a capacidade de uma escolha ‘livre’ do contexto cultural em que ele atua.

Esse trabalho sobre si mesmo, esse ato de circunscrição, acontece no contexto de um conjunto de normas que precede e excede o sujeito. Investidas de poder e obstinação, essas normas estabelecem os limites do que será considerado uma formação inteligível do sujeito dentro de determinado esquema histórico das coisas. Não há criação de si (*poiesis*) fora de um modo de subjetivação (*assujettissement*) e, portanto, não há criação de si fora das normas que orquestram as formas possíveis que o sujeito deve assumir (BUTLER, 2015, p. 29).

Ao mesmo tempo, isso não significa que esses mesmos indivíduos ou sujeitos seriam facilmente programados ou impedidos de tomarem decisões nessa relação com os outros. As normas “funcionam uma vez que são sociais e excedem cada troca diádica que condicionam. Sua sociabilidade, no entanto, não pode ser entendida como totalidade estruturalista, tampouco como invariabilidade transcendental ou quase-transcendental” (BUTLER, 2015, p. 37). As próprias normas trabalham com essa mesma lógica da reiteração e, com isso, criam espaço para suas fissuras, as “normas

regulatórias têm um caráter performativo, quer dizer, sua criação e repetição fazem acontecer, isso é, produzem aquilo que nomeiam” (LOURO, 2009a, p. 138). Talvez, seja possível visualizar, justamente nesses espaços de fissura, no momento da reiteração normativa, o aparecimento de espaços de resistência. A reiteração vaza, falha, varia e pode surpreender. Conquanto os espaços de agência sejam sempre delimitados por um ou, inclusive, mais do que um, quadro normativo, as normas são disputadas, são colocadas em questão e sempre propiciam espaços de contestações e resistências.

Neste trabalho, a categoria que utilizo para analisar as práticas masculinas é a de gênero. O conceito de masculinidade será, então, mais bem entendido como uma das variações das práticas de gênero, não possuindo teoria própria. A imbricação de masculinidades e feminilidades e sua construção de forma complementar, me dificultam visualizar as potencialidades de trabalhar com o conceito de masculinidade ou, colocado de forma mais precisa, de tomar as análises a partir do entendimento da masculinidade como algo fixo ou fora dessa produção generificada. Me parece que a perspectiva de gênero é bastante mais potente em relação a uma determinada perspectiva de masculinidade. Aqui, sempre que o termo masculinidade for utilizado, o será fazendo referência ao conceito de gênero e às suas implicações, algumas das quais já expostas nos parágrafos anteriores.

Dentro da perspectiva de gênero, é possível pensar com Ana Herrera sobre a “construção social da masculinidade”. Para a autora, o termo serve para

(...) designar una serie de discursos y prácticas sociales que pretenden definir al término masculino del género dentro de configuraciones históricas particulares, diferenciándolo de las propias experiencias de los hombres, que no están reducidos a someterse a tal construcción y que manifiestan innumerables formas de resistencia (2006, p. 175).

Dentro dessa construção generificada, alguns conteúdos parecem possuir maior incidência em um dos termos complementares. Mesmo sendo desejável para ambos os gêneros, é possível inferir que o imperativo da heterossexualidade masculina possua preponderância relativamente à heterossexualidade feminina. “Em nossa cultura, esse movimento, ou seja, o processo de heteronormatividade, parece ser exercido de modo mais intenso ou mais visível em relação ao gênero masculino” (LOURO, 2009b, p. 91). Isso não deveria ser lido como uma maior abertura para que as feminilidades pudessem ter maiores vivências de sua sexualidade. Seria possível, em alguma medida, supor que seria justamente a negação das possibilidades das experiências femininas sobre sua sexualidade que permitiriam certo ‘afrouxamento’ desse controle.

A homofobia, desejável tanto para meninas como para meninos, é um imperativo no caso masculino. Ela serve para negar qualquer possibilidade de lembrar alguma característica feminina e para retirar qualquer possibilidade de ‘suspeita’ de que os garotos possam sentir atração por alguém do mesmo sexo.

(...) o processo de heteronormatividade não só se torna mais visível em sua ação sobre os sujeitos masculinos, como também aparece, neste caso, frequentemente associado com a homofobia. Pela lógica dicotômica, os discursos e as práticas que constituem o processo de masculinização implicam a negação de práticas ou características referidas ao gênero feminino e essa negação se expressa, muitas vezes, por uma intensa rejeição ou repulsa de práticas e marcas femininas (o que caracteriza, no limite, a misoginia). É preciso afastar ou negar qualquer vestígio de desejo que não corresponda à norma sancionada. O medo e a aversão da homossexualidade são cultivados em associação com a heterossexualidade (LOURO, 2009b, p. 91-92).

Um conteúdo muito significativo da socialização masculina, em contextos heteronormativos, é a homofobia, que pode ser entendida como um “dispositivo de vigilância das fronteiras de gênero” (PRADO, 2010, p. 8). Mesmo que de diferentes formas, esse conteúdo de gênero heteronormativo acaba por constituir a todos os indivíduos de nossa cultura. Essa “vigilância de gênero” é ainda mais importante no contexto de construção das masculinidades nas sociedades que seriam mais marcadas pela “dominação masculina⁷⁵”, especialmente na construção das masculinidades que seriam definidas, nessa leitura, pela negação e rejeição do feminino e da homossexualidade (BORRILLO, 2010). O sexismo e a homofobia funcionam de forma sincronizada e complementar dentro do “policimento da sexualidade”, “ao reprimir qualquer comportamento, gesto ou desejo que transborde as fronteiras ‘impermeáveis’ dos sexos” (Ibidem, p. 90). Admitir que o estádio de futebol é um contexto heteronormativo de construções das masculinidades, nos obriga a pensar na homofobia ou, ao menos, no heterossexismo como um conteúdo bastante significativo. Isso não significa, entretanto, tomar de antemão que todas as manifestações torcedoras seriam manifestações homofóbicas.

A homofobia funciona dentro de uma lógica de construção de gênero e de sexualidade que é binária e constituída por antagonismos. Ser masculino significaria o oposto do feminino e o heterossexual o oposto do homossexual. Nesse caso, a oposição significa a negação dos atributos de gênero e de sexualidade. Ser masculino é ser não feminino e ser heterossexual é ser não homossexual. Esses pares só possuem sentido em relação, mesmo que no senso comum exista uma tentativa em isolar um dos polos como

⁷⁵ Ver Bourdieu, 1999.

se ele tivesse sentido sem a sua referência, como se isso fosse possível. Em nossa cultura heteronormativa, podemos perceber que o gênero não poderá ser considerado ‘normal’ ou ‘completo’ fora da matriz da heterossexualidade. “Em uma sociedade androcêntrica como a nossa, os valores apreciados de forma especial são os masculinos; neste caso, sua ‘traição’ só pode desencadear as mais severas condenações” (BORRILLO, 2010, p. 88). Ser masculino e não heterossexual pode ser posto como uma “traição” ao gênero culturalmente qualificado como privilegiado. Nos estádios de futebol, e em diversas esferas da cultura, é possível pensar que a heterossexualidade é uma condição *sine qua non* para um ‘desempenho adequado’ de masculinidade. Mesmo que em diversos cânticos das torcidas a hierarquização das masculinidades aconteça através de narrativas que envolveriam uma simbólica relação sexual entre dois personagens masculinos, algumas práticas seriam autorizadas, enquanto outras marcariam uma identidade como debilitada em relação às demais. Práticas sexuais e identidades sexuais, apesar dessa dimensão ser muito perene, não são a mesma coisa.

Em nossa cultura, a sexualidade aparece como um elemento sem o qual a construção da identidade parece estar ‘em falta’. A definição entre ser hetero ou homossexual dá inteligibilidade aos sujeitos. Um conteúdo importante de um currículo de masculinidade é a heterossexualidade. “É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação [heterossexual], tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento” (LOURO, 2001, p. 17). A heterossexualidade é ensinada na cultura, através de uma constante reiteração. Passamos a supor que a maioria das pessoas tem desejo e atração pelo sexo oposto. Se a mão com a qual escrevemos, nossa altura ou a cor de nossos olhos não parecem suficientes para definirmos nossas identidades, a sexualidade (e as formas como vivemos essa sexualidade) sim, especialmente as que estão fora dos conteúdos ou das vivências ‘naturalizadas’.

É pensando nessa performatividade de gênero e olhando para a reiteração heteronormativa que busco olhar para esse currículo de masculinidade do torcedor de futebol de estádio. A ideia foi observar de que forma os torcedores performatizavam o gênero e o torcer, e como isso era atravessado por algumas categorias como, especialmente neste contexto, a de homofobia ou de heterossexismo.

3.1 Esportes e a construção de masculinidades

Os esportes em geral, e o futebol em específico, acabam trabalhando fortemente na circulação e na produção de valores e de representações associados a masculinidades. Eles podem ser lidos como uma das instituições generificadas e androcêntricas de nossa cultura.

(...) o esporte, como qualquer outra prática cultural, é generificado e generificador. Ou seja, seu acontecer está perpassado pela (re)produção de masculinidades e feminilidades, e estes marcadores identitários não são neutros nem universais. Ao contrário: constroem-se cotidianamente considerando as representações culturais a eles associados. São também produzidos por meio de processos de aprendizagem que se fazem presentes nos discursos médicos, familiares, religiosos, pedagógicos, jurídicos e, ainda, naqueles que circulam em diferentes outros meios de comunicação (MÜHLEN; GOELLNER, 2012, p. 167).

Diferentes elementos poderiam ser elencados para demonstrar como ocorre essa construção generificada. No Brasil, apenas o futebol jogado por homens possui público regular nos estádios. Para as mulheres, nem mesmo um calendário existe. As premiações dadas a homens e a mulheres também são muito diferentes no espaço dos esportes⁷⁶. As práticas recebem ou não adjetivação a partir do sexo de seus praticantes. Os homens jogam futebol, enquanto as mulheres jogam futebol feminino. A falta de adjetivação aponta para a naturalização da prática do esporte realizado por homens. Geralmente, as adjetivações atribuídas aos homens acontecem quando eles não correspondem às representações viris da masculinidade esportiva.

Nos estádios de futebol, os sujeitos acabam sendo constituídos por uma série de elementos valorizados dentro da ‘cultura masculina’. Para Daniel Borrillo, “a competição, a forte apreensão relativamente à demonstração de vulnerabilidade, o controle dos sentimentos e a homofobia constituem os elementos que modelam o jeito de ser homem” (2010, p. 89). Na socialização masculina que ocorre nos estádios, muitos desses elementos são considerados na hora de ‘avaliar’ os comportamentos constituídos como adequados. A associação entre esporte e construções de masculinidade é uma possibilidade de visualizar de que forma o gênero funciona como um atravessador das instituições. O que está em questão quando se aprende a jogar, ou mesmo a torcer, não

⁷⁶ Em 2016, a Liga Mundial, torneio de voleibol masculino, distribuiu US\$ 1 milhão ao campeão, enquanto o Gran Prix, torneio de voleibol femininos equivalente ao masculino na hierarquia das competições, distribuiu US\$ 200 mil. Ambos os torneios contam com a organização da Federação Internacional de Voleibol (FIVB). Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2016/07/titulo-do-gp-paga-5-vezes-menos-que-liga-mundial-sacanagem-diz-sheilla.html>. Acesso em 27/01/2017, às 9h37.

são apenas as melhores maneiras de executar essas práticas, mas se está ingressando em uma instituição repleta de significados. Mesmo que “una pequeña minoría llegará a ser parte del mundo del deporte profesional, la producción de la masculinidad en el mundo deportivo se caracteriza por una estructura institucional competitiva y jerárquica” (CONNELL, 2003, p. 59).

As masculinidades constroem-se em um importante campo de disputas por legitimidade entre diferentes representações de masculinidades. Eduardo Archetti entende que “hay contextos que son eminentemente masculinos, donde ‘los otros’ relevantes son los hombres – distintas clases de hombres” (2003, p. 160). Nos estádios e nas torcidas de futebol, podemos verificar a existência desses contextos. O público de futebol é predominantemente masculino. Entretanto, dentro do processo de modernização dos estádios existe certo investimento para que as mulheres passassem a frequentar mais esse espaço⁷⁷. As observações, de forma impressionista, em meus quase trinta anos frequentando estádios, me permitem apontar que existe, sim, um aumento do número de mulheres nesse local. Esse aumento não significa uma imediata alteração nas construções generificadas que acontecem neste contexto cultural específico. No contexto argentino, Verónica Moreira aponta que “muchas son las mujeres que asisten a la cancha para ver y alentar a su equipo, pero los estilos de participación se subordinan a las manifestaciones culturales netamente masculinas” (2005b, p. 99). Reitero que isso não significa constituir esse contexto cultural específico como exclusivamente masculino, mas sim, destacar a preponderância discursiva dessas disputas entre masculinidades na construção do que entendo como um currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol. Em alguma medida, tanto os corpos normativamente representados como masculinos, quanto aqueles representados como femininos, estariam envolvidos nessa produção de masculinidades. Um dos conteúdos que se disputam nos estádios de futebol é a masculinidade. O mesmo parece não ocorrer com as feminilidades.

Talvez seja possível afirmar que, ao contrário da importância que as práticas esportivas tiveram para com a constituição das masculinidades, a participação das mulheres nos esportes não se constituiu em elemento importante para a construção de uma feminilidade hegemônica (SILVEIRA; STIGGER, 2013, p. 180).

⁷⁷ Em 2016, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob orientação do professor César Augusto Barcellos Guazzelli, Camila Guterres Casses de Oliveira defendeu a dissertação de mestrado intitulada “Uma mudança nas arquibancadas: a elitização do futebol leva as mulheres aos estádios (Porto Alegre, 2007-2014)”.

A presença das mulheres não teve um aumento apenas quantitativo. Esse aumento também aparece de forma qualitativa, desde a valorização dessa presença até a constituição de figurinos específicos. Apesar disso, a participação das mulheres nos estádios ainda é tratada de forma bastante caricata, com representações bastante fixas sobre o que seria a feminilidade como constatei em minha dissertação de mestrado. Em 2008, o Internacional jogou no dia 8 de março (Dia Internacional da Mulher) e realizou uma promoção que liberava as mulheres da compra de ingressos.

Todos os jornais que comentaram aquele jogo enfatizaram a presença maciça da torcida feminina no Beira-Rio. Paulo Roberto Falcão, em *Zero Hora*, destacou em uma matéria intitulada *Perfume na arquibancada* que os repórteres no Beira-Rio apontavam um aroma diferenciado no estádio. O comentarista também destacou que a presença de mulheres e crianças poderia ser positiva para “civilizar” o comportamento nos estádios, em tempos de violência. Ruy Carlos Ostermann enfatizou o depoimento de um repórter que achou o estádio silencioso para um público de cinquenta mil pessoas. Hiltor Mombach do *Correio do Povo* destacou que o melhor do final de semana foi o público no Beira-Rio e a presença maciça das mulheres. Essa presença maciça de mulheres correspondeu, segundo o mesmo colunista, a vinte e seis por cento do público. Essa surpresa ajuda a demonstrar como a presença das mulheres, mesmo num percentual nem tão “maciço” assim (uma mulher para cada três homens) causa alguma admiração e ainda é entendido como incomum. Além disso, diferentes falas apontaram para representações um tanto fixas de feminilidades, como o comentário de Pedro Ernesto Denardin no *Diário Gaúcho* que exaltou a beleza e, novamente, o perfume presente no estádio (BANDEIRA, 2009, p. 93-94).

Observando o movimento nos estádios em 2015 e 2016, consegui visualizar uma presença constante de grupos exclusivamente de mulheres. Essa presença, entretanto, parecia ainda dialogar com um ambiente machista, atraindo uma série de olhares e assédios. Antes da partida contra o Coritiba Foot Ball Club⁷⁸, pelo Campeonato Brasileiro de 2015, em um domingo às 11 horas da manhã, observei um desses grupos exclusivamente feminino acessando a esplanada pela rampa Oeste. Ao passarem por pequenos grupos de homens, era possível escutar manifestações machistas de toda a ordem, quase sempre vinculadas aos atributos físicos das torcedoras, que utilizavam a tática da ignorância em relação a essas manifestações (DC 6). Em outra partida pelo Campeonato Gaúcho de 2016, duas meninas de shorts receberam um “pelo amor de Deus” de um torcedor (DC 19). Ainda antes do início da partida diante do Esporte Clube Vitória⁷⁹, a árbitra assistente foi fazer a recorrente verificação da rede do gol próximo a Arquibancada Norte. Do espaço, predominantemente ocupado pela *Geral*, vieram assobios e comemorações. Ao marcar um escanteio para o time baiano, a assistente foi chamada de “puta” e “vagabunda” (DC 30). Situações que desvalorizam a

⁷⁸ De agora em diante, Coritiba.

⁷⁹ De agora em diante, Vitória.

participação de mulheres no futebol masculino não são exclusivamente protagonizadas por torcedores. Depois de a árbitra assistente, então aspirante à FIFA, Fernanda Colombo Uliana marcar equivocadamente um impedimento contra o Cruzeiro Esporte Clube⁸⁰ diante do rival Clube Atlético Mineiro⁸¹ durante o Campeonato Brasileiro de 2014, o então dirigente da equipe prejudicada, Alexandre Mattos, afirmou: “se ela é bonitinha que vá posar na Playboy. Não tem preparo, os caras gritam e ela erra⁸²”. Ao reclamar do trio de arbitragem após empate diante do Internacional, na mesma competição em que o gol da equipe gaúcha foi marcado de forma irregular, o então vice de futebol do São Paulo Futebol Clube⁸³, Ataíde Gil Guerreiro, reclamou o que seria “muita incompetência para um trio de arbitragem só. Só salva a Nadine [Bastos], que é muito bonita⁸⁴”.

O Ministério Público do Rio Grande do Sul (MPRS) lançou uma campanha durante a semana da mulher, em 2016, incentivando a presença delas no estádio. O vídeo⁸⁵ foi transmitido antes e durante o intervalo de algumas partidas. A peça publicitária, intitulada *Lugar de mulher é no estádio*, apresentava seis rostos femininos com uma arquibancada atrás deles, com o som instrumental de *Na cadência do samba*, de Waldir Calmon, imortalizada nas seções de cinema do *Canal 100*. As mulheres eram apresentadas durante uma “escalação especial”: “na torcida, Ana, a fanática, e Cris, a que sabe tudo de impedimento, e em campo ela, a nossa goleadora Carol. Lara, Ju e Mari compõem o trio de arbitragem dessa partida. Não importa a posição: lugar de mulher é no estádio”. Essa campanha acabou utilizando a estratégia da legitimação de uma participação que, até então, poderia ser lida, senão como ilegítima, ao menos como incomum. Para a participação das mulheres, se fazia necessária a tentativa de legitimação através do conhecimento de determinados conteúdos que não seriam exigidos dos homens que, em alguma medida, já os teriam ‘naturalmente’.

Alguns torcedores entendiam que a maior presença masculina nos estádios seria algo natural pela preferência deste grupo aos esportes. Tiago disse, em relação a ele e seu amigo Matías: “*convidamos as duas esposas e elas não quiseram vir*” (DC 15).

⁸⁰ De agora em diante, Cruzeiro.

⁸¹ De agora em diante, Atlético Mineiro.

⁸² Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/brasileirao/noticia/2014/10/bandeirinha-punida-pela-beleza-segue-de-castigo-o-erro-sera-menos-tolerado-para-mim-4624059.html>. Acesso em 20/04/2017, às 8h45.

⁸³ De agora em diante, São Paulo.

⁸⁴ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2014/11/diretor-do-sao-paulo-ataca-arbitro-e-cbf-e-muita-incompetencia.html>. Acesso em 20/04/2017, às 8h53.

⁸⁵ Disponível em: <https://www.mprs.mp.br/noticias/id40905.htm>. Acesso em 27/01/2017, às 15h43.

Havia perguntado a eles se seria possível entender o estádio de futebol como um local machista. Em um primeiro momento, Tiago afirmou que sim, *“é um lugar mais machista, mas machista no sentido de comparecer mais homens”* (DC 15). Matías argumentou que o futebol seria um esporte *“mais ao agrado dos homens do que das mulheres, claro percentuais. Têm muitas mulheres que gostam”* (DC 15). Tiago modificou um pouco sua resposta anterior e apontou que o estádio *“é mais dominado pelo público masculino, mas tachar como machista são coisas diferentes”* (DC 15).

Outros torcedores conseguiam perceber a presença de um olhar machista nas interações dentro do estádio. Fábio, um torcedor de aproximadamente 50 anos, afirmou que *“uma menina passando de mini saia, a culpa de eu olhar para ela não é dela, a malícia que ocorrer sou eu que estou fazendo. Ela tem que andar de mini saia, é a liberdade dela”* (DC 9). Arthur, irmão de Fábio, disse ir aos jogos com sua esposa e *“às vezes fico até com vergonha de olhar maliciosamente, é uma menina e a gente já tem filho na idade”* (DC 9). Por mais que os dois torcedores coloquem suas ações em suspeição, eles seguem *“olhando maliciosamente”* para as meninas. Questionei se ainda seria possível pensar no estádio de futebol como um local machista. Arthur afirmou categoricamente que *“ainda tem, isso ainda é mais forte”* (DC 9). Fábio entendia que a mulher *“até já está superior. Eu me policio, mas tem horas que o cara solta um palavrão, mas a gente nota que a mulher que está ali por perto não está nem aí”* (DC 9). Essa é outra interpretação recorrente que acaba marcando no corpo uma expectativa de comportamentos diferenciados. A presença de mulheres, que segundo os jornalistas em 2008 acrescentaria perfume às arquibancadas, também poderia reduzir o número de palavrões proferidos. O palavrão aparece como elemento moral colocado em questão com a presença de um número maior de mulheres nesse ambiente. Arthur disse que *“colegas do meu filho vieram agora no carro e elas falam mais palavrão do que eles”* (DC 9). Fábio argumentava que *“nós fomos criados por mães machistas então não tem como fugir (...), mas eu vejo que isso é uma das coisas boas que está evoluindo na sociedade são esses aspectos, da pluralidade, da aceitação que tem que existir”* (DC 9). Fábio citou para além do machismo, o racismo que ele atribuiu à falta de esclarecimento e de cultura. Sobre o estádio, ele reforçou que *“com certeza, ainda é um ambiente muito machista, mas que eu acho que a mulher já tomou conta”* (DC 9). Arthur ressaltou que o estádio de futebol tem que ser um espaço para todo mundo, *“hoje ninguém mais é bobo, aos poucos vai acontecer, eu sou a favor que aconteça, tem que ter espaço para todo mundo, até porque isso aqui [Arena] vai ser multiuso, (...)o caminho é esse, não*

adianta” (DC 9). Em outro diálogo, Anderson lembrou que no estádio Olímpico “quando passava uma torcedora muito formosa era aquele cântico ‘i, i, i, essa fulana eu já cri’, aqui eu acho que essa é uma representação desse fenômeno” (DC 30). Leonardo, pai de Anderson, disse que estamos em uma fase em que tudo é proibido, “chamar alguém de negrão é proibido, falar que uma mulher é gostosa hoje é assédio sexual” (DC 30). Ele preferia não fazer juízo de valor, mas visualizava que “isso é um fato hoje e, talvez, há dez anos atrás isso não existia. Se é bom ou ruim eu não vou entrar nesse mérito, mas é um fato que existe” (DC 30).

Alan comemorou o que ele chamou de retorno da mulher ao estádio de futebol, entendendo que a associação do futebol com os homens não deveria ser excludente, “aqui tem uma coisa de que futebol é coisa de homem. Não é assim, não é assim mesmo” (DC 13). Alan entendia que o estádio já foi um ambiente mais hostil às mulheres, dialogando, em alguma medida, com restrições mais amplas da sociedade, “a coisa de futebol ser coisa de macho, de homem. Hoje a mulher já está mais entrosada, a mulher está mais liberal, ela se libertou, porque antes a mulher era muito mais, vamos dizer submissas, então o futebol era o homem que ia, o homem, o filho” (DC 13). Ele identificou uma série de campanhas nos meios de comunicação para aumentar a presença de mulheres no estádio, o que considera ser bom. Ao mesmo tempo, a marcação de pertencimento de participação das mulheres é avaliada na relação com os homens, “tem muita mulher aí que entende de futebol mais do que homens. Aquela guria da Band, a Renata Fan, ela dá um banho em muita gente” (DC 13). Raquel da Silveira e Marco Paulo Stigger encontraram a mesma lógica de comparação ao investigarem mulheres que praticavam o futsal. “Observamos que as praticantes de futsal analisavam as jogadas das outras a partir do que consideram um bom futebol: o futebol masculino. Não identificamos muitas comparações com jogadoras mulheres, mas sim, várias comparações com jogadores homens” (2013, p. 190). Pedro, filho de Alan, acreditava que a aceitação da mulher no estádio de futebol estava melhor, “as mulheres se fizeram presentes e isso ajudou bastante. Está se perdendo um pouco essa coisa de que futebol é coisa de homem, apesar de que ainda é muito, mas está perdendo essa...” (DC 13). Ele acabou concluindo que as mulheres teriam alguns elementos particulares para participarem no espaço futebolístico, “a mulher veio dar um toque mais sutil para o futebol que faltava” (DC 13).

Pensar no aumento da presença de mulheres no estádio não deveria igualar-se a uma maior feminização do mesmo. O conceito de gênero utilizado neste trabalho não

limita suas articulações a relacionamentos face-a-face sobre corpos marcados e distinguidos pela biologia. Questionado sobre se acreditavam que o estádio de futebol poderia ser pensado como um ambiente machista, Lucas lembrou que já foi muito pior. Ele reforçou que hoje *“não pode entrar sem camisa, não pode colocar o pé assim, é que não é mais aquele ambiente que era antigamente que o cara ficava com um copo de plástico cheio de cerveja, a camiseta amarrava na cabeça, entrava uma mulher, (...) vinha o estádio abaixo”* (DC 35). Lucas enxergava essa modificação após a Copa de 1994, que coincidiu com conquistas em sequência do Grêmio, lembrando que com isso, *“as meninas começaram a usar a camisa e a ir para o estádio e tomar conta e aí para o machão ficou chato para o cara ficar xingando e tudo, mas melhorou muito, o negócio de mulher no estádio e pessoas de idade no estádio melhorou muito”* (DC 35). Wender, amigo de Lucas, mesmo reconhecendo essa ampliação da presença de mulheres e, aparentemente, favorável a ela acabou citando uma definição que interpreto como bastante atravessada por discursos machistas, *“tem uns amigos meus que dizem que não precisa mais nem ir em festa para procurar mulher, é só vir no jogo do Grêmio, é só vir no jogo do Grêmio que é isso aí, olha só o que tem de mulher no jogo do Grêmio e mulher linda e maravilhosa”* (DC 35).

O aumento da presença das mulheres é percebido pelos torcedores que fazem uma associação direta dessa frequência com a diminuição do machismo no futebol. Jackson disse que hoje o machismo é bem menor no estádio, atribuindo isso à maior presença de mulheres nas partidas, *“agora do nosso lado tem cinco mulheres e não era assim. No tempo que a gente ia no jogo era gritaria, palavrão o jogo inteiro, mijo e joga copo e fica quieto. Era outro ambiente”* (DC 11). Questionado sobre se o estádio de futebol poderia ser pensado como um lugar machista, Ângelo associou sua resposta à presença mais elevada de mulheres, *“do Olímpico para cá vem bem mais mulher, as mulheres têm acompanhado mais aqui do que no Olímpico. Para mim, quer vir mulher, pode vir. O interessante é vir, torcer e o time ganhar quem quer vir, vem”* (DC 12). Leandro acreditava que *“na Arena as mulheres estão mais à vontade”* (DC 13). Edimo, amigo de Leandro, apontava que a Arena *“passa mais segurança, em função da separação mais marcada dos setores e isso fica melhor para o pessoal escolher aonde quer sentar. Antes era mais um aglomerado de pessoas que ficava de pé lá e aqui ficou melhor”* (DC 13). Julián afirmou que *“hoje está bem mais tranquilo vem bastante mulher no estádio”* (DC 33). Roger marcou que as mulheres estão participando, querendo olhar o jogo, *“tanto as mulheres solteiras quanto acompanhante do*

namorado” (DC 33). Me parece interessante pensar se essas mesmas marcações poderiam ser feitas para os homens que frequentam o estádio. Seria necessário marcar que eles estão participando e/ou querendo olhar o jogo? Faria sentido pensar em torcedores solteiros ou que estivessem acompanhando suas namoradas?

Na fala dos torcedores, o machismo não fica restrito a posições preconceituosas referentes às mulheres. Homens não heterossexuais também são incluídos como alteridade do “homem” do estádio, mesmo quando este não chegue a ser, de antemão, pensado como excluído desse espaço. Nos diálogos realizados com pequenos grupos de torcedores, esses temas apareceram ao questioná-los sobre o ambiente do estádio ser machista ou não. Me permito ler manifestações, que em um primeiro momento poderiam ser entendidas como heterossexistas ou homofóbicas, a partir do machismo. Cristian afirmou que o estádio de futebol como um lugar de homem é coisa do passado, *“agora pode vir a família toda, quem quiser”* (DC 10). Maximiliano, amigo de Cristian, disse não existir diferença, *“aqui gay ou homem, o ser humano é tudo igual, tem que vir mesmo”* (DC 10). Durante esse diálogo, um pouco desconfiado, insisti no questionamento sobre a existência de machismo no estádio. Cristian reforçou que não existe. Maximiliano entendia que *“sempre têm aqueles machistas, não tem o que falar, na Geral se bobear, se vai um gay ali sai no tapa, certo que vai”* (DC 10). Essa alteridade também é marcada através das brincadeiras feitas entre os torcedores. Em uma das partidas, ao subir a rampa Norte, ouvi reclamações em um grupo de homens de que a revista feita pelos seguranças do estádio estava muito rigorosa. Ao mesmo tempo, um senhor nesse grupo brincou com um rapaz que teria gostado tanto que teria pedido para ser revistado novamente (DC 28). Após a correta marcação de um pênalti para o Cruzeiro (perdido pelos adversários), a torcida passou a referir-se ao assistente, que chamou o árbitro para realizar a marcação da penalidade, como *“bandeira, veado”* (DC 29). É interessante pensar nessa manifestação em comparação à manifestação dirigida à assistente na partida contra o Vitória. Em ambos os casos, a intenção era ofender o árbitro assistente e a árbitra assistente por discordâncias relativas à marcação de jogadas contra o Grêmio. Entretanto, o repertório de termos utilizados em cada uma das manifestações, foi buscado no conjunto mais amplo da cultura, com um recorte de gênero e de sexualidade bastante marcados. A ofensa foi, em ambos os casos, dirigida aos diferentes do ‘homem heterossexual’, o que, em alguma medida, reforça o lugar da norma nesse espaço. A escolha por termos distintos também poderia reforçar o

entendimento de que o dito nesse espaço não está restrito ao que acontece durante os jogos, mas dialoga com o circuito mais amplo da cultura.

Comentei sobre a punição da FIFA para os cânticos, entendidos pela federação como homofóbicos, e perguntei para alguns torcedores o que eles pensavam sobre essa regulação. Leonardo acreditava que existe uma linha muito tênue entre a liberdade de expressão e o exagero, *“às vezes a gente está exagerando na proibição e outras vezes realmente tem que proibir, mas como a coisa, a linha está muito tênue, qualquer manifestação ainda que não tenha aquele tom pejorativo ou aquela coisa proposital está sendo punida”* (DC 30). Ele entendia que existia, naquele momento, um policiamento muito exagerado. Anderson, filho de Leonardo, concordou que essa linha é muito tênue, *“ela tende, dependendo da época, mais para um lado ou mais para outro”* (DC 30). Ele afirmou que, por uma diferença geracional com o pai, percebia como *“mais natural questionar essas presunções que nós temos hoje do que daqui a pouco na geração dos nossos pais e assim por diante”* (DC 30). Anderson acreditava que *“a gente está sendo muito politicamente correto em muitas coisas e completamente liberal em outras, demais, e essa é uma discussão para todos estarem envolvidos”* (DC 30). Ele salientou que é mais fácil para aqueles que nunca sofreram determinado tipo de preconceito ou assédio reclamarem de certo exagero de policiamento. Leonardo acreditava que existem exageros dos dois lados, *“tem casos que eu percebo que está se procurando um motivo para taxar aquilo de homofóbico, está se procurando um motivo para dizer que aquilo é preconceito e por outro lado está se minimizando”* (DC 30). Anderson entendia que este seria um problema a ser enfrentado nos próximos cem anos. Em outro diálogo sobre o mesmo tema, Diogo demonstrou como os sujeitos podem ser atravessados por uma multiplicidade discursiva, ao produzir narrativas contraditórias sobre um mesmo assunto. Sobre as sanções aplicadas pela FIFA, Diogo reclamou que *“infelizmente está entrando no politicamente correto. Porque uma coisa que tu vens no estádio é para vibrar, para esquecer os teus problemas, para gritar, para extravasar e infelizmente acaba”* (DC 32). Apesar disso, ele reconheceu que a homofobia é um problema, *“claro que tem o lado errado de ter homofobia, isso não pode mais acontecer, mas ter uma punição assim tão severa eu acho meio difícil”* (DC 32).

Outra alteridade à masculinidade dos estádios de futebol pode ser observada em falas que exaltam a família. Em um primeiro momento, Rhodolfo afirmou que, com certeza, o futebol não seria mais um ambiente machista, *“pela quantidade de mulher que vem aqui, tu vê muitas mulheres hoje no estádio, torcendo, eu acho que não é*

mais, é um estádio mais família” (DC 11). Ele atribuiu a mudança de comportamento nas formas de torcer que estávamos conversando para marcar essa diferença, *“o estádio está virando um lugar mais família de novo, antes era um lugar hostil realmente, a galera vinha bêbada, chapada e brigava era um ambiente hostil mesmo. Era um caldeirão justamente por isso”* (DC 11). Além da associação do clima do estádio com um ambiente hostil, Rhodolfo identificou as alterações dos estádios brasileiros para marcar uma diferença de comportamento em relação aos vizinhos argentinos, *“na própria Argentina ainda existe isso, mas aqui no Brasil por causa dessa modernização do estádio e dessa forma de torcer virou um lugar mais família e, sim, hoje é muito mais aberto para todo mundo”* (DC 11). Everaldo enxergava no conforto e na organização do estádio argumentos para a modificação do público, *“a quantidade de crianças e de mulheres que frequenta estádio está muito superior e eu acho até que a estrutura do estádio para entrar, ter cadeiras, tu conseguir te movimentar com teu filho ali dentro, mulher, porque no Olímpico era um empurra-empurra”* (DC 12). A masculinidade acaba bastante associada a essas dificuldades. Por um lado, dos homens se espera que consigam lograr êxito em ambientes hostis e, em alguma medida, eles mesmo poderiam ser produtores desses espaços, *“tu tinhas que atropelar todo mundo para chegar no banheiro, para comprar uma cerveja, para comprar um refrigerante. Aqui não, tu podes ir, te deslocas (...). O estádio aproximou muito mais esse tipo, tanto mulher quanto criança”* (DC 12). É interessante como o termo família é, por vezes, utilizado na tentativa de produzir um ambiente menos masculino. Richard Giulianotti destaca como o conceito de família pode ser utilizada para a “privatização da paixão”, *“a liberação das emoções mais calma, mais pessoal ou familiar nas arquibancadas substitui a antiga paixão quase religiosas do carnaval da torcida nas arquibancadas”* (2010, p. 110). A família impõe um sobrenome e um lugar um tanto fixo na relação entre seus membros que a multidão ou o espaço público não sustentariam. Essa fixidez imposta pela família ajudaria a controlar a irrupção de comportamentos masculinos considerados destoantes para o bom andamento do espetáculo esportivo. Em alguma medida, a família dificultaria o ingresso dos indivíduos torcedores no sujeito coletivo torcida, diminuindo, com isso, as alterações de subjetivação dos indivíduos. Ela acaba funcionando como uma instância que poderia refrear os impulsos e ordenar os comportamentos de forma bastante ativa.

Essa marcação relativa aos ‘outros’ do estádio, sejam mulheres, homossexuais, crianças ou, mesmo, as famílias, acaba reforçando o caráter normativo dos homens e de

suas masculinidades neste contexto. Esse contexto de privilégio da construção de masculinidades, com a exigência de seu plural, pode auxiliar no entendimento de que pensar os gêneros como categoria cristalizada e com polos opostos entre as masculinidades e as feminilidades possui seus limites. Nessa construção de diferentes masculinidades, critérios como classe econômica/social, raça/etnia, geração, nacionalidade... competem transformando diferenças em desigualdades. Uma masculinidade ‘privilegiada’ poderia ser adjetivada como ‘normal’, ‘natural’, ‘dominante’, ‘hegemônica’... e se constrói de forma concomitante a representações de masculinidades ‘anormais’, ‘abjetas’, ‘submissas’, ‘desviantes’... O conceito de masculinidade hegemônica pode ser lido, aqui, como a adjetivação referente à representação de masculinidade que possuiria maior legitimidade em determinado contexto, ou em mais de um. Sua construção ocorre com a demarcação daquilo que não é masculino, ou seja, feminino ou afeminado (SEFFNER, 2003). Miguel Vale de Almeida entende a masculinidade hegemônica como “um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador” (1995, p. 17).

A construção de masculinidades, dentro da perspectiva generificada, em distintas culturas utiliza diferentes disputas entre homens, “seja do modo mais direto, em uma luta corpo a corpo, seja por vias mais sutis, como desafios verbais, torneios de insultos ou apostas em rinha de galos” (GASTALDO; BRAGA, 2011, p. 880). Nos estádios de futebol, essas disputas ficam evidentes através de suas formas verbais, que ocorrem constantemente, ou físicas, com índice menor de ocorrências, mas sem, necessariamente, colocar códigos muito distintos em jogo. Os desafios entre grupos masculinos são comuns e começam na infância, mas não se limitam a essa vivência etária. “Mesmo entre adultos, se a honra de um indivíduo estiver em jogo, a maneira de defendê-la é enfrentando o desafiante, seja com palavras, num duelo verbal, seja fisicamente, numa luta corporal” (GASTALDO; BRAGA, 2011, p. 884).

Mesmo que este trabalho busque um diálogo com a perspectiva pós-estruturalista, o conceito de masculinidade hegemônica acaba aparecendo em algumas situações. Além do apelo histórico do conceito proposto por R. Connell, e sua implicação na produção das chamadas masculinidades subordinadas, ainda percebo algumas potências deste conceito para olhar para as masculinidades torcedoras nos estádios de futebol. Repensando o conceito com James Messerschmidt, R. Connell destaca o caráter normativo da masculinidade hegemônica

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (2013, p. 245).

Através desse conceito se evidencia que existe “uma percepção mais matizada da gama de maneiras concorrentes e hierarquicamente ordenadas de ser um homem” (FORTH, 2013, p. 159). A utilização do conceito de masculinidade hegemônica pretende reforçar que existem masculinidades em disputa e uma pluralidade de possibilidades que não estão postas em indivíduos ou discursividades particulares, mas que se constituem mutuamente. A pluralidade de masculinidades não pode ser pensada apenas a diferenças empíricas, mas como uma característica intrínseca de toda a masculinidade, a partir da instabilidade do gênero (FORTH, 2013). Connell e Messerschmidt destacam que o conceito de masculinidade não pode ser tomado como essencialista, uma vez que

(...) pesquisadores exploraram as masculinidades postas em ato por pessoas com corpos femininos. A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular (2013, p. 250).

Aqui, talvez apareça uma das limitações desta investigação, talvez melhor posta como uma limitação do pesquisador. As práticas torcedoras foram olhadas como um todo, sendo que ditos de corpos que correspondem às representações normativas de masculinidade e de feminilidade foram tomadas entendendo que ambos os corpos poderiam estar dialogando com uma perspectiva de masculinidade. Apesar disso, quando das abordagens para curtos diálogos, que serão melhor explicitados nas próximas páginas, acabei interpelando apenas homens, sujeitos com corpos normativamente entendidos como masculinos.

Não existe nenhum ‘porto seguro’ do gênero, um lugar de sua completude ou um momento em que ele não esteja sendo ‘feito’. Com isso, é impossível pensar em uma categoria fixa ou estável de masculinidade hegemônica que não esteja sendo disputada em um tempo e espaço específico. “Las definiciones colectivas de la masculinidad se generan en la vida de la comunidad y se cuestionan y cambian ante las modificaciones en la situación de la propia comunidad” (CONNELL, 2006, p. 186). O conceito de hegemonia carrega a discussão para a relação entre grupos e instituições e não para os indivíduos. Ele também “ênfatiza la idea de las hegemonías, en plural, ya que el sentido

original gramsciano tiene una orientación singular que representa al grupo hegemónico” (RODRÍGUEZ, 2006, p. 41). Se pensarmos o termo hegemônico como um adjetivo da masculinidade, poderemos visualizar que outras masculinidades receberão outros adjetivos. Essas “adjetivações” não são neutras e estão diretamente imbricadas em relações de poder,

(...) las diferentes masculinidades no se encuentran unas junto a otras como platillos en una mesa, como estilos de vida alternativos entre los cuales los hombres escogen libremente: existen relaciones definidas entre las diversas masculinidades – principalmente, relaciones que dependen de la jerarquía y la exclusión (CONNELL, 2006, p. 186).

É possível pensar a representação de masculinidade hegemônica, em um dado contexto cultural, como um parâmetro que subordina outras representações. Diferentes contextos hierarquizam as diferentes masculinidades de formas distintas. Sabe-se, também, que não existem quaisquer características que possam ser tomadas como masculinas de forma atemporal ou definitiva. As masculinidades disputam significação em diferentes espaços e dentro de um mesmo espaço cultural. Mesmo que a “história das masculinidades (...) em geral [seja] uma história contada como una e coerente, na qual ambiguidades, indecisões, lacunas e incoerências ficam devidamente deixadas de lado, em prol da figura de um homem forte” (SEFFNER, 2004b, p. 229), não parece ser muito produtivo falar em uma masculinidade, no singular, dentro de um contexto específico. Elas são múltiplas e coexistem, inclusive, para construírem a demarcação de fronteiras sobre o que seria uma masculinidade ‘adequada’. Ao entender a masculinidade como uma construção cultural, não podemos ignorar a existência de diferentes grupos em disputa pela imposição de seus significados. Nenhuma significação pode ser tomada fora desse campo de disputas. A luta no terreno cultural é, fundamentalmente, uma luta em torno da atribuição de significados. Significados que são produzidos em meio a relações de poder – não apenas porque eles expressam posições de poder, mas também porque têm efeitos de poder. Portanto, o que esses grupos sociais disputam é a possibilidade de impor seus próprios significados a respeito do mundo, das práticas e dos indivíduos (LOURO, 2004c).

Por ter sido produzida como a identidade referência, parece que a masculinidade (especialmente se somada a outros marcadores como heterossexual, branca, cristã, urbana, de classe média...) poderia ser entendida como ‘A Identidade’. Esse lugar naturalizado acaba por provocar uma invisibilidade dos processos dessa construção e reiteração:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbano e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência (LOURO, 2001, p. 15-16).

R. Connell destaca a definição de uma “narrativa convencional sobre como as masculinidades são construídas”:

Nessa narrativa, toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e das feminilidades, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores (1995, p. 189-190).

Como esses conteúdos de gênero estão dissipados na cultura, é possível dizer que os espaços que exercem “pressão em favor da conformidade” são muito mais amplos que os citados por Connell, como os estádios de futebol, seus espaços arquitetônicos, bem como outros elementos a ele vinculados. Os estádios de futebol podem ser pensados como um local privilegiado para a inscrição de sujeitos masculinos em uma comunidade afetiva. Por constituírem-se em espaços de homosociabilidade, as torcidas permitem que os homens disputem valores masculinos, uma vez que “la virtud más importante para un verdadero hombre es defender su valor ante otros hombres” (ARCHETTI, 2003, p. 210). A masculinidade é constantemente ‘solicitada’ na ‘cultura do futebol’, o que acaba reforçando esse espaço como um local privilegiado de comportamentos que remetam a um tipo de masculinidade específica. Em 2014, ao explicar uma discussão com o lateral Douglas, o então técnico do São Paulo, Muricy Ramalho justificou: “Aqui é jogo de homem, aqui não tem lugar para menina⁸⁶”. O então treinador do Real Madrid Club de Fútbol, Carlo Ancelotti, ilustrava suas expectativas para a partida contra o rival Club Atlético de Madrid: “O Atlético tem um estilo próprio, com muita intensidade. Mas assim é o futebol. É um jogo para homens, não moças. Temos dois estilos diferentes e veremos quem ganha⁸⁷”. O então treinador do Grêmio, Luiz Felipe Scolari, reclamou do “passe de mocinha” do lateral Raul durante um treinamento⁸⁸. Essas construções de masculinidades são produtivas no

⁸⁶ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2014/02/muricy-sobre-bate-boca-com-douglas-aqui-nao-tem-lugar-para-menina.html>. Acesso em 24/05/2015, às 16h34.

⁸⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2014/09/ancelotti-da-o-tom-para-classico-de-sabado-e-um-jogo-para-homens.html>. Acesso em 24/05/2015, às 16h39.

⁸⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2015/05/felipao-da-pistas-sobre-time-e-bronca-em-jovem-lateral-passe-de-mocinha.html>. Acesso em 24/05/2015, às 16h42.

sentido de construírem significados que se tornam inteligíveis e elegíveis. Para os atletas, é um imperativo não jogarem como meninas, moças ou mocinhas.

Diferentes instâncias produzem e fazem circular diferentes representações de masculinidades, que poderão ser contraditórios e que poderão trazer uma identificação momentânea e uma recusa posterior.

Os esportes televisionados, os filmes de “ação” de Hollywood, os desenhos animados e os quadrinhos dos super-heróis, os romances de aeroporto, os jogos violentos de videogame, os conjuntos de brinquedos plásticos infantis, tudo isso insiste de forma incessante na superioridade corporal dos homens e no domínio da tecnologia e da violência (CONNELL, 1995, p. 195).

Uma dessas instâncias são os estádios de futebol, onde os conteúdos de masculinidades são constantemente reiterados. Arlei Damo classifica o espetáculo futebolístico como um

(...) processo ritual, de homossociabilidade masculina, tão intensa e carregada de afetividade que a condição de heterossexuais dominadores tem de ser afirmada e reafirmada, a caminho e depois dentro do estádio; uma modalidade de afirmação dada pelo ângulo da aversão aos outros (2005, p. 395).

Os estádios de futebol são espaços singulares para a investigação de masculinidades. Diferentes discursividades no esporte carregam conteúdos de uma masculinidade bastante fixa e tradicional. Ao mesmo tempo, estar situado em um coletivo de homens impregnado pela sensibilização das emoções, pode permitir comportamentos um tanto transgressores dentro da lógica heteronormativa de nossa cultura. A partir da ‘remodelação’ dos estádios de futebol, das novas ‘exigências de comportamento’, de certo ressurgimento da Coligay, além das interdições ao que cantam os torcedores, foi possível problematizar como o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol nos estádios foi implicado. De que maneira esses episódios fizeram falar a norma de gênero e de torcer nesse contexto específico.

3.2 Currículos de masculinidades nos estádios de futebol

Os estádios de futebol podem ser pensados como um contexto cultural específico, que ensina comportamentos, valores, formas ‘corretas’ ou ‘adequadas’ de práticas diversas através de seu desenho arquitetônico, cânticos repetidos e performances explicitadas. Os estádios se constituem como um artefato cultural, eles são produzidos, são feitos e são portadores de pedagogias. Os estádios são coisas concretas, não apenas porque são feitos de concreto, mas porque se constituem como artefatos portadores de pedagogias de gênero e de sexualidade, dentre outras pedagogias

culturais. É necessário passar por diferentes processos de aprendizagens para que os sujeitos possam ser introduzidos nesse contexto cultural. Estar em um estádio de futebol significa passar por diferentes pedagogias. É necessário aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir... “A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais” (DAMO, 2005, p. 43-44).

As masculinidades, também, são constituídas através de diferentes processos educativos. Para se tornar homem ou para conseguir apresentar uma possibilidade inteligível de vivência masculina, é necessário passar por diferentes processos pedagógicos. Poderíamos nos questionar quais possibilidades ou quais processos educativos são necessários para que um sujeito possa ser transformado em masculino em uma determinada cultura. Aqui vale destacar o entendimento de educação neste trabalho. A educação,

(...) envolve o conjunto de processos através do qual indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura. Tornar-se sujeito de uma cultura envolve um complexo de forças e de processos de aprendizagem que hoje deriva de uma infinidade de instituições e “lugares pedagógicos” para além da família, da igreja e da escola, e engloba uma ampla e variada gama de processos educativos, incluindo aqueles que são chamados em outras teorizações de “socialização” (MEYER, 2009, p. 222).

Diferentes instâncias trabalham nesses processos da construção dos sujeitos, “não é apenas a escola que educa (...) outras instâncias sociais também o fazem na medida em que constroem representações, subjetivam os indivíduos e grupos sociais” (FISCHER, 2002, p. 68-69). A partir dos Estudos Culturais, é possível entender que existe pedagogia em diferentes artefatos culturais. “As pedagogias culturais que são colocadas para funcionar através de artefatos culturais da mídia contemporânea, dentre outros, têm-se revelado, pois, como processos educativos potentes quando se trata de instituir relações entre corpo, gênero e sexualidade” (MEYER, 2009, p. 223).

Todo e qualquer artefato apresenta um currículo (PARAÍSO, 2012). O currículo é cotidiano, ele acontece na cultura, ele é um “artefato cultural que ensina, educa e produz sujeitos, que está em muitos espaços desdobrando-se em diferentes pedagogias” (Idem, 2010a, p. 11). Artefatos culturais, tais como os programas televisivos, romances, músicas, instruções normativas, programas governamentais, peças publicitárias, cinema, brinquedos, matérias de jornais, jogos de futebol..., não são entendidos apenas como informação ou entretenimento. Do ponto de vista pedagógico, “trata-se (...) de formas

de conhecimento que influenciarão o comportamento das pessoas de maneiras cruciais e até vitais” (SILVA, 2003a, p. 140).

Em minha dissertação de mestrado, procurei visualizar o currículo do torcedor de futebol que frequentava os estádios. Nesse currículo específico, foi possível visualizar o protagonismo dos conteúdos relacionados à masculinidade. Não é interessante, porém, pensar esse currículo como um percurso fechado com largada e chegada, em que completar essa trajetória seria necessário para adquirir certa habilitação ou permissão para executar uma determinada atividade. O currículo de masculinidade nos estádios de futebol seria mais produtivamente pensado como uma série de sugestões ou de indicações, algo que os sujeitos são reiteradamente incitados a fazer. “O currículo diz (...) sobre o tipo de sujeito que se deve com ele formar (...) sobre os saberes que devem ser ensinados e aprendidos, sobre como conhecer o que foi aprendido, sobre o tipo de sociedade e os valores a serem construídos” (PARAÍSO, 2010a, p. 11). Ao pensar em um currículo de masculinidade dos torcedores de futebol se procura, justamente, perguntar acerca do que este currículo diz sobre masculinidade e o torcer, sobre como o sujeito masculino deve ser formado, de que maneira, como pode demonstrar essas habilidades e para que lugar social, ou lugares sociais, se espera que esse sujeito seja ‘formado’.

Esses currículos (o plural pode ser interessante para pensar que são múltiplos, que se atravessam mutuamente e poderão, inclusive, ser contraditórios) apontam para diferentes processos educativos, quase sempre não formais, para os sujeitos que pretendem percorrer, ou que são forçados a percorrer, caminhos que possam levá-los a serem entendidos como torcedores, como homens ou masculinos em um contexto cultural específico. A aposta pela investigação de masculinidades em contextos culturais específicos se dá pelo entendimento de que cada contexto cultural produz seus próprios currículos de masculinidade, que são constantemente disputados.

O currículo não se constitui simplesmente na organização dos conteúdos significativos para determinados processos de aprendizagem. O currículo é um campo disputado. Os saberes presentes em um currículo não são propriamente os conhecimentos válidos, mas os conhecimentos *considerados* válidos (SILVA, 2003a). Tomaz Tadeu da Silva afirma que “no currículo se produz sentido e significado sobre os vários campos e atividades sociais, no currículo se trabalha sobre sentidos e significados recebidos, sobre materiais culturais existentes. O currículo, tal como a cultura, é uma zona de produtividade” (2003b, p. 21). É importante pensar como esses significados são

disputados e não podem ser tomados como acabados ou naturais. Um dos perigos ao observamos diferentes currículos culturais é a facilidade com que seus conteúdos acabam sendo incorporados e naturalizados, com a autorização de diferentes saberes.

O currículo visto como produto acabado, concluído, não pode deixar de revelar as marcas das relações sociais de sua produção. Desde sua gênese como macrotexto de política curricular até sua transformação em microtexto de sala de aula, passando por seus diversos avatares intermediários (guias, diretrizes, livros didáticos), vão ficando registrados no currículo os traços das disputas por domínio cultural, das negociações em torno das representações dos diferentes grupos e das diferentes tradições culturais, das lutas entre, de um lado, saberes oficiais, dominantes e, de outro saberes subordinados, relegados, desprezados. Essas marcas não deixam esquecer que o currículo é relação social (Ibidem, p. 22).

O conceito pedagógico de currículo me parece produtivo para pensar nas práticas de produção das masculinidades, especialmente por dois desdobramentos. No primeiro deles, currículo pode ser entendido como “lugar, espaço, território. (...) trajetória, viagem, percurso” (SILVA, 2003a, p. 150). David Hamilton aponta que, nas primeiras aparições do termo *curriculum*, no século XVII, este “deveria não apenas ser ‘seguido’; deveria também ser ‘completado’” (1992, p. 43). Esta interpretação abre a possibilidade para uma série de questões: quais os percursos sugeridos, trajetórias indicadas ou roteiros de viagem oferecidos para masculinidades em diferentes contextos culturais? Como acontecem as socializações e as avaliações para a aprendizagem ‘correta’ de uma masculinidade em diferentes espaços, como os estádios de futebol?

A segunda potencialidade do conceito se associa aos conteúdos presentes em um determinado currículo, “o currículo é sempre resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo” (SILVA, 2003a, p. 15). Outras questões podem ser formuladas a partir desse entendimento: que conteúdos estão em pauta quando se pensa/produz as diferentes masculinidades em um mesmo contexto cultural? Como esses conteúdos se hierarquizam e hierarquizam as masculinidades? O que aparece como conhecimento relevante e irrelevante nas diferentes formas de socialização? Como a introdução de conteúdos diferentes pode atravessar o processo de subjetivação dos atores que precisariam percorrer esse currículo?

Além desses dois desdobramentos, o conceito de currículo apresenta outra possibilidade produtiva. Como cada sujeito que percorre a trajetória de um currículo possui diferentes atravessamentos identitários, e passa por distintos processos de subjetivação, que podem ampliar as experiências facilitando ou dificultando aprendizagens, não existe relação causal entre os ‘alvos’ de um determinado currículo e

seus 'resultados'. Além disso, os próprios currículos nunca são homogêneos. Eles são espaços que produzem e fazem circular saberes variados, perspectivas diversas e conhecimentos múltiplos: “um currículo é território de possibilidades; espaço de palavras diversas; lugar de potências e campo de experiências” (PARAÍSO, 2010a, p. 12). Como todo percurso, “mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompam as regras e transgridem os arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso” (LOURO, 2004b, p. 16). Esse atravessamento de diferentes currículos impossibilita que apenas um conteúdo ou uma vivência sejam suficientes na produção de um específico sujeito masculino ou torcedor. O que os sujeitos fazem com os currículos nunca corresponde exatamente ao que lhes é proposto ou apresentado, “existe uma variedade de currículos. Ao mesmo tempo, cada currículo é único porque se conecta, de modos distintos, com tempos, espaços, saberes, culturas e pessoas, nos diferentes espaços por onde circula” (PARAÍSO, 2010a, p. 12). Com isso, a irrupção, a incerteza, a imprevisibilidade e a multiplicidade de experiências, talvez, ampliem as grandes potencialidades da relação entre currículo, masculinidades e o próprio torcer: “um currículo também está sempre cheio de possibilidades de rompimento das ‘linhas do ser’; de contágios que podem nascer e se mover por caminhos insuspeitados; de construção de modos de vida que podem se desenvolver de formas particulares” (Idem, 2010b, p. 15).

Apesar da imprevisibilidade de como os sujeitos se apropriarão de determinados conteúdos, não podemos ignorar que todo currículo tem como objetivo um resultado, um sujeito com determinadas características, que tenha sido atravessado uma série de aprendizagens, dentro de uma sequência esperada, de forma ordenada e, em alguma medida, com resultados mais ou menos esperados. Independentemente da perspectiva política ou pedagógica, um currículo conservador ou progressista tem sempre um sujeito pensado para o final de sua trajetória, “o que está em jogo em um currículo é a constituição de modos de vida” (PARAÍSO, 2010a, p. 13). Esse sujeito não somente deverá ter aprendido cognitivamente alguns conteúdos como deverá ter sido subjetivado por esse currículo. “O currículo (...) também produz os sujeitos aos quais fala, os indivíduos que interpela. O currículo estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades” (SILVA, 2003b, p. 12). Quem são os sujeitos engendrados pelo currículo de masculinidade dos torcedores de futebol? O que eles deverão ter aprendido após passarem por esse currículo? O que se espera dos sujeitos que tenham ‘completado’ esse currículo de masculinidade e de torcer nesses remodelados estádios que poderiam

engendrar diferentes pedagogias? O que esses sujeitos poderão falar e o que terão obrigatoriedade de calar após serem socializados nesse currículo? É possível perceber diferenças de conteúdos ou de modos de subjetivação a partir dessa remodelação dos estádios no Brasil?

Um grupo de pesquisadores ao observar a inauguração do novo Mineirão, estádio também atravessado por uma gama de ações que pretendia adequá-lo à realização da Copa do Mundo de 2014, apostava em mudanças nos processos pedagógicos dos estádios:

A abertura do “novo Mineirão” se investiu de significados simbólicos, uma vez que inaugurava uma “nova educação” para o torcer. Incentivada e respaldada pelos governos estadual e federal no empreendimento de novos modos de torcer e ocupar o estádio, um novo ordenamento passaria a imperar naquele espaço. A reestruturação dos espaços dedicados à torcida indica uma possível reorganização dos modos de se assistir às partidas nos estádios do Brasil a serem utilizados para Copa (ABRAHÃO et al, 2014, p. S744).

Um currículo, como toda e qualquer construção cultural, necessita de tempo para fazer o seu trabalho, e, esse trabalho nunca se faz de uma vez por todas. Um currículo é atravessado por diferentes planos normativos. Esses planos normativos se interrompem reciprocamente, obedecendo a operações mais amplas de poder e, por vezes, enfrentando versões especulares do que pretendem conhecer (BUTLER, 2010). Foi interessante pensar em como essas masculinidades dos torcedores de futebol, tão expostas e questionadas por diferentes atores são vividas, pensadas e significadas pelos torcedores. Se pensarmos na polifonia do conceito de currículo, ainda apareceria outro atravessamento produtivo para pensar as práticas dos torcedores de futebol nas praças esportivas.

Quando se fala em currículo, logo surge o caráter polissêmico da palavra. Ela designa várias coisas: ora é um atalho em um caminho ou é o próprio caminho; ora, uma corrida ou o ato de correr; ora é a programação pedagógica do que é ensinado aos alunos; ora, o documento que reúne os dados relativos a uma pessoa (em termos de sua formação, experiências, realizações etc.), aquilo que chamamos de *curriculum vitae*. Parece haver aí uma ambiguidade perturbadora: ora o currículo é uma entidade geográfica, ora uma ação; ora ele é um programa, ora é um documento (VEIGA-NETO, 2009, p. 17).

Tomando a perspectiva de um *curriculum vitae*, escutar os torcedores permitiu, em alguma medida, visualizar de que maneira eles se aproximaram ou se afastaram desses diversos conteúdos aos quais foram interpelados reiteradas vezes e em diferentes situações. E, também, como se sentiam interpelados por algumas das pautas apresentadas por grupos que, até então, eram percebidos como menos importantes ou,

mesmo, afastados das práticas e das sociabilidades torcedoras nos estádios. Esses questionamentos puderam ser feitos a partir do entendimento de que

(...) as relações entre o sujeito e seu currículo são mais sutis; elas funcionam, como parte da complexa rede dos dispositivos de subjetivação em que o sujeito está imerso. O sujeito acaba sendo o que é não apenas porque ele é descrito assim ou assado por seu currículo, mas também porque ele vai se pautando pelo seu próprio currículo, de modo a ir se vendo, se narrando, se julgando e, com isso, montando sua trajetória segundo aquilo que ele quer ser ou aquilo que ele pensa que deve ser (VEIGA-NETO, 2009, p. 19).

Um currículo precisa ser lido como um texto cultural que produz sentidos e significados sobre o mundo. Como “prática cultural”, o currículo possui uma política e uma pedagogia (PARAÍSO, 2010a). O currículo pensado como um “dispositivo pedagógico”, procura destacar que as experiências ultrapassam as mediações pedagógicas. (MAKNAMARA, 2010). Os conteúdos postos em cena ou invisibilizados constituem os indivíduos. Tomando o conceito de dispositivo de Michel Foucault, que seria entendido como

(...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (2004, p. 244),

e dialogando com o trabalho de Rosa Maria Bueno Fischer ao propor o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”, que ela define como um “modo muito concreto de formar, de constituir sujeitos sociais, através da prática cotidiana de consumir produtos televisivos” (1997, p. 71), seria possível supor a existência de um dispositivo pedagógico dos estádios de futebol que abarcaria esse heterogêneo conjunto de discursos sobre o torcer e sobre como se constituir como um sujeito masculino através das diferentes práticas educativas que acontecem neste contexto específico.

3.3 Linguagem, sujeito, interpelação e algumas disputas dentro da torcida

O torcedor de futebol é, muitas vezes, reificado em uma figura mítica na qual masculinidade, pertencimento e emoções são utilizados como marcadores fixos e naturalizados. Duvidamos disso. Para a perspectiva teórica em que este trabalho se ancora, pertencimento, emoções e, especialmente, as masculinidades são construções culturais que podem sofrer alterações ao longo do tempo e do espaço. A questão que iniciou a trajetória dessa investigação era de que maneira o currículo de masculinidade do torcedor de futebol de estádio seria atravessado por sua nova arquitetura e,

especialmente, no caso dos torcedores do Grêmio, como esse currículo foi afetado pelo ‘caso Aranha’ e pelo ressurgimento da Coligay? Como as representações do torcer e das masculinidades podem ser pensadas nesse contexto? A afirmação de que o futebol é importante para as identidades de gênero não apresenta grande novidade, o desafio agora é perguntar “cómo, de qué manera, desde cuándo, en qué lugar y con qué inflexiones” (ALABARCES, 2013, p. 21).

Meu objetivo nesta investigação, a partir dos estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e dos Estudos Culturais, foi problematizar como as discursividades produzidas a partir da Copa do Mundo da FIFA de futebol masculino, realizada no Brasil em 2014, as novas arenas construídas ou reformadas para o evento (bem como aquelas que utilizaram os mesmos conceitos arquitetônicos), a interdição de diferentes manifestações dos torcedores e as memórias narradas sobre a Coligay impactaram no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol de estádio (ou de arena). Mais precisamente, neste recorte específico, como se pode pensar no currículo de masculinidades dos torcedores do Grêmio a partir dessa série de acontecimentos. A ideia foi observar as diferentes representações de masculinidades presentes na Arena e como algumas demandas que passaram a problematizar ditos, até então, naturalizados no contexto dos estádios de futebol, puderam dialogar com as representações dos torcedores que foram, em alguma medida, inseridos em currículos de masculinidade e do torcer no antigo estádio Olímpico.

Para atingir esta proposição, fiz uso de alguns questionamentos que me permitiram uma aproximação com algumas de minhas curiosidades e inquietações. Quais representações de masculinidades apareceram nas novas arenas? Como se configuram as participações dos torcedores neste novo espaço? Como a elitização atravessa a masculinidade e o comportamento dos sujeitos nessas praças esportivas? Como essas práticas implicam em novas narrativas esportivas e futebolísticas? Como os sujeitos significam a apropriação dessa nova casa? Que lugar ocuparão nessas novas arenas, as masculinidades dos velhos estádios? As masculinidades encontradas em minha dissertação de mestrado serão significadas de que maneira nesse novo contexto? Seria possível pensar em uma série histórica das masculinidades nos estádios de futebol?

Na perspectiva Pós-Estruturalista, a ênfase é colocada na linguagem. É na linguagem que se diferenciam e se hierarquizam as práticas sociais e os diferentes grupos envolvidos nessas práticas:

(...) é na linguagem que se produzem e se colocam em ação os mecanismos e as estratégias de identificação e de diferenciação que estão na base das hierarquizações e desigualdades sociais. É, então, na linguagem que se constroem os “lugares” nos quais indivíduos e grupos se posicionam ou são posicionados por outros, é nela que operam os sistemas simbólicos que nos permitem entender nossas experiências e definir aquilo que nós somos ou pensamos ser (MEYER; SOARES, 2005, p. 40).

A produção do conhecimento (ou dos conhecimentos) ocorre através da linguagem. É na linguagem que as ‘coisas do mundo’ podem ser significadas. Conhecer não é descobrir ‘a realidade’, mas, descrever, nomear, relatar, desde uma posição que é inequivocamente temporal, espacial e imersa em relações de poder. O que nos permitimos nomear de ‘realidade’ ou ‘realidades’ é, assim, construída e produzida na e pela linguagem. Isso não quer dizer que não existe um mundo fora da linguagem, mas sim, que o acesso a esse mundo se dá pela significação mediada pela linguagem (COSTA, 2002). Nessa perspectiva, “não se trata de dizer, simplesmente, que a linguagem que usamos reflete nosso modo de conhecer, e, sim, de admitir que ela faz muito mais do que isso, que institui um jeito de conhecer” (LOURO, 2007, p. 236).

A linguagem não é de domínio de um sujeito soberano que a utiliza da maneira como deseja. Stuart Hall destaca, a partir do que ele chama de “modernos filósofos da linguagem”, dentre os quais estaria Jacques Derrida, sob influência de Saussure e pela virada linguística que estes defendem que

(...) apesar de seus melhores esforços, o/a falante individual não pode, nunca, fixar o significado de sua identidade. As palavras são “multimoduladas”. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado (2006, p. 41).

Os atos de fala nunca estão dominados por seus falantes. Um ato de fala não ocorre no momento exclusivo de sua enunciação, mas condensa os significados passados, presentes e, mesmo, significados futuros e imprevisíveis. Nenhuma palavra pode ser “saturável” (SALIH, 2012). Seria um equívoco acreditar que o enunciador de uma fala seja seu produtor isolado. Porém, a falta dessa soberania sobre o ato da fala não retira do sujeito certa responsabilidade pelo que é dito. Guacira Louro aponta uma interessante reflexão sobre a diferença entre responsabilidade e soberania no trabalho de Judith Butler. A autora recorda que

(...) a linguagem se constitui em uma cadeia de significantes para trás e para além de quem enuncia. Sendo assim, esses falantes são responsáveis, sim, em alguma medida, pelo que dizem (nesse caso pelos insultos que proferem), mas não são soberanos de suas falas, quer dizer, não têm a autoridade suprema e exclusiva sobre suas falas. Responsabilidade e soberania não são sinônimos. (...). Quem fala não tem o controle absoluto e completo sobre o que diz (LOURO, 2016, p. 272-273).

É verdadeiro afirmar que os significados das palavras não são fixos e que podem sofrer uma série de (re)significações, dependendo do contexto em que estiverem sendo utilizadas. No contexto dos estádios de futebol, os torcedores se permitem argumentar que esse ambiente se trata de um local não sério e que termos ofensivos em outros contextos não seriam entendidos ali da mesma maneira. Entretanto, também é relevante lembrar que “mesmo que os significados dos signos, dos nomes não seja fixo, definido ou definitivo, que eles se modifiquem ou deslizem, será muito improvável (talvez quase impossível) se livrar dos seus usos anteriores” (LOURO, 2015, p. 273).

Ao contrário de minha investigação no mestrado, acabei optando por realizar curtas entrevistas, mais bem entendidas como pequenos diálogos, com diferentes torcedores, para verificar como eles produziam narrativas a partir de suas inserções e distintas apropriações nesse novo espaço, assim como eram interpelados pelo currículo de torcedor de futebol e de masculinidade atravessados pelos conteúdos que acabavam por mobilizar as condutas dos torcedores do Grêmio.

Uma interpelação é, pois, um chamamento, um enunciado que convoca o sujeito o qual pode ou não assumir a convocação. Seria como se alguém dissesse “ô baixinho” e o cara se virasse e respondesse: “Quem? Eu?”, reconhecendo-se de algum modo naquela interpelação e assumindo-se como tal (LOURO, 2016, p. 271).

Os sujeitos que participaram dessas conversas não foram entendidos como a origem dos discursos.

Ao analisar um discurso – mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual –, não estamos diante da manifestação de *um* sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem (FISCHER, 2001, p. 207).

A aposta por esses diálogos se deu a partir do entendimento que as narrativas produzidas pelos sujeitos permitiram acessar diferentes tentativas de dar inteligibilidade às práticas desenvolvidas por esses atores. Pablo Alabarces faz um importante alerta ao pensarmos nessa escuta/diálogo com os sujeitos. “No podremos comprender aquello que estamos intentando describir sin escuchar la interpretación de los propios sujetos sobre sus acciones. Esto no implica tomar sus testimonios como verdades reveladas” (2012, p. 65). A fala do outro nos provoca e nos desafia ao nos colocar em risco de ouvir o que não queríamos escutar, ver em nosso objeto e, mesmo, na forma como pensamos nossas limitações e a necessidade de sair do lugar que nos trouxe até aqui.

Ao narrar, produzimos certo sentido de quem somos, tanto para os sujeitos investigados como para o pesquisador (ANDRADE, 2012). Os antigos estádios de futebol e as novas arenas permitem que sujeitos com trajetórias de vida distintas frequentem os mesmos espaços. Interrogar diferentes sujeitos individualmente, ou em seus pequenos grupos de sociabilidade, possibilitou ampliar o número de narrativas e verificar como os currículos de masculinidade e de torcedores de futebol significaram para distintos sujeitos com que efeitos, reforços, dispersões, contradições... Procurei observar de que forma certas memórias apareceram de modo mais significativo para os sujeitos que responderam afirmativamente essa interpelação enquanto sujeitos masculinos e torcedores de futebol. Cabe fazer uma pequena observação sobre o entendimento de memória:

(...) a memória, que implica reconhecer informações como sendo informações sobre o passado, precisa ser assumida como processo ativo de construção que se faz no presente e para atender a interesses do presente. Não se copia, nem se resgata, nem se descobre, nem se desvenda o passado, mas se constrói o passado. Assim, nossa relação com o passado é sempre de ruptura, é sempre lacunar, pois construímos determinadas memórias, inventamos determinadas tradições, lembramos de determinados episódios e de determinados heróis, e não de outros. É para o presente e no presente que se constrói a memória (SEFFNER, 2002, p. 370).

Nesses encontros mais imediatos com os torcedores que auxiliaram na produção do material empírico, não pude esquecer que a relação entre esses parceiros/colaboradores e o pesquisador não foi uma situação de liberdade total em que os sujeitos disseram o que ‘realmente’ pensam sobre as práticas torcedoras do estádio de futebol.

É impossível fazer um relato de si mesmo fora da estrutura de interpelação, mesmo que o interpelado continue implícito e sem nome, anônimo, indefinido. A interpelação é que define o relato que se faz de si mesmo, e este só se completa quando é efetivamente extraído e expropriado do domínio daquilo que é meu. É somente na despossessão que posso fazer e faço qualquer relato de mim mesma (BUTLER, 2015, p. 51-52).

O olhar do pesquisador e as perguntas que colocamos para o diálogo podem ser inseridos dentro de “dispositivos pedagógicos que constroem e medeiam a relação do sujeito consigo mesmo” (LARROSA, 1994, p. 36). Ao incitar alguém a falar ou a produzir textos acabamos participando, também, da produção do lugar de fala de nossos interlocutores. Seria ingênuo acreditar na existência de um “deixar falar” que me traria uma determinada verdade ‘interna’ ao sujeito ou indivíduo que produziu aquelas palavras e não outras, “toda auto-apresentação (até nas formas privadas da autobiografia ou do diário) está orientada intersubjetivamente” (ORTEGA, 1999, p. 131). O pesquisador nunca esteve fora desse jogo, pois, a “pessoa não se vê sem ao mesmo

tempo ser vista, não se diz sem ser ao mesmo tempo dita, não se julga sem ser ao mesmo tempo julgada” (LARROSA, 1994, p. 82) e, aqui, temos uma implicação ética importante para pensar que olhares, que dizeres e que julgamentos mais ou menos rígidos tramamos com esses que se olham, se dizem e se julgam.

Uma vez que esse encontro não foi gratuito, alguns esforços precisaram ser feitos para que os sujeitos se sentissem autorizados a dizer alguma verdade, mesmo que esta estivesse entre aquilo que eles pretendiam dizer e o que inferiam que eu quisesse escutar. A estratégia da camiseta do Grêmio, que vesti ao realizar as abordagens, pretendeu diminuir essa diferença de posições, mas sempre reconhecendo seus limites, mais facilmente marcados a partir da proposição da pauta para os diálogos. A aposta em conversas com pequenos grupos também acabou permitindo que as falas não acabassem restringidas apenas por minha presença. A presença de um amigo, irmão, pai ou filho também autorizava determinadas participações e, pelo contexto de sociabilidade em que foram realizadas, também me permitiu participar do local de socialização dos torcedores e não fazer com que eles participassem de uma ‘cena de pesquisa’ mais formalmente apresentada. Mesmo com todo esse cuidado, me chamou atenção a quantidade de manifestações divergentes do ‘politicamente correto’ que, conforme acreditava, ocupariam certa posição normativa nesse diálogo com alguém na posição de pesquisador. Em alguma medida, acreditava que minha presença e a apresentação da pauta antes de iniciar o registro com os temas envolvendo a Coligay e o ‘caso Aranha’ acabassem por colocar esse local ao menos como desejado. Talvez, o clubismo que me unia aos entrevistados os autorizou a fugir desse lugar e, inclusive, a apresentarem manifestações bastante aproximadas a discursos de ódio, modalidade bastante presente nas redes sociais.

Acabei conversando com os chamados ‘torcedores comuns’. Essa alcunha é recorrente entre os mediadores especializados para diferenciar os indivíduos que comparecem aos estádios de forma distinta das torcidas organizadas, e, especialmente, no caso dos torcedores do Grêmio, aqueles que não frequentam o setor da *Geral*. Mesmo que alguns deles participassem do espaço ocupado pela *Geral do Grêmio*, eles se identificavam como ‘indo’ à *Geral* e não ‘sendo’ da *Geral*. Além disso, a escolha por esses pequenos grupos me permitia escutar mais os torcedores como individualidade do que dentro do sujeito coletivo torcida. A opção por conversar com os ‘torcedores comuns’, em detrimento dos organizados, aconteceu em função do protagonismo dos

organizados nas principais representações sobre torcedores de futebol de estádio nos meios de comunicação e acadêmico.

Algumas narrativas sobre ‘a torcida’ poderiam aproximar alguns entendimentos de outras manifestações de coletividade. Pensando o carnaval na Idade Média, Bakhtin aponta importantes transições dos indivíduos para a coletividade.

A linguagem é profunda e comprovadamente concreta e sensível pelo ajuntamento de gentes, o contato físico dos corpos, os quais são providos de sentidos. O sentimento individual é de fazer parte da coletividade, ser membro do grande corpo popular. A unidade coletiva constitui-se pela dissolução das identidades individuais. O corpo individual deixa, até certo ponto, de ser ele mesmo e se une aos demais ao travestir-se por meio de fantasia e máscara – exigência a todos os corpos individuais para formar um único corpo (SOERENSEN, 2011, p. 319).

Os próprios torcedores dão bastante protagonismo para os eventos que ocorrem na *Geral* quando incitados a pensarem sobre o comportamento da torcida. Em um dos diálogos, mesmo reconhecendo diferenças em relação ao estádio Olímpico, Kléber reforçou que “*pensando a partir da Geral, que eu mais me inspiro, ela continua a mesma. Teve a dificuldade de não poder entrar com a banda, mas em todos os jogos que eu presenciei a Geral em nenhum momento calou a boca, isso é um diferencial*” (DC 7). Hernán, amigo de Kléber concordou, “*a Geral não mudou, ela que é a principal torcida que representa o Grêmio dentro do estádio, sem desmerecer os outros torcedores, mas a Geral é um diferencial, não tem como negar*” (DC 7). Para esses torcedores, mais do que o Olímpico, a *Geral* acabou se constituindo como o modelo de torcer no Grêmio, dando protagonismo às ações desta torcida e avaliando as demais participações tomando a *Geral* como parâmetro. O lugar de protagonismo que a *Geral* ocupa no Grêmio, assim como as torcidas organizadas de outros clubes também ocupam, na representação pelo torcer, também a coloca como alvo preferencial de críticas de suas condutas por alguns ‘torcedores comuns’. Alan, torcedor de mais de sessenta anos, acreditava que a *Geral* seria o “*calcanhar de Aquiles*” da torcida do Grêmio. Ele entendia que “*deram muita canja para eles e agora esses caras fazem o que querem*” (DC 13). Alan criticou a postura de enfrentamento ao clube em momentos de crise: “*se o Grêmio entra em um campeonato e é rebaixado não adianta nada nós virmos aqui quebrar a Arena, o que vai resolver? Vamos dar mais prejuízo. Ou nós somos torcedores e apoiamos ou não*” (DC 13). Alan ignorava a *Geral* como protagonista na festa do estádio e a responsabiliza por eventuais episódios violentos, tal qual acontece em diferentes contextos em que as torcidas organizadas acabam marcadas como as únicas responsáveis pela violência no futebol. Disse ele: “*a Geral faz o quê? A*

Geral faz baderna que é uma coisa que não deve ser feita porque o futebol é para vir o pai, o filho, o neto, a esposa e aqui criou um troço” (DC 13).

A escolha por esses rápidos diálogos acabou me impossibilitando o acesso a um número maior de informações sobre os indivíduos. Outra investigação, que acompanhasse os mesmos sujeitos torcedores por um período maior de tempo, poderia trazer outras informações, assim como um *survey*, que pudesse abrir mão do contato face a face e com um número maior de entrevistados, poderia produzir, ainda, mais um conjunto de informações. Não estou negando as virtudes de minhas opções metodológicas, apenas apontando alguns de seus limites. Esses contatos rápidos, com falas curtas, algumas impressões e respostas um tanto mais imediatas, apresentam uma produtividade específica. Esse diálogo, nesse espaço específico, foi pensado para provocar que os indivíduos se pensassem dentro de um sentimento de pertencimento ao coletivo de torcedores. Mesmo que as falas fossem individuais, elas não podem ser descontextualizadas dessa pertença:

(...) não existe nenhum “eu” que possa se separar totalmente das condições sociais de seu surgimento, nenhum “eu” que não esteja implicado em um conjunto de normas morais condicionadoras, que, por serem normas, têm um caráter social que excede um significado puramente pessoal ou idiossincrático (BUTLER, 2015, p. 18).

O protagonismo das torcidas organizadas nas representações sobre o torcer pode gerar certa impressão de homogeneidade nas manifestações torcedoras nos estádios de futebol. Entretanto, muitas disputas por legitimidades acontecem, especialmente nos setores dos ‘torcedores comuns’. Talvez, a principal disputa se dê entre as ‘turmas’ do ‘apoio incondicional’, que entende que é necessário apoiar o time, independentemente de sua performance, e a dos ‘corneteiros’, que seriam aqueles que reclamariam mais da equipe e guardariam seu apoio para os momentos em que a performance futebolística fizesse jus a esse apoio. Nesse quesito, muitas cenas foram visualizadas nesse ano de campo. Por mais que a torcida seja narrada como uma totalidade: “as arquibancadas são um lugar privilegiado para a massificação dos torcedores. Lá, as hierarquias não possuem função alguma, estão todos na mesma altura. A única altura que importa é aquela que proporciona uma melhor visão panorâmica do jogo” (HOLZMEISTER, 2005, p. 92), dentro dela é possível visualizar uma série de diferenças, com algumas disputas bastante marcadas.

Durante a partida contra o Sport, pelo Campeonato Brasileiro de 2015, após ser substituído, o jogador Douglas foi alvo de protestos de um torcedor posicionado no setor Oeste do quarto andar. Como já havia observado inúmeras vezes (dentro dessa

lógica de apoio incondicional), inclusive faço constar em minha dissertação um caso envolvendo o jogador Nunes (BANDEIRA, 2009), os demais torcedores reprovaram a atitude deste que ofendia o jogador gremista. As palavras utilizadas em direção ao reclamante foram: “secador”, “corneteiro” e “colorado”. Um, mais exaltado, foi intimá-lo a brigar. Diante da recusa, o ‘brigão’ seguiu disferindo improperios até que, depois de um bom tempo, o torcedor aceitasse o desafio. Antes que um enfrentamento físico chegasse às vias de fato, outros torcedores contiveram o sujeito mais exaltado (DC 1). Em investigação anterior, observei como aos atletas, representantes dos clubes durante as partidas, parecia impossível recusar o desafio para um confronto físico (BANDEIRA, 2009). Dentro da torcida, entretanto, ao menos nos locais dos ‘torcedores comuns’ parece existir certa preocupação para que os enfrentamentos físicos não aconteçam. Apesar desse esforço, algumas situações chegam bastante próximas do enfrentamento. Após a eliminação para o Esporte Clube Juventude⁸⁹, no Campeonato Gaúcho de 2016, uma discussão quase terminou em briga entre dois torcedores. Um estava reclamando do time e foi xingado de ‘secador’ pelo outro. Na descida das escadas, o que estava reclamando continuava xingando o atacante Bobô e outro torcedor gritou para ele que o jogo já havia terminado, o que também lembra essa disputa significativa entre momento do/de jogo e do/de não jogo, bastante utilizado nas explicações sobre os xingamentos presentes no estádio. Ao final do primeiro tempo do jogo contra o Clube de Regatas do Flamengo⁹⁰, pelo Campeonato Brasileiro de 2016, em que uma atuação ruim do Grêmio proporcionava um empate sem gols, alguns torcedores vaiaram a equipe. Junto com a *Geral*, outros torcedores realizaram a saudação corriqueira à equipe. Um dos que vaiaram, xingou os torcedores que fizeram a saudação, afirmando que, aplaudindo assim, “vão ficar mais 15 anos sem ganhar nada” (DC 26). Perguntei para alguns torcedores se eles percebiam essa dificuldade entre os torcedores que apoiam sempre e aqueles que são mais críticos do comportamento da equipe. Ruy disse que existe uma parte da torcida que seria mais pessimista, “*isso aí, às vezes, gera um problema e a fase do jogador, que nem o Luan que tem uma fase muito em alta e muito em baixa, ajuda para esse tipo de coisa, ele acaba produzindo amor e ódio*” (DC 32). Sérgio, amigo de Ruy, disse que já presenciou vários casos “*de sair no soco um corneteiro e o pessoal do lado não aceita*” (DC 32). Wender disse que as brigas entre o pessoal do ‘apoio incondicional’ contra os ‘corneteiros’ são históricas, lembrando que seu sogro tinha a

⁸⁹ De agora em diante, Juventude.

⁹⁰ De agora em diante, Flamengo.

sua ‘turma do amendoim’ na época do Olímpico, “*eles chegavam duas horas antes do jogo, botavam o jornalzinho para cuidar do lugar deles na social e aí de quem chegasse depois e pegasse o lugar deles. Eles eram os corneteiros da social do Grêmio, a turma do amendoim*” (DC 35). Lucas, amigo de Wender, disse que na *Geral* isso não acontecia, “*na Geral o cara que se levantasse 5 minutos antes do jogo terminar era o já vai secador, já vai secador, tapa na orelha e o Grêmio perdia e ficar em silêncio, se o cara vaiasse...*” (DC 35). Durante a partida contra o Corinthians, pelo Campeonato Brasileiro de 2016, torcedores postados nos acessos 403-404 foram solicitados a saírem dali por estarem atrapalhando a visão de torcedores sentados. Um deles se virou e respondeu que se quisesse ficar sentado era para ter ficado em casa (DC 35).

3.4 Estratégias metodológicas: análise cultural, etnografia e diálogos com pequenos grupos de torcedores

Para chegar ao gol, aos três pontos, ao título do campeonato ou próximo da questão que tentou dar fluxo a esse trabalho foi preciso construir uma metodologia de pesquisa coerente com os conceitos abordados e com a perspectiva teórica assumida. A metodologia nos diz sobre os caminhos a percorrer, os percursos a trilhar, quais os trajetos que foram realizados em que “*formas (...) sempre têm por base um conteúdo, uma perspectiva ou uma teoria*” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 15). Pensar no caminho de investigação a partir dos estudos Pós-Críticos em Educação (que não prometem soluções para todos os problemas) é sempre inquietante. A falta de prescrições gera algumas angústias, ao mesmo tempo em que permite a criatividade e certa bricolagem metodológica, mas, sempre tendo o rigor como preocupação. Para Norbert Elias (1992) é a descoberta, e não o método, que define que uma investigação pode ou não receber o “selo de científica”. Essas possibilidades de problematização das construções do material empírico permitem pensar em algumas formas de atravessamento de limites fronteiriços, uma ideia que sugere riscos, mas, também, a riqueza do novo (COSTA; BUJES, 2005).

Só conseguimos enxergar um determinado problema a partir de uma perspectiva teórica. É a teoria que nos leva a enxergar. “Uma política do conhecimento implica o privilegiamento de um modo de conhecer, o que envolve, por sua vez, decisões sobre o que conhecer, e como, porquê ou para que conhecer” (LOURO, 2004d, p. 24). A vinculação teórica está implicada em uma escolha que produz, automaticamente, uma

renúncia e a negação de outras possibilidades. A teoria nos leva a ver e nos leva a não ver. As perguntas feitas só fazem sentido dentro de determinado arcabouço teórico.

Uma das implicações da perspectiva adotada é a localização do pesquisador. O olhar do pesquisador nunca é neutro, mas está sempre atravessado pelas opções políticas e pela forma como interage com seu campo empírico, o que acaba por fornecer uma e não outras possibilidades de interpretação. Esse declarado interesse não afasta a responsabilidade do pesquisador com o que foi produzido no campo, mas possibilita uma relação um tanto mais humilde, dá uma dimensão mais adequada ao trabalho, considerando que este só foi produzido de uma determinada forma e não de outra pelos distintos atravessamentos históricos e culturais dos quais o pesquisador faz parte:

(...) o reconhecimento direto e franco dos limites – um dado observador, num certo momento e num dado lugar – é uma das coisas que mais recomendam todo esse estilo de realizar pesquisas. (...). A renúncia à autoridade proveniente das “visões que partem de lugar nenhum” (“Vi a realidade e ela é real”) não constitui uma perda, mas um ganho; e não é um recuo, mas um avanço (GEERTZ, 2001, p. 127).

De quais lugares permito-me pensar determinados assuntos? Na minha constituição como sujeito masculino, o currículo de masculinidade produzido nos estádios de futebol foi muito importante, uma vez que frequentei o estádio Olímpico, do Grêmio, regularmente entre 1988 e o início de 2013.

Fui a um estádio de futebol pela primeira vez aos cinco anos. Fui ao Estádio Olímpico não exatamente por uma escolha, mas porque, em minha família, era *a única* possibilidade. Lembro vagamente que fiquei um pouco assustado com os palavrões e que meu pai (sim, não seria a minha mãe no estádio de futebol, ainda não ao menos) proferiu a frase: ‘aqui pode’. Aos cinco anos já aprendia, ou já ‘sabia’ que naquele local era possível falar palavrões e só ali. Provavelmente em casa ou na escola (ambiente com muito mais meninas que o estádio de futebol) receberia reprimendas se repetisse aqueles comportamentos. Aos cinco anos já estava sendo inserido em uma importante pedagogia de masculinidade, que valorizava os locais de socialização entre homens. Já estava aprendendo conteúdos significativos e alguns dos elementos de uma determinada masculinidade como o futebol, a bola, o palavrão, o enfeite com símbolo do Grêmio... (BANDEIRA, 2009, p. 13).

A transição da antiga casa para a nova arena produziu distintas questões teóricas e trouxe, também, algumas inquietações para mim enquanto torcedor. Tal qual na investigação do mestrado, pretendi olhar uma prática que também me subjetiva. Se no mestrado a principal preocupação era em não tomar algumas práticas como óbvias ou dadas, para esta incursão metodológica foi necessário transformar esse novo local em familiar, procurando tensionar as práticas que permaneceram, as que foram reconfiguradas e algumas ações que me permitiriam apontar como ‘novidades’ nesse espaço de lazer.

Um dos importantes conceitos nos estádios multiuso, que tiveram suas construções aceleradas a partir da Copa do Mundo de 2014, é de que deveriam oferecer mais atrações do que apenas o jogo de futebol. Restrito aos 90 minutos em que, em princípio, os torcedores estariam mais mobilizados com a partida, os jogos sozinhos não seriam capazes de gerar as receitas desejadas pelos clubes, construtoras e consórcios responsáveis pelas obras e pelas administrações dos estádios. Seria necessário que outros espaços fossem utilizados, inclusive para sua comercialização.

Essas atrações, inclusive, não deveriam estar restritas aos dias de jogos. A Arena do Grêmio possui um serviço de visita, o chamado *Tour da Arena*, que permite aos torcedores frequentarem espaços distintos como as cabines de imprensa, a sala de conferências, os vestiários, entre outros. Esses passeios podem ser pensados como certo vínculo com o estádio, e mais do que isso, o vínculo que as pessoas estabelecem a partir do estádio. Particpei de um desses passeios em uma sexta-feira com um grupo bastante pequeno, com apenas nove pessoas, contando comigo. Além de turistas estrangeiros, foi possível observar cinco torcedores oriundos de São Gabriel, interior do Rio Grande do Sul. A matriarca da família chorou em alguns momentos. O guia, sem sucesso, tentou vincular essa emoção à oportunidade de conhecer a Arena. Ela fez questão de explicar que a emoção era oriunda da falta do esposo com quem havia planejado a visita, mas que acabou falecendo antes que eles conseguissem conhecer o estádio. Essa pequena passagem serve, em alguma medida, para visualizar como o estádio marca, para além das relações entre clube, sócio, torcida, consumidores, uma relação familiar a partir de certo uso ou apropriação desse espaço.

Ainda antes de iniciar sistematicamente a observação etnográfica, já tinha sido colocado em contato com a *Câmera do Beijo*. Essa ‘atração’ me causava certo desconforto. A primeira vez que presenciei essa recorrente atração em diferentes modalidades esportivas nos Estados Unidos foi durante a Copa do Brasil de 2014, na Arena das Dunas, em Natal/RN, em partida entre o América Futebol Clube, local, e o Fluminense, do Rio de Janeiro. Naquele momento, essa atividade não me incomodou, muito provavelmente por meu olhar de ‘torcedor de time grande’, que é a maneira como os torcedores gaúchos se entendem pertencendo ao grupo dos doze maiores clubes do Brasil. Minha perspectiva ‘clubegrandecêntrica’ autorizava que, naquela praça esportiva, atrações ‘menos tradicionais’ nos espaços futebolísticos não me causassem estranheza. Na Arena do Grêmio, por outro lado, a *Câmera do Beijo* me causava certo desconforto. A câmera contou em algumas partidas com o patrocínio do bombom *Sonho*

de Valsa e tinha suas inserções variando entre o pré-jogo e o intervalo. Para além desse desconforto, que associo com a crença de que o estádio do Grêmio não precisaria desse tipo de atração, é interessante marcar, por mais que para quem conhece os estádios de futebol isso possa ser uma frase tola, que todos os beijos foram heterossexuais e minha percepção (não produzi dados sistemáticos sobre isso) aponta que a maioria dos casais filmados eram formados por pessoas brancas. Cada beijo foi acompanhado por comemorações, não muito empolgadas, por parte dos diferentes torcedores. Essa empolgação aumentava quando os torcedores envolvidos nesses beijos eram pessoas idosas. Nesse caso, a vibração se assemelhava a um gol como certo recorte lúdico que acabava por marcar qual a normalidade para a troca de afetos no espaço público. Em algumas oportunidades, os beijos eram recusados, o que não era muito bem recebido pelo locutor responsável pela animação, que em tom bastante taxativo definia: “apareceu no telão tem que beijar”. Essa exigência foi repetida em diferentes oportunidades. Em uma das promoções, um garoto fez sinal de negativo e o filmaram ao lado de outro rapaz, provocando risos na torcida. Por ter ocorrido em um Gre-Nal, gostaria de ter escutado a reação da torcida do Internacional, o que não foi possível. Em outra partida, ao final da câmera do beijo, um rapaz pediu a “Mimi” em casamento. Após o “sim”, o casal foi aplaudido por vários torcedores. Outro pedido de casamento foi realizado antes de mais uma partida. O “sim” foi comemorado como um gol por alguns torcedores.

Outra atração importada dos ginásios estadunidenses são as músicas da banda *Queen*, especialmente *We will rock you*, antes das partidas com uma adesão variável por parte da torcida. Outra câmera presente no estádio em poucas ocasiões foi a câmera da dança. Os torcedores que apareciam no telão precisariam dançar. As danças mais empolgadas foram realizadas pelos colaboradores da Arena, os chamados ‘amarelinhos’ pela cor de seus casacos e bonés. A câmera da guitarra também se fez presente na Arena e, segundo o locutor, serviria para mostrar que a torcida do Grêmio seria “a torcida mais rock and roll”.

Essas atrações muito vinculadas aos telões da Arena (duas telas de 96 m² dispostas acima das balizas), coloca estes artefatos como protagonistas na forma de visualização do espetáculo. Além de mostrar o jogo ‘ao vivo’, eles também mostram partidas históricas, gols, alguns regramentos e, especialmente, patrocinadores. Antes do Gre-Nal que ocorreu no dia dos pais em 2015, a companhia de telefonia móvel, *TIM*, fez uma campanha em homenagem à data com um gremista residente no exterior mandando

mensagem para o seu pai. Após a mensagem, a promoção se encerrou com o filho entrando nas cadeiras do primeiro anel para abraçar o seu pai. O estádio pareceu comovido com a cena. O espaço do estádio já pode ser entendido como um local que produz a sensibilização das emoções. Em alguma medida, seria possível entender que as emoções já estariam afloradas, tratava-se de um Gre-Nal, mas, no dia dos pais, a publicidade procurou acrescentar ainda mais emoção ao ambiente.

Dentre as estratégias metodológicas que adotei para a realização dessa investigação, estava um diálogo com pequenos grupos de torcedores, quase sempre duplas ou trios, nos quais me inseria para discutir algumas das percepções desses indivíduos sobre a mudança do Olímpico para a Arena, como entendiam o ‘caso Aranha’ e quais memórias possuíam sobre a extinta Coligay. Essas conversas foram realizadas, na maior parte das vezes, antes das partidas. Eu estava sempre vestido com uma camiseta do Grêmio, me apresentava enquanto pesquisador, apontava brevemente os assuntos que gostaria de conversar e solicitava registrar esse diálogo em um gravador. A camiseta do Grêmio não foi suficiente para convencer todos os atores sobre meu pertencimento. Assim como declaro minha vinculação com a torcida do Grêmio, esse vínculo também foi colocado em questão pelos torcedores. Logo em meu primeiro dia realizando diálogos sistemáticos, abordei uma dupla ainda no estacionamento E2 da Arena. Conversei com Tony e seu pai. Dentre todos os torcedores abordados naquele dia, Tony foi o único que me questionou sobre a pesquisa, querendo saber mais detalhes sobre o curso e qual minha vinculação institucional. Além disso, Tony questionou se eu era gremista antes das conversas. Sempre fui ao estádio com uma camiseta antiga do Grêmio, em uma prática que faço, como torcedor, de usar a mesma camiseta repetidas vezes enquanto ela, camiseta, se mantém invicta. Por se tratar de uma camiseta antiga, acreditava que ganharia algum crédito com isso, mas minha estratégia não pareceu convencer Tony e seu pai. Diferentes pesquisadores apontam que o lugar que os investigadores sociais ocupam no imaginário dos torcedores de futebol é o de jornalista e os jornalistas não gozam de grande prestígio junto a esses mesmos torcedores. Mostrei meu cartão de sócio para Tony, o que, em meu entender, pareceu soar positivamente. Em outra oportunidade, após mais de vinte idas a campo fui novamente questionado sobre meu ‘gremismo’. Nesse caso, um dos torcedores argumentou que sendo eu um gremista, algumas perguntas não seriam necessárias porque eu já saberia a resposta. Essa percepção não apenas testava meus conhecimentos, como poderia exigir de qualquer um que quisesse para si a alcunha de gremista, naquele contexto, a

demonstração de uma série de conhecimentos que legitimariam ou não esse nome para esse sujeito.

Na perspectiva teórica em que este trabalho se insere, as práticas culturais são entendidas como textos a serem analisados em sua materialidade. As representações são sempre traço, marca visível. Para dar conta de minhas questões, tomei a análise cultural como procedimento analítico. Segundo Maria Lúcia Wortmann, as análises culturais “assumem a incumbência de fazer incursões a diferenciadas produções/instituições culturais para nelas perceber alguns dos movimentos e das lutas, nas quais se processa, por exemplo, a atribuição de significados para determinados sujeitos, situações e questões” (2005, p. 63). Dagmar Estermann Meyer acrescenta que a análise cultural e a análise de discurso “permitem descrever e problematizar discursos que, imbricados, permitem aos sujeitos/instituições expressar-se de determinados modos e não de outros” (2012, p. 55).

Pablo Alabarces (2002) entende a análise cultural como um conjunto de interpretações e uma contínua produção a partir dos rastros dos discursos. Ele acredita, também, que o objeto de uma análise cultural é uma zona que privilegia a cultura contemporânea e tenta produzir hipóteses de interpretação dessa cultura. Análises culturais trabalham com interpretações de interpretações. Elas possuem um caráter histórico e provisório. Para Geertz, “a análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea” (1989, p. 30-31). Esse tipo de investimento teórico trabalha com a sua provisoriedade, mas, também, com a falta de completude de outros trabalhos.

Em vez de seguir uma curva ascendente de achados cumulativos, a análise cultural separa-se numa sequência desconexa e, no entanto, coerente de incursões cada vez mais audaciosas. Os estudos constroem-se sobre outros estudos, não no sentido de que retomam onde outros deixaram, mas no sentido de que, melhor informados e melhor conceitualizados, eles mergulham mais profundamente nas mesmas coisas. Cada análise cultural séria começa com um desvio inicial e termina onde consegue chegar antes de exaurir seu impulso intelectual (Ibidem, p. 35).

A análise cultural ganha maior relevância a partir de uma perspectiva que olha para a “centralidade da cultura” e para como esta articula diferentes pedagogias de produção de subjetividades.

(...) o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo, a “cultura” – na geração seguinte na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e

moldará as ações e as crenças das gerações futuras conforme os valores e normas de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade? O que é isso senão regulação – governo moral feito pela cultura? (...). Não estamos necessariamente falando aqui em dobrar alguém por coerção, influência indevida, propaganda grosseira, informação distorcida ou mesmo por motivos dúbios. Estamos falando em arranjos de poder discursivo ou simbólico. Toda a nossa conduta e todas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais (HALL, 1997, p. 40-41).

É preciso desconfiar de nossas escolhas, reconhecer algumas de nossas precariedades no acesso a uma verdade, localizar nossa implicação com essas construções. Para verificar um currículo de masculinidade na Arena do Grêmio, localizar as representações de masculinidades, visualizar a apropriação que os sujeitos estão fazendo desse espaço e como as masculinidades e comportamentos vêm sendo incitados, me pareceu produtivo dialogar com diferentes textos que acabaram produzindo e compartilhando significados sobre essas práticas.

No se trata de procurar una nueva objetividad sino reconocer que el conocimiento es siempre parcial. Quien conoce está invariablemente “situad@” en un sentido político y social. La “situación” de quien conoce según su sexo, raza, ubicación geográfica, historia, clase, incide en la producción y el valor del conocimiento (STOLKE, 2004, p. 99).

Como outra aposta metodológica, fiz usos de uma etnografia pós-moderna, da forma como esta vem sendo utilizada nas pesquisas em Educação, com observações participantes e construção de diários de campo. “A escolha por trabalhar etnograficamente deve-se ao fato de que o interesse incide nos valores e sentidos vividos. O estudo etnográfico acentua a importância dos modos pelos quais os atores sociais definem, por si mesmos, as condições em que vivem” (ESCOSTEGUY, 2004, p. 143). Em alguma medida, procurei entender como os torcedores de futebol foram interpelados pelos currículos do torcer e de masculinidade presentes nos estádios de futebol.

(...) os sujeitos se constituem de múltiplas e distintas identidades (de gênero, de raça, etnia, sexualidade, etc.), na medida em que são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Stuart Hall, um autor ao qual frequentemente recorreremos, diz que a identidade é um ponto de apego provisório a uma determinada posição-de-sujeito. Reconhecer-se numa identidade supõe, então, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento (que pode significar reconhecer-se ligado a um grupo social de referência). Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois as várias identidades de um sujeito podem lhe cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias (LOURO, 2007, p. 240).

Na etnografia pós-moderna, o “sujeito deixa de ser pensado como uma entidade prévia ao discurso, para ser tratado como próprio efeito da discursividade” (KLEIN; DAMICO, 2012, p. 67). Acompanhei, durante o período de um ano, de maneira

sistemática, trinta e duas partidas do Grêmio pelos Campeonatos Brasileiro, de 2015 e de 2016, Copa do Brasil, de 2015, Campeonato Gaúcho, de 2016, Primeira Liga, de 2016 e Copa Libertadores da América, de 2016. Ainda antes do início sistematizado do trabalho de campo, tomei pequenas notas após duas partidas pelo Campeonato Brasileiro de 2015 e realizei um diálogo em um bar com um torcedor do Grêmio, que tem engajamento na política do clube e, também, nas redes sociais. Ao final dessas produções, totalizei trinta e cinco diários de campo, que constituíram o material empírico desta investigação. Assumi, para além das transcrições e relações, um esforço em descrever os acontecimentos nos diários de campo (GEERTZ, 1989).

É no diário de campo que se exerce plenamente a “disciplina” etnográfica: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição de observador. É, pois, o diário de pesquisa de campo que permitirá não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender os lugares que serão relacionados pelos observados ao observador e esclarecer a atitude deste nas interações com aqueles (WEBER, 2009, p. 158-159).

Como já salientei, trabalhei com a noção de que o material aqui exposto não é ou foi ‘a realidade’ das práticas torcedoras e de masculinidades da Arena do Grêmio, mas foram os apontamentos que entendi relevantes na tentativa de mapear ou me aproximar de algumas respostas frente ao problema desta investigação. Penso que minhas interpretações transitam entre o que Geertz entende por primeira e terceira mão, pois a condição, em campo, de nativo e pesquisador esteve borrada em diferentes momentos. “Todo etnógrafo só pode estar em uma cena alterada pela sua presença. O significado da cena exige não apenas um reconhecimento do caráter subjetivo da observação, mas sobretudo a capacidade de ter uma noção objetiva de sua própria presença” (SILVA, 2009, p. 180). Ao mesmo tempo em que segui torcendo para o Grêmio vencer e comemorei todos os gols a nosso favor, não foram poucas as situações em que não fazia nenhuma ideia do que acontecia no campo de jogo, pois estava bastante mais interessado com a movimentação dos torcedores.

Procurei olhar como as manifestações dos torcedores na Arena se configuravam a partir da nova arquitetura do estádio e das interdições as manifestações que apareceram, especialmente após o ‘caso Aranha’. Algumas perguntas e inquietações me ajudaram a tentar olhar para esse espaço. Queria tentar visualizar como se dariam algumas dessas disputas entre o que era esperado do público e o que esse público esperava do novo estádio. Tinha especial curiosidade sobre como os sujeitos torcedores

se relacionariam com uma série de prescrições que apareciam nesse contexto. Continuaría sendo possível apontar para sujeitos coletivos, para o ator social, ‘torcida do Grêmio’ nesse ‘teatro’ do futebol? Como se dariam as disputas entre o ‘novo’ e o ‘antigo’ públicos? Os sujeitos obedeceriam à série de prescrições estabelecidas pela organização do estádio ou manteriam comportamentos que sofreram algumas formas de interdição⁹¹?

Uma das formas de olhar para as manifestações dos torcedores da Arena foi procurar observar qual o comportamento desse sujeito coletivo em multidão: ‘a torcida’. Aqui, não se entende a multidão como um todo unificado⁹², mas como um conjunto de pessoas, um coletivo que autoriza determinados comportamentos ao mesmo tempo em que inibe uma série de outros. Olhar para a multidão, implicou procurar localizar quais as falas foram possíveis; o que os sujeitos se autorizaram a gritar; quais gritos foram rechaçados; como as manifestações individuais de torcedores poderiam receber adesão ou não. As manifestações individuais são atravessadas por uma espécie de ‘controle’ produzido pela própria torcida que autoriza e desautoriza as manifestações que ali aparecem. Além dos cânticos e xingamentos, dialoguei com uma das opções metodológicas utilizadas por Arlei Damo, também realizada em estádios de futebol, e procurei observar “os ditos individuais, contextualizando-os em relação a outros ditos e ao jogo, e não propriamente em relação ao sujeito que os enunciou” (2005, p. 387). O autor destaca que, nos estádios de futebol, existe a permissão da expressão pública de sentimentos que em outros contextos estariam interditos. Ele entende ser um equívoco pensar que tudo possa ser feito ou dito em um estádio de futebol⁹³.

As manifestações dos torcedores nos estádios de futebol obedecem a indicativos coletivos nos quais “ritos orais (...) põem em ação somente sentimentos e ideias coletivas, e têm até a vantagem de nos deixar entrever o grupo, a coletividade em ação ou mesmo interação” (MAUSS, 1979, p. 149). As falas ditas coletivamente pelos sujeitos anônimos, ou pelos sujeitos nomeados apenas como gremistas, auxiliam na verificação das distribuições das práticas discursivas. “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que

⁹¹ Getúlio Reale apontou para uma série de proibições que dificultaram o início do relacionamento dos torcedores, especialmente os integrantes da *Geral do Grêmio* e os administradores do estádio. “Os conflitos basicamente passaram pela proibição de algumas ações dos torcedores, como assistir ao jogo em pé, tirar a camisa, fumar, apoiar os pés no encosto da cadeira da frente” (2016, p. 198).

⁹² Ver Rudé, 1991.

⁹³ “(...) num estádio não se diz tudo o que se quer, senão que há códigos morais e estéticos relativamente precisos modulando a expressão pública dos sentimentos” (DAMO, 2005, p. 387-388).

qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2006, p. 9). Torcer é entrar em uma ordem discursiva, e torcer em um estádio de futebol exige do sujeito que quiser essa identificação atitudes específicas, uma vez que “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (Ibidem, p. 37).

Em quase todos os trinta e dois jogos observados de forma sistemática, consegui chegar à Arena duas horas antes do início das partidas. Dialoguei com pequenos grupos que variaram de dois a cinco indivíduos entre uma e três conversas por partida, totalizando noventa e três torcedores que participaram desses diálogos. O percurso de chegada ao estádio obedecia, mais ou menos, sempre a mesma sequência. Chegava de carro com a minha mãe e o meu irmão e nos despedíamos no estacionamento E2, localizado ao lado da Arena do Grêmio. Quase sempre, saía do estacionamento e iniciava uma volta completa ao redor do estádio, da rampa Norte em direção à rampa Leste, procurando pequenos grupos de dois ou três rapazes para uma conversa bastante informal, tentando dialogar sobre os temas que me mobilizavam para a investigação. A opção por dialogar com uma dupla ou um trio ao invés de uma interlocução com torcedores individualmente ocorreu por entender que, mesmo que a ideia principal fosse pautar assuntos, me parecia interessante participar de uma conversa com e entre torcedores do Grêmio, o que produziria elementos diferentes de uma entrevista.

Durante uma das abordagens, conversamos muito sobre jogadores de diferentes épocas do clube. Esse assunto, inclusive, foi provocado por mim. Brinquei com um dos torcedores que precisaríamos retomar a pauta, pois estávamos falando muito sobre jogos e jogadores de futebol, enquanto meu problema de investigação era a torcida e os torcedores. Esse torcedor disse que era apenas isso que eles faziam no estádio: falar de futebol. Comentei com ele que meu desejo, dentro de absolutamente todos os limites efetivos, era justamente escutar o que torcedores de futebol discutiriam, mesmo que a pauta tivesse sido provocada por mim.

Algumas vezes, quando não conseguia abordar nenhum torcedor, acabava repetindo a volta ao redor do estádio antes de subir até a esplanada, na maioria dos casos, novamente pela rampa Norte ou, eventualmente, realizando o acesso à esplanada pela rampa Oeste. Na esplanada, novamente andava em busca de pequenos grupos de torcedores para a realização do diálogo. Os rapazes abordados, majoritariamente regulavam em idade comigo, aparentemente, além de, em sua ampla maioria, serem sujeitos que seu fenótipo me permitia identificá-los como brancos. Outro fator utilizado

para a eleição dos torcedores era um certo uso do corpo que me permitia identifica-los, inicialmente, como heterossexuais. Em alguma medida, meu interesse era ouvir o que esses sujeitos, supostamente, não marcados como diferentes teriam para me dizer sobre sua experiência torcedora para tentar entender como eles dialogavam com o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol de estádio.

Essa maior clareza em verificar quem eram meus alvos preferenciais de abordagem apareceram de forma mais explícita, justamente, quando não encontrava com quem conversar. Em uma partida diante do Fluminense, pelo Campeonato Brasileiro de 2015, marcada para às 19h30, ter chegado ao estádio às 17h40 não foi muito produtivo. Naquele momento existiam poucos torcedores ao redor do estádio. O número ficou ainda menor em função da chuva que iniciou pouco depois de minha chegada. Não me senti à vontade de conversar com ninguém ao redor do estádio ou da esplanada. Esse estranhamento me permitiu pensar sobre quem foram os sujeitos que tive vontade de abordar em partidas anteriores. Geralmente eram grupos de dois ou três homens entre 25 e 40 anos. Além de não abordar grupos que contavam com mulheres, percebi que tinha preferência em conversar com sujeitos que estivessem com a camiseta do Grêmio.

Em diferentes situações, tive dificuldades de encontrar esses pequenos grupos de homens para conversar ao redor do estádio. A partir de 2015, o Campeonato Brasileiro passou a contar com partidas aos domingos de manhã, às 11h, atendendo aos interesses da televisão. Esse horário acabou sendo um sucesso de público. Porém, para a investigação, esse horário criava algumas dificuldades, não apenas por ter que chegar bastante cedo ao estádio, mas, especialmente, pelo menor número de grupos exclusivamente compostos por homens. Os jogos das 11 horas passaram a impressão de receber um público distinto, com um número maior de mulheres e crianças. O número de crianças era visivelmente acentuado. Era possível visualizar pais e filhos, mães e filhos, bem como um grande número de mulheres em pequenos grupos.

Na primeira ida sistematizada ao campo, um tanto ansioso me dirigi, ainda no estacionamento, a procurar torcedores para dialogar. Talvez chamar esse diálogo de entrevista seria um certo exagero, uma vez que a ideia era mesmo conversar. Minha primeira abordagem foi a dois sujeitos que iniciavam os preparativos para a realização de um churrasco, em uma churrasqueira de lata. Ao abordá-los, informei que estava realizando uma pesquisa com torcedores do Grêmio e apresentei de maneira bastante abrangente os tópicos sobre os quais pretendia conversar com eles, que seriam suas

impressões sobre a Arena do Grêmio, relação com a torcida do Internacional e, para fechar, assuntos que adjectivei como polêmicos vinculados à torcida do Grêmio: a existência da Coligay e o ‘caso Aranha’, além das discussões sobre a existência de racismo na torcida do Grêmio. Perguntei se poderia gravar a conversa e os sujeitos disseram não se importar. Relembrei que, a qualquer momento, eles poderiam sinalizar assunto(s) que não tivessem interesse em responder, ou, ainda encerrar nosso diálogo (DC 3).

Ainda no primeiro dia, após essa conversa inicial, parei no estacionamento para conversar com três jovens que aparentavam ser um pouco mais novos do que eu e que escutavam o jogo do Internacional pelo rádio do carro, enquanto tomavam cerveja. Repeti a dinâmica narrada anteriormente. Infelizmente, acabei perdendo a gravação em meu computador. A falta do registro me permitiu fazer duas reflexões que acabaram por me fazer optar por seguir gravando as conversas com os torcedores. A primeira reflexão é de que sem a gravação, a riqueza da fala dos sujeitos acabou diminuída. Cada vez que escutei os diálogos ao longo das transcrições, percebi coisas que não lembrava que haviam sido ditas. Ao mesmo tempo, outra reflexão poderia aparecer em sentido contrário, marcando que meus registros ficariam restritos não apenas à minha memória, mas que só poderia fazer uso do que percebi como significativo no calor da interação. Perdi apenas mais uma gravação que realizei com meu telefone celular, ao receber uma ligação em meio a uma conversa – recusei o chamado, mas não sabia que a gravação parava neste momento. Como percebi a falta desse recurso imediatamente após o diálogo, consegui anotar um número maior de informações passadas pelos torcedores. Ainda sobre a primeira perda, o uso do gravador pode ser posto em questão, pois, apesar dessa situação não ter se repetido ao longo das idas a campo, a conversa com os garotos encerrou de maneira em que o gravador pareceu ocupar certo protagonismo. Já estava agradecendo a disponibilidade dos torcedores quando um deles me disse, como eu havia desligado o gravador, poderia me confessar que acreditava que a torcida do Internacional comparecia mais aos jogos do que a torcida do Grêmio. Esse parece ser um daqueles registros que não poderia ser feito de forma oficial ou não poderia ser gravado. Mesmo que os torcedores não tenham feito oposição ao uso do registro e nem tenham deixado para me ‘confessar’ coisas apenas após a gravação encerrada, esse é um dado interessante para se pensar. Eles poderiam ter me dito outras coisas sem o gravador?

O uso do gravador acabava me fazendo ser confundido com um jornalista. Não apenas pelos sujeitos que dialogavam comigo como também por aqueles que observavam a conversa ao andarem ao redor do estádio ou na esplanada. Não foi a primeira vez que fui confundido com um jornalista realizando investigação em estádio de futebol. Em 2008, durante uma observação realizada no estádio Beira-Rio, essa confusão me fez ter certo receio ao final da partida.

Temi um pouco pela minha segurança no final do jogo contra o Veranópolis. Um sujeito ficou muito próximo de mim durante alguns minutos e quando a partida acabou saiu em direção a outros integrantes da Popular. As pessoas que estavam comigo sugeriram que eu não sáísse dali por algum tempo. Encontrei um grupo de policiais e posicionei-me próximo deles. Deixei o Beira-Rio às 23h52 acompanhando o movimento dos policiais. Pensei que havia sido reconhecido como gremista, depois pensei que pudesse ser apenas um assalto por meu mp3. Em conversas com conhecidos colorados, esses acreditavam que eu poderia ter sido confundido com um jornalista, figura não muito querida nesse ambiente (BANDEIRA, 2009, p. 26).

Se em alguma medida entendo ter sido identificado como jornalista nos diálogos realizados com os torcedores, em minhas andanças ao redor do estádio com a camiseta do Grêmio fui identificado como um possível comprador de ingresso, sendo constantemente interpelado por cambistas.

Sou torcedor do Grêmio e essa marca identitária não foi apagada durante as observações e os diálogos realizados com os indivíduos no estádio. Evidentemente, também estava atravessado fortemente pelo lugar de pesquisador e, mesmo, por minhas posições políticas, especialmente as relacionadas com as lutas em favor dos direitos humanos e antidiscriminatórias.

Uma cena etnográfica só é confiável quando o etnógrafo se inclui na paisagem desenhada. É preciso que haja um ajuste de perspectiva entre a silhueta traçada de si próprio e a paisagem em volta. Cumpre ajustar as proporções entre o observador e o cenário observado que inclui coisas e seres e, entre esses, o próprio etnógrafo (SILVA, 2009, p. 181).

É inegável, também, que minha condição de torcedor foi importante. Revisando algumas notas para a construção dos diários de campo, essa condição ficou bastante evidenciada. No primeiro jogo em que fui realizar observações sistemáticas, o Grêmio enfrentava, pela última rodada do turno do Campeonato Brasileiro de 2015, o Joinville, então último colocado na competição. Terminamos o primeiro tempo perdendo por 1 a 0 e não consegui negar minha angústia em perceber que a pesquisa poderia estar dando azar à equipe. Felizmente, viramos a partida na segunda etapa e minhas incursões etnográficas não foram suspensas. Não poderia iniciar a pesquisa sendo pé-frio. Na última ida a campo, um torcedor me colocou certa responsabilidade enquanto gremista, uma vez que, segundo ele, eu poderia ajudar a colocar temas polêmicos ou prejudiciais a

imagem do Grêmio de uma maneira mais adequada. Em alguma medida, o torcedor explicitou que esperava que o trabalho fosse, minimamente gremista, o que eu não concordo.

Aqui, é possível pensar no compromisso ético exigido de um pesquisador pelos torcedores, especialmente nesse caso, em que o pesquisador se apresentava como torcedor. Sou gremista, mas a investigação foi feita a partir de meu lugar dentro do curso de doutorado em Educação, o que me afasta, em alguma medida, desse compromisso com os torcedores do Grêmio. Não preciso, e tenho bastante tranquilidade em relação a isso, defender o clube de qualquer suposta agenda negativa ou ‘resgatar’ a história da instituição. Ao mesmo tempo, tenho um importante compromisso com os torcedores que foram fundamentais para a realização deste trabalho, mantendo seu anonimato e evitando, ao máximo, julgamentos precipitados sobre esses indivíduos com os quais troquei breves momentos.

Esta investigação não passou por comitês de ética em pesquisa por duas circunstâncias. A primeira delas foi sua realização já estar em andamento antes da aprovação da Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. Apesar disso, optei por analisar as regras da referida resolução e entendo que os dados produzidos em meu trabalho poderiam ser mais bem entendidos como pertencendo ao conjunto de “pesquisa de opinião pública com participantes não identificados”, que segundo a Resolução estariam dispensados de avaliação pelo sistema CEP/CONEP⁹⁴. Entretanto, concordo com Andréia Zanella que aponta:

Embora compartilhe com algumas das preocupações que essas normatizações contemplam, entendo que a preocupação com as implicações éticas da pesquisa devem transpor regulamentações e a reflexão constante sobre as mesmas deve fazer parte da práxis do pesquisador, em todos os momentos. Isso porque entendo ética como uma postura que se pauta pelo reconhecimento de que a vida se funda e se sustenta nas relações com outros, relações essas sempre densas e marcadas por intensa dialogia (2013, p. 64).

Dado que o problema ético é bastante mais importante que o enquadramento em um determinado marco normativo, acredito ser importante marcar algumas iniciativas realizadas ao longo dos diálogos. Além de expor meu interesse de investigação e a pauta da conversa antes de iniciar as gravações, sempre reforcei que os indivíduos estariam aptos a encerrarem a conversa quando assim o desejassem.

Fui rechaçado somente duas vezes ao longo de todo o ano de investigação. Na segunda delas, a tentativa frustrada de diálogo com dois rapazes próximos à bilheteria

⁹⁴ Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em 27/04/2017, às 18h58.

seguiu de minha orientação para que eles acessassem o estádio. Os ‘torcedores comuns’ pareceram dispostos a falar. Eles quase sempre ocupam um espaço de pouco protagonismo nas produções discursivas sobre o futebol e o torcer o que, em alguma medida, poderia justificar essa boa disposição para a conversa. A presença do gravador, ao mesmo tempo em que poderia inibir alguma manifestação, atuava como certo fetiche. Enquanto dialogava com os sujeitos, era visível que outros torcedores olhavam com certa curiosidade para saber o que se passava naquela interlocução.

Algumas conversas foram interrompidas sem que eu tivesse completado minha ‘lista’ de assuntos a debater com os torcedores. Antes do Gre-Nal pelo Campeonato Gaúcho e Primeira Liga, em 2016, a entrada da banda encurtou o diálogo com dois torcedores, pois, eles acreditavam que teriam dificuldade de entrar e se colocarem em um melhor local na Arquibancada Inferior Norte se continuássemos a conversa.

Invariavelmente, minha participação dentro do estádio, mesmo realizando as observações, era de um torcedor. Esse lugar já tinha aparecido com bastante evidência durante a realização do mestrado. Em uma nota de campo destaquei que “o Grêmio empatou o jogo contra o Esportivo com um ‘golaço’ de Roger” (BANDEIRA, 2009, p. 25). Antes do Gre-Nal, logo após a entrada do goleiro Alisson do Internacional, acabei rendendo diversas ‘homenagens’ à sua ascendência familiar, e verifiquei que fui olhado com reprovação por algumas pessoas. Antes de outra partida, quando o locutor anunciou a presença do zagueiro Pedro Geromel, além dos costumeiros aplausos e comemorações feitas pelos demais torcedores, chamei o defensor de “lindo”, arrancando alguns risos dos torcedores nas fileiras imediatamente à frente da minha. Aparentemente, encorajei outros torcedores a fazerem o mesmo e estes acabaram gritando “lindo” acompanhado de risos para o atacante Luan.

Por mais que meu campo fosse bastante marcado e a opção por dialogar com os torcedores durante os dias das partidas me tomasse, no contato direto com estes, no máximo, dois dias na semana, o envolvimento com a pesquisa não chegou a ser facilmente cronometrado ou dividido entre tempos de ocupação e de não ocupação com a investigação. Estive em um bar, cujo o dono é um amigo meu e ele me apresentou um frequentador nomeado por ele como um “grande gremista”. Nosso diálogo iniciou a partir do Gre-Nal dos 5 a 0, um grande feito para gremistas de nossa geração, especialmente, para aqueles como Rondinelly e eu que estivemos no Olímpico em 1997, quando saímos derrotados por 5 a 2. Rondinelly narrou que não chegou a comemorar o quarto gol, dizendo que precisaria do quinto. Além do Gre-Nal, nos ocupamos da

derrota colorada para o clube congolês do Tout Poussain Mazembe, no Mundial de Clubes da FIFA em 2010, uma das grandes ‘façanhas gremistas’ até então neste século de poucas vitórias. Em determinado momento da conversa me apresentei como pesquisador de futebol. Isso acabou mudando o rumo da conversa. Daquele momento em diante percebi uma grande vontade de Rondinelly me impressionar, demonstrando certo fetiche pelo lugar do pesquisador. Curiosamente, sua opção, a partir daquele momento, foi me contar feitos violentos em que teria sido protagonista.

Boa parte dos grupos abordados para os diálogos eram de torcedores que estavam tomando cerveja. Tanto fora do estádio como na esplanada. Acreditava que essa era uma boa oportunidade de espaço, não apenas por participar de um diálogo entre torcedores, como, também, pelo tempo que os torcedores precisariam ficar antes de subir até a esplanada ou entrar no estádio. As cervejas compradas fora do estádio precisariam ser consumidas antes do acesso pelas rampas, assim como as adquiridas na esplanada não poderiam atravessar os portões. Esse tempo da cerveja era o tempo de não fazer nada, tal qual me disse um torcedor após agradecer a disponibilidade dele para uma das conversas. A cerveja foi, em algumas situações, o marcador temporal mais preciso. Dois torcedores ao concordarem em participar da pesquisa e me ofereceram o tempo em que eles tomavam suas cervejas. Apesar disso, eles acabaram falando um pouco mais. Ao mesmo tempo essa opção também me levou para algumas interlocuções menos agradáveis, como quando dialoguei com um torcedor visivelmente alcoolizado que pedia sempre que eu repetisse as colocações e quase sempre respondia com sim ou não, pequenas sílabas e afirmava que a Arena era linda. Ao final dos diálogos, deixava aberto para os torcedores falarem mais alguma coisa que quisessem e eu não tivesse questionado. Em um desses momentos, um torcedor disse que eu não havia perguntado se eles queriam que lhes comprasse uma cerveja.

Além do horário das partidas e da necessidade de entrar logo no estádio, outras situações dificultaram a possibilidade de diálogo com os torcedores. Antes da partida diante do Club Atlético San Lorenzo de Almagro⁹⁵, pela Libertadores de 2016, a chuva somada ao trânsito do final de tarde acabou atrasando minha chegada ao estádio. Naquele dia, acabei não conversando com nenhum grupo de torcedores.

Um problema bastante significativo ao realizar uma investigação em um contexto específico, como um estádio de futebol, é pensar de que maneira se pensa

⁹⁵ De agora em diante, San Lorenzo.

nesse espaço. Ele poderia ser imaginado como um local que instala novas discursividades ou discursividades exclusivas? Nesse caso, existiria uma ‘cultura específica dos estádios de futebol’ ou ele seria mais bem entendido como fazendo parte do circuito mais amplo da cultura sem negar suas especificidades? Talvez, seja justamente neste diálogo que se ganhe potência ao analisar os ditos que ali aparecem.

Ao longo desse capítulo, procurei fazer uma discussão mais ampla sobre os conceitos que embasaram a construção desta investigação. Iniciei com o conceito de gênero. Para além de uma construção cultural, procurei mostrar como o gênero é performativamente constituído, sendo muito mais uma ação do que uma substância. Procurei abordar como as normas de gênero, de sexualidade e, também, do torcer são reiteradas produzindo diferentes currículos culturais. Procurei mostrar como, nessas constantes reiterações, acabam existindo os espaços para as falhas, os vazamentos e as resistências, permitindo vivências que contestam diferentes planos normativos.

Na segunda seção do capítulo, procurei mostrar algumas das relações entre esporte e masculinidades. Tentei situar como o estádio de futebol se coloca como um local masculino e, também, machista. O heterossexismo aparece reiteradamente através das piadas e brincadeiras que poderão ou não ser lidas como homofóbicas, dependendo dos atravessamentos em que os atores que observarem essas práticas forem constituídos. Por fim, procurei mostrar como neste contexto, o outro da masculinidade é, para além da feminilidade, os homossexuais, as famílias e as crianças. Em alguma medida, seria possível admitir que o sujeito masculino dos currículos dos torcedores de futebol se produz na intersecção de diferentes categorias como gênero, sexualidade e geração, dentre outros.

Fiz uma discussão sobre currículo de masculinidade no item 3.2, onde mostrei de que formas o currículo pode ser entendido como percurso, além de destacar a seleção de conteúdos que envolvem a produção de um determinado currículo. Apontei, também, que na opção de dialogar com os torcedores, eles acabam me mostrando o seu *curriculum vitae* ao dizerem sobre como foram interpelados pelos conteúdos de torcer e de masculinidade nos estádios quando respondiam afirmativamente ao lugar de sujeito que nossa iteração os colocava. Ressaltei, por fim, que é possível entender que existe um dispositivo pedagógico dos estádios de futebol.

O item seguinte discutiu os conceitos de linguagem, sujeito e interpelação, para mostrar como entendia os torcedores que foram observados durante o trabalho de campo. Procurei problematizar o entendimento de que aquele que fala não fala sozinho.

O sujeito falante é também falado o que, em alguma medida, poderia ampliar ainda mais as discussões sobre um conteúdo restrito ao estádio de futebol e o circuito mais amplo da cultura.

Por fim, o capítulo se encerrou com a discussão sobre a produção do material empírico em que aponteí, desde o início, minhas implicações enquanto pesquisador neste contexto específico. Procurei discutir algumas relações que se estabeleceram no estádio, além de explicitar os modos de abordagem aos torcedores para a realização dos diálogos. Utilizei esse espaço também para apontar a análise cultural como procedimento analítico e discuti, brevemente, alguns conceitos sobre o uso da etnografia, além de contar algumas situações que me fizeram questionar algumas de minhas próprias escolhas.

No próximo capítulo, procurarei demonstrar como algumas manifestações até então naturalizadas nos estádios de futebol, como masculinidade, racismo e homofobia foram colocadas em questão e disputaram (e ainda disputam) legitimidade neste contexto cultural específico.

4 CONTEÚDOS SOB NOVO RELEVO: MASCULINIDADE, RACISMO E HOMOFOBIA ENTRE O LEGÍTIMO E O ILEGÍTIMO

A hipótese que sustentou este trabalho foi a de que as reformas das praças esportivas, catalisadas através da Copa do Mundo de 2014, seus novos estádios/arenas de futebol no Brasil permitiriam uma tensão sobre as discursividades existentes nas vivências masculinas dos torcedores de futebol de estádio, alterando, com isso, o que venho chamando de currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. Nos capítulos que seguem, a partir de dois episódios bastante vinculados à torcida do Grêmio (o ‘caso Aranha’ e certo ressurgimento da Coligay), pretendo problematizar como algumas dessas discursividades colocadas sob novo relevo atravessaram esse currículo de torcedores e de masculinidades. Tento apresentar algumas das condições de emergência de tais conteúdos e, também, apontar como os torcedores que frequentam a Arena do Grêmio significaram os mesmos.

O entendimento de que a mudança de estádio, especificamente no caso da torcida do Grêmio, produziria novas sensibilidades me seduziu por algum tempo. Todos os torcedores adultos que frequentam a Arena do Grêmio foram alfabetizados no torcer no estádio Olímpico. O estádio Olímpico teve data de encerramento de suas atividades, assim como a Arena possui data de inauguração. Esse corte temporal é bastante evidente, o que, em uma olhada mais rápida para os fenômenos torcedores, me autorizou, durante um tempo, a pensar que essa transição traria, em si, alguma mudança ou novidade, sem, necessariamente, dialogar com outros enunciados que circulavam e circulam no circuito da cultura.

Por outro lado, é um tanto mais difícil apontar com exatidão para uma determinada data que pudesse ser tomada como marca de um ‘antes e depois’ com relação ao comportamento dos torcedores de futebol nos estádios para além dessa mudança de endereço e de arquitetura. Em março de 2013, a FIFA criou uma força-tarefa para combater o racismo. Uma equipe composta por advogados, jornalistas, jogadores e outros propôs a criação de um guia de boas práticas para as federações⁹⁶, a criação de sistemas de monitoramento, a identificação de partidas de alto risco e a nomeação de embaixadores antidiscriminação⁹⁷. Em setembro de 2016, a federação

⁹⁶ Disponível em: http://resources.fifa.com/mm/Document/AFSocial/Anti-Racism/02/70/94/34/goodpracticeguide_Neutral.pdf. Acesso em 02/05/2017, às 17h30.

⁹⁷ Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/28/deportes/1475055785_480275.html. Acesso em 02/05/2017, às 17h29.

desfez a força-tarefa, mas alegou que seguiria preocupada com casos envolvendo racismo e discriminação. A entidade foi bastante criticada, especialmente em função da Copa do Mundo de 2018 que acontecerá na Rússia, país que tem estado envolvido em diversos casos de discriminação racial e sexual⁹⁸. No segundo semestre de 2015, a FIFA passou a punir confederações sul-americanas e a do México⁹⁹ por cânticos entendidos por ela como homofóbicos. Naquele momento, foram punidas, além da federação mexicana, as federações do Chile, Argentina, Peru e Uruguai¹⁰⁰. Durante a premiação dos melhores futebolistas de 2013, em janeiro de 2014, o então presidente da FIFA, Joseph Blatter informou que a federação ampliaria seu olhar contra ofensas de ordem sexual, conjuntamente com as de conteúdos religiosos e étnico/raciais, que até aquele momento já haviam implicado em sanções para clubes, torcedores e atletas¹⁰¹. Em alguma medida, tanto os olhares que denunciavam o preconceito de entidades não governamentais como o próprio reconhecimento da necessidade de enfrentamento a determinadas manifestações pela entidade máxima do esporte, nos permitem apontar que existe um entendimento de que o dito nas praças esportivas pode, sim, ser entendido como prática de violência.

Entre os torcedores, parecia existir certa discordância em relação a esse preceito adotado pela FIFA. Os torcedores disputam legitimidade no que é manifestado nos estádios. Essas disputas aparecem tanto nos gritos coletivos como nas falas individualizadas. Conversando com os torcedores, diferentes indivíduos reclamavam a proibição dos termos “macaco” e “macacada” para referir-se ao Internacional e a seus torcedores, alegando que se essa proibição fosse permanente, seria necessário que a expressão “gaúcho, veado” também fosse retirada dos estádios brasileiros. A discussão sobre o termo “veado” tende a aparecer apenas nesses momentos. Antes do duelo contra o Flamengo pelo Campeonato Brasileiro de 2016, em uma disputa de cânticos entre torcidas – a torcida de um time tenta cantar mais alto que a do outro, que se obriga a responder cantando ainda mais alto – uma das expressões escolhidas pelos torcedores do Grêmio foi justamente a de “carioca, veado” (DC 26). Algumas dessas reclamações

⁹⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/09/fifa-encerra-forca-tarefa-contra-racismo.html>. Acesso em 02/05/2017, às 17h34.

⁹⁹ Após essas punições, a Federación Mexicana de Fútbol começou uma campanha contra os gritos de “puto” dirigido aos goleiros adversários quando esses cobravam os tiros de meta. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/federacao-mexicana-inicia-campanha-para-erradicar-o-grito-de-puto-dos-jogos-da-selecao/>. Acesso em 09/05/2017, às 11h45.

¹⁰⁰ Ver nota 54.

¹⁰¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/01/1405125-fifa-cria-projeto-contra-a-homofobia-no-futebol.shtml>. Acesso em 02/05/2017, às 15h27.

podem ser entendidas dentro de uma lógica de confronto na qual uma vez tendo sido vítima de uma injúria, o indivíduo estaria autorizado a responder no mesmo nível.

É sempre possível dizer “Ah, sofri um tipo de violência e isso me dá permissão para agir de acordo com o signo da ‘autodefesa’”. Muitas atrocidades são cometidas sob o signo da “autodefesa”, que, justamente por obter uma justificativa moral permanente para a retaliação, não conhece um fim e não pode ter fim (BUTLER, 2015, p. 131).

Hernán acreditava que as manifestações nos estádios de futebol não deveriam ser entendidas como algo sério. Talvez, mais do que isso, ele acreditava que os efeitos do que se manifesta nos estádios são pequenos: *“ninguém leva ou se leva são pouquíssimas pessoas que levam isso para vida pessoal. Quem hoje não tem um amigo negro ou um amigo gay. No século que a gente vive não cabe mais, se tu não gostas, tu vais ter que aprender a conviver com isso”* (DC 7). Ele incluiu minorias étnicas e sexuais em uma mesma definição, apontando que *“não envolvendo a ti, não fazendo mal para ti, não tem porque tu teres algum tipo de preconceito ou discriminar alguma pessoa ou julgá-la ou excluí-la”* (DC 7). Hernán apresentava uma fala bastante atravessada por uma lógica de in/exclusão em que, apesar de marcar um lugar de aceitação, também aparecia uma clara distinção entre nós e eles. O torcedor concluiu dizendo que esses indivíduos *“são pessoas como qualquer outra com opções diferentes da gente, que tem o mesmo direito de frequentar os mesmos lugares, fazer a mesma coisa que nós”* (DC 7). Matheus apontou que episódios como esses que ocorrem nos estádios de futebol estariam vinculados à ludicidade: *“se tu fores analisar, a gente tem amigo com cor negra, preto e a gente chama de preto, a gente chama de um monte de coisa, brinca e coisa e tal. Tem que saber relevar”* (DC 12). Ele sugeriu certa hierarquização que colocaria episódios dessa natureza com menor importância: *“a gente tem problemas sociais hoje muito mais graves do que chamar uma pessoa de preto. É crime, é injúria racial, é racismo, é errado, mas a gente tem outras situações para evoluir antes disso”* (DC 12). Deivson acreditava que *“está ficando uma coisa mais chata, todo mundo querendo proibir qualquer tipo de coisa”* (DC 19). Ele entendia que *“a maioria dos cânticos não é para ofender objetivamente por ser racista, é uma provocação à torcida”* (DC 19). Deivson reforçava que esse tipo de *“provocação acontece em qualquer estádio, é uma coisa que gera o clima do estádio”* (DC 19). Sobre a proibição de cânticos específicos, no caso da Arena do Grêmio especialmente os que contêm o termo “macaco”, Renato disse que esta não é uma interdição originada entre o conjunto de torcedores: *“é complicado porque isso é uma coisa que vem de fora. De fora para dentro da torcida”* (DC 31). Ele acreditava que *“o racismo, para mim, te engloba a*

ponto de tu querer diminuir a pessoa, uma coisa específica, querer restringir, realmente rebaixar a pessoa e eu acho que não era essa a intenção, era uma coisa de torcida” (DC 31). Renato utilizou outra manifestação que tem acontecido, especialmente após a Copa do Mundo de 2014, em diversos estádios brasileiros para sustentar sua argumentação: *“o goleiro vai dar o balão e os caras chamam ele de puto que se tu fores entrar no cântico racista isso aí é homofobia. Tu não podes separar uma coisa da outra e para os caras isso não é homofobia e o cântico da torcida do macaco é racismo*” (DC 31). Renato acabou utilizando certa permissividade para os cânticos homofóbicos para fazer uma associação com os termos lidos como racistas, em alguma medida, enquadrando ambos no que poderia ser chamado de violência simbólica ou verbal. Esses cânticos também podem ser naturalizados, fazendo com que nem mesmo possam ser entendidos como violentos.

A homofobia (...) apresenta-se mais renitente do que outras formas de preconceito e discriminação. De fato, se hoje são inadmissíveis as referências discriminatórias a negros, judeus e mulheres, ainda são toleradas, ou ao menos sobrelevadas, as manifestações homofóbicas (RIOS, 2009, p. 68).

Renato reforçou entender *“o futebol como uma terapia. Eu venho aqui, xingo o juiz, xingo o adversário como uma forma até de dar uma extravasada do que acontece durante a semana*” (DC 31). Apesar dessas ponderações, ele sabe que esses significados estão em disputas: *“é complicado, eu entendo que tenha gente que se ache ofendida em relação a isso*” (DC 31).

Sobre o posicionamento dos indivíduos em relação a eventuais violências dirigidas a outrem, Susan Sontag entende que *“parece normal para as pessoas esquivarem-se de pensar sobre as provações dos outros, mesmo quando os outros são pessoas com quem seria fácil identificar-se”* (2003, p. 83). Me parece pertinente discutir alguns entendimentos de violência que me permitem dialogar com as manifestações dos torcedores de futebol, especialmente nos estádios. Acredito que as tensões entre legítimo e não legítimo, violento ou não violento acabam ampliando o entendimento sobre a emergência das interdições que tem acontecido neste momento específico, *“lo que se define por violencia es el resultado de una disputa por los sentidos de las prácticas”* (GARRIGA ZUCAL, 2015, p. 10).

A violência é um dos temas mais presentes nas discussões sobre o futebol. Com forte expressão na mídia especializada, rende intermináveis debates, especialmente, nas discussões que envolvem as torcidas, com maior constância quando se tratam das torcidas organizadas. Práticas corporais dos atletas poderão ser chamadas de violentas

ou serem entendidas como parte inerente das partidas. Durante as partidas, a utilização da força para vencer uma jogada poderá ser utilizada como registro legítimo. Uma falta praticada poderá gerar uma série de discussões sobre se essa jogada é legal ou não, se o árbitro deveria punir os envolvidos com cartão amarelo ou vermelho... Revidar ou não a uma agressão também é uma atitude valorada de forma distinta em situações diferentes. O que alguns poderão chamar de violência, outros poderão ler como parte do jogo. O escritor Lourenço Cazarré ilustra duas expectativas, quase controversas, sobre as masculinidades e as possibilidades de violência no conto *Meia encarnada, dura de sangue*. A primeira é a quem se dirigia “originalmente” o “tal jogo de bolas”: “aquilo era um esporte para homens, porque os juízes só marcavam falta se o agredido sangrasse, e só expulsavam o agressor quando o outro ficava estirado sobre o barro, desmaiado” (2001, p. 43). A segunda tratava da necessidade do controle das emoções. “Nada pior pro time da gente do que os jogadores de cabeça quente, a gente grita que quer sangue – mata este filho da puta! – e ele parte pro pau” (Ibidem, p. 44).

Em pesquisa anterior (BANDEIRA, 2009), pude observar que para os atletas parece estar na ordem do impensável recusar um ‘desafio’ para um confronto físico. ‘Encarar’ o adversário é entendido como positivo na lógica de torcedores e de mediadores especializados. Segundo Huizinga (1993), os jogos podem ser entendidos como suspensão temporária da vida comum. Esse espaço de experimentação permitiria alguns deslocamentos, especialmente aos entendimentos de seriedade que produzem as ações do cotidiano. O ambiente do jogo, porém, nunca é fixo e seguro, a “vida cotidiana” sempre pode reafirmar sua proeminência devido a uma quebra de regras ou a um desencanto (Ibidem). Oras o estádio e o jogo serão vistos como o local onde manifestações específicas de agressividade e de enfrentamento são permitidas, adequadas e saudáveis, oras serão vistos como local de treinamento para violências que, depois, poderão atingir outros ambientes.

Casos como o que envolveu o goleiro Aranha podem ser lidos como fazendo parte do jogo, nesse tempo diferente da vida cotidiana como entendido por Huizinga. Neste caso, as ofensas poderiam ser lidas como fazendo parte do contexto dos enfrentamentos. Hernán acreditava que os jogos possuem componentes específicos e poderiam ser entendidos como “*um caso à parte, na adrenalina do jogo muita gente fala besteira, muita gente fala coisa que não deveria falar, mas eu acho que tu estás no estádio, tu tens liberdade para falar algumas coisas, tu ficas com raiva, assim como tu ficas feliz com algumas coisas*” (DC 7). Gabriel lembrou que “*vai da pessoa que falou e*

que, daqui a pouco, nem ela é racista, mas falou no calor do momento, no calor do jogo” (DC 9). Ramiro, amigo de Gabriel, entendeu que “aconteceu porque estava no meio da torcida” (DC 9). Cristian entendia que ali “foi um momento ruim da guria que se expressou mal porque na hora da empolgação tu falas qualquer abobrinha, qualquer besteira” (DC 10). Ele apostava que não era intenção da garota flagrada por uma câmera de televisão machucar ou incitar o racismo e ofender o goleiro por ser negro, “foi na hora da empolgação” (DC 10). Roger Raupp Rios lembra que “independentemente da intenção, a discriminação é um fenômeno que lesiona direitos humanos de modo objetivo” (2009, p. 76). Rolando entendia que ela poderia ter dito muitas coisas: “ela falou aquilo ali porque o Grêmio estava perdendo em casa e o cara estava fazendo cera. Se fosse um alemão, ah seu gringo, com certeza ela iria xingá-lo de alguma forma. Ela tentou xingá-lo de uma forma que o ofendesse, não iria chamar de feio, seu babaca” (DC 11). Everaldo entendeu que “a menina chamou o cara de macaco nas pilhas da torcida. Eu levo em consideração que ela estava nas pilhas da torcida e gritou e sem querer ofender” (DC 12). Ele acreditava que a manifestação, individualizada na figura da torcedora Patrícia Moreira, está dentro de um contexto mais amplo dos diversos xingamentos que aparecem nos estádios de futebol: “tu podes chamar o cara de macaco da mesma forma que tu chamas o outro de filho da puta ou de alguma coisa assim, mas tu sais do estádio e acabou, isso não existe mais. É aquele momento do jogo, a torcida pegando no pé” (DC 12). Adilson acreditava que “alguns assuntos viram meio moda e a gente começa a bater tanto naquilo e acaba que a gente mesmo cria ou uma homofobia ou um racismo” (DC 24). Ele tomou o ‘caso Aranha’ como um episódio “ridículo porque a gente acabou, o Grêmio sendo punido, não é porque eu sou gremista, mas foi punido por uma situação que é corriqueira nos estádios” (DC 24). Ele citou a rivalidade Gre-Nal, mesmo concordando que “o adjetivo não é dos melhores, mas sempre aconteceu e os próprios coirmãos usam a máscara e tudo, então eu acho que às vezes a gente banaliza uns assuntos e a mídia foca naquilo para fazer, para vender” (DC 24). Adilson não negou o racismo: “claro que a gente sabe que existe, mas eu acho que a gente não pode pegar um caso isolado e, de repente, o Grêmio fica um clube manchado por uma situação que foi isolada” (DC 24). Ele acreditava que os xingamentos aconteceram em um momento “de loucura, de estar acostumado, de calor do jogo. A gente pegou uma pessoa, focou em uma pessoa e destruiu a vida daquela pessoa” (DC 24). Ozéia contextualizou a situação da partida para pensar o ‘caso Aranha’: “o que aconteceu ali: tinha um cara fazendo cera,

prejudicando o teu clube do coração, te enchendo o saco e umas pessoas começaram a xingar” (DC 28). Ele acreditava que a ofensa surgiu em um contexto de enfrentamento. Segundo Ozéia, *“em qualquer briga que as pessoas têm, o que tu queres é ofender o máximo que tu podes aquela pessoa. Então qual é o xingamento que o negro vai se sentir mais ofendido, chamar ele de macaco, óbvio”* (DC 28). Para Ozéia, a intenção de ofender o goleiro era bastante clara: *“eu tenho certeza que a pessoa falou porque queria xingar o cara, queria descontar o que ele estava fazendo com o clube dele, da forma que ele estava fazendo”* (DC 28). É interessante que essa argumentação aponta, em alguma medida, que o ‘alvo’ da ofensa poderia ser portador de algo passível de ser utilizado de maneira depreciativa. Maurício, amigo de Ozéia, afirmou que o coletivo ‘a torcida’ ofendeu o goleiro: *“não foi uma pessoa, foi infelicidade da guria, eu acho que muitas pessoas chamaram sim, eu acho que foi uma infelicidade, foi na emoção. Uma emoção que deve sim, com certeza ser controlada, deve ser sim, banida do futebol”* (DC 28). Para Patrício, o ocorrido no ‘caso Aranha’ *“foi mais uma coisa do calor do momento. O Aranha vinha no decorrer do jogo fazendo muita cera, o Grêmio estava perdendo o jogo, então foi no calor do momento”* (DC 33).

O repetido “calor do momento” ou o tempo de jogo como algo diferenciado que autorizaria práticas das mais diversas pode ser visualizado em diferentes dimensões no campo futebolístico. Pablo Alabarces ilustra uma situação envolvendo o defensor argentino Leandro Desábato e o atacante brasileiro Grafite,

(...) en 2005, el entonces defensor de Quilmes y luego de Estudiantes Leandro Desábato pasó unas horas detenido en San Pablo, Brasil, tras ser acusado por el jugador brasileño Grafite -a su vez, un apodo local que remite al color de su piel- de llamarlo “negro de mierda” y “macaquito”, entre otras linduras. La cuestión no era si el delito fue real o no -incluso, parece que no lo fue-; lo complicado fueron las sucesivas defensas esgrimidas por la casi totalidad de la cultura futbolística argentina, entre dirigentes, periodistas y jugadores, a los que la cuestión les parecía apenas un chiste que debía quedar dentro de la cancha. Por eso, cuando Rolando Schiavi hizo lo mismo con un jugador jujeño o el árbitro Saúl Laverni trató de bolivianos los jugadores de Gimnasia y Esgrima de Jujuy, los casos no pasaron de una nota de color... negro (ALABARCES, 2014, p. 40).

Se dentro do campo de jogo e nas manifestações verbais advindas das arquibancadas ou cadeiras, a violência pode ser flexibilizada ou interpretada, fora das quatro linhas a discussão parece seguir uma lógica bastante menos flexível quando se pensa em confrontos físicos realizados por torcedores. José Garriga Zucal afirma que a justiça, a polícia e os meios de comunicação, *“(...) conciben a las hinchadas como principales – a veces únicos – responsables de la violencia en el fútbol, escamoteando las prácticas violentas de otros actores de este universo”* (2013, p. 172). Esses sujeitos

são logo (des)qualificados como marginais, bandidos, violentos ou falsos torcedores. Para esses, a punição exemplar seria a solução.

Este ejercicio de señalar a la violencia y a sus practicantes como elementos anómalos al espectáculo futbolístico genera una doble representación de la violencia y de sus actores. Por un lado, individualiza como “violentos” a un pequeño y exclusivo grupo de sujetos, centralizando la mirada sobre una sola manifestación de la violencia y obviando otras. Por el otro, establece una concepción de los sujetos practicantes de acciones violentas como “irracionales” (ALABARCES; GARRIGA ZUCAL; MOREIRA, 2008, p. 114).

O próprio poder público designa um número importante de policiais militares para os espetáculos esportivos nos estádios. A presença bastante equipada (cassetetes, bombas de efeito moral, balas de borracha, cavalos e cães) dos policiais produz um cenário belicoso, onde os confrontos físicos parecem estar sempre ‘potencialmente’ presentes (TOLEDO, 1996). No contexto futebolístico, essa violência precisa ser sempre enfrentada. Pensar, porém, que ela é exógena ao esporte pode ser um tanto apressado e equivocado. A própria estrutura do jogo como ritual disjuntivo possui um aspecto agonístico. Arlei Damo e Ruben Oliven acreditam que “toda sociedade do tipo agonística ou toda atividade dessa natureza corre um alto risco de ver as hostilidades protocolares descambarem para a violência descontrolada” (2014, p. 3). A masculinidade que serve para justificar algumas formas de enfrentamento entre atletas é rechaçada como modo de justificativa para as ações dos torcedores, ao menos no jornalismo esportivo e no senso comum.

A violência, como qualquer outro conceito que tem seu significado produzido na cultura, não é um conceito essencial, fixo ou estável, mas, “aquilo que se entende, se nomeia, se pratica e se sofre como violência muda ao longo do tempo, e também no mesmo tempo, nas diferentes sociedades e nos grupos culturais” (MEYER, 2009, p. 214). Algumas manifestações violentas poderão ser adjetivadas de monstruosas, hediondas, terríveis. Outras poderão ser entendidas como legítimas e desejáveis, sendo naturalizadas em um determinado contexto e entendidas como não violentas. É produtivo pensar que essas classificações e adjetivações não são um ‘reflexo’ das ações, mas são constitutivas do entendimento possível que acabam por produzir algumas ações como violentas e outras como não violentas. É possível pensar que a violência no esporte, tal qual gênero e sexualidade, seja performativamente construída na tensão entre legitimidade e ilegitimidade.

Algumas das manifestações de violência que aparecem nos estádios de futebol podem ser entendidas como características importantes e desejáveis em certas

representações de masculinidades. Na Argentina, Pablo Alabarces (2012) trabalha com o conceito de *aguante* para se referir ao ‘título’ de desejo dos homens torcedores. Ter ou não ter *aguante*¹⁰² classifica as masculinidades torcedoras como mais ou menos desejáveis e coloca a violência como um imperativo, especialmente para os sujeitos que integram as *hinchadas*, como termo nativo, ou as *barras bravas*, termo pejorativo utilizado especialmente pela imprensa esportiva. “No es necesario que los hinchas estén en un estado de guerra permanente, pero se espera que sean capaces de aceptar los duelos que se les presentan” (MOREIRA, 2013, p. 203). Esses grupos de torcedores seriam o similar às torcidas organizadas no Brasil. Alabarces faz uma ressalva muito importante ao lembrar que não são apenas os grupos mais propensos aos enfrentamentos que valorizam o aguante, “hinchadas/no-barras y (...) espectadores pacíficos, (...) eufóricamente cantan ‘esta es la hinchada que tiene más aguante’, orgullosos de su pertenencia a un colectivo masculino, macho y agresivo. Se la banca porque tiene aguante...” (2012, p. 71).

A divisão generificada no futebol é entendida por Pablo Alabarces (2012) como polar. Ele identifica que a separação dos sujeitos se marca pela lógica “macho” e “não macho”. Acredita, ainda, que não são as mulheres que contam como “não machos” nessa ordem simbólica, mas aqueles homens não adultos, “hijos nuestros”, ou os homossexuais, que no contexto argentino são quase sempre traduzidos por “putos”. “Los simpatizantes no deben diferenciarse de la mujer sino del hombre no poseedor de atributos que hacen al ‘macho’” (GARRIGA ZUCAL, 2005a, p. 49). Há um importante corte de classe dentro das masculinidades torcedoras, especialmente se pensarmos nas representações sobre elas. É possível imaginar que dada a importância que o futebol ocupou em diferentes mercados transnacionais que ele atinge, em diferentes graus, todas as classes sociais. A resistência dos sujeitos que poderiam “aguentar” ou “*aguantar*” a dor e as dificuldades se associaria com esse imaginário social vinculado aos integrantes das classes populares em função do trabalho pesado e da experiência de lutas que produziria um corpo capaz de suportar o trabalho braçal e a violência cotidiana (ALABARCES, 2012). O que me permite interpretar é que existe uma associação, especialmente ligada à masculinidade com certa estética representada como popular. Essa representação funciona como marca distintiva deste espaço. Sírío Possenti (2013)

¹⁰² Além da violência, uma segunda modalidade do conceito de aguante também hierarquiza os sujeitos torcedores em função do alento, do apoio moral para a equipe, do compromisso e da fidelidade (MOREIRA, 2005a).

aponta que se entende o popular como mais direto, um tanto mais realista, uma vez que suas aprendizagens viriam mais da “vida” que dos livros. Dentro dessa lógica, o mundo do “povo” seria mais verdadeiro porque sem retoques. A representação de masculinidade que possui maior legitimidade dentro dos diferentes grupos de torcedores parece estar vinculada a uma associação com o popular, entendendo este como mais bruto, grosseiro ou menos refinado, em uma visão bastante enviesada por uma lógica preconceituosa, dominante nas classes médias. Em alguma medida, seria possível visualizar certa disputa estética entre essa representação do popular contra o maior refinamento de uma suposta elite mais polida. “O grotesco é um gozo estético e também político, escreveu Bakhtin, pois sendo a fórmula por excelência de expressão da inconformidade e da irreverência das classes baixas, usa o riso como um protesto” (DAMO; OLIVEN, 2013, p. 44).

Se pensarmos que os estádios de futebol são um importante lugar em que se realizam construções de masculinidade, algumas violências serão permitidas, incentivadas e naturalizadas por serem vistas como um exercício saudável para expressão de modos de ser homem. Na representação de algumas figuras de fácil identificação masculina, como o guerreiro ou o soldado, a violência está frequentemente presente. Adjetivos bélicos também podem ser utilizados e positivados em outros contextos, como os comerciais em que alguém possua uma estratégia agressiva de vendas ou que acabe ‘exterminando’ a concorrência. A coletividade pode auxiliar ou incentivar as demonstrações violentas. “Homens sozinhos, sem outras pessoas para apoiá-los, nunca tiveram poder suficiente para usar da violência com sucesso” (ARENDR, 2009, p. 68). Para alguns, ser violento ali, no campo ou na torcida, durante aqueles 90 minutos, poderia ser algo positivo, pois extravasaria o que poderia causar problemas em outros locais, utilizando a ludicidade e a lógica de um espaço não ordinário para realizar um exercício mais permissivo em relação a diferentes manifestações. Para outros, ao contrário, as atitudes violentas produzidas nos campos de futebol tendem a reforçar esses comportamentos que serão transferidos para fora dos 90 minutos e do seu ‘local apropriado’, o estádio, e, com isso, poderiam gerar violência contra outras pessoas não diretamente envolvidas ou demarcadas por aquele contexto separado do cotidiano.

(...) no estádio de futebol, durante o momento de lazer, é permitido que haja a fruição dessas emoções, o que gera excitação, prazer, alívio e catarse. Atitudes como manifestações sexistas, homofóbicas e raciais, que seriam reprovadas pela dinâmica social fora do estádio, são relativizadas no seu interior (ABRAHÃO et al, 2014, p. S745-S746).

A popularização do futebol e a competitividade com que as disputas têm acontecido são utilizadas, em algumas interpretações, para justificar o ingresso da violência neste esporte. Sua possível origem, no caso brasileiro, poderia ser associada à alteração do perfil dos jogadores e dos torcedores de elite do início do século XX. A necessidade de vitórias e a alta competitividade não ficariam exclusivas ao campo de jogo, mas teriam rumado para as arquibancadas, fazendo com que o espaço do sujeito coletivo ‘torcida’ fosse entendido como arriscado ou perigoso. Existe uma associação um tanto conservadora que aponta que a ocorrência de eventos violentos, de diferentes ordens, seria maior em países pobres ou em crises econômicas, pois os jovens não teriam acesso a uma vida digna (REIS, 2005). Luiz Ribeiro rechaça esta associação. Segundo o autor, as “ações racistas e homofóbicas... recorrentes no futebol... não são questões de exclusão econômica, de pauperização. Na maioria das vezes os participantes desse tipo de discurso e prática violentos são brancos e originários das classes médias altas” (2007, p. 60). Outro argumento conservador aponta que mesmo os jovens das classes médias altas estariam sofrendo com a desestruturação da família e a torcida de futebol seria um local adequado para a identificação não atingida em outras esferas sociais (REIS, 2005).

Jornalistas esportivos e alguns pesquisadores acadêmicos demarcam uma hierarquização entre o que poderia ser entendido como violência “simbólica” de violência “real”. Heloísa Reis conceitua essa separação da seguinte maneira: “a violência real (...) é perceptível pelas agressões físicas de contato, enquanto a violência simbólica é visível pelas agressões verbais e/ou gestuais” (2005, p. 114). Sobre essas agressões “verbais e/ou gestuais” ela faz outras diferenciações:

A violência simbólica envolve apenas atitudes verbais e/ou gestuais, sendo que normalmente ela é emocionalmente satisfatória e agradável, produzindo até mesmo um efeito catártico no indivíduo. A violência afetiva é aquela em que os indivíduos se manifestam com o intuito de demonstrar seus sentimentos e de liberar a energia provocada pela tensão causada pela ansiedade da partida e pela expectativa do resultado. Ela é socialmente aceita e, nos estádios de futebol, pode ser observada a partir dos gestos e gritos realizados pelos torcedores e de algumas canções e hinos cantados por eles (Ibidem, p. 112).

Heloisa Reis não parece estar utilizando a expressão “violência simbólica” tal como Bourdieu a empregou em *A dominação masculina*.

Ao tomar “simbólico” em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. O que não é, obviamente, o caso. Ao se entender “simbólico” como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica

seria uma violência meramente “espiritual” e, indiscutivelmente, sem efeitos reais (BOURDIEU, 1999, p. 46).

Para Norbert Elias, essa divisão entre violências passou a fazer sentido a partir da constituição do estado moderno e do monopólio do uso legítimo da força. “Formas de violência não física que sempre existiram, mas que até então sempre estiveram misturadas ou fundidas com a força física são agora separadas destas últimas. Persistem, mas de forma modificada, nas sociedades mais pacificadas” (1993, p. 198). O mesmo Elias (1992) aponta que os esportes modernos estão envolvidos na tentativa constante entre manter certa tensão provocada pelos jogos e o controle da violência.

Entendo que a divisão entre violência “real” e “simbólica” apresenta o risco de deslegitimar as reivindicações contra uma violência que seria diferente da “real”. Essa divisão é bastante tênue, pois acredito ser muito difícil hierarquizar diferentes tipos de agressões, especialmente quando essas agressões são dirigidas a outrem. Dizer que um coletivo, como um ‘nós’, atores do espetáculo futebolístico, toleram essas manifestações soa quase leviano. “Nenhum ‘nós’ deveria ser aceito como algo fora de dúvida, quando se trata de olhar a dor dos outros” (SONTAG, 2003, p. 12). Podemos supor que essa distinção consegue produzir uma hierarquização entre diferentes populações, uma vez que a chamada “violência simbólica” é dirigida a grupos bastante específicos de sujeitos.

Gritos de “viado” são recorrentes nos estádios de futebol. Evidentemente, “viados” são, sempre, os jogadores e os torcedores do time adversário ou, muitas vezes, o bandeirinha ou o juiz que deixou de ver ou de apitar a falta ou o gol que favorece nosso time. A frequência desses gritos parece ter banalizado o insulto. Mas não resta dúvida de que a expressão é usada como insulto. Ela é dirigida ao “outro” que é diferente daquele que grita, ao outro que não é do “meu” time. A recorrência do uso da expressão não apaga sua história. Na verdade, a expressão funciona como insulto, porque ela é uma “citação”. Como demonstrou Derrida, para que um enunciado performativo seja bem-sucedido, quer dizer, para que ele “funcione” e produza o que está enunciando, deverá repetir algo que é reconhecível, ele deverá acionar um código, algo que “entendemos”. Essas expressões “funcionam” como insulto precisamente porque ecoam histórias de desprezo (LOURO, 2016, p. 272).

Parece-me que, em diversas narrativas sobre os confrontos entre torcedores, existe certa tolerância quando estes acontecem através dos cânticos e xingamentos. Mas, os confrontos físicos, explicitados e prometidos nos cânticos e xingamentos, são absolutamente rechaçados.

Apesar da potência que o conceito *bourdiano* de violência simbólica adquire, prefiro trabalhar com uma distinção diferente. Ao invés de separar (e automaticamente hierarquizar) as violências entre “real” e “simbólica”, utilizo os termos violência física e violência verbal, por acreditar que a hierarquia seja um tanto menor. As duas

manifestações são violentas. Elas apenas utilizam elementos diferentes em sua expressão.

Se aceitarmos o ponto de vista de que todo enunciado é ação, então chamar alguém de ‘crioulo’ ou de ‘bicha’ é fazer alguma coisa, isto é, insultá-lo; de modo que existe apenas uma diferença de grau (e não uma diferença de tipo) entre essa ofensa verbal e, por exemplo, bater em alguém ou jogar um tijolo na sua janela (SALIH, 2012, p. 141).

Como dito anteriormente, a violência não pode ser entendida fora de um contexto histórico e cultural. “O aspecto social da conceituação de violência refere-se a que, em um grupo social, alguns vão nomear como violência algo que outros poderão considerar como corriqueiro ou não violento, isso na dependência de fatores culturais” (SEFFNER, 2004a, p. 89). Nos estádios de futebol, alguns cânticos ou xingamentos endereçados aos adversários ou às torcidas de equipes rivais poderão ser chamados de violentos, enquanto outros não receberão a mesma adjetivação. Essa diferenciação não acontece apenas se examinarmos as manifestações dos torcedores em dimensão histórica, acontece também se fizermos este exame num corte apenas contemporâneo. Não há uma concordância definitiva acerca do que seja considerado violento ou não em termos de cânticos e xingamentos, e este é um terreno para sempre movediço, sujeito à ação de muitos atores. Por vezes, a violência que não inclui enfrentamentos corporais acaba sendo naturalizada, especialmente em contextos de multidões como os estádios de futebol. O legítimo e o ilegítimo, assim como a violência, são produzidos na cultura e seus diferentes significados são construídos em um terreno de lutas por significação.

Nos estádios, os sujeitos se inscrevem em uma comunidade afetiva e masculina. As masculinidades mais valorizadas nos estádios de futebol se associam a alguns atributos como a coragem e a virilidade, componentes comuns de representações de masculinidades heroicas e esportivas (BANDEIRA, 2009). Essa relação entre afetividade, coragem, virilidade e a presença de público primordialmente masculina, permite que as torcidas proporcionem que grupos de homens disputem valores masculinos. Uma das preocupações sobre os grupos masculinos e as torcidas de futebol é a potencialidade de socialização violenta existente. Essa preocupação ganha corpo e legitimidade quando pensamos que ela, a masculinidade dos torcedores, opera em uma lógica de socialização que aponta para características de virilidade, homofobia, sexismo, machismo, competitividade e outros. No Reino Unido, “os principais problemas de machismo e racismo estão na principal vertente da cultura do futebol, entre torcedores, treinadores e demais funcionários” (GIULIANOTTI, 2010, p. 188). Essas características

podem exigir que demonstrações violentas sejam utilizadas como marcador de inteligibilidade dos sujeitos.

Nas torcidas de futebol, esses comportamentos violentos ou agressivos podem acontecer entre diferentes grupos de homens heterossexuais (duas torcidas adversárias, por exemplo), mas também aparecem contra uma espécie de coletivo de ‘outros’ sujeitos, especialmente homens não heterossexuais. A preocupação em relação a essa socialização masculina aumenta quando essa aversão aos homossexuais é valorizada, sendo entendida como desejável nessa socialização. Se a violência física tende a ser praticada eventualmente, a violência verbal é uma constante nos espetáculos futebolísticos.

Essas formas de violência são vividas e pensadas em um contexto bastante específico. Os estádios de futebol e as torcidas podem ser lidos como instituições que possibilitam determinadas práticas e impossibilitam outras. No campo de disputa por significados, as manifestações verbais de heterossexismo e de racismo não possuem as mesmas permissividades e legitimidades. Essa relação, um tanto cristalizada entre masculinidade e a exigência de algumas manifestações violentas, permite diminuir, e muito, as possibilidades de se solicitar a homofobia como uma violência ou, mesmo, um problema nos estádios de futebol: “injúrias (...) que classificam o adversário como homossexual, ou fazem referência à passividade em relações sexuais, ocorrem rotineiramente nos estádios, sem que sejam levantadas discussões ou polêmicas quanto ao seu caráter homofóbico” (ANJOS, 2015, p. 13).

A homofobia não pode/deve ser pensada como uma atitude de ódio individual, em que um ou outro desajustado entenderia que um sujeito específico pode ser xingado ou agredido devido às suas práticas ou identidades sexuais: “tomar los actos de un individuo como punto de partida de un razonamiento moral significa precisamente clausurar la posibilidad de preguntar qué tipo de mundo les ‘da forma’ a tales sujetos” (BUTLER, 2009, p. 40). Alguns contextos, dentre os quais os estádios de futebol, estão muito imbricados com uma dramatização das masculinidades. Dramatizações essas que carregam um conteúdo heteronormativo e heterossexista que nos permitirão, inclusive, questionar se essas manifestações poderão ou não ser consideradas violentas.

Dada a preponderância da masculinidade nas práticas das torcidas de futebol, poderíamos imaginar que o protagonismo da sexualidade dentro das construções de gênero traria, naquilo que, de alguma maneira, poderíamos chamar de ‘nossa cultura’, a divisão e a hierarquização entre as sexualidades hetero e homossexual

‘automaticamente’? Tentando tornar o argumento um tanto mais claro. Em contextos em que é possível visualizar de forma bastante evidente um currículo de masculinidade, como nos estádios de futebol ou nos exércitos para pensarmos em outro exemplo, a sexualidade não pode ser deixada de lado ou considerada apenas mais um conteúdo. Poderíamos pensar em uma construção de gênero indissociável da sexualidade. Daniel Borrillo (2010) lembra que o xingamento “veado” está mais associado a certo “desrespeito” às normas “naturais” do gênero masculino do que às reais preferências sexuais do sujeito que foi alvo desse xingamento. Seria o caso de colocar em questão as possibilidades do conceito de homofobia nesses contextos?

A homofobia, o racismo, a xenofobia e o antissemitismo são manifestações arbitrárias que designam o outro como contrário, construindo uma diferença irreduzível que afasta determinados sujeitos do contexto dos humanos (BORRILLO, 2010). A dinâmica dos jogos de futebol e das torcidas, que coloca dois grupos arbitrariamente em polos opostos, permite catalisar manifestações que coloquem na diferença seu principal pressuposto. E é aqui que os valores culturais ordinários poderão solicitar seu ingresso no mundo extraordinário dos jogos, do lazer e do esporte. Faltando elementos que possam separar gremistas e colorados ‘naturalmente’, dentro do jogo é necessário que se acionem conteúdos ‘de fora’ do enfrentamento para essa separação, uma vez que “tripudiar o ‘outro’ é tão importante quanto cultivar a própria identidade. E para tripudiar é preciso, antes de mais nada, estar próximo, encaixado” (DAMO, 2002, p. 150). Nesse contexto, é necessário saber, inclusive, o que poderá ser considerado ofensivo. Enfrentamentos entre clubes de estados diferentes poderão utilizar os regionalismos para marcar essa diferença. Em 2014 acompanhei o Grêmio em uma partida no estádio *Nuevo Gasómetro*, do San Lorenzo, em Buenos Aires. Naquela ocasião, participamos de um duelo entre Argentina e Brasil e o marcador étnico foi o mais importante quando fomos chamados de ‘macacos’ pelos anfitriões. Em contextos em que as identidades são bastante próximas ou borradas, como em rivalidades locais como a de Grêmio e Internacional, parece que o critério sexualidade passaria a ser o mais relevante.

Esses critérios serão, indistintamente, utilizados de forma complementar. Mesmo que estejamos em um contexto de certas permissividades, e que seria um tanto apressado acreditar que o torcedor que se expressa de forma homofóbica, racista, xenófoba ou antissemita em um estádio de futebol mantenha essa postura nas demais práticas cotidianas, ignorar o conteúdo dessas manifestações ou tirá-las de seu contexto violento também parece equivocado.

(...) a linguagem, em sentido lato, é o meio privilegiado pelo qual atribuímos sentidos ao mundo e a nós mesmos e, por isso, está fortemente ligada à organização do social e da cultura. Isto nos leva a admitir em primeiro lugar, a contingência e a historicidade daquilo que se define como violência; em segundo lugar, a multiplicidade de outros sentidos que também se agregam ou derivam do termo e dos atos que ele nomeia; em terceiro lugar, que o que se define como violência é intrinsecamente dependente daquilo que, no mesmo tempo e contexto, se define como não-violência e, por último, que é preciso reconhecer a luta política, travada dentro e entre diferentes grupos sociais, quando se trata desta significação (e de outras significações) (MEYER, 2009, p. 216).

A própria presença desses conteúdos no espaço público já produz uma marca de desigualdade quando acaba definindo quais manifestações são possíveis e quais exhibições poderiam ser lidas como uma “atitude (...) provocadora, militante ou exibicionista” (BORRILLO, 2010, p. 113). No caso da homofobia, Daniel Borrillo (2010) destaca que esta seria a proteção contrária ao reconhecimento da identidade homossexual que faria desaparecer a hierarquia da ordem heterossexual. Além das injúrias e dos insultos, a homofobia está presente em textos de professores, especialistas e nos debates públicos. O autor salienta que o termo homofobia se refere tanto à dimensão pessoal, afetiva, manifestada pela rejeição, quanto à dimensão cultural que possuiria uma natureza cognitiva e não rejeitaria um indivíduo específico, mas uma coletividade de sujeitos, “em nossa sociedade, o desprezo pela pessoa homossexual não é apenas aceito como prática ‘normal’, ‘corriqueira’, ‘natural’, mas com frequência ensinado, aprovado e incentivado” (RIBEIRO; SOARES; FERNANDES, 2009, p. 195).

Ao mesmo tempo, essa construção desigual das sexualidades é uma maneira de exigir a presença da homossexualidade, indispensável para a manutenção da coesão da comunidade masculina hetero, pois, “o repúdio e a proibição são atividades altamente produtivas que, simultaneamente, produzem e contêm a homossexualidade” (SALIH, 2012, p. 173). Mesmo que em um lugar absolutamente marcado e (des)qualificado, a presença dos homossexuais nos estádios de futebol parece indispensável.

Sendo uma arena de construção de gênero, o esporte moderno, como a ampla maioria das esferas da cultura, coloca a masculinidade heterossexual como referência, ocupando o lugar da norma. O futebol profissional no Brasil é masculino. Somente os homens possuem calendário fixo, apenas as partidas disputadas por homens carregam grandes multidões, principalmente de homens, aos estádios. Mesmo que a participação das mulheres tenha aumentado significativamente nos últimos anos no país, podemos pensar que o ambiente dos estádios de futebol coloca muito mais valores do gênero masculino em disputa do que os do gênero feminino.

Na perspectiva teórica em que este trabalho se ancora ser homem ou masculino não é uma essência, mas uma performatividade¹⁰³ que diferencia os sujeitos de gênero. Sabe-se que não existem quaisquer características que possam ser tomadas como masculinas desde os primórdios até todo o sempre. “Os perigos a serem evitados por aquele que deseja transformar-se em ‘*verdadeiro homem*’, eventualmente num ‘*homem macho*’, não se apresentam num único momento da vida, mas estão presentes a todo instante, exigindo atenção constante” (SEFFNER, 2003, p. 132).

A masculinidade pode aparecer como um valor positivo dos jogadores de futebol. Além de habilidades do jogo, se exige que os atletas apresentem outras qualificações: “os atributos técnicos tornaram-se tão importantes quanto valores como coragem, destemor, ousadia, masculinidade, honra e assim por diante” (DAMO, 2002, p. 32). A masculinidade, nesse contexto, não seria a junção de características historicamente atribuídas ao masculino. Ela pode ser lida como mais um atributo. É importante ser corajoso *e* masculino, destemido *e* masculino, ousado *e* masculino, honrado *e* masculino. No futebol, a masculinidade é uma característica sempre importante e desejável para os jogadores. “Además de virtuosismo con la pelota, los hinchas exigían entrega, corazón, guapeza, virilidad y coraje” (FRYDEBERG, 2011, p. 233). Por analogia, me permito pensar que essa masculinidade também é positivada nas construções dos sujeitos torcedores. Os enfrentamentos em campo podem colocar a honra dos times e torcidas em questão. Verónica Moreira (2005a) sustenta que as ações violentas entre torcidas adversárias acabam colocando a honra como capital simbólico em disputa.

O futebol é uma importante instituição masculina. Ele é produzido por pressupostos de masculinidade, ao mesmo tempo em que participa da produção, da circulação e da hierarquização de diferentes possibilidades de masculinidades. Pelos aspectos de competição, de violência e de combate (considerados atributos de masculinidade), os esportes constituem-se como local privilegiado para a construção de masculinidades específicas (CECCHETTO, 2004). Nessa masculinidade específica, assim como nas demais construções, que me permito chamar de tradicionais, a virilidade aparece como um valor muito caro, hierarquizando os homens entre si: “virilidade, proezas e outros atributos másculos demarcam um dos maiores eixos

¹⁰³ Ao invés de entender a identidade como descrição, o conceito de performatividade a entende como um “tornar-se”. Um enunciado performativo faz acontecer. A partir de uma performance repetida, é possível ler o gênero como um ato, como uma re-experimentação de significados.

através do qual os homens se situam e classificam outros homens” (Ibidem, p. 79). Eduardo Archetti (2003) comenta que força, agressividade e estoicismo são recorrentes nas definições de masculinidades viris.

É bastante comum, na construção identitária de macho viril, utilizar como referência, como fronteira constantemente vigiada e que nunca deve ser ultrapassada, a construção do personagem antagônico, fazendo dele depositário do que de ruim poderia ser atribuído a determinado grupo identitário. O que eu sou depende do que eu não sou. Em investigação anterior, foi possível observar a rivalidade dos principais clubes de futebol de Porto Alegre, Grêmio e Internacional. No caso das torcidas da dupla Gre-Nal, a alteridade está posta na torcida adversária, carregando em suas representações um comportamento masculino inadequado (BANDEIRA, 2009).

Atributos de uma masculinidade hegemônica ou normativa, como a intensidade sexual, podem ser observados em diferentes cânticos das torcidas. Neles, as práticas sexuais são locais privilegiados nas hierarquizações entre homens. O cântico “*Atirei o pau no Inter (Grêmio)/ E mandei tomar no cu/ Macacada (Gremista) filha da puta/ Chupa rola e dá o cu/ Ei, Inter (Grêmio), vai tomar no cu/ Olê, Grêmio (Inter), olê Grêmio (Inter)*” é cantado tanto pela torcida do Internacional como pela torcida do Grêmio (BANDEIRA, 2009). Esse é um dos cânticos que consegue maior unidade nos dois estádios. O colorado ou o gremista representado como inferior é associado à prática da felação e à posição de penetrado em uma prática de sexo anal. Essas práticas sexuais cantadas apontam que apenas os sujeitos que ocupam a posição de passividade no ato homoerótico teriam sua masculinidade em ‘risco’. “Son ‘machos’ que afirman su masculinidad manteniendo relaciones homosexuales, es decir, simbólicas. Aunque sí, siempre activos. Los traseros propios quedan a salvo” (ALABARCES, 2012, p. 76). Práticas sexuais aparecem como mais perigosas que identidades sexuais na construção de uma masculinidade desejável nesse contexto. A participação como ativo em uma relação sexual, mesmo que com outro homem, parece não diminuir a virilidade ou a masculinidade dos sujeitos, ao contrário. Talvez, a polaridade na relação sexual esteja mais dirigida ao par ativo/passivo do que ao par hetero/homossexual.

Um dos desdobramentos do conceito de gênero, na perspectiva Pós-Estruturalista, aponta que as instituições sociais são atravessadas por pressupostos de masculinidade e feminilidade. Podemos pensar no esporte como uma dessas instituições de nossa cultura bastante atravessada por pressupostos e produção de significados relativos aos gêneros.

O esporte unificou um conjunto de valores como força, potência, velocidade, vigor físico, busca de limites, características valorizadas na sociedade e historicamente associadas à imagem da masculinidade (...), fazendo com que o comportamento esportivo seja definido como um papel do gênero masculino (DEVIDE, 2005, p. 42).

Do mesmo modo que os atletas, os demais envolvidos nos espetáculos esportivos também atuam na construção de modos adequados de performatividades de gênero, especialmente, do gênero masculino: “el hincha mostró desde principios del siglo XX una clara tendencia a devenir de espectador – o actor secundario – en protagonista – o primer actor, compitiendo con quienes estaban dentro de la cancha” (FRYDENBERG, 2011, p. 230). Dentro dos estádios, os torcedores utilizam os palavrões como moeda corrente. O palavrão possui diversas funções, podendo ser utilizado para agredir ou para demonstrar afetos. Os palavrões e os xingamentos podem acontecer entre torcedores de clubes distintos ou entre torcedores e qualquer outro agente do espetáculo como os árbitros, jogadores, policiais... “Um estádio de futebol, como ambiente produtor de linguagem, parece desconsiderar a lógica estabelecida pela cultura mais polida que, em alguns ambientes sociais, condena determinadas expressões na fala cotidiana” (SILVA, 2015, p. 10). O jogo de futebol possui alguns códigos particulares que permitem que diferentes ações executadas nesse local não sofram os mesmos interditos que sofrem em outros espaços do cotidiano.

A participação dos torcedores nos estádios é uma espécie de código entre esses sujeitos. Mesmo que não exista homogeneidade no torcer, algumas atitudes de inserção no espetáculo podem ser pensadas como uma espécie de condição de inteligibilidade dos torcedores. Dentro do processo de construção da identidade de uma determinada torcida, um dos critérios de inteligibilidade é a construção de seu personagem antagonico, o seu diferente, o rival. Diferença e identidade são produzidas dentro de um mesmo processo cultural. Nesse processo, ao construir e afirmar sua identidade, as torcidas criam, também, sua negação na figura do torcedor adversário. Os sujeitos que se inscrevem em torcidas diferentes podem apresentar características muito próximas nos demais aspectos da vida e dentro da própria atividade de torcer. A diferença de clube não é suficiente para dizer que os sujeitos não possuam um mesmo código ético e estético. Apesar dessa semelhança, o rival não é irrelevante, pois ele serve para destacar o limite e a fronteira da identidade de uma torcida.

No senso comum, é possível escutar alguns entendimentos que apontem para uma diferença essencial entre gremistas e colorados. Entretanto, me parece bastante mais produtivo pensar que esse suposto par binário seja construído de forma

relacional/complementar, tal qual o conceito de gênero. Essa construção acaba provocando e balizando boa parte das discussões, incluindo as acusações ao jornalismo esportivo de vincularem notícias favoráveis a uma das duas equipes. Essas relações são sempre cheias de tensões. Como a rivalidade é constitutiva nesse espaço, ser gremista significa não torcer por outros clubes, mas, especialmente, significa não ser colorado e, mais do que isso, manter certa aversão ao Internacional.

A partir dessa hipótese de uma constituição recíproca, gremistas e colorados não poderiam ser pensados de maneira separada. Willian tem um irmão colorado e acreditava que *“essa relação evoluiu muito nos últimos tempos. Eu acredito que a rivalidade já foi muito mais prejudicial ao esporte do que hoje. Eu acredito que a partir da torcida mista, o relacionamento com os colorados é excepcional”* (DC 6). Jean lembrou que ele tem muitos amigos colorados e que a relação melhorou muito, *“inclusive pelas conquistas do Inter, porque antes a gente menosprezava muito eles”* (DC 6). O comportamento dos torcedores pode ser naturalizado sem o atravessamento clubístico, entendendo que eles compartilhariam as mesmas representações e os mesmos repertórios, apenas torcendo para clubes/times diferentes. Por essa leitura, os torcedores de Grêmio e de Internacional não seriam opostos nem complementares, mas se constituiriam como idênticos. Eduardo, exemplificando a partir de seus amigos, disse não existir diferenças entre gremistas e colorados: *“meus amigos colorados que vão aos jogos agem da mesma forma e pensam igual do Grêmio. Incomodam tanto quanto nós incomodamos eles. Ultimamente eram mais eles do que nós, mas agora virou”* (DC 7).

Esses entendimentos acabam essencializando a postura dos torcedores. Questionados sobre como percebiam o comportamento dos torcedores na Arena em relação ao Olímpico, alguns sujeitos acabavam por naturalizar os comportamentos desses indivíduos. Nessa lógica, ações bem ou mal avaliadas também seriam responsabilidade de indivíduos com características determinadas. Apesar de recordar que no início ele acreditava que a Arena era “mais fria”, pois as pessoas não possuíam mais seu lugar no estádio, Marcelo naturalizou o comportamento torcedor, ao pontuar que *“quem fazia baderna lá, faz aqui também, assim como quem se comportava lá, se comporta aqui”* (DC 3). Ele seguiu afirmando que *“a torcida vai se comportar igual na Arena, no Olímpico, no Centenário, no Jaconi e naquele buraco do time do Inter, torcida é torcida e vai torcer em qualquer lugar”* (DC 3). Os amigos Ângelo e Guilherme reclamavam de certa falta de alma. Questionei-os se eles percebiam um comportamento diferenciado dos torcedores em relação à maneira como atuavam no

Olímpico em comparação à maneira com que atuam na Arena. Ângelo discordou. Segundo ele, *“todo mundo levanta igual, a galera canta igual, independentemente de onde vai ser, a galera canta igual, eu acho que não tem diferença nisso”* (DC 12). Insisti, então, para saber em que eles localizavam a reclamada ‘falta de alma’. Guilherme mencionou as pirotecnias: *“nos objetos que a polícia não deixa a torcida entrar, como os sinalizadores e as faixas, às vezes, agora eles estão deixando um pouco”* (DC 12). Ângelo reclamou da proibição do consumo de álcool: *“faz falta, que querendo ou não, a cerveja anima todo mundo”* (DC 12). Os amigos pareciam subjetivados por dois discursos, em alguma medida, contraditórios. Ao mesmo tempo em que reclamavam das diferenças relativas às possibilidades de atuação no estádio, reforçavam o caráter naturalizado dos torcedores. Conversei com dois torcedores que frequentam a Arquibancada Inferior Norte, setor sem cadeiras e ocupado, especialmente, pela *Geral* do Grêmio. Questionei se eles percebiam diferenças no comportamento da torcida do Olímpico para a Arena. Alexsander disse que era igual: *“o pessoal que era lá da social do Olímpico faz as mesmas merdas, faz aqui também, tudo igual, o pessoal da Geral não para de cantar como não parava lá. Só espalhou mais porque aqui tu tens o pessoal que está mais em cima, o pessoal que está mais embaixo”* (DC 31). Renato, amigo de Alexsander, acreditava que o comportamento tem maior relação com quem vem aos jogos: *“o pessoal que ia pra Geral é o pessoal que vem pra Geral aqui. Eu não gosto de classificar a torcida da Geral que faz isso ou a da Social que faz aquilo. Tem pessoas que fazem as coisas certas e erradas em todos os setores do estádio”* (DC 31).

Apesar desse entendimento dos torcedores, o comportamento dos mesmos nos estádios de futebol não é natural. Os indivíduos são inseridos em um currículo que apresenta uma série de narrativas e práticas que produzem as formas de expressão permitidas e mesmo as emoções adequadas nesse espaço cultural. As manifestações públicas das emoções de apoio ou de rechaço, como as que acontecem nas praças esportivas, não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos. Elas estão inseridas em um contexto pedagógico que limitará o número de ações possíveis para aqueles que pretendem identificar-se com determinados grupos identitários.

4.1 Manifestações naturalizadas nos estádios de futebol em questão

Se os estádios são gigantescas construções arquitetônicas que podem ser mensurados de diferentes maneiras, como área construída, capacidade de público, custo em milhões de dólares etc., a irrupção de discursividades que apontam para lados opostos do naturalizado nas praças esportivas é bastante menos identificável. Se os estádios de futebol possuem data de inauguração, a emergência de diferentes textos e seus deslocamentos dentro do circuito da cultura aparecem dentro de um conjunto de condições de possibilidade que parecem não possuir uma data fixa capaz de marcar o início desses processos.

Entretanto, parece ser possível apontar para a existência de uma série de questionamentos às práticas torcedoras que ocorrem em estádios durante esta década. Mesmo que desde o Relatório Taylor, de 1990, já fosse possível localizar “a introdução de novas leis que dessem conta de transgressões cometidas dentro dos estádios, incluindo aí canções racistas e o arremesso de objetos no campo de jogo” (HOLZMEISTER, 2005, p. 48) e o processo de modernização dos estádios no Brasil já pudesse ser visualizado desde a década de 1990, me parece que a realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, não apenas catalisou uma série de situações que já estavam ocorrendo, como colocou o torcedor e o torcer em questão.

Em 2013, diferentes grupos de torcedores tentaram colocar as manifestações dos torcedores nos estádios em questão, tensionando as representações de masculinidade hegemônicas na ‘cultura’ do futebol. As chamadas *torcidas queer* tentaram criticar, via redes sociais, as manifestações, entendidas, por elas, como homofóbicas e machistas dos estádios.

Tentando, em alguma medida, deslocar o lugar da presença homossexual nos estádios de futebol, ampliando o número de ações possíveis, torcedores de diversos clubes brasileiros iniciaram um movimento nas redes sociais defendendo, não somente, a tolerância de gênero, mas, principalmente, de identidades sexuais não heteronormativas¹⁰⁴ nos estádios de futebol no Brasil. O movimento foi iniciado na rede social *Facebook* por uma torcedora do Atlético Mineiro, que criou a *fanpage Galo Queer*. Após uma temporada no exterior, ela afirmou em uma reportagem ter ficado

¹⁰⁴ Essas *fanpages* possuem nomes bastante diversos nos sentidos das lógicas identitária e pós-identitárias. Não tenho o objetivo de discutir o que as torcidas estão entendendo por *queer* ou livre. Para os argumentos que trago nesta seção é importante pensar em todas essas torcidas unificadas contra a homofobia, o machismo e demais preconceitos contra diferentes identidades sexuais.

“muito incomodada com os gritos homofóbicos da torcida e o fato de parecerem mais importantes que o hino do clube¹⁰⁵”. “A homofobia é tratada com naturalidade nos estádios. Nós nos unimos para mudar essa visão’, diz a cientista social idealizadora da página¹⁰⁶”. Dentro desse campo de disputas por significados existiu uma percepção positiva em relação ao conteúdo publicado e ao aparecimento das demais torcidas¹⁰⁷. Ao mesmo tempo, porém, existiram algumas manifestações bastante agressivas, além de acusações de que o material teria sido criado por torcedores dos clubes rivais.

Durante o diálogo com os torcedores, na Arena, a rivalidade também foi apontada como um problema na hora de assumir com orgulho a presença da Coligay na história da torcida do Grêmio. Hernán disse que viu algumas reportagens sobre a torcida, especialmente a partir do lançamento do livro, e acredita que não existiria problema algum. Entretanto, ele lembrou da relação com a torcida do Internacional: “claro que tem aquela reação dos colorados, mas aí a gente entra com aquela historinha, não preconceituosa, mas para não deixar eles darem aquela alfinetada: os gremistas sabiam onde é que estava a Coligay e a torcida colorada estava tudo misturada” (DC 7). Sobre a Coligay, Maximiliano disse que “os colorados postavam uns videozinhos, mas que isso era normal, tudo que é lado tem” (DC 10). Aloísio afirmou que a principal fonte com que se poderia obter informações sobre a Coligay são os rivais: “se escuta muito é dos colorados quando é o momento de ‘arriação’ entre Grêmio e Inter como defesa, às vezes, deles no momento que a gente está, enfim, mas para mim não tem nenhum problema, eu não vejo preconceito nenhum contra isso” (DC 25).

Mais do que a criação de torcidas vinculadas à determinada identidade sexual, o objetivo das manifestações das *torcidas queer* era combater o preconceito nos estádios de futebol. Segundo os administradores dos perfis das torcidas gaúchas, “a ideia não é criar torcidas de homossexuais e, sim, promover o fim da intolerância à diversidade

¹⁰⁵ Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130521_torcidas_homofobia_pai_jf.shtml. Acesso em 11 de maio de 2015, às 13h27.

¹⁰⁶ Disponível em: <http://placar.abril.com.br/materia/porta-da-esperanca-selinho-de-sheik-reforca-a-homofobia-no-futebol>. Acesso em 11 de maio de 2015, às 13h29.

¹⁰⁷ Além da Galo Queer (Atlético Mineiro), existiram em algum momento no *Facebook* as torcidas Furacão – Sem Homofobia (Atético Paranaense), EC Bahia Livre (Esporte Clube Bahia), Coxa – Sem Homofobia (Coritiba), Cruzeiro Livre (Cruzeiro), Grêmio Queer (Grêmio), Queerlorado (Internacional), Timbu Queer (Clube Náutico Capibaribe), Palmeiras Livre (Palmeiras), Bambi Tricolor (São Paulo) e Vitória Livre (Vitória).

sexual¹⁰⁸”. Os integrantes desses grupos acabaram encontrando resistências e ameaças já nas redes sociais. “Os criadores e administradores dos espaços virtuais de Inter e Grêmio receberam ameaças de agressão de torcedores. Se fossem aos estádios, juravam os homofóbicos, seriam hostilizados¹⁰⁹”.

Além da homofobia, os torcedores e torcedoras acabaram aproveitando o espaço das redes sociais para reclamarem da violência dirigida às mulheres. “Uma das administradoras da página Grêmio Queer, a socióloga Kátia Azambuja, de 25 anos, enumera as agressões sofridas por mulheres que vão ao estádio: ‘Para ir ao banheiro, sempre rola uma passada de mão, um puxão no cabelo, alguém que fala uma gracinha’¹¹⁰”. O criador do grupo EC Bahia Livre reclamava da necessidade de cuidar de seu comportamento nos estádios. “Quero assistir aos jogos no estádio, quero participar, mas tenho que ficar como um agente duplo: ao mesmo tempo que estou ali, ninguém pode saber que sou gay¹¹¹”.

(...) todas as formas de preconceito ao homossexual são expressas em um campo de futebol. A imagem do homossexual é incongruente aos olhos dos espectadores que entendem o futebol como reduto da força física, como se a liberdade sexual estivesse ligada a ter ou não força, ter ou não virilidade (ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 314).

Durante os diálogos com os torcedores, questionei se eles acreditavam que seria viável, contemporaneamente, a existência de uma torcida homossexual nos estádios brasileiros. Uma das possibilidades de entendimento sobre essas torcidas é de que sua existência não seria necessária no atual contexto da sociedade brasileira e das experiências nos estádios de futebol. Marcos ressaltou acreditar que “*não deveria existir a necessidade de criar torcida exclusiva para gay porque a convivência deveria ser normal, não precisaria ter essa separação*” (DC 3). Marcelo, amigo de Marcos, reforçou que “*a sociedade já aceita muito melhor do que nas décadas de 1960, 1970 em que foi criada a Coligay, então hoje não precisaria mais desse ‘marketing’ termos uma torcida...*” (DC 3). Rafael manifestou-se de forma contrária à criação de uma torcida exclusivamente homossexual: “*é errado porque seria a mesma coisa que tu fazer uma torcida heterossexual ou tu teres uma torcida só de negros*” (DC 11). Jackson, amigo de Rafael, afirmou que a existência de uma torcida exclusiva ajudaria na criação de preconceitos: “*pode ter gay aonde quiser, não precisa ter um espaço destinado para*

¹⁰⁸ Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2013/04/torcedores-criam-paginas-no-facebook-para-pedir-respeito-a-diversidade-sexual-nas-arquibancadas-4113055.html>. Acesso em 12 de junho de 2013, às 9h36.

¹⁰⁹ Ver nota 108.

¹¹⁰ Ver nota 105.

¹¹¹ Ver nota 105.

isso” (DC 11). Rafael questionou *“por que motivo se faria uma torcida que fosse composta por pessoas que só tem um mesmo pensamento? Acho isso errado. Tu queres fazer uma torcida, por que precisa ser com identificação homossexual ou identificação heterossexual?”* (DC 11). Ele acreditava que a experiência da Coligay, no momento histórico de sua existência teria sido positiva: *“acho que naquele contexto foi importante, mas hoje eu acho que não faria sentido tu teres uma torcida específica de gays, assim como eu acho que seria ridículo uma torcida específica de heterossexuais”* (DC 11). Aqui, o torcedor faz uma clara vinculação entre uma torcida homo ou heterossexual com o somatório de indivíduos previamente identificados com essas identidades sexuais e ignorou a possibilidade desses espaços serem lidos como atravessados, constituídos e constituintes de práticas e narrativas sobre gênero e sexualidade, que extrapolam as vivências dos sujeitos individuais. Mesmo sendo favorável a essa participação de indivíduos não heterossexuais nas práticas torcedoras, Rafael acabou marcando uma distinção evidente na lógica entre ‘nós’ e ‘eles’ em sua aceitação: *“eu acho que se os gays quiserem vir assistir aqui com a gente ou ali na Geral, perfeito”* (DC 11). Seria o caso de perguntar, talvez, ao criador do EC Bahia Livre se ele acredita ser viável estar com os demais torcedores sem problemas. Deivson fez uma exigência de performance que autorizaria a participação de qualquer um no estádio, ao apontar que, se o torcedor *“fizer sua parte, torcer para o time, que é o principal motivo, que a gente quer ganhar título, então eu acho que essa questão de proibir ou não proibir ou ter essa chacota de ambas as torcidas eu acho bem válido porque o que importa para nós é o clube”* (DC 19). Mithyuê acreditava que a volta de uma torcida gay, em alguma medida organizada pelo clube, *“não seria legal da parte dele porque não precisa. Se somos todos iguais, não precisa fazer uma torcida só de negros, uma torcida só de gordo, uma torcida só de gay”* (DC 26). Ele reforçou que indivíduos homossexuais poderiam ser inseridos em outros agrupamentos: *“o cara que é gay não tem problema nenhum, vai na Geral, vai na Torcida Jovem, vai torcer o que quiser, vibra igual, torce igual”* (DC 26). Essa possibilidade de torcer igual acaba ignorando as históricas marcas das manifestações nos estádios. Com esse raciocínio, pareceria que a torcida não estaria atravessada por diferentes pressupostos normativos de gênero e de sexualidade. Observando as práticas dessa torcida, não adjetivada, é possível visualizar diferentes associações com uma masculinidade heterossexista.

Jornalista, militante e torcedor do Palmeiras, William de Lucca, entendia que o “estádio é um ambiente super homofóbico. Lá não se vê nenhuma manifestação de

diversidade afetiva¹¹²”. O torcedor e seu namorado, também palmeirense, foram aconselhados por amigos a não realizarem demonstrações de afeto dentro dos estádios. Ele acreditava que “o estádio de futebol é mais hostil do que a própria rua (...). A homofobia é muito mais explícita¹¹³”. “Apesar da sociedade em que vivemos já apresentar fortes padrões heteronormativos, as arenas esportivas destacam-se como espaço em que há maior permissividade para expressar tais construções de formas explícitas, ofensivas e agressivas” (ANJOS, 2015, p. 17).

Alguns torcedores ignoravam as experiências anteriores e apontavam para a impossibilidade de uma prática torcedora atravessada pela sexualidade não heteronormativa. Saimon ignorando, por exemplo, a existência da Coligay, entendia que “*não adianta, mesmo daqui cem anos nunca vai existir uma torcida gay em estádios de futebol*” (DC 3). Jackson afirmou com alguma reticência que “*por frequentar o estádio desde muito pequeno, existe uma resistência, porque não existia [torcida gay]. É algo que por mais que tenha escutado histórias...*” (DC 11). Sobre a relação da Coligay dentro da torcida do Grêmio, Rodrigo acreditava que a torcida “*morreu pelo preconceito e aí que foi ruim porque se ela morreu pelo preconceito ela não morreu pelo preconceito dos outros, foi pelo preconceito da nossa torcida, aí que é ruim*” (DC 14). Edilson disse conhecer brevemente a existência da torcida: “*lançaram um livro recentemente e sei que faz parte do passado do Grêmio. Se eu não me engano foi em meados dos [anos 19]70 que ocorreu, que teve uma torcida com membros gays no estádio de futebol e isso até hoje não é bem-vindo*” (DC 21). Ele entendia que individualmente os homossexuais não seriam excluídos do convívio da torcida, mas acreditava que o problema seria a existência de uma torcida gay: “*há um certo preconceito contra gays em estádio de futebol, talvez os torcedores digam que o cara pode ser gay, pode, mas ele não vai fazer um grupo de gays num estádio de futebol porque se não se dá a entender que a torcida inteira é gay*” (DC 21). Questionei se ele considerava inviável a presença de uma torcida gay no estádio contemporaneamente, no Grêmio ou em qualquer outro clube. Edilson respondeu que “*não tem como ir para o estádio e levar uma faixa porque os caras vão tomar um pau, vão quebrar os caras*” (DC 21). Sobre certa retomada da história da Coligay, Luciano afirmou que “*infelizmente, parece que a torcida do Grêmio foi a primeira a criar um livro a*

¹¹² Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/11/torcidas-gays-especial-mostra-o-tabu-das-arquibancadas>. Acesso em 13 de janeiro de 2014, às 16h38.

¹¹³ Ver nota 112.

respeito, mas isso não quer dizer nada, todos os times têm, tem jogadores que atuam que são, então nada contra” (DC 34).

Uma das dúvidas que existia junto ao surgimento das *torcidas queer* se dava em função da possibilidade da entrada delas nos estádios, ou de sua ampliação para além das redes sociais. Os diferentes grupos dessas torcidas foram “repelidos por organizadas. ‘Essa torcida não existe, chapa! Não significa nada para nós’, afirma um diretor da Independente sobre a página são-paulina [Bambi Tricolor]¹¹⁴”. O desejo de estar no estádio existia, mas ainda não havia uma previsão de quando isso aconteceria (enquanto escrevo esta tese, no primeiro semestre de 2017, o desejo de entrar no estádio ainda não havia se concretizado). “‘Há muita vontade de exibir mensagens afirmativas à causa LGBT no estádio, mas ainda não nos sentimos seguros’, diz Aline, mentora da Bambi Tricolor¹¹⁵”. Os torcedores da Palmeiras Livre informaram que sofriam ameaças diárias:

Os integrantes querem ocupar as arquibancadas, mas temem agressões físicas, já que as verbais ocorrem diariamente. “Dia sim e outro também nós recebemos ameaças”, conta a fotógrafa e analista de mídias sociais Thais Nozue, também integrante da Palmeiras Livre. “As pessoas vêm ameaçando, dizendo que estão mexendo com o time errado, que eles vão descobrir quem é, que não sei o quê¹¹⁶”.

É interessante verificar que as atitudes homofóbicas não são assim percebidas pelos torcedores que as praticam. Mesmo que entendam que um grupo homossexual poderia sofrer agressões dentro do estádio, os torcedores não visualizam manifestações violentas nos cânticos. Naturalizadas dentro do cenário futebolístico brasileiro, esses gritos não são noticiados, não parecem possuir valor notícia, não fogem do ordinário. Eles acabam, em alguma medida, recebendo a autorização dada pelo humor ou pelas jocosidades que acabam marcando os espaços de socialização torcedora.

Nos últimos tempos, tanto o humor quanto a literatura tentam fugir do controle do politicamente correto, justificando-se por certa concepção ou defesa de funções e práticas específicas que caracterizariam os campos literário e humorístico. Ou seja: com isso, contribuem para delimitar – ou para tentar delimitar – o espaço da literatura ou do humor, em relação, por exemplo, ao direito, ou à sociologia, à história e à política. Parece mais ou menos óbvio que uma coisa é uma piada racista ou machista e bem outra é uma lei machista ou racista (POSSENTI, 2013, p. 175).

Mesmo reconhecendo a importância de diferentes demandas das minorias sociais, sejam elas étnicas, ou, no debate sobre a Coligay, sexuais, os torcedores também reclamaram de certo policiamento sobre os dizeres nos estádios de futebol.

¹¹⁴ Ver nota 106.

¹¹⁵ Ver nota 106.

¹¹⁶ Ver nota 112.

Deivson afirmava que *“a homofobia é uma coisa que tem que ser combatida com certeza, eu concordo muito com isso, mas eu acho que está se tornando uma coisa muito chata. Qualquer coisa que tu fazes é motivo para virar um escândalo ou ser alguma coisa assim”* (DC 19). Ele acreditava que seria necessário certo pudor em algumas situações: *“dependendo, claro do que são os cânticos da torcida. Eu realmente não estou acompanhando tanto como são as novas músicas da Geral, mas eu acho que tem um certo limite, ultrapassando isso a gente tem que cancelar”* (DC 19). Deivson identificava, ao mesmo tempo, algum exagero nesse controle sobre as manifestações públicas que acontecem no estádio: *“é uma coisa que não pode ser tão restrita assim, uma ditadura impossibilitando qualquer tipo de cântico”* (DC 19). Bruno, amigo de Deivson, concordou: *“está havendo um exagero muito grande. Eu concordo que tem que combater essa questão da homofobia, do racismo e tudo o mais, mas acaba tendo um exagero muito grande”* (DC 19). O estádio é apontado como um local de manifestações específicas: *“é um lugar que tem um clima diferente, é um lugar que tem um combate diferente e não é por questão de ofensa, não é por questão de nada, é uma provocação sadia”* (DC 19). Bruno acreditava que o excesso de interdições poderia atrapalhar o contexto das partidas: *“é uma questão de exagero tu limitares demais alguma coisa, acaba cortando de certa forma, acaba prejudicando o espetáculo”* (DC 19). Algumas perguntas poderiam ser colocadas a partir daqui. Um jogo de futebol poderia ser menos espetacular abrindo mão do confronto verbal entre as torcidas? Fazer parte do espetáculo naturaliza a presença desse tipo de intervenção? Gastón acreditava que no passado existia um preconceito maior: *“existia com nordestino, existia com italiano, existia com judeu”* (DC 23). Ele pareceu reconhecer a existência do preconceito vinculada ao passado e reclama do que identificava como certa acusação de práticas preconceituosas contemporaneamente: *“então hoje em dia a gente tem que parar com essa frescura de que tu isso, tu és racista, porque tu isso, tu és homofóbico. Não, existe espaço para todo mundo”* (DC 23). Sobre as punições que a FIFA começou a sancionar a diferentes federações pelos gritos, considerados pela entidade como homofóbicos, Ozéia acreditava que *“no campo de futebol também é um exagero, fica um negócio meio chato. Eu acho que esses gritos de ‘ah, filho da puta’, xingamento vai ter. Futebol é futebol, não adianta, não é uma missa”* (DC 28). Ele reclamou do que entendia ser um excesso de proibições: *“não tem que proibir demais. Se começar a colocar muita barreira fica um troço meio chato, a sociedade já está um pouco assim, tudo é preconceito”* (DC 28). Maurício acreditava que os cânticos que aparecem nos

estádios estão relacionados com o que o conjunto mais amplo das pessoas entende como possível para esse espaço: “*se a sociedade acaba aceitando isso aí é um reflexo no campo. Eu acho errado ter isso em cantos*” (DC 28). Ao mesmo tempo ele acreditava que o xingamento é algo que pode ser considerado como próprio do ambiente do estádio, desde que não ofenda ninguém (DC 28).

Nos estádios, os cânticos com conteúdos sexuais são corriqueiros e naturalizados. Esses cânticos permitem visualizar os entendimentos que as torcidas possuem sobre masculinidade, sexualidade, futebol: “*los hinchas, a través de cânticos y prácticas hacen pública su concepción en los estádios de fútbol*” (GARRIGA ZUCAL, 2005b, p. 67). Algumas torcidas fazem uma série de restrições para o ingresso de novos integrantes. O diretor da Máfia Azul, maior torcida organizada do Cruzeiro, citou algumas das exigências aos novos associados: “*Não pode ter brinco, pulseirinha, gelzinho. É cabelo raspado, só*”¹¹⁷. O diretor da torcida também era contra a contratação de atletas homossexuais pelo clube. De forma bastante explícita, ele definia: “*O cara que dá a bunda pra outro homem não representa nossa torcida*”¹¹⁸. Dada a reiteração desses conteúdos, singularizar essas manifestações em torcedores individuais ou, mesmo, nas torcidas organizadas parece ser pouco produtivo.

Ex-dirigentes do São Paulo e do Corinthians acreditavam que o ambiente do futebol era bastante machista e que os clubes possuiriam pouca margem de ação. Marco Aurélio Cunha, ex-vice-presidente de futebol do São Paulo associava a homofobia com uma das vertentes de violência no futebol. Ele acreditava que os clubes evitavam enfrentar essas situações, especialmente as que envolvem torcedores organizados: “*Com medo de mexer em vespeiro, o clube fica oprimido, e o silêncio de todos é que cria a rede de novos conflitos que vão se dividindo em alvos específicos*”¹¹⁹. Antonio Roque Citadini, ex-vice-presidente do Corinthians, entendia que o ambiente futebolístico seria muito conservador, o que impossibilitaria os atletas de assumirem uma condição de sexualidade não normativa. Segundo ele, a “*igreja vai admitir (gays), o Exército, mas o futebol será o último*”¹²⁰.

¹¹⁷ Ver nota 106.

¹¹⁸ Ver nota 106.

¹¹⁹ Ver nota 105.

¹²⁰ Ver nota 105.

Em maio de 2014, foi criado o *Observatório da discriminação racial no futebol*¹²¹. A iniciativa pretendia monitorar e divulgar casos de racismo no futebol, além de promover diferentes espaços de diálogo entre diversos atores do espaço futebolístico, buscando formas de enfrentar esse preconceito. A partir da lógica do *Observatório*, os xingamentos de cunho étnico/raciais presentes nos estádios são, sim, entendidos como atos de violência.

Observando a mídia nacional e internacional, o *Observatório* criticava a lógica do Brasil ser entendido como o país da “democracia racial” e tentou catalogar a incidência de episódios de discriminação. Apoiados pelo *Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul* (SiAPERGS), foram lançados relatórios anuais sobre a discriminação racial, em 2014 e 2015. Os autores do levantamento afirmaram que os dados apresentados poderiam “ser apenas um indicativo de um problema, ainda, mais amplo, afinal, grande número de casos não são denunciados pelas vítimas ou pelos veículos de comunicação¹²²”. Eles também lamentaram que “a discriminação racial é vista como infração relativamente menor, no mundo desportivo, e, muitas vezes, é tratada sem a devida atenção ou completamente ignorada¹²³”.

Em parceria com a *Federação Gaúcha de Futebol* (FGF), o *Observatório* promoveu o *I Seminário sobre racismo no futebol: fato – causa – consequência*, no segundo semestre de 2014. Também foram feitas recomendações de um Plano de Ação Nacional, junto à CBF e demais federações regionais, aos clubes e às torcidas organizadas; a tentativa de conscientização para a realização de denúncias por parte de jogadores, árbitros e torcedores; a cobrança de medidas de enfrentamento à discriminação no futebol via Governo Federal, Ministério do Esporte e Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

No levantamento de 2014, o *Observatório* registrou vinte casos no Brasil, sendo dezenove praticados nos estádios contra dezessete atletas, um árbitro e um treinador. Quando da finalização do relatório, sete casos haviam sido punidos pelos tribunais locais, Tribunais de Justiça Desportiva (TJD), dois pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), dois casos ainda estavam com processo aberto, além de punições dadas em outros âmbitos como clube, empresa de comunicação e Justiça Criminal. Em

¹²¹ <http://observatorioracialfutebol.com.br/>

¹²² Disponível em: CARVALHO, Marcelo; SILVEIRA, Débora. *Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2014*, mimeo, 2015, p. 6.

¹²³ Disponível em: CARVALHO, Marcelo; SILVEIRA, Débora. *Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2014*, mimeo, 2015, p. 7.

quatro dos casos punidos pelos tribunais esportivos foram aplicadas multas pecuniárias, em um a perda de pontos, em três multas pecuniárias e perda de mandos de campo e em apenas um deles, o ‘caso Aranha’, ocorreram a perda de pontos e a multa pecuniária.

Para alguns torcedores, como Marcelo, “*o Grêmio e a menina [Patrícia Moreira] foram bode expiatório. É ridículo que passa pela mídia do resto do país, que é contra os ‘sulistas’*” (DC 3). Boa parte das justificativas vinculadas a esse entendimento apareciam sob a égide de que o racismo não seria exclusividade do Grêmio e existiria em todo o lugar. Alex acreditava que, se o rigor usado contra o Grêmio, “*contra a instituição e não contra quem proferiu o termo racista*” (DC 6), fosse tomado como parâmetro, seria necessário punir todos os clubes. Jean apontou que situações como a que ocorreu na Arena existem em todos os estádios e “*sempre existiu, mas o Grêmio acabou sendo aquele que precisava dar o exemplo. A CBF precisava de alguém para dar exemplo e acabou sendo o Grêmio*” (DC 6). Jackson lembrou que em diferentes estádios brasileiros, “*gaúcho é veado. Então todos os clubes do Brasil teriam que ter se ferrado nessa história e o Grêmio se ferrou. Não sei se tem política no meio disso, o que é, porque não faz sentido nenhum*” (DC 11). Jackson entendia que existiu, sim, um ato racista na Arena. Entretanto ele justificou que “*eu e todo mundo acaba usando como uma forma de reação no jogo de futebol que também é histórico, que no nosso caso de Grêmio e Inter, tenha o lance do Inter ser o macaco*” (DC 11). Ele reclamou que essas provocações são do futebol: “*se fosse existir isso que aconteceu com o Grêmio, deveria existir com todos os demais clubes em todas as situações. Todas as situações de veado, de negro, de branco, de qualquer situação. Eu fiquei louco, até hoje*” (DC 11). Rafael, amigo de Jackson, atribuiu esses questionamentos “*ao negócio politicamente correto*” (DC 11).

Em diálogo com Elisabeth Roudinesco, Jacques Derrida reclamou do local que certa ‘acusação’ ao “politicamente correto” aparece:

Mal alguém se ergue para denunciar um discurso ou uma prática, é acusado de pretender restabelecer um dogmatismo ou uma “correção política”. Este outro conformismo, ou contra-reformismo, me parece igualmente grave. Ele pode se tornar uma técnica fácil para calar todos aqueles que falam em nome de uma causa justa. Imagine a cena: alguém protesta contra esta ou aquela perversão (digamos, o racismo, o anti-semitismo, a corrupção política, a violência conjugal, sei lá, a delinquência ou o crime), e tem o dedo apontado para si: “Chega de politicamente correto!” (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 41).

Matheus disse que episódios envolvendo cânticos racistas ou injúrias raciais já teriam existido em outras oportunidades: “*já teve este ano atos em estádio de futebol no*

Brasil que também cometeram a mesma coisa e não houve a mesma penalização e repercussão como houve contra o Grêmio” (DC 12). Julián disse que episódios como o que aconteceu na partida entre o Grêmio e o clube paulista não se restringem aquela partida e ao clube gaúcho. *“Aconteceu com grandes times já, Corinthians, São Paulo, Palmeiras, o próprio Santos, o pessoal chamava, tinham filmagens e com eles não aconteceu nada. Conosco aqui o pessoal usou uma punição maior”* (DC 33).

Os torcedores não chegaram a negar a existência do episódio e seu caráter violento, mas questionaram a punição. O levantamento feito pelo *Observatório* me permite inferir que os torcedores reclamavam da dimensão da punição, uma vez que o Grêmio não foi o único clube punido, tendo sido, inclusive, punido em outro episódio somente com multa, o que não acarretou na mesma indignação. Além disso, certo ‘clubegrandecentrismo’ fez com que boa parte dos indivíduos ignorassem que no mesmo ano, no Rio Grande do Sul, o Clube Esportivo Bento Gonçalves também foi punido com perda de pontos, pelo ‘caso Márcio Chagas’, que acabou acarretando em seu rebaixamento no campeonato estadual.

No Relatório de 2015, o *Observatório* aponta que “precisamos educar os torcedores para que entendam que o futebol não é um microcosmo da sociedade, e por ser um ambiente imerso em paixão cega, vale todos os tipos de demonstrações de preconceito e ódio para desestabilizar o adversário¹²⁴”. O relatório de 2015 apresentou outras formas de preconceito e discriminação, além de não ter ficado restrito aos episódios que aconteceram no futebol, mas, também, em outras práticas esportivas. Foram monitorados trinta e sete episódios no futebol brasileiro, quatro em outros esportes no território nacional e nove envolvendo jogadores brasileiros de futebol atuando no exterior, por clubes nacionais ou estrangeiros. Foram observados incidentes raciais, homofóbicos e xenofóbicos. Dos trinta e cinco casos no futebol brasileiro envolvendo discriminação racial, dois casos foram julgados pelo STJD. Em um deles, o clube foi absolvido da acusação de racismo, enquanto no outro, o caso de racismo não chegou a ser julgado. Seis foram julgados por cortes locais, sendo que um clube foi punido por racismo, três absolvidos, um acusador foi punido por denúncia inverídica e um caso não foi julgado. Dezesete casos não originaram registros de ocorrência do fato na polícia.

¹²⁴ Disponível em: CARVALHO, Marcelo; SILVEIRA, Débora. *Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2015*, mimeo, 2016, p. 8.

O *Observatório* apontou um único episódio de homofobia nos estádios a partir dos gritos de ‘bicha’ da torcida do Palmeiras para o goleiro Rogério Ceni, do São Paulo, cada vez que este cobrava um tiro de meta. Essa metodologia de análise é bastante parecida com a utilizada pela FIFA na punição às federações, e, também, obedece à maioria dos casos apontados como envolvendo racismo nos estádios, em que é preciso identificar uma vítima em potencial. Gritos de ‘veado’ ou ‘macaco’ que não tenham um indivíduo específico como alvo, não são contabilizados pela entidade máxima do futebol, pelo *Observatório*, pelo jornalismo esportivo, por clubes ou federações.

Em 29 de agosto de 2014, em função do ocorrido com o goleiro Aranha na Arena do Grêmio, um grupo de torcedores criou a *fanpage Grêmio Antifascista* em apoio ao, então, goleiro do Santos. Além de posicionarem-se ao lado do jogador, eles exaltaram a postura do Grêmio no auxílio às autoridades e na exclusão dos sócios identificados de seu quadro social.

Após seu surgimento, a página passou a divulgar diferentes situações de preconceito que extrapolavam o futebol. Atitudes racistas dentro e fora dos estádios foram repudiadas. Apesar do vínculo com o Grêmio, ações de outras torcidas também foram exaltadas. A bandeira contra a elitização do futebol foi levantada em diferentes situações, muitas vezes reclamando do alto preço dos ingressos. O chamado ‘futebol moderno’ também foi alvo de críticas pela elitização das praças esportivas e, segundo o entendimento dos torcedores, por tentar transformar o público dos estádios em “espectadores ao modo britânico¹²⁵”.

O rival Internacional foi citado em diferentes ocasiões. Sempre existiu uma tentativa em diferenciar termos como rival e inimigo. Nos dias de Gre-Nal, a página sempre solicitava respeito aos torcedores colorados. Uma campanha do coletivo *Inter Feminista* contra o machismo nos estádios também foi saudada e divulgada. Antes do Gre-Nal pelo segundo turno do Campeonato Brasileiro de 2016, a página pediu que os torcedores não cantassem os termos “macaco”, “viado”, “bicha” e “gay”. Um torcedor colorado que realizou um protesto no Beira-Rio, dizendo não adiantar criticar os cânticos racistas na torcida do Grêmio e entender como normais os cânticos

¹²⁵ Disponível em:

<https://www.facebook.com/gremioantifascista/photos/a.1565649327027665.1073741828.1478007915791807/1601080963484501/?type=3&theater>. Acesso em 08/05/2017, às 11h48.

homofóbicos na torcida do Internacional, teve sua atitude reconhecida pelos administradores da *fanpage*.

Mesmo vinculados ao Grêmio, os torcedores não se furtaram de realizar denúncias contra grupos vinculados a práticas conservadoras e preconceituosas associadas ao nome do clube, como a *fanpage Grêmio FBPA Anti Antifa*. O jornalista gremista Peninha Bueno, do canal *Sportv*, foi criticado após fazer comentários pejorativos sobre o futebol nordestino. O lateral Edilson foi censurado por ter agredido o volante Rodrigo Dourado do Internacional, durante um Gre-Nal. Após o Gre-Nal do Campeonato Gaúcho de 2017, o Ministério Público abriu inquérito para investigar a ocorrência de uma suposta ofensa racial na torcida do Grêmio. Os administradores da página apoiaram as investigações e, em caso de comprovação, defendiam punições ao clube, reforçando a necessidade de que a torcida do Grêmio parasse de utilizar o termo “macaco”.

Em janeiro de 2016, o deputado federal, conservador e de extrema direita, Jair Bolsonaro, em visita ao Rio Grande do Sul, foi presenteado com uma camiseta do Grêmio, o que gerou uma série de reações nas redes sociais. Enquanto um pequeno número de colorados usou a imagem para reforçar representações que juntavam o Grêmio e sua torcida a um histórico de preconceitos, gremistas procuraram repudiar a ação, defendendo que a camiseta do Grêmio não deveria ser utilizada pelo político. A postagem da *fanpage* defendia que a camiseta do clube deveria ser utilizada por “negros, brancos, gays, lésbicas, transexuais, muçulmanos, judeus, ateus, cristãos, umbandistas...”¹²⁶. Vários apoiadores do deputado acabaram criticando a postagem, inclusive um torcedor do Internacional, que ignorava a existência da *fanpage Inter Antifascista* e que dizia ter orgulho de ser colorado por não ter uma torcida antifascista vinculada ao seu clube. Alguns gremistas criticavam a página pelo uso do nome do clube.

A Coligay também foi apresentada na *fanpage* como motivo de orgulho para os torcedores. O ex-presidente Hélio Dourado foi intitulado pelo coletivo como o primeiro antifascista da história do Grêmio, justamente por ter oficializado a presença da Coligay na torcida tricolor, e foi homenageado no dia de seu aniversário. Uma faixa levada à Arena em alusão aos 40 anos da Coligay foi bastante comemorada.

¹²⁶ Disponível em:

<https://www.facebook.com/gremioantifascista/photos/a.1565649327027665.1073741828.1478007915791807/1682440492015214/?type=3&theater>. Acesso em 09/05/2017, às 11h06.

Em diferentes ocasiões, os administradores da página e seus seguidores foram acusados de desconhecerem o significado do termo fascista, nos comentários de diferentes postagens, por aqueles contrários à iniciativa. A resposta sempre remeteu ao texto de apresentação da versão americana de *O Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari, escrito por Michel Foucault (1977), *Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista*, que afirma que o fascismo é o que nos faz desejar o poder, aquilo que nos domina e nos explora, além de afirmar que o fascismo estaria em todos nós. Foucault argumenta que para uma vida não-fascista são necessários alguns princípios, dentre os quais liberar a ação política de uma lógica unitária e totalizadora, aumentar o desejo pela proliferação ao invés da submissão e uma preferência pelos fluxos às unidades. Ele também entende que o grupo não deveria ser aquilo que unisse indivíduos de maneira hierarquizada, mas, sim, que conseguisse produzir estratégias de “desindividualização”.

Alguns dos princípios que Foucault sugere, em um olhar mais apressado, poderiam estar em dissonância com o que seria a prática torcedora. Mesmo que seja possível apontar para a multiplicidade de vivências torcedoras dentro de um mesmo clube, a norma do torcer nos impõe a escolha por um, e somente um, clube de nossa predileção. Outro dos dizeres dos torcedores é que esse vínculo precisaria estar separado do desempenho. Os torcedores poderão responsabilizar uma equipe que represente bem ou mal o clube escolhido como responsável por uma maior ou menor participação nos estádios. Entretanto, não parece viável uma troca de clube de predileção em função de resultados negativos. Estar em uma torcida pode, também, significar uma união de indivíduos hierarquizados. Com essas ressalvas não quero diminuir a relevância do esforço do grupo *Grêmio Antifascista* ou, ainda menos, tentar medir ou classificar se esse grupo é ou não é antifascista. Ao contrário, gostaria de ressaltar como nesse ambiente, bastante propício à unidade, à homogeneização e à tentativa, sempre parcial, de subjugar o outro, manifestações como essa parecem proveitosas.

Existem diferentes grupos de torcedores do Grêmio no *Facebook* e em outros espaços da internet. A escolha por este se deu por duas dimensões. A primeira pela proposição de discussões de temas que estão naturalizados nos estádios. O clubismo não é colocado como fonte de todas as explicações, autorizando esse coletivo a criticar atitudes do clube e de outros gremistas, ao mesmo tempo em que elogia adversários por posturas entendidas pelo grupo como mais adequadas. A segunda é sua proximidade com a *Tribuna 77*, coletivo de torcedores que frequenta as Cadeiras Superiores Norte da Arena do Grêmio.

A *Tribuna 77* também possui uma *fanpage* no Facebook, desde março de 2016. Para além disso, ela comparece à Arena com faixas que dialogam com as demandas existentes na *Grêmio Antifascista*. A página se intitula um *fanzine* digital que teria por função divulgar a “cultura de Grêmio”. A torcida possui algumas diretrizes, dentre as quais: “reiteramos nossa postura antifascista, ou seja, somos contra qualquer tipo de discriminação, seja ela racial, étnica, classe social ou de gênero sexual. Repudiamos a violência e suas manifestações¹²⁷”.

Dentre os ‘trapos’ levados à Arena, existe o símbolo da *Grêmio Antifascista*, faixas alusivas ao empoderamento das mulheres, apoio à ocupação das escolas pelos estudantes secundaristas, homenagens a personagens da história do Grêmio, como o ex-treinador Telê Santana e outros personagens históricos, como Muhammad Ali. Após o atentado terrorista na boate *Pulse*, em Orlando, nos Estados Unidos, em 2016, os integrantes abriram uma bandeira do arco-íris, em homenagem às vítimas do ataque homofóbico. Os torcedores também levaram um ‘trapo’ desejando força ao ex-presidente Fábio Koff, quando ele passou por uma internação hospitalar. Uma homenagem ao atacante Alcindo, principal goleador da história do Grêmio, foi realizada quando de seu falecimento. Integrantes do grupo também compareceram à Copa dos Refugiados, realizada na Arena do Grêmio. Em abril de 2017, o grupo levou um ‘trapo’ em homenagem aos quarenta anos da Coligay.

A *Tribuna 77* não é a única junção de um determinado grupo torcedores que ocorre na Arena do Grêmio. Eles não se constituem como uma torcida organizada, mas também não poderiam ser tomados como torcedores individuais. No setor Oeste do quarto anel, consigo visualizar ao menos mais dois agrupamentos. Um deles é o *Oeste Loko*, que fica bastante próximo de onde frequento as partidas. Durante o trabalho de campo, dialoguei com dois integrantes do grupo. Eles acompanham os jogos sempre no setor Oeste 401, com faixas, bandeiras e ‘trapos’. Rafael disse que “*a ideia surgiu, o nome foi uma brincadeira, quando da transição [entre os estádios], nós estávamos decidindo como seria para ver o jogo, cada um tinha que decidir*” (DC 11). Perguntei se esse grupo de amigos já assistia aos jogos juntos no Olímpico. Rafael confirmou, mas lembrou que eles tinham dificuldades “*porque lá não tinha setor, era toda uma função*” (DC 11). Jackson lembrou que era difícil se encontrar e “*às vezes, estava lotado e tinha*

¹²⁷ Disponível em:

<https://www.facebook.com/tribuna77/photos/a.1716479455294767.1073741828.1702300320046014/1729153400694039/?type=3&theater>. Acesso em 10/05/2017, às 16h41.

que ficar sinalizando e não se achava, às vezes, só se encontrava no meio do jogo ou não se achava” (DC 11). Rafael disse que eles tiveram a ideia de todos escolherem o mesmo setor para “sempre assistir junto para que a gente envelheça assistindo aos jogos juntos. Foi essa ideia de vir para o oeste e ficar todo mundo sempre aqui assistindo aos jogos, foi assim que surgiu e a gente começou a brincar” (DC 11). Perguntei se, pela utilização das faixas e de cantarem nos mesmos moldes que a *Geral*, eles tinham dificuldades com os ‘amarelinhos’, forma pejorativa como os torcedores do Grêmio se referiam ao pessoal do apoio na Arena. Rafael respondeu afirmativamente. Jackson confirmou: “com alguns, vários. Jogo grande sempre tem confusão porque não pode gritar, não pode se mexer muito forte, não pode falar palavrão” (DC 11). Jackson reforçou uma série de regramentos para as ações do conjunto de torcedores: “palavrão foi uma vez só que reclamaram e mandei longe, mas daí a bandeira não pode, só de tal tamanho, aí a torcida oponente pode botar do tamanho que quiser e a do Grêmio não pode botar¹²⁸” (DC 11). Ele reclamou desse preciosismo do regulamento. Rafael reforçou que “isso foi um sofrimento que se teve da mudança para cá” (DC 11). Jackson comentou que essa situação “passa pela mudança de cultura, a gente estava acostumado de uma forma” (DC 11). Perguntei sobre os vizinhos de cadeira e sobre se ninguém reclamou do comportamento do grupo ou pediu para que eles sentassem. Jackson disse que “nunca teve problema e, inclusive, fizemos amizades de ‘oi e tchau’ com uma galera que acaba sentando junto” (DC 11). Rafael disse que “tem gente que nem era daqui e começou a assistir com a gente” (DC 11). Jackson confirmou: “vieram porque ouviram um barulho a mais e vieram atrás do barulho” (DC 11).

Essas junções, tanto a da *Tribuna 77* quanto do *Oeste Loko*, de pequenos conjuntos de torcedores é diferente das práticas mais recorrentes em outros setores, nas torcidas organizadas maiores ou na lógica das multidões. Aqui, o agrupamento é feito pelo time/clube, mas também por fatores outros, como vínculos políticos ou de visão de mundo e afetivos. Seria possível apontar que esses pequenos grupos poderiam trabalhar com uma lógica ampliada de relações familiares ou afetivas, que ainda parece ser a principal maneira como os torcedores se dirigem ao estádio, sejam em duplas de irmãos, pais e filhos, casais de namorados etc..

¹²⁸ Um episódio envolvendo um torcedor do *Oeste Loko* durante o Campeonato Gaúcho de 2017, acabou gerando Boletim de Ocorrência. O torcedor foi arrastado por seguranças da Arena e torturado por policiais antes de realizar acordo no Juizado do Torcedor e ficar proibido de comparecer a oito jogos do Grêmio. Durante as agressões, outros torcedores aplaudiram a postura dos seguranças e dos policiais do Batalhão de Choque que pareciam proteger os seguranças.

Neste capítulo, procurei apontar como alguns conteúdos naturalizados nas práticas torcedoras nos estádios de futebol foram colocados em questão por diferentes atores, desde a FIFA até pequenos grupos nas redes sociais. Os torcedores que frequentam a Arena procuram, em alguma medida disputar legitimidade por práticas históricas entendidas por estes como legítimas e por outros atores como violência. A dimensão temporal do jogo acaba entrando em conflito. Para os torcedores, esse seria um momento de suspensão do cotidiano em que manifestações racistas, machistas e heterossexistas condenadas em outros contextos seriam ali autorizadas.

Finalizei o capítulo apresentando um conjunto de iniciativas que procuraram colocar os conteúdos que circulam neste tempo de jogo em questão. Os torcedores que participaram dos diálogos apontaram como a rivalidade dificulta a adoção de algumas iniciativas, dentre elas o apoio a causas de respeito às sexualidades não normativas, inclusive negando a possibilidade de existência de uma torcida identificada como homossexual. Esses mesmos torcedores reclamam sobre o que eles chamam de “politicamente correto” ao procurar observar as ações que ocorrem nos estádios.

No próximo capítulo, farei uma discussão sobre o ‘Caso Aranha’, a interpretação dos torcedores e de que maneira a rivalidade Gre-Nal autorizava ou desautorizava algumas ações específicas na torcida do Grêmio.

5 O ‘CASO ARANHA’ E A INTERDIÇÃO DE MANIFESTAÇÕES VERBAIS NA ARENA DO GRÊMIO¹²⁹

Em 28 de agosto, Grêmio e Santos fizeram a primeira partida das oitavas de final da Copa do Brasil de 2014 na Arena do Grêmio, em Porto Alegre. Apesar do ímpeto inicial, a equipe gaúcha acabou sofrendo dois gols na parte final do primeiro tempo, em falhas de sua defesa. No segundo tempo, os gaúchos se jogaram ao ataque, mas, sem êxito, pecando nas conclusões ou parando em uma atuação segura do goleiro Aranha.

Infelizmente, não foram os predicados técnicos do goleiro Aranha que o tornaram protagonista de uma das partidas mais discutidas no futebol brasileiro no ano da segunda Copa do Mundo masculina de futebol da FIFA ocorrida no país. Próximo ao final da partida, o goleiro da equipe paulista afirmou que torcedores do Grêmio posicionados na Arquibancada Inferior Norte (setor com ingressos mais baratos e destinado aos torcedores que assistem às partidas em pé e às torcidas organizadas) o chamaram de “preto fedido” e de “macaco”, além imitarem os sons de emitidos por macacos em direção ao atleta. Ao final da partida, o goleiro se manifestou: “Fiquei bem nervoso. Com o perdão da palavra, fiquei p...¹³⁰ Isso dói. Não é possível. Me chamaram de preto, de macaco. Bati no braço e disse que sou preto mesmo¹³¹”.

Na madrugada do dia 29 de agosto, o Grêmio emitiu nota solidarizando-se com o goleiro santista:

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense lamenta e repudia o ato de racismo ocorrido na noite desta quinta-feira, durante partida realizada pela Copa do Brasil, na Arena do Grêmio. O Clube se solidariza com o atleta Aranha e com seu clube, Santos, ressaltando que atos como esse são fruto de atitudes individuais e isoladas, que em nada representam a grandiosidade e o respeito da torcida gremista. (...) Reiteramos que o Grêmio tem sido um incentivador de iniciativas que visam coibir esse tipo de crime e que continuará alerta e atuante na luta contra a discriminação racial¹³².

O assessor de futebol do clube gaúcho, Marcos Chitolina, defendeu punição aos torcedores, ao mesmo tempo em que procurou eximir o clube de responsabilidade: “Não vamos compactuar com o racismo, mas o Grêmio não pode ser punido por um ato

¹²⁹ Algumas das discussões presentes neste capítulo foram publicadas em versões preliminares em dois artigos. Ver BANDEIRA; SEFFNER, 2015 e BANDEIRA; SEFFNER, 2016.

¹³⁰ Minimamente, é possível verificar como a própria imprensa esportiva participa deste jogo de disputas por significados entre o que seria permitido ou não de ser, ao menos, escrito. A expressão *puto* é interdita, enquanto em outras oportunidades é possível ler *veado* e, especialmente, *macaco*, principal termo envolvido na disputa, por manifestação legítima ou ilegítima nos estádios de futebol.

¹³¹ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/aranha-protesta-contra-ato-de-racismo-na-arena-doi-4585928.html>. Acesso em 02/01/2015, às 20h37.

¹³² Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/gremio-se-solidariza-aranha-e-reitera-que-tomara-medidas-apos-racismo.html>. Acesso em 30/12/2014, às 16h03.

individual. A administração da Arena tem todas as condições de buscar a identificação. Assim que for encontrado, vai punir e tomar as medidas necessárias¹³³”. O argumento de defesa do clube e de responsabilização individual dos diretamente envolvidos poderia ser pensado, exclusivamente, como uma tentativa de produzir ganho jurídico. Porém, é possível inserir essa argumentação em certo viés moral, “en nuestra sociedad nadie desea ser catalogado como violento. Por ello, la definición de algo o alguien como violento actúa como impugnación sobre las prácticas de ajenos y distantes” (GARRIGA ZUCAL, 2015, p. 10). Nesse marco moral é necessário destacar desde o início que os violentos são os outros ou, no mínimo, isolar os protagonistas dos atos.

Uma imagem produzida pelo canal de televisão ESPN flagrou a torcedora Patrícia Moreira gritando o termo “macaco”. Essa torcedora acabou sendo colocada como a principal responsável pelas ofensas dirigidas ao goleiro. Ela passou a ser ameaçada e teve que deixar sua residência, que chegou a ser alvo de pedradas após a divulgação das imagens. A imagem da jovem e loira torcedora conseguiu personificar a injúria racial e acabou servindo como argumento para que o clube apresentasse a hipótese de que a ofensa se tratava de uma ação isolada. Se pensarmos, porém, que toda a fala é excitável, os falantes poderão alegar que não possuem a total responsabilidade pelo uso de uma linguagem que os precede e os excede. Seria possível, inclusive dizer que “não falaram a linguagem mas foi a linguagem que os falou” (SALIH, 2012, p. 140). Neste caso, mesmo que a tentativa de isolar a atitude possa trazer algum conforto moral, essa opção acabaria por desconsiderar o contexto em que tal ‘atitude individual’ se originou. Como nos lembra Guacira Louro “quem insulta não insulta sozinho, mas é, de fato, um falante que ecoa outras vozes” (2016, p. 274).

O clube paulista também emitiu uma nota oficial lamentando o fato e lembrando uma campanha contra o racismo criada por conta de um incidente envolvendo outro atleta santista:

O Santos Futebol Clube mais uma vez vem a público se manifestar a respeito de um ato que considera inadmissível. Aranha, goleiro do elenco profissional, foi vítima de racismo no jogo contra o Grêmio, pelas oitavas de final da Copa do Brasil 2014. Apesar do Clube acreditar que trata-se de fato isolado, que destoa da postura do respeitado adversário e sua torcida, considera impossível ignorar a manifestação de parte daqueles que estavam na arena e proferiram gestos e palavras ofensivos dirigidos ao cidadão Mário Lúcio Duarte Costa, casado e pai de quatro filhos. Para esse escudo, o ato representa a ignorância de uma minoria da sociedade, mas por reconhecer o seu compromisso social em colaborar para a inibição de qualquer ato de

¹³³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/gremio-defende-punicao-torcedores-nao-vamos-compactuar-com-racismo.html>. Acesso em 31/12/2014, às 10h49.

preconceito, defendendo a sua cultura e a posição de seus torcedores, simpatizantes e ídolos, o Peixe resgata, no dia de hoje, a campanha #RacismoNão. A mesma foi criada há menos de um ano, após situação semelhante que vitimou mais um grande ídolo do alvinegro praiano, o volante Arouca. (...) Hoje saímos vitoriosos dentro das quatro linhas; mas com ainda mais raça para melhorar o que acontece “fora” delas. #MuitoAlémDoFutebol #RacismoNão¹³⁴.

Como em qualquer contexto cultural, algumas violências parecem ser mais violentas que outras. Dentro dessa lógica de naturalização, ou de dificuldade de perceber os xingamentos como agressão ou violência, o árbitro da partida, Wilton Pereira Sampaio, ao ser informado sobre o que estava ocorrendo por jogadores da equipe paulista e por um dos árbitros auxiliares, fez uma reprimenda ao goleiro Aranha por este ter, conforme entendimento do árbitro, provocado à torcida batendo nos braços, em um gesto que ficou relacionado no futebol a uma demonstração de garra, realizada pelos atletas e, eventualmente, por torcedores.

Em um primeiro momento, o árbitro não fez constar em sua súmula o episódio de xingamentos dirigidos ao goleiro santista. Ele acabou fazendo um adendo à mesma e a encaminhou ao procurador do STJD, Paulo Schmidt, relatando o fato. O procurador do STJD, ao receber o adendo do árbitro, afirmou ter feito a solicitação das imagens. Ele afirmava que o Grêmio poderia ser enquadrado no artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva por “praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência¹³⁵”.

As novas arenas/estádios brasileiras construídas para a Copa do Mundo de 2014, ou seguindo as mesmas diretrizes sugeridas pelo Caderno de Encargos da FIFA, possuem um grande controle do público (BANDEIRA; BECK, 2014) na tentativa de individualizar suas ações em um processo que, em alguma medida, poderia ser comparado ao modelo do panóptico¹³⁶ que, segundo Michel Foucault, “é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto” (2005b, p. 167). Essa vigilância se aplicaria ao conjunto de torcedores. Com isso, esses sujeitos deixariam de ser entendidos como anônimos na multidão, o que algumas interpretações sugerem que

¹³⁴ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/santos-repudia-atos-de-racismo-na-arena-em-nota-oficial-4586181.html>. Acesso em 16/01/2015, às 9h59.

¹³⁵ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/arbitro-inclui-na-sumula-de-gremio-x-santos-caso-de-racismo-na-arena-4586196.html>. Acesso em 01/01/2015, às 20h42

¹³⁶ “O controle panóptico do espaço público foi testado em ‘condições normais’, pela primeira vez, no campo de futebol” (GIULIANOTTI, 2010, p. 111).

produziria um sentimento de inimizabilidade em suas condutas. Além desse sentimento de impunidade, o coletivo em estádios se permite algumas atitudes afastadas dos comportamentos prudentes da vida ordinária. Nos estádios, a excitação é autorizada e incentivada, fazendo com que os limites possam ser questionados, constantemente rompidos e rearranjados.

No atual contexto, as câmeras não só olham, como gravam os torcedores sem que esses tenham a exatidão do enquadramento ou da edição que está sendo feita. Essa ‘novidade’ das atuais arenas corresponde a um processo disciplinar dos torcedores. É uma forma de condução das condutas que tende a ser mais barata e eficiente, pois opera em uma autorregulação das ações. “Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição” (FOUCAULT, 2005b, p. 168).

A partir de Deleuze (1992), se poderia ter outro entendimento e apontar que as práticas do estádio estariam mais vinculadas ao controle do que à disciplina. O autor recorda que as ações de controle são de curto prazo, contínuas e ilimitadas, enquanto a disciplina se fazia em processos de longa duração, de maneira infinita e descontínua.

Estamos entrando nas sociedades de controle que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea. (...) O que está sendo implantado, às cegas, são novos tipos de sanções, de educação, de tratamento. (...) Pode-se prever que a educação será cada vez menos um meio fechado (DELEUZE, 1992, p. 215-216).

Um dia após a partida, o chefe da Polícia Civil, Guilherme Wondracek, fez um pedido aos torcedores do Grêmio que estavam na Arena: “O torcedor que estava próximo e não quer que seu clube seja prejudicado pode procurar a 4ª Delegacia ou registrar através do disque-denúncia. As pessoas podem nos trazer informações que nos auxiliem a identificar os criminosos¹³⁷”. Esse processo de fazer com que a torcida regule a torcida poderia aproximar-se da lógica do regime disciplinar. Em um contexto ideal, não seria mais necessário pedir o auxílio da torcida. Esse auxílio aconteceria ‘naturalmente’. Ao mesmo tempo, é possível interpretar esse olhar continuado para os sujeitos como associado ao controle em que os sujeitos estariam sendo observados de maneira ilimitada. Outro ponto interessante é observar que, na solicitação policial, a estratégia adotada para a sensibilização das potenciais testemunhas foi a, eventual, punição ao clube e não o ato de injúria racial.

¹³⁷ Disponível em: <http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/policia-pede-que-torcedores-denunciem-envolvidos-em-atos-racistas-114300.html>. Acesso em 01/01/2015, às 21h14.

O comentarista do canal *Sportv*, Maurício Noriega, destacava a multidão como um fator que poderia interferir no comportamento dos indivíduos gerando atitudes condenáveis: “Infelizmente, quando tem multidões, o cara até é um sujeito bacana, comportado, mas no meio de um monte de gente, ele se transforma e a idiotice prevalece. É lamentável que isso aconteça de novo¹³⁸”. Esse processo que desloca o sujeito individual – torcedor – a integrante de uma determinada multidão – torcida – precisa ser aflorado e vai se construindo desde o caminho até o estádio. O contexto das arenas e seu controle contínuo, em alguma medida, faria com que o indivíduo torcedor não mais pudesse ser parte de um coletivo ou de uma multidão, mas fosse continuamente individualizado, avaliado e responsabilizado por suas condutas, ignorando a construção de sociabilidades distintas, como a torcedora. Até então, se pensava na sociabilidade torcedora que iria se construindo desde o caminho até o estádio, e era possível imaginar que ela permaneceria após o encerramento da partida em algumas oportunidades. Esse processo da transformação do sujeito em pertencente à multidão precisaria ser produzido e aflorado.

(...) os torcedores a caminho do estádio vão constituindo a ruptura em relação ao cotidiano na medida em que aderem a uma sequência de pequenos ritos ou performances – agrupamentos coletivos, xingamentos, cânticos, ingestão de bebidas alcoólicas, maconha e afins, etc. – (...) configurando o espaço do espetáculo como algo diverso e por vezes oposto ao cotidiano (DAMO, 2014a, p. 56).

O processo de individualização dos sujeitos torcedores, como conseguimos visualizar nas atuais arenas, a partir dos assentos individuais e do monitoramento realizado pelas câmeras, pode ser pensado como uma tentativa de manter mais estáveis os marcadores identitários dos indivíduos dentro dos estádios. Isso poderia provocar uma diminuição das experiências de conjunto, ao mesmo tempo em que poderia facilitar o controle pelos organizadores dos eventos.

(...) el hecho de estar formando parte de una masa libera de las reglas de la vida ordinaria, por eso, por ejemplo, se puede decir malas palabras, y esto favorece la expansión de valores proscritos en lo cotidiano, se actualiza un sentimiento de comunidad que está desdibujando en la vida de todos los días (BROMBERGER, 2001, p. 27).

É do interior de um certo aparato tecnológico, aliado à arquitetura das novas arenas, que a produção de distintos modos de torcer se engendra, eventualmente tornando inaceitáveis atitudes que até pouco tempo eram corriqueiras. A Brigada Militar solicitou as imagens do incidente aos gestores do estádio: “com 240 câmeras, sendo 25

¹³⁸ Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2014/08/noriega-entende-reacao-de-aranha-e-critica-atos-de-racismo-deploravel.html>. Acesso em 31/12/2014, às 11h06.

delas de alta definição, o sistema de monitoramento grava as imagens em um servidor. Assim, podem ser disponibilizadas ao Grêmio, à Polícia ou ao Ministério Público para averiguações¹³⁹”.

O ‘caso Aranha’ não se esgotou com o final da partida pela Copa do Brasil. No domingo seguinte, dia 31 de agosto de 2014, o Grêmio retornou à Arena para enfrentar o Esporte Clube Bahia pela 18ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A. O jogo, tecnicamente muito ruim, terminou em vitória gaúcha com um solitário gol do argentino Barcos. Os jogadores do Grêmio entraram em campo exibindo uma faixa com os dizeres “Somos azuis, pretos e brancos. Chega de racismo”. Em diferentes setores do estádio, cartazes de torcedores faziam coro à afirmação dos jogadores: “O Grêmio não é racista”; “Gremista sim, racista não. Não generalizem”; “Diga não ao racismo!!”; “#Somostodosgremistas. Não somos todos racistas. Punição para aqueles que não nos representam. Somos azuis pretos e brancos¹⁴⁰”.

Ainda com a polêmica surgida a partir do ‘caso Aranha’, o comportamento de diferentes segmentos da torcida apresentou uma situação inédita no novo estádio. Se buscássemos a série histórica dos jogos no estádio Olímpico Monumental, o ineditismo do comportamento dos torcedores também se manteria. A torcida *Geral do Grêmio* (principal ocupante do setor Arquibancada Inferior Norte, de onde partiram as ofensas ao goleiro santista) cantou a maioria de seus cânticos da mesma forma que fazia, inclusive durante a partida contra o Santos, pela Copa do Brasil, com o termo ‘macaco’ e sua derivação ‘macacada’ para referir-se ao coletivo de torcedores do Internacional. Vale lembrar que as torcidas de Grêmio e Internacional cumprem o mesmo ritual de xingar os torcedores rivais da dupla Gre-Nal, mesmo quando os confrontos não incluem os dois adversários históricos. Essas manifestações através dos cânticos poderiam estar ancoradas em sua permissividade histórica. “Nos estádios (...) são permitidas certas manifestações que ordinariamente não seriam toleradas, pois, assim como o templo é o lugar da prece, o estádio é a tribuna dos insultos” (DAMO, 2014a, p. 90). Ao contrário do recorrente apoio ou da adesão de torcedores de distintos segmentos do estádio aos cânticos, as manifestações vindas da *Geral* foram recebidas com vaias por uma parte significativa do restante do público.

¹³⁹ Ver nota 135.

¹⁴⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/gremio-entra-com-faixa-contraracismo-e-mensagens-se-espalham-pela-torcida.html>. Acesso em 03/01/2015, às 21h02.

O, então, presidente do Grêmio, Fábio Koff, bradou contra as manifestações, lidas por ele como racistas, e prometeu a exclusão dos envolvidos, além de questionar os interesses dos sujeitos:

Eu tenho a lamentar de novo os cânticos racistas que não cabem dentro do estádio. Não há como o Grêmio admitir isso como instituição. Nós temos que enfrentar o problema e com muito rigor. Pois estamos sofrendo consequências... Estamos a dois dias de um julgamento que pode excluir o Grêmio de uma competição e parece que propositalmente querem prejudicar o Grêmio. Que torcedor é esse que vai ao estádio para prejudicar o seu clube?¹⁴¹

Como o clube seria julgado pelos incidentes da partida anterior, a direção tricolor suspendeu a torcida *Geral do Grêmio* e admitiu, talvez pela primeira vez na história, que considerava os termos ‘macaco’ e ‘macacada’, repetidamente cantados no estádio gremista, como uma manifestação racista. Ao longo dos anos, esses cânticos sempre foram questionados quando casos de racismo eclodiam no futebol. Nos demais momentos ‘ordinários’, esses cânticos não eram noticiados ou apontados como violentos, o que, em alguma medida, mostra como esse termo, ou essa violência, estava naturalizado no contexto dos torcedores de futebol. Apesar das discussões ocasionais, os cânticos haviam se mantido inalterados até aquele momento.

O ‘caso Aranha’ foi o segundo episódio de racismo ou injúria racial ocorrido na Arena do Grêmio em um intervalo de cinco meses. Após a primeira partida da final do Campeonato Gaúcho de 2014, o zagueiro Paulão, do Internacional, foi chamado de ‘macaco’ por um torcedor do Grêmio. O caso envolvendo o defensor colorado acarretou em uma multa de R\$ 80 mil ao clube. O torcedor que ofendeu o jogador do Internacional não foi identificado. Ainda em 2013, o departamento de marketing do clube lançou a campanha “Azul, Preto e Branco: o Grêmio é contra o racismo”. Essa preocupação em desvincular o Grêmio de sua representação racista tem atravessado a instituição nos últimos anos. Os cânticos da torcida *Geral do Grêmio* sempre estiveram no centro das discussões¹⁴². Já no momento da agressão ao zagueiro do Internacional, um grupo de torcedores propôs, sem êxito, que o termo ‘macaco’ fosse excluído das arquibancadas e cadeiras da Arena¹⁴³.

¹⁴¹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/koff-ve-cantos-de-macaco-como-ato-proposital-que-torcedor-e-esse.html>. Acesso em 02/01/2015, às 21h02.

¹⁴² Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/gremio-revive-polemica-apos-5-meses-e-mira-evitar-imagem-de-clube-racista.html>. Acesso em 30/12/2014, às 15h55.

¹⁴³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/03/torcedores-criam-movimento-para-tirar-palavra-macaco-de-cantos-na-arena.html>. Acesso em 30/12/2014, às 15h58.

Contrariando a opinião do, então, mandatário gremista, o ex-presidente do Grêmio e atual integrante de um programa de rádio, Luis Carlos Silveira Martins, apontou o “folclore do futebol” para explicar e minimizar os eventos envolvendo o goleiro santista ou os cânticos com o termo ‘macaco’. Javier Bundio trabalha com o conceito de “folclorização das práticas discriminatórias” dentro das manifestações torcedoras. “Existe por un lado un mecanismo de naturalización de estas prácticas, pero también una forma de participación en el ritual del aliento que permite un distanciamiento del sujeto con el sentido literal del mensaje que se transmite” (2016, p. 283). Édison Gastaldo faz uma interessante ressalva sobre essa marcação,

(...) à primeira vista, trata-se apenas de futebol, mas o sistema de valores que fundamenta as interações é basicamente o enquadramento moral da sociedade como um todo, com sua demanda pela defesa da honra, da dignidade e da autonomia, atributos bastante vinculados à identidade de gênero masculino no Brasil (GASTALDO, 2010, p. 313).

O ex-dirigente também defendeu a torcedora identificada pela televisão e apontada como principal responsável pelas agressões dirigidas ao goleiro. A rivalidade do Grêmio com o Internacional foi utilizada para reforçar seus argumentos:

Dentro do folclore do futebol, o Internacional coloca uma faixa “aqui é macacada”. É dentro do folclore do futebol. Se você passar pela rua, encontrar um negão, um afrodescendente e dizer “olha, negro macaco”, você está praticando um racismo grosso, sim. Mas nesse contexto do futebol, nessa forma, é o fim do futebol. A menina está sendo procurada no Brasil inteiro como se assassina fosse e os assassinos da Bolívia¹⁴⁴ estão soltos. (...). Essa menina está virando assassina por ter feito um grito do folclore de futebol. Pelo amor de Deus¹⁴⁵.

A própria lógica da comparação minimiza a discussão sobre o racismo e sobre as violências verbais no futebol, identificando uma clara hierarquização das violências que importam. Aqui, há uma negação de enxergar a gravidade ou mesmo a existência da violência verbal que é dirigida a outrem, em um exercício que parece considerar legítima a reclamação apenas em casos que envolvam confrontos físicos.

Cada espacio moral define lo aceptable y lo inaceptable según los valores del grupo social; una construcción histórica y dinámica pero al mismo tiempo ambigua, ya que los límites nunca son del todo claros o son demasiado móviles. Distintos universos morales delimitan las fronteras de lo admisible o la inadmisibile, en sus propios términos (GARRIGA ZUCAL, 2015, p. 65).

¹⁴⁴ Aqui, Luis Carlos Silveira Martins fez referência a um episódio ocorrido na Taça Libertadores da América envolvendo torcedores do Corinthians que arremessaram um sinalizador que acabou causando a morte de um torcedor rival em Oruro, cidade da Bolívia.

¹⁴⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/ex-presidente-do-gremio-critica-aranha-e-minimiza-ofensa-e-folclore.html>. Acesso em 03/01/2015, às 21h28.

O comunicador e ex-presidente ainda utilizou outra estratégia, a de desqualificar a vítima para seguir argumentando de forma contrária à reação do goleiro em relação à agressão sofrida:

Vai investigar o passado do Aranha em broncas para ver o que tem. Desse santinho, desse coitadinho que ele é. Vamos investigar o passado, que eu fui investigar. Há transgressões e transgressões. (...) O Aranha não deixou o jogo andar. Interrompeu o jogo o tempo inteiro. Infringiu a lei o tempo inteiro. Aí ouviu um gritinho, coitadinho, (...) foi lá e fez aquela cena teatral¹⁴⁶.

Nesse caso, o comportamento do jogador seria um incentivador aos xingamentos ou um atenuante para a prática racista ou de injúria racial. Além da opinião do ex-presidente do clube, o, então, vice-presidente, Adalberto Preis também se manifestou minimizando o ocorrido por meio da rede social *Twitter*. O dirigente lembrou que o goleiro retardou a partida e utilizou manifestações do árbitro que teria dito não ter visto as ofensas, mas que havia sido avisado pelos atletas. O ex-vice-presidente foi categórico: “Sabem por que o árbitro não ouviu nem presenciou? Porque não houve. Foi tudo uma grande encenação do goleiro para fazer cera¹⁴⁷”. Ao contrário do clube que emitiu comunicado oficial pedindo desculpas ao goleiro e ao clube adversário pelo episódio, o ex-vice-presidente reforçou que nada havia acontecido durante a partida entre Grêmio e Santos.

Ao mesmo tempo em que manifestações como essas pareciam pedir certa tolerância ao que foi praticado pela torcida, seus autores não conseguiam separar facilmente o que seria ‘do jogo’ e o que seria ‘não jogo’.

E, contudo, se as tensões despertam numa sociedade mais alargada, se aí as restrições sobre os sentimentos intensos enfraquecem e o nível de hostilidade e ódio entre os diferentes grupos se eleva a sério, a linha divisória que separa o jogo e aquilo que não é jogo, confrontos miméticos e reais, pode ficar pouco nítida. Nesses casos, a derrota no terreno do jogo pode evocar a amarga sensação de derrota na vida real e um apelo de vingança. Uma vitória mimética pode apelar à continuação do triunfo numa batalha fora do terreno de jogo (ELIAS, 1992, p. 72).

A defesa da agressão ou igualar a agressão racista, ao menos conceitualmente exógena ao futebol, com o retardo da reposição de bola pelo jogador santista ajuda a borrar o que seria a esfera séria da vida ordinária com o tempo extraordinário do esporte, do lazer, do jogo.

Além da campanha institucional e da adesão de torcedores ocorridas na partida contra o Bahia, o departamento jurídico do Grêmio estava envolvido na tentativa de preparar a defesa do clube que seria julgado, uma semana após a partida, sobre os

¹⁴⁶ Ver nota 145.

¹⁴⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/vice-presidente-do-gremio-faz-criticas-aranha-uma-grande-encenacao.html>. Acesso em 04/01/2015, às 20h59.

incidentes ocorridos na Copa do Brasil. O jogo de volta contra a equipe santista já havia sido suspenso preventivamente e o clube ainda poderia ser excluído da competição ou perder dez mandos de campo em jogos do Campeonato Brasileiro.

Em julgamento no dia 3 de setembro de 2014, o Grêmio acabou excluído da Copa do Brasil de 2014, além de ter sido multado em R\$ 54 mil (R\$ 50 mil referentes ao caso de injúria racial, R\$ 2 mil por um rolo de papel higiênico arremessado em direção ao gramado e outros R\$ 2 mil por atraso da equipe ao entrar em campo). O presidente da FIFA elogiou o comportamento do STJD na punição aplicada ao clube gaúcho. Pela rede social *Twitter*, Joseph Blatter posicionou-se: “Eu já disse que o futebol deve ser mais forte no combate ao racismo. O Brasil enviou a mensagem certa, banindo uma equipe da Copa devido a abuso de ‘torcedores’¹⁴⁸”. Após a condenação do Grêmio, o jornalista Juremir Machado da Silva afirmou que, embora possa ser um tanto equivocado afirmar que o clube ou a torcida sejam racistas, o Grêmio foi complacente com atos racistas durante diversas situações. Ele apontou que as medidas tomadas após o incidente com o goleiro Aranha poderiam ter sido tomadas antes. Por fim, ele afirmou acreditar que a pena imposta pelo STJD foi branda, uma vez que o clube já havia perdido a primeira partida em seus domínios por 2 a 0¹⁴⁹.

Uma dessas medidas, após o resultado do julgamento, foi tomada pela torcida *Geral do Grêmio*: banir o termo ‘macaco’ de seus cânticos. Os cânticos foram citados durante o julgamento do clube no STJD. A torcida já estava suspensa após a partida contra o Bahia¹⁵⁰. No vídeo em que divulgou a suspensão do termo, a torcida afirmava que o mesmo não possuía caráter racista. A suspensão se daria “por tempo indeterminado, até que seja esclarecido que cantar a palavra dentro do contexto do folclore do futebol não é um ato racista¹⁵¹”. Aqui, a disputa pela legitimidade ou não do termo ‘macaco’ evidencia o campo de disputas culturais em que essas definições se colocam: “la cuestión de la legitimidad implica una disputa. No debemos olvidar que lo que es legítimo para una mayoría – o dicho de manera más precisa, para los sentidos

¹⁴⁸ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/09/presidente-da-fifa-elogia-decisao-do-stjd-que-exclui-gremio-da-copa-do-brasil-4590664.html>. Acesso em 04/01/2015, às 21h14.

¹⁴⁹ Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=6350>. Acesso em 04/01/2015, às 21h19.

¹⁵⁰ Disponível em: <http://www2.correiodopovo.com.br/Esportes/?Noticia=534920>. Acesso em 08/01/2015, às 16h34.

¹⁵¹ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/09/geral-reitera-suspensao-de-canticos-mas-nao-ve-racismo-no-termo-macaco-entoado-pela-torcida-4594378.html>. Acesso em 16/05/2015, às 12h58.

hegemónicos en un colectivo social – bien puede no serlo para otros actores” (GARRIGA ZUCAL, 2015, p. 15).

Novamente o apelo ao folclore do futebol permite o estabelecimento de um diálogo do que seria vida ‘real’ e vida ‘folclórica’, cada uma em seu tempo e espaço definidos, onde “o jogo [ou o folclore] é essencialmente uma ocupação separada, cuidadosamente isolada do resto da existência, e realizada, em geral dentro de limites precisos de tempo e de lugar” (CAILLOIS, 1990, p. 26). A partir daquele momento, e até o final da temporada de 2014, o termo que era autorizado historicamente na Arena do Grêmio e, muito antes, no estádio Olímpico estava interditado. Daquele dia em diante não se ouviu mais ‘macaco’ ou ‘macacada’ na Arena do Grêmio¹⁵², ao menos não com a mesma naturalidade¹⁵³.

O pleno do STJD acabou alterando a decisão em segunda instância, em julgamento ocorrido no dia 26 de setembro. Ao invés de excluir o clube gaúcho da competição, os auditores puniram o clube com a perda de pontos o que, somada à derrota na primeira partida, cumpriu o mesmo efeito prático de eliminar o Grêmio da competição. O procurador do STJD, Paulo Schmitt, argumentou que o clube precisaria ser responsabilizado pelos atos de seus torcedores. Segundo ele:

(...) não se separa o clube e a torcida. Quem separa tenta desinformar a sociedade. Clube e torcida é uma coisa só. Quando o clube teve uma nova oportunidade, vaiou o goleiro, quando ele deveria ser aplaudido pela coragem, por trazer à tona o que a gente esconde debaixo do tapete¹⁵⁴.

É um tanto curioso que essa discussão entre a responsabilidade do clube e da torcida, ou de torcedores individuais, pareça se dar mais em relação ao peso da punição do que ao que de fato ocorreu. O Grêmio não recorreu da pena de R\$ 80 mil imposta após o caso de racismo envolvendo o zagueiro Paulão, do Internacional. Em 2014, o Grêmio precisou disputar uma partida do Campeonato Gaúcho em Novo Hamburgo,

¹⁵² No primeiro semestre de 2015, antes de iniciar o campo com regularidade, observei que se manteve certa prudência em relação ao termo ‘macaco’ e seu derivado ‘macacada’. No estádio, consegui perceber que em 22 de março, em confronto contra o Clube Esportivo Lajeadense, a *Geral* chegou a entoar uma música que continha a expressão “macaco puto segue sempre imitando”, além do “tradicional” *Atirei o pau no Inter* que possui a expressão “macacada filha da puta”. Escutei o mesmo *Atirei o pau no Inter* antes da partida contra o Campinense Clube pela Copa do Brasil, em 15 de abril.

¹⁵³ Após encerrar trabalho de campo, o Grêmio passou a obter um êxito esportivo que não possuía há muito tempo, sagrando-se campeão da Copa do Brasil em 2016. Combinado com isso, o Internacional teve uma temporada bastante ruim que acabou culminando com o rebaixamento da equipe para a série B do Campeonato Brasileiro. Esse ‘duplo êxito’ acabou diminuindo a preocupação dos torcedores e as referências ao Internacional retornaram com bastante força. Não tenho condições de precisar, a partir da experiência torcedora nesse primeiro semestre de 2017, se os termos ‘macaco’ e ‘macacada’ possuem a mesma legitimidade anterior ao caso Aranha ou não.

¹⁵⁴ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/pleno-do-stjd-retira-tres-pontos-e-elimina-o-gremio-da-copa-do-brasil.html>. Acesso em 13/01/2015, às 10h59.

cidade da região metropolitana de Porto Alegre, em função de um sinalizador lançado por um torcedor em uma partida realizada em Caxias do Sul. Se o clube pode ser responsabilizado e multado em R\$ 2 mil porque um torcedor arremessou um rolo de papel higiênico para dentro do gramado, por que o clube não teria responsabilidades por manifestações racistas? Seria o caso de investigar se para situações de punições pecuniárias os clubes buscam indenização junto aos autores das ações que produziram as eventuais multas, ou se as pagam dentro da lógica do ‘risco do negócio’, ou, ainda, por se perceberem responsáveis por tais condutas.

Os jogos de futebol estão sempre inseridos em calendários e competições que ampliam a significação de uma partida específica (DAMO, 2014b). Qualquer jogo se dá dentro de uma série histórica e envolve diferenças e repetições nos códigos culturais, “os jogos não possuem valor isolado” (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 55). Grêmio e Santos voltaram a se enfrentar na Arena do Grêmio no dia 18 de setembro de 2014 pelo Campeonato Brasileiro. Seria um reencontro entre os clubes, o goleiro Aranha e o estádio em que os gritos racistas foram proferidos, em um intervalo de três semanas e quinze dias após a exclusão do Grêmio da Copa do Brasil¹⁵⁵. O jogo teve um número pequeno de oportunidades de gols. Novamente os gaúchos tiveram um pequeno domínio, mas foram incompetentes nas conclusões. Além das manifestações da torcida, o goleiro Aranha também teve destaque pela qualidade de sua atuação.

O goleiro foi alvo de ironias e protestos por parte dos torcedores do Grêmio, incluindo aplausos quando o jogador retinha a bola, gritos como “vai, Branca de Neve”, ou termos que desqualificavam as virtudes técnicas do jogador como “mão de alface” e “frangueiro”. O goleiro foi muito vaiado desde o aquecimento e após praticar suas defesas. O grito ‘Aranha, veado’ foi escutado durante toda a partida. A dimensão das vaias e dos gritos de ‘veado’ fizeram o goleiro lamentar a postura dos torcedores: “Eu, sinceramente, esperava ser recebido de outra maneira. Acreditava que a grande maioria tinha repudiado as atitudes. Pelo que vi hoje, concordam com tudo. Acham isso bonito. Eles seguem a vida deles, e eu a minha¹⁵⁶”. O goleiro santista entendeu que, pelo comportamento da torcida na partida, o coletivo de torcedores do Grêmio concordava com as agressões sofridas por ele na partida anterior:

Fiquei triste porque deu para perceber bem qual é o pensamento do torcedor gremista, da grande maioria que apoiou o ato. (...). Eu não ligo para as vaias,

¹⁵⁵ O jogo aconteceu antes da revisão da punição ao Grêmio pelo pleno do STJD.

¹⁵⁶ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/vaias-ironias-e-alta-tensao-visao-da-torcida-no-retorno-de-aranha-arena.html>. Acesso em 08/01/2015, às 18h14.

para manifestação do torcedor, desde que seja do esporte. E a gente, sem ser hipócrita, sabe que a vaia hoje foi diferente¹⁵⁷.

Nas diversas experiências que acumulei ao longo de quase trinta anos acompanhando o Grêmio em diferentes estádios, recordo que apenas um atleta havia recebido vaias nas mesmas proporções que o goleiro Aranha. Somente Ronaldinho Gaúcho, cria das categorias de base do clube e que se envolveu em polêmicas em relação a sua permanência e retorno ao clube. Ronaldinho, duas vezes eleito o melhor jogador do mundo, passou a ser referido pelos torcedores gremistas pela alcunha de ‘traíra’. Seria possível imaginar, pela reação dos torcedores, que o goleiro Aranha também tenha ‘traído’ a torcida do Grêmio ao fazer a sua reclamação.

O goleiro argumentou, também, que seria comum atletas negros sofrerem ofensas racistas quando enfrentavam o Grêmio:

Isso serve para mudar o pensamento das pessoas, porque tem gente que só melhora com medo. Muita gente não me xingou hoje com insultos racistas porque sabia que estava sendo filmada. Mas a intenção era a mesma. Eu vi isso hoje. (...). Já há muitos anos isso acontece, é uma briga interna aqui. Todo mundo sabe, mas não fala. Vai deixando, empurrando, até quando der¹⁵⁸.

Questionado sobre as declarações do, então, treinador do Grêmio, Luiz Felipe Scolari, que, antes da partida, afirmou que o jogador provocou a situação por prender a bola em demasia, o goleiro concluiu:

Rapaz, é complicado, porque é aquilo que eu falei. Às vezes, quando a Justiça funciona, a gente fica meio sem saber o que está acontecendo de verdade, começa a duvidar dos fatos. A imagem foi bem clara, não mostrou as 500, mil pessoas que estavam me xingando. Mostrou a garota, mas era muita gente me xingando¹⁵⁹.

Não foram apenas os gremistas que discordaram das manifestações do atleta santista. O maior ídolo do ‘alvinegro praiano’, o ‘Rei do futebol’, Pelé se juntou à declaração dos dirigentes gremistas e criticou a atitude do goleiro. “Pelé personifica a ideia de apagamento da identificação racial e, conseqüentemente, da superação do racismo – fenômeno que se supõe ocorrer quando o indivíduo negro ascende socialmente” (BASTHI, 2014, p. 116). Para ele, a ofensa não deveria ter sido respondida:

O Aranha se precipitou em querer brigar com a torcida. Se eu fosse querer parar o jogo cada vez que me chamassem de macaco ou crioulo, todos os jogos iriam parar. O torcedor grita mesmo. Temos que coibir o racismo. Mas não é num lugar público que você vai coibir. O Santos tinha Dorval, Coutinho, Pelé... todos negros. Éramos xingados de tudo quanto é nome. Não

¹⁵⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/2014/09/vaiado-aranha-desabafa-e-diz-que-nao-ira-dar-desculpas-para-esse-povo.html>. Acesso em 09/01/2015, às 10h21.

¹⁵⁸ Ver nota 157.

¹⁵⁹ Ver nota 157.

houve brigas porque não dávamos atenção. Quanto mais se falar, mais vai ter racismo¹⁶⁰.

A naturalização do comportamento do torcedor não ocorre somente no futebol ou relacionada aos xingamentos étnicos. Em estudo sobre voleibol, foi possível observar como os atletas reforçavam a ideia de que “torcedor é torcedor” e que ouvir distintos xingamentos fazia parte da profissão (BANDEIRA, 2013). Na ocasião, o meio-de-rede, Michael, do Vôlei Futuro, foi alvo de ofensas homofóbicas que redundaram em uma pena de R\$ 50 mil ao SADA/Cruzeiro, maior punição pecuniária aplicada a um clube na história do voleibol brasileiro. Curiosamente, o próprio Michael afirmou que estava acostumado a aguentar os xingamentos quando estes eram dirigidos pelos que ele chamou de “torcedores de futebol” e que só teria feito a reclamação ao perceber que o ginásio inteiro o estava ofendendo, inclusive “senhoras e famílias”.

Análises das falas encontradas sugeriram que, marcadamente pelo fato de uma das equipes – Sada Cruzeiro – ser ligada a um clube de futebol – Cruzeiro Esporte Clube –, uma série de questões levantadas era ligada ao esporte bretão. De fato, a criação de uma equipe de vôlei pelo Cruzeiro possivelmente aproximou parte de seus torcedores, tradicionais espectadores de futebol, desse outro esporte. Assim, provavelmente alguns desses passaram a frequentar os ginásios para torcer, no vôlei, para seu clube de coração. E foi no movimento de entrada do *ethos* do torcedor de futebol na arena do vôlei que a polêmica envolvendo o jogador Michael emergiu (ANJOS, 2015, p. 12-13).

Estive na Arena do Grêmio nesse retorno do goleiro Aranha e observei duas outras situações interessantes. Com a proibição do termo ‘macaco’, a torcida do Grêmio não fez referência ao Internacional, seu rival histórico. Os cânticos eram todos de incentivo ao time e não de ofensa ao rival, como costumeiramente ocorria. A segunda situação que me chamou a atenção ocorreu após a partida. As rádios locais elogiaram o comportamento da torcida que, segundo elas, pressionaram, mas não ofenderam o goleiro. O zagueiro Rhodolfo, do Grêmio, interpretou que a reação da torcida foi normal durante a partida: “Cheguei na hora que ele levou pancada e falei para ele que não precisava reclamar. É normal a torcida vaiar, xingar. Acho que dessa vez não teve racismo, graças a Deus não aconteceu isso¹⁶¹”.

A opinião do jornalista Hiltor Mombach foi bastante interessante. Segundo ele, os torcedores que gritaram “Aranha, veado” corroboraram os insultos racistas. Ele

¹⁶⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/09/pele-sobre-participacao-brasileira-na-copa-do-mundo-um-desastre.html>. Acesso em 16/05/2015, às 13h33.

¹⁶¹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/09/jogou-em-todas-aranha-esfria-vaia-com-defesas-e-ataca-nos-microfones.html>. Acesso em 09/01/2015, às 10h15.

argumentou que o termo “veado” afirmava o insulto protegido pela impunidade¹⁶². Dois desdobramentos dessa avaliação merecem destaque. A ofensa dirigida ao goleiro nessa segunda partida, no caso o termo “veado”, foi interpretada como uma ofensa racista e não ligada ao uso sexual ao qual o termo é costumeiramente associado no Brasil. O segundo desdobramento se refere à impunidade. Sendo racismo ou injúria racial por que um termo específico, ‘macaco’, seria passível de punição e o outro, ‘veado’, não? Mais uma vez nos defrontamos com essa fronteira movediça entre o permitido e o proibido. Em alguma medida, ao reforçar o combate às ofensas racistas, se voltam a naturalizar os xingamentos relacionados às sexualidades não normativas, além de corroborar sua permissividade. Seria possível inferir que existiria certa gestão da injúria entre o permitido e o proibido dependendo de correlações políticas mais amplas.

As atitudes dos torcedores nos estádios de futebol produzem uma narrativa. Essa narrativa é construída de forma agonística na relação entre ‘nós’ e ‘eles’. Esse “nós e eles” poderia incluir os dois clubes em disputa, as duas torcidas, e, mais rotineiramente, inclui os chamados clubes rivais. Não são apenas as partidas que estão em disputa, mas diferentes representações, dentre as quais as de gênero, especialmente vinculadas às construções de masculinidades. Sendo o estádio de futebol um campo de construções da masculinidade, o ‘enfrentamento’ ao outro homossexual acaba sendo naturalizado. Seria possível inferir que a produção de masculinidade que não correspondesse à norma heterossexual seria um problema já colocado. Durante as partidas de futebol, as masculinidades são dramatizadas, mas, no futebol brasileiro, o pertencimento étnico acabou sendo posto de lado. Algumas narrativas, inclusive, destacam como o futebol foi, e é, protagonista na construção de uma ‘democracia racial’ no Brasil. Podemos identificar a ‘origem’ dessa aproximação no clássico artigo de Gilberto Freyre, *Football mulato*, publicado no Diário de Pernambuco em 17 de junho de 1938, no qual ele “afirmava que um dos trunfos da seleção brasileira era exatamente a mestiçagem, conferindo aos brasileiros um estilo de jogo de todo original” (AGOSTINO, 2002, p. 144). O termo ‘veado’ tende a estar presente em todos os estádios, o ‘macaco’ não. Além disso, todos os atletas poderão ser ‘vítimas’ do grito de ‘veado’, mas nem todos

¹⁶² Disponível em: <http://www.correiopovo.com.br/blogs/hiltormombach/?p=34422>. Acesso em 16/05/2015, às 13h40.

poderão ser chamados de ‘macaco’¹⁶³. Poderia se apontar que a primeira discussão sobre o termo ‘macaco’ apareceu no longínquo torneio Sul-Americano de 1919¹⁶⁴.

Em alguma medida, é possível identificar a reação da torcida do Grêmio, no retorno do goleiro Aranha à Arena, a partir da vinculação ao clube que Arlei Damo define como clubismo: “um sistema de representação estruturado, de forma que o indivíduo, ao tornar-se torcedor, é capturado por códigos que orientam seu comportamento e moldam a sensibilidade” (2014b, p. 39). É possível inferir que as percepções ética, estética e moral são atravessadas por essa comunidade de sentimento. Nos noventa minutos de uma partida de futebol, é possível sentir as emoções de toda uma vida: felicidade, sofrimento, ódio, angústia, admiração e sentimento de injustiça. Porém, “para sentir plenamente estas emociones, hace falta ser partidario, ser hincha, pasar del ‘ellos’ al ‘nosotros’” (BROMBERGER, 2001, p. 21). O pertencimento clubístico também “articula um sistema que movimenta as emoções a partir da relação pendular entre identidades (nós) e alteridades (eles/outros)” (DAMO, 2014a, p. 50). Fazendo um exercício radical do conceito de clubismo, me permito apostar que, se entendermos a luta antirracista como um par oposto à torcida do Grêmio, os torcedores, dentro dessa participação engajada, se colocariam sem muito titubeio ao lado da torcida do Grêmio em oposição à essa luta. “O pertencimento clubístico é uma espécie de máscara e implica uma transição de uma personagem a outra. Particularmente, implica a identificação de um indivíduo a dada coletividade e, portanto, uma transubstancialização de indivíduo a persona” (Ibidem, p. 17). O sujeito individual poderia defender a luta antirracismo, o sujeito torcedor precisaria defender o Grêmio: “torcer é antes de tudo vivenciar uma interação que parece menos dependente das determinações últimas que divisam classificações seguras e preestabelecidas” (TOLEDO 2010, p. 177). Dentro dessa percepção clubística, entre defender os direitos civis ou defender seu clube, os torcedores estariam, aparentemente, mais propensos a fazer a defesa do clube.

5.1 Como os torcedores interpretam o ‘caso Aranha’

O chamado ‘caso Aranha’ foi bastante emblemático na relação dos torcedores e o que estava ou não autorizado a ser dito dentro dos estádios de futebol. A punição

¹⁶³ Agradeço ao professor Arlei Damo pela sugestão de problematizar as diferenças entre os termos com referências étnicas e sexuais nos estádios.

¹⁶⁴ Ver PEREIRA, 2014.

exemplar ao Grêmio, que acabou excluído da Copa do Brasil, na edição de 2014, e a interdição de cânticos realizada pela direção do clube colocaram, para além do episódio envolvendo o, então, goleiro do Santos, uma série de questionamentos sobre os históricos cânticos que a torcida do Grêmio realizava em direção ao Internacional, seu histórico rival, e a seu conjunto de torcedores.

Um dos entendimentos dos torcedores sobre o ocorrido durante a partida de ida das oitavas de final da Copa do Brasil não negava o episódio racista. Entretanto, existia certa discordância dos procedimentos punitivos e, mesmo, da responsabilidade pelos atos ao clube ou a seu conjunto de torcedores. Tony reclamava da generalização. Segundo ele, a *“imprensa ou mesmo os colorados sempre querem pegar aquela meia dúzia e generalizar, tem meia dúzia racista, então são tudo racista”* (DC 3). Kléber entendia que a imprensa focou muito na menina [Patrícia Moreira]: *“não tinha necessidade de ser tudo aquilo, tanto que deram pedrada na casa da menina, acabou com a vida da menina. Ela errou, errou, mas ela não foi a única”* (DC 7). Mesmo tentando não individualizar a responsabilidade da torcedora, essa ação ainda esteve mais associada à inclusão de outros torcedores individualmente do que ao entendimento de que se trataria de um problema da torcida, enquanto coletivo: *“apareceu um homem negro xingando o Aranha e não focaram nele, focaram só nela, talvez por ela ser loirinha e bonitinha quiseram trazer aquele peso nas costas dela”* (DC 7). Edinaldo disse que *“foi uma coisa que saiu, a guria não era racista de verdade, já namorou negros, mas isso aí, o politicamente correto já puniu, mas é um caso delicado sim, mas não acredito que o Grêmio é um clube racista ou que os porto-alegrenses são racistas”* (DC 11). Rhodolfo interrompeu a fala de Edinaldo para propor outra possibilidade interpretativa: *“vamos supor que a guria fosse racista. A guria era racista. Ela odeia negro. Ela vê um negro e começa a xingar. Cara, ela representa ela”* (DC 11). Ele concluiu que *“ela não representa a torcida do Grêmio, ela representa ela só, ponto. Aí tu taxares o time por causa da opinião de um torcedor, de dois ou até se fosse uma quantidade maior de torcedores, perto do que foi o estádio”* (DC 11). Edilson acreditava ser difícil controlar as manifestações dos torcedores. Ele entendia, também, que *“têm pessoas que pensam totalmente ao contrário uma das outras aqui e se pudéssemos controlar essas pessoas sem nenhuma pessoa se manifestar de forma que ofenda um jogador ou outra torcida assim se controlaria”* (DC 21). Sobre a punição sancionada ao clube, Patrício afirmou: *“é ridícula porque tu vais punir sete milhões de*

torcedores eliminando um time por causa de um ato de um torcedor, isso é completamente ridículo” (DC 33).

É bastante interessante pensar a partir de certos indicadores apontados pelos torcedores. A exigência de unanimidade poderia apontar para existências de discursos totalizadores dentro da torcida? A lógica da produção identitária ‘gremista’ teria algum tipo de traço capaz de igualar as ideias desse conjunto de torcedores? O que significa sermos sete milhões de gremistas? Em alguma medida, parece existir o entendimento da inexistência de consenso entre os torcedores, mas parece existir, também, um entendimento na direção contrária que apontaria para algo capaz de unir esses tais sete milhões de gremistas. Na fala de um dos torcedores, ele apontava que a torcedora representaria ela mesma. Isso poderia ser ampliado e cada torcedor ser apenas o representante de si mesmo? Se cada torcedor é um e suas ações são individuais e individualizadas, faz sentido falar em torcida, enquanto sujeito coletivo?

Jackson achou um absurdo a eliminação do Grêmio, dizendo que não gostava nem de lembrar. Ele entendia que se a menina ou mesmo “*a torcida inteira fez uh, uh, uh, imitando macaco que for, pode chamar de ato racista, mas não o clube, infelizmente, não pode pagar por isso*” (DC 11). Ao mesmo tempo em que visualizava o racismo como um problema, Matías se mostrou contrário às sanções aplicadas ao Grêmio e à sua torcida: “*claro que isso aí [racismo] tem que ser combatido e tal, mas não crucificar isso numa única torcida que foi o que aconteceu, estigmatizaram uma torcida*” (DC 15). Sobre a punição, Edilson acreditava que “*todos os autores ali foram identificados. Então, no momento em que tu identificas os autores que cometem algum tipo de infração dentro de um estádio de futebol, exige-se, e a gente espera, que essas pessoas sejam punidas e não o clube*” (DC 21). Anderson questionou a capacidade de o clube tomar medidas para controlar as manifestações dos torcedores: “*como a instituição vai proibir que ele, eu ou você? Ela vai te botar em um polígrafo, o teste, a máquina da verdade e vai te fazer uma série de perguntas de parapsicologia para dizer, não, esse cara não corre nenhum risco de cometer tal injúria*” (DC 30). Sobre a punição imposta ao Grêmio, Ruy acreditava que “*o clube tem um alcance X, eu acho que não é justo*” (DC 32). Ele entendia que se deveria punir quem estivesse diretamente envolvido no local: “*o clube não pode ser punido naquele caso ali. Tem que identificar quem fez e punir quem fez nas devidas proporções*” (DC 32). Sérgio, amigo de Ruy, achou a punição injusta, mesmo acreditando ter existido um caso de injúria racial ou algo similar: “*as pessoas com certeza tinham que ser punidas, mas eu acho que para o*

clube foi muito pesada. Eles têm um certo, até aonde eles podem organizar, mas além daquilo ali, o clube não tinha mais” (DC 32). Diogo entendeu que a punição aplicada à torcedora Patrícia Moreira foi adequada, entretanto, ele achou a punição ao Grêmio exagerada: *“fosse uma punição de um jogo, mas retirar um time de um campeonato pela atitude errada de um torcedor eu acho muito excessivo”* (DC 32).

Me permito apostar que o injusto ou excessivo apontado pelos torcedores tem maior relação com a dimensão da punição do que com a possibilidade ou não de o clube responder por atitudes de torcedores. Como apontado no capítulo anterior, os clubes são punidos por diferentes situações realizadas por torcedores. Uma vez que, na ampla maioria dos casos, as sanções se resolvem com pagamentos de multas pecuniárias insignificantes para o orçamento dos clubes, esse prejuízo não é lembrado como algo grave ou inadequado mesmo quando praticado por um único torcedor.

Gabriel concordou com a punição aplicada ao Grêmio em função do episódio envolvendo o goleiro Aranha, mas ele entendia que *“é inadequado chamar a torcida do Grêmio de racista”* (DC 9). Ramiro lembrou que *“a torcida do Grêmio tem várias raças e não existe sentido em chamar a torcida do Grêmio de racista”* (DC 9). Edinaldo, que se autoidentificou como torcedor negro do Grêmio, disse que *“não vejo a torcida do Grêmio como uma torcida racista porque a questão do macaco tem a ver com a própria história do Grêmio. Os caras lá da torcida do Inter viam o jogo montado em árvore e toda essa brincadeira”* (DC 11). Deivson acreditava que as manifestações no ‘caso Aranha’ foram casos *“meio isolados e não dá para generalizar toda a torcida do Grêmio com isso. Infelizmente, acontece sim, tem que ser combatido, mas não dá para generalizar todo mundo porque não foi todo mundo que gritou, não é todo mundo que apoia isso”* (DC 19), apesar de considerar que as ofensas dirigidas ao goleiro Aranha constituíram um episódio racista: *“não tem outra palavra a não ser racismo”* (DC 21), Edilson também contextualizou o episódio procurando *“deixar claro que foram cerca de cinco, seis, não passaram de dez torcedores com aquelas atitudes ali que não representam uma torcida como um todo. Foi muito criticado por muita gente”* (DC 21). Aloísio acreditava que *“o principal é que ficou a torcida tachada com isso [racismo] e não é, a torcida não é e todos os estádios, todas as torcidas têm problema com isso. Então não dá para generalizar uma atitude de meia dúzia, de dez ou de vinte”* (DC 25). Danilo achava que *“foi uma infelicidade grande acontecer isso com o Grêmio. Em muitos lugares isso aconteceu parecido, aconteceu, mas chamou muito a atenção, mais pela reação do Aranha, mas é claro que não dá para dizer que está certo”* (DC 34). Ele

achava que foi um erro de alguns torcedores: *“mas no fundo vem para corrigir uma coisa, foi um erro aconteceu, serve para corrigir, mas eu acho que não ficou marcado, ficou, mas...”* (DC 34). Luciano, amigo de Danilo, disse que *“alguém iria passar por isso, infelizmente foi o Grêmio”* (DC 34).

A recorrência de episódios racistas foi apontada como uma das possibilidades explicativas para a repercussão do ‘caso Aranha’. Eduardo disse que *“eles precisavam crucificar alguém e acabaram crucificando o Grêmio porque no ano passado teve o caso do Márcio Chagas contra o Esportivo que repercutiu bastante, teve o caso do Daniel Alves e foi a gota d’água final”* (DC 7). Matias entendia que *“a questão do racismo existe em todos os estádios, não foi privilégio do Grêmio. Ela existe em toda a sociedade na realidade. Só que nos pegaram aqui de cruz. Eles conseguiram filmar uma situação e aí estigmatizaram aquilo ali”* (DC 15). Ezequiel disse que, para ele *“foi frescura demais. Quiseram colocar um exemplo em uma coisa que acontece em tudo o que é lugar, então falaram vamos colocar um exemplo, o Grêmio ficou”* (DC 22). Aloísio afirmou que *“realmente a atitude do torcedor foi errada, mas é uma situação que acontece em todos os estádios, não é só aqui na Arena ou na torcida do Grêmio que ficou tachada como uma torcida racista”* (DC 25). Mithyê questionou a punição a partir de outra lógica explicativa: *“foi oportunista da CBF. Como o Grêmio perdeu por 2 a 0 é muito fácil punir, mas e se o Grêmio tivesse ganho de 2 a 0? Tu achas que eles iam punir o Grêmio? Não iria rolar o segundo [jogo]? Mas como eles ganharam de 2 a 0”* (DC 26). Ele reforçou que *“foi tão oportunista da CBF que no mesmo ano ou no ano seguinte, a torcida do Inter chamou o Paulão de macaco e não aconteceu nada e por quê? Porque é difícil tirar um time de uma competição andando”* (DC 26). Réver pensava que o que aconteceu, *“acontece em todos os estádios do Brasil, vai sempre acontecer, infelizmente, é ruim de certa forma, mas eu acho que não tem muita diferença entre você chamar um atleta de negro, no caso agredir racialmente quanto você ofender um juiz com canto organizado”* (DC 29). Além de colocar a ofensa racial no que poderia ser entendido como o conjunto das ofensas que se realizam nos estádios, Réver naturalizou esse comportamento dos torcedores: *“eu acho que vai sempre existir isso aí e, sinceramente, eu acho que a imprensa um pouco supervaloriza isso, então fica um caso meio exagerado sobre o assunto”* (DC 29). Alexander disse que episódios racistas são coisas que acontecem em todos os lugares. Ele questionou: *“por que eu não posso me ofender então, jogo Grêmio e Chapecoense escutei: gaúcho, veado, é um tipo de racismo, gaúcho veado”* (DC 31). Naturalizando essas manifestações, ele repetiu que

o problema foi que *“a guria chamou o cara de macaco porque, como eu disse, foi uma infelicidade, ela estava no lugar errado, gritando a palavra errada, com a câmera errada”* (DC 31). Diego disse que *“é certo que em todos os jogos possíveis que tiveram depois, alguém gritou a mesma coisa que ela”* (DC 34). Sebastián, amigo de Diego, tentou contextualizar o significado dos termos e manifestações: *“não é a situação de xingar a raça, é a mesma coisa que chamar de juiz ladrão e qualquer coisa, mas na situação que a gente está...”* (DC 34). Diego interrompeu e atribui esses questionamentos a partir do episódio Aranha a um policiamento das manifestações públicas que ele disse visualizar via redes sociais: *“no mundo politicamente chato que a gente está, que a gente vive hoje”* (DC 34).

Falas como essas naturalizam a sociabilidade torcedora dos estádios como cenário de insultos e parecem afastar qualquer possibilidade de pensar na injúria, nesse caso específico, racial como um problema. Além disso, parece existir uma descrença bastante forte em um processo pedagógico antidiscriminatório que poderia incluir diferentes estratégias de enfrentamento às práticas preconceituosas.

(...) anti-semitismo, racismo e sexismo podem ser superados ou, ao menos, atenuados na medida em que a conjugação de iniciativas individuais (autoconhecimento, abertura para o outro), coletivas (políticas públicas, especialmente educacionais) e jurídicas (repressão de atos discriminatórios e incentivo a medidas reparatórias e positivas) tenha condições de implementação e funcionamento (RIOS, 2009, p. 58).

Uma imagem produzida pelo canal de televisão ESPN flagrou a torcedora Patrícia Moreira gritando o termo “macaco”. A existência dessa evidência e certo engajamento midiático foram apontados como responsáveis pelas sanções impostas ao clube. Cristiano acreditava que foi a mídia que criou esse rótulo para a torcida e que *“qualquer coisa do gênero, a mídia pega e diz que a torcida do Grêmio é racista”* (DC 7). Hernán afirmava que *“claro, foi errado, muita gente falou e a guria deu azar de estar no lugar errado, na hora errada, a câmera filmou, quantas pessoas não falaram, mas acho que aquilo ali é do jogo”* (DC 7). Rhodolfo entendeu que sim, aconteceu um caso de racismo na Arena, *“mas 80% do que aconteceu foi culpa da mídia que foi em cima, caiu em cima daquele caso”* (DC 11). Ele entendia que esses episódios acontecem, que tem gente que falaria brincando nas músicas, nos hinos. Ele acreditava que a menina *“realmente quis chamar ele de macaco, mas foi mais a mídia que aumentou porque acontece em tudo que é estádio. Não que seja certo, mas acontece”* (DC 11). Guilherme pensava que *“a guria falou aquilo de forma espontânea, como se estivesse chamando de merda ou de qualquer outra coisa. Isso não foi preconceito”*

algum porque tu olhas qualquer jogo na TV, botar na cara de alguém, alguém vai estar xingando algum jogador” (DC 12). Ângelo continuou afirmando que *“foi mais pelo alarde que ele fez ali apontando para a torcida e como ele falou gravaram ela, pegaram na cara dela especificamente falando, mas isso aí todo mundo xinga, assim como xinga o juiz”* (DC 12). Alan acreditava que eles (sem nenhuma definição aproximada de quem seriam eles) *“tinham que achar um bode expiatório que eles estavam querendo e o Aranha teve aquela novela e o juiz entrou na dele, daí a imprensa já foi, porque a imprensa gosta de uma festa”* (DC 13). Facundo acreditava que *“há uma ação da mídia em relação ao racismo”* (DC 22). Ao mesmo tempo, ele também entendia que *“há um certo exagero em relação a isso também porque antigamente se tinha cânticos homofóbicos e eram tratados como coisa do jogo e aí hoje em dia se trata como algo pessoal que foi o que aconteceu conosco contra o Santos”* (DC 22). Alexander acreditava que o episódio envolvendo o goleiro Aranha *“foi uma coisa muito midiática, muito mídia. A guria na hora errada, com a câmera errada na cara falando a merda, foi isso”* (DC 31). Segundo ele, ela efetivamente chamou o, então, goleiro santista de ‘macaco’, mas ele argumentou que *“tu vens paro o estádio e tu xingas o juiz de filho da puta, tu sabes se a mãe dele é puta ou não? Não sabe”* (DC 31). Alexander também manifestou certa naturalização da utilização de diferentes xingamentos como forma de relacionamento: *“eu chamo ele [Renato, seu amigo] que é meu brother de anos de veado de vez em quando: e aí, veado, qual é que é? E eu sei que ele não é veado”* (DC 31). Para Alexander, o ambiente do estádio seria um local específico: *“tu vens para extravasar”* (DC 31) e os xingamentos poderiam ser entendidos como moeda corrente: *“os próprios jogadores se xingam, o juiz xinga o jogador, jogador xinga técnico, o técnico xinga o auxiliar e é uma coisa do jogo”* (DC 31). Diego acreditava que a repercussão se deu *“porque eu acho que foi o primeiro exemplo no Brasil dentro de um estádio de futebol”* (DC 34). Sebastián, amigo de Diego, discordou: *“já tinha, já estava acontecendo no vôlei, estava acontecendo em outros lugares, mas...”* (DC 34). Diego interrompeu e afirmou que *“aí pegaram ela falando na Globo e aí ferrou”* (DC 34). Sebastián disse que *“foi um câmera que é colorado [risos dele], certamente o câmera é colorado”* (DC 34). Em alguma medida, ‘a mídia’ é colocada como certa entidade que teria interesse na espetacularização de fenômenos como este. No argumento dos torcedores, sem esse ator, o ‘caso Aranha’ teria proporções menores.

Jean acreditava que o goleiro Aranha tenha valorizado a situação, mas que olhando todo o contexto, o episódio teria sido positivo, pois, segundo ele, a situação acabou melhorando. Ele entendia que *“vários cânticos da Geral não são racistas e sim uma brincadeira com a torcida rival, mas até isso parou em função do episódio”* (DC 6). Jean acreditava que a situação do racismo melhorou bastante após esse episódio: *“infelizmente o Grêmio acabou pagando o pato, mas acabou sendo benéfico para todo mundo”* (DC 6). Rhodolfo lembrou que em jogos posteriores ao episódio quando a *Geral* cantava a música que incluía a expressão *“chora macaco imundo”*, os demais torcedores começavam a vaiar a torcida. Ele disse que a *Geral* se deu conta e que *“a gente não vai cantar mais por causa do clube e mostra que a gente não é isso. A gente não quer nem essa imagem perto porque se fosse, canta e não estamos nem aí. Porque quem é assume que é, eu sou mesmo e não tenho problema”* (DC 11). Pedro entendia que depois do ‘caso Aranha’ existiram *“alguns casos de jogadores que denunciaram, nós já tivemos antes desse caso. Foi demais, mas foi um mal necessário”* (DC 13). Rodrigo acreditava que dentro da rivalidade Gre-Nal, o termo ‘macaco’ ocupa um lugar bastante particular. Com isso, ele destacava que o goleiro Aranha *“é paulista, ele é de fora e ele acabou, sendo negro, vendo aquilo de uma forma ofensiva, ele não está errado de achar aquilo uma forma ofensiva, ele não está errado”* (DC 14). Após o episódio, Rodrigo entendeu que o Grêmio agiu de forma adequada: *“o Grêmio esteve ali, apareceu, se mostrou, saiu da Copa do Brasil eu acho que injustamente, porque ele fez tudo o que o clube deveria fazer e quando falaram assim, proibido cantar, a torcida se quisesse ela cantava tranquilamente”* (DC 14). Rodrigo reforçou que a torcida percebeu que uma mudança nos cânticos se fazia necessária, mesmo que isso não viesse acompanhado por torcedores rivais: *“acho que ali ela viu, é, acho que é hora de mudança, é hora de trocar, mas eu acho que isso é meio uma hipocrisia porque assim, aconteceu aqui esse fato e foi tudo, mas agora a questão que nem eles falam da Coligay que os colorados chamam de gay isso e aquilo”* (DC 14). Com todas essas ressalvas, Rodrigo acabou entendendo que *“foi muito de um acaso, mas que foi até bom porque pelo menos a nossa torcida evoluiu”* (DC 14). Giuliano entendia que a punição teve certo caráter pedagógico. Ele acreditava que *“agora a torcida aprendeu com os próprios erros, com o clube sendo punido prejudicou não só a menina que fez todo esse auê, mas também, como o clube. Não tem como não pensar nisso também”* (DC 14). Mesmo entendendo que o cântico com o termo ‘macaco’ não tenha conotação racista, Matias acreditava que *“é bom que se evite para que os mal-intencionados, a imprensa*

mal-intencionada não use isso como argumento, não use isso como comércio de mídia, então é melhor não facilitar. É interessante parar com os cânticos nesse sentido” (DC 15). Braian acreditava que *“como alguns torcedores podem se sentir ofendidos é melhor que não se cante*” (DC 18). Odacir imaginava que a diminuição ou a proibição dos cânticos com os termos ‘macaco’ e ‘macacada’ dirigidos aos torcedores do Internacional *“foi importante até para tirar essa imagem da torcida do Grêmio. Essa palavra sempre foi corriqueira entre as torcidas e eu acho até que o Inter associou”* (DC 27). Mesmo dizendo não ver como uma questão de preconceito a associação entre o Internacional e o ‘macaco’, ele acreditava que *“foi uma questão de imagem importante para a torcida”* (DC 27). Sobre o ‘caso Aranha’, Ferdinando lembrou que *“infelizmente, eu frequento o Olímpico que nem tu, [desde o] final dos anos [19]80, e tu vês um caso pontual, tu vês outro caso pontual e tu vês outro caso pontual e aí a direção tenta botar panos quentes e aí a torcida bota panos quentes”* (DC 27). Ele acreditava que faltava alguma coisa séria efetivamente acontecer com o Grêmio: *“vira e mexe tinha um problema de atitude racista sim, então, Gre-Nal, acontecia bastante”* (DC 27). Ferdinando entendeu que a punição *“foi um remédio amargo que o Grêmio... Eu lembro que na época o presidente Fábio Koff, ele foi o primeiro presidente que disse sim, aconteceu, isso aqui acontece e nós vamos ter que parar para ver”* (DC 27). Ele conclui definindo que episódio talvez *“tenha sido um remédio amargo para o Grêmio que foi uma exposição terrível para o resto do Brasil que tivesse que acontecer para torcida se conscientizar ou para o clube entrar”* (DC 27). Mesmo tendo entendido certo exagero relacionado ao ‘caso Aranha’, Wender disse que *“temos que pensar pelo lado positivo, que, na minha opinião, graças a Deus, o Grêmio tem que parar de falar essa coisa de macaco para parar de chamar a torcida do Grêmio de racista”* (DC 35).

É possível perceber que os torcedores associam distintas discursividades, por vezes contraditórias, em seus argumentos. Alguns chegam a dizer que o episódio envolvendo o goleiro Aranha não foi racista, assim como a referência ao coletivo de torcedores do Internacional. Ao mesmo tempo, os mesmos torcedores afirmam que a interdição de cânticos diminuiu a incidência de manifestações racistas no estádio. Em alguma medida, é possível inferir que os torcedores dialogam entre o espaço do jogo e os demais elementos do circuito da cultura: *“no puede entenderse el campo del deporte funcionando autónomamente, pero que también sería un error pensar que el deporte es la expresión mecánica de procesos sociales más amplios”* (ULIANA, 2013, p. 166). Outra marcação interessante se dá em relação ao clubismo. Se, em um primeiro

momento, os torcedores defendem o clube e negam a possibilidade das manifestações possuírem caráter racista, logo em seguida, eles argumentam que a não utilização do termo ‘macaco’ poderia melhorar a imagem do clube.

Diferentes campanhas foram lembradas pelos torcedores que tentavam eximir as responsabilidades do clube com o episódio. Eduardo acreditava que o Grêmio não teria culpa: *“tanto é que em todo o estádio sempre tem a [campanha] azul, preto e branco, em todos os jogos, independente da aparição na TV desse caso”* (DC 7). Edinaldo disse que *“o próprio Grêmio se posicionou muito bem nesse caso. O Grêmio ajudou com a segurança reconhecendo quem tinha feito, fez campanha, diversas campanhas, ‘somos azul, negro e branco’”* (DC 11). Maurício achava que a punição ao clube em função do episódio envolvendo o goleiro Aranha *“foi meio severa demais, excluir um clube, ainda mais que o Grêmio estava fazendo ações de ser contra o racismo, ações contra o racismo”* (DC 28).

Apesar das campanhas pontuais, o Grêmio, enquanto instituição, parece ter se associado à certa lógica normativa sobre o comportamento dos torcedores de futebol. *“Além de se mostrar como uma das poucas instituições sociais que dá vazão e visibilidade a essas pulsões de grupos intolerantes na contemporaneidade, as suas entidades pouco fazem para combater e oferecem baixíssima punição aos agressores”* (TONINI, 2013, p. 9). Isso me parece mais evidente a partir da posição mais enérgica tomada após o ‘caso Aranha’. O clube nunca havia tratado oficialmente os cânticos para a torcida do Internacional como contendo conteúdos racistas. Entretanto, essa percepção foi atualizada após a denúncia do clube junto ao STJD.

Além das campanhas, a presença de negros na história do Grêmio também foi lembrada pelos torcedores como forma de absolver o clube do título de racista. Eduardo lembrou que *“a torcida do Grêmio não é racista, não se deve generalizar, tanto é que tem vários jogadores negros no Grêmio, que jogam super bem e o Grêmio não consegue jogar tão bem sem eles”* (DC 7). Kléber apontou que *“hoje o nosso técnico é um dos poucos negros que tem no futebol brasileiro e o Roger está sendo ovacionado e se o Grêmio ganhar um título esse ano, vai ter uma estátua dele aqui na frente”* (DC 7). Gabriel recordou a presença de jogadores negros e do treinador em sua argumentação: *“o técnico do Grêmio é o único negro na série A, então não tem porque chamar a torcida do Grêmio de racista”* (DC 9). Outros treinadores que, por seu fenótipo, poderiam ser entendidos como negros também comandaram equipes da série A, em 2015. O número ainda foi pequeno, mas não permitiria aos torcedores do Grêmio

solicitarem exclusividade. Em alguma medida, esse entendimento aponta para mais um dos processos de branqueamento que acabam ocorrendo no futebol brasileiro.

A história do negro no futebol, esporte mais popular do país, não é diferente da história do negro no país. Quando o futebol chega ao Brasil os negros eram impedidos de praticá-lo. Com o tempo, o negro foi conquistando seu lugar devido à sua habilidade. Os times começam a permitir a participação do negro, pois percebem que estes os ajudariam a ganhar jogos e campeonatos. Mas fora das quatro linhas o negro ainda continua excluído. Nos cargos técnicos e de gestão a participação do negro é pequena. Mesmo no futebol, esporte com um grande percentual de atletas negros, os ex-atletas não conseguem se inserir em cargos técnicos e administrativos, encontram barreiras preconceituosas quase intransponíveis (GREGÓRIO; MELO, 2015, p. 28).

Wender também ressaltou a presença de negros vinculados à história do clube: *“o Grêmio é um clube que tem na sua bandeira uma estrela amarela que é uma homenagem ao Everaldo que é um atleta negro. Tem no seu conselho deliberativo muito mais negros do que no do Internacional”* (DC 35). Ele ainda lembrou o compositor Lupicínio Rodrigues, também negro, autor do hino do cinquentenário do clube, que acabou sendo transformado em hino oficial (DC 35). Lucas, amigo de Wender, lembrou que na década de 1950, *“o Grêmio tinha um torcedor símbolo no Centro de Porto Alegre, um mendigo, negro que tem um quadro chamado Bombardão, que tem um quadro no Conselho Deliberativo do Grêmio, ninguém fala isso”* (DC 35).

Existe certa condescendência com o comportamento de Patrícia Moreira, protagonista das ofensas dirigidas ao goleiro. Everaldo acreditava que *“a menina foi crucificada”* (DC 12). Matheus, amigo de Everaldo, reforçou que ela teria cometido um erro, mas *“poderia ter sido punida de várias outras formas, mas foi punida por uma mídia que foi muito mais oportunista do que propriamente pelo ato, do erro que ela cometeu”* (DC 12). Everaldo entendia que *“a punição dela foi para rede nacional, foi criado um caso, foi muito exagerado, pune ela, chama ela, pune ela de assistir ao jogo por um tempo, alguma coisa assim, mas não precisava todo aquele caso e tal, mas é o Brasil, então tudo pode acontecer”* (DC 12). Aloísio entendia que *“o Aranha quis aproveitar o momento do jogo para dar uma trancada no jogo e não imaginava que iria tomar a proporção que tomou”* (DC 25). Ele acreditava que o foco dado à torcedora foi muito pesado. Mesmo considerando que sua atitude foi equivocada, ele lembrou que *“ao mesmo tempo foi uma atitude do momento, onde o cara provocou e ela reagiu dessa forma”* (DC 25). Aloísio achava que *“o episódio não precisava ter chegado aonde chegou”* (DC 25). Diogo percebeu uma culpa excessiva na garota que *“estava na hora errada, no lugar errado e falando a coisa errada, ela não estava certa”* (DC 32).

Dentro do contexto da partida, os torcedores também se permitiram responsabilizar o goleiro Aranha pelo episódio. Marco Antônio estava bastante excitado para falar sobre o episódio. Ele iniciou destacando sua presença no estádio naquela partida. Ele acreditava que a imprensa não divulgou o que realmente teria acontecido: *“porque foi ele, o goleiro Aranha, que proporcionou toda a ira da torcida do Grêmio, ele provocou e isso não mostram, nunca mostraram, as três, quatro vezes que ele caiu no chão”* (DC 3). Há, novamente, um protagonismo dado à imprensa. Imprensa acaba sendo o termo nativo utilizado para fazer referência ao jornalismo esportivo. Willian entendia que *“o goleiro Aranha foi um pouco desleal por ter jogado tudo contra o Grêmio”* (DC 6). Maximiliano acreditava que *“ele [Aranha] foi muito radical”* (DC 10). Ele citou uma entrevista em que o Pelé teria dito que se fosse reclamar das vezes em que foi ofendido, *“ele nunca iria jogar bola na vida. O Aranha veio aí e aproveitou a situação, tanto que eles passaram de fase, cortaram o Grêmio e julgaram a menina”* (DC 10). Edinaldo disse que *“o Aranha fez cera, o cara provocou a torcida o jogo todo. Não que ele tenha merecido isso, óbvio, mas óbvio que ele vai atijar a torcida, óbvio que vai dar problema nisso”* (DC 11). Alan apontava que *“a guria deu azar, o Aranha estava fazendo cera e o juiz estava deixando, aí tu vais dizer o que para ele, Aranha burro? Não, vai chamar de macaco mesmo. É normal, não tem, isso é palhaçada”* (DC 13). Tiago achava que o Grêmio *“deu azar de pegar uma pessoa que estava louca para que acontecesse um incidente para ter mídia, para se favorecer, para chamar a atenção de alguma forma”* (DC 15). Tiago reforçou que hoje *“ele [Aranha] está se vitimizando por estar sem emprego, está pegando aquele papel de vítima que ficou claro que era o que ele queria fazer. O cara quando é bom ele joga”* (DC 15). Roberson faz uma série de apontamentos sobre o ‘caso Aranha’. Ele acreditava que *“ali pegaram pesado, foi no calor da situação, foi o calor da situação e com certeza a mídia também forçou um pouco isso, porque a mídia resolveu daqui a pouquinho focar aquilo que realmente estava pesado na hora”* (DC 24). Além disso, ele responsabilizou o goleiro: *“vamos combinar que ele provocou também. Não minimiza o fato dele ser negro, de ofenderem ele por ele ser negro, não minimiza o fato, ofenderam, ele vai ter, só que o seguinte ele estava na parte dele de fazer a cera como ele fez muita cera”* (DC 24). Luiz, amigo de Roberson, lembrou que *“inclusive negros chamaram ele, então é meio, foi uma forma de intimidar ele por estar fazendo com que o jogo parasse”* (DC 24). Ele reforçou que o goleiro estava irritando a torcida: *“inclusive ele estava fazendo os gestos obscenos também contra a torcida”* (DC 24). Roberson disse que *“quando ele [Aranha] foi pegar*

uma das bolas no fundo do gol, ele provocou a torcida, ele provocou” (DC 24). O torcedor ressaltou que nesse ambiente, a torcida estaria *“no calor da situação, precisando do resultado, correndo atrás... De novo, não justifica o racismo, mas... não justifica, mas é de se entender”* (DC 24). Mithyuê disse que o goleiro Aranha *“se fez de vítima, até porque vários jogadores falaram isso”* (DC 24). Alexsander acreditava que *“o Aranha fez uma cena, não teria porquê. Ele é jogador”* (DC 31). Alexsander acabava cobrando do atleta um comportamento que seria esperado/desejado para um atleta profissional.

(...) as “preparações psicológicas” dos atletas no futebol são compreendidas como ações que buscariam proporcionar a incorporação de condutas ligadas ao “controle das emoções”, à “contenção dos ímpetos”, à resistência às provocações dos adversários e aos insultos das torcidas (SOARES et al, 2016, p. 1157).

Diogo recordou que *“o Aranha ficou catimbando, fazendo cera um tempão antes e o juiz não fazia nada e todo mundo lá atrás gritava”* (DC 32). Ele entendia que *“isso foi uma das coisas que incentivou a guria a falar aquilo. Está errada? Está, não pode mais ter ato racista, mas é coisa do estádio e foi punida corretamente”* (DC 32). Wender disse que estava no estádio na partida em que o Grêmio foi derrotado para o Santos e o goleiro da equipe paulista foi alvo de gritos com o termo ‘macaco’, *“por sinal, eu era um dos que estavam bem atrás da goleira e vi. Aquilo ali foi uma hipocrisia do Aranha. Ele estava o tempo inteiro provocando normal, ele estava provocando e estava amarrando o jogo”* (DC 35). Wender acreditava que, naquele contexto, o termo ‘macaco’ não teria conotação racista: *“a guria essa que falou macaco, nem sabe o que estava falando, tanto é que várias pessoas que falaram macaco são negras, a maioria ali são negros”* (DC 35). Dialogando com Lévinas, Judith Butler aponta que teríamos uma expectativa de sermos responsabilizados apenas quando realizamos algo que tem, em sua origem, nossa intenção ou ações. Ela aponta que *“Lévinas rejeita explicitamente essa visão, afirmando que associar a responsabilidade à liberdade é um erro”* (2015, p. 117).

Outra alternativa utilizada como chave explicativa para o caso foi negar a existência do episódio de racismo ou injúria racial, mesmo reconhecendo que torcedores gritaram ‘macaco’ para o goleiro. Marco Antônio disse que *“não tem nada de racismo, ele que provocou, ele que fez tudo, o gesto foi ele que fez, não foi a menina sozinha que chamou ele de macaco, foram todos que chamaram ele”* (DC 3). Para Alan, *“o caso Aranha foi uma palhaçada”* (DC 13). Ele acreditava que se *“esse negócio de tu chamar o cara de macaco é racismo, então se tu chamar o alemão de alemão é racismo, tu*

dizer para o italiano que ele é gringo é racismo” (DC 13). Alan continuou afirmando que *“o negro é mais racista que nós, muito mais”* (DC 13). Douglas acreditava que essa discussão estaria em pauta em função do que ele diz ser o politicamente correto: *“por exemplo, se eu vejo uma pessoa negra e chamo ele de negro ele pode se sentir ofendido mas se alguém me chama de alemão...”* (DC 16). Esse argumento foi utilizado outras vezes tentando equiparar as diferentes nomeações e ignorando os traços que os diferentes termos carregam. Douglas acreditava que *“nós estamos numa época em que tu tens que cuidar muito o que tu falas. Tu não falas por mal. Nós temos amigos jogando bola conosco e daqui a pouco tu fala, ‘oh negão’, mas daqui a pouco tu fala ‘oh negão’ e o cara vai se sentir ofendido”* (DC 16). É interessante que, ao realizar essa argumentação, o termo ‘macaco’, utilizado ‘contra’ o goleiro Aranha, não apareça. Lilia Schwarcz aponta que *“parte da esfera do discurso politicamente correto, a medida tem prevenido sobretudo que se ‘diga’ algo, não tanto que deixe de ‘fazer’”* (2012, p. 81). Aqui aparece uma dupla crítica a esse entendimento de politicamente correto. Por um lado, os torcedores argumentam um controle excessivo sobre as possibilidades de fala enquanto a autora critica a falta de alcance para além da interdição do que pode ser dito.

Derrida, em diálogo com Roudinesco, apresentou um entendimento positivo sobre o cuidado com as falas possíveis, entendendo que essa vigilância poderia ajudar a impedir manifestações de diferentes violências.

(...) para além da caricatura, que é minoritária e pouco presente, uma ética geral da vigilância me parece necessária a respeito de todos os sinais que, aqui ou lá, na linguagem, na publicidade, na vida política, no ensino, na escrita dos textos etc., podem encorajar por exemplo a violência falocêntrica, etnocêntrica ou racista (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 42).

Maylson disse ter ficado muito chateado *“porque eles botaram a torcida do Grêmio como racista e eu não sou racista e sou gremista. Eu tenho muitos amigos negros e nos damos super bem”* (DC 26). Ele seguiu argumentando acreditar que *“não é uma maneira de racismo tu chamar de macaco, vamos supor”* (DC 26). Maylson partia do pressuposto de que o racismo seria *“uma pessoa estar chegando aqui por ser negra e eu virar a cara porque ela é inferior a mim. Isso para mim é racismo”* (DC 26). Ele reforçou sua opinião de que *“chamar de macaco, de gordo, isso aí não é racismo para mim”* (DC26). Alexander comentou que *“racismo para mim seria proibir o Aranha de entrar na Arena e dizer assim, tu és negro, tu não entras aqui, não quero pessoas que nem tu jogando, pisando no campo, eu não quero”* (DC 31). O entendimento dos torcedores dialoga fortemente com o marco legal brasileiro: *“racismo é, portanto, de acordo com o texto da lei, proibir alguém de fazer alguma coisa por conta de sua cor de*

pele” (SCHWARCZ, 2012, p. 81). Em relação ao xingamento durante a partida, Aleksander acredita que *“eu estou ali, no calor, eu vou chamar o cara de filho da puta, de veado, de macaco”* (DC 31). Ele acreditava que *“foi cena porque acontece, é uma coisa do calor do momento. Não que seja justificado, que tu não vais chegar e chamar todo mundo de macaco, mas para a situação, para o momento não deveria ter sido tanto da mídia quanto eles fizeram”* (DC 31). Mesmo sobre as restrições aos cânticos com os termos ‘macaco’ e ‘macacada’, Julián acreditava que a interpretação sobre os termos teria sido um tanto distorcida: *“o cântico já vinha de muito tempo e aí o pessoal acabou distorcendo um pouco levando para um contexto”* (DC 33). Ele concordou que *“quem olha pode até parecer ofensivo, mas o histórico que tem não era essa a intenção, do racismo em si. Eu acho que foi bastante distorcida essa história e quem olha de fora pode até parecer ofensivo, mas na verdade”* (DC 33). Wender acabou entrando em contradição ao reforçar que, ao mesmo tempo em que *“o caso Aranha, eu continuo achando que foi uma hipocrisia, mas há males que vem para o bem e diminuiu muito os cânticos racistas aqui”* (DC 35).

O ritual esportivo impera uma competição através da medição de forças entre “iguais”. Logo, as manifestações de preconceito no espaço do futebol brasileiro entram em contradição com o respeito à igualdade de direitos previsto no contrato esportivo e no contrato social, vigentes em uma sociedade democrática. Enquanto em outras instâncias as representações racistas seriam censuradas, sejam por medo de represálias legais ou morais, no plano esportivo as representações sobre a “raça negra” emergiriam com uma maior naturalidade e com menor pudor (ABRAHÃO; SOARES, 2011, p. 267).

Alguns torcedores acreditaram que a punição aplicada ao Grêmio pelo ocorrido foi adequada. Gabriel reforçou que as ofensas ao goleiro Aranha deveriam ser reprovadas: *“a pena do Grêmio foi grande, mas merecida no final das contas porque é uma coisa para abolir dos estádios”* (DC 9). Bruno achava que a punição aplicada ao clube, *“como exemplo para toda a situação, foi válida”* (DC 19). Bruno lembrou a presença de vários torcedores negros, além da presença de vários jogadores negros importantes na história do clube, alegando não haver como apontar que a torcida inteira seja racista. Ele acreditava que *“a punição em si, pelo fato, aconteceu infelizmente, a punição é válida, mas acho que tinha que ser aplicada para todos os casos não só isoladamente para o Grêmio porque tu vê isso em todos os estádios, é essa questão”* (DC 19). Ferdinando acreditava que *“pareceu que a CBF até fez um favor: eu vou fazer que estou dando uma baita punição, mas na real... Eu acho que isso o Grêmio tem que agir e alguma coisa tinha que acontecer”* (DC 27). Germán argumentou ser contra a

lógica ‘punitivista’: *“eu não sei se a punição resolve alguma coisa, nem a punição individual à guria, nem a punição... A gente precisa fazer alguma coisa para acabar com o racismo. Punindo o clube não adianta, punindo só a guria não adianta”* (DC 29). Mesmo com essa descrença relativa às punições de maneira geral, Germán reforçou que *“talvez uma responsabilização tenha que existir mesmo, mas da maneira que foi feito em relação ao Grêmio parece que não foi adequada”* (DC 29). Ainda assim, ele também afirmou que *“não fiquei triste quando falaram que o Grêmio saiu da Copa do Brasil por causa desse caso do racismo, eu falei: beleza, justo, resignado”* (DC 29).

Alguns torcedores narraram certo entendimento que vitimizava o clube pelas sanções aplicadas, especialmente por ser um clube, supostamente, da periferia do futebol brasileiro. Kléber entendia que existem diferentes representações sobre diferentes torcidas no futebol brasileiro: *“talvez, da mesma forma que se diz que a torcida do Corinthians é ladrão e chamam a torcida do Grêmio de racista, pesa mais a do Grêmio porque é mais fácil crucificar um racista do que um ladrão”* (DC 7). Rhodolfo acreditava que a repercussão pode ter sido aumentada *“por ter sido aqui no canto menos favorecidos que o centro do país, São Paulo, Rio de Janeiro tudo aumenta para eles ali, no caso”* (DC 11).

O campo esportivo, entendido como um campo simbólico de manifestação de elementos da cultura, reflete e atualiza o conflito entre a “periferia” - o Rio Grande do Sul, na qualidade de Estado fronteiro - e o “centro” do País, nomeadamente Rio de Janeiro e São Paulo (ABRAHÃO; PAOLI; SOARES, 2011, p. 198-199).

Indaguei um grupo de torcedores se o histórico do Grêmio e a rivalidade com o Internacional teriam auxiliado na repercussão do episódio Aranha. Teodoro acreditava que o episódio teve grande repercussão por ter acontecido no Sul. Ele acredita que *“no Brasil como um todo eles têm uma certa ideia do Sul como o Sul sendo um povo racista e preconceituoso. Acho que se fosse Grêmio ou se fosse Inter a repercussão ia ser a mesma”* (DC 16). Dentro do contexto gaúcho, entretanto, Teodoro visualizava certa diferenciação: *“de repente por ser Grêmio a repercussão dentro do estado foi um pouco maior porque surgiu de parte dos colorados um certo julgamento contra o Grêmio por já ter esse histórico no Grêmio com essa questão racista”* (DC 16). Apesar dessa hipótese, ele reforçou a relevância da questão regionalista: *“por ser no Sul a repercussão foi tão grande, de Fantástico [Programa de Televisão]. Porque aconteceu com o próprio Aranha no Santos e não teve nem metade da repercussão que teve aqui no Sul”* (DC 16). Ao questionar novamente se o histórico da rivalidade do Grêmio com o Internacional e o uso recorrente do termo ‘macaco’ para nos referirmos à torcida

colorada não teria ‘facilitado’ a aplicação de punição ao Grêmio, Fernando discordou e disse que *“já penso no contexto histórico do Rio Grande do Sul que o Brasil tende a ter uma visão diferente conosco, então tanto se fosse Grêmio ou Inter eu acho que a punição seria a mesma, mas se fosse um time de São Paulo, a punição seria diferente”* (DC 29). Renato achava que o histórico da rivalidade Gre-Nal poderia ter facilitado a punição ao clube e soma a isso o fato de o Grêmio ser um clube da periferia ou ao menos de não ser um clube Central: *“por ser um clube de fora do eixo Rio-São Paulo. Porque no mesmo ano, o próprio Aranha foi xingado de macaco, de negro e de não sei o que dentro do Santos, num treino do Santos e não aconteceu nada com o Santos, sequer foi multado”* (DC 31). Ao mesmo tempo em que reconheceu a presença histórica do termo ‘macaco’ ao longo das manifestações da torcida e que isso, eventualmente, tenha sido levado em consideração, José também acreditava em certa perseguição ao Grêmio por sua pertença regional: *“vamos usar o Grêmio por não ser do eixo. Pode ser que seja coisa da nossa cabeça, ah, sempre prejudicado pelo eixo, mas pode ser sobre isso como pode não ser, mas usaram como exemplo”* (DC 33).

Enquanto boa parte dos torcedores argumentava que o tempo do jogo de futebol deveria ser entendido como um tempo extraordinário e que algumas das ações praticadas nos estádios não poderiam ser avaliadas da mesma forma que em outros espaços, outras explicações apontavam que episódios racistas estariam muito presentes na cultura brasileira mais ampla. Para Hernán, essa marcação discriminatória estaria impregnada na cultura brasileira há muito tempo e *“ainda vai demorar muito para galera absorver e aceitar. Então ainda vai ter muito disso nos estádios e não só nos estádios, qualquer outro tipo de evento que envolva multidões vai acontecer tanto político quanto esportivo, quanto religioso”* (DC 7). Edinaldo reforçou que episódios como esse são situações da cultura e *“enquanto não mudar vai ter racismo, vai ter homofobia, vai ter tudo. Enquanto não mudar a cabeça do cara que diz isso, não vai mudar. Ainda tem cara que grita macaco na torcida e não se importa. Acha que ser negro é um problema”* (DC 11). Alan explicitou a naturalização de forma de tratamento aos negros em situações cotidianas: *“quantas vezes eu mesmo digo, não vai fazer uma de negrão, então não tem, e eu tenho amigos negrão (sic), tenho padrinhos de casamento negrão (sic), ele é negro e ela é negra e são meus padrinhos de casamento”* (DC 13). Victor dizia que *“estamos vivendo o período em que o governo do país é o mais racista da história em função da lei de cotas”* (DC 18). O argumento de Victor

estaria pautado pela especificidade do preconceito racial no Brasil. Nessa lógica, seria a regra diferenciada, e não as práticas do cotidiano, que produziriam a discriminação.

Uma das especificidades do preconceito vigente no país é (...) seu caráter não oficial. Enquanto em outros países adotaram-se estratégias jurídicas que garantiriam a discriminação dentro da legalidade – seja por meio de políticas oficiais do apartheid, seja estabelecendo cotas étnicas –, no Brasil, desde a proclamação da República, a universalidade da lei foi afirmada de maneira taxativa: nenhuma cláusula, nenhuma referência explícita a qualquer tipo de diferenciação pautada na raça (SCHWARCZ, 2012, p. 79).

Renato acreditava que episódios como o que envolveu o goleiro Aranha “acontecia todo jogo, continua acontecendo. Acontece aqui, acontece em todos os estádios, como é que o cara vai me dizer que não acontece no Beira-Rio, que não acontece no Parque Antártica, não acontece na Arena do Corinthians?” (DC 31). Essa conclusão fatalista apareceu porque Renato acreditava que “isso não é um problema do futebol, isso é um problema da sociedade, enquanto não consertar a sociedade, o futebol não vai consertar a sociedade, agora se tu consertares a sociedade vais consertar o futebol” (DC 31). Falas como essa de Renato acabam contrariando, ao menos parcialmente, a noção de que o espaço do jogo de futebol seria extraordinário e dotado de valores diferenciados dos demais espaços da cultura.

No contexto de um esporte tomado como ritual e jogo, que nem todos os esportes alcançam, dramatizam-se os elementos significativos que estão fora dele (indivíduos, grupos, classes, a política, questões étnicas etc.), situados na sociedade que de origem. No drama, potencializam-se as normas [ou contranormas], exacerbam-se os papéis, vive-se a sociedade sob a qualidade da efervescência social [e moral] (TOLEDO, 2008, p. 205-206).

Diego situou que “*nós estamos no Rio Grande do Sul, nós temos a imigração de um monte, alemão, italiano, vai saber a origem dela. Existe muito alemão racista, a gente sabe disso*” (DC 34).

Esses valores [PNAD¹⁶⁵, 2006; Censo, 2010] revelam como o povo brasileiro é altamente miscigenado enquanto o Rio Grande do Sul, ao contrário, se apresenta como um estado mais homogêneo no que diz respeito à declaração da cor auto-percebida dos seus habitantes. Como efeito, poderíamos pensar que o “ser gaúcho” se aproxima do “ser branco” e teria como seu par comparativo e contrastivo o “ser brasileiro” (ABRAHÃO; PAOLI; SOARES, 2011, p. 200).

Algumas interpretações reconheciam a relevância das demandas colocadas pelo goleiro Aranha. Arthur acreditava que, para algumas pessoas, o ‘caso Aranha’ e os cânticos da torcida estão, sim, vinculados a um entendimento racista: “*tu vens de uma família [racista] pegar esse ensinamento e levar adiante, aí é triste, eu acho triste uma pessoa ser assim, isso aí em tudo na tua vida*” (DC 9). Fábio entendia que a dívida com

¹⁶⁵ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio.

a população negra é tão grande que *“todo o respeito que a gente puder impor é pouco”* (DC 9). Ele creditou ao goleiro Aranha certa ‘malandragem’, mas também reforçou que *“não tem espaço para isso, infelizmente aquela menina foi o bode expiatório, mas aquilo tem que acontecer, tem para as pessoas tomarem um choque, eu não posso mais fazer esse tipo de brincadeira, eu tenho que cuidar com o que eu falo”* (DC 9). No já citado diálogo entre Derrida e Roudinesco, os autores discordam em relação ao que seria mais positivo relativamente às violências manifestadas na forma de injúria. Discutindo a presença do ‘politicamente correto’ no contexto dos Estados Unidos, especialmente vinculado à revisão de obras literárias, Roudinesco entende que:

Ocorre-me pensar por exemplo que o direito à injúria verbal é fundamental, e que é preciso fazer uma diferença entre o que se pode dizer, mesmo publicamente, e o que se pode escrever. Por outro lado, mesmo achando que são absolutamente necessárias leis contra a difamação, o racismo, o anti-semitismo, o atentado à vida privada etc. (...), é preciso sempre visar permitir, ao máximo, a expressão das injúrias e das violências verbais (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 95-96).

Derrida apontou que o problema ético que se coloca nessa questão é a indecidibilidade de como proceder para eventuais interdições.

Não quero proibir tudo, mas não quero não proibir nada. Não posso decerto erradicar, extirpar as raízes da violência a respeito dos animais, da injúria, do racismo, do anti-semitismo etc., mas sob pretexto de que não posso erradicá-las, não quero deixá-las se desenvolverem de maneira selvagem. Portanto, de acordo com a situação histórica, é preciso inventar a solução menos ruim. A dificuldade da responsabilidade ética é que a resposta nunca se formula por um sim ou por um não, isso seria muito simples. É necessário dar uma resposta singular, num contexto dado, e assumir o risco de uma decisão no vigor do indecidível. Há sempre dois imperativos contraditórios (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 96).

Fábio reforçou que embora, eventualmente, se acredite, *“bah, mas estão forçando, não cara, tem que ter o maior respeito possível e por mais que a gente consiga com cotas, com isso e com aquilo e tentar fazer um equilíbrio, essa balança vai ficar sempre desfavorável”* (DC 9). Mesmo acreditando que o Grêmio tenha servido de bode expiatório, Rafael entendia que *“não tem mais espaço para racismo, eu acho um absurdo realmente. Eu procuro já nem chamar mais colorado de macaco porque eu acho que se eles se sentem ofendidos, então”* (DC 11). Pedro acreditava que o episódio teve uma proporção aumentada, *“principalmente, por causa das imagens”* (DC 13). Ao mesmo tempo, ele reconheceu que *“no futebol ainda tem muito, principalmente dentro de campo, a provocação rola solta, principalmente entre brancos e negros, mas ainda é muito da cultura que vem de anos no futebol e da dificuldade que foi para os negros entrarem nos clubes também”* (DC 13). Edilson afirmou que o episódio envolvendo o goleiro Aranha *“foi racismo porque foi usada a palavra macaco para uma pessoa que é*

negra e que não tem nenhum outro contexto para dizer porque que tu chamaste ele de macaco” (DC 21). Ferdinando lembrou que, antes do ‘caso Aranha’, “*o clube já tinha campanhas, mas de repente, uma campanha mais forte de banir esse tipo de termo, esse tipo de música porque, infelizmente, acontecia, não dá*” (DC 27). Ele esteve no estádio no dia daquela partida e disse que viu muita coisa acontecer naquele jogo: “*lá no quarto andar, inclusive, uma coisa que para mim, inclusive, negros chamando o cara de macaco sim, não dá para entender*” (DC 27). Na opinião de Ozéia, “*isso que as pessoas fizeram foi falta de respeito que não deve ter em lugar nenhum, uma pessoa negra deve se sentir muito ofendida*” (DC 28). Ele acreditava que ao menos serviu em função da proibição dos cânticos de ‘macaco’: “*às vezes a gente cantava sem pensar muito, mas daqui a pouco uma pessoa negra, daqui um pouco pode estar do teu lado cantando ali, ele mesmo cantando sem pensar uma palavra que é ofensiva porque é tu chamar uma pessoa de um bicho*” (DC 28). Ozéia gostou da proibição. Seu amigo, Maurício, disse também ter gostado, pois acreditava que “*isso já estava incomodando*” (DC 28). Ozéia complementou dizendo que “*daqui a pouco pode tudo, pode cantar tudo que não dá nada, mas eu acho que tem que ter um limite, não pode ofender uma pessoa assim e a pessoa se sinta mal*” (DC 28). Ele finalizou dialogando com a dificuldade de pensar na ofensa dirigida a outrem: “*a gente não é negro, a gente não tem a real noção do que é uma pessoa te chamar de macaco tu sendo negro. É fácil teorizar, mas a gente não sabe, não tem como saber, mas deve ser horrível*” (DC 28). Germán estava no estádio naquele dia. Segundo ele, “*óbvio que estava muito triste porque o Grêmio estava perdendo*” (DC 29). Ele estava escutando no rádio quando começaram a falar sobre o caso de racismo: “*aquilo me derrubou de uma forma. Eu fiquei milhares de vezes mais triste com aquele caso. No ônibus, o pessoal dizendo bah, o Grêmio perdeu, vamos recuperar em Santos e eu pensei será que importa agora, porque ultrapassou*” (DC 29). Germán lembrou que naquela noite ele “*estava derrubado por causa do caso Aranha. Me mandavam mensagem: vamos reverter e eu falava: cara, mas a torcida foi racista com o cara e a gente tem que dar um jeito nisso*” (DC 29). Ruy disse que o ‘caso Aranha’ “*é um caso bem específico do que não pode acontecer. Esse negócio é uma coisa pessoal que implica direto no racismo e eu sou contra também. Tem que ir a fundo e ver quem é culpado e tem que punir dessa maneira*” (DC 32).

Essas diferentes percepções dos torcedores envolvem uma gama de conteúdos diferentes no modo como esses sujeitos foram e são interpelados pelos currículos de torcer e de masculinidade nos estádios de futebol. Muitos são os significados colocados

em disputa. Desde as diferenças que se pode pensar sobre o que seja um torcedor e a torcida, passando por entendimentos de violência ou não violência. O clubismo acaba atravessando o olhar dos sujeitos de maneira diferenciada. Ora o clubismo impede que problemas que extrapolam o campo esportivo sejam reconhecidos, ora o clubismo fomenta a disputa pela aproximação de discursos que teriam um entendimento mais positivo, ou, ao menos, que reconhecem demandas sócio-culturais que não se limitam ao campo de jogo ou ao estádio.

5.2 A rivalidade Gre-Nal como autorização para o uso do termo ‘macaco’ na torcida do Grêmio

Grêmio e Internacional integram o seleto grupo dos ‘grandes clubes’ brasileiros. O confronto entre ambos, o chamado Gre-Nal, é considerado um dos principais clássicos do país e há aqueles que garantem que se trata de uma das principais rivalidades do mundo. No plano simbólico, a construção de ambos opera de forma complementar. Mesmo sendo lidos em diferentes situações como polos opostos, ambos utilizam o outro para sua construção identitária.

O Internacional admitiu atletas negros antes do Grêmio o que acabou possibilitando que se apropriasse da alcunha de ‘clube do povo’. “Embora a vinculação do Inter com ‘o povo’ seja anterior à década de [19]40, o fim da segregação dos negros, por ter ocorrido com alguns anos de antecedência em relação ao Grêmio, consolidou, definitivamente, a imagem do clube do povo” (DAMO, 2002, p. 105). Circula entre os torcedores do Grêmio uma ideia de que esta aceitação original de atletas negros pelo Internacional não corresponderia com a realidade. Estava finalizando um diálogo com três torcedores e tentei discutir sobre a origem do Internacional e sua relação com os atletas negros. Nesse momento, fui interrompido por Mário, que afirmou: “*já escutei que isso é lenda que isso é lenda, que os primeiros negros jogaram no Grêmio e não no Inter*” (DC 23). Gilmar Mascarenhas aponta que o Internacional, a partir de 1937 passou a utilizar jogadores negros e pobres para fazer seu time mais forte. Com isso, o clube acabou conquistando nove dos dez campeonatos citadinos da década seguinte. “Ao adotar jogadores negros e pobres, o clube rapidamente se tornou, nos anos 1940, o ‘clube do povo’ de Porto Alegre” (2014, p. 130). O Grêmio, por seu turno, oficializou tão somente em 1952 o fim da discriminação racial no clube. Uma carta publicada no jornal *Correio do Povo*, em 6 de março daquele ano, assinada pelo, então, presidente

Saturnino Vanzelotti afirmava: “A diretoria do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense vem trazer a conhecimento de seus associados e simpatizantes que, por decisão unânime, resolveu tornar insubsistente a norma que vinha sendo seguida de não incluir atletas de cor em sua representação de futebol¹⁶⁶”. Dois dias depois, no mesmo jornal, um grupo de ex-associados e simpatizantes descontentes assinaram uma nova nota, criticando a arbitrariedade de tal decisão que, segundo eles, somente poderia ser decidida pelo Conselho Deliberativo do Clube¹⁶⁷.

Muitas das afirmações de torcedores do Grêmio de que a aceitação de atletas negros no Internacional anteriormente ao Grêmio não corresponderia com a realidade estaria posta na figura de Adão Lima. O jornalista gremista, Léo Gerchmann, afirma que Adão Lima foi “o primeiro atleta inquestionavelmente negro a jogar na dupla Grêmio-Nal¹⁶⁸”. O critério utilizado para a “inquestionável” negritude de Adão são retratos da década de 1920 em que o fenótipo do jogador é reconhecido, pelo jornalista, como de uma pessoa negra. O jornalista acaba simplificando de maneira decisiva o conceito de raça/etnia para tentar ilustrar que o pioneirismo colorado não passaria de um “mito”.

Raça é, pois, uma categoria classificatória que deve ser compreendida como uma construção local, histórica e cultural, que tanto pertence à ordem das representações sociais – assim como o são fantasias, mitos e ideologias – como exerce influência real no mundo, por meio da produção e reprodução de identidades coletivas e de hierarquias sociais politicamente poderosas (SCHWARCZ, 2012, p. 34).

Em alguma medida, seria possível apontar que, naquele contexto, Adão não fosse entendido como negro por seus pares. A cor da pele precisa de um contexto cultural específico para ser entendida como um marcador relevante da diferença. A participação de Adão no time do Grêmio poderia estar mais próxima do que acontecia com diferentes atletas no Brasil no mesmo período.

Fiéis à tradição brasileira de barreiras de classe, maiores que as barreiras de raça, os primeiros clubes de futebol não impediam os não-brancos, nem como sócios, nem como atletas. Mas, até o fim dos anos [19]20, a maioria dos jogadores era branca. Apenas alguns mulatos, com uma criação socialmente aceitável, jogavam sem incidentes (BRANCO, 2006, p. 201).

No diálogo com os torcedores procurei não tomar parte¹⁶⁹ nessa discussão e busquei retomar o questionamento, afirmando que, independentemente do pioneirismo,

¹⁶⁶ Disponível em: <http://observatorioracialfutebol.com.br/historias/futebol-a-cores-uma-historia-de-racismo-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em 16/05/2017, às 17h14.

¹⁶⁷ Ver nota 166.

¹⁶⁸ Disponível em: GERCHMANN, Léo. *Somos azuis, pretos e brancos*. Porto Alegre: L&PM, 2015, p. 13.

¹⁶⁹ O não tomar parte já marcava uma significativa posição, uma vez que identificado como gremista, o clubismo me solicitaria, em alguma medida, a tratar o *mito de origem* do Internacional como falso.

o Internacional se apropriou dessa diferenciação da presença negra de maneira positiva. Damián concordou e disse que “*eles fizeram um marketing*” (DC 23). Gastón, amigo de Damián, completou dizendo que “*eles quiseram crescer na mídia como time que aceitou. Nada. Todo mundo é o time do povo*” (DC 23). Nessa interpretação, alguns conceitos precisariam manter-se intactos por um longo período. Não apenas o conceito de raça/etnia, mas também os conceitos de marketing e de mídia, para que essas afirmações fizessem sentido. O jornalista gremista, Léo Gerchmann, corrobora a hipótese de estratégia de marketing para a construção da diferenciação entre o ‘clube do povo’ *versus* o ‘clube da elite’. Ele critica aqueles que optaram por associarem-se ao Internacional a partir desse entendimento, especialmente a partir da abertura colorada aos negros durante a década de 1940: “eu asseguro com toda a autoridade de quem foi fundo na pesquisa para escrever este livro: faltava, a essas pessoas, o contexto histórico e socioeconômico capaz de lhes conferir uma real compreensão dos fatos¹⁷⁰”. Parece que esse mesmo contexto histórico poderia ficar dispensado quando se utilizou, dentre outros, o conceito de marketing.

Ainda hoje persistem diferentes representações que associam o Internacional como uma torcida popular e negra, enquanto a torcida do Grêmio ainda seria representada como racista e, especialmente, como elitista. Durante minha dissertação de mestrado, pude observar o lugar que o termo ‘macaco’ ocupava nos estádio Olímpico e Beira-Rio.

‘Macaco’ é um dos termos mais recorrentes em ambos os estádios. É por macaco que os gremistas referem-se aos colorados. Ao mesmo tempo, esse termo é positivado no Beira-Rio como marcador identitário. A Popular possui diferentes faixas que exaltam essa associação: “Macacada reunida”; “Bem-vindo ao Planeta dos Macacos” (BANDEIRA, 2009, p. 61-62).

Existem representações bastante distintas em relação à classe social dos torcedores de Grêmio e Internacional. Algumas das justificativas para essa diferenciação estariam associadas às origens dos clubes, onde os irmãos Poppe, fundadores do Internacional, teriam tido sua associação rejeitada no Grêmio por falta de antecedentes, que na construção das representações e diferenciação entre os clubes, acabou vinculado a uma possível origem étnica.

O Internacional de Porto Alegre surgiu em 1909, como iniciativa de indivíduos de classe média para desafiar o Grêmio, então principal força do nascente futebol gaúcho e representante das elites alemães que então controlavam importantes setores da economia. (...) . Na década de 1930, esse

¹⁷⁰ Disponível em: GERCHMANN, Léo. *Somos azuis, pretos e brancos*. Porto Alegre: L&PM, 2015, p. 95.

clube investiu no processo de popularização de sua imagem, com êxito peculiar (MASCARENHAS, 2014, p. 128).

Algumas dessas explicações são utilizadas de maneira recorrente para marcar uma diferenciação entre as duas torcidas. As diferenças parecem ser bastante importantes em um contexto em que existiriam mais semelhanças do que desejaria o discurso protagonista da rivalidade. Ter assumido atletas negros antes do rival não foi sempre algo positivo para o Internacional. Foram as vitórias conquistadas com os negros que permitiram essa representação positiva de ‘clube do povo’. “Até então, o clube do povo era, antes de tudo, uma pecha, um motivo de zombaria dos gremistas. Foram os negros, na década de quarenta, no Eucaliptos [primeiro estádio do Internacional], que tornaram o ‘mito de origem’ um orgulho para os colorados” (DAMO, 2002, p. 71). Na perspectiva dos Estudos Culturais, a construção de uma identidade é sempre feita a partir da produção da diferença.

A diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida. Além disso, a diferença é sempre uma relação: não se pode ser “diferente” de forma absoluta; é-se diferente relativamente a alguma outra coisa, considerada precisamente como “não-diferente”, também só faz sentido, só existe, na “relação de diferença” que a opõe ao “diferente”. Na medida em que é uma relação social, o processo de significação que produz a “diferença” se dá em conexão com relações de poder (SILVA, 2003a, p. 87).

A marcação da diferença segue uma lógica fundamental na produção das identidades em que as diferenças com maiores ou menores importâncias acabam por marcar um ‘nós’, especialmente, a partir da constituição de um ‘eles’.

Retomando as estratégias e os contornos simbólicos da rivalidade Gre-Nal, mantendo-se fiel a seus estatutos, o Grêmio persiste em recusar a inclusão de atletas negros até 1952, quando já não mais suporta o acúmulo de vitórias do inimigo direto. Nesse ínterim, o Internacional redimensionara no plano simbólico o confronto com seu rival, que passa a ser visto como um clube branco de elite e sobretudo racista, encastelado na área nobre da cidade, contra o adversário popular e negro, o carnavalesco “clube das massas” democraticamente instalado no subúrbio Menino Deus. Essa redefinição do confronto chega, nesse momento, a esboçar contornos de luta de classes. Com a reestruturação do Grêmio, entretanto, essa conotação classista vai gradativamente se esvaindo. Na atualidade, ambos os clubes possuem, igualmente, adeptos nas camadas sociais desfavorecidas (MASCARENHAS, 2014, p. 131-132).

Torcer por uma equipe significa não torcer por outras. “Dizer-se gremista é (...) dizer-se anticolorado e não-flamenguista, palmeirense, santista e assim por diante” (DAMO, 2002, p. 54). Nessa relação, o rival (o principal adversário) acaba sendo a principal alteridade construída. Mesmo que, a partir do ‘caso Aranha’ e da interdição dos termos ‘macaco’ e ‘macacada’, a quantidade de referências ao Internacional tenha diminuído, ela cresceu em alguns momentos específicos. Afinal, tripudiar o adversário ainda aparece como uma condição ou uma exigência para performatizar a rivalidade. Na

última partida antes de um Gre-Nal que seria realizado no estádio Beira-Rio, no Campeonato Brasileiro de 2015, a *Geral* entoou cânticos com referência aos “putos do Inter¹⁷¹”¹⁷², além de cantarem um cântico em ‘homenagem’ ao ex-presidente colorado Fernando Carvalho¹⁷³ (DC 13). Em partida amistosa, no início de 2016, diante do Danúbio do Uruguai, alguns cânticos com referências ao rival apareceram. Além de “Fernando Carvalho”, a torcida também cantou o “Atirei o pau no Inter¹⁷⁴”, uma canção que diz que “no Gre-Nal a macacada vai chorar¹⁷⁵”, além da mais polêmica que se refere aos colorados como “macaco imundo¹⁷⁶” (DC 14). É interessante pensar como esse maior número de cânticos apareceu justamente em um amistoso que, em alguma medida, não correria o risco de fazer o clube ser prejudicado esportivamente. Antes do Gre-Nal que valeria pelo Campeonato Gaúcho de 2016 e pela Primeira Liga, a torcida começou a ‘chamar’ o Gre-Nal ao final da partida contra a LDU pela Libertadores através dos cânticos: “Fernando Carvalho” e “Falcão é gay¹⁷⁷”. Ao final da partida foi possível escutar o “Atirei o pau no Inter” (DC 18). Após a eliminação no Campeonato Gaúcho de 2016, para o Juventude, foi possível escutar da esplanada, na saída, que os integrantes da *Geral*, que ainda estavam no estádio, cantarem o cântico com o termo “macaco imundo” (DC 25). Antes do Gre-Nal do Beira-Rio, pelo Campeonato Brasileiro de 2016, a *Geral* também cantou “Inter cagão¹⁷⁸” e “Eu só quero vencer lá no

¹⁷¹ E dale alegria alegria meu coração/ Somente uma te peço hoje/ O campeonato mundial é obsessão/ Tens que jogar com alma e coração/ Jamais temer, não somos como os putos do Inter/ Jamais temer, não somos como os putos do Inter.

¹⁷² Todas as letras de cânticos da torcida do Grêmio foram retiradas do sítio da internet <https://www.letras.mus.br/geral-do-gremio/>.

¹⁷³ A canção surgiu após um episódio em que o então presidente do Internacional foi agredido por um gremista no aeroporto de Porto Alegre quando retornava de Brasília após homenagem realizada ao clube pela conquista do Campeonato Mundial de Clubes da FIFA, edição de 2006. No início de 2007, os gremistas se mobilizaram para ir ao aeroporto aguardar o recém contratado goleiro argentino Saja. A chegada da delegação colorada coincidiu com a espera dos gremistas, o que permitiu que a agressão ocorresse. A canção utiliza-se da melodia da marchinha de carnaval Balancê e apresenta a seguinte letra: “o balancê, balancê/ escute o que eu vou te dizer/ Fernando Carvalho foi pedalado/ Pau no cu do Inter”.

¹⁷⁴ “Atirei o pau no Inter/ E mandei tomar no cu/ Macacada filha da puta/ Chupa rola e dá o cu/ Hey, Inter vai tomar no cu/ Olê Grêmio, olê Grêmio/ Até morrer/ Olê Grêmio, olê Grêmio/ Até morrer”.

¹⁷⁵ “Oh Tricolor, amo você/ Como cerveja, cocaína, lsd/ Até a Tóquio vou te apoiar/ E no Grenal a macacada vai chorar”.

¹⁷⁶ “Somos campeões do mundo/ E da Libertadores também/ Chora macaco imundo/ Que nunca ganhou de ninguém/ Somos a banda mais louca/ A banda louca da *Geral*/ A banda que corre/ Os macacos do Internacional”.

¹⁷⁷ “A gurizada do Grêmio nas prostitutas/ Pra comemorar o jogo do Tricolor/ O Falcão e o instrutor de tênis/ A Cristina conhece bem/ Em Roma era rainha, não era rei/ O Falcão é gay, o Falcão é gay, o Falcão é gay, o Falcão é gay”.

¹⁷⁸ “Olha a festa macaco/ Torcida é coração/ Quem não canta é amargo/ Nunca vai sair campeão/ Inter cagão/ Inter cagão/ Inter cagão/ Inter cagão”.

chiqueiro¹⁷⁹” (DC 31). Após o primeiro gol contra o Figueirense, jogo imediatamente após vencer um Gre-Nal no estádio do adversário, foi possível escutar o cântico com o trecho “macaco puto segue sempre imitando¹⁸⁰”. Ao final da partida, vencida nos acréscimos, descendo as escadas os torcedores cantavam o “Atirei o pau no Inter” (DC 32). Após o gol da vitória contra o São Paulo, a torcida cantou “macaco puto segue sempre imitando” (DC 33).

Alguns torcedores afirmavam que a ‘corneta’ e as brincadeiras eram algo necessário e salutar para o ambiente do estádio. Ao final de uma conversa, Werley disse se interessar muito por esse tipo de trabalho sobre as torcidas e a rivalidade. Ele acreditava que “*a corneta é algo saudável, só não dá para justificar é a existência de brigas por causa de futebol*” (DC 3). Ruy tinha 42 anos quando conversamos e disse que acompanhava o futebol há bastante tempo e acreditava que algumas manifestações deveriam ser banidas. Ele acreditava, também, que “*não dá para apertar muito, tem que ser muito bem ajustado esse tipo de coisa o que é errado e o que não é para não ferir a parte fundamental do futebol que é a gozação, a brincadeira mesmo entre colorados, que a minha família tem colorados e gremistas*” (DC 32). Ele entendia que muitas coisas já deveriam ter sido feitas antes, em relação a proibições, mas que essas devem ser analisadas caso a caso: “*tem muitas coisas que já eram para ter sido feitas, a gente tem que ter um comportamento europeu, a educação neste país tem que estar em primeiro plano para poder partir para divertimento depois*” (DC 32). Sérgio, amigo de Ruy, concordou que alguma coisa tinha que ser mudada: “*mas também não pode generalizar para não perder a graça do futebol. Se acabar fazendo uma coisa muito rigorosa vai acabar perdendo a graça do futebol, que já está chato*” (DC 32).

Esse pedido pela graça, pelo humor e pela provocação aparecia nos diálogos com os torcedores de forma mais recorrente a partir da interdição do termo ‘macaco’, alcunha pela qual a maioria dos gremistas se referia aos colorados. A interdição se referia ao traço racista presente no termo. Os torcedores justificavam que, no contexto do futebol, a palavra possuiria outro significado ou que o assunto teria uma importância menor por se tratar de um cenário em que o humor seria preponderante.

¹⁷⁹ “Eu só quero vencer lá no chiqueiro/ Que se foda a torcida do Internacional/ Vamos Grêmio, com força vamo em frente/ É o que pede a gente uma vitória a mais/ Passam-se os anos/ Passam-se os jogadores/ *Geral* está presente/ Não para de apoiar/ Por isso eu quero cantar/ (Dá-lhe, dá-lhe) Grêmio de coração/ Eu te sigo a toda a parte/ Tu és sempre o campeão/ Inter te conhecemos/ Grêmio não és como tu/ Colorado é tudo puto/ Vai tomar nesse teu cu”

¹⁸⁰ “Somos gremistas sempre apoiando/ Macaco puto segue sempre imitando/ Somos gremistas do mundial/ Somos gremistas e cantamos com a *Geral*”.

(...) só há piadas, isto é, a humanidade só faz piadas (chistes, anedotas, caricaturas, humor em geral) sobre temas controversos, ou seja, temas sobre os quais há uma razoável plethora de discursos, cada um deles enfocando o tema de um ângulo ou posição diferente (o que gera a controvérsia). Em outras palavras, não há piadas sobre temas que não interessam a ninguém, ou que só interessem a poucos, e sobre temas sobre os quais há um único discurso, um único ponto de vista corrente. Sirvam como exemplos óbvios as piadas sobre sexo, poder, raças ou etnias, instituições etc., que sempre põem em circulação e em oposição pelo menos dois discursos: um “correto” e um outro que é de alguma forma reprimido ou proibido, “incorreto” (POSSENTI, 2013, p. 12).

A torcida do Grêmio, historicamente, se refere à torcida do Internacional como ‘macacos’ e sua derivação ‘macacada’. Após o episódio envolvendo o goleiro Aranha, esses termos foram colocados em suspensão, especialmente em função de uma solicitação da direção do clube à época para que os torcedores evitassem esses cânticos adjetivados, naquele momento, como racistas. Werley reclamava da proibição: “*chamar a torcida deles de macaco que era uma coisa que saudavelmente sempre existiu. Eu questiono se já perguntaram aos macacos o que eles acham de serem comparados aos humanos*” (DC 3). Marcos, amigo de Werley, afirmava que esses cânticos não seriam racistas: “*são negros e brancos gremistas gritando para negros e brancos colorados e que, com isso, não consigo enxergar o racismo*” (DC 3). Eles lembraram que a relação acontecia entre a “*macacada*” e os “*gaymistas*”. Marcelo, amigo de Marcos e Werley, ressaltou que “*isso era do calor do jogo*” (DC 3). Roberson argumentava que “*o símbolo deles é o macaco*” (DC 24). Ele disse ter recebido a interdição aos cânticos com os termos ‘macaco’ e ‘macacada’ com surpresa: “*nunca cantei isso com a intenção de macaco por ser negro. Macaco por ser macaco porque eles são macacos, é o símbolo deles. Eles propriamente andavam, hoje não andam mais acho até por isso*” (DC 24). Luiz, amigo de Roberson, disse que “*na torcida tinha um dos integrantes que usava máscara de macaco e tudo, então eles se intitulavam mesmo. Já fui em Gre-Nal, inclusive, até no Beira-Rio uma vez eu fui e eles tinham um macaco gigante vestido com a touca do saci, por exemplo, então não tem*” (DC 24). Arlei Damo aponta que o macaco foi adotado pelos colorados “*como símbolo totêmico, como forma de domesticar o racismo gremista; ‘macaco’ é um bicho a parte, ao menos no Beira-Rio*” (DAMO, 2005, p. 407).

Aloísio acreditava que tenha sido uma boa escolha a diminuição dos cânticos de ‘macaco’: “*foi o melhor para amenizar um pouco a situação, mas a própria torcida deles se intitula dessa forma*” (DC 25). Ele argumentou que, se utilizar o termo ‘macaco’ pode ser pensado como preconceituoso, “*eles mesmos são preconceituosos,*

eles mesmos são, estão falando coisas que todos podem falar e até porque não é esse o sentido do macaco em si” (DC 25). Questionei se ele acreditava que seria possível que esses cânticos retornassem à Arena, e Aloísio acreditava que não: “*até para não voltar todo o problema, toda a discussão e caracterizar de novo tudo o que já tem, então é melhor não, não tem porquê*” (DC 25). Sobre o termo ‘macaco’, Maylson disse que “*é uma coisa de quase cem anos, uma coisa cantada e agora virou preconceito, agora virou porque está na moda*” (DC 26). Mithyuê, amigo de Maylson, afirmou achar que não seria necessária toda essa ordem de proibições, entretanto, ele reforçou que se essa for a iniciativa “*esperamos que quando algum torcedor do Inter falar Coligay, o Inter seja punido igual, só isso. Porque se acham que isso é racismo, eu espero que isso também seja homofobia e seja punido igual, mas eu acho que não precisa. Eu acho que é a folgação*” (DC 26). Maylson questionou: “*pode chamar de Saci e não pode chamar de macaco? Seria a mesma coisa*” (DC 26). Mithyuê concluiu: “*se querem tirar e se a Geral mesmo parou, beleza, mas eu espero que os outros times sejam punidos caso botarem uma faixa como eu vi em uma Libertadores contra o Grêmio botaram Coligay, então eu espero que sejam punidos igual*” (DC 26). O jornalista gremista, Léo Gerchmann, também solicita em seu livro que a torcida do Grêmio exclua os cânticos com o termo ‘macaco’ de seus repertórios: “*independentemente de sua origem, essa designação é recebida, por muitos, como sendo preconceituosa. Se é assim recebida, não deve ser dita. O que vale, nesse caso, não é a intenção do emissor, mas sim o símbolo que o grito pode representar*¹⁸¹”.

El hecho de que en la cancha se pueden decir cosas que deben callarse en otros espacios sociales señala hasta qué punto la tribuna es a la vez un espacio de “no censura”, de libertad de expresión, pero a la vez un espacio de construcción de subjetividades y de reproducción de ideologías de superioridad (racial, de género, política, etc.) (BUNDIO, 2016, p. 292).

Uma das questões que foram catalisadas a partir do ‘caso Aranha’ foram os cânticos que incluíam os termos ‘macaco’ e ‘macacada’ dirigidos ao coletivo de torcedores do Internacional. Tony entendia que chamar os colorados de ‘macacos’ seria uma questão cultural, “*não é um ato racista e com tudo isso eles denigrem a imagem da torcida do Grêmio*” (DC 3). Hernán lembrou que “*eles [colorados] têm uma torcida que o símbolo é um macaco, se isso não for racismo então a gente não sabe mais o que é o racismo*” (DC 7). Kléber entendia que episódios de racismo existiriam em todas as torcidas: “*o Internacional se autointitula macaco tanto que proibiram os cânticos,*

¹⁸¹ Disponível em: GERCHMANN, Léo. *Somos azuis, pretos e brancos*. Porto Alegre: L&PM, 2015, p. 110.

palavreados chulos” (DC 7). Arthur reforçou sobre o termo ‘macaco’ que “*a própria torcida do Inter se intitula. Eu tenho amigos colorados que entre eles se chamam de macaco e não tem maldade*” (DC 9). Sobre os cânticos de ‘macaco’ para a torcida do Internacional, Fábio, irmão de Arthur, disse que “*não tem espaço, não aceito, desde o Olímpico nunca cantei aquela coisa porque eu achava um troço chato, não tem nada a ver*” (DC 9). Gabriel afirmou que os cânticos de ‘macaco’ para a torcida do Internacional extrapolariam a questão racial: “*ele é cantado para brancos e negros no geral*” (DC 9). Maximiliano entendia que “*as músicas racistas não existem mais em função do episódio Aranha porque deu uma mídia gigantesca no Brasil*” (DC 10). Perguntei se ele acreditava que os cânticos dirigidos à torcida do Internacional possuíam conotação racista. Ele afirmou que “*um pouco tinha, para os colorados tinha bastante, mas é da torcida, a emoção*” (DC 10).

Em alguns diálogos com os torcedores, perguntei se eles percebiam que o fato de o ‘caso Aranha’ ter ocorrido no Grêmio, a relação de rivalidade com o Internacional e o repetido cântico de ‘macaco’, poderiam ter ajudado a ampliar a repercussão do episódio. Rolando concordou, dizendo que “*o Grêmio sempre teve essa imagem com o racismo*” (DC 11). Ele acreditava que se tivesse acontecido no Internacional, o lado gremista iria tentar ampliar a repercussão. Rolando entendia que os torcedores do Internacional teriam tentado ampliar o episódio: “*não no sentido de ‘vamos ralar com o Grêmio’, mas fica aquela coisa, viu eles são isso, fica uma coisinha de torcedor*” (DC 11). Rafael reconheceu que a representação do clube e o histórico do comportamento de sua torcida possam aparecer como um viés explicativo: “*o Grêmio é o clube que tem aquele estereótipo de uma coisa antiga, hoje tu vê vários negros no estádio, e hoje não existe mais isso*” (DC 11). Ele acreditava que o termo ‘macaco’ aparecia em circunstâncias específicas: “*eu não vejo as pessoas chamando de macaco um jogador negro. O que acontece é chamar os colorados, mas eu não acho que isso tem mais um viés racista, apesar de que de repente possa ter acontecido já*” (DC 11). Jackson argumentava que “*a questão é que eles [colorados] nunca se sentiram ofendidos*” (DC 11). Rafael, amigo de Jackson, discordou: “*não sei, eu já ouvi relatos de colorados que dizem*” (DC 11). Jackson contestou: “*mas a gente conhece inúmeros colorados, desde criança e sempre foi uma brincadeira, pode ser racista, mas nunca teve o cunho racista*” (DC 11). Ele encerrou afirmando que “*ninguém chamou de macaco pelo fato de ser negro, é pelo fato de ser colorado. Nunca chamei o cara por ser negro, chamei o branco de macaco, mas foi criado isso, infelizmente*” (DC 11). Matias afirmou que “*realmente o fato do Grêmio*

ter aquele cântico com o Inter, isso aí meio que dificulta um pouco a situação para o lado do Grêmio” (DC 15).

Sobre a proibição do termo ‘macaco’ em referência à torcida do Internacional, Ângelo achava que *“isso é uma palhaçada” (DC 12)*. Segundo ele, *“chamar de macaco não é uma maneira de ofender, é a forma que a gente se refere à torcida deles só, não da maldade” (DC 12)*. Guilherme dizia que *“isso é algo que eles acolheram. Tem um macaco lá dentro” (DC 12)*. Ângelo apontou que *“eles mesmos vão com as máscaras de macaco” (DC 12)*. Matheus entendia que a rivalidade seria constitutiva tanto do Grêmio, quanto do Internacional, mas que o cântico de ‘macaco’ *“não é um ato racista, não é um ato de injúria. Isso é da história. A torcida do Inter é o Saci, a torcida do Inter ia vestida de macaco no estádio” (DC 12)*. Ele acreditava que as brincadeiras precisariam existir: *“tem que haver a gozação, tem que haver a parte da flauta do torcedor. Agora, se chamar de macaco realmente é, se for lei, acho que tem muita coisa errada antes para acontecer” (DC 12)*. Pedro disse que aceitava a interdição dos cânticos com o termo ‘macaco’, mas recordava que *“no Olímpico o principal grito qual era? Macaco, macacada. Eles mesmos se autodenominam os macacos, a macacada, tem uma mascote, uma mascote não, mas um macaco que vai nos jogos...” (DC 13)*. Alan, pai de Pedro, recordou o histórico gremista de que *“até 1952, 53, não entrava negrão, o Tesourinha foi o primeiro negro, aí depois veio o Juarez, um monte” (DC 13)*. Pedro disse que tinha esquecido desse detalhe: *“se for olhar como começou essa leitura da macacada, aí está” (DC 13)*. Rodrigo entendia que o cântico com os termos ‘macaco’ ou ‘macacada’ como *“muito relativo” (DC 14)*. Ele apontava que isso faz parte da cultura do futebol no Rio Grande do Sul, a partir da rivalidade Gre-Nal: *“por mais que há seis décadas atrás se criou aquela cultura de chamar os colorados de macaco que eles botaram negros primeiros” (DC 14)*. Mesmo reconhecendo a origem do cântico fortemente vinculada à presença de negros no Internacional, ele entendia que *“a gente cresceu falando aquilo e não pensava nisso, a gente não tinha esse pensamento, não tinha essa maldade no coração de tu gritares isso” (DC 14)*. Rodrigo ainda ressaltou a reação da torcida do Internacional, destacando *“que eles acolheram como mascote praticamente, tem muito cara lá vestido de macaco somos macaco e tal, então se criou uma coisa” (DC 14)*. Teodoro acreditava que esse era um tema complicado porque *“os cânticos eles são antigos e às vezes a pessoa canta sem ser, pensar realmente no que está escrito. É só um cântico e a pessoa está cantando” (DC 16)*. Maicon falava da naturalização dos termos de distinção utilizados na rivalidade

Gre-Nal, *“para nós, torcedores do Grêmio, em relação à torcida do Inter que como a torcida do Inter adotou o macaco como mascote, então para nós foi uma surpresa, não no sentido pejorativo, mas sim, cultural. É porque mexe com a cultura”* (DC 16). Sobre a referência aos colorados como ‘macacada’, Victor lembrava a adoção do animal como símbolo colorado, o que descaracterizaria o racismo, afirmando, também, que *“o macaco se refere à totalidade dos colorados”* (DC 18).

Bruno acreditava que os cânticos dirigidos aos torcedores do Internacional seriam uma situação diferente do episódio envolvendo o goleiro Aranha: *“é totalmente diferente porque o próprio Inter usa o macaco como uma certa forma de mascote, além do saci, o macaco também, então é uma questão eles se identificam com o próprio cântico da torcida deles com o macaco”* (DC 19). Ele apontava que essa situação *“não foi abordada nas interpretações que tiveram dos cânticos. Quando cantavam as músicas da Geral, principalmente que envolviam essa situação, esse lado do Inter foi feita uma abordagem muito de um lado só, contrária ao racismo”* (DC 19). Bruno apontou que se ignorou *“esse lado histórico que o Inter também utiliza essa forma, inclusive em campanhas de associação, de sócio e tudo o mais utilizam o macaco e acho que isso não foi abordado e foi equivocado”* (DC 19). Ao comparar com o ‘caso Aranha’, Ruy disse que o termo ‘macaco’ *“é uma coisa que já vem de antes. O Internacional se identificava com a mascote, com isso, aí já é diferente, aí já tem uma outra história que vem ao longo dos anos que não tem a ver com racismo, tem a ver com a identificação do clube coirmão”* (DC 32). Sérgio acreditava que a proibição ou diminuição dos cânticos com o termo ‘macaco’ dirigidos para a torcida do Internacional *“ajuda tanto para um lado quanto para outro até para diminuir a violência. Tem gente que leva para um lado mais pesado”* (DC 32). Diogo afirmou que *“eles estão tentando se incomodar menos, é isso, eles estão tentando se incomodar menos provavelmente. Está acabando isso, está entrando para o lado mais de alentar mesmo o time e esquecendo um pouco do sou gremista e sou anti-Inter”* (DC 32). Questionei se ele entendia que se estava falando menos do Internacional em função dessa interdição e ele concordou: *“tem que torcer para o Grêmio. O rival está lá, o rival faz a gente crescer cada vez mais, tem que pensar no rival, mas não xingar, tem que pensar em um espelho para nós crescermos cada vez mais”* (DC 32).

Sobre a interdição dos cânticos com o termo ‘macaco’ e a derivação ‘macacada’, Adilson lembrou que *“o Grêmio sabia desses cânticos há anos, ele foi conivente com isso só que como ele foi foco de uma discussão nacional e até mundial, ele teve que*

tomar uma medida” (DC 24). Ele acreditava que *“essa medida foi mais protetiva em relação ao clube, mas não que o clube tivesse pensado porque senão ele tinha tomado atitude antes de a guria gritar”* (DC 24). Ferdinando entendia que *“aqui no Rio Grande do Sul existe essa questão do folclore, a própria torcida do Inter se reconhece ‘nós somos macacos’, mas a sociedade avançou, o mundo mudou e eu acho que estava na hora de rever”* (DC 27). Ele acreditava que seria possível deslocar as provocações dirigidas ao Internacional e sua torcida, assim como o rival poderia fazer o mesmo: *“vamos pegar o folclore com outro tipo de coisa, vamos falar do Mazembe, vamos falar do Kidiaba, eles vão nos sacanear com série B”* (DC 27). Ferdinando também destacou certo receio em diminuir a provocação do termo ‘macaco’ a partir de sua autoidentificação de etnia/cor: *“para nós que somos brancos também é fácil tu dizer, ah não, mas é folclore, mas tu vê até os próprios colorados que são brancos ‘ah, nós somos macacos’, mas e o negro?”* (DC 27). Sobre a proibição do termo ‘macaco’ da torcida do Grêmio para a torcida do Internacional, Maurício confessou que gostou. Ele não se sentia bem ouvindo a palavra ‘macaco’ para a torcida do Internacional. Ele achava que *“não tem necessidade. Se eles não querem ser chamados de macaco, não chama de macaco e acabou, não precisa polemizar”* (DC 28). William afirmava que *“em relação ao Grêmio restringir alguns cânticos em relação a essa palavra [macaco], não tem problema nenhum”* (DC 28). Ele acreditava que essa é uma questão que, em alguma medida, extrapola o âmbito específico da rivalidade Gre-Nal. William entendia que essa seria uma questão cultural: *“se isso a FIFA quer, se isso o povo brasileiro quer, se isso o gremista quer, eu acho que sim, tem que ser implantado, tem que ser banido”* (DC 28). Ele acreditava que existiriam outras maneiras de realizar as trocas jocosas nos estádios de futebol: *“há outros tipos de cânticos, há outros tipos de palavras que poderão ser usadas sem ter uma grande ofensa. Uma pequena ofensa sempre vai ter, mas usando palavras que não chegam a ter um escalão dessa altitude”* (DC 28). Fernando disse que gostou da interdição dos cânticos com o termo ‘macaco’ para a torcida do Internacional: *“até por ser negro eu me sinto mais confortável, antes eu não me sentia tão confortável”* (DC 29). Questionei se ele cantava junto. Após um pequeno silêncio, ele afirmou que morava há pouco tempo em Porto Alegre e não frequentou muitos Gre-Nais: *“no interior eu nem conhecia as músicas do Grêmio então eu não lembro se cantei ou não. Talvez possa ter cantado, mas aqui eu não lembro”* (DC 29). Germán, amigo de Fernando, disse ser *“super a favor e antes da proibição, eu era de frequentar Gre-Nal no Beira-Rio também, daí o cara está no meio só da*

organizada e daí chega naquela hora de cantar e eu não cantava. Fica meio estranho o único cara que não está cantando” (DC 29). Ao mesmo tempo, ele recordou que *“já cantei, eu cantava, aquele chora macaco imundo era um hino em 2005 era a única coisa que a gente podia dizer [nunca ganhou de ninguém] nós estávamos na merda total e o Inter não parava de ganhar jogo e só não ganhou o brasileiro...”* (DC 29). Ele disse que ao cantar *“não tinha esse tipo de percepção que eu tenho faz alguns anos. Eu não sei se me arrependo ou não de ter cantado, mas eu era imbecil”* (DC 29). Germán acreditava que o ideal seria não cantar nada, nenhuma referência ao Internacional e, se fosse para cantar algo, *“a gente pode falar dos 5 a 0, fala dos 5 a 0 a vida inteira, o resto, macaco não precisa”* (DC 29). Germán afirmou que já fez *“muita referência racista e homofóbica dentro do estádio. Macaco, nem só dentro de um cântico, talvez xingando um jogador do Inter, talvez seja branco ou negro”* (DC 29). Fernando disse em relação à homossexualidade: *“já chamei o D’Alessandro de bicha, de tudo. Nesse pouco tempo que eu venho aqui”* (DC 29). Leonardo situava o ‘macaco’ do Internacional como uma coisa tradicional, ele achava que *“as pessoas cantam, a maioria canta, cantavam isso mais por tradição ou pelo símbolo que era o macaquinho do Inter do que propriamente dizer tu é negão e eu não gosto de negro ou coisa desse tipo”* (DC 30), mesmo reconhecendo que *“talvez um ou outro tenha essa coisa racista de não gostar de negro ou odiar negro, mas eu acho que o cântico macaco não era assim de forma pejorativa, para o clube, mas não como uma reprimenda ao negro”* (DC 30). Anderson dizia não saber a origem que motivou e qual foi a conotação da origem, ele acreditava que *“ao longo dos tempos o real significado disso, obviamente se perdeu, mas como eu comentei, esses mitos e esses hábitos estão aí para também serem questionados e se o senso comum julgar que tem que ser abolido, eu concordo”* (DC 30). Anderson acreditava que a proibição respondia *“uma demanda social, eu acho que é uma iniciativa, um sinal de proatividade”* (DC 30). Seu pai, Leonardo, condicionava, em alguma medida, essa ação a algum resultado mais pragmático: *“se isso realmente for algo efetivo que vá acabar com essa coisa horrorosa, essa ojeriza, essa coisa nojenta do racismo, então que se tire”* (DC 30).

Sobre a proibição/diminuição dos termos de ‘macaco’ e ‘macacada’, Diego entendia que *“é ridículo porque os próprios colorados têm uma torcida que se chama macacos, massa não sei o quê colorada, eu não lembro agora, os caras mesmo se denominam macacos, os caras sempre levam macacos”* (DC 34). Diego identificou o termo ‘macaco’ com supostas características do animal, tentando desvincular seu

significado de preconceito étnico bastante marcado na cultura brasileira, mesmo reconhecendo este traço histórico: *“a gente sempre identificou eles de macaco imitação, também, e óbvio ninguém vai ser idiota de dizer, porque a maioria da torcida deles era negra e os caras imitação e ficou, mas enfim, é o politicamente xarope que a gente está vivendo”* (DC 34). Luciano acreditava que *“a própria torcida do Inter nunca levou por esse lado, nunca levou por esse lado, então é mais gente externa que não conhece o futebol daqui ou não conhece a rivalidade daqui que cria polêmica em cima disso”* (DC 34). Ele utilizou uma referência temporal para justificar a presença dos termos específicos utilizados pela torcida do Grêmio, ao mesmo tempo em que homogeneizou a recepção dos torcedores colorados aos termos: *“há quantos anos isso acontece e nunca os torcedores se sentiram ofendidos por isso, inclusive, tu vê as vezes mascotes ou alguma coisa referente a isso. Eu acho que isso tem que deixar de lado”* (DC 34). Wender acreditava que *“a torcida do Grêmio tem que parar de falar macaco e outra coisa, na minha visão, nesses cânticos do Grêmio tem que esquecer o Inter, parar de cantar Inter não sei o quê, macaco, tem que cantar Grêmio, tricolor, alma castelhana”* (DC 35). Lucas, amigo de Wender, concordou e disse que tem que *“parar de cantar coisas do Inter, cantar coisas do Grêmio. O Grêmio tem três cores para cantar azul, preto e branco, tem torcida de tudo o que é tipo, o Grêmio se popularizou, eu acompanhei”* (DC 35).

Muito menos importante do que a discussão entre o pioneirismo da presença negra ou de certa diferenciação de classe efetiva entre gremistas e colorados, é interessante pensar como essas representações ainda produzem efeitos em seu conjunto de torcedores.

(...) o Grêmio tem sido visto como um clube de elite branca e o Internacional como sendo um clube dos populares e dos negros – ambas as imagens são caricatas, mas de qualquer modo recorrentes. (...) Creio se tratar de uma diferença forjada pelos torcedores, num determinado período histórico, de acordo com as suas próprias percepções da configuração social e cultural (DAMO, 2002, p. 86-87).

No Brasil, preconceitos e representações étnicas e de classe acabam se confundindo, associando e complementando. A discussão, aqui, não se dá na verificação da correspondência original da formação dos clubes, mas seus efeitos em relação às representações dos mesmos e de seus torcedores.

(...) os dados sociológicos indicam não haver, no presente, diferença substantiva em termos de pertencimento clubístico por classe social, o que significa dizer que o Grêmio é tão do povo quanto o Inter. Todavia, o imaginário do qual se alimentam as rivalidades e as paixões clubísticas, vai

muito além das formas convencionais que utilizamos para demarcar as fronteiras de classe (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 117).

A rivalidade é constituidora da relação entre gremistas e colorados. Marcelo acreditava que “*a torcida do Internacional passou a sentir o prazer de torcer bem depois que a gente, o Sport Club 2006*” (DC 3). Essa forma de referir-se ao rival se dá pela conquista da Libertadores pelo Internacional ter acontecido ‘apenas’ em 2006, vinte e três anos após o Grêmio conquistar a primeira de suas duas Libertadores. Como moeda de troca, os torcedores do Internacional dizem que o Grêmio não é campeão Mundial porque a FIFA apenas reconhece os torneios realizados por ela a partir do ano 2000, em edição experimental, e de 2005 em diante. Os gremistas reclamam para si esse título por terem sido campeões do Torneio Intercontinental, em 1983. Marcelo acreditava que a torcida do Internacional imitaria a torcida do Grêmio: “*eu vejo também um pouco de plágio da gente*” (DC 3). Marcos, amigo de Marcelo, argumentava que isso não seria proposital, “*mas tudo que eles fazem vem depois, não deveria ser uma cópia, mas é meio inconsciente*” (DC 3). Questionei se eles conseguiam perceber alguma diferença entre os torcedores do Grêmio e do Internacional. Marcelo naturalizou o conceito do torcedor e afirmou que “*torcedor é torcedor e acredito que torcer para o Grêmio ou para o Inter seja a mesma coisa*” (DC 3). Dentro da lógica das provocações, mesmo que não existisse nenhum torcedor do Internacional identificado naquele momento, Marcos afirmou: “*não consigo entender como é que torce para o Inter...*” (DC 3). Ao se referir à torcida do Internacional, Marco Antônio utilizou a ignorância como forma de conhecimento ao afirmar que não tinha opinião formada, ao mesmo tempo em que, de forma contraditória, apontou que “*desde que existiu eles copiam tudo do Grêmio. A Geral surgiu com meia dúzia de pessoas estendendo faixas e eles começaram a nos chamar de argentinos, mas eles copiaram tudo. Fizeram as sombrinhas e os guarda-chuvas aqui, eles fizeram*” (DC 3). Tony, filho de Marco Antônio, acreditava se tratar de “*recalque dos colorados porque desde que fundaram o Inter, o desejo não é de ganhar campeonatos, mas de superar o Grêmio*” (DC 3). Ele sugeriu uma interpretação alternativa para o termo ‘macaco’ e a derivação ‘macacada’: “*essa história de macaco, tudo bem, no início até poderia ter uma conotação racista, mas também é porque eles copiam, estão sempre copiando. É uma torcida medíocre que está sempre querendo imitar os outros*” (DC 3). Essa hipótese e uma segunda são apontadas pelo jornalista gremista, Léo Gerchmann, que afirma discordar das mesmas: “*seria porque os colorados se penduravam em galhos na até então chácara dos*

Eucaliptos e porque o Inter, desde o início, tratou de imitar o Grêmio, algo que se intensificou com o equilíbrio entre os dois clubes a partir desses anos 1930¹⁸²”

O Gre-Nal é, sem dúvida, o jogo mais representativo na relação entre gremistas e colorados. “O que move o clubismo são as rivalidades entre clubes: rivalidades atávicas, como aquelas, que sustentam os derbies locais, regionais ou nacionais, ou circunstanciais, como aquelas decorrentes das disputas ao longo de um campeonato” (DAMO, 2012, p. 52). Os clássicos são o principal momento em que a rivalidade se coloca, garantindo um grande envolvimento das torcidas, mesmo quando os jogos não apresentam bom nível técnico. O Gre-Nal válido pela Primeira Liga e pelo Campeonato Gaúcho de 2016 contou com a presença da torcida mista, nas Cadeiras Gold da Arena (desde o Campeonato Gaúcho de 2015, um pequeno número de ingressos é disponibilizado para que um sócio colorado, no Beira-Rio, ou um sócio gremista, na Arena, assistam ao jogo acompanhado de um amigo que torce para o rival). Esses torcedores chegaram escoltados pela Brigada Militar em ônibus exclusivos. Eles foram encaminhados para uma entrada, também em separado. Esses torcedores foram recepcionados por torcedores gremistas que mostravam as mãos espalmadas fazendo referência ao número 5, em função do placar do último Gre-Nal que havia sido disputado, até então, na Arena do Grêmio. Essa entrada totalmente separada e, mesmo, a provocação feita pelos torcedores do Grêmio, mostrou como, em alguma medida, esses torcedores não eram pensados como integrantes nem da torcida do Grêmio, nem da torcida do Internacional (DC 19). Neste Gre-Nal ainda foi possível escutar alguns xingamentos pontuais como “vai tomar no cu, macacada” (DC 19).

No senso comum existe um entendimento recorrente de que “gremistas e colorados são contrários, contraditórios e complementares” (DAMO, 2002, p. 85). No dicionário, podem ser encontrados como sinônimos de rivalidade os termos competência, concorrência, competição e emulação¹⁸³. Emulação, por sua vez pode significar “sentimento que faz com que uma pessoa tente se igualar ou superar alguma coisa ou outra pessoa. Competição justa; ação de disputar ou concorrer de maneira honesta¹⁸⁴”.

Após uma das conversas, desliguei o gravador e fui chamado por André que me afirmou em tom de confissão: “*agora que você desligou o gravador, uma coisa*

¹⁸² Ver nota 181.

¹⁸³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rivalidade/>. Acesso em 17/05/2017, às 12h09.

¹⁸⁴ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/emulacao/>. Acesso em 17/05/2017, às 12h12.

precisamos admitir, eles [colorados] vão mais que nós no estádio, tem mais média de público” (DC 3). Essa afirmação foi imediatamente contraposta por Elano. Ele afirmou que *“isso acontece porque a fase do Inter é melhor”* (DC 3). Elano chegou a desafiar: *“se sem ganhar nada nós temos a torcida que temos, imagina quando ganharmos”* (DC 3). Hernán acreditava que pelo bom momento do Internacional, sua torcida seria mais fiel: *“pelo histórico recente de títulos deles. Querendo ou não eles vêm praticamente todo o ano ganhando alguma coisa, então a galera tem comparecido bastante”* (DC 7). Apesar desse reconhecimento esportivo, Hernán apontou que a *Geral do Grêmio* seria mais persistente: *“a Geral, desde que eu me conheço por gente, não deixa de cantar nunca e até quem não é muito frequente se o cara não está cantando, os caras te cobram, para ficar aí tem que cantar, parado aqui não rola”* (DC 7). A mesma fidelidade utilizada em favor dos colorados, associada à presença de público e vinculada às conquistas recentes, é solicitada para a torcida do Grêmio por sua maior participação: *“lá quando a situação do time deles está meio ruim, é a outra torcida que canta, a torcida do time adversário. Tem muita diferença. A torcida do Grêmio é muito mais fiel ao time, ao escudo do Grêmio pelo momento que a gente passa, de escassez de título”* (DC 7).

Em alguma medida, essa tentativa de igualar ou superar alguma coisa acaba produzindo significantes a serem postos em disputa. Elano queria que o Grêmio comprasse a gestão da Arena, além da conquista de um campeonato: *“com a Arena sendo nossa e com um campeonato, os colorados não teriam mais nada para falar”* (DC 3). Perguntei para alguns torcedores se eles imaginariam, dentro da rivalidade Grêmio-Nal, que com a reforma do Beira-Rio para a Copa de 2014 seria possível permanecer no estádio Olímpico. Pedro acreditava que pela perspectiva da rivalidade seria complicado: *“só pela rivalidade seria muito complicado ficar lá, mas acho que seria possível. Poderia até, de repente, criar alguma coisa, alguma campanha com a própria torcida para se apegar mais ainda a história que tinha ali”* (DC 13). Matías lembrou que um clube sempre foi parâmetro para o outro e acredita que *“se o estádio deles sofresse toda essa melhoria, toda essa reforma e nós continuássemos com o Olímpico, com certeza teria toda uma pressão para que o Olímpico também fosse reformado, fosse feito melhorias. Só que no nosso caso, a nossa melhoria foi feita antes”* (DC 15). Tiago, amigo de Matías, disse que existe esse *“sentimento de estar na frente”* (DC 15). Sebastián reclamou desse excesso de competitividade: *“a grenalização também nos prejudicou e fez com que se quisesse mais lugares para tentar ter mais do que tinha o*

Beira-Rio e isso também dificultou” (DC 34). Ele acreditava que seria mais interessante “*ter um estádio com 40 mil lugares que estivesse sempre pulsando do que ter um de 60 mil lugares e que nunca vai estar lotado*” (DC 34).

Se por um lado, o ambiente dos estádios e seu entendimento de templos dos insultos autorizaria uma série de manifestações que poderiam transitar entre o humorístico, o grotesco ou o violento, a rivalidade Gre-Nal, constituidora do clubismo na construção identitária de ambas as torcidas, ainda autorizaria a utilização do termo ‘macaco’ por sua presença histórica. Algumas noções nativas de tradição permitiriam seu uso, mesmo que essa mesma tradição acabasse permitindo que outras interpretações apontassem para a possibilidade de a expressão ser lida como uma ofensa racista, uma manifestação verbal de violência. A rivalidade acaba aumentando o número de elementos nesse campo de disputas pela definição do legítimo e do não legítimo de ser manifestado nos estádios de futebol.

Neste capítulo, apresentei o ‘caso Aranha’ que acabou marcando profundamente esse início de participação da torcida do Grêmio na Arena. Após o goleiro ter sido chamado de “macaco” por integrantes da torcida do Grêmio, além de punições esportivas, o próprio clube interditou o uso de cânticos com esse termo, o que acabou modificando algumas das possibilidades de manifestação dos torcedores, uma vez que a referência ao Internacional possuía grande protagonismo nas formas de torcer dos gremistas.

A forma como os torcedores entenderam o episódio e, em alguma medida, justificavam a injúria dirigida ao goleiro aparecem na segunda seção do capítulo. As interpretações apresentam grande multiplicidade de entendimento, que variam desde o reconhecimento do caso como um episódio racista até certa condescendência com as práticas torcedoras, mesmo que ofensivas.

Encerrei o capítulo mostrando de que modo a rivalidade Gre-Nal autorizaria os sujeitos a utilizarem o termo “macaco” na torcida do Grêmio. Em alguma medida, o rival é sempre solicitado e os torcedores gremistas aprenderam, ao longo de sua socialização, que os colorados poderiam ou deveriam ser chamados de “macacos”. A vinculação dessa manifestação com o racismo causa certo desconforto entre os torcedores que procuram encontrar algumas justificativas que, de alguma forma, não fariam essa associação de forma tão direta.

No próximo capítulo apresento, a partir de um episódio envolvendo o atacante Emerson Sheik, alguns entendimentos de como as manifestações heterossexistas têm

sido entendidas e colocadas em questão no futebol. A discussão segue com certo ‘ressurgimento’ da torcida Coligay e como os torcedores do Grêmio recebem esse ‘retorno’.

6 AS MANIFESTAÇÕES TORCEDORAS COLOCADAS EM QUESTÃO: PERMISSIVIDADES E INTERDIÇÕES

Emerson Sheik, então atacante do Corinthians, publicou em seu perfil na rede social *Instagram* um ‘selinho’ dado em seu amigo Isaac Azar após a vitória do Corinthians por 1 a 0 diante do Coritiba, válida pela 15ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2013. Foi o início de uma polêmica que acompanhou o atleta pelo resto da temporada. O jogador foi duramente criticado por torcedores do Corinthians e virou motivo de chacota para os torcedores rivais. O jogador corintiano afirmou ser homossexual e disse que a intenção do beijo era desarmar os preconceitos.

A imagem provocou a ira de milhares de corintianos. Integrantes de uma torcida organizada foram cobrar explicações do atleta, herói do título inédito do Corinthians na Libertadores, em 2012. Os torcedores foram autorizados pelo clube a entrar no Centro de Treinamentos para realizar essa ‘cobrança’ ao atacante. O diretor da Camisa 12 argumentava que a ‘bitoquinha’ do jogador feria a ética da “corintiologia¹⁸⁵”. O ‘protesto’ contra o toque de lábios do atleta possuía as faixas “‘Viado não’ e ‘Aqui é lugar de homem’¹⁸⁶”. Mesmo que, segundo seu diretor, a torcida não seja homofóbica, “a organizada não aceita gays defendendo as cores alvinegras. ‘Corinthians é o time do povo, não de veado’¹⁸⁷”. Os manifestantes concluíram (ou ameaçaram): “A gente não quer ser homofóbico, mas tem de ter respeito com a camisa do Corinthians. Aqui não vai ficar beijando homem. Hoje são 5, amanhã são 50 e depois 500. Vamos fazer a vida dele um inferno¹⁸⁸”. Essa separação entre dois tipos de sujeitos, o ‘veado’ ou ‘viado’ e os outros, impede qualquer tipo de diálogo ou de aproximação e acaba marcando definitivamente os sujeitos por uma determinada prática, “el marco binario presupone conocer todo lo que se necesita saber antes de cualquier investigación real” (BUTLER, 2010, p. 200).

O jogador tentou argumentar (ou se defender) afirmando que a imagem não possuía vínculo algum com o clube. “Acho que o mundo do futebol é muito machista. Quero deixar claro que em nenhum momento desrespeitei alguém. Lá era o Emerson pessoa. (...). Acho que é um preconceito babaca¹⁸⁹”. A necessidade de desvincular seu

¹⁸⁵ Ver nota 106.

¹⁸⁶ Ver nota 106.

¹⁸⁷ Ver nota 106.

¹⁸⁸ Disponível em: <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2013/08/19/nao-fique- apenas-com-do-de- carinho-a-um-torcedor-homofobico/>. Acesso em 11 de maio de 2015, às 17h42.

¹⁸⁹ Ver nota 188.

ato individual da relação de atleta do clube pode ser lida como mais uma demonstração de como a relação de gênero e de sexualidade institucionalizada nas práticas esportivas, especialmente a do futebol no Brasil, possibilitam uma margem muito pequena para as vivências de desejos e prazeres corporais. Apesar de considerar o preconceito babaca, o atacante “fez questão de afirmar sua homossexualidade ao convidar seus seguidores no *Instagram* a checarem todo o perfil¹⁹⁰”. A partir dessa iniciativa, é possível problematizar como a sexualidade, especialmente de um jogador de futebol famoso, precisa ser provada e, com a popularização das redes sociais, compartilhada publicamente.

Sobre o selinho de Emerson Sheik, o Corinthians não fez pronunciamento oficial. O, então, vice-presidente, Roberto de Andrade argumentou: “O Corinthians não se mete nisso. Afinal, o clube beijou alguém?¹⁹¹”. Colegas de profissão, como o volante Wellington, então no São Paulo, debochou: “A Hebe voltou¹⁹²”. Seus companheiros de time, porém, o receberam com aplausos na reapresentação da equipe. Apesar dos aplausos, o jogador também foi alvo de gozações.

Na primeira partida após o episódio, pela Copa do Brasil de 2013, diante do Luverdense Esporte Clube, Emerson Sheik se estranhou com o zagueiro Zé Roberto. Ambos foram expulsos. O defensor adversário ironizou o atacante: “Não aceito provocação dele, muito menos beijo¹⁹³”. O presidente do clube adversário, Helmut Lawisch, reforçou a crítica ao atacante corintiano: “Sheik estava desestabilizado. Ele joga num time de macho e toma uma atitude daquela. Sou da moda antiga. Ou seja, homem é homem¹⁹⁴”.

A atitude do atleta acabou propondo uma discussão sobre sexualidade, gênero e homofobia nos estádios de futebol. “O toque de lábios (...) do atacante Emerson Sheik com seu amigo, em São Paulo, virou bandeira da aceitação dos homossexuais no esporte e escancarou uma dura realidade: falta muito para a diversidade sexual ser tratada com naturalidade¹⁹⁵”. A discussão, porém, acabou gerando uma pequena margem de apoio à manifestação do atleta. A publicação da notícia recebeu diferentes interpretações do público na internet. Dentre elas, “as manifestações de apoio ao gesto foram raras (...).

¹⁹⁰ Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2013/08/selinhos-escancaram-encruzilhada-na-luta-por-maior-tolerancia-a-diversidade-sexual-no-esporte-4240838.html>. Acesso em 13 de janeiro de 2014, às 16h31.

¹⁹¹ Ver nota 106.

¹⁹² Ver nota 106.

¹⁹³ Ver nota 106.

¹⁹⁴ Ver nota 106.

¹⁹⁵ Ver nota 188.

De resto, um desfile de preconceito. Os homofóbicos se dividiram entre xingamentos impúblicáveis e argumentos contra o que consideram uma onda de ‘propaganda gay’¹⁹⁶.

Após os protestos de diferentes torcidas organizadas do Corinthians, o jogador se ‘retratou’. No mesmo dia em que a Adidas, patrocinadora de Emerson Sheik, lançou uma chuteira personalizada para o atacante com os dizeres: ‘fora preconceito’, o atleta pediu desculpas pelo selinho: “Não poderia ter feito isso, até porque eu não sou são-paulino”¹⁹⁷. Dentro da lógica naturalizada da homofobia e da rivalidade no futebol brasileiro, o jogador se permitiu ‘brincar’ com a situação.

El uso del lenguaje y las bromas sigue apareciendo como el instrumento más común a la hora de señalar a gays y lesbianas en los estadios. El miedo a los conflictos que se pueden generar en la propia persona y en el grupo es la principal causa de permanecer la homosexualidad como un tema tabú en el deporte (PIEDRA, 2015, p. 1077).

Ao comentar a transferência do jogador para o Botafogo de Futebol e Regatas¹⁹⁸, o, então, lateral-esquerdo do Corinthians, Fábio Santos, creditava ao selinho dado pelo atleta uma aceleração da saída do atacante do clube paulista¹⁹⁹. Se não pode ser tomada como uma operação de causa e efeito, o toque de lábios do atleta nas redes sociais também não dificultou a troca de clubes por empréstimo para a disputa do Campeonato Brasileiro de 2014.

Durante o Campeonato Brasileiro de 2014, o jogador Emerson Sheik envolveu-se novamente em uma situação polêmica. Já no Botafogo, o atacante acusou o zagueiro Lúcio, que jogava no Palmeiras, de tê-lo chamado de gay. Curiosamente, enquanto eu assistia a transmissão do jogo entre Sport e Grêmio pelo canal *Sportv*, pude acompanhar o comentarista Lédio Carmona salientar que Emerson Sheik precisava tomar cuidado, pois ele era um ídolo e muitas crianças assistiam aos jogos. Ele não discutiu se o jogador foi ou não ofendido, mas preocupou-se em afirmar que o atacante não deveria colocar esse tema em pauta. Parece que o problema não estava na existência ou não da ofensa, mas em o ofendido reclamar desse tipo de manifestação.

Em 2016, a torcida organizada Camisa 12 e seu presidente, Marco Antônio de Paula Rodrigues, foram multados em R\$ 23, 5 mil cada pela manifestação homofóbica dirigida ao atacante. A Secretaria de Estado de Justiça e Defesa da Cidadania acatou

¹⁹⁶ Ver nota 188.

¹⁹⁷ Ver nota 106.

¹⁹⁸ De agora em diante, Botafogo.

¹⁹⁹ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/corinthians/fabio-santos-diz-ter-certeza-de-que-selinho-pesou-em-adeus-de-sheik,077b2e939b155410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>. Acesso em 14 de maio de 2015, às 18h22.

pedido da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. A punição foi baseada na Lei Estadual nº 10.948/2001, que prevê punição administrativa para manifestações homofóbicas no Estado de São Paulo²⁰⁰. O Defensor Público, Bruno Bortolucci Baghim, afirmou que “a decisão é importante porque traz uma reflexão sobre a homofobia e responde a uma postura muito comum no futebol. É um começo para uma mudança de atitude. É preciso democratizar e avançar no futebol, que ainda é muito fechado e homofóbico²⁰¹”. O Defensor ainda informou que durante o processo, os torcedores chegaram a afirmar que a atitude de Emerson produzia “constrangimentos e vexações” aos “corinthianos em geral²⁰²”.

O beijo do jogador do Corinthians acabou lembrando o caso do jogador Richarlyson que foi ‘acusado’ de ser homossexual pelo ex-diretor do Palmeiras, José Cirillo Jr., na década passada. O jogador denunciou o dirigente por preconceito, mas teve seu caso arquivado. O juiz Manoel Maximiliano Junqueira Filho, à época, “sugeriu que se o jogador fosse homossexual, ‘melhor seria que abandonasse os gramados’²⁰³”. Não satisfeito, o magistrado argumentou que “jamais conceberia um ídolo ser homossexual²⁰⁴”. Ele ainda finalizou reforçando a distinção que deveria existir entre atletas de diferentes identidades sexuais. “Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas forme seu time e inicie uma Federação²⁰⁵”. Essa diferenciação sugerida pelo magistrado não se aproxima nem mesmo das competições promovidas por organizações que realizam competições esportivas LGBT. Dialogando com Adrienne Rich, Wagner Camargo aponta que

(...) não existe “esporte LGBT”. Essa expressão a que todos(as) os(as) envolvidos(as) se referem (LGBT sports ou gay sports, em inglês) é um equívoco (...). Os gestos técnicos nas modalidades esportivas em si e os implementos não sofrem adaptações ou variações, a não ser pelas performances dos corpos (2016, p. 1340-1341).

Um integrante da torcida organizada Independente, do São Paulo, afirmava com orgulho. “Nós mandamos o Richarlyson embora²⁰⁶”. Segundo o torcedor, “ele [Richarlyson] manchava a imagem da instituição²⁰⁷”. Mesmo tendo defendido Richarlyson no processo, em 2007, “o presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais

²⁰⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2016/08/organizada-do-corinthians-e-multada-por-protesto-homofobico-contra-sheik.html>. Acesso em 19/05/2017, às 10h57.

²⁰¹ Ver nota 200.

²⁰² Ver nota 200.

²⁰³ Ver nota 188.

²⁰⁴ Ver nota 188.

²⁰⁵ Ver nota 188.

²⁰⁶ Ver nota 106.

²⁰⁷ Ver nota 106.

de São Paulo, Rinaldo Martorelli, também faz ressalvas. ‘Não aconselharia nenhum jogador a se assumir. É algo que traria muito desgaste à carreira’, diz²⁰⁸’. Em 2012, o Palmeiras estudava a contratação do jogador, que, assim como Emerson Sheik, nega com veemência ser homossexual. Uma das faixas de protesto da torcida contra essa contratação dizia: “A homofobia veste verde²⁰⁹”. Um integrante da Mancha Verde (principal torcida organizada do clube) negava o envolvimento da torcida na produção do material, ao mesmo tempo em que dizia que “não via nada de agressivo na faixa²¹⁰”.

Em 2017, Richarlyson foi contratado para jogar o Campeonato Brasileiro da série B pelo Guarani, de Campinas. Pouco antes de ser apresentado como jogador do clube, dois torcedores identificados com camisetas do clube “atiraram bombas em frente ao estádio Brinco de Ouro como forma de protesto pela contratação²¹¹”. Na página oficial do Guarani no *Facebook* apareceram diversas manifestações, algumas de apoio e outras com insultos. Esses insultos foram proferidos tanto por torcedores da equipe quanto por rivais. O vereador da cidade de Campinas, Jorge Schneider, torcedor do principal rival do Guarani, a Associação Atlética Ponte Preta, ironizou: “A pessoa certa no lugar certo²¹²”.

A utilização de um “arsenal ‘inofensivo’ de piadas e brincadeiras” (JUNQUEIRA, 2009b, p. 19) é bastante comum no universo do futebol. Antes da Copa do Mundo de 2014, uma loja no Shopping Center Iguatemi, de Campinas, vendia camisetas insultando jogadores de selecionados adversários que viriam disputar a competição no Brasil. O atacante italiano Mário Balotelli foi chamado de perdedor. A sexualidade foi novamente acionada e o atacante Cristiano Ronaldo foi referido como gay, assim como o ex-jogador argentino Diego Maradona, definido como ‘*maricón*²¹³’.

Embora racismo e homofobia com frequência conivam e se reforcem, são fenômenos que não desencadeiam idênticos discursos, práticas e modalidades de explicitação ou ocultamento de seus mecanismos. Basta lembrar que, aqui, onde o racismo é sistematicamente camuflado, o preconceito homofóbico, mesmo sem deixar de também ter suas sutilezas, comumente encontra manifestação ostensiva e insistente, e seus mecanismos discriminatórios operam às claras sob o beneplácito aquiescente de instituições e opinião pública (JUNQUEIRA, 2009a, p. 383).

²⁰⁸ Ver nota 106.

²⁰⁹ Ver nota 112.

²¹⁰ Ver nota 112.

²¹¹ Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/09/deportes/1494343530_901105.html. Acesso em 18/05/2017, às 16h57.

²¹² Ver nota 211.

²¹³ Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/401922_loja-em-sp-vende-camisas-ofensivas-a-astros-do-futebol-cronaldo-e-gay-e-maradona-maricon. Acesso em 19/05/2017.

No futebol também conseguimos encontrar diferenças significativas entre episódios que envolvam manifestações de discriminação étnica e aqueles que incluem discriminação relacionada à sexualidade. No dia 12 de fevereiro de 2014, durante a primeira partida do Cruzeiro na Libertadores da América, contra a Asociación Civil Real Atletico Garcilaso, no Peru, o volante Paulo César Tinga foi alvo de racismo. Sempre que o jogador tocava na bola, boa parte do estádio peruano entoava sons de macaco. O atleta, bicampeão da Libertadores da América pelo Internacional, campeão do Campeonato Brasileiro pelo Cruzeiro e da Copa do Brasil pelo Grêmio, afirmou que trocaria todos os seus títulos por igualdade entre raças²¹⁴.

Por meio da rede social *Twitter*, a então presidenta da república, Dilma Rousseff, afirmou que era lamentável o episódio de racismo sofrido pelo atleta. A presidenta informou que tratou com a Organização das Nações Unidas (ONU) e com a FIFA para que a Copa do Mundo de 2014 fosse a ‘Copa contra o racismo’. O ministro do Esporte à época, Aldo Rebelo, emitiu nota oficial em que pressionava a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) a tomar uma atitude enérgica relativamente ao episódio. A Confederação prometeu analisar o caso, que foi adjetivado por ela como inaceitável²¹⁵.

Pela mesma rede social utilizada pela presidenta, a expressão “fechado com o Tinga” esteve entre os tópicos mais comentados. Por diferentes redes sociais, o, então, atleta do Cruzeiro recebeu o apoio do jogador Neymar, do ex-jogador Ronaldo, do então presidente da FIFA, Joseph Blatter, de outros colegas de profissão, além de receber um pedido de desculpas do goleiro Juan Pretel, da equipe peruana. O, então, presidente do Atlético Mineiro, histórico rival do Cruzeiro, Alexandre Kalil, também se posicionou contra o racismo sofrido pelo atleta do clube adversário. Após o ocorrido, a CBF reproduziu uma imagem de seu símbolo nas cores preta e branca junto com os dizeres “somos iguais”. Além do símbolo, a CBF criou uma campanha com o mesmo título promovendo ações nas partidas das séries A e B do Campeonato Brasileiro e em amistosos da Seleção.

Além da manifestação nas redes sociais, a presidenta Dilma Rousseff, recebeu o atleta e o árbitro de futebol Márcio Chagas, que também havia sido vítima de racismo, para prestar solidariedade. O atleta entendia que a punição aos envolvidos seria

²¹⁴ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2014/02/vitima-de-racismo-no-peru-tinga-diz-que-trocara-titulos-por-igualdade.html>. Acesso em 09/06/2015, às 9h45.

²¹⁵ O clube peruano acabou multado em US\$ 12 mil.

necessária e que a solução do problema só apareceria por meio da educação. O ministro do Esporte, também presente na reunião, reforçou que o racismo é um crime inafiançável e imprescritível no Brasil. O jogador e o árbitro ainda lançaram, em parceria com a Central Única das Favelas (CUFA), do Rio Grande do Sul, o projeto “Chutando o Preconceito”. O jogador, que já trabalhava em conjunto com a CUFA, aproveitou sua exposição midiática para se tornar símbolo da luta contra o preconceito racial.

“O racismo dentro do futebol parece ser culturalmente universal, ocorrendo entre e dentro de agrupamentos étnicos. Expressões elementares de racismo envolvem o tratamento abusivo e discriminatório a jogadores não brancos” (GIULIANOTTI, 2010, p. 203). É interessante perceber que nesses casos a diferenciação entre violência ‘real’ e ‘simbólica’ parece fazer menos sentido que em casos que envolvem manifestações sobre a sexualidade. A própria CBF, após ser punida de forma pecuniária por gritos homofóbicos, entrou com recurso junto à FIFA solicitando absolvição, uma vez que aquelas manifestações fariam parte da cultura dos estádios de futebol.

Uma comparação com o caso Emerson Sheik parece pertinente. É possível entender que tanto Emerson Sheik quanto Paulo César Tinga sofreram ações de violência verbal, uma vez que não foram vítimas diretas de uma agressão física (conquanto o atacante do Corinthians tenha sido ameaçado por torcedores dentro do clube). Essa diferenciação, porém, perde força ou é insuficiente quando imaginamos as diferenças entre as legitimidades das ofensas proferidas e, mesmo, da inteligibilidade de uma das ações como violenta e a outra como não violenta. Mesmo que as duas ações tenham gerado punições, brandas em ambos os casos, as próprias instâncias que realizaram as sanções já parecem mostrar como um tipo de manifestação pode ser entendida como um problema a ser discutido no futebol e a outra não.

Estou entendendo que a homofobia enfrentada pelo então atacante do Corinthians tenha sido realizada pelas redes sociais e, especialmente, pelos torcedores que foram lhe cobrar explicações no centro de treinamentos da equipe profissional. O Corinthians não somente se omitiu a falar oficialmente sobre o caso, como abriu as portas do clube para os manifestantes. Atletas de outros clubes participaram das chacotas dirigidas ao jogador e um de seus colegas chegou a sugerir que o episódio forçou a saída temporária do atacante do clube. O jogador não recebeu apoio institucional de nenhuma confederação e não se cogitou punição alguma aos torcedores que lhe intimidaram no âmbito esportivo. Ao contrário, quem precisou se retratar foi o

atacante que o fez praticando manifestações, com o mesmo conteúdo, dirigidas ao São Paulo, clube rival.

No caso do então atleta do Cruzeiro, os xingamentos aconteceram durante uma partida em uma competição internacional, fora do Brasil. Nas mesmas redes sociais que condenaram a atitude do atacante corintiano, o jogador recebeu apoio de torcedores, profissionais da imprensa, colegas de profissão, ex-atletas, dirigentes de clubes rivais, da CBF, da Conmebol, da FIFA e da presidenta da república. A punição dada ao clube peruano foi considerada branda e o jogador acabou se tornando símbolo de campanhas antirracismo realizadas pela CBF e por movimentos sociais.

O jogo entre visibilidade e invisibilidade pode ser pensado para essa discussão. Em 2014, além do caso Tinga, tivemos manifestações racistas contra o árbitro Márcio Chagas, os jogadores brasileiros Aranha, Arouca, Daniel Alves, Hulk, Paulão, o italiano Mario Balotelli, o marfinense Yaya Touré, entre outros, como apontadas pelo *Observatório da Discriminação Racial no Futebol*. Em relação à homofobia, em 2014, não temos registro de outro jogador que tenha sido vítima dessa violência após o caso Emerson Sheik. Uma interpretação mais apressada poderia apontar o racismo como um problema mais recorrente no futebol. Outra leitura, porém, poderia interpretar que a homofobia não parece ser um problema legítimo na cultura do futebol de espetáculo.

A homofobia parece ser uma das novas discursividades que emergiram e tentam se firmar como ‘legado’ da Copa para o futebol brasileiro e seus torcedores. Essa nova discursividade poderia apresentar, inclusive, uma nova forma de violência para os espetáculos esportivos. A violência é produzida na cultura e seus diferentes significados são construídos em um terreno de lutas por significação. Nos estádios, as principais manifestações de homofobia se dão na forma de violência verbal. Acredito que essas manifestações constituem de forma bastante significativa o que venho chamando de currículo de masculinidades dos torcedores de futebol de estádio. Se o próprio termo homofobia poderia ser colocado em questão pelo forte heterossexismo presente nas praças esportivas até então, dentro de diferentes disputas por significados, parece existir um deslocamento deste conteúdo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio. Mesmo que os torcedores ainda questionem essa interpretação, a presença de piadas ou violências envolvendo conteúdos de sexualidades não normativas acaba sendo minimamente desnaturalizado no atual contexto.

O futebol é uma das poucas instâncias em nossa cultura que permite ou possibilita a formação de comunidades afetivas masculinas. No mesmo contexto em que

se ressaltam a virilidade, que se exercem manifestações de violência verbal e uma constante promessa de violência física, se cantam afetos e amores nem sempre permitidos em outros locais da cultura (BANDEIRA, 2012). Outra possibilidade de rasura dessa masculinidade pode ser visualizada na grande possibilidade de contatos físicos entre os torcedores. Saltos abraçados, a exposição de determinados corpos sem camiseta (especialmente, jovens, musculosos e sem pelos), os abraços aos ‘desconhecidos’ na hora do gol...

Talvez, resida justamente nessas pequenas transgressões da masculinidade a necessidade urgente de se reforçar a condição de heterossexuais e heterossexistas.

O medo da homossexualidade impregna as culturas homosociais: medo de ser, sem sabe-lo, no contato com homossexuais, medo também de ser tomado por um homossexual, o que leva a acentuação de condutas machistas para desviar as suposições, ou seja, a exacerbação da violência homofóbica (TAMAGNE, 2013, p. 442).

Em alguma medida, essa condição constantemente reforçada permite uma maior ‘garantia’ em relação aos comportamentos. A identidade sexual precisa estar resolvida para que as, eventuais, práticas não normativas não atravessem as construções dessas identidades. Contextos de reforço da virilidade e de certo ‘temor’ homossexual caminham de mãos dadas.

A possibilidade de descrição da homofobia como uma violência, curiosamente, poderia servir para democratizar o espaço futebolístico. A homofobia, até então naturalizada nos estádios de futebol, acabou sendo explicitada e contestada por diferentes atores. Permito-me acreditar que a entrada da homofobia na pauta de discussões sobre o esporte poderia ser um primeiro, e tímido, passo para o enfrentamento das diversidades sexuais nos esportes em geral e no futebol em específico.

6.1 O ‘retorno’ da Coligay e sua presença na memória dos torcedores do Grêmio

Dentro das diferentes disputas por significados sobre as práticas torcedoras nos estádios e essa nova mirada a partir do processo de elitização acelerado com a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, além da colocação em cena das discussões sobre homofobia no futebol, foi possível constatar certo ‘retorno’ da Coligay na memória coletiva dos torcedores do Grêmio. A Coligay reuniu entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980 um grupo de torcedores identificados como homossexuais que realizaram variadas performances no estádio Olímpico e, também,

em outros estádios do Rio Grande do Sul. O que chamo de retorno da Coligay se dá não apenas pelos materiais que passaram a ser produzidos sobre ela: um livro, um curta-metragem e uma tese de doutorado, mas, especialmente, por sua presença no Memorial Hermínio Bittencourt, na Arena do Grêmio, inaugurado em princípios de 2016.

Minha dissertação de mestrado, que se propôs a pensar sobre a constituição de masculinidades no estádio de futebol, defendida em 2009, não citou uma única vez a existência da Coligay. Arlei Damo (1998), em seu trabalho sobre o pertencimento clubístico dos torcedores do Grêmio, em dissertação realizada na Antropologia Social, também não fez nenhuma menção a essa torcida. Em alguma medida, é possível questionar se a Coligay não fazia parte do currículo de masculinidades que observei no final da década passada?

Me parece equivocado entender que a Coligay não fazia parte do currículo de masculinidade dos torcedores de estádio, especialmente em Porto Alegre e na torcida do Grêmio. Dentro do dispositivo pedagógico dos estádios de futebol, a Coligay acabou ocupando um lugar de destaque. O lugar do apagamento, do desconhecimento, da ignorância. Talvez, um dos conteúdos mais significativos para as masculinidades nos estádios de futebol tenha sido, justamente, esse não conhecimento da existência da Coligay.

Não se deve fazer uma divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discrição é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos (FOUCAULT, 2005a, p. 30).

Entretanto, nesse jogo de visibilidade e invisibilidade, a Coligay passou a ocupar um novo lugar na primeira metade desta década. Em 2014, o jornalista gremista Léo Gerchmann lançou, pela Editora Libretos, o livro *Coligay: tricolor e de todas as cores*²¹⁶. Ainda no prefácio, assinado pelo jornalista David Coimbra, se afirmava que a Coligay seguia sendo motivo para “gozação” dos torcedores rivais do Grêmio como algo de que os gremistas deveriam se envergonhar. No entendimento do jornalista, a Coligay seria exatamente o contrário, um motivo de orgulho para os gremistas por representar um episódio de coragem, respeito e tolerância à diversidade dentro da história do clube. Essa definição pode ser entendida como um dos propósitos do livro, que seria o deslocamento do significado que as memórias da Coligay possuiriam. “O passado é uma construção social marcada pela necessidade de sentido e pelos quadros

²¹⁶ GERCHMANN, Léo. *Coligay: tricolor e de todas as cores*. Porto Alegre: Libretos, 2014.

referenciais do presente, que empreende tal tarefa. O passado não existe em si, é criação da cultura. As lembranças de um grupo e sua identidade são determinadas mutuamente” (FRANCO JÚNIOR, 2014, 377-378). Essa releitura do passado é uma aposta que pode fazer sentido no entendimento da linguagem utilizado na perspectiva pós-estruturalista. Jacques Derrida desenvolveu o conceito de *différance*, que funciona como diferença e diferimento, defendendo que o “significado é continuamente diferido, e é nesse sentido que a linguagem é um sistema aberto de signos, na medida em que o sentido nunca pode estar presente ou ser definitivamente definido” (SALIH, 2012, p. 47). Por ser um sistema aberto, os sentidos sobre a Coligay não poderão ser fixados, nem nas representações da ‘gozação’ dos rivais existentes e nem pela positivação intencional do autor do livro ao longo de seu texto.

No livro, Léo Gerchmann citou as dificuldades dos primeiros tempos da Coligay que incluíram piadas, xingamentos e até casos de apedrejamento. É muito interessante pensar na existência desses dois termos de forma separada: piada e xingamento. De que lugar se poderia definir uma manifestação como piada ou como xingamento no contexto dos estádios de futebol? Se concordamos com Michel Foucault de que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (2006, p. 9), quem poderia contar uma piada e quem estaria, necessariamente, xingando?

O fim da Coligay esteve associado ao ano de 1983 em função da mudança de cidade do idealizador da torcida, Volmar Santos. Um contraponto em relação ao término da torcida pode ser encontrado no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de História de Élvio Rossi: “o grupo se dissolveu, segundo Serginho [informante e ex-integrante da Coligay], por causa da falta de apoio e incentivo por parte do Grêmio e devido às represálias sofridas da direção do clube, que nunca aceitou a torcida” (2002, p. 12).

Chamado de “alma da Coligay”, Volmar Santos, idealizador da torcida, foi apontado como o grande responsável por reunir aquele grupo de homossexuais para torcer pelo Grêmio. Volmar lembrava que a ideia de criar a torcida estava associada à pequena participação das torcidas oficiais de então, a Eurico Lara e a Força Azul. Uma reclamação em relação à diferenciação de tratamento entre as torcidas e, mesmo, sobre a memória da Coligay dentro do Grêmio, aparecerem no já citado TCC do historiador Élvio Rossi.

Muito embora a Coligay tenha ajudado e incentivado o time durante quatro anos, nunca foi reconhecida oficialmente e nunca teve os privilégios concedidos às outras torcidas. A prova disso é que o Museu do Grêmio não

possuía nenhum registro, nenhuma informação a respeito da torcida. Quando os dirigentes foram questionados por mim sobre a existência da Coligay foram reticentes e limitaram-se a dizer que “hoje em dia é normal existirem torcedores homossexuais nas torcidas organizadas” (2002, p. 12-13).

O jornalista gremista, Léo Gerchmann lembrou o humorista Carlos Nobre que fazia deboches e piadas sobre a Coligay, segundo a interpretação do autor, “desprovido de ranços homofóbicos”. O humor que faz com que algumas manifestações possam ser “desprovidas” de caráter ofensivo não está restrito ao contexto brasileiro. Na Argentina, o programa televisivo *El aguante* mostrava os cânticos das torcidas com referências homofóbicas, racistas e xenofóbicas, que, naquele contexto, seriam socialmente aceitos, pois, “la cláusula del humor es el dispositivo que garantiza que en la representación estos intercambios sean simples bromas, un mero ejercicio lúdico” (SALERNO, 2005, p. 137). Seria possível questionar se essas piadas ‘não homofóbicas’ não ajudariam a constituir o conjunto das “pedagogias do insulto”, no qual o coletivo de sujeitos identificados como LGBT precisam conviver, “constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica” (JUNQUEIRA, 2009b, p. 17).

O autor utilizou depoimentos de antigos integrantes da torcida. Um deles, Miguel Ribeiro (que por uma dessas coincidências de morar em uma cidade de porte médio é o meu cabeleireiro), afirmava que seguia frequentando a Arena e acreditava que a Coligay não terminou. Em conversa que tive com Miguel, ele acreditava que a torcida teria dificuldades de retornar aos estádios contemporaneamente. Seu receio era maior com as demais torcidas do Grêmio do que com os rivais. Ele acreditava que o “ódio ao homossexualismo” seria muito maior hoje do que no período em que a Coligay utilizava as arquibancadas do Olímpico. Em depoimento ao autor do livro, a travesti, identificada como Ariane, disse que seguia acompanhando o Grêmio pela televisão e que o futebol acabou servindo para aproximá-la do pai. Nessa relação parental, podemos ver duas situações distintas que marcam representações pouco flexíveis no contexto das masculinidades. Ao mesmo tempo em que o pai rejeitava a sexualidade e a performatividade de gênero da filha por fugir da norma da masculinidade heterossexual, o futebol, por seu conteúdo impregnado de representações dessas mesmas masculinidades, acabava permitindo uma aproximação.

Léo Gerchmann acreditava que a Coligay renovou a forma de torcer no estado, afirmando que o apoio constante antecipou o conceito da *Geral do Grêmio* de apoio incondicional. Aqui é necessário fazer uma ressalva, uma vez que o autor ignorou a

construção das torcidas uniformizadas que procuravam aumentar a participação dos torcedores já na década de 1940 em São Paulo e no Rio de Janeiro. Além disso, o autor não utilizou as influências das torcidas uruguaias e argentinas na forma de torcer nos estádios da *Geral do Grêmio*, olvidando com isso, também, o movimento de ‘barras’ que ocupou outros estados brasileiros a partir da metade da última década e que serviu, de certa forma, como contraponto às torcidas organizadas que dominavam o cenário brasileiro quando dessa ‘importação’, no início deste século. Rosane Teixeira aponta para a origem dessa importação justamente na *Geral do Grêmio*. Olhando para as torcidas do Rio de Janeiro, ela afirma que:

A vocação da torcida é o apoio incondicional ao clube, que se expressa no estádio através do incentivo agitando bandeiras e entoando cânticos, permanecendo de pé, durante todo o jogo, independente do placar. Os cânticos expressam de modo exemplar esta concepção assim como as faixas, e as barras, enquanto que, para as organizadas, a provocação, a rivalidade entre torcidas e a incitação ao confronto são elementos recorrentes. Aparentemente espontâneos, os cânticos estão submetidos a regras e técnicas, sendo cuidadosamente criados e obrigatoriamente exigidos. Expressão obrigatória desse novo modelo de torcedor, cantar o tempo inteiro exige dedicação e disciplina (2013, p. 8).

O vice-presidente de futebol na época, Nelson Olmedo, lembrava a originalidade da Coligay enquanto torcida organizada. Ele recordou que a Coligay não participava de eventos violentos, salientando que esses eventos eram incomuns nos estádios daquele período. Ele afirmava que o Grêmio já era um clube popular, mas que o aparecimento da Coligay ampliou a popularização do clube. Outro elogio dirigido à torcida é de que ela não era “mordedora”, ou seja, não pedia dinheiro ao clube. Ela era financeiramente independente. O jornalista Wianey Carlet lembrou a alegria, a festa e o colorido da Coligay, além do apoio incondicional. O jornalista acreditava que não estariam equivocados aqueles que comparam o comportamento da antiga torcida com a *Geral do Grêmio*. Essa ‘herança’ é lembrada pela torcida *Guarda Popular* do Internacional, mas nesse caso o tom é altamente pejorativo. O autor do livro acrescentou que a “banda sadia” da *Geral* pode lembrar a Coligay ao contrário dos “atuais boçais” que, presentes em todas as torcidas, enxergam nos rivais um inimigo a ser exterminado. O jornalista citou que, na origem, existia a suspeita de que a torcida teria sido criada pelos rivais para satirizar o Grêmio, mesma suspeita que recaiu recentemente sobre as *torcidas queer* nas redes sociais.

Os jogadores da época olhavam com alguma desconfiança para a nova torcida. O goleiro uruguaio Walter Corbo achava aquilo um tanto estranho. O meio-campista Iúra afirmava que não tinha cara para opinar sobre a Coligay. O atacante Tarciso acreditava

que o mundo estava mesmo virado e que nada causaria mais surpresa. Destoando dos atletas, o treinador do Grêmio em 1977, Telê Santana, entendia que era um direito da Coligay assistir aos jogos como qualquer outro e ainda elogiava o incentivo que eles davam ao time. Ouvidos para a escrita do livro, em 2013, o posicionamento dos jogadores contemporaneamente parecia um tanto diferente. O ex-zagueiro uruguaio Ancheta lembrou que a Coligay era uma das torcidas mais fervorosas com muito barulho e incentivo aos jogadores. Ancheta recordou que existia um bom relacionamento entre o grupo de jogadores e a Coligay. Ele completou afirmando que a torcida deveria ser um motivo de orgulho para o clube. O ex-zagueiro Cassiá Carpes, candidato a vice-governador do Estado em 2014, lembrava a Coligay por seu bonito visual colorido e pelo não envolvimento de seus integrantes em brigas. O ex-deputado acreditava que a Coligay não sofreu preconceitos, mas, no máximo, alguma brincadeira. Quando passou a ser mais bem aceita pelo clube, a relação com os jogadores também melhorou. O ex-centroavante Baltazar, o religioso “Artilheiro de Deus”, disse que independentemente do sexo, a torcida do Grêmio possuía um envolvimento diferenciado em relação aos seus jogadores. O antigo repórter Joabel Pereira argumentou que seria impossível não ser simpático à Coligay, que era uma torcida de apoio incondicional, mas sem os ingredientes violentos das atuais torcidas. Iúra, em 2013, lembrava com carinho da torcida, adjetivando-a como “espetacular”. Segundo ele, os jogadores respeitavam a torcida, que os apoiava muito. O ex-zagueiro Oberdan disse que a sexualidade deles não importava e, sim, a torcida pelo Grêmio. O hoje vereador de Porto Alegre, Tarciso, também, lembrava a torcida com carinho. O ex-jogador acreditava que diferentes torcidas deveriam se espelhar na Coligay pela vibração. Ele encerrou o depoimento ao autor do livro afirmando que para o jogador não interessa se o torcedor é “branco, negro, índio, homossexual”. O capitão do primeiro título gremista da Libertadores da América, o ex-zagueiro Hugo De León, foi conciso ao afirmar que na época existia a torcida, mas que agora ela não existe mais.

O ex-presidente Hélio Dourado, ressaltou a relevância da torcida na campanha do cimento para a construção do anel superior do estádio Olímpico. O presidente afirmou que a Coligay pediu licença para assistir aos jogos e que o comportamento da torcida sempre foi louvável. O ex-dirigente alegou que a Coligay foi aceita em função da conduta de seus integrantes e que acabou agradando a todos pela festa. Ele mencionou, por fim, que a torcida nunca “achacou” o clube atrás de recursos. Novamente, encontramos um contraponto no trabalho de Elvio Rossi (2002). Um

informante do historiador, ex-integrante da Coligay, declarou que o presidente Dourado se negava a abordar o assunto, que sempre foi contra e nunca apoiou a torcida.

É interessante pensar em como essa experiência rememorada e ressignificada pela distância de trinta anos aparece com grande positividade. “La memoria es un elemento esencial como constructor identitario” (GARRIGA ZUCAL, 2005a, p. 56). Os jogadores que anteriormente não tinham ‘cara’ para falar da torcida, hoje lembram a alegria que ela levava aos estádios. Ao mesmo tempo em que a Coligay foi exaltada por ter feito uma enorme transgressão relacionada às normas de gênero e de sexualidade, em alguma medida, ela também reforçou uma série de representações. Além disso, os bons comportamentos, tão em voga nos discursos que envolveram o início da operação das novas arenas, a festa e o financiamento próprio apareceram para engrandecer a torcida e, de alguma forma, apresentar os conteúdos desejáveis para as torcidas ainda em atuação.

No livro *Somos azuis, pretos e brancos*, Léo Gerchmann destacou que para a produção do material, “o Grêmio abriu todos os seus documentos e atas, sem quaisquer restrições. Colocou-se à disposição para que a verdade fosse relatada sem concessões, com a necessária transparência que confere credibilidade²¹⁷”. A mesma citação não aparece no texto sobre a Coligay. O clube também promoveu lançamento em sua loja para o livro *Somos azuis, pretos e brancos*²¹⁸. O mesmo não ocorreu com o livro da Coligay.

Em 2016, foi ao ar, pela TVE/RS, o curta-metragem *Para o que der e vier*. O diretor e roteirista Pedro Guindani reuniu uma série de personagens que contaram histórias sobre a torcida, incluindo o jornalista Léo Gerchmann, Volmar Santos, o ex-presidente do Grêmio, Hélio Dourado, o ex-jogador Tarciso, dentre outros. O filme apresenta tópicos semelhantes aos do livro com um tom menos festivo, inclusive de Volmar, que lembrou as dificuldades da torcida com maior ênfase. No momento de escrita desta tese, a produtora *Ausgang* ainda trabalhava na pós-produção do documentário com expectativa de conclusão para junho de 2017.

No Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Luiza Aguiar dos Anjos realiza, sob orientação da professora Silvana Vilodre Goellner, a investigação

²¹⁷ Disponível em: GERCHMANN, Léo. *Somos azuis, pretos e brancos*. Porto Alegre: L&PM, 2015, p. 22.

²¹⁸ Disponível em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=18949>. Acesso em 19/05/2017, às 17h17.

de Doutorado intitulada *Desbunde e futebol: uma história da torcida organizada Coligay*. A doutoranda pretende colocar em questão as tensões existentes entre a construção de masculinidades, o futebol, o torcer, o regionalismo gaúcho e a homossexualidade no contexto da ditadura civil-militar brasileira. Os materiais utilizados para o desenvolvimento do trabalho são entrevistas e materiais de jornais do período. A tese tem previsão de conclusão para 2018.

No início de 2016, foi inaugurado, na Arena do Grêmio, o Memorial Hermínio Bittencourt. Além de bolas, uniformes e troféus, o memorial também conta com painéis em homenagem à torcida e aos torcedores. Um desses painéis é dedicado à Coligay. O painel é intitulado *Diversidade da Alegria* e apresenta o seguinte texto:

Na cinzena década de 1970, o Brasil atravessava um dos períodos mais obscuros de sua história, com repressão e censura suprimindo e sufocando as liberdades democráticas. Era preciso ser muito corajoso para expor sua preferência sexual, ainda mais dentro de um estádio de futebol. Mas a torcida Coligay encarou a ditadura e tomou para si o desafio de reerguer o moral do time, que andava para baixo. Vestindo figurino extravagante e ousado de túnicas esvoaçantes, plumas e paetês – tudo em azul, preto e branco, é claro – cerca de 60 rapazes gremistas provaram que o Grêmio é mesmo um clube plural e inovador do país.

Volmar Santos, então gerente da célebre boate Coliseu, de Porto Alegre, foi quem organizou a festa: “Eu queria a torcida incentivando mesmo quando o time não ia bem... Quando parti pra recrutar, pensei em gente como eu!”. Cantando, pulando e dançando o tempo todo ao som de sua potente charanga, a Coligay embalava o time e os estádios por onde passava. O que realmente os distinguia era a animação e o bom humor.

O clube acolheu a torcida e esta, além da alegria, trouxe sorte e foi pé quente! Logo, todos os gremistas puderam comemorar o mais festejado título gaúcho da história (1977) e seguiram comemorando, Brasileiro, Libertadores, até a conquista do mundo, em 1983.

A torcida chegou ao fim, pois seu líder, Volmar, retornou naquele ano para sua terra natal, Passo Fundo. Mas a Coligay já havia ajudado a colorir os anos de chumbo.

O painel termina com uma citação do jornal *Zero Hora* de 02 de outubro de 1977: “... nunca havia aparecido um grupo como aquele, que berrava o tempo todo, incentivava a equipe em todas as partidas, viajava para o interior e tinha confiança absoluta de que o time seria o campeão. Já no início do decagonal, ninguém mais era contra a Coligay”.

Uma nova menção à Coligay apareceu no *Guia da Partida*²¹⁹, de 25 de maio de 2017, referente à partida do Grêmio diante do Zamora Fútbol Club, pela Libertadores da América do referido ano. Já nas últimas páginas do guia, existe uma curta matéria sobre a ação realizada uma semana antes, no dia mundial de combate a homofobia, quando o Grêmio enfrentou o Fluminense pela Copa do Brasil. Todos os jogadores entraram com

²¹⁹ Material de divulgação das partidas disputadas pelo Grêmio na Arena que conta com reportagens sobre o cotidiano do clube, campanhas, estatísticas dentre outros conteúdos oferecidos aos torcedores que comparecem à Arena.

a frase “diversidade nos fortalece” às costas. A pouca repercussão da ação fez com que eu só tivesse ciência da mesma uma semana depois, através do *Guia da Partida*. Na matéria, é feito destaque para a presença de trechos dos jornalistas gremistas, Léo Gerchmann e Eduardo Bueno na transmissão da Grêmio Rádio Umbro destacando a história da Coligay.

Por meio desta ação, o Grêmio demonstrou também seu orgulho de, na década de 1970, ter contado com o apoio e a coragem de 60 torcedores que fundaram a Coligay – a primeira torcida organizada gay do Brasil. Abraçando esse grupo à época, o Tricolor mostrava ao mundo a pluralidade azul, preta e branca²²⁰.

Como gremista formado no estádio Olímpico desde os cinco anos de idade, demorei muito para ouvir falar na Coligay. A primeira vez foi em uma revista que o Grêmio havia colocado no mercado para presentear seus sócios²²¹. A matéria de uma página foi meu único contato com a torcida e sua existência até o início desta década. Isso que venho chamando de ‘retorno’ da Coligay ainda me parece difícil de apontar como uma nova ocupação dos estádios²²² ou das cadeiras da Arena, mas sim, por meio da produção de diferentes materiais sobre essa experiência torcedora.

Nas redes sociais, temos acompanhado algumas manifestações, que ainda não gozam de grande legitimidade nos estádios de futebol, criticando alguns comportamentos torcedores, especialmente associados ao machismo e à homofobia. Nessas reclamações, a experiência da Coligay é lembrada como um positivo exemplo de experiência transgressora nos estádios de futebol. Procurei nos diálogos realizados identificar como essa memória ou esquecimento sobre a torcida homossexual do Grêmio era entendida e narrada pelos torcedores do clube.

Existe um conjunto de torcedores que acredita que a presença da Coligay em posição mais central na historiografia do Grêmio poderia ser positiva para o clube. Elano destacou que “*seria [o tempo verbal utilizado foi o futuro do pretérito] bacana*

²²⁰ Disponível em: GRÊMIO realiza ação de conscientização no dia mundial contra a homofobia. *Guia da Partida*. Porto Alegre, p. 29, 25 maio 2017, edição 184.

²²¹ Tentando utilizar a memória, lembrava as revistas na segunda metade da década de 1990. Entretanto, ao fazer uma rápida investigação na internet foi possível constatar que a edição da revista *Imortal Tricolor* foi lançada em 2006. A matéria sobre a Coligay é reproduzida em muitos endereços da internet, quase todos vinculados a torcedores do Internacional, como motivo de deboche.

²²² Apesar dessa desconfiança, a bandeira do arco-íris já se fez presente na Arena com os integrantes da *Tribuna 77* como relatei no capítulo 4, além de uma faixa em homenagem à própria Coligay. Para além da torcida do Grêmio, o Estado do Pará, patrocinador do campeonato estadual local, realizou uma campanha com as torcidas organizadas dos principais clubes da capital, Belém, Clube do Remo e Paysandu Sport Club, e realizou uma ação de marketing em que as animadoras de torcida desfilaram com a bandeira do orgulho LGBT de nove metros quadrados. A torcida do Paysandu acabou estendendo uma bandeira do arco-íris em confronto diante do Santos pela Copa do Brasil de 2017. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/05/18/torcida-se-desculpa-por-chamar-rival-de-gay-e-abre-bandeira-lgbt-em-estadio.htm>. Acesso em 07/06/2017, às 16h28.

para a história e sendo para ajudar o clube e o time tudo é válido” (DC 3). Rafael disse ter muito orgulho da Coligay: “assim como eu tenho orgulho de toda a história do Grêmio. Eu acho que a Coligay naquele momento, naquele contexto histórico do Brasil ela precisava existir até para quebrar paradigmas no estádio” (DC 11). Além da inovação nas formas de participação nos estádios, Rafael acreditava que “ela ajudou a quebrar esse paradigma até de que a torcida do Grêmio era uma torcida truculenta que não aceitava a diferença e ela aconteceu. E não aconteceu em outros lugares, aconteceu aqui no Grêmio e eu tenho orgulho disso” (DC 11). Rodrigo entendia que “vai demorar ainda porque eles veem uma coisa como uma piada, a Coligay, e hoje a gente que cresceu o suficiente, pô, na verdade a gente tinha que ter orgulho de ter essa liberdade de qualquer um conseguia entrar no Olímpico naquela época” (DC 14). Sobre a presença da Coligay no Memorial Hermínio Bittencourt, Bruno apontou que “cada um tem a sua opção, a sua raça, então tu não vais mudar o que a gente sente pelo clube. Se for para ser um clube, ter uma história de um clube mais abrangente, mais tolerante, excelente não vai importar em nada, não vai mudar em nada” (DC 19). Falando sobre a possibilidade da Coligay ser entendida como algo positivo para o clube, Bruno entendia que “é uma história importante sim, acho que foram pessoas que, de repente, lutaram por uma coisa num tempo que não tinha tanta divulgação como tem hoje, tantos defensores como tem hoje, mas é super válido, acho importantíssimo” (DC 19). Deivson, amigo de Bruno, disse que “não sabia que existia esse espaço [no museu do clube localizado na Arena] para eles, mas eu ouvi falar exatamente por amigos colorados que fazem a brincadeira e tudo o mais, mas eu não sabia que existia no memorial” (DC 19). Bruno reforçou que “é super importante ter isso, hoje em dia não tem essa distinção, eu mesmo tenho amigos homossexuais e trato normalmente, não tem diferenciação isso e independentemente de Grêmio, de Inter ou de qualquer clube brasileiro” (DC 19). Damián achava que a presença da Coligay no museu do Grêmio, inaugurado em fevereiro de 2016, “é normal, tranquilo e a gente não pode apagar a nossa história. Ah, teve uma torcida que era de um gênero não tão masculino que nem o nosso, mas é a torcida do Grêmio e o Grêmio tem que acolher todo mundo” (DC 23). Adilson acreditava que se deveria valorizar a presença da Coligay na história do clube: “o Grêmio tem mais que se a torcida foi, tinha uma torcida, a Coligay foi fundada aqui tem mais é que ser lembrada porque o clube não tem sexo, o clube tem que ser imparcial a tudo isso. Tem que aceitar todos os tipos de torcedores” (DC 24). Neuton entendia que a possibilidade de positivar a história da Coligay e de colocá-la no museu

“é uma grande ideia do Grêmio, é muito ousada a curto prazo, é ousada, mas no longo prazo eu acho que vai dar um grande resultado porque se tu vêes a educação das crianças agora é diferente. Talvez a longo prazo dê bom resultado” (DC 24). Ele acredita que a resistência imediata ainda aconteceria, *“talvez a curto prazo seja ruim porque tu pegas o ‘tiozônio’ que está passando aqui e gay é o caralho, rapaz, se me chamar de gay... Mas a longo prazo eu acho que é interessante. Hoje, talvez, a maioria seja homofóbico”* (DC 24). Luiz entendia que com a Coligay, *“na verdade tentaram, eu vejo como que tentaram incluir, inserir esse espaço a torcida homossexual. Só que foi levado como uma coisa, uma ofensa, não pelo Grêmio, mas sim, pelo resto do Brasil que não foi só o Inter que hostilizou a torcida, a Coligay”* (DC 24). Após marcar sua heterossexualidade e dizer que não tinha problema algum, ele afirmou que *“tem que ter mesmo porque se existe por que esconder? Assim como não só no Grêmio, assim como existe no Inter que tentaram e não foi aprovado e por quê? Porque ia ser motivo de chacota, sendo que no Grêmio já existia”* (DC 24).

Em diferentes diálogos envolvendo a relação do Internacional com os negros, muitos torcedores gremistas diziam que a história não era bem assim. Léo Gerchmann, em seu livro *Somos azuis, pretos e brancos*, chegou a sugerir ter se tratado de uma estratégia de marketing. No diálogo com os torcedores, utilizei com alguma recorrência o termo *mito de origem* do Internacional, que foi facilmente aceito pelos interlocutores. Em um exercício de imaginação, questionei esses mesmos torcedores para saber se eles entendiam que seria possível o Grêmio realizar uma apropriação semelhante com a Coligay. Ângelo afirmou que *“possível é, mas eu, particularmente não iria curtir a história do time ser em cima disso aí, não por um preconceito para mim não interessa se é negro, se é branco se é veado, mas... quer vir, vem”* (DC 12). Adilson achava muito difícil: *“eu acho que o clube não se apega tanto como o Inter fez, trouxe. O Grêmio quer se apegar como um clube que a torcida tanto homossexual, negro, branco, todos tenham seus direitos e tenham lugar no estádio sem nenhum preconceito”* (DC 24). Neuton reforçou que tanto o termo ‘macaco’ quanto as alusões feitas à Coligay serviriam para tentar ofender o adversário/rival: *“olhando o racismo e o macaco, eu acho que a origem dele é racista, ele foi feito por racismo e pode ser que os colorados adotaram o macaco para aliviar tipo os gremistas adotar a Coligay, mas a origem é homofóbica para incomodar o Grêmio”* (DC 24). Luiz acreditava que essa posituação da Coligay *“poderia acontecer, mas eu acho que não teria aceitação pelo fato de que seria motivo de chacota dos outros e aí eu queria ver se teria essa repercussão como a*

que teve no Aranha de punições entre outros” (DC 24). Ele apontou que esse era um assunto muito delicado, que extrapolaria a rivalidade Gre-Nal: “*existem torcedores do Inter que são extremamente contra, também existem no Grêmio e existem no Inter que são a favor e existem do Grêmio que são a favor*” (DC 24). Aloísio acreditava que sim, o Grêmio poderia utilizar a Coligay de maneira positiva em sua historiografia, e afirmava que “*no momento que já colocaram isso no museu já é essa a intenção. Talvez, anos atrás não porque o preconceito era muito maior, mas agora tem, estão tentando reduzir isso, tirar das pessoas esse preconceito*” (DC 25). Ele acreditava que essa atitude seria positiva e questionou: “*qual é o problema de ter uma torcida como a Coligay, o que isso tem de ruim? São mais pessoas no estádio torcendo pelo clube e incentivando. A orientação sexual não tem nada a ver com isso*” (DC 25). Aloísio elogiou a atitude de colocar a Coligay no museu: “*o Grêmio fez certo e está fazendo certo em manter isso sem diferenciação e mostrando, até, que a gente não tem preconceito. Tem muito a questão do negro e tal*” (DC 25). Jonas, amigo de Aloísio, questionado se acreditava que os torcedores aceitariam essa positivação da experiência da Coligay, afirmou com alguma contradição que “*aceita tranquilo, mas acho que metade da torcida não sabe, a maioria não aceitaria, mas eu acho certo e que até foi uma maneira de assumir e tentar minimizar esse preconceito sempre bobo com o negócio da Coligay*” (DC 25). Ele creditou a ação a uma estratégia de marketing do clube: “*foi uma jogada boa do marketing do Grêmio ter assumido e não fugir do assunto como fugia antigamente*” (DC 25). Mesmo acreditando que a existência de uma torcida homossexual não seria necessária, Maylson reforçou que “*se quiser fazer, para mim, seria um grande incentivo, bacana, mas os outros clubes iriam folgar*” (DC 26). Mesmo reconhecendo a provocação feita pelos rivais, ele entendia que “*o próprio torcedor do Grêmio nisso aí iria se orgulhar, apesar da ‘folgação’ eles iriam se orgulhar porque daí iriam tirar um pouco daquela imagem racista que o gremista é e iriam levar para o outro lado*” (DC 26). Sobre essa certa retomada da Coligay a partir da exposição de seus integrantes no museu, Ferdinando acreditava que “*sinceramente, eu vejo que o Grêmio tinha que agir na questão do preconceito, principalmente na questão do preconceito racial, o Grêmio tinha que agir e eu acho que o Grêmio faz muito bem em se proteger*” (DC 27). Para Ferdinando, a presença da Coligay passa por uma estratégia de defesa contra as acusações de que o Grêmio seria um clube racista: “*o Grêmio tinha que se proteger e o Grêmio está tentando trazer, resgatar esse passado valorizar isso aí, assim como o clube, vamos ser sincero, o clube e a torcida não são*

racistas, por favor, isso é uma bobagem” (DC 27). Em sua fala, Ferdinando parecia estar mais interessado em demonstrar que o Grêmio não é um clube ou uma instituição racista do que tolerante ou inclusivo em relação às sexualidades não normativas: *“o clube faz muito bem em resgatar isso aí para fazer uma nova imagem perante às outras torcidas, perante à imprensa, perante à opinião pública”* (DC 27). William disse que apoiaria caso o Grêmio quisesse fazer a adoção ou, em alguma medida, o retorno da torcida: *“já que o Inter sempre se colocou de ser apoiador dos negros e o Grêmio quiser fazer um apoio aos homossexuais, eu apoio e acho que está correto”* (DC 28). Maurício, amigo de William, disse que também apoiaria qualquer iniciativa que viesse ajudar a torcida a ser mais plural: *“se o Grêmio entender que for necessário acontecer, eu não vejo problema nenhum, como eu não vejo problema nenhum também do que a direção está fazendo, já fez mais, agora até parou um pouco, ações contra o racismo”* (DC 28). Maurício reforçou o apoio em realizar ações contra a homofobia *“a gente sabe que existe, no estádio de futebol o que mais tem é homofobia”* (DC 28). Leonardo disse que não fazia distinção em relação à participação de diversos torcedores: *“acho até um negócio legal, eu acho que é uma coisa diferente. Eu acho que o clube precisa dessa diversidade, precisa dessa coisa”* (DC 30). Anderson corroborou: *“um clube que quer ser um clube de massa, um clube popular não pode escolher quem vai ser torcedor ou não, não pode”* (DC 30). Perguntado se acreditava ser viável uma positivação da Coligay dentro da história do clube, Leonardo disse: *“acho que é válido, faz parte da história do Grêmio. Existiu, eu lembro que tinha. Negar isso é negar uma parte da história do clube. Eu acho que é válido sim”* (DC 30). Renato afirmou: *“não vejo porque não. Eu não vejo nenhum motivo para que o Grêmio não possa fazer isso”* (DC 31). Ao mesmo tempo, ele não acreditava que isso aconteceria: *“eu acho que não vai fazer porque vai sofrer muita crítica velada, lá dentro mesmo, os próprios conselheiros, se os caras inventarem de fazer isso vai ser barrado lá na origem. Mas eu não vejo porque não poderia fazer, mas eu acho que não vai acontecer”* (DC 31). Ruy disse que conhecia a Coligay, já tinha escutado que ela era *“a primeira torcida do estado nessa categoria, englobando esse espírito coletivo contra o preconceito”* (DC 32). Ele disse ter escutado falar, mas sem aprofundamento: *“não tenho detalhes de como funciona, quem é e como age essa parte do Grêmio, mas eu tenho conhecimento há um bom tempo que essa torcida ela é precursora”* (DC 32). Roger disse que já tinha ouvido falar. Questionei sobre a fonte, se era a chamada ‘corneta’ dos colorados. Ele disse que não: *“era na internet mesmo, eu busco a história do time, mas, para mim, é relevante*

para história do clube, eu não tenho preconceito nem nada” (DC 33). Danilo achava que a posituação da Coligay na história do clube era válida: “*eu vejo com bons olhos isso aí, eu acho, já que o tamanho da torcida como é a do Grêmio que tem de todos foi a primeira que, pela mentalidade, foi a primeira que conseguiu absorver isso daí, na verdade diminuir o preconceito*” (DC 34). Ele afirmou que o preconceito em relação à homossexualidade “*é muito grande até hoje em muitos clubes. Eu acho que pode ser válido sim, é uma virtude do Grêmio eu acho*” (DC 34). Luciano reforçou que seria uma boa oportunidade de marketing: “*com certeza, se a equipe de marketing for esperta está aí uma oportunidade e aí, com o passar do tempo o pessoal tem que se acostumar, isto aí está presente, então vamos aproveitar a oportunidade*” (DC 34). Wender disse que conheceu “*o presidente da Coligay, o Volmar*” (DC 35). Além desse conhecimento, Wender afirmou que “*gostaria que a Coligay existisse aqui, eu gostaria que tivesse a Coligay aqui na Arena*” (DC 35). Lucas, amigo de Wender, reforçou que “*isso ninguém fala, o primeiro clube do Brasil, talvez até do mundo, a arrebentar com um negócio que hoje em dia ainda é ‘um puta tabu’, isso aí ninguém fala porque é o clube que discrimina, mas isso aí ninguém fala*” (DC 35). Wender disse que torcia para um retorno da Coligay: “*eu torço para que o Grêmio traga de volta essa torcida Coligay, que ela era muito grande. Na época, a Coligay era um símbolo de torcida*” (DC 35). Ele reforçou certa permanência da Coligay ao entender que até hoje se fala nessa torcida. Wender acreditava que “*a Arena é um espaço para todo mundo. Para gay, para negros, para brancos, índios. O Grêmio é do povo, o Grêmio é nosso, é da torcida independentemente se seja gay, negro, branco, não interessa etnia, não interessa nada*” (DC 35). Lucas tinham dúvidas da efetivação do uso da Coligay ou do aparecimento de uma torcida homossexual nesse momento: “*em relação à Coligay é isso aí, eu não sei se a gente vai conseguir. O Grêmio tem muita coisa em cima como a gente comentou aqui, muita coisa que ninguém quer falar, mas essas coisas a gente têm que botar no estádio de novo*” (DC 35) Ele acreditava que “*se a gente vai conseguir ser o primeiro clube a resgatar, só com muito esforço*” (DC 35).

Assim como no livro de Léo Gerchmann, alguns torcedores buscaram positivar a experiência da Coligay. Fábio contou uma experiência assistindo a uma partida ao lado da Coligay, sem conseguir precisar o ano em que isso aconteceu. Ele citou “*a final do campeonato gaúcho entre Grêmio e Caxias, no Centenário, em que tinha o Luiz Eduardo [ele sugeriu 1993], o Cuca [deve ter sido em 1990] e o Grêmio foi campeão e eu assisti ao jogo do lado [da Coligay]*” (DC 9). A experiência narrada não dialoga bem

com a historiografia da torcida, que teria encerrado suas atividades em 1983, ano em que seu líder, Volmar Santos, retornou a Passo Fundo para cuidar da mãe que estava doente. Assim mesmo, Fábio seguiu relatando: *“na hora que a gente entrou não tinha outro lugar e eu acabei ficando na torcida Raça, que era a maior, e a Coligay estava do lado. Cara, uma festa. E hoje em dia a gente nota assim, poxa, se tivesse esse espaço é plural, isso tinha que acontecer”* (DC 9). Fábio insistiu na recordação: *“eu fiquei assistindo ao jogo do lado dos caras, era uma brincadeira sadia, os caras se divertiam pra caramba e quem estava do lado dava risada. Não afetava em nada o cara estar ali do lado assistindo ao jogo”* (DC 9). Germán recordou seu primeiro contato com alguma memória sobre a Coligay: *“em 2005, o Grêmio iria lançar uma revista e o Grêmio fez uma matéria sobre a Coligay e eu achei super legal na verdade. Eu acho super importante a politização das torcidas”* (DC 29). Ele citou a *Fanpage* de torcedores do Grêmio para afirmar sua crença de que as torcidas deveriam se politizar: *“agora o Grêmio tem também a Tribuna 77 que eu acompanho só pelo Facebook, não sou frequentador, eu admiro pra caramba. Eu acho que tem que politizar a torcida. Eu fico feliz quando a Geral não canta cântico racista”* (DC 29). Leonardo recordou a Coligay ao frequentar o estádio: *“eu era pequeno, mas eu lembro da Coligay e os caras eram muito corajosos para fazer aquilo naquela época, eram muito corajosos, mas eu lembro sim”* (DC 30). Anderson reforçou que *“tinha que ter mais coragem para aparecer com a bandeira da Coligay do que com uma camisa do Inter na torcida do Grêmio”* (DC 30). Anderson acreditava que certo retorno da Coligay, incluindo sua presença no museu, estaria alinhado com *“as novas demandas sociais. Eu acho que são grupos que são historicamente repreendidos, são marginalizados, no sentido de serem colocados fora dos anseios principais da nossa sociedade”* (DC 30). Ele reforçou que não apenas os históricos integrantes da Coligay, mas qualquer torcedor homossexual precisaria ser valorizado: *“como cidadãos, pessoas, seres humanos, torcedores do clube merecem todo o respeito como o torcedor normal são torcedores tão valiosos quanto...”* (DC 30).

Novamente, tomei o mito de origem do Internacional, em que eles assumiram a inserção dos negros como marcador positivo, e questionei alguns torcedores para verificar se eles entendiam que existiria a possibilidade de o Grêmio realizar uma operação análoga, utilizando a Coligay como certo mito de origem para narrar sua história torcedora como mais tolerante. Moisés questionou o lugar do enunciador nessas falas. Para ele, *“no Inter eles falam que são macacos, mas se um não colorado fala isso não soa do tipo ‘nós somos mesmos’, não vai soar assim, vai soar ofensivo, um monte*

de coisas” (DC 11). Moisés acreditava que “o gremista falando, ‘não, a gente é mente aberta, aqui a gente aceita todo mundo’. O gremista falar isso não vai ter problema nenhum. Problema vai ser se um outro falar que gremista é assim, que gremista aceita gay, que gremista é tudo isso aqui” (DC 11). Sobre a possibilidade da adoção da Coligay como um símbolo positivo no Grêmio, Braian disse que “hoje não existiria a possibilidade do surgimento de uma torcida gay no Grêmio ou em qualquer outro clube, a própria rivalidade impediria. Individualmente, eu sou favorável e gostaria que uma experiência como essa acontecesse” (DC 18). Victor, amigo de Brian, entretanto, entendia que “a positivação da Coligay nunca vai acontecer e como eu tenho filho, eu acho isso bom porque eu não gostaria que meu filho crescesse vendo esse ‘tipo de coisa’ porque eu sou daqueles que acreditam que homem é homem e mulher é mulher, o que seria mais natural” (DC 18). Edilson respondeu que “quando eu falo com algum outro torcedor esse é um assunto que não gostam como gremista. Se os caras pudessem apagar isso aí poderia passar despercebido, não é um título que a gente gostaria de ter como o primeiro clube a mostrar que não tem preconceito” (DC 21). É interessante que mesmo nesse contexto, Edilson acredita que não existe preconceito contra homossexuais na torcida do Grêmio: “beleza, não há preconceito, mas não precisa fazer uma torcida gay para isso” (DC 21). Sobre uma eventual tentativa de trazer a Coligay para marcar certo protagonismo do Grêmio relativo ao respeito e/ou inclusão de sexualidades não normativas, Odacir acreditava que “o preconceito ele existe, não dá para negar, ele pode ser um preconceito mais às escuras, mas ocorre. Eu acho que é uma questão de estudo, é uma questão muito polêmica” (DC 27). Odacir reconheceu que a instituição poderia fazer uma espécie de tentativa: “o Grêmio é um clube que está aí, a questão da Arena foi uma das primeiras, eu acho que pode tentar. É questão de tentativa, pode ocorrer, mas que tem um preconceito com certeza tem” (DC 27). Réver entendia que era bem difícil falar. Segundo ele, “o preconceito racista caiu, sei lá, de 100%, deve ter 1% de racismo no mundo, digamos assim. Agora, em relação aos gays, em relação ao orgulho do clube, eu não sei se o clube futuramente usaria como marketing do clube a parte da torcida gay” (DC 29). Enquanto gremista, ele acreditava que não faria essa positivação: “eu não tenho nada contra, eu até acho que são torcedores, assim como nós, que tem que participar, mas eu não sei se o clube usaria isso como marketing do clube, enfim, como orgulho” (DC 29).

As memórias que associam o bom comportamento da Coligay no estádio acabam marcando positivamente essa experiência torcedora. Marco Antônio lembrava que, no

período em que a Coligay frequentava as arquibancadas do Olímpico, “*não havia muita baderna, eles ficavam em um lado isolado do estádio e nunca fiquei sabendo da existência de alguma notícia sobre bagunça ou agressão. Se houve registro, eu não sei*” (DC 3). Alan disse que cansou de vê-los quando frequentava a social do Olímpico e eles estavam na arquibancada: “*eles torciam e a vibração deles foi interessante, mas aquela coisa machista aquilo foi morrendo, mas quando eles iam para o campo eles faziam barulho*” (DC 13). Perguntei se a relação com o restante da torcida era tranquila. Fazendo algum esforço para manter alguma distância, Alan afirmou: “*era tranquila, mas eu nunca estive com nenhum deles ou muito perto de conversar e coisa, mas da social para lá, olhando não tinha nada*” (DC 13). Leonardo positivou a participação da Coligay em comparação com outros grupamentos de torcedores: “*prefiro mil vezes a Coligay torcendo do que às vezes a própria Geral aí que dá essa pauleira, essa ‘brigaiada’, essa coisa ridícula de macho alfa da turma aí*” (DC 30).

No livro de Léo Gerchmann, o jornalista afirmou que a Coligay era a primeira torcida a chegar ao estádio e que a relação entre as diferentes preferências sexuais na hora de torcer pelo mesmo time era “muito civilizado, como tem de ser”. A Coligay saía da boate Coliseu em direção ao estádio Olímpico como em um desfile em que o trânsito era respeitado em “um movimento festivo e ao mesmo tempo comportado”. Segundo Volmar, não existiram advertências ou expulsões no grupo. A ingestão de álcool era moderada e eles não se envolviam em episódios violentos porque “a índole deles não era a da força bruta” e seu líder permanecia lúcido. Existia um receio de que a existência de um evento violento pudesse servir como pretexto para afastar a Coligay dos estádios. Essa associação positiva acerca da falta de manifestações de violência física na Coligay ao mesmo tempo em que essencializa os sujeitos que participavam da torcida, ignora o contexto histórico em que episódios como esses aconteciam em menor escala. A violência das torcidas organizadas começou a aparecer como um problema significativo na segunda metade da década de 1980, ganhando maior destaque durante a década de 1990. Além disso, esses elogios, em alguma medida, reforçam um conteúdo específico para o currículo do torcedor de estádio, que seria o do ‘bom comportamento’.

Outros torcedores entendiam que a torcida não teve muita importância. Tony disse não ter nada contra a existência da Coligay, mas acreditava que “*a torcida tomou uma proporção muito maior do que realmente ela era. Era meia dúzia de homossexuais que tinham a sua preferência clubística e que decidiram ir lá para o estádio fazer a sua festa*” (DC 3). O pai de Tony, Marco Antônio, concordou e disse se lembrar da torcida

“no final da década de [19]70, [19]80 era uma minoria” (DC 3). Alguns torcedores também identificam a Coligay e a identidade homossexual como uma acusação. Tony entendia que a experiência da Coligay envolveu um número pequeno de torcedores, mas que a rivalidade teria vinculado a representação de homossexual aos torcedores do Grêmio: “daí a torcida do Inter pegou isso e generalizou, são todos veados, e não. Assim como tem meia dúzia de homossexuais no Grêmio, tem meia dúzia no Inter. E também qual é o problema de ter, só que eles pegaram esse episódio para denegrir a imagem do Grêmio” (DC 3). Marco Antônio disse que presenciou a estada da Coligay na arquibancada: “não tinha nada a ver, agora generalizar que todo mundo é veado não é assim” (DC 3). Questionado se acreditava que existiria a possibilidade de uma torcida homossexual em estádios de futebol, Rhodolfo iniciou dizendo, sobre a Coligay, que “se ela aparecesse de novo seria bom para a imagem do clube, mas eu não sei se todo mundo aceitaria ‘de boa’” (DC 11). Ele disse ter a mente aberta e não teria problema em uma torcida homossexual: “mas muito torcedor não iria aceitar. Não só os nossos como os de fora. Iria ser um problema, mesmo em pleno século XXI com todas essas questões ainda tem muito problema” (DC 11). Como torcedor do Grêmio, Rhodolfo achava que “seria legal ter de volta, até porque tu estás abrindo muito mais o teu leque de opções, tem que ser mente aberta” (DC 11). Rolando, amigo de Rhodolfo, disse que “mesmo assim iria ser polêmico” (DC 11). Rhodolfo reforçou que “seria muito polêmico” (DC 11). Edinaldo, que também participava do diálogo, acreditava que “seria um caso polêmico como o caso Aranha, seria muito complicado” (DC 11). Rhodolfo disse que “a torcida do Grêmio inteira seria tratada como homossexual em todos os espaços que a gente fosse” (DC 11). Everaldo apontou a presença da Coligay como uma forma de xingamento na relação da rivalidade com os torcedores do Internacional, e disse que “assim como a gente ofende eles de alguma forma, eles também ofendem a gente, inclusive usam o assunto de falar da Coligay” (DC 12). Everaldo afirmou: “para mim, é preconceito também, então todo o torcedor que tu ouves eles falam isso. Eles falam isso para a gente, Coligay, Coligay” (DC 12). Matheus apontou que essas manifestações não são exclusivas da rivalidade Gre-Nal: “se vai no Facebook, no Brasil inteiro tem gente postando, Coligay isso. Se eu vou levar para o lado do preconceito, então, eles estão cometendo o mesmo erro que nós como o torcedor chamando de macaco” (DC 12). Maurício disse que já leu um pouco sobre a história da Coligay: “inclusive eu conheço um pouco do movimento que teve na época enfim, eu nem recordo quando foi a última vez que tentaram debochar com uma coisa dessa” (DC 28).

Maurício, que não se considera homofóbico, não reconheceu para si a menção a Coligay como uma ofensa, mas reconheceu que a mesma é utilizada nesse sentido em trocas entre os rivais: *“é uma coisa que não me incomoda, incomoda quando está numa discussão e a coisa dos xingamentos eu acho que é um reflexo da sociedade”* (DC 28).

Uma importante maneira de conhecer a Coligay é o desconhecimento. Em alguma medida, ela se construiu como tema proibido dentro da torcida do Grêmio e uma das formas mais legítimas de se relacionar com a histórica torcida é não conhecê-la. Nesse contexto masculino e heteronormativo, “o lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância” (LOURO, 2001, p. 30). Alex afirmou saber superficialmente e alegou não ter conhecimento. Ele acreditava que *“é um tema pouco explorado”* (DC 6). Willian disse que *“nunca tinha ouvido falar e não sabia se a torcida havia existido de verdade”* (DC 6). Jean comentava ter *“dúvida se a Coligay existiu ou não, mas se tem respeito, sem problema”* (DC 6). Eduardo disse ter visto *“uma matéria na Zero Hora uma vez, mas não cheguei a ler a notícia e não sabia da existência da torcida, só isso. Eu não sei como ela era composta, não tenho notícia”* (DC 7). Questionei se o pai dele, que o inseriu nos estádios, nunca havia comentado sobre a existência da torcida. Ele disse ter começado a acompanhar futebol *“quando o Grêmio perdeu o Gauchão para o Caxias [ano 2000] e por ser um torcedor recente eu não tinha informações sobre a Coligay”* (DC 7). Cristiano disse: *“ouvi falar, mas nunca vi em estádio, só tenho informações pela mídia”* (DC 7). Gabriel afirmou que já tinha ouvido a história, afirmando que era real: *“mas eu não vi, só ouvi falar. A fonte principal é a internet e redes sociais com os colorados enchendo o saco, essa história, mas eu nunca vi, não sei se foi há muito tempo”* (DC 9). Cristian disse que *“nunca ouvi falar, mas para mim não teria problema, é livre para todo mundo. Todo mundo tem a liberdade de fazer o que quiser da sua vida ou ser contra e aí não tem problema nenhum”* (DC 10). Além do desconhecimento relatado por alguns dos torcedores, outros mostraram a falta de esforço em buscar maiores informações o que, em alguma medida, pode ser percebido como um exercício de ignorância deliberado. Everaldo disse que *“conhecia por ter ouvido uma reportagem na [Rádio] Gaúcha em que eles explicavam como foi, quando aconteceu, quando inventaram. Eu tinha conhecimento, mas só de ouvir falar”* (DC 12). Seu amigo, Matheus, disse que *“também, nunca cheguei a ler sobre o assunto, saber exatamente como aconteceu, eu acho que foi mais pela fase da gozação, de escutar rádio e reportagens da Coligay, mas como aconteceu a história realmente eu nunca procurei*

saber” (DC 12). Matías disse que não tem recordação de ver no estádio *“porque comecei a frequentar depois, mas de ver a torcida na televisão eu não tenho recordação, mas eu acho que também essa coisa de mídia tudo é aproveitado”* (DC 15). Teodoro disse que ouviu falar, mas *“sempre naquele aspecto de lenda. E a primeira vez que eu acho que vi algo foi numa Libertadores, o Grêmio jogou em Caracas se eu não me engano e tinha uma faixa da Coligay na torcida do Grêmio e não faz tanto tempo, foi agora, foi há pouco tempo”* (DC 16). Douglas afirmou já ter ouvido falar: *“acho que é um fato que o próprio Grêmio tentava esconder porque era outra época. Então hoje, numa época de inclusão que a gente está vivendo e tudo mais de mente aberta, os próprios clubes estão tentando trazer isso para acabar com um pouco do preconceito”* (DC 16). Ele reforçou que *“era uma coisa que o próprio clube escondia e era usada às vezes para tirar sarro que aos poucos foi surgindo e é isso”* (DC 16). Sobre a existência da Coligay, Facundo disse que nunca ouviu falar, mas ele acreditava que *“dentro do que vem acontecendo nos tempos atuais faz sentido porque a mídia dá espaço para isso, a imprensa dá espaço para isso, mas enfim, eu acho que tudo bem, é válido, não deve haver preconceito em relação a isso”* (DC 22). Mesmo entendendo que a Coligay tenha sido uma torcida pioneira, Roberson não tinha muito conhecimento sobre ela: *“esse papo da Coligay e essa questão toda eu acho até que foi pioneira, foi pioneira no Rio Grande do Sul e, talvez, até no Brasil, eu não me informei sobre isso”* (DC 24). Ao questionar se Jonas tinha algum conhecimento sobre a Coligay, ele afirmou que *“nunca tinha ouvido falar, não tenho problemas, mas não sabia que tinha aqui no museu”* (DC 25). Odacir usou o argumento etário para justificar seu desconhecimento: *“não é da minha época, só por falar mesmo e até agora lançou um livro, eu até tinha interesse de ler e é uma coisa mais antiga que ocorreu, mas problema nenhum se brincam e tal, tranquilo”* (DC 27). É interessante que esse mesmo argumento não aparece quando torcedores comemoram os títulos que não vivenciaram. Túlio disse que *“nunca tinha ouvido esse termo”* (DC 29). Questionei se nem mesmo em deboche ou piadas e ele confirmou: *“não, nem em deboche”* (DC 29). Réver, amigo de Túlio afirmou que a Coligay *“não existia há uns anos atrás”* (DC 29). Sérgio disse que *“não conhecia nada, nunca tinha ouvido falar”* (DC 32). Humberto afirmou que *“nunca tinha ouvido falar da Coligay”* (DC 32).

Outra forma de acesso à existência da Coligay aparece nas piadas, geralmente realizadas pelos torcedores rivais. Até a inauguração do Museu do Grêmio na Arena, utilizei o livro sobre a Coligay para introduzir o assunto e verificar se os sujeitos tinham

conhecimento de sua existência. Rhodolfo disse: *“tive conhecimento muito mais pelas piadas dos outros do que pela história da Coligay”* (DC 11). Ângelo afirmou que seu conhecimento da Coligay se dava *“pelas ‘cornetas’ dos colorados, mas graças a Deus eu não participei da torcida [risos dele]”* (DC 12). Guilherme, amigo de Ângelo, concordou: *“também só conhecia pelas cornetas”* (DC 12). Ângelo reforçou que *“o conhecimento é mais das cornetas, que eu nunca fui atrás da história, mais em função das cornetas dos colorados em cima dos gremistas”* (DC 12). Sobre a Coligay, Pedro disse que *“só ouvia as piadas dos colorados. Eu sei pouco da história, mas sei que teve uma torcida de homossexuais no Grêmio, mas não conheço a fundo a história”* (DC 13). Rodrigo afirmou: *“ouvi falarem da Coligay duas vezes”* (DC 14). Giuliano, amigo de Rodrigo, interrompeu e disse que *“foi colorado. Vi e conheci a torcida por causa dos colorados”* (DC 14). Rodrigo completou: *“tirando a questão dos colorados, eu nunca tinha visto”* (DC 14). Ele contou ter visto uma reportagem de jornal: *“eu acredito que tenha sido postada por um colorado, que foi a primeira vez que eu li sobre o que era. Eu acho que isso foi no ano passado ou retrasado que foi lançado um livro e daí se tornou um assunto mais falado, mas até então não sabia nada, nunca vi”*. (DC 14). Perguntei ao Giuliano se alguém tinha contado algo a ele alguma vez. Ele afirmou que foi conhecer essa torcida através de seu pai: *“meu pai é colorado e era o primeiro que sacaneava. Vocês são o único clube do Rio Grande do Sul que tem uma torcida gay”* (DC 14). Tiago disse já ter ouvido falar da Coligay: *“por causa dos colorados que ficaram me corneteando e aí fiquei sabendo da Coligay pelos colorados que conheciam bem a Coligay. Eles conheciam melhor do que os próprios gremistas na realidade, mais nesse sentido”* (DC 15). Deivson disse que ouviu da Coligay somente *“pelos amigos colorados porque era uma coisa de chacota, mas eu acho que isso não interfere em nada”* (DC 19). Ozéia afirmou que seu único conhecimento sobre a Coligay foi produzido *“através das piadas dos colorados. Eles se aproveitam como se isso fosse nos ofender. Eu não me sinto ofendido e acho que toda a torcida tem e as pessoas, a sociedade tem que modernizar, tem que respeitar. Cada um é de um jeito”* (DC 28). William, amigo de Ozéia, disse: *“eu vi, mas pelo que eu conheço é através de alguns colorados que ficam tirando com isso e tal, mas eu não acho nada demais”* (DC 28). Réver chegou a afirmar que a torcida não existiu. Ele conhecia a Coligay através de *“piadas via internet, via rede social, mas realmente, antigamente não existia e agora o Grêmio está mostrando que é um clube de respeito e aceita todas as torcidas, muito legal essa parte”* (DC 29). Fernando disse que já tinha escutado algo sobre a Coligay:

“*não tenho nada contra, sou a favor de todas as minorias, então para mim*” (DC 29). Interrompi e perguntei o que ele já tinha escutado, ele reforçou: “*só ouvi falar das piadas*” (DC 29). Renato disse que “*teve uns caras que escreveram um livro da Coligay. E para mim era a mesma coisa que sempre foi uma coisa que principalmente os colorados pegavam muito, ah, Coligay, Coligay, mas eu não vejo problema nenhum, eu acho que os caras fazem o que querem fazer*” (DC 31). Diogo também disse ter conhecido a Coligay pelas piadas: “*principalmente pela zoação dos colorados que, na minha opinião, não muda nada, na verdade deve ser um orgulho para a torcida*” (DC 32). Ele reclamou que “*os caras nos chamam de racistas, homofóbicos, mas nós temos um exemplo que nós estamos abraçando tudo. Isso não importa, na verdade, no futebol. O que importa é torcer para o time*” (DC 32). José disse que o conhecimento sobre a Coligay veio “*pela corneta, até porque a Coligay surgiu numa época em que não se tinha tanta aceitação nessa questão da homossexualidade e a Coligay, digamos, bateu de frente com coragem e tudo o mais. Só que do outro lado veio a corneta então foi nisso que eu conheci*” (DC 33). Patrício disse que escutou quando teve o lançamento de um livro, antes disso, ele não tinha ouvido falar, apenas através da “*corneta também*” (DC 33). Ele enfatizou que a presença de homossexuais não é restrita a um clube ou a algum lugar específico: “*o pessoal usa algumas coisas como corneta mesmo, mas, se tu fores ver, a torcida do Internacional pode não ter uma vinculação como a Coligay que usa o nome, botaram o nome, mas tem em tudo o que é lugar, então, eles se aproveitam disso*” (DC 33). Diego disse que já tinha ouvido falar da existência da Coligay na torcida do Grêmio, ele lembrou: “*quando eu frequentei o estádio ela não existia mais, mas eu sempre soube, sempre foi mencionado, não por torcedores do Grêmio, nós tínhamos aqui, olha só que legal. Muito eu ouvi falar por causa da torcida do Inter, também, e procurei saber*” (DC 34). Sebastián, amigo de Diego, disse: “*basicamente, só escutei em função da corneta*” (DC 34). Em relação ao conhecimento sobre a Coligay, Luciano afirmou: “*a gente sofre a ‘arriação’, sofre a ‘arriação’, mas tem que levar na esportiva, a gente tem hoje em dia com essas redes sociais toda a hora estão lembrando e coisa, mas aí na mesma hora tu já recebe uma do outro lado, do outro time, então faz parte*” (DC 34).

Para além desse acesso a existência da Coligay através das piadas ou ‘cornetas’, essa metodologia também é acionada para falar de sexualidade entre os próprios torcedores. Braian aproveitou que falávamos sobre a possibilidade de existência de uma torcida homossexual em estádios de futebol, no Grêmio ou em outras praças, para, em

tom de piada, dizer: *“tenho vários amigos homossexuais, incluindo o Victor [que participava junto do diálogo]”* (DC 18). Aqui a sensibilidade e as possibilidades de olhar do investigador gritaram alto. Percebi o tom jocoso da fala apenas a partir do protesto de Victor, pois por um momento tomei a informação como verdadeira, muito por, talvez, identificar a viabilidade de torcedores homossexuais ou, talvez, ainda mais do que isso, não comprar de saída a ideia do estádio de futebol como um local de heterossexualidade presumida, ao menos não nas vivências da totalidade de indivíduos. É interessante que uma piada como a feita por Braian com seu amigo Victor necessita de diferentes elementos dos interlocutores para, entre outras coisas, permitir o riso. As trocas jocosas envolvendo uma acusação de identidade sexual não normativa não são circunscritas às provocações clubísticas, mas são utilizadas como forma de relacionamento entre os pequenos grupos de amigos. Damián apontou para Mário e perguntou *“o que tu achas desse cara?”* (DC 23). Aos risos, Mário me mostrou uma fotografia em protesto contra o ex-presidente Lula, em que ele estava com um cartaz com os dizeres *“Se o Lula é honesto eu sou o Batman”*. Ele estava fantasiado de Batman cor-de-rosa (DC 23). As piadas ocupam diferentes lugares na socialização torcedora e em sua forma de relacionamento com conhecimentos específicos. A rivalidade e as provocações permitem, por um lado, mostrar uma forma particular de conhecimento. Nesse caso, a relação com a Coligay para os torcedores do Grêmio, muitas vezes é mediada pelas brincadeiras provocadas por torcedores rivais. Outra alternativa de utilização de vocabulários específicos falando sobre a sexualidade aparece entre amigos que designam a outros uma identidade na qual esses, supostamente, não se reconhecem. Por fim, o humor, a flauta ou a brincadeira acabam possibilitando a própria relação com a homossexualidade ou com qualquer sexualidade desviante.

Outra forma de relacionamento, ou de não relacionamento, com a Coligay é ignorar a possibilidade de vivências torcedoras distintas. Colocando o ‘gremismo’ como marcador essencial da relação entre os diferentes torcedores, Hernán definiu: *“se o cara torce pelo Grêmio e é apaixonado pelo Grêmio, eu não tenho preconceito nenhum, se a pessoa está ali independentemente da cor, da raça que ela tem e gosta do time não tem porque banir essas pessoas do estádio”* (DC 7). Hernán ampliou as possibilidades de inclusão para aqueles que torcem ‘adequadamente’ para o Grêmio: *“os caras estão ali, independentemente se o cara é negro ou gay ou japonês, o cara gosta do Grêmio, torce pelo Grêmio, se ele ajuda, se ele apoia o time acho que não tem problema nenhum”* (DC 7). Kléber disse: *“a nossa parte, somos gremistas independentemente de cor, sexo,*

etnia, qualquer coisa. A gente está junto para empurrar o tricolor” (DC 7). Rhodolfo, em um exercício sobre a interpretação que poderia ser dada em um eventual retorno da Coligay, argumentou: *“tu não tens a torcida gay do Grêmio, é uma torcida do Grêmio. Eles são gays, eles são brancos, eles são assados, ok, mas é uma torcida do Grêmio”* (DC 11). Ele acreditava que diferentes torcidas poderiam existir na mesma lógica de torcer para o Grêmio: *“assim como tinha a Jovem que era uma torcida, a Raça que é uma torcida e a Coligay que é uma torcida, ponto. Não precisa ter mais: eles são isso, são aquilo. Aqui é todo mundo gremista, aqui dentro”* (DC 11). Para Rhodolfo, as diferentes identidades são subsumidas ao ‘gremismo’ dentro do estádio: *“lá fora eu tenho uma vida, tu tens uma vida, cada um tem sua vida, não vou eu julgar tua vida de acordo com o que eu acho que é certo não. Aqui dentro todo mundo é gremista, são grupos que vão se reunir para torcer a favor do Grêmio”* (DC 11). Em alguma medida, uma torcida subordinada ao “torcer a favor do Grêmio”, que disfarce ou ignore suas diferenças, poderia ser bem acolhida. Esse não seria o único espaço em que homossexuais ‘bem-comportados’ teriam mais facilidades em serem ‘aceitos’.

De um modo geral, salvo raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, “o/a enrustido/a”. De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais (LOURO, 2001, p. 29-30).

Antes de responder sobre seu conhecimento acerca da Coligay, Alexander perguntou se poderia falar palavrão. Após minha confirmação, ele continuou: *“se o cara quer dar o rabo, problema é dele. Se ele vai torcer para o Grêmio, melhor ainda, mais gente gritando para o Grêmio e apoiando. A opção sexual do cara, para mim, não vai fazer diferença nenhuma”* (DC 31). Ele afirmou ter amigos gays e amigas lésbicas e ter um bom relacionamento com todos. Alexander acreditava que *“não tem porque dizer ah, a torcida é gay. O homem e a mulher não vão ser maiores ou menores por causa da opção sexual. Se o cara que está do teu lado torcendo é gay ou não, problema é dele. O que ele faz da vida pessoal dele, é dele”* (DC 31). Ele reforçou que o importante é estar de acordo com as lógicas torcedoras: *“se ele estiver do lado torcendo e apoiando o Grêmio na vitória e na derrota é o que importa”* (DC 31). Diogo reforçou que esse tema poderia passar despercebido para os torcedores por ter menos importância: *“o importante é o nosso time ganhar título. Faz um tempão que a gente não ganha título de*

expressão, não importa quem está torcendo para o time, desde que torça e apoie eu já fico muito feliz” (DC 32).

Existe certo entendimento de que o estádio de futebol possa ser lido como um espaço de reserva masculina heterossexual. Jackson afirmou que *“se alguém colocar a faixa ali, ‘Coligay’, vai existir resistência desse público que frequenta estádio desde muito tempo. Não necessariamente que seja um preconceito, mas vai ter uma resistência. Inclusive eu, vou olhar: pô, veado aí? Sei lá” (DC 11).* Ele afirmou que esse estranhamento se daria *“não por preconceito, mas por imaginar que estádio é sempre a gritaria e tal. Mas o público que está frequentando hoje a Arena, ele vai, tem um público jovem, também. É esse público é o que está vivendo isso. Hoje o mundo é isso aí, não tem mais” (DC 11).* Questionei se ele acreditava que seria possível absorver uma torcida homossexual no estádio. Jackson afirmou: *“sim, absorve e seria uma inovação para o futebol mundial. É estranho, não pelo preconceito, mas por essa quebra de barreira que existe natural do estádio de futebol” (DC 11).* Ele imaginava que, da mesma maneira que em outras esferas da cultura, *“vão falar durante um tempo, como foi a bandeira colorida dos gays no mundo inteiro e vão falar e vai ter uma hora que vai ser absorvida em todo o mundo, eu acho que não tem como voltar. Se está solto, se é assim, é assim” (DC 11).* Everaldo achava muito difícil que a Coligay pudesse retornar ou mesmo ser identificada como motivo de orgulho para torcida do Grêmio, *“pela questão do preconceito até aquela coisa que parece que o futebol traz de masculinidade, tu botares ali uma torcida gay eu acho até que iria ferir com o orgulho de muito torcedor” (DC 12).*

Em diferentes oportunidades, os torcedores solicitavam que o estádio de futebol fosse entendido como um local distinto em que práticas interdidas em outros contextos seriam ali incentivadas ou, no mínimo autorizadas. Martin Curi duvida dessa perspectiva:

(...) será que o campo esportivo é de fato um espaço privilegiado, distinto de outros da sociedade, onde temos mais liberdade? Os nossos informantes nas pesquisas podem declarar que se sentem mais livres e que podem esquecer o dia a dia, o trabalho e as preocupações quando estão num jogo. Porém, isso não significa que o esporte estaria fora da sociedade, mas, ao contrário, muito bem integrado (2013, p. 70).

Os próprios torcedores que tentam marcar ‘o tempo do jogo’ como um tempo específico sabem dialogar com o que se poderia entender como ‘a cultura mais ampla’ ao justificar algumas atitudes que acontecem naquele contexto. Edinaldo citou que *“na Inglaterra, o Arsenal aceita qualquer um e lá não tem problema, tem uma torcida de*

gay, uma torcida de islã, quatrocentas mil torcidas e ninguém fala nada, então tudo passa por cultura” (DC 11). Em um exercício, de certo modo, evolucionista, Edinaldo acreditava que, no Brasil “*quando melhorar, não vai ter problema o cara dizer que é da torcida gay do Grêmio, foda-se, mas enquanto não mudar a cultura do brasileiro não vai adiantar, ah, nossa torcida aceita gays*” (DC 11). Rodrigo achava que se a Coligay retornasse, ela “*deveria ser apoiada bastante e inclusive ser usada como marketing em nível mundial porque o cara não vê isso*” (DC 14). Comentei que o Arsenal tem e valoriza sua torcida homossexual. Rodrigo respondeu que “*quando é Arsenal, é primeiro mundo, a gente sempre espera que eles façam, aqui a gente precisa. Se lá para eles um exemplo basta, aqui a gente precisa de uns cinco, então que tenha um que comece*” (DC 14). Rodrigo acreditava que o pioneirismo poderia ser motivo de orgulho para a torcida: “*a gente sabe que aqui dá muito orgulho quando tu és o primeiro, aqui é um país com difícil aceitação para mudança, então dá orgulho quando tu és o primeiro a mudar*” (DC 14). Giuliano, amigo de Rodrigo, acreditava que “*se sofreria um preconceito do eixo Rio-São Paulo porque para eles gaúcho é tudo veado*” (DC 14). Rodrigo reforçou: “*nesse caso, o erro continua sendo deles. Assim como o erro continua sendo dos colorados quando cantam esse tipo de coisa, o erro vai continuar sendo deles*” (DC 14). Giuliano disse: “*sempre rola a piadinha de gaúcho, sempre vai rolar*” (DC 14). A relação da ‘piada’ do gaúcho obedece a uma lógica não muito distinta da que os torcedores utilizam nos estádios, inclusive para justificar que as ofensas que utilizam a sexualidade como um marcador identitário negativado não seria violência. Nesse contexto, se dá ao outro a identidade oposta a que ele procura afirmar para si.

(...) a mais conhecida estratégia discursiva responsável pela emergência de piadas. Tal estratégia consiste em opor a um discurso público e positivo (no caso, o da propalada macheza do gaúcho), um discurso “subterrâneo”, de certa forma reprimido, contrário ao anterior (no caso, o da suposta “veadice” do gaúcho). Assim, se no discurso público – das músicas, das conversas, do dia a dia, das narrativas das trovas – se constrói e cultiva uma imagem de gaúcho macho, as piadas o representarão da forma inversa mais direta e picante: ele não será franzino ou medroso, outras tantas formas opostas à macheza, mas homossexual passivo (POSSENTI, 2013, p. 44).

Tiago acreditava que tentar recuperar ou positivar a história de uma torcida homossexual “*é o tipo de coisa que um time de futebol não deva se preocupar. Se alguma coisa é feita em cima de uma ação de marketing vai saber, mas não é uma coisa que um time de futebol, que um clube, deva se preocupar como uma questão cultural, do mundo*”. (DC 15). Ele entendia que os espaços do estádio de futebol e do clube se destinam para atividades mais restritas e específicas: “*não é aqui o lugar. Aqui é lugar*

para se ver futebol, curtir futebol” (DC 15). Matías, amigo de Tiago, complementou: *“um clube de futebol tem que se preocupar em ser competitivo e, conseqüentemente, os diversos setores da sociedade vão aderir ou não, isso aí não vai, as coisas acontecem naturalmente, no meu ponto de vista”* (DC 15). A partir das sanções aplicadas pela FIFA sobre cânticos entendidos pela entidade como homofóbicos, Braian afirmou que *“há trinta anos atrás poderia existir o mesmo canto, mas a não visibilidade dos homossexuais não colocaria isso como um problema, então os cânticos não chocavam”* (DC 18). Ele acreditava que essas medidas adotadas pela FIFA são corretas para *“evitar que se ofendam algumas pessoas. Uma vez que a homossexualidade é bastante mais aceita, é interessante permitir que o estádio seja um espaço mais aberto a essa diversidade”* (DC 18). Sobre a homossexualidade no futebol ou em um espectro mais amplo da sociedade, Facundo disse: *“isso já existe e está aí o Richarlysson. Eu acho que independentemente de aceitar ou não, isso é algo que já está implícito na sociedade”* (DC 22). Perguntei se ele entendia que seria possível o clube transformar essa experiência em um motivo de orgulho. Ele acreditava que *“não tem porquê. Se a sociedade vê isso como algo não preconceituoso, tu aceitares isso dentro do teu clube não é um orgulho, é algo natural”* (DC 22). Misael entendia que *“é uma coisa indiferente. Eu não sei se chegaria a vender essa imagem de ser o primeiro clube ou ser o clube. A aceitação é que fosse comum, natural e sem problema”* (DC 22). Neuton argumentou que estamos vivendo um momento de mudança em relação à homofobia e ao racismo: *“então se tu perguntares para dez, talvez cinco digam que pode, cinco digam que não pode, cinco que é bonito, cinco que é feio e o momento de mudança é ruim”* (DC 24). Renato afirmou que a relação com a homossexualidade *“é uma questão que envolve a sociedade e não o futebol, tu tens que resolver esse problema dentro da sociedade, o futebol não vai resolver. Não vai trazer do futebol para dentro da sociedade é ao contrário”* (DC 31). Essa afirmação acabou colocando os conteúdos expostos no estádio dentro de um conjunto maior da cultura. Nesse caso, dizer que o que se grita naquele ambiente pode ser entendido como restrito daquele espaço, perde um pouco de força. Renato reforçou esse raciocínio e concluiu que *“tu tens que educar as pessoas desde pequenos, investir em educação, investir em cultura social e aí isso vai deixar de ser um tabu. Porque é um tabu, porque é um tabu para a sociedade. Se não fosse na sociedade, não seria no futebol”* (DC 31).

Ao longo dos diálogos com os torcedores, realizei um exercício para tentar verificar o que eles pensavam sobre uma eventual possibilidade de retorno da Coligay

nas cadeiras da Arena. Hernán acreditava que *“não existiria problema algum. Seria inclusive uma mostra de grandeza por parte do time do Grêmio. Seria um tapa de luva na cara de muita gente, mostrando que o futebol é um esporte coletivo, é um esporte que agrega valores e não separa”* (DC 7). Ele afirmou que essa seria uma boa possibilidade para questionar as representações recorrentes sobre os torcedores do Grêmio: *“não teria problema nenhum, acho que a torcida não ficaria de cara, apesar da torcida do Grêmio ter, pela torcida contrária, a fama de ser racista”* (DC 7). Os irmãos Fábio e Arthur foram unânimes em acreditar que seria possível a existência de uma torcida homossexual contemporaneamente. Arthur, enfaticamente definiu: *“vai acontecer”* (DC 9). Fábio afirmou que *“hoje mais ainda, o ‘politicamente correto’ é a aceitação”* (DC 9). Durante uma das conversas, fui mais incisivo e perguntei se os torcedores entendiam que contemporaneamente seria possível a existência de uma torcida organizada homossexual dentro do Grêmio. Cristian questionou a pergunta: *“tu estás perguntando se hoje tem?”* (DC 10). Reforcei que não, mas questionei se seria possível que hoje existisse. Cristian respondeu que *“do jeito que as coisas estão hoje em dia, pode existir qualquer coisa, torcida é para todo mundo, todo mundo é livre para isso”* (DC 10). Ao perguntar se eles achavam que existiria a possibilidade de existir uma torcida homossexual no Grêmio ou em outro clube, Ângelo disse que *“existem condições, mas que para nós, não é um caso de preconceito, mas criar uma torcida vinculada a isso é complicado. Não só para nós, mas para os adversários em cima de nós”* (DC 12). Sobre um eventual retorno da Coligay, Everaldo afirmou não ter nada contra, mas apontou outros atores como possíveis dificultadores desse retorno: *“se quiserem criar o que forem criar, quem frequenta, quem é torcedor, se é homossexual ou não é, não tem diferença, mas eu acho que a torcida Geral do Grêmio ia criar alguma dificuldade, algum preconceito em relação a isso”* (DC 12). Matheus, amigo de Everaldo, disse concordar em certo ponto: *“não é só pelo torcedor, as pessoas mesmo pelo próprio preconceito que tem em cada um de nós, talvez isso fosse difícil”* (DC 12). Ao mesmo tempo, ele acreditava que *“seria interessante que as pessoas pudessem conviver harmoniosamente, todos juntos, independentemente de cor, sexo, opção... Eu acredito que hoje em dia já devemos estar misturados muitas vezes sem saber”* (DC 12). Rodrigo entendia que, quando o livro foi lançado, *“o Grêmio tinha que ter abraçado essa história. Qualquer história ligada ao Grêmio é do Grêmio, faz parte do Grêmio”* (DC 14). Ele afirmou que seria importante poder incluir um maior número de pessoas: *“a gente tem amigos gays e quando tu conseguires pegar todos os teus amigos e botar*

dentro do estádio aquilo ali demonstra como é forte, como o amor é único sobre isso aqui” (DC 14). Em relação à expectativa de um eventual retorno, Rodrigo respondeu: *“renascer do nada eu acho que não vai fazer, não vai partir do Grêmio, da direção do Grêmio, mas eu acho que devia se organizar e criarem de novo”* (DC 14). Perguntado sobre a possibilidade de existência, contemporaneamente, a partir de sua experiência tanto na Arena quanto no Olímpico, de uma torcida homossexual no Grêmio ou em qualquer outro clube, Matías achava que não, e explicou: *“porque a sociedade ainda é exclusiva neste sentido, não porque é a torcida do Grêmio. Se fosse em qualquer lugar”* (DC 15). Victor acreditava que *“existem gays nas torcidas de Grêmio e de Internacional, mas eles não se apresentam como tal. Eu acredito que se um grupo de torcedores aparecesse com faixas e bandeiras de uma torcida gay eles seriam facilmente alvo de violência física”* (DC 18). Sobre a possibilidade de um eventual retorno da Coligay, Germán argumentou: *“eu apoiaria, gostaria, mas eu acho que a reação da torcida, por exemplo, aqui a reação da torcida do Grêmio para uma manifestação a favor da Coligay eu acho que seria reprimida. Iria receber uma opressão por parte da própria torcida”* (DC 29). Fernando, amigo de Germán, concordou e acreditava que *“a população, em geral, não tem uma mentalidade desenvolvida suficiente para aceitar”* (DC 29). Sobre a possibilidade de existência de uma torcida homossexual nos estádios, Anderson afirmou: *“é o momento. Vai ser estigmatizada, vai ser hostilizada como qualquer pessoa que pensa diferente do senso comum atual”* (DC 30). Leonardo reforçou sua crença de que *“é mais fácil hoje”* (DC 30). Anderson reiterou: *“porque hoje tu tens uma aceitação maior desses questionamentos. É o momento, tem que ter, as pessoas têm que se manifestar, têm que dizer o que não concordam, o que concordam, enfim, o momento para se expressar é agora e defender os seus direitos”* (DC 30). Sobre a possibilidade de uma torcida gay em qualquer estádio no Brasil, Renato disse: *“teria a possibilidade, mas ela seria hostilizada, eu tenho certeza que sim, em qualquer clube, eu tenho certeza que sim”* (DC 31). Sobre a presença da Coligay no museu e uma, eventual, tentativa de resgate da torcida, ao menos na história do clube, Diogo acreditava ser possível que isso fosse recebido, entretanto *“numa boa, já não vai ser assim, mas tem que ser isso, tem que acontecer isso. Não adianta nós querermos brigar com uma coisa que não tem como brigar, tem que aceitar e torcer”* (DC 32). Humberto, amigo de Diogo, argumentou que *“na torcida tem gente que é racista ainda, para mim não importa, o importante é torcer com eles, mas tem gente que vai ser racista ainda”* (DC 32).

Em alguma medida, esse retorno da Coligay para a história oficial da torcida do Grêmio acaba atravessando de maneira bastante significativa o currículo de masculinidade dos torcedores gremistas. As formas de relacionamento, a posituação ou a negação da torcida, são múltiplas mostrando como essa pauta ainda ocupa um lugar de estranhamento para os sujeitos que foram interpelados pelo currículo de masculinidade dos torcedores de futebol, tal qual encontrei nos estádios Olímpico e Beira-Rio no final da década passada.

No início do capítulo, apontei como os atletas de futebol podem ser alvo de críticas relativas a um comportamento de masculinidade ‘inadequado’ no esporte. Procurei mostrar, também, como a violência verbal pode ser valorada de modo distinto, dependendo dos conteúdos que coloca em questão.

Nessa segunda parte do capítulo, procurei colocar em diálogo os torcedores, alfabetizados para o torcer e para performatizar suas masculinidades no estádio Olímpico, com a Coligay e a possibilidade de experiências não heteronormativas nas torcidas de futebol.

No capítulo que segue, pretendo retomar as questões elencadas ao longo desta investigação para, em alguma medida, fechar o texto tentando me aproximar da resposta de como a elitização, o racismo e o heterossexismo atravessaram o currículo dos torcedores do Grêmio que realizaram esse trânsito do Olímpico à Arena.

7 DO OLÍMPICO À ARENA: ELITIZAÇÃO, RACISMO E HETEROSSEXISMO NO CURRÍCULO DE MASCULINIDADE DOS TORCEDORES DE ESTÁDIO

As normas de gênero que integram o currículo de masculinidades dos torcedores de futebol de estádio não trabalham somente como uma categoria de gênero, mas sim, fazendo a associação de diferentes marcadores identitários. Me permito apontar que a performatividade masculina nos estádios de futebol se associa a um gênero, uma sexualidade, um regionalismo, um clubismo, uma estética, uma tradição... Ser masculino e torcedor de futebol implica ser heterossexual, estar vinculado a determinadas representações regionais, possuir vínculos com a história de um determinado clube, associar-se a uma estética marcada como adequada para as praças esportivas e vincular boa parte das positivities de suas ações em um determinado histórico de práticas que poderiam ser lidos como certa tradição.

O currículo de masculinidade dos torcedores de estádio produz uma representação do torcedor que avalia e hierarquiza a conduta de todos os sujeitos no estádio, sejam eles homens, mulheres, crianças, idosos... Essa performatividade de gênero esperada para o torcedor de futebol inclui, além da masculinidade, a heterossexualidade e o heterossexismo. No caso da torcida do Grêmio, há ainda um pertencimento gaúcho – dividido com a torcida do Internacional. O clubismo acaba por hierarquizar atitudes idênticas a partir do critério ‘nossa torcida’ ou ‘torcida deles’ – no caso do gremismo, uma mesma ação realizada pela nossa torcida estaria adequada, enquanto seria reprovada se praticada pelos colorados ou vice-versa. Essa masculinidade possui uma estética popular como normatividade – os xingamentos, as injúrias e as permissividades fariam certa associação com o popular, muito mais pela falta de certa polidez, do que por pertencimento de classe econômica. Por fim, a tradição da torcida autoriza práticas e acaba naturalizando manifestações que podem ser apontadas como inadequadas por atores externos à torcida ou que estivessem bastante atravessados por outros conteúdos, lógicas ou currículos.

Esses e outros conteúdos acabam por produzir esse currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol. Nenhum currículo consegue realizar uma ação de causa e efeito que não cometa equívocos. Se pensado como trajetória, o percurso sempre oferece escapes, uma ou outra tentação e o próprio caminho precisará ser levado em conta quando pensamos nos diálogos dos sujeitos com um determinado currículo.

Mesmo sem essa capacidade de ser determinante, o currículo funciona de forma normativa e se apresenta em constantes reiteraões. A cada partida, em cada discussão, no uso de determinadas canções, nas diferentes formas de usar o corpo... o currículo de masculinidade se apresentará novamente e encontrará sujeitos torcedores que poderão ser mais ou ser menos interpelados por ele.

É interessante pensar que um sujeito interpelado por um currículo determinado, como o currículo de masculinidades do torcedor de estádio, está sendo atravessado, ao mesmo tempo, por outros currículos culturais. Quando convocado a falar sobre si mesmo, o sujeito poderá tomar sua vivência nesse contexto específico como parâmetro, mas ele não conseguirá apagar uma série de outras aprendizagens ou outros currículos que o interpelam e o subjetivam de forma concomitante, mesmo que de maneira inconsciente. Talvez, essa abordagem possa potencializar alguns entendimentos de currículo para o campo da educação.

Se pensar as práticas culturais através do conceito de currículo, entendendo o mesmo como um percurso ou um conjunto de conteúdos ou saberes, já poderia possibilitar certa ampliação do conceito, me parece que tomar a ideia de que o sujeito pensado por um currículo está pensado e atravessado, também, por outros currículos, permitiria potencializar os espaços de vazamento, de resistência... Com isso, seríamos mais precisos ao tentarmos entender a constituição desse sujeito que se relaciona com um currículo pontual que estamos observando. Essa precisão não estaria vinculada a uma maior exatidão, mas seria mais bem associada à certa humildade ao entender que conseguimos visualizar uma experiência bastante singela dentre tantas outras que trabalham na produção de um determinado sujeito.

Os indivíduos torcedores, que são interpelados por diferentes conteúdos de forma simultânea, no estádio estão subordinados à torcida. Mais do que a junção de elementos que a constituem, a torcida funciona como um ente moral que estabelece sobre esses elementos, os torcedores, o que seria autorizado ou proibido dentro desse contexto. O clubismo é um dos conteúdos mais significativos desse currículo de masculinidades dos torcedores de estádio. É preciso defender o clube em todas as situações possíveis. As avaliações morais, éticas e estéticas acabam sendo feitas a partir desse engajamento/militância.

Essa norma que subjetiva um bom conjunto de torcedores não consegue atingir a todos, em todos os momentos e com a mesma dimensão. Me apresentei como gremista na hora de dialogar com os pequenos grupos de torcedores. Mesmo que não entenda

algumas manifestações de forma similar aos indivíduos com os quais dialoguei, especialmente quanto a algumas possibilidades ou não de contestação às práticas autorizadas historicamente, o clubismo os autorizou a falar comigo a partir de uma determinada perspectiva. Os torcedores enxergavam em mim o domínio de alguns códigos que fazia com que eu os ‘compreendesse’ de forma mais adequada. Talvez, dito de maneira mais explícita, por ser gremista, os torcedores acreditavam que eu concordaria com suas manifestações.

Nas próximas páginas, pretendo sistematizar algumas das respostas para as questões que apresentei no primeiro capítulo e que venho tratando ao longo desta tese. É importante ressaltar que o material apresentado aqui contempla aquilo que foi possível concluir, possui provisoriidades e não procura causar prejuízos a outras interpretações. De que forma as reformas nos espaços do torcer e a reorganização de alguns de seus conteúdos atravessaram o currículo de masculinidades dos estádios de futebol? O que reificou e o que rompeu com um currículo localizado em 2009 nos antigos estádios Olímpico e Beira-Rio (antes da reforma)? Como os sujeitos torcedores sentiram-se interpelados por esse reposicionamento discursivo vinculado a modos adequados ou não de torcer nas arenas? Especialmente, como o ‘caso Aranha’ e a Coligay atravessaram e reconfiguraram esse currículo de masculinidade dos torcedores de futebol de estádio?

7.1 Torcedores em trânsito, elitização e a relação torcedor e torcida

Os torcedores do Grêmio abordados durante a realização de minha investigação pareciam ainda estar em trânsito. Dado o lugar normativo que o Olímpico possui nas representações sobre o torcer para os gremistas, existia uma expectativa de que a Arena deveria repetir o antigo estádio e que isso aconteceria com o passar do tempo. Entretanto, é possível apostar que alguns elementos das vivências torcedoras que existiam na antiga casa estarão presentes apenas nas memórias dos torcedores. Trocar de casa, como ocorreu com o Grêmio e seus torcedores, exige uma série de investimentos. É necessário arrumar o que tínhamos na antiga casa. Separar o que levaremos e o que descartaremos por opção ou por necessidade. É interessante pensar que acostumar-se a uma nova casa exige tempo.

Neste trabalho, acabei dialogando com torcedores que foram ‘alfabetizados’ para o torcer no antigo estádio Olímpico, com um conjunto de práticas que acabaram não sendo trazidas para a Arena ou, no mínimo, que passaram a ser questionadas, que

perderam seu *status* de naturalizadas. Mesmo que alguns conteúdos não tenham realizado o mesmo trânsito dos torcedores, eles ainda podem aparecer nas falas desses sujeitos quando tentam pensar suas trajetórias nos estádios. Isso pode aparecer nas reclamações sobre uma interdição específica ou, mesmo, pela presença de cadeiras em uma ampla faixa do estádio.

Esse trânsito entre essas duas casas permite que os torcedores trabalhem com uma noção de um antes e um depois (ou agora). Algumas questões que acabam colocadas contemporaneamente, como as discussões sobre a existência de racismo ou homofobia nas práticas torcedoras, são narradas através dessa fixação entre lugares que também marcariam tempo. Antes (ou no Olímpico) as manifestações não eram colocadas em questão. Agora (ou na Arena) elas aparecem em disputa por legitimidades.

O estádio de futebol ocupa um lugar ambíguo entre o público e o privado. Algumas ações são restritas ao espaço privado e não poderiam ser executadas no espaço público. Em casa, ao contrário da rua, o sujeito poderia optar por relacionar-se ou não com um conjunto de pessoas, ficaria liberado de certa polidez pública para manifestações específicas e estaria entre familiares, amigos ou ‘chegados’. A Arena do Grêmio é administrada pela Grêmio Empreendimentos, que é uma empresa privada. Ao mesmo tempo, qualquer pessoa que adquira um ingresso comercializado por ela pode ter acesso a esse espaço. Essa tensão entre a casa e a rua acaba atravessando os currículos de masculinidades dos torcedores de futebol.

O conceito dos estádios ‘padrão FIFA’, talvez, dialogue pouco com os torcedores de estádio. Lendo suas recomendações parece evidente que existe um número maior de preocupações com um público mais elitizado, seus parceiros comerciais e com as empresas de transmissão. A lógica comercial predomina e o torcedor, enquanto cliente, deve ter boas possibilidades de consumo. Não existe uma preocupação muito significativa com formas específicas de torcer. Esse torcedor consumidor parece ser mais dificilmente subsumido no coletivo da torcida.

Acadêmicos e alguns coletivos de torcedores organizados apareceram como principais vozes dissonantes desse processo de elitização dos estádios no Brasil. Entretanto, o público frequentador dos antigos estádios (que mesmo antes de suas reformas sob a égide do ‘padrão FIFA’ já passavam por processos de elitização de seus públicos) acabava um tanto romantizado, sendo tomado como o ‘verdadeiro’ torcedor de estádio. Além disso, se tomava o estádio como um lugar de ampla participação

popular, ignorando suas disputas internas e a série de dificuldades que aquele público poderia acabar inferindo a outros personagens. É verdadeiro apontar que um público específico foi e continua sendo excluído das possibilidades torcedoras nos estádios de futebol. Por outro lado, não podemos esquecer que determinada sociabilidade, como a existente nos antigos estádios, também inibia algumas participações que, eventualmente, poderão estar contempladas a partir dessa nova arquitetura. Certamente, é lamentável que, novamente, as parcelas da população com menores capacidades econômicas tenham limitada sua participação em um espaço tão significativo do lazer popular no Brasil. Porém, alguns investimentos que aparecem nesses estádios, como uma maior quantidade de banheiros, inclusive femininos, e certo aparato de segurança acabam permitindo que pessoas que não apareciam nos antigos estádios tenham um maior conforto contemporaneamente. Infelizmente, esse corte acaba sendo eminentemente econômico.

Alguns conceitos são bastante disputados quando pensamos na elitização das praças esportivas. O conceito das arenas como teatros é um deles. Para alguns, a beleza, o conforto e certa ‘elegância’ que fazem o estádio parecer um teatro seria algo positivo. Por outro lado, o comportamento do público de teatro, considerado de elite e mais polido ou recatado, não estaria adequado para o histórico espaço de lazer popular dos estádios. Em algumas manifestações, esses públicos das antigas praças e o dos novos estádios foram colocados em polos opostos, como se se constituíssem em dois sujeitos essenciais, fixos e antagônicos: os torcedores *versus* os consumidores. Essa diferenciação apresentava um importante equívoco ao apontar que quem consome não torce e, o que é provavelmente ainda mais equivocado, de que quem torce não consome.

Os torcedores conseguiam perceber esse processo de elitização na Arena em relação ao Olímpico. Não ficava bastante evidente, porém, qual era esse público do Olímpico que estava sendo excluído do estádio. Por vezes, os torcedores de baixos recursos econômicos que auxiliaram na reforma do estádio Olímpico no final da década de 1970 eram apontados. Em outras oportunidades, eram os torcedores mais pobres e representados como mais apaixonados. Outra alteração de público percebida pelos torcedores poderia estar mais bem associada ao entendimento de ‘familiarização’. Mais do que uma massa de torcedores, os sujeitos entendiam que as famílias estavam ocupando o estádio. A família esteve muito associada às mulheres, às crianças e aos homens mais velhos. O maior conforto e as maiores possibilidades de escolhas de consumo para eleger um lugar no estádio acabavam facilitando a presença desses

agentes agrupados no conceito de família. Essa família, nas falas dos torcedores, foi posta como oposição ao antigo frequentador, o torcedor que sem ser nomeado pode ser entendido como um homem jovem ou jovem adulto que estaria associado a uma estética vinculada ao popular, mais bem lida como uma estética com menores preocupações vinculadas a polidez.

A coletividade é outro ingrediente importante da socialização torcedora, ou, ao menos, era assim entendido nos antigos estádios. Acerca das sanções aplicadas ao clube após os episódios de injúria racial na Arena do Grêmio, alguns torcedores reclamaram que os indivíduos que se manifestaram de forma injuriosa deveriam ser responsabilizados, mas não o clube, pois essa punição seria injusta com a coletividade de torcedores. A tecnologia da Arena do Grêmio permite individualizar as ações dos torcedores por seus mecanismos de controle, o que poderia autorizar que o coletivo de torcedores fosse desfeito a qualquer momento. Ao mesmo tempo, esse coletivo é solicitado para tentar acomodar um certo ‘nós’ gremistas, para reivindicarmos sermos vítimas de uma punição exagerada ou inadequada. A própria relação dos indivíduos torcedores com seus telefones e câmeras, que os mantêm conectados com aqueles que estão distantes do estádio, poderia diminuir tanto a possibilidade de associação à coletividade dos demais presentes no estádio, como acabar exigindo que sua postura fosse avaliada por seus relacionamentos extra estádio de futebol, mesmo durante o tempo do jogo.

A relação entre o indivíduo torcedor e esse ‘ente coletivo’ que chamamos de torcida também é outra chave explicativa para um número importante de atitudes. Os torcedores conseguem diferenciar-se desse coletivo, ao mesmo tempo em que se entendem participantes dessa mesma coletividade. Algumas discussões poderiam ser defendidas individualmente, como exemplo uma manifestação que positivasse a presença de sexualidades não heteronormativas no estádio. Ao mesmo tempo, porém, esses mesmos indivíduos entendiam que ‘a torcida’ não aceitaria manifestações como essas. A torcida, em algumas circunstâncias, não poderia ser responsabilizada por ações realizadas por individualidades torcedoras, ao mesmo tempo em que as individualidades torcedoras não poderiam ser adequadamente avaliadas em suas ações sem levar o contexto da torcida em consideração.

A diferenciação entre certo ‘eu’, torcedor, e ‘ela’, torcida, acabaria marcando boa parte dos entendimentos sobre liberdade e responsabilidade do que é dito dentro do estádio. Os torcedores afirmavam que boa parte das manifestações dentro do estádio

aconteciam nas “pilhas ou no calor da torcida”. Essas afirmações apontavam que o indivíduo torcedor não teria domínio sobre aquilo que manifestava. Ao mesmo tempo, quando clube ou torcida fossem apontados como responsáveis por uma fala dita nesse contexto, imediatamente seria realizado um processo inverso. Nesse caso, esse indivíduo, que não seria autônomo para a construção de sua manifestação, precisaria ser responsabilizado individualmente, mesmo que essa individualidade só tivesse realizado tal manifestação por estar em meio ao coletivo de torcedores.

7.2 Reificações, aproximações, rompimentos e resistências com um currículo de masculinidade encontrado nos antigos estádios

Em 2009, indiquei alguns conteúdos que consegui visualizar por meio de minha observação participante nos antigos estádios Olímpico e Beira-Rio (antes da reforma para a Copa do Mundo de 2014). Esse trânsito realizado pelos torcedores, a elitização da Arena em relação ao Olímpico, e a forte tensão entre o indivíduo, torcedor, com a coletividade, torcida, também foi acompanhada por uma série de atravessamentos do circuito da cultura nas práticas vividas em um estádio de futebol.

A expectativa de que aos atletas era necessário algo mais do que sua qualidade técnica para obterem sucesso nos clubes de Porto Alegre não chegou a ser colocada em questão. Foi possível verificar um reforço dado por diferentes treinadores para que seus atletas não atuassem como “meninas, menininhas ou moças”. Mesmo sem apontar o que se esperava que eles, profissionais, fizessem, era bastante evidente a marcação sobre o que eles não deveriam fazer. Foi possível ler manifestações como essas em diferentes espaços geográficos, o que permitiria apostar que esse conteúdo está presente em uma discursividade global sobre o futebol.

Se espera, também, que os jogadores sejam capazes de aguentar os insultos proferidos pelos torcedores. O goleiro Aranha foi criticado por dirigentes e torcedores que acreditaram que ele não foi suficientemente corajoso (ou masculino) para suportar as provocações vindas das arquibancadas. Além da relação de enfrentamento que poderia ser percebida como certa disputa legitimada entre um jogador que prendia a bola para ganhar tempo e torcedores que o insultavam, inclusive racialmente, ficou bastante marcado, também, que quem paga o espetáculo teria alguns direitos sobre esses que são pagos para jogar.

A partir do lugar normativo que as torcidas organizadas ou de alento ocupam sobre o torcer nos estádios, se exigira dos torcedores uma maior capacidade de entrega e fidelidade ao clube, à equipe ou à própria torcida. Com a interdição do termo ‘macaco’ e sua derivação ‘macacada’ para realizar as históricas referências à torcida do Internacional, os torcedores do Grêmio se viram obrigados a cantarem mais em favor do clube e de sua fidelidade. Ser fiel e incentivar a equipe era a exigência dada a todos aqueles que quisessem frequentar as cadeiras da Arena. Cumprindo adequadamente essa tarefa, associada ao gremismo, nenhum marcador identitário poderia dificultar a estada no estádio.

Nos antigos estádios, observava as insistentes provocações, ameaças e injúrias como compondo ações de violência simbólica ou verbal. Apontei, inclusive, que ela parecia ser a forma de relacionamento preferencial dos torcedores com os diferentes atores nos estádios de futebol. O diálogo com os torcedores me permitiu verificar de que maneira a naturalização dessas práticas acabaria por tentar retirar das mesmas a violência como uma forma de descrevê-las.

Os torcedores pedem que suas práticas nos estádios durante os dias das partidas sejam entendidas como ações excepcionais, que não seguiriam as mesmas lógicas do cotidiano. Em alguma medida, o que se pratica no estádio ficaria no estádio e atenderia a códigos específicos dessa forma particular de socialização. O palavrão aparece como moeda de uso constante. Ele serve para reclamar de todos aqueles que praticarem atitudes que atrapalhem ‘nossa’ equipe, inclusive os ‘nossos’ jogadores, mas ele também serve para a construção de referências e de diálogos com os ‘chegados’.

Nesse contexto, o que chamei de violência ao observar os torcedores apenas enquanto coletivo, foi chamado por eles de brincadeiras ou de piadas. Me permito inferir que esse deslocamento para manifestações idênticas não altera significativamente a presença dos conteúdos depreciativos relacionados a determinadas identidades, especialmente às não heterossexuais. Se gritos como ‘bicha’ ou ‘veado’ não são ofensas, e sim piadas, se ensina nesse currículo de masculinidades que rir de usos corporais que fujam da heteronormatividade é aceitável.

Os torcedores pedem para si, enquanto estão no estádio de futebol, certa autorização para o uso de uma estética mais bem associada ao popular ou ao grotesco. Acredito que essa estética seja mais bem lida como afastada de normas de polidez do que praticada por sujeitos que poderiam ser identificados como populares. Talvez, a principal alteridade dessa estética esteja associada ao politicamente correto, muito

reclamado pelos torcedores como uma demanda externa para as práticas realizadas nas praças esportivas.

No Olímpico e no Beira-Rio, consegui visualizar como a extrapolação das emoções aparecia reiteradas vezes ao se pensar nas vivências que acontecem nos estádios de futebol. Essas emoções em excesso, também, poderiam justificar certa alteração da percepção existente no cotidiano. Alguns torcedores na Arena pediam o direito de extravasar nos estádios de futebol. Nesse contexto, os homens se permitem demonstrações de afetos que são menos autorizadas em outros espaços, especialmente marcados pela heteronormatividade de nossa cultura. Há certo reconhecimento de que algumas ações interditas em outras esferas são autorizadas nesse contexto de ludicidade e emoções. Entretanto, também é bastante evidente que essa autorização não significaria uma liberação dos limites normativos, mas um trânsito entre limites diferentes. Com isso, seria possível, inclusive, visualizar o que os torcedores se permitiriam extravasar nesse ambiente.

Essa presença de afetos e carinhos entre homens, bastante mais restritas em outras socializações, poderia ser entendida, em um primeiro momento, como certa resistência às práticas heteronormativas e heterossexistas em outros espaços de socialização. Entretanto, o amor e os afetos também permitiam a construção de hierarquias na relação entre a ‘nossa torcida’ e a ‘torcida deles’. Mesmo que representações de amor romântico não fossem muito vinculadas a masculinidades como as que vemos representadas nos estádios, nossa maior capacidade de sermos fiéis ao nosso clube e amá-lo mais do que o rival também nos fazia mais corajosos e masculinos.

Dos torcedores em pequenos grupos, consegui visualizar uma exigência que não dialoga de forma muito aproximada a essas discursividades da fidelidade e do amor incondicional. Os torcedores exigiam do time alguns atributos e, especialmente, êxitos esportivos para justificarem uma reação maior dos torcedores. Uma equipe competente produziria uma maior associação dos torcedores com seus jogadores. O afeto, aqui, exigiria muito mais reciprocidade do que o apoio incondicional tantas vezes cantado pela *Geral do Grêmio* e presente de maneira normativa nas discursividades sobre o torcer.

Ao finalizar minha dissertação de mestrado, localizei duas representações de masculinidades mais fortemente marcadas nos estádios de futebol: a ‘nossa’ e a ‘deles’. A interdição a um termo específico fez com que a torcida do Grêmio não conseguisse

utilizar a mesma lógica predominante até então, uma vez que não encontrou termos para substituírem o ‘macaco’ ou a ‘macacada’ em suas canções. Essas restrições ficaram mais evidentes nos momentos em que alguma punição esportiva poderia recair sobre o clube. Em amistosos, após os jogos ou na esplanada, talvez entendida como ‘fora’ do estádio, boa parte dos cânticos permaneceram inalterados. Eles foram entoados em momentos de derrotas ou de grandes vitórias.

Se não apareceram de forma tão evidente essas duas masculinidades opostas, foi possível visualizar como essa relação entre ‘nós’ e ‘eles’ é constitutiva e acaba por servir como certo limite ou potência. A rivalidade, por um lado, acaba autorizando o uso da alcunha ‘macaco’ que, segundo entendimento dos gremistas, teria perdido seu traço histórico associado ao racismo para passar a ser adotado como sinônimo de colorado. Essa mesma autorização funcionaria como limite cognitivo ao negar a existência de outros entendimentos sobre o termo. A participação dos colorados nas trocas jocosas parecia justificar a manutenção dos diálogos via ofensas ou injúrias. A adoção dos rivais de positivação ao termo, um tanto comum em experiências que tentam enfraquecer o preconceito sofrido através de sua positivação, era uma justificativa para que os gremistas pudessem seguir usando o mesmo vocabulário.

Em relação a sexualidades não heteronormativas e à experiência da Coligay, a rivalidade voltava a aparecer de forma constitutiva. A Coligay poderia ser positiva se colocasse a representação de nossa torcida mais associada ao respeito às diferenças, ou mais bem encaixada no vocabulário politicamente correto. Ao mesmo tempo, o conteúdo das sexualidades não normativas ainda seria um elemento que poderia nos fazer ‘perder’ essa disputa por masculinidade com o rival, que, nesse contexto, seria nosso limite constitutivo.

7.3 Um enfrentamento entre nós, torcedores de futebol, e eles, os de fora

O tempo do jogo foi solicitado em diferentes oportunidades para justificar que o que se passa no estádio de futebol seria restrito aquela socialização bastante pontual, que envolveria os processos de chegada ao estádio e se dissiparia quando da saída deste ambiente. Me parece que essa não seria a principal questão a ser colocada. É bastante verificável que os conteúdos utilizados para ‘brincar’ ou mesmo para ‘ofender’ no período excepcional das partidas é buscado no conjunto mais amplo da sociedade. É possível realizar essa visualização não somente por observar que esses ‘alvos’ do

estádio também são mirados em outros contextos, mas, também, porque em estádios diferentes se cantam, se xingam ou se brincam com conteúdos diferentes. Mesmo sendo tão somente uma brincadeira, essas práticas acabam constituindo o currículo de masculinidades e de torcedores no estádio, e acabam ensinando que é adequado rir de algumas identidades específicas.

Os torcedores reconhecem que os ditos nos estádios podem ser recebidos por um público que não estaria acostumado com essa socialização de maneira distinta da forma como é acolhida nesse ambiente. Aqui, existe uma disputa por significados em que ora os torcedores parecem não estar muito preocupados em explicar essas significações, deixando-as subordinadas a uma estética do estádio que eles pretendem mais específica, ora procuram argumentar que os termos que ali aparecem não possuem o mesmo significado que em outros contextos culturais.

O estádio de futebol que, historicamente, se constituiu como um contexto privilegiado para construções de masculinidades, também apresenta outras socializações e conteúdos para o torcedor que é subjetivado pelo dispositivo pedagógico dos estádios de futebol. Um deles seriam as supostas piadas e brincadeiras. Por se tratarem de piadas ou brincadeiras, o insulto e a injúria seriam autorizados. Se pensarmos, porém, que um conteúdo bastante relevante para a construção das masculinidades em contextos heteronormativos seria, justamente, a homofobia, seria possível entender essas piadas ou brincadeiras como algo inocente e não marcando de forma significativa esse currículo de masculinidade?

Ao pedirem essa ética e estética próprias ao estádio e ao pertencimento ao coletivo da torcida, os torcedores borrariam novamente essa percepção entre a individualidade e a coletividade. Estar na torcida seria o que autorizaria práticas que o sujeito em suas outras sociabilidades não repetiria. Esse sujeito poderia, inclusive, se somar a reclamações de práticas similares em outros contextos. O sujeito torcedor que solicita autorização para o insulto durante sua sociabilidade no estádio poderia somar-se aqueles que reclamariam esse mesmo insulto em outro contexto.

Em diferentes oportunidades esse outro ou ‘de fora’ foi nomeado como politicamente correto. Os torcedores entendem que essa suposta ética do politicamente correto estaria espalhada no circuito mais amplo da cultura ocupando certa normativa sobre o discurso público. Essa reclamação não tem aparecido apenas pelos torcedores. Fora do estádio, diferentes sujeitos, mais associados a certo conservadorismo dos costumes, reclamam da impossibilidade de repetirem condutas autorizadas

historicamente com temas que hoje solicitam reconhecimento de que algumas práticas sejam consideradas injuriosas, dentre outras, racistas, machistas e homofóbicas.

Há um entendimento de que essa demanda politicamente correta teria entrado nos estádios de futebol. Eventualmente, a modernização das praças esportivas e o recebimento da Copa do Mundo de 2014, que lançaram diferentes luzes para as práticas torcedoras no Brasil, podem ter facilitado a entrada de tal discurso politicamente correto nos estádios. Na realidade, diferentes demandas colocadas no circuito mais amplo da cultura parecem ter sensibilizado diferentes agentes, incluindo clubes e federações para problematizar essa lógica considerada, até então, como mais fechada, ou específica dos estádios de futebol.

Ao mesmo tempo em que reclamavam que o politicamente correto poderia limitar algumas ações praticadas no estádio, os torcedores reconheciam que a interdição ao termo ‘macaco’ na torcida do Grêmio poderia melhorar a imagem do clube e da torcida, que seguiria vinculada ao racismo. Mesmo negando que clube ou torcida sejam, ou fossem, racistas, os torcedores conseguiam visualizar que a torcida possuía essa representação bastante associada a suas práticas.

O politicamente correto acabava sendo acionado de forma positiva ao se pensar nesse retorno da Coligay para a historiografia oficial do clube. Alguns torcedores falavam em boa estratégia de marketing, enquanto outros lembravam que a presença da Coligay poderia diminuir a marcação da torcida do Grêmio como vinculada ao preconceito racial. A entrada do politicamente correto poderia ser rechaçada em um primeiro momento, no qual as masculinidades pouco polidas dos estádios de futebol não reconheceriam nessas demandas algo legítimo ou positivo. Em um segundo momento, porém, poderíamos disputar, também, a alcunha de mais politicamente correto se conseguíssemos apontar para uma prática mais plural em nossa torcida seja ela vinculada à gênero, sexualidade, raça/etnia, classe social, geração...

7.4 Como o ‘caso Aranha’ e certo retorno da Coligay atravessaram o currículo de masculinidade dos torcedores do Grêmio

O ‘caso Aranha’ atravessou de maneira bastante importante as sociabilidades torcedoras desses primeiros anos de uso do novo estádio gremista. Além do episódio em que o, então, goleiro do Santos foi chamado de macaco por um pequeno grupo de torcedores do Grêmio, fazendo com que o clube fosse punido de forma exemplar, a

histórica maneira com que os gremistas se referiam aos rivais colorados, através dos termos ‘macaco’ e ‘macacada’ foi colocada em questão.

Os torcedores reclamaram, em diferentes ocasiões, de que o ‘caso Aranha’ teria produzido uma espécie de generalização, como se toda a torcida do Grêmio fosse racista. Eles apontaram que a ação de injúria racial foi praticada por alguns sujeitos individualmente. Essa ação individualizada não poderia responsabilizar a torcida enquanto coletivo e, ainda menos, o clube, que não teria capacidade de policiar a ação de cada indivíduo que integra seu coletivo de torcedores. Se entendermos que as práticas nos estádios de futebol não são naturais, mas que exigem uma série de investimentos pedagógicos, essa individualização das ações praticadas parece fazer menos sentido. As ações realizadas no estádio são avaliadas incluindo adesões, críticas e, eventualmente, o uso de violência física contra aqueles que realizam uma ação que não estaria de acordo com aquele espaço. Após o goleiro Aranha ser chamado de macaco, os torcedores envolvidos na injúria não sofreram nenhuma reprimenda dos demais torcedores.

A torcedora Patrícia Moreira, que acabou personificada como a pessoa que insultou o jogador, recebeu certa condescendência dos torcedores. Além de entenderem que ela sofreu violências importantes, como ter pedras arremessadas contra a sua casa e ter sido obrigada a mudar de emprego e de visual, alguns torcedores culpavam o goleiro Aranha e sua demora em colocar a bola em jogo, a popular ‘cera’, para justificarem as ofensas. Mais do que isso, os torcedores afirmaram que o contexto do enfrentamento, do estádio e da própria torcida teriam incitado que Patrícia realizasse aquela manifestação específica. Nesse caso, é possível colocar em questão de que maneira a torcida não poderia ser responsabilizada por uma atitude individual que, segundo os próprios torcedores, só foi praticada por estar dentro do contexto da torcida?

Nos diálogos, os torcedores também indicavam que seria um equívoco apontar a torcida enquanto coletivo, tal qual o clube, enquanto instituição, como racista. Essa coletividade sem rosto e essa instituição que acaba não sendo personificada não poderiam receber adjetivos mais bem atribuídos a um indivíduo ou a uma pessoa, segundo os torcedores. A presença de jogadores negros, do treinador Roger, no período em que realizei minhas idas a campo, e de outros indivíduos negros, protagonistas da história do Grêmio, foi utilizada para explicitar a inexistência de racismo no clube.

A recorrência de injúrias e de episódios racistas nos estádios de futebol também foram utilizados para justificar que o clube foi alvo de uma injustiça ao ser punido pelos

gritos dirigidos ao goleiro Aranha. Por um lado, a naturalização das ofensas faria com que seu caráter ofensivo pudesse ser perdido. A reincidência de episódios de injúrias verbais também produz outra rasura nos entendimentos dos torcedores. Mesmo aqueles que entendem que a punição aplicada ao clube foi adequada, passam a duvidar de sua justiça ao recordarem a incidência de casos idênticos que não sofreram as mesmas sanções.

Mesmo questionando as interdições, os torcedores afirmaram, em diferentes oportunidades, que o ‘caso Aranha’ acabou diminuindo a incidência de cânticos racistas na Arena do Grêmio. Aqui, acaba ocorrendo uma ação que poderia ser lida como contraditória, mas que, talvez, seja mais bem entendida como complementar. O sujeito torcedor está sendo interpelado por duas discursividades ou dois currículos distintos ao mesmo tempo, o que poderia produzir essa contradição ou complementaridade. Os torcedores afirmam que os cânticos com os termos ‘macaco’ e ‘macacada’ não são racistas, mas quando esses cânticos são interditados passaria a existir uma incidência menor de atitudes racistas no estádio.

Novamente, o politicamente correto apareceu como responsável para que o ocorrido com o goleiro Aranha pudesse ser lido dentro da perspectiva do racismo. Alguns torcedores entendiam que o racismo não era um problema do futebol. Nessa leitura, o futebol e os eventos que acontecem no estádio fariam certo ‘espelhamento’ do que aconteceria na cultura mais ampla. Esse entendimento acabaria afirmando que seria necessário ‘resolver’ o racismo no conjunto mais amplo da cultura para que, então, o racismo pudesse ser ‘resolvido’ nos estádios de futebol. Também foi possível escutar o relato de alguns torcedores que disseram terem gostado da interdição dos termos ‘macaco’ e ‘macacada’. Isso mostra como as manifestações historicamente realizadas no estádio acabam apagando o contexto de disputa por significados nas quais estão inseridas.

Outros torcedores ainda entenderam que a punição ao Grêmio foi adequada pela gravidade do episódio, e que somente com isso o clube passou a questionar práticas históricas de sua torcida. No jogo seguinte, após a injúria racial sofrida pelo goleiro Aranha, a direção do Grêmio interditou os históricos cânticos de sua torcida que faziam referência ao rival como ‘macaco’ ou ‘macacada’. A direção, à época, entendeu que aquelas manifestações estariam regidas pela ótica da injúria racial. Esses cânticos já eram frequentes na Arena e, ainda antes, no Olímpico. O que até então esteve

autorizado sob a égide do tempo específico do jogo, ou da estada no estádio ou na torcida, teve sua legitimidade colocada em questão.

Os torcedores do Grêmio sabiam que o termo ‘macaco’ carregava traços racistas, mas faziam a justificativa de seu uso através da rivalidade. Alguns torcedores procuravam alterar a ideia do significado original do termo, alegando que o mesmo seria utilizado em função dos torcedores do Internacional imitarem as ações dos torcedores do Grêmio. Outros questionavam o mito de origem do rival, de que teria aceitado atletas negros antes do Grêmio. Esse questionamento ocorria pelas presenças ocasionais de jogadores no Grêmio que não corresponderiam ao fenótipo de pessoas brancas anteriormente à aceitação de atletas negros no Internacional. O exercício mais recorrente, entretanto, era afirmar que o racismo, muitas vezes reconhecido no episódio Aranha, havia se perdido com o tempo dentro do enfrentamento, do humor e das provocações que caracterizariam as relações entre os torcedores da dupla Gre-Nal.

Como torcedor do Grêmio alfabetizado no estádio Olímpico, aprendi que o termo ‘macaco’ era utilizado como sinônimo de colorado. Algumas das justificativas apontadas pelos torcedores também foram utilizadas por mim em diálogos com torcedores rivais. A negação do racismo pelo clube e por seus torcedores era o que assegurava meu argumento. Os torcedores gremistas acabavam colocados em um local de dificuldade, uma vez que a rivalidade parecia exigir a provocação. Assumir a relevância do traço racista nos termos ‘macaco’ e ‘macacada’ nos obrigaria a admitir que sim, fomos (e, muitas vezes, somos) racistas, ou ao menos cometemos injúria racial. Talvez, nem todos estejamos dispostos a fazer essa admissão, e não apenas por falta de sensibilidade a novas demandas colocadas para os torcedores de estádio, mas, também, porque estamos atravessados por outros currículos que produzem nossas subjetividades e que tomam o discurso racista como algo abjeto e proibido, criando certa contradição da ordem do irresolúvel.

Os torcedores gremistas sabem dos problemas que os termos historicamente utilizados para fazer a referência aos torcedores do Internacional carregam, entretanto, a normatividade do currículo do torcedor exige que todos os falem. Mesmo reconhecendo essa dificuldade, os termos ‘macaco’ e ‘macacada’ para ofender os colorados constituem, de maneira muito significativa, os torcedores do Grêmio. O silêncio em relação à torcida do Internacional, mesmo que um sem número de termos pudesse substituir o interdito dentro das canções, mostram o grau de dificuldade de mudança em um traço tão forte da cultura e que ocupa papel tão constitutivo no caso dos

gremistas. Outra questão que se coloca nessa relação é de que forma poder provocar os adversários com piadas ou deboches sem utilizar algum marcador identitário ofensivo ou injurioso. Os torcedores parecem ter dúvidas sobre essa possibilidade – ao mesmo tempo que parecem não ter muito interesse – de participarem das trocas jocosas de forma politicamente correta.

A publicação de um livro sobre a Coligay, ainda em 2013, me chamou a atenção por diferentes motivos. Um deles foi minha ignorância em relação à torcida sendo gremista e investigador de práticas torcedoras no Grêmio e, também, um pesquisador dos estudos de gênero. Outro, ainda, foi o entendimento de que a publicação somente poderia aparecer nesse momento em que as ações dos torcedores dos estádios de futebol estavam sendo colocadas em questão. Me pareceu, também, que a elitização de público e certo deslocamento ético, estético e moral dos estádios é o que daria condição de possibilidades para essa publicação.

Lendo o livro do jornalista gremista, Léo Gerchmann, percebi uma positivação muito grande da torcida. Sua forma de apoio constante, autofinanciamento e o não envolvimento em brigas poderia ser mais uma forma de pedagogia do torcer, mais uma normativa entre as tantas que apareceram no período pré-Copa do Mundo no Brasil. A positivação da torcida também me causou surpresa, especialmente pelo esforço histórico do clube e dos demais torcedores em apagarem a existência da Coligay das memórias vinculadas ao Grêmio. A Coligay era um tema tão difícil na torcida do Grêmio que durante os primeiros seis meses no campo, antes da inauguração do Memorial Hermínio Bittencourt, na Arena do Grêmio, colocar a Coligay nos diálogos era algo incômodo. Tinha receio de ser entendido como um torcedor rival ‘infiltrado’.

Alguns torcedores positivaram a presença da Coligay, tal qual o jornalista gremista Léo Gerchmann. Para alguns, essa experiência era uma grande demonstração de coragem. Um torcedor chegou a sugerir que era necessária uma maior coragem para aparecer com as fantasias da Coligay do que com uma camiseta do Internacional no meio da torcida do Grêmio. Para alguns, ainda, a Coligay poderia melhorar a imagem do clube e da torcida, ao apresentar uma experiência de pluralidade no estádio. A retomada histórica da Coligay poderia ser uma forma de a torcida do Grêmio atuar de maneira politicamente correta.

A maioria dos torcedores, entretanto, tinham uma forma distinta de compreensão ou de relacionamento com a Coligay. Alguns lembraram que ela era motivo de chacota para os rivais e estaria sempre presente na rivalidade. Um torcedor afirmou que a maioria dos torcedores não gostam dessa experiência na torcida do Grêmio e preferiam que ela não tivesse existido no clube. Algumas formas de relacionamento com a torcida mostram, também, como o conhecimento sobre esse conteúdo de masculinidade aparece para os sujeitos torcedores. Alguns afirmaram que a torcida foi pequena e desimportante, outros diziam que ela aparecia como acusação. O desconhecimento, ou o conhecimento através das piadas, brincadeiras ou provocações, circunscrevem de forma precisa o lugar que a sexualidade não normativa ainda ocupa no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol.

Durante a abordagem aos sujeitos, realizei dois exercícios para tentar me aproximar de como os torcedores entendiam essa presença de uma torcida homossexual na torcida do Grêmio. No primeiro deles, questionei se os torcedores acreditavam ser possível a presença de uma torcida homossexual no Grêmio ou, mesmo, em outro clube do futebol brasileiro. Enquanto alguns torcedores mais sensibilizados às pautas de diferentes minorias apontavam que seria uma questão de tempo e que ocorreria naturalmente – o que também aponta como esse tempo, que nunca é facilmente mensurado, pode nos desobrigar a realizar qualquer outro tipo de ação afirmativa –, outros marcavam que essa existência seria desnecessária ou equivocada. Segundo esse raciocínio, a torcida deveria unir e não separar. No caso da torcida do Grêmio, o único ingrediente que deveria ser levado em consideração seria o gremismo. Incentivando a equipe e colaborando com o clube, os torcedores homossexuais estariam autorizados a torcer ‘conosco’, mas sem a necessidade de uma torcida homossexual. Esse gremismo era lido nessa chave de inteligibilidade como não possuindo marcadores de masculinidade. Em alguma medida, o currículo de masculinidade dos torcedores de estádio foi bastante competente ao participar da construção de sujeitos generificados que não percebiam os diferentes processos pedagógicos pelos quais tiveram que percorrer para se constituírem enquanto torcedores.

No segundo exercício, tomava a presença dos negros na história do Internacional como mito de origem. O clube, que teve uma excelente capacidade de produção de sua vinculação ao popular e, também, aos negros a partir das décadas de 1930 e de 1940, acaba sendo lido como um clube em que a presença negra aparece desde sua origem. Questionei se essa retomada da Coligay, que passou a frequentar o museu do Grêmio,

autorizaria o clube a fazer uma ação semelhante em relação às diversidades sexuais. Alguns torcedores apontaram que seria uma estratégia de marketing positiva para tirar um pouco das marcas de torcida preconceituosa que acompanha algumas das representações sobre torcedores do Grêmio. Outros, afirmaram que essa seria uma ação desnecessária, por entenderem que os homossexuais são mais bem aceitos contemporaneamente do que eram no período da Coligay. Isso faria com que não existisse a necessidade em valorizar algo que deveria ser aceito pela totalidade da sociedade. Por fim, alguns disseram que essa não seria uma marca do que se orgulhar. O raciocínio apontava que não existiria orgulho em ser o primeiro clube a ter uma torcida homossexual, naturalizando o lugar das masculinidades que não correspondem à norma heterossexual tão valorizada no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio.

Esta tese iniciou ainda antes de minha entrada no curso de doutoramento, com uma aposta um tanto simplória e seguindo uma lógica um tanto dura de causa e efeito. Comprei, com certa facilidade, a narrativa de que os novos estádios exigiriam novas condutas dos torcedores. Em relação às masculinidades, acreditava que a exclusão dos torcedores de menor poder aquisitivo, e sua substituição por sujeitos mais abastados, produziria uma masculinidade distinta, tomando o atravessamento de classe como definitivo para a construção do gênero.

Essas mudanças não aconteceram de forma tão imediata ou direta. É possível ver que um currículo de masculinidade que localizei nos antigos estádios, no final da última década, foi atravessado por diferentes conteúdos que incluíram a elitização do público e a arquitetura dos novos estádios. Além desses, existiu a entrada de conteúdos que já circulavam no circuito mais amplo da cultura, mas que os estádios de futebol ainda se negavam a colocar em questão, por esse lugar ter sido apropriado como um local de reserva masculina heterossexual e heterossexista.

A elitização e a arquitetura do estádio, somados a outras tecnologias, permitam que o sujeito no meio da multidão seja mais facilmente individualizado. Isso acaba fazendo com que esse indivíduo tenha maiores dificuldades na transição entre o sujeito atravessado por diferentes currículos de subjetividade para o sujeito torcedor. Essa dificuldade para o sujeito torcedor, que precisaria responder afirmativamente à lógica de socialização do estádio, faz com que a ideia de coletividade seja um tanto borrada. Com

isso, os compromissos éticos, políticos, estéticos e morais de fora do estádio não poderão ser deslocados mediante a interpelação do currículo do torcedor de estádio de futebol, ao menos não da forma como eram feitos anteriormente. Os próprios sujeitos acabam agrupando-se em pequenos grupos de torcedores que se pautam mais por visões de mundo externas à relação com o clube e com o estádio do que subordinados ao clubismo ou à torcida enquanto coletivo.

Os episódios como o ‘caso Aranha’ e certo retorno do Coligay, que procura sair do ostracismo em que ocupava na historiografia do Grêmio, acabaram exigindo algumas medidas do clube, que passou a conceber ações naturalizadas no estádio Olímpico e na Arena como episódios racistas, além de já ter realizado algumas tímidas ações em favor da diversidade sexual. O currículo de masculinidade dos torcedores de estádio está definitivamente colocado em questão. As práticas dos torcedores não conseguem mais solicitar a lógica uma ação exclusiva do estádio e que somente poderia ser avaliada por esses mesmos códigos do estádio.

A luta política por uma sociabilidade torcedora mais ampla e plural é multidirecional. Parece necessário seguir denunciando e enfrentando o processo de higienização presente nos atuais estádios brasileiros. Parece, porém, que algumas discursividades mais sensíveis a diferentes pautas dos direitos humanos e progressistas começam a ser reconhecidas como merecedoras de espaço nos contemporâneos estádios brasileiros.

A vantagem de ser um pesquisador/torcedor é que continuarei a frequentar o estádio. Como sempre, a pesquisa termina muito mais pelo prazo a que ela está subordinada do que pela possibilidade de se esgotar um determinado assunto. Ainda é muito cedo para saber o que acontecerá com esse currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol na Arena do Grêmio a partir dessa desnaturalização das práticas existentes. O que parece certo é que episódios como o ‘caso Aranha’ e o reaparecimento da Coligay colocaram a bola no centro do campo. Agora, mais do que antes, há um jogo a ser jogado sobre as construções das masculinidades torcedoras nos estádios de futebol.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; DANTAS, Marina de Mattos; ALMEIDA JÚNIOR, Plínio de; GOMES, Luiz Gustavo Braga; SILVA, Tiago Felipe da. Percepções e manifestações do torcedor mineiro sobre o “novo Mineirão”. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Elsevier Editora: Florianópolis, v. 36, n. 2, suplemento, abr./jun. 2014, p. S742 – S757.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; PAOLI, Próspero Brum; SOARES, Antonio Jorge. Identidades “raciais” e identidades “nacionais”: as representações do corpo negro na construção do “estilo brasileiro de jogar futebol. In: *Movimento*. Porto Alegre, v. 17, n. 2, abr./jun., 2011, p. 195-210.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. In: *Movimento*. Porto Alegre, v. 17, n. 4, out./dez., 2011, p. 265-280.

AGOSTINO, Gilberto. Populistas, ditadores e guerrilheiros. In: _____. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 139-197.

ALABARCES, Pablo. *Héroes, machos y patriotas: el fútbol entre la violencia y los medios*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2014.

ALABARCES, Pablo. Estudios sobre deporte: por qué vale la pena este libro. In: BRANZ, Juan; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, Verónica (Comp.). *Deporte y ciencias sociales: claves para pensar las sociedades contemporáneas*. La Plata: EDULP, 2013, p. 15-34.

ALABARCES, Pablo. *Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

ALABARCES, Pablo. Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil a través del fútbol. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p. 147-164.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo, 2002.

ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v. 14, n. 30, 2008, p. 113-136.

ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. Futebol no banco dos reus: o caso da homofobia. In: *Movimento*. Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan./mar., 2012, p. 301-321.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

AMARAL, Rita. Festa como objeto e como conceito. In: _____. *Festa à brasileira – sentidos de festejar no país que não é sério*. Tese de doutorado, São Paulo, PPGAS/USP, (e-book), 2001.

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 173-194.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. “Vôlei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. In: *Movimento*, v. 21, n. 1, jan./mar., 2015, p. 11-24.

ARÁN, Márcia; PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, jun. 2007, p. 129-147.

ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski. A circulação de alimentos e de relações entre brasileiros em Boston e no Brasil. In: RIAL, Carmen, SILVA, Sandra Rubia da; SOUZA, Angela Maria de (Orgs.). *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012, p. 75-90.

BAKHTIN, Mikhail Mikhalovitch. Apresentação do problema In: BAKHTIN, Mikhail Mikhalovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 1-50.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Homofobia, masculinidade e esporte: o caso Michael. In: *Fazendo Gênero 10: desafios atuais dos feminismos: anais eletrônicos*, 2013. p. 1-10.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Amor e masculinidade nos estádios de futebol. In: *Esporte e Sociedade*. Ano 7, n. 19, mar. 2012, p. 1-26.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. “*Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração*”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; BECK, Matheus Passos. As novas arenas e as emoções dos torcedores dos velhos estádios. In: *Esporte e Sociedade*. Ano 9, n. 23, mar. 2014, p. 1-12.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; HIJÓS, Maria Nemesia. Significado das emoções no futebol brasileiro e argentino: um diálogo em contextos etnográficos distinto. In: *Fulia/UFMG*, v. 1, n. 2, abr. 2017, p. 80-102.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. In: *Movimento*. Porto Alegre, v. 22, n. 3, jul./set., 2016, p. 985-998.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. O caso Aranha entre o legítimo e o ilegítimo de ser cantado nos estádios de futebol. In: *Esporte e Sociedade*. Ano 10, n. 26, set. 2015, p. 1-23.

BARBOSA, Livia. Apresentação. In: RIAL, Carmen, SILVA, Sandra Rubia da; SOUZA, Angela Maria de (Orgs.). *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012, p. 7-8.

BARROS, Carla Fernanda Pereira. Sociabilidade juvenil, classificações e “gostos” culturais: um estudo no universo de games e redes sociais em lan houses populares. In: RIAL, Carmen, SILVA, Sandra Rubia da; SOUZA, Angela Maria de (Orgs.). *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012, p. 115-130.

BASTHI, Angélica. Breve reflexão sobre Pelé e a experiência negra no futebol brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 115-127.

BETTI, Mauro. *Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.

BONIN, Iara; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. As formas do corpo: marcas da(s) diferença(s) em personagens gordos da literatura infantil. In: *Currículo sem fronteiras*, v. 10, 2010, p. 77-90.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1999.

BRANCO, Celso. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Orgs.). *Memória Social dos Esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006, p. 187-227.

BROMBERGER, Christian. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. In: *Horizontes Antropológicos*. Antropologia e esporte. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 14, n. 30, jul./dez. 2008, p. 237-253.

BROMBERGER, Christian. *Significaciones de la pasión popular por los clubes de fútbol*. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2001.

BUNDIO, Javier Sebastián. Un análisis del contenido y la melodía de los cantos de cancha desde sus orígenes hasta las tendencias actuales. In: LEVORATTI, Alejo; MOREIRA, Verónica (Comp.). *Deporte, cultura y sociedad: estudios socio-antropológicos en Argentina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo, 2016, p. 269-292.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BUTLER, Judith. Sobre o anarquismo: uma entrevista com Judith Butler. In: *Política & Trabalho*, n. 36, abril 2012, p. 19-27.

BUTLER, Judith. *Marcos de guerra: las vidas lloradas*. Barcelona: Paidós, 2010.

BUTLER, Judith. *Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2001, p. 151-72.

CABO, Alvaro do; HELAL, Ronaldo. Copas do Mundo e identidade nacional: um panorama teórico. In: _____. (Orgs.). *Copa do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 13-35.

CAILLOIS, Roger. Definição do jogo In: _____. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Cotovias, 1990, p.23-30.

CAMARGO, Wagner Xavier. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. In: *Movimento*, v. 22, n. 4, out./dez., 2016, p. 1337-1350.

CAMPOS, Flavio de. Arquitetura da exclusão: apontamentos para a inquietação com o conforto. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 349-363.

CANEVACCI, Máximo. Colecionadora de perguntas. In: ZANELLA, Andréa Vieira. *Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013, p. 11-15.

CARVALHAR, Danielle Lameirinhas. Currículo da Educação Infantil: sexualidade e heteronormatividade na produção de identidades. In: PARAÍSO, Marluce Alves (Org.). *Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: Editora CRV, 2010, p. 31-52.

CAZARRÉ, Lourenço. Meia encarnada, dura de sangue. In: OSTERMANN, Ruy Carlos (Org.). *Meia encarnada, dura de sangue*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001, p. 42-51.

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

CONNELL, R. W. Desarrollo, globalización y masculinidades. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (Coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2006, p. 185-210.

CONNELL, R. W. *Masculinidades*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. In: *Educação & Realidade*. Gênero e Educação. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.20, n.2, jul./dez. 1995, p. 185-206.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 21, n. 1. Florianópolis, jan./abr. 2013, p. 241-282.

COSTA, Leda. 1982: lágrimas de uma geração de ouro. In: CABO, Alvaro do; HELAL, Ronaldo. (Orgs.). *Copa do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 165-193.

COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: _____. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 93-117.

COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Apresentação. In: _____. (Orgs.). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 7-8.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária – uma introdução*. São Paulo: Beca Produções, 1999.

CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v. 19, n. 40, 2013, p. 65-88.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 5ª ed., 1997.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1982, p. 19-40.

DAMO, Arlei Sander. Futebol, engajamento e emoção. In: HELAL, Ronaldo. AMARO, Fausto. *Esporte e mídia: novas perspectivas. A influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014a, p.49-94.

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e das alteridades – As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014b, p. 23-55.

DAMO, Arlei Sander. O desejo, o direito e o dever: a trama que trouxe a Copa ao Brasil. In: *Movimento*. Porto Alegre, v. 18, n. 2, abr./jun., 2012, p. 41-81.

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p.39-72.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 13, n. 23, 1999, p. 87-117.

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. *Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico*. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2014.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: suas caras, seus sócios e seus negócios. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v. 19, n. 40, 2013, p. 19-63.

DAOLIO, Jocimar. A superstição no futebol brasileiro. In: _____. (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 3-19.

DELEUZE, Gilles. A vida como obra de arte. In: _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 118-126.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DEVIDE, Fabiano Pires. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador II: formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 39-99.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *O que é, afinal, Estudos Culturais?*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 133-166.

FAUSTO, Boris. 2010. De alma lavada e coração pulsante. In: *Revista de História*. São Paulo: FFLCH/USP n. 163, jul./dez.: 139-148.

FIENGO, Sergio Villena. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In: ALABACES, Pablo. (Comp.). *Futbolologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003, p. 257-271.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 49-71.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em Educação. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, nov. 2001, n. 114, p. 197-223.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: *Educação & Realidade*. Cultura, mídia e educação. FAGED/UFRGS, v.22, n.2, jul./dez. 1997, p. 59-79.

FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013, p. 154-186.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005a.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 30ª Edição, 2005b.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004, p. 243-276.

FOUCAULT, Michel. “Introdução à vida não-fascista”. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia*. New York: Viking Press, 1977, p. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento e formatado por Alfredo Veiga-Neto.

FRAGA, Gerson Wasen. “*A derrota do jeca*” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. 2009. 398f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Futebol, sociedade, cultura: apontamentos a título de conclusão. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 365-383.

FRYDEBERG, Julio D. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011.

GARRIGA ZUCAL, José. *El inadmisible encanto de la violencia: policías y barras en una comparación antropológica*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cazador de Tormentas Libros, 2015.

GARRIGA ZUCAL, José. Entre aguantadores y picantes. Violencia y sectores populares en una hinchada de fútbol argentina. In: BRANZ, Juan; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, Verónica (Comp.). *Deporte y ciencias sociales: claves para pensar las sociedades contemporáneas*. La Plata: EDULP, 2013, p. 169-199.

GARRIGA ZUCAL, José. Soy macho porque me la agüento: etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005a, p. 39-58.

GARRIGA ZUCAL, José. Pibitos chorros, fumacheros y con aguante: el delito, las drogas y la violencia como mecanismos constructores de identidad en una hinchada del fútbol. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005b, p. 59-72.

GASTALDO, Édison. 1998: o colapso da arrogância nacional. In: CABO, Alvaro do; HELAL, Ronaldo. (Orgs.). *Copa do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 225-249.

GASTALDO, Edison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. In: *Mana*, v. 16, 2010 p. 311-325.

GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 19, n. 3. Florianópolis, set./dez. 2011, p. 875-894

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOIDANICH, Maria Elisabeth; RIAL, Carmen. Um lugar chamado supermercado. In: RIAL, Carmen, SILVA, Sandra Rubia da; SOUZA, Angela Maria de (Orgs.). *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012, p. 175-190.

GREGÓRIO, Fabrício; MELO, Beatriz Medeiros de. Preconceito racial no esporte nacional. In: *Esporte e Sociedade*. Ano 10, n. 25, mar. 2015, p. 1-31.

GRIMSON, Alejandro. *Mitomanías argentinas: cómo hablamos de nosotros mismos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Província em chuteiras: o futebol no Rio Grande do Sul (História e identidade)*. Porto Alegre: UFRGS (Projeto de pesquisa), 2009, 26 p.

GUEDES, Simoni Lahud. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. In: *Esporte e Sociedade*. Ano 6, n. 16, nov. 2010/fev. 2011, p. 1-11.

GUEDES, Simoni Lahud. Os “europeus” do futebol brasileiro ou como a “pátria de chuteiras” enfrenta a ameaça do mercado. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p. 73-85.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 3ª ed., 2004, p. 103-133.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In: *Educação & Realidade*. Cultura, mídia e educação. FAGED/UFRGS, v.22, n.2, jul./dez. 1997, p. 15-46.

HAMILTON, David. Sobre as origens dos termos classe e curriculum. In: *Teoria & Educação*. Dossiê História da Educação. Porto Alegre: Pannonica, n. 6, 1992, p. 33-52.

HELAL, Ronaldo. Jogo Bonito versus Fútbol Criollo: imprensa e “olhar” argentino sobre nosso futebol. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p. 165-195.

HERRERA, Ana Amuchástegui. ¿Masculinidad(es)?: los riesgos de una categoría en construcción. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (Coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2006, p. 159-81.

HIJÓS, María Nemesia. *El deporte como mercancía: un estudio sobre la dimensión económica y las múltiples lógicas en el Club Atlético Boca Juniors*. Tesis de Licenciatura en Ciencias Antropológicas. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 2013.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O fim do Estádio-Nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 321-346.

HOLZMEISTER, Antonio. A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros/ Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz. – Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, Museu Nacional, 2005, 123 f.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo, Perspectiva, 1993.

JACKSON, Stevi. The social complexity of heteronormativity: gender, sexuality & heterosexuality. In: *Heteronormativity – a Fruitful Concept?* Centre for Women's Studies, University of York, UK, 2005.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009a, p. 367-444.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009b, p. 13-51.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: *Horizontes Antropológicos. Corpo, doença e saúde*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 4, n. 9, out. 1998, p. 103-117.

KLEIN, Carin; DAMICO, José. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 63-85.

LACLAU, Ernesto. Sujeito da política, política do sujeito. In: *Política hoje*. Recife 1997, n. 7, jan./jun. 1997, p. 9-28.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

LEVORATTI, Alejo. Deporte recreativo o social. La competencia dividiendo al campo desportivo. In: BRANZ, Juan; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, Verónica (Comp.). *Deporte y ciencias sociales: claves para pensar las sociedades contemporáneas*. La Plata: EDULP, 2013, p. 265-292.

LOURO, Guacira Lopes. Discursos de ódio. In: SEFFNER, Fernando; CAETANO, Márcio. (Orgs.). *Discurso, discursos e contra-discursos latino-americanos sobre a*

diversidade sexual e de gênero. Rio Grande: Editora da FURG; Realize Editora, 2016, p. 271-282.

LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo. (Orgs.). *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora 2009a, p. 135-142.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009b, p. 85-93.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... In: *Educação, sociedade & culturas*, n. 25, 2007, p. 235-245.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2004a.

LOURO, Guacira Lopes. Viajantes pós-modernos. In: _____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b, p. 7-25.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidades contemporâneas: políticas de identidade e de pós-identidade. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard G. (Orgs.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004c, p. 203-212.

LOURO, Guacira Lopes. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* como políticas de conhecimento. In: LOPES, Denílson et al. (Orgs.). *Imagem & Diversidade Sexual: estudos da homocultura*. Brasília: Nojosa, 2004d, p. 24-28.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2001, p. 7-34.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004, p. VII-XXIII.

MAKNAMARA, Marlécio. O dispositivo pedagógico da nordestinidade no currículo do forró eletrônico. In: PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: Editora CRV, 2010, p. 95-115.

MALAIA, João M. C. Torcer, torcedores, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 letras, 2012, p. 53-85.

MARQUES, José Carlos. A crônica de esportes no Brasil: algumas reflexões. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 185-205.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. In: Del PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Unesp, 2009, p. 505-533.

MASCARENHAS, Gilmar. *A bola nas redes e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. 2001. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. In: *Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História (UFRGS)*, Porto Alegre, n. 11, junho de 1999, p. 144-161.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: OLIVEIRA, Roberto Carsoso de (Org.). *Marcel Mauss*. São Paulo, Ática, 1979, p. 147-153.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 47-61.

MEYER, Dagmar Estermann. Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 213-233.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 9-27.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Apresentação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 15-22.

MEYER, Dagmar E. Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” as pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Orgs.). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 23-44.

MISKOLCI, Richard. Abjeção e desejo. Afinidades e tensões entre a teoria queer e a obra de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora 2009, p. 325-338.

MOREIRA, Verónica. Gerenciamiento, “democracia” y procesos políticos en Racing Club. In: LEVORATTI, Alejo; MOREIRA, Verónica (Comp.). *Deporte, cultura y sociedad: estudios socio-antropológicos en Argentina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo, 2016, p. 149-171.

MOREIRA, Verónica. Cuerpos en la trama de la política: saberes, habilidades y capitales que consagran a los hinchas. In: BRANZ, Juan; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, Verónica (Comp.). *Deporte y ciencias sociales: claves para pensar las sociedades contemporáneas*. La Plata: EDULP, 2013, p. 201-231.

MOREIRA, Verónica. Trofeos de guerra y hombres de honor. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005a, p. 75-89.

MOREIRA, Verónica. “El Rojo y Newell’s Old Boys, un sólo corazón”. Reciprocidad, amistad y rito de comensalidad entre las hinchadas de fútbol en Argentina. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005b, p. 91-101.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. In: *Política & Sociedade*, nº 3, outubro de 2003, p. 11-26.

MOUFFE, Chantal. Feminismo, ciudadanía y política democrática radical. In: *Ciudadanía y feminismo*. México: Debate Feminista, Año 4, v. 7, 1993, p. 2-12

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 34, n. 1, jan./mar. 2012, p. 165-184.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Futebol: os santos guerreiros contra o dragão da maldade. In: CARRANO, Paulo César Rodrigues (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 65-78.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 23-45.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Apresentação. In: _____ (Org.). *Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: Editora CRV, 2010a, p. 11-14.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e diferença. In: _____ (Org.). *Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: Editora CRV, 2010b, p. 15-29.

PELLER, Mariela. Judith Butler y Ernesto Laclau: debates sobre la subjetividad, el psicoanálisis y la política. In: *Sexualidad, salud y sociedad*. Revista latinoamericana, n. 7, abr. 2011, p. 44-68.

PEREIRA, Camila Augusta; LOVISOLO, Hugo. 1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro. In: CABO, Alvaro do; HELAL, Ronaldo. (Orgs.). *Copa do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 57-84.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Identidade em jogo – Brasileiros e argentinos no campo de futebol (1908-1922). In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 71-113.

PIEDRA, Joaquín. Gays e lésbicas no esporte: o discurso de jovens universitários espanhóis acerca de sua aceitação. In: *Movimento*, v. 21, n. 4, out./dez., 2015, p. 1067-1081.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Sobre bondes de marca: consumo e rituais entre jovens de baixa renda na cidade de Porto Alegre. In: RIAL, Carmen, SILVA, Sandra Rubia da; SOUZA, Angela Maria de (Orgs.). *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012, p. 131-154.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Prefácio a esta edição. In: BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 7-11.

REALE, Getúlio Sangalli. *Construção de mundos: a onto-política de marketing no contexto do futebol de espetáculo brasileiro*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração. Porto Alegre, 2016, 311 f.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. Espetáculo Futebolístico e Violência: Uma complexa relação. In: DAOLIO Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 105-130.

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIAL, Carmen, SILVA, Sandra Rubia da; SOUZA, Angela Maria de. Prefácio – Consumo e cultura material: um campo de estudos em expansão. In: _____ (Orgs.). RIAL, Carmen, SILVA, Sandra Rubia da; SOUZA, Angela Maria de. *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012, p. 9-21.

RIBEIRO, Luiz. *Futebol e globalização*. Junidiaí/SP: Fontoura, 2007.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOARES, Guiomar Freitas; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Ambientalização de professores e professoras homossexuais no espaço escolar. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 183-211.

RIOS, Roger Raupp. Homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 53-83.

RODRÍGUEZ, Juan Carlos Ramírez. ¿Y eso de la masculinidad?: apuntes para una discusión. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (Coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2006, p. 31-56.

ROSSI, Elvio Antônio. *Coligay “uma torcida diferente” – espaço de visibilidade homossexual em Porto Alegre – RS (1977-1980)*, mimeo, 2002, 15 p.

RUDÉ, George. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SAFATLE, Vladimir. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In: BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 173-196.

SALDANHA, Renato Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. Futebol, sexo e rock and roll: o futebol moderno na revista Placar. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 35, n. 2, abr./jun. 2013, p. 281-296.

SALERNO, Daniel. Apología, estigma y represión. Los hinchas televisados del fútbol. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, p. 129-158.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editores, 2012.

SCHERER, Mathias Inacio *A modernização do estádio Beira-Rio no contexto das políticas neoliberais nos anos de 1992-2010*. 2011. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade. Gênero e Educação*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.20, n.2, jul./dez. 1995, p.71-99.

SEFFNER, Fernando. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard G. (Orgs.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004a, p. 85-104.

SEFFNER, Fernando. Representações da Masculinidade Bissexual: um estudo a partir dos informantes da Rede Bis-Brasil. In: CÁCERES, Carlos F. et al. (Ed.). *Ciudadania Sexual en América Latina: abriendo el debate*. Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 2004b, p. 219-238.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. 2003. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SEFFNER, Fernando. Explorando caminhos no ensino de história local e regional. In: RECZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (Orgs.). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 367-382.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, Antonio Luiz da. Ao som dos “palavrões e nomes feios”: a inserção das crianças no universo do futebol amador em Catingueira – PB. In: *Esporte e Sociedade*. Ano 10, n. 25, mar. 2015, p. 1-25.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v. 15, n. 32, 2009, p. 171-188.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2003a.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª reimp., 2003b.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 35, n. 1, jan./mar. 2013, p. 179-194.

SIRANGELO, Pedro Rauber. *Análise da alteração da classe social predominante nos estádios de futebol a partir do jornal Correio do Povo: o Grêmio e a reelitização*. 2009. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila; MONTEIRO, Igor Chagas; SANTOS, Doiara Silva dos. “O choro do capitão”: notas sobre performatividade de gênero e masculinidades no futebol profissional. In: *Movimento*, v. 22, n. 4, out./dez., 2016, p. 1149-1162.

SOERENSEN, Claudiana. A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. In: *Travessias*. Unioeste, Online, v. 11, 2011, p. 318-331.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STOLKE, Verena. La mujer es puro cuento: la cultura del género. In: *Estudios Feministas*. Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto/2004, p. 77-105.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013, p. 424-453.

TEIXEIRA, Rosana de Câmara. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. In: *Esporte e Sociedade*. Ano 8, n. 21, mar. 2013, p. 1-16.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcedores e o mercado de bens futebolísticos. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 307-319.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 letras, 2012, p. 122-158.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: metafísica do homem comum. In: *Revista de História (USP)*, v. 1, 2010, p. 175-190.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Jogo livre: analogias em torno das 17 regras do futebol. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v. 14, n. 30, 2008, p. 191-219.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TONINI, Marcel Diego. “Ahhh, no estrangeiro você é sempre estrangeiro”: reflexões sobre a e/í migração de futebolistas brasileiros e o racismo no futebol europeu a partir de uma entrevista com o ex-atleta Paulo Sérgio. In: *Esporte e Sociedade*. Ano 8, n. 21, mar. 2013, p. 1-28.

ULIANA, Santiago. El hockey femenino y Las Leonas. Identidades cruzadas, entre nación, clase social y género. In: BRANZ, Juan; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, Verónica (Comp.). *Deporte y ciencias sociales: claves para pensar las sociedades contemporáneas*. La Plata: EDULP, 2013, p. 129-168.

VEIGA-NETO, Alfredo. O currículo e seus três adversários: os funcionários da verdade, os técnicos do desejo, o fascismo. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora 2009, p. 13-25.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013, p. 270, 301

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo ou por que censurar seu diário de campo. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v. 15, n. 32, 2009, p. 157-170.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 9, n. 2, 2001, p. 460-482.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Orgs.). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 45-67.

ZANELLA, Andréa Vieira. *Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013.

ZELIZER, Viviana. *La negociación de la intimidad*. Buenos Aires: Fondo de la Cultura Económica, 2009.

APÊNDICE

Quadro de jogos etnografados:

Diário de campo (DC)	Data	Jogo	Campeonato	Torcedores abordados
1	25/07/2015	Grêmio 1 X 1 Sport	Brasileiro	-
2	09/08/2015	Grêmio 5 X 0 Internacional	Brasileiro	-
3	16/08/2015	Grêmio 2 X 1 Joinville	Brasileiro	André, Elano, Marcelo, Marco Antônio, Marcos, Saimon, Tony e Werley
4	22/08/2015	Conversa em bar	-	Rondinelly
5	27/08/2015	Grêmio 3 X 1 Coritiba	Copa do Brasil	-
6	30/08/2015	Grêmio 0 X 0 Coritiba	Brasileiro	Alessandro, Alex e Jean
7	06/09/2015	Grêmio 2 X 1 Goiás	Brasileiro	Cristiano, Eduardo, Hernán e Kléber
8	26/09/2015	Grêmio 3 X 1 Avaí	Brasileiro	-
9	30/09/2015	Grêmio 1 X 1 Fluminense	Copa do Brasil	Arthur, Fábio, Gabriel e Ramiro
10	15/10/2015	Grêmio 1 X 0 Santos	Brasileiro	Cristian e Maximiliano
11	18/10/2015	Grêmio 2 X 3 Chapecoense	Brasileiro	Edinaldo, Jackson, Moisés, Paulo, Rafael, Rhodolfo e Rolando
12	01/11/2015	Grêmio 2 X 0 Flamengo	Brasileiro	Ângelo, Everaldo, Guilherme e Matheus
13	19/11/2015	Grêmio 1 X 0 Fluminense	Brasileiro	Alan, Edimo, Leandro e Pedro
14	23/01/2016	Grêmio 1 X 1 Danúbio	Amistoso	Giuliano e Rodrigo
15	12/02/2016	Grêmio 0 X 2 São José	Gaúcho	Matias e Tiago
16	21/02/2016	Grêmio 1 X 0 Novo Hamburgo	Gaúcho	Douglas, Maicon e Teodoro
17	27/02/2016	Grêmio 4 X 2 Glória	Gaúcho	-
18	02/03/2016	Grêmio 4 X 0 LDU	Libertadores	Braian e Victor
19	06/03/2016	Grêmio 0 X 0 Internacional	Gaúcho/ Primeira Liga	Bruno, Deivson, Frederico e Henrique

20	09/03/2016	Grêmio 1 X 1 San Lorenzo	Libertadores	-
21	27/03/2016	Grêmio 3 X 0 Lajeadense	Gaúcho	Edilson e Walter
22	03/04/2016	Grêmio 2 X 2 Juventude	Gaúcho	Ezequiel, Facundo e Misael
23	06/04/2016	Grêmio 4 X 1 Brasil	Gaúcho	Damián, Gastón e Mário
24	19/04/2016	Grêmio 1 X 0 Toluca	Libertadores	Adilson, Luiz, Neuton e Roberson
25	24/04/2016	Grêmio 3 X 1 Juventude	Gaúcho	Aloísio e Jonas
26	22/05/2016	Grêmio 1 X 0 Flamengo	Brasileiro	Maylson e Mithyuê
27	29/05/2016	Grêmio 2 X 0 Coritiba	Brasileiro	Felipe, Ferdinando e Odacir
28	05/06/2016	Grêmio 1 X 0 Ponte Preta	Brasileiro	Maurício, Ozéia e William
29	19/06/2016	Grêmio 2 X 0 Cruzeiro	Brasileiro	Fernando, Germán, Réver e Túlio
30	23/06/2016	Grêmio 1 X 2 Vitória	Brasileiro	Anderson e Leonardo
31	29/06/2016	Grêmio 3 X 2 Santos	Brasileiro	Alexsander e Renato
32	10/07/2016	Grêmio 2 X 1 Figueirense	Brasileiro	Diogo, Humberto, Ruy e Sérgio
33	24/07/2016	Grêmio 1 X 0 São Paulo	Brasileiro	José, Julián, Patrício e Roger
34	04/08/2016	Grêmio 0 X 0 Santa Cruz	Brasileiro	Danilo, Diego, Luciano e Sebastián
35	14/08/2016	Grêmio 3 X 0 Corinthians	Brasileiro	Lucas e Wender